

O GUIA CÍNICO E SELVAGEM DOS JOGOS DA VIDA

Leandro Ortolan

**O GUIA CÍNICO
E SELVAGEM
DOS JOGOS DA VIDA**

**Uma expedição obscena e visceral pelo
esquema conceitual do possível**

**Série Expedições da Filosofia Selvagem
Livro I - A Filosofia da Perspetiva**

Título original:

O Guia Cínico e Selvagem dos Jogos da Vida - Uma Expedição
Obscena e Visceral pelo Esquema Conceitual do Possível

© Leandro Ortolan, 2022

Ortolan, Leandro, 1972-

O Guia Cínico e Selvagem dos Jogos da Vida - Uma Expedição
Obscena e Visceral pelo Esquema Conceitual do Possível –
(Expedições da Filosofia Selvagem, 1)

1.^a Edição, Impresso, Brochura
Q - Filosofia & Religião; QD – Filosofia

ISBN 978-9-8933-3823-0

1^a edição: setembro de 2022

Todos os direitos reservados

Esta obra está protegida pela lei.

Não pode ser reproduzida, na totalidade ou em partes, quaisquer
que sejam os modos que venham a ser utilizados, inclusive por
digitalizações ou fotocópias, sem a prévia autorização do Autor.
Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível dos
procedimentos judiciais cabíveis.

*Informações gerais e contatos comerciais através
da SerDual: www.serdual.org
ou pelo e-mail: leandro@serdual.org*

ÍNDICE

PARTE I – DA MANIFESTAÇÃO ESPIRITUAL **7**

1. INTRODUÇÃO À FILOSOFIA SELVAGEM	11
2. A HESITAÇÃO, O ACONTECIMENTO, A APREENSÃO, OS CONTEÚDOS	21
3. OS DESEJOS, A POSITIVIDADE, AS SIGNIFICAÇÕES SIMBÓLICAS	31
4. A DELIBERAÇÃO, A DIALÉTICA, O CONHECIMENTO, A CONSCIÊNCIA	39
5. AS POSSIBILIDADES, AS VULNERABILIDADES, A REALIDADE, OS CÍNICOS	49
6. AS ANESTESIAS, O MODO DE SER, O MODO DE EXISTIR, AS QUESTÕES, O VISCERAL	69
7. AS ESCOLHAS, AS SÍNTESES DELIBERATIVAS, AS RAZÕES PARA AGIR	75
8. A DIFERENÇA, A FALTA, O MOVIMENTO, A POTÊNCIA, O ATO	83
9. AS FANTASIAS, OS RELACIONAMENTOS, AS VIOLAÇÕES, OS ACORDOS	91
10. A TRANSCENDÊNCIA, A IMANÊNCIA, AS OPORTUNIDADES	101
11. A AUTOCONSCIÊNCIA, A RACIONALIDADE, A RESPONSABILIDADE	115
12. A ESTRUTURA, O ESPÍRITO OBSESSOR, O FUNDAMENTALISMO, OS REPRESENTANTES	121
13. O UNIVERSO, O UNIVERSAL, A UNIVERSALIDADE, A REALIDADE E A ATUALIDADE	137
14. A CONEXÃO CONCEITUAL, A IMPOSSIBILIDADE, A AMEAÇA, A PERSPETIVA	149
15. A MANIFESTAÇÃO ESPIRITUAL, A SUBVERSÃO, A PERVERSÃO	167

PARTE II – DA MUNDANEIDADE CONCEITUAL **179**

16. A IDEOLOGIA, O SER RELACIONAL, A FORMA, A ADERÊNCIA	181
17. OS IDEÓLOGOS, OS ANTI-IDEÓLOGOS, A BESTIALIDADE IDEOLÓGICA	201
18. O MARKETING, A INFORMAÇÃO, A DESINFORMAÇÃO	223
19. OS ESCOLHIDOS, OS CAPACITADOS, AS UTOPIAS, AS DISTOPIAS	249
20. O DETOX IDEOLÓGICO, AS REFERÊNCIAS, OS TEMPOS PERCEBIDOS	271
21. AS REGRAS, A ORDEM SIMBÓLICA, OS ESCÂNDALOS, A DUPLICIDADE	279
22. A OCUPAÇÃO, O ESPAÇO PÚBLICO, O TERRITÓRIO, A CIDADE	305
23. A APOROFOBIA, AS FOBIAS SOCIAIS, A HOSTILIDADE, A SOLIDARIEDADE	319

24. A MORTE, O GOZO, O OBSCENO, O CLÍMAX, O ANTICLÍMAX, A CORRUPÇÃO	357
25. OS JOGADORES, OS EXPECTADORES, OS TORCEDORES	375
26. OS JOGOS, OS CONCEITOS LÚDICOS	391
27. A VIDA FORA DOS JOGOS, OS SUICIDAS, OS EXCLUÍDOS	397
28. OS PROCESSOS, OS MÉRITOS, O LIMBO, O HABITAT	409
29. A SÍNTESE EXISTENCIAL, O NEOLIBERALISMO, OS VALORES, A DESCONSTRUÇÃO SACRIFICIAL	415

PARTE III – DA ABISSALIDADE AO SACRIFÍCIO **425**

30. O ESQUEMA CONCEITUAL DO POSSÍVEL, OS SONHOS, OS FLUXOS	427
31. AS DINÂMICAS ESQUEMÁTICAS DA OCUPAÇÃO	439
32. A MORAL, OS CONSTRANGIMENTOS MORAIS, AS DIVINDADES, A REDENÇÃO	459
33. A INSUFICIÊNCIA DIVINA, A TRINDADE, OS ATEUS, AS ENCRUZILHADAS, O TEMPO	481

PARTE IV – DA RESSURREIÇÃO NO PARAÍSO PROMETIDO **495**

34. A ÉTICA, O ABISMO, A SOLUÇÃO, A VELOCIDADE, O PROCESSO ASCENSIONAL, O <i>DESIGN</i>	497
35. A GENEALOGIA MERCADOLÓGICA DA ÉTICA, OS PROJETOS ÉTICOS	523
36. O POLITICAMENTE CORRETO, A PÓS-ÉTICA, O CANCELAMENTO, O OVELHAMENTO	533
37. AS INCONCLUSÕES, OS AGRADECIMENTOS, A BERINGELA, O NEOCINISMO	551

PARTE V – ANEXOS **559**

38. SOBRE O AUTOR	561
39. SOBRE A SÉRIE EXPEDIÇÕES DA FILOSOFIA SELVAGEM	563
40. ÍNDICE REMISSIVO	564

*Para a minha filha Natasha,
minha verdadeira razão para me manter no jogo.*

Parte I – DA MANIFESTAÇÃO ESPIRITUAL

1. No princípio criou o Homem a Filosofia.

Genesis 1: creator creates

1. Introdução à Filosofia Selvagem

A Filosofia Selvagem

Um colega moçambicano da turma do Mestrado em Filosofia perguntou, em certa ocasião, qual seria a data para a “defesa” de um determinado trabalho. Eu, quase instantaneamente, respondi que filosofar nunca poderia ser uma defesa, mas apenas um ataque.

Aquilo que ele perguntou me soou tão estranho, sobre alguém ter de defender algo que foi produto de seu próprio exercício filosófico. Como isto seria possível?

Percebi, ali, que a Filosofia sempre foi, para mim, não uma defesa de ideias ou a desejada prática política da idealizada convivência na vida urbana vivida na pólis grega ateniense, projetada pelos seus elitizados cidadãos, todos ociosos para pensarem sobre o ser, sobre a beleza, sobre a coisa em si ou nas formas de se atingir a verdade através do conhecimento.

Viviam assim, a filosofarem, é verdade, pois havia pessoas em situação de escravidão que os permitiam ser ociosos, sejamos justos. Não pensavam, desde os primórdios filosóficos, na rutura da desigualdade que já reconheciam existir, mas sim persistiram na manutenção, na universalização de seus padrões de vida fora do contexto da realidade que reflete o caos da existência, na qual a beleza perseguida facilmente se destaca. E olha que os gregos foram os melhores! Depois deles, a partir de Plotino, só piorou.

Por isso a Filosofia não deve ser conformativa, mas sim perturbadora, pois sempre há uma contraparte gigantesca que fica de fora de suas considerações, e é preciso resgatar o que esteve a faltar através do pensamento filosófico atual, ainda a refletir predominantemente a genealogia das elites.

A Filosofia possui, para mim, utilidade apenas para atacar, e atacar poderosamente tudo o que havia, e o que há. Mas não é um ataque meramente destrutivo, mas sim também reconstrutivo, de colocar os pingos nos “is”. Pois um sobrevivente, afinal, nunca para de lutar e precisa de armas, ou melhor, de argumentos, para esta luta. As novas armas serão os argumentos reconstruídos a partir daqui, por nós. Se parar de se argumentar, será o fim do jogo. O sobrevivente filosófico que surgirá quer o direito de saber que só parará quando decidir parar, e da forma que quiser parar. Se antes era o ócio que levava à Filosofia, agora será a Filosofia que deverá levar ao direito do ócio, e aos méritos de se chegar até lá enquanto se está a agir no fluxo. Por isso, a Filosofia não pode ser paralisação, mas sim movimento.

A Filosofia nunca deveria ser algo *blasé*, mas sempre visceral, obscena e profundamente inquietante. Nascia, assim, a partir daquele inusitado momento que respondi quase sem pensar à pergunta do colega Ernesto, ao menos para mim, o conceito da Filosofia Selvagem, ou da Filosofia do

Contra, direcionada para aqueles desalocados, como eu próprio sou, que não dispuseram ou dispõem da ociosidade criativa dos senhores para si, desde a época clássica, mas que tiveram de proporcioná-la aos outros sem nunca pararem de se movimentar, pois precisam sobreviver. O mundo ainda é assim, selvagemmente segregador. É uma vergonha que a Filosofia ainda possa ser permissiva e insensível a tal ponto, quase sempre. Mais do que nunca estamos a precisar da boa selvageria filosófica.

Selvagem por estar ainda nas periferias conceituais, fora das convenções sociais estabelecidas, por se forçar a ser uma instância pré-ideologia neoliberal, antes de todos estes absurdos neoliberais, e também por desenvolver uma certa psicopatía filosófica, em que todos os filósofos são bem-vindos, mas nunca idolatrados, privilegiados ou preservados.

Selvagem, pois, na selva, a declaração de ser bem-vindo pode ser tanto para aquele que virá a ocupar uma posição de membro do bando, como para aquele que virá a ser a próxima refeição. Na selva há utilidade para tudo.

E esses são os dois pontos altos da Filosofia Selvagem: sempre em movimento, no primeiro ponto, a buscar analisar o fluxo de acontecimentos e não apenas a imagem paralisada do momento, sempre parcial e desconexa da realidade; e, no segundo ponto, o desapego, em que a imprevisibilidade é parte nuclear desta selvageria, para que o fluxo dos acontecimentos cotidianos possa tanto ser explicado como objeto de análise, para o que seja relevante, ou, se não relevante, tratado com ironia e sarcasmo, com aquilo que seja dado como mais um caso perdido das divagações filosóficas irrelevantes.

Sim, esta Filosofia considera que existam casos realmente perdidos, por sinal uma considerável parte deles, e não acredita em uma utopia universal. Ou melhor, até acredita em utopias, mas só para as classes mais privilegiadas, para apenas uns poucos que já vivem nelas, completamente alienados das vozes que estão a gritar por dentro da maioria agonizante, que sempre aparenta ser calada e submissa, o que é ainda mais triste. Calados, mas mesmo assim todos possuem perguntas não respondidas. Aguardam por elas.

Esta maioria desprivilegiada é o restante da suposta humanidade, a parte mais desconhecida ou desinteressante, para os privilegiados – ou os que se iludem que sejam privilegiados, pois há muitos que pensam ser assim sem nunca terem sido mais do que mais um perdido em suas tolas ilusões. Mas é preciso cuidado para não cair na tentação de romantizar a desgraça da pobreza, na qual me incluo, pois o romantizar é mais uma das formas de anestésias existenciais que existem, como logo veremos, distopicamente.

Pois não haverá aqui a revelação de nem apenas uma utopia, nem de apenas uma distopia, mas inúmeras destas que nem sequer foram percebidas antes, pois até mesmo o conceito de universalidade também será atacado, como quase tudo o mais, ainda que não fará muito sentido por agora, sem se

perceber todo o movimento que este livro tem por pretensão realizar para o leitor atento que realmente quer perceber mais sobre tudo o que está a ser tratado desde sempre, mas da forma equivocada.

Por isso, andaremos inseridos em tudo o que seja possível referenciar o que estamos a abordar, mas de forma mundana e cotidiana, como por dentro das notícias diárias dos sites e portais, dos lançamentos da Netflix, dos muitos filmes e livros, das ações políticas das extremas esquerdas ou direitas, nos memes do Facebook, dos pobres neoliberais, das travestis, das indiscrições do Putin, das discrições dos chineses, das inconsistências norte-americanas, das ideias de Kim Jong-un, da bancada da bala e da bíblia, das novas compras corporativas de Elon Musk e, principalmente, da criatura integrante de um mundo tão politicamente correto que, por vezes, fica tão tóxica e irracional quanto aquilo que está a tentar nobremente combater. Sim, o próprio politicamente correto também não ficará de fora de nossa selvageria crítica, ainda que tenha seu imenso valor, e que não é pequeno.

Depois de declarar que a Filosofia era para ser feita como uma atitude de ataque, busquei minhas reminiscências e percebi que sempre foi isso que fiz, inconscientemente, e pude compreender parte da estranheza dos amigos e professores quando estava a externar minhas exposições filosóficas, que nem sempre foram bem compreendidas pois também sempre buscaram expor o movimento do todo, e não a paralisação pontual de algo. Por muitas e muitas vezes, minhas exposições foram completamente desprezadas por atacarem justamente o *status quo* da própria Filosofia, da ordem estabelecida e, às vezes, do próprio sistema de ensino.

Mas as minhas críticas serão conscientes, lúcidas, com pitadas de deboche e algumas gotas de vulgaridades blasfemas sobre tudo o que há nelas, e é mesmo a melhor forma para se fazer, pois, se na política há os políticos caricatos, na Filosofia, há os filósofos igualmente caricatos, que até pedem para serem assim. Simples assim.

Sócrates, se renascido nos tempos atuais, seria atualmente avaliado pessimamente por muitos dos critérios atualmente vigentes não apenas nas Universidades, e tal como no passado, continuaria sem nada saber, mas agora realmente sem nada saber mesmo, reforçadamente declarado pelas péssimas avaliações que teria ou até mesmo cancelado nas redes sociais, se fosse a algum *podcast* exercitar sua maiêutica¹. Seria academicamente massacrado

¹ A maiêutica de Sócrates é um “parto da verdade”, em que ele começa a demover do interlocutor toda a certeza que este possui sobre as suas “próprias” verdades, suas afirmações. E, assim, ao deixar o interlocutor sem nenhuma certeza sobre nada, Sócrates pode apresentar a sua visão sobre o tema, como o fez na maioria das vezes, a concluir dentro da lógica que esteve a construir, desde o início do processo.

pela sua oralidade ou pelo desprezo às normas estabelecidas, e pela irreverência. Ser genuíno passou a ser péssimo, pois todo o “bom” filósofo deve sempre operar “com o que há”, e isto é replicar o que já existe, trilhar caminhos que já foram estabelecidos. Sair de tais caminhos é algo que pode representar a morte acadêmica daqueles que “ousam” tal afrontamento.

O filósofo contemporâneo acredita que a Filosofia é uma ciência! E quer adotar seus métodos. Não é ciência! A Filosofia é a ameaça à ciência, a predadora, a provocadora, aquela que está a fazer a ciência se mover, por medo de ser a próxima refeição. A função da Filosofia deixou de ser apenas a que responde, e passou a ser a que mais pergunta. A Ciência deve responder, todavia.

Sócrates seria também reprovado por se negar ao uso do *Power Point*, e até mesmo por não gostar de escrever artigos ou ensaios, e muitas outras formas estabelecidas pelo método de relegar as dinâmicas e potentes ideias a rascunhos decompostos da realidade imobilizada. Sócrates, no máximo, seria considerado como mais um “comunista” barbudo e malsucedido na vida. Afinal, quem quer o movimento, o caos, e a desordem? Tudo atualmente deve ser bem previsível e monótono, em tons pastéis e com música *lounge*. Sexo? Só de meias, sem nunca se expor por completo, sem nunca se desnudar.

E isso não recai em crítica negativa às pessoas, propriamente, pois estas fazem o que é preciso fazer pois precisam sobreviver, e aprenderam ser assim, mas sim nas instituições como um todo, que serão atacadas também, a seu devido tempo. Mas as instituições são pessoas, mas há algo mais, pois neste caso o todo parece ser sempre maior do que a soma das suas partes. Além das pessoas, há os espíritos obsessores, que também estão nas instituições, e que veremos quem são eles no decorrer deste livro.

Tive a oportunidade de conviver nos últimos anos com algumas pessoas maravilhosas, dentre tantas outras nem tanto assim, e algumas destas maravilhosas pessoas até mesmo foram mais compreensivas do que eu mesmo teria sido, se tivesse de lidar com alguém como eu, pois foram capazes de formar um ambiente fértil e seguro, em suas aulas, dentro da comunidade acadêmica da Universidade do Porto, minha “casa”.

Pois foi assim que conheci a Filosofia, e pude perceber mais sobre tudo, a partir de mim mesmo, pois retornei à Universidade a partir de uma decisão “altruísta”, tomada lá pelos meus quarenta e seis anos de idade, em um momento da minha vida em que havia me transformado em niilista, sem nunca ter sabido o que significava isto.

E isso se deu para motivar minha filha, que estava a enfrentar resistências xenófobas em sua nova escola, ao chegarmos à Portugal, e decidi, com objetivo de ser um bom exemplo, ainda que de forma suspeita e questionável, ingressar novamente em um curso superior, e mostrar que se um “véio” conseguisse, ela também conseguiria. Não posso dizer que sou um bom

exemplo para nada, mas dessa vez deu certo, pois naqueles tempos minhas próprias motivações eram praticamente nenhuma, e talvez ainda sejam assim.

Eram tempos de um completo vazio interior, para mim, desolado por ter deixado a Tailândia, sem entender muito bem como vim parar por cá em Portugal, arrasado pelos passos que o Brasil estava a dar na política, revoltado com a polarização eleitoral que emergiu e me fez acabar com diversas amizades virtuais nas redes sociais, o que me deixou muito mais triste, mas que foi preciso para que não afundasse ainda mais – precisei passar por isso e senti ainda mais a solidão em meio à multidão. Enfim, mesmo à distância estava a viver intensamente todo o processo que veio a ser confirmado como um retrocesso político, econômico e social do Brasil contemporâneo. E estava triste como nunca, e, mais do que tudo, chateado por minha filha estar a passar por isto tudo em um ambiente que deveria ser mais amistoso. Tivemos dias muito felizes na Tailândia. Surpreendi-me aqui com a resistência a nós brasileiros, enquanto imigrantes, naquele momento, e assim fiquei até que pudesse perceber o que realmente ocorre por aqui.

Ao ler uma notícia, daquelas de ultimato, sobre o sistema de acesso às universidades, para maiores de 23 anos, sem nenhuma complicação para além do que apenas algumas provas de conhecimento escolar, decidi me candidatar para retornar aos estudos acadêmicos, a acreditar que tudo se resolveria com isso, ou não. Precisaria escolher qual curso faria, e tinha apenas algumas poucas horas, literalmente, antes do término das inscrições.

Mas, o niilismo me dizia “tanto faz” para o curso que eu fosse escolher e, por isso, se o motivo era apenas motivar minha filha, decidi por um curso que não me daria nenhuma expectativa de vida, nem para mim, nem para ninguém. E logo surgiu a Filosofia como a melhor de todas as opções, justamente pela falta de opção que ela possibilita. Aliás, se eu quisesse ter soluções para tudo, partiria para o estudo do *coaching* quântico, sem dúvida alguma a grande promessa contemporânea de salvação da humanidade.

Na Filosofia, não há *rankings*, em si, pois os problemas nunca se resolveram, realmente, desde que começaram a serem discutidos, já a avançarem invictos no terceiro milênio de tentativas de todos os filósofos que foram vencidos pelos imortais problemas, um a um. Era tudo o que eu precisava naquele momento, de algo que nunca daria em nada.

E, assim, sem nunca ter lido um livro de Filosofia na vida, mas inúmeros de autoajuda, que considerava ser a mesma coisa, pois sempre estão na mesma parte das livrarias, ingressei na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Consegui a vaga e anunciei aos poucos amigos e familiares. As reações foram as mais diversas possíveis, mas sempre estranhas. “Filosofia?” Perguntavam assim. Ao dizer, feliz, para minha mãe que voltaria a estudar, ela prontamente ficou muito feliz também e me perguntou que curso eu faria. Eu disse a ela, e daí, depois de um breve silêncio, já triste e pesarosa me disse,

com a voz embargada pelo lamento «*meu filho, não faça isso, não vá andar com esses maconheiros*» e isso refletia o que eu também tinha aprendido sobre Filosofia, na infância e adolescência. Que sina tem a Filosofia!

Mas, e a minha filha? Vai muito bem! Atualmente está a terminar sua licenciatura, a complementar créditos para uma segunda habilitação, e já a planejar o mestrado, ou um novo intercâmbio na Ásia, ou aprendizado de novos idiomas ou diversos planos que uma jovem com toda a vida pela frente é capaz de fazer, ainda que possa mudar isso tudo, de uma hora para outra, e fazer tudo diferente. Faz parte de seu legado selvagem, herdado biologicamente e agora filosoficamente, em nossas discussões temáticas à mesa onde muitas refeições e carteados são feitos. É uma mulher que assumiu o controle de sua vida e, acredito, já preparada para o mundo. Minha missão, afinal, está cumprida com ela e tenho orgulho do resultado que ela obteve, até agora, e sei que terá muito mais sucesso pela frente. Ela venceu, e ainda está a vencer, e a seu próprio modo.

O problema não estava nela, nem naqueles que a hostilizavam. Nem está nos jovens todos, nem nos adultos, nem em ninguém em especial, pois está mesmo no mundo que não está preparado para nenhum deles, nenhum de nós, afinal. Pois o mundo também tem lá seu espírito obsessivo, que a esmagadora maioria ignora. O problema reside aí, neste espírito, que logo saberemos o que é. É preciso tirar a culpa da individualidade e jogar fora o que nos leva todos abaixo, ainda que alguns neguem e consigam disfarçar muito bem que são “felizes”, que estão bem – não estão, nem poderiam – e a culpa não é deles, repito. Por isso, a minha atenção agora está voltada para esta realidade inóspita e selvagem, pelo teatro e pela descoberta das regras ocultas do jogo da vida, enquanto por aqui ainda estiver ainda a jogar, no tempo que me couber, e que me restar.

A Filosofia, afinal, foi uma das maiores porradas que levei da vida. Não aquela porrada leve, morna, pudica ou certinha, como se fosse uma palmadinha de “amor” convencional dada nos momentos mais tórridos, não foi assim, nem deveria ser. Mas sim foi aquela bofetada forte, sonora, capaz de tirar instantaneamente a alma do corpo, despuddorada, lasciva e profundamente visceral, na cara, e por todo o corpo, a deixar hematomas respeitáveis a qualquer sessão de tortura sadomasoquista dentro de uma prática de sexo ultra selvagem. Foi assim, sintetizada como se escreve nos mais lascivos contos eróticos: um misto de dor e prazer.

E, não, durante o curso não teve maconha, nem nunca a vi no campus, nem mesmo senti o odor característico dela por lá, em resposta às recomendações da minha mãe. Mas, em contrapartida, havia muitas outras drogas, pesadíssimas, oferecidas sem pudor nas aulas, tais como a premissa

das predicções universais, a presunção de deus², o estoicismo e a maior parcela dos medievais.

O que busquei, academicamente, foi estar nas mais loucas situações de me chocar contra mundos em movimento, sempre a desejar sair da paralisia dos textos filosóficos, como se eu fosse um asteroide a vagar pela imensidão escura do Cosmos, em busca da coisa em si *ortolaniana*. Bati, em muitos planetas, mas sempre saia deles, a mudar o rumo, com algumas sequelas e a deixar alguns pedaços meus para trás, mas ainda a seguir adiante.

O sair, depois de um choque, e o continuar, significam que ainda estou a buscar um planeta que me absorva adequadamente, que me deixe desintegrado por completo. Pois, o pior de tudo é atacar tudo e nada surtir de resultado para além do silêncio. E logo se passa a lutar contra si mesmo sem perceber que o inimigo verdadeiro é mesmo você, e sempre foi, em uma luta que por vezes há a necessidade de ser uma outra personagem diferenciada, em um mundo em que parece que ninguém compreende você, nem mesmo percebe-se a si mesmo, pois não há uma compreensão mínima do que se é, ou de onde se está, nem para onde está a ir.

As pessoas, em geral, parecem ausentes de si mesmas, e tudo o que você emite não ecoa em mais ninguém, não encontra anteparos que estejam a acolher o que você possui – o vazio é real. Falta acolhimento em um mundo que sobram regras e normas. Um abraço afetuoso vale sempre mais do que um sermão. Mas, quem entende isto? O vazio ainda está em mim, mas não apenas em mim. Talvez, finalmente, a Filosofia possa ter uma utilidade intelectual mais pragmática sobre nós e o mundo, é o que penso.

Este livro, talvez o primeiro de alguns outros, ou talvez o único, ou talvez nem mesmo um livro filosófico possa vir a ser considerado, pois é uma tentativa de abordar tudo o que se conectou na minha mente, desde sempre, ainda mais nestes últimos anos, e buscar uma concatenação catártica de conceitos, dentre tudo o que há de mais relevante, para se perceber melhor como se pode atacar, selvagememente, o que existe de mais estranho em nossos tempos atuais.

Este livro é uma emissão minha, sem pretensões ou esperanças de encontrar anteparos, mas feliz se existir algum que retribua o que emiti, que

² Sempre usaremos minúsculas para designar deus, propositalmente. E isto não se dá com o objetivo de agredir a fé de ninguém, ou desrespeitar qualquer crença pessoal, mas apenas para não evocarmos nenhum conceito de um deus específico, mas sim um genérico, funcional e que se correlacionará com o nosso esquema conceitual do possível. Por isso, mesmo que existam referências mais específicas com algumas das religiões mais conhecidas e adotadas, o mesmo valerá para as demais religiões, na maioria das vezes. Buscamos mesmo a fundamentação funcional de deus e, por consequência, das religiões.

se disponha a voltar ao passado em que ainda existia o diálogo. E isto é valioso demais, quando todos param, hesitam e percebem o precioso momento em que a vida está a ocorrer. Pois será por esta mesma estranheza, que surge em todos em alguns momentos da vida, que iniciaremos nossa jornada aqui, já na selva, a filosofar sobre tudo o que aparecer, sem nenhuma restrição ou zelo, e sem quase nenhum pudor.

Por isso, precisaremos conceituar tudo, mas de forma integrada, percebida claramente, com exemplos cotidianos e fatos recentes. O mundo, afinal, na impossibilidade de ter algo universal que defina e explique tudo com regras triviais, precisa ser compreendido a partir das estruturas em que estamos inseridos, sem esquecer a amplitude que conhecemos, nem a unidade mínima que somos, como indivíduo. Neste intervalo, os jogos da vida se dão. E precisamos perceber como jogá-los, pois, até agora não nos foram ditas todas as regras deles. Estamos a jogar na escuridão, e a perder, individualmente, ainda que a coletividade esteja supostamente a “evoluir”.

Iremos progredir para várias dimensões de utopias e outras tantas de distopias. Precisamos perceber que já não há mais lugares para todos nesta escassez neoliberal que estamos a conhecer mais intimamente. Que a forma que vemos o mundo não nos leva ao grande sonho, mesmo que este ainda esteja a ser constantemente propagado pelos praticantes da positividade extrema, dos média e de tudo o mais que deixa a todos muito anestesiados, quase catatônicos. Mas a verdade é que estamos mesmo rumo a um pesadelo *nonsense*. E será preciso lidar com isto o mais breve possível, antes de a conta chegar. Não há mais arremedos, é preciso uma rutura completa com muitas das formas arcaicas de pensamentos.

E como sobreviver nestes tempos sombrios? Quais as soluções para uma vida menos superficial? Há formas de se viver melhor? Talvez, e por isso veremos como lidar com este cenário aterrador com o que definiremos como o Neocinismo. Chegaremos lá, aos poucos. Pois o Neocinismo não é o estágio dos atacantes, mas sim daqueles que sabem que lutar contra algo tão incomensurável é quase uma luta perdida. Mas, ainda assim, pode ser bem divertido³, enquanto o jogo estiver a rolar. É o despertar da libido filosófica, adormecida desde a extinção dos neoplatônicos pelo Cristianismo.

³ “Divertido”, para nós, sempre será no sentido de menos angustiante. Não estamos a lidar com situações fáceis, nem superficiais, e por isso há que se ter em conta que a diversão é essencial para que possamos suportar o que há de muito podre em nossas estruturas existenciais. Há quem queira florescer o que existe no mundo, há quem queira ver apenas o que seja o belo e perfeito, mas tal posição não será adotada aqui, mas sim a visceralidade existencial, razão pela qual sempre buscaremos nos descontraír, para que a leitura seja mesmo suportável e, por que não, agradável.

Se a própria vida é uma luta perdida, um jogo que o final é um só para todos, então que seja mesmo divertida, proveitosa e, claro, com muita Filosofia Selvagem, que dizem as estatísticas, sempre acaba por levar seus praticantes às melhores experiências, não apenas filosóficas, se é que me faço entender, depois que se passa sempre a tirar as meias, a se desnudar por completo. Quando a Filosofia faz os olhos revirarem, afinal, poderá ser ela própria uma coisa mais do que boa.

Se não por um certo motivo que lhe faça ter interesse, talvez por outro, mas sempre há uma boa razão para seguir adiante, a filosofar. E isto já é o nosso Cinismo a ser construído, a nos colocar em um ponto em que abrir os olhos é sempre melhor do que mantê-los fechados, principalmente se há predadores a lhe desejar, já com fome. Há predadores e predadores, há leões e há gatinhos, afinal, em todos os lugares e tempos. Resta-nos saber qual é um e qual é outro, nem sempre tão óbvios assim na selva.

E, por isso, dou-lhe as boas-vindas e realmente desejo bons momentos de leitura, de reflexão e muita selvageria, em todas as dimensões.

Esse livro não levará você muito a sério. Portanto, faça o mesmo, e não leia com a seriedade que esperamos não retribuir. Divirta-se muito, se puder, pois a diversão para escrever foi imensa – e uma catarse libertadora, a revirar-me os olhos, em muitas das passagens.

Espero logo nos encontrarmos, na próxima seção, já na selva e em intenso movimento que faremos neste aprendizado comum.

Vamos a isto!

Leandro Ortolan

Porto, Portugal, verão de 2021, o início do caminho rumo ao suplício.

2. A hesitação, o acontecimento, a apreensão, os conteúdos

Partiremos daquele momento mais do que especial em nossas vidas.

São os momentos em que todos os esforços que fizemos se materializam como uma grande vitória na vida.

Momentos assim sempre se dão quando finalmente obtemos o que tanto fizemos para merecer, depois de termos concentrado a maior parte de nossas forças nos planos feitos, na dedicação quase integral aos objetivos, ao abrirmos mão de muitas outras coisas e, ao final, ao sabermos que conseguimos o que desejávamos.

E é assim que obtemos nossas grandes vitórias com uma imensa alegria, euforia, êxtase e todas as boas sensações amplamente sentidas no corpo e na alma. Tudo parece ter valido a pena, pois imediatamente passamos a uma outra dimensão no topo do mundo, inatingível, onde tudo na vida passa a fazer algum sentido.

É sempre uma sensação inesquecível quando nos parece que o tempo deixa de correr, quando passado e presente são vividos simultaneamente, ainda que por instantes, nas frações dos segundos que dura a experiência da ausência dos tempos.

Quando mentalmente revivemos tudo o que fizemos para chegar até aquela vitória, enquanto nos regozijamos com o momento da conquista, do acontecimento, e temos a certeza de que até faríamos tudo novamente.

Nós apreendemos assim todas as nossas vitórias, elas passam a nossas, totalmente nossas, apenas nossas, de forma que ninguém poderá tirá-la de nós, pois, a vitória é um acontecimento e as guardamos bem no fundo do nosso ser. É o nosso troféu exclusivo, o que consideramos o melhor que temos.

Coisas podem ocorrer individualmente – apenas nossas, quando nos são mais facilmente perceptíveis, pois realmente sentimos que nossas conquistas pessoais dependeram mais de nós do que dos outros. Mas também podemos vencer juntamente com os esforços de outros, em diversas situações: quando nossas famílias conseguem a casa própria, ou o nosso time de futebol é campeão de algum torneio de ponta, ou o nosso candidato vence uma disputada eleição, por exemplo. Há inúmeros outros casos, e que sempre são apreendidos da mesma forma, como se fossem os nossos próprios troféus pessoais que se acumulam garbosamente em nós, todos apreendidos, pois estamos dentro da vitória e sabemos que tivemos alguma ação para que ela ocorresse.

Momentos destes, quando aproveitados intensamente, representam simbolicamente uma transição realizada, uma espécie de sensação de se ter

atingido a eternidade, dado que o tempo parece ter deixado de correr nas frações de segundos que concentram todo o êxtase, ao unir passado e presente e ao projetar um futuro de excelência rumo ao topo. A sensação de leveza no corpo não deixa isto ser negado.

E a sensação da eternidade que é vivida é libertadora, ainda mais para nós que vivemos sob a pressão da finitude do tempo que possuímos, dos prazos impostos no fluir do devir de acontecimentos que nunca são favoráveis. Isto faz com que toda a experiência da vitória se compare como uma pequena morte instantânea que vivemos, uma pequena morte testemunhada, sentida conscientemente, na qual parece que se deixamos de ser quem fomos, e o que foi se dissolve nesta breve eternidade que faz ressurgir uma nova versão melhorada de nós mesmo, com a sensação de sermos menos vulneráveis do que antes, ou de termos mais tempo do que antes.

Acontece como se os nossos passados fossem todos atualizados e passassem a estar muito mais próximo de nós, e isto nos renova os ânimos. Há uma satisfação consciente e poderosa pelo que se está a viver, o que é incontestável.

E é assim que todos estes acontecimentos ocorrem, exatamente desta maneira, mesmo que nunca continuem a existir nos instantes que se seguirão, mas a apreensão da vitória passa a fazer parte de nós, para sempre. Instantes que atingimos uma dimensão de eternidade, do gostinho da ultrapassagem da nossa própria finitude para se atingir novas possibilidades – somos imortais, por breves segundos.

Viver esta poderosa experiência nos faz questionar sobre a possibilidade de a própria vida ser direcionada apenas para atos como estes, como se fosse isto o próprio sentido da vida. E se fosse mesmo isso que nos fizesse mover para criar tudo o que criamos?

Estes efeitos triunfantes funcionam como uma poderosa droga em que muitos de nós se viciam nela, a sempre desejar mais e mais, como a prática da positividade, o consumo desregulado da autoajuda, a adesão incondicional às religiões, aceitar os deuses do empreendedorismo de palco, servir ao coaching quântico como discípulo e todas as outras afirmações contemporâneas de empoderamento que nos prometem levar ao topo dos topos, sem muitos esforços. Pois estas “soluções” nos garantem aceder “À Solução” para a nossa busca humana pelo prazer eterno. É isto é sempre mais forte do que nós, pois é algo tão poderoso que não pode ser desprezado, e que é defendido por muitos de nós, talvez pela maioria dos desejosos humanos que somos e que buscamos um sentido de vida nas nossas próprias movimentações, nas nossas próprias experiências ascensionais – cada degrau galgado é uma grande vitória e nos viciamos nelas, e passamos a consumir tudo o que nos promete levar a elas.

Mas, ainda assim, há algo muito obscuro que sempre desprezamos. Há algo muito sinistro nisto tudo e tremendamente misterioso.

Para percebermos o que há de sinistro nisso, será preciso mergulharmos nos intervalos, ou *gaps*, que existem nestes momentos de êxtases. Não são lineares, densos, e possuem brechas, ou fissuras, que causam estranhezas. Para se perceber melhor isto será necessário mergulhar profundamente no próprio tempo. E faremos isto, pois já estamos na selva, onde ficar parado quase nunca é uma opção muito viável.

O que é incontestável é que há o acontecimento do êxtase. Isto já percebemos bem, até aqui. A anomalia emerge quando estes momentos de vitória são percebidos conforme realmente são, disformes, e quando isto se dá surge simultaneamente um certo estranhamento. Pois, para quem já desejou algo tão profundamente, mas tão intensamente, e pelo qual se esforçou muito, mas muito mesmo para conseguir a respetiva vitória e que, no momento de se comemorar a conquista almejada, de ter o prêmio como seu, que é chegado finalmente a ocasião de apreender o momento triunfante, e se elevar à categoria dos vencedores, ocorre algo diferente e estranho – isto é uma distorção de algo que se corrompeu.

O que nos ocorre então, como anomalia? Ao invés de se termos a sensação de se viver a breve eternidade nas frações de segundos, passamos a se ter algo oposto, que é sentir uma redução da própria existência, como se estivéssemos a adentrar compulsoriamente em uma prisão, numa cela diminuta e claustrofóbica. Saímos da leveza da liberdade eterna e percebemos logo o tempo como um insensível carcereiro existencial. Nosso espaço e tempo se fecham em nós, simultaneamente.

Pois este estranhamento acaba com a certeza sobre o sentido da própria vida. Nos faz perceber uma grande dúvida sobre a realidade vivida no instante da apreensão da vitória, quando nossa consciência busca apurar se aquilo que se está a viver é mesmo real, quando percebemos algo como um grande vazio interior, uma sensação de frio na barriga, que nos dificulta apreender o que se está realmente a nos acontecer naquele momento. Somos tomados por um vácuo na alma.

E o pior? O pior é percebermos que há algo a tentar nos dizer algo. Não se parece com gente, nem fantasma, nem nada, mas há uma impressão de que alguma coisa nos quer dar uma informação, uma preciosa informação. Não conseguimos perceber nada, não conseguimos saber o que se passa, e a angústia fica insuportável.

Mas tudo isto pode ser quase um acontecimento instantâneo, quase impercetível, e geralmente logo se sairá deste estranhamento e estará a prosseguir adiante, a viver o momento do merecido regozijo, tão sonhado e demandado pelos inúmeros esforços realizados. Mas nem sempre será assim, pois em algumas outras vezes isto não ocorrerá como esperado, e poderá ficar

paralisado dentro do estranhamento, dentro da sensação da eterna prisão, como se o tempo viesse a lembrar do desperdício dele próprio. Alguns chamam a isso de crise de pânico, ou algo similar, em sensações que parecem ser irracionais, como se a racionalidade fosse algo normal e constante no pretensioso humano.

E, assim, chegamos ao ponto exato que desejamos: o constante estranhamento do nosso racional humano, pois sempre somos pretensiosos acerca de nós próprios, e que por vezes decidimos não prosseguir adiante quando este estranhamento vira uma bela de uma hesitação, quando este prosseguir adiante se transforma em um sentimento muito forte de uma ameaça desconhecida.

A hesitação é um estado de inferno pessoal, de insatisfação e perplexidade, tudo junto e misturado. É essa hesitação que iremos dissecar, conceitualmente, a partir daqui, visto que não é assim tão raro ela aparecer, antes de se aceitar (ou não) a nova condição dada pela vitória conquistada, pois seguir adiante significa também aceder a um novo lugar na estrutura da vida, um lugar mais elevado, mais pretensiosamente ao topo.

Algumas das aparições destes estranhamentos se dão mesmo antes de quaisquer sinais de alegria pela vitória obtida. Não ocorre apenas no momento da vitória, embora aí seja mais fácil percebê-lo, pelo contraste emocional que passa a existir. Mas, em outros casos, dá-se a vitória e nenhuma manifestação de euforia acontece, apenas o estranhamento. Em outras vezes, “inconscientemente” faz-se de tudo para que a vitória seja evitada, quando da certeza de que ela está prestes a ocorrer, ou que resulta numa fuga alucinada, como se vencer fosse o oposto de ser desejável, quando passa a consistir em uma iminente ameaça de vida.

Pessoas felizes, empreendedoras, perfeitas e positivas, ensinadas pelos *coaches* quânticos, chamam isso de autossabotagem, por exemplo, ou de procrastinação, mas quem está a viver este drama percebe isso como autopreservação. É como se o pânico se instalasse, mas sem nenhuma razão ou justificativa aparentes. Situações como quando noivas passam a correr do altar, depois de tanto desejarem aquele momento tão sonhado, como acontece em alguns filmes de Hollywood, mas sem o final feliz que os filmes sempre possuem. Quantas vidas de suposto “sucesso” não se desfizeram depois destas hesitações?

E todas estas reações, inesperadas e inconsistentes com as vitórias obtidas, sempre começam com este imediato, pequeno e inusitado estranhamento. Aquela voz interior que sempre parece querer dizer, se tivéssemos como escutá-la, nos movimentos da vida: «*cuidado com o que você deseja*», finalmente pode nos ter feito algum sentido e agora poderemos perceber o que isto significa.

Estes processos são sempre muito parecidos. São raras as vitórias e conquistas que não são sonhadas, planejadas e desejadas para que ocorram, com muitos investimentos de recursos, esforços e renúncias. Vitórias nunca acontecem por acaso – quase nada é por acaso, pois são frutos de uma atividade em que se deseja atingir um objetivo, um fim, em que se precisa trabalhar muito. A vitória é sempre um resultado de uma escolha feita, de diversas escolhas bem-sucedidas, e pela qual se trabalhou muito. E será um estranhamento o que decorrerá disso tudo, todavia, e é excessivamente estranho.

Por que a alma, a consciência, a mente, ou o íntimo do ser, o cérebro, ou mesmo um mero processo cognitivo ou comportamental, seja lá qual for a conceituação adotada como causa da individualidade, se coloca resistente a algo que deveria ser considerado incondicionalmente como “bom” e desejado?

Deveria ser um momento de pura euforia, de uma fantástica experiência e com os melhores sentimentos de autorrealização a aflorarem, mas nada disso ocorre assim. É como se fosse tomado um inesperado banho, matutino, com água geladíssima no inverno siberiano, muito antes de os *coaches* fazerem disto um conceito ritualístico da moda da autoafirmação, ao atingirem, como sempre o fazem, o máximo da superioridade “*mindsetiana*” e humana. Pois só nestas condições sobre-humanas um banho no gelo é possível de ser desejado, a partir dos que possuem a capacidade de desafiar a hipotermia com um sorriso no rosto, nas primeiras horas da manhã, quase na madrugada, com plenas convicções do que o que estão a fazer dará acesso a todos os outros segredos do Universo que almejam obter, mais do que já possuem.

Mas se você reparar os detalhes dos vídeos em que os banhos destes sobre-humanos ocorrem, também nestes, eles próprios possuem breves momentos de hesitação, antes ou depois dos banhos torturantes, e percebe-se justamente pelos olhares, pelas formas expressas que fogem ao controle sobre a positividade que tanto se esforçam a fazer. A hesitação também ocorre ali, a olhos vistos. Nem mesmo os sobre-humanos mais poderosos e perfeitos escapam destes estranhamentos, afinal. Então imagina todos nós, a maioria, os comuns dentre todos os outros desprovidos de superpoderes e de segredos universais da prosperidade.

Haveria, por isso, nestes momentos de vitória ou nos banhos gelados dos *coaches*, algum tipo de prazer inconsciente, visto que o desprazer consciente é evidente pelas expressões faciais contraditórias que poucos conseguem disfarçar?

Há alguma região, do íntimo do ser, que poderia aproveitar deste impensável momento em que se pode também haver uma simbólica morte

instantânea, tanto nas vitórias ou tanto como ao ter a pele em mórbido contato com a congelante água?

Nos casos dos *coaches*, há que se ponderar sobre muitas coisas que poderiam levar ao estranhamento, mais em termos sensoriais, que talvez ocorra de forma semelhante quando o masoquista praticante busca na dor a sua dimensão de prazer.

O masoquista, ao se submeter a processos que o levarão à dor, seja física, mental, emocional ou quaisquer formas praticadas, vive o instante da pequena morte, do gozo, mas depois de perceber que, antes disso, está vivo, sente-se plenamente vivo e conectado ao corpo, ao mundo e a tudo. A dor é um meio, não um fim. Há um ganho real para o masoquista, que deseja ultrapassar a pequena morte e o seu pequeno eu. Mas, ainda assim, ele o faz conscientemente no espaço privado, em uma experiência intimista consigo mesmo e com quem deseja, licitamente, e sem tentar vender nada a ninguém. Enquanto isso, o banho do *coach* ocorre no espaço público das redes sociais. É uma declaração que é feita por estes grandes vendedores, e é sem dúvida uma afirmação que precisaremos conceituar logo adiante. Pois, afirmações nunca ocorrem de forma aleatória e despreziosa, e nunca são inocentes.

Talvez não seja nada disso. Talvez seja algo bem mais simples, apenas a nível metafísico, sobre o que esteja em causa, se pensarmos que o prazer apenas existe face ao desprazer. O desprazer constante na vida, a angústia do viver, teria como funcionalidade propiciar a intensidade do prazer. Pode até ser coerente. Se o preexistente é o que dá valor ao existente, então o desprazer preexistente dará o valor ao prazer que passa a existir. Mas, o tal do estranhamento não vem antes, mas sim depois de a vitória estar assegurada. Seria, então, como afirmar que a vitória, enquanto preexistente, dá valor ao estranhamento, ao que está por vir, e assim o estranhamento seria o objetivo maior de tudo, e isto parece muito incoerente. Ninguém planeja ou chega a um estranhamento propositalmente. Ele é ocasional, imprevisível, mas também constante e previsível. Por isso é tão estranho e incômodo. Mas não parece viável uma análise a partir da angústia existencial, ao menos até aqui.

E esta hesitação pode acontecer com muitas coisas na vida tidas como vitórias, e em diversos momentos, por exemplo, ao se assumir um novo e desejado emprego, ao conseguir aprovar um arrojado projeto profissional, ao oficializar um novo relacionamento, ao conquistar uma vaga em um novo curso, ao se dirigir à cerimônia de seu próprio casamento, ao ter anunciada uma promoção para um novo cargo, a obter a aprovação de um crédito de valor elevado e de longo prazo, ao descobrir que terá um filho ou neto, e muitas outros acontecimentos que sempre deveriam representar que finalmente se está a “receber” mais da vida.

Mas o que ocorre é que parece que se está em um novo ponto de não-retorno, pois a partir dali haverá menos opções para se relaxar, ou mesmo

para desistir, e nem sequer se poderá conseguir parar de jogar este estranho jogo que parece levar ao oposto do desejo de vencer.

Em outras palavras, a partir deste ponto de não-retorno é como se estivéssemos a adentrar, conscientemente, em uma arapuca não esperada, como se fosse uma armadilha que emergiu do efeito colateral da vitória, na qual parece ter sido concedida para retirarmos algumas possibilidades para se ascender ainda mais, hierarquicamente, na estrutura.

E por que este estranhamento é tão estranho? Pois sentimos como se estivéssemos a tomar consciência do que estava mascarado. Eis a verdadeira sensação que se origina desta hesitação, e assim tudo perde intensidade, brilho e cor. Mas, e depois disso, o que virá? O que será? A nossa mente nunca para de retornar às zonas dos impulsos desejantes e passa a questionar a si sobre seus próprios desejos, afinal. Revisamos o que nos é mais importante. Talvez seja por isso que surge, logo após o estranhamento pela vitória, a tal da famosa angústia, que não é causa, mas efeito. São os nossos juízos que estão a operar sobre os conteúdos da mente – estão a atribuir valores como bem ou mal, por exemplo, ao que temos em nós. E, por isso, os conteúdos passam a ser todos relevantes, pois todos ficam sob o escrutínio dos nossos próprios juízos.

Alguns de nós, mais raramente, não sentem nada disso e passam a comemorar imediatamente, mas podem sentir esta angústia depois de algum tempo, ou quando já estão em suas novas posições vitoriosas, por exemplo, mais ao topo. Ou ainda, mesmo que estejam no topo de suas carreiras ou objetivos de longo prazo, como em famílias ou em empresas construídas por longos sacrifícios, e percebem, depois de anos, décadas, um vazio inexplicado dentro de si e de tudo o que acreditam possuir e fazer.

Nada mais faz o mesmo sentido, se é que alguma vez tenha feito. Assim, assumem que nunca fizeram o que realmente queriam, mas sim o que esperavam de si, e se percebem como diferentes do que são, do que sempre foram. Mas parece que o tempo não correu, parece que o estranhamento está a ocorrer como se tudo estivesse a acontecer no momento. Coisas de dez, vinte anos atrás, parecem que estão a ocorrer naquele exato momento. O estranhamento tardio não perde sua característica de implodir a percepção do tempo, e o passado se junta ao presente.

Alguns chamam de crise existencial, como se fosse um evento único e isolado a ocorrer uma, ou algumas poucas vezes, ao longo da vida. Ocorrem, provavelmente, diariamente e tanto mais quando a consciência é mais dotada de qualificações intelectuais preditivas mais desenvolvidas. Pois mentes assim passam a fazer mais uso de seus juízos críticos sobre a realidade que se apresenta a ela, por assim dizer. A questão é saber quando se está a ignorar os estranhamentos.

Mas como poderia ser que as ações de um sujeito tivessem origem em algo externo a ele? Como pode que coisas, para além de suas próprias crenças, desejos e vontades sejam capazes de influenciar o sujeito?

Pode ser que tenha agido por motivações que não fossem a sua, originalmente, mas de alguém que tenha consideração e lhe seja importante, como para satisfazer os sonhos dos pais ao optar por uma carreira que não se sente realizado; ou para conquistar a admiração de quem se deseja relacionar, quando se quer impressionar alguém para namorar e por isso até aceita passar um fim de semana em um retiro místico de um esquema muito suspeito de vendas multiníveis quase fundamentalista; ou mesmo que já se está a se relacionar, e queira demonstrar seu comprometimento ao tatuar no peitoral o rosto da sogra como prova extrema e eterna de amor; ou até saciar as expectativas dos filhos ao levá-los em um parque de diversões e se colocar em uma montanha russa que quase faz o coração pular pela boca; ou para satisfazer os gostos do empregador, ao se voluntariar para um trabalho chatíssimo; ou até de seu próprio país, num ato extremo de dedicação à pátria em que alista voluntariamente para combater em uma guerra em que as chances de sair vivo dela sejam mínimas.

Coisas lamentáveis assim, quando ocorrem, são encampadas pelos estados mentais do sujeito. E estes conteúdos se assumem como corresponsáveis pelas motivações que o fizeram agir, sem prejuízo ao entendimento da situação – sabem claramente que fazem algo indesejável por alguém, mas por desejarem satisfazer este alguém, por livre vontade. Pois quando se conhece o motivo externo que foi a razão para suas próprias ações, não há estranhamentos, pois isto será muito presente em todos os planos feitos e passos dados. Sabe-se bem pelo que se está a sacrificar-se.

O filósofo esloveno Slavoj Žižek referencia⁴ um estranhamento dado de forma coletiva quando do sentimento norte-americano em relação à primeira vitória de Barack Obama para a presidência dos Estados Unidos. Ainda que estivesse em primeiro lugar nas pesquisas, e com folga, e todo o sentimento comum de que ganharia a eleição, ainda assim pairava a dúvida se todos os eleitores norte-americanos votariam mesmo nele, devido ao racismo estrutural, quando estivessem a sós, nas cabines de votação. Obama venceu. E o mundo aclamou um momento simbólico de terem os Estados Unidos da América eleito um presidente Preto, dado todo o historial racista de não muitas décadas passadas, e de certas outras formas ainda presentes na sociedade. Foi um feito impressionante a eleição de Obama.

⁴ «*Why Cynics Are Wrong - The sublime shock of Obama's Victory*». Slavoj Žižek. In *These Times* publicado em 13 de novembro de 2008. Acedido em 17 de julho de 2022 em <https://inthesetimes.com/article/why-cynics-are-wrong>.

Žižek cita uma expressão francesa para o momento de estranhamento «*je sais bien, mais quand même*», que significa «*sei muito bem que isso pode acontecer, mas mesmo assim... não posso aceitar realmente que isso possa acontecer*», e isto foi explicado pelo filósofo devido «*a razão pela qual a vitória de Obama gerou tanto entusiasmo não é apenas o fato de que, contra todas as probabilidades, isso realmente aconteceu, mas que a possibilidade de tal coisa acontecer foi demonstrada*».

Foi o processo de tornar uma possibilidade do futuro, de algo transcendente, como presente realizado e imanente. E foi um estranhamento coletivo, a questionarem-se todos: «*e agora?*». O mundo, assim, adentrava a uma nova posição que não poderia ser rejeitada, era também, um ponto de não-retorno mundial, um compromisso feito e materializado com uma expressão coletiva de igual grandeza à uma posição individual.

Se os fatores objetivos para os estranhamentos estão descartados, será preciso um mergulho nos fatores subjetivos, ou ainda nos metafísicos, se cabíveis ou existentes. A busca é pelas causas, ou razões, ou qualquer coisa que justifique a anomalia percebida, seja individual ou coletiva.

E assim começamos a nossa expedição à selva conceitual.

3. Os desejos, a positividade, as significações simbólicas

A questão subentendida passa a ser sobre a possibilidade de que alguém possa desejar algo que parece não surgir da sua própria individualidade objetiva e consciente, como um desejo que não vem dos seus próprios desejos, mas que, ainda assim, assume que tal desejo mandatário fosse mesmo seu e se comprometa completamente com ele, independente do custo que isto representará para sua vida. A maior parte destes fatores que levam a assumir desejos externos, quase todos, estão fora dos campos objetivos e, assim, só podem estar sediados nos campos subjetivos, nas formas e conteúdos não expressos objetivamente, ou até mesmo metafisicamente.

Um outro problema é que, ao investigar com maior “lucidez” as suas próprias razões de desejar o que se está a desejar, “deduzirá” ser impossível que não fosse por si mesmo que estava a desejar e a fazer tudo o que fez. Nunca se dará por vencido, e sempre atribuirá a si mesmo a autonomia que julga ter de decidir exclusivamente por si.

Isto ocorre quase sempre, pois, apenas há acesso consciente possível e preciso para uma autoanálise dentro dos limites e domínios da objetividade, que é uma rasa superfície da mente, mais lógica e racional, que se mostra acessível a somente daquilo que pode ser expresso e conceituado, pois nada parece ser fácil, claro e acessível no território desconhecido da subjetividade, a nível subconsciente ou inconsciente. Talvez seja por isso que não coloca em causa sua própria autonomia, ou sua própria lucidez, pois quer se agarrar ao que pode controlar e saber, sem admitir que nunca foi realmente livre.

E o sujeito assume, muito mais por ter aprendido assim, e por já ser uma crença profunda sua, que se cada um é mesmo o único responsável pelos seus próprios atos, então deve ser o único que deve responder por eles, e se submete aos próprios juízos, e se absolve das próprias suspeitas sobre si mesmo. Resolve tudo em seus conturbados pensamentos e segue adiante, sem culpas, mas com dúvidas que não quer mais evocar. Age como um verdadeiro neoliberal, totalmente convicto de sua própria liberdade, pois imagina que se há alguma “mão” a lhe influenciar a vida, esta é de origem metafísica, e é a sua própria mão invisível e, por isso, deve ser algo bom com que ele esteja a operar, e prosperar. Percebe que a assombração que está a influenciá-lo é parte de si. Passa a ficar entusiasmado, como se absorvesse a tal força superior e se transformasse nessa suposta superioridade. Eis o nascimento do poder manifestado do ego, muito importante para quem quer manipular os demais a partir das próprias ilusões que estes trazem para a sua própria vida, sem que se apercebam disso. Todo fundamentalista é sempre uma peça acessível a quem o deseja manipular.

Mas por qual razão estamos a evocar os neoliberais tão cedo à selva? O que será colocado em causa agora é a sequência que se dá após a hesitação consciente, quando percebe que há coisas “erradas” no mundo em que se vive, e isto pode se dar de muitas formas distintas. Queremos perceber quais as origens possíveis destas distorções de percepções sobre o mundo em que se acredita viver. Veremos algumas destas origens, mas já a adiantar que esta busca sempre ocorrerá, ainda que de forma fundamentalista ou metafísica, por aqueles que se viram surpresos nesta situação de inconformidade. Por isso, se ainda não percebeu isto em sua vida, este trecho poderá ajudá-lo a não se envolver com práticas e seitas suspeitas que prometem respostas para tudo.

Pois o facto é que, no mundo, por exemplo, há muitos equívocos nas crenças coletivas, em especial sobre o grande engano cometido pelos que acreditam que os verdadeiros neoliberais são os extremamente ricos e poderosos, cultuados como os maiores expoentes da suposta humanidade, desde sempre, e que os chamaremos de VIPs⁵, aqueles que nem conseguem saber o quão ricos são, nem quanto possuem, exceto quando sai a lista anual de bilionários da Forbes.

O grande engano acontece com os crentes capitalistas, que geralmente não são capitalistas, mas que defendem acirradamente o neoliberalismo, pois estes acham que os VIPs estejam também a acreditar no mesmo que eles, em especial na parte em alguma mão invisível do livre mercado atue para promover a justiça do mérito empreendedor. Mas a verdade é que os VIPs não acreditam nisso, nem nunca acreditaram, pois sabem que eles próprios são esta mão, e não são nada invisíveis, mas sim muito habilidosos em retirar o máximo que conseguem dos mercados, e que não é pouco, para eles próprios.

Só os desprovidos de riquezas, e que estejam a buscá-las, acreditam de forma positiva nas mãos invisíveis do glorioso mercado, e pensam que ela seja justa aos que se esforçam em nome delas. É um processo muito infantil oriundo dos contos de fadas, similar aos desprovidos de malícia que desejam presentes de Natal ou ovos de Páscoa e assim precisam mostrar que acreditam em Papai Noel ou no coelhinho da Páscoa para ganharem o que não possuem, mas que tanto desejam possuir, e creem que são merecedoras por se comportarem bem durante o ano a cultivar e a respeitar o que não existe,

⁵ VIP, abreviação de *Very Important People*, que em livre tradução é *pessoa muito importante*, e que aqui assumirá uma significação nova, de uma nota categoria de pessoas que existencialmente são sempre assim, sem necessidades de distinções como as fatídicas “pulseirinhas” – sempre importantes e distintas socialmente, muito pela sua extremada concentração de riquezas, mas não apenas por isso. Será um conceito que será construído ao longo do livro, assim como muitos outros.

enquanto os pais ou avós promovem a ilusão e a manipulação da distribuição das riquezas, periodicamente. É a mesma coisa, e que quase nunca dá certo para a maioria, que em algum momento perceberá o quão infantil está a ser, e desaba emocionalmente a partir de sua hesitação frente ao acontecimento da descoberta da realidade.

Mas há também o inverso, com a hipótese de o sujeito já ser antecipadamente reativo a uma postura neoliberal, contrariamente ao exemplo anterior, e talvez por ter afinidades com os ideais comunistas ou socialistas, anarquistas ou algo similar a um outro “ista”, ou nada disso, e poderá acreditar que há mesmo uma mão a interferir no mercado, mas nada metafísica, mas verdadeiramente poderosa e oculta, completamente camuflada e dirigida pelos mesmo poderosos políticos e oligarcas, ou apenas pelos VIPs, ou pela Nova Ordem Mundial, ou seja lá o que for o delírio conspiratório que tiver, como um todo.

Desta forma, este opositor do neoliberalismo, que quase nunca é alguém em situação muito desfavorável, e geralmente com algum grau de ascendência social, tal qual rebelde sem causa, poderá se culpar pela sua condição privilegiada de estar numa família, grupo, país ou região mais rica, e se autocondenará e se perceberá a querer “reparar” a situação de suposta injustiça, como uma espécie de autopunição que o levará contestar toda a ordem estabelecida, em nome de seus próprios valores, e poderá partir para participar de algum movimento extremista ou fundamentalista, ainda que em nome de uma suposta boa intenção, mas que poderá agravar ainda mais a situação. Mas, geralmente não o faz, e parte para divulgar suas teorias nas redes sociais, a destilar o azedume social que considera ser corresponsável.

Ou nada fará, e arcará com o custo de se perceber como uma fraude, a se envergonhar de si mesmo, e afundar em uma possível depressão. Tal qual a criança que descobre que são os adultos que dão os presentes de Natal e os ovos de Páscoa, ou quase isso, e sem questionar nada passam a viver a mentira dos adultos, sem a alegria da magia que antes havia na ocasião da surpresa recebida.

Enfim, tanto o iludido neoliberal, quanto o reacionário, e também todos os que de alguma forma entram em uma forte hesitação ao perceberem as inconsistências do sistema que julgavam existir, as falhas do mundo que julgavam participar, buscam superar suas crises ao buscarem novas explicações pelo que consideram impossibilitar seus ideais de vida, ainda que sejam beneficiados pelo sistema percebem este incômodo até o ponto em que passam a buscar por respostas. E logo passarão a correr em busca das verdadeiras causas de suas infelicidades. Mas se nem para tudo há solução, certamente há algum produto ou ainda alguma promessa de solução.

A contemporânea e onisciente seita da autoajuda, sempre a ter uma promessa de solução precisa e universal para tudo o que ocorre com qualquer

pessoa no Universo, e talvez fora dele, se houver mercado para tal, afirma que isto, a tal inconformidade com o mundo, é um legítimo processo de autossabotagem. Daí o sujeito não fica feliz em prosseguir pois quer se autossabotar, se destruir, por alguma mazela não superada incrustada em seu passado ou na visão distorcida que tem na nobre e suposta humanidade. Pronto, mais um caso resolvido, mais um cliente conquistado e encantado.

Ainda que seja verdade, que seja mesmo um autossabotador da melhor estirpe, por qual motivo que não deseja mais prosseguir adiante? Há que se ter razões! Por que não consegue prosseguir ao menos movido de uma vontade para reparar o que supostamente fez de mal no passado, por exemplo, ou ainda para fazer melhor? Por que optar por um ato de terrorismo aplicado a si mesmo? São questões que a autoajuda nunca permite serem feitas, pois ela funciona sempre como algo inconsciente, que apenas emite informações, sem nunca interagir. A autoajuda faz a pergunta e dá as respostas. Estabelece um problema, formata-o e dá uma solução. E tudo tem de se adequar ao que ela estabelece. E, como há uma indústria para produzir problemas e soluções, sempre terá alguma que se adequará ao indivíduo. Para isso há a produção das soluções universais e incondicionais que vão direcionadas para todos os necessitados, sem deixar ninguém de fora.

As razões, assim, pouco importam para a abordagem que a autoajuda estabelece, assim como todas as outras seitas que denominaremos de “anestésias”. O que importa, como anestesia, é que se deve prosseguir e ignorar esta mensagem considerada autodestrutiva, negativa, sem nenhuma razão para ser significativa, pois tudo o que deve importar realmente deve ser completamente objetivo, deve estar na estrutura material do mundo e das posições estabelecidas na estrutura vigente.

E assim, tudo o que está contido no conjunto das anestésias, passa a emitir as poderosas mensagens sugestivas – as mesmas ideias “positivas” que são artificialmente compartilhadas pelo *marketing* eficiente das maiores marcas⁶ mundiais: «vá em frente, mantenha-se a caminhar», seja para a vida ou para o mundo dos whiskeys, «apenas faça isto», a correr em seus novos tênis em

⁶ Julie Bramham, diretora global de marca da Johnnie Walker, disse «a Johnnie Walker sempre foi otimista e um exemplo de progresso - é isso que significa Keep Walking... são duas pequenas palavras que falam muito sobre positividade, possibilidade e resiliência». Acedido em 23/04/2022 no site <https://www.prnewswire.com/news-releases/johnnie-walker-lanca-nova-campanha-keep-walking-para-fazer-o-mundo-se-movimentar-novamente-820753033.html>. «A campanha "Just Do It" incorporou a imagem da Nike como um ícone americano inovador associado ao sucesso através da combinação de atletas profissionais e slogans motivacionais enfatizando o espírito esportivo e a saúde. Isso levou os clientes a associarem suas compras com a perspectiva de alcançar a grandeza». Acedido em 23/04/2022 no site https://en.wikipedia.org/wiki/Just_Do_It.

mundo cada vez mais acelerado. As mais poderosas mensagens publicitárias sempre são grandes sínteses dos imperativos objetivos que estão na ordem estabelecida do mundo. Tudo direcionado para a positividade, que alguns mais esclarecidos já acrescentaram um sobrenome, e virou a «positividade tóxica», que felizmente começa a ser combatida, mas que infelizmente pela forma como se combate a toxicidade a fortalecerá ainda mais.

Os positivistas crônicos nunca veriam por esta perspectiva, pois questionariam: “Mas é para se falar de coisas negativas? Como se poderia vender algo assim?”. E estão certos, pois as pessoas não compram coisas negativas, ou ruins, mas apenas promessas. E é justamente isto que se está a colocar em causa, sobre a exacerbação do genérico-positivo. Sempre há que se caminhar em frente? Sempre, para todo o sempre? Sempre é preciso apenas fazer algo? Sempre assim? Pois há coisas, em certas situações, que serão muito más se assim forem feitas, incondicionalmente. Mas, isto evidencia que as mensagens positivas ecoam nas mentes dos que possuem as mesmas diretrizes delas, visto que é um processo progressivo de programação para a adesão estrutural, para o comprometimento incondicional de tudo: consumir, reverenciar, obedecer, procriar, produzir, submeter-se, etc.

Há muitas outras interpretações destes fenômenos de hesitação e estranhamento, e geralmente inconsistentes como a autoajuda, e até mesmo em alguns dos ramos menos comprometidos da Psicologia, ainda que esta seja muito mais elaborada e profunda em buscar causas mal resolvidas no sujeito, percebemos que lamentavelmente atribui a este a exclusiva responsabilidade ao que é feito dele, sem perceber exatamente como tudo se deu como um processo no qual ele pouco teve de responsabilidade. Assim, tudo é realmente muito estranho e faltam explicações satisfatórias para as dinâmicas significativas encontradas nestes processos de responsabilização. Na falta de clareza, o sujeito não percebe o que lhe dizem, pois está perdido e hesitante com sua própria voz interior. Não percebe o que a hesitação está a lhe tentar mostrar, uma mensagem de parte de si que ainda está a resistir a algo indesejado que lhe está a ser imposto.

Todavia, a dupla de personagens da antiga minissérie produzida pela Rede Globo, *Carga Pesada*, cujas personagens principais, Pedro e Bino, interpretados respetivamente por Antônio Fagundes e Stenio Garcia, é quem chega mais perto da significação simbólica deste sentimento que emerge das profundezas do sujeito hesitante. Assim, a parte subjetiva e falante da dupla, mas que é a mais inexpressiva, sem conteúdos significativos, e vivida pelo Pedro, busca alertar sua outra parte objetiva e muda, mas que é a mais expressiva, com conteúdos claros, que é o Bino.

Pedro é o inconsciente, o subjetivo e o emocional, em que os valores mais sensíveis são os mais intensos, como os prazeres e as possibilidades que a

vida oferece. Bino é o racional, consciente, o comedido, e que se vale do aspeto racional para tomar as decisões mais acertadas e garantir, com o menor risco, o dinheiro que lhe é tão necessário, para pagar o financiamento do caminhão em que os dois são sócios, e também cujo fabricante está a promover brilhantemente sua marca no seriado, positivamente, pois tudo é, ao final, dinheiro e mercado, com ou sem mãos invisíveis.

Mas, os dois caminhoneiros estão juntos nos negócios e nas estradas e, assim, possuem uma única dimensão existencial, pela convivência compartilhada, quando a permanência teleológica assume formas de decisões conjuntas que precisam ser tomadas em comum acordo. E sempre foram assim, opostos que se complementam e se apresentam de forma totalmente funcionais quando juntos, e isto foi o que os fizeram entrar em inúmeras aventuras nas tramas que se desenrolaram antes do massacre dos *streamings*.

Mas houve um icónico momento em que a racionalidade objetiva de Bino o levou a uma situação crítica em que se imortalizou uma das maiores frases icônicas da teledramaturgia brasileira. Esta frase explica perfeitamente o que significa o momento de hesitação do sujeito.

As ações objetivas de Bino, que era dirigir o seu caminhão rumo a um destino determinado, os fizeram chegar até ali, àquele suspeito momento, e que fizeram com que Pedro, como se não pudesse ser escutado muito bem, enquanto subjetividade, a tentar dizer algo que fosse uma comunicação eficiente e potente para que sua parte objetiva realmente o escutasse, desta vez, dado que é suposto ser Bino o mais “inteligente”, ainda que reticente em escutar o que está oculto em si.

Por isso, esta voz “interior”, que é o Pedro, diz firmemente ao constatar a temida situação de perigo que era, afinal, uma grande ameaça, e profere: “É uma cilada, Bino!”. É isso que a parte liderada e inexpressiva fala para a parte que é líder e expressiva, quando levada para alguma situação que é mesmo isso, uma cilada, que significa algo ruim que ocorreu, ou ocorrerá, em busca de algo que deveria ser bom. A voz de Pedro representa a mensagem da própria hesitação, que busca a reflexão em seguir adiante com o caminhão, ou voltar para trás, ou apenas parar. Algo sempre há que ser feito ou sabido em situações assim, de cilada.

O filósofo Friedrich Nietzsche sustentava⁷ a hesitação como algo positivo, e desejado a quem quisesse superar o “querer” em prol de uma verdadeira espiritualidade ao prescrever que o ideal é *«não reagir de imediato a um estímulo, e sim tomar em mãos os instintos inibidores, excludentes»*, pois

⁷ NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia de Bolso, 2017. Cit. Capítulo VII - O que falta aos Alemães, parágrafo 6.

para ele, quem não hesita é alguém já enfermo pelas estruturas sociais, por seguir o que justamente hoje é anunciado como mantra publicitário: seguir adiante, apenas fazer. Por isso, disse que «...*toda vulgaridade se baseia na incapacidade de resistir a um estímulo — tem-se de reagir, segue-se todo impulso. Em muitos casos, esse “ter que” já é enfermidade, declínio, sintoma de esgotamento*».

O filósofo francês Henri Bergson escreveu sobre a hesitação, a recomendá-la como um antídoto para o racionalismo excessivo para o quantitativo em detrimento ao qualitativo. Para Bergson, a mente que não hesita vive paralisada, ou direcionada a um estado de paralisação, enquanto a fluidez, ou o movimento é o que realmente importa para o ser. Portanto, o hesitar é resistir ao hábito e se direcionar ao que ele chamou de uma multiplicidade qualitativa, em que há a heterogeneidade – tudo é diferente, nada é único – e também há a continuidade, em que o tempo flui, progressivamente, e tudo é movimento e transformação e, talvez, seja exatamente isso que a maioria esteja a temer e evita a todo custo se movimentar e se transformar, a acreditar que a situação atual seja a melhor possível, no melhor mundo possível e se acomode assim.

Tanto Nietzsche quanto Bergson valorizam a imanência, o corpo, como valores válidos para o maior de todos, que é vida. E por isso, Bergson não estimula que haja um distanciamento do que há, uma separação dos objetos, mas sim uma mescla com estes, a se misturarem à vida, a ocupar todas as dimensões possíveis, mas autonomamente, a não agir por impulso, apenas, mas a refletir, a hesitar e a perceber que passado e presente são, em certa maneira, a mesma coisa, e coexistem. Ao invés de analisar, intuir com todos os sentidos e correntes de pensamentos, em todas as dimensões que se possa recorrer. A análise leva à consideração racional de que há, na vitória, uma conquista, um “ter chegado lá”. Mas a intuição pode não dizer isto. E ela deve ter prioridade hierárquica. Quando parte da intuição o sentimento de cilada, devemos dar o valor necessário à mensagem que está a ser dita. Assim, voltamos à necessidade de o Bino, o analítico, escutar com atenção o que Pedro, o intuitivo, está a lhe dizer. Mas, o que fazer com o aviso de cilada, pois a vida requer decisões constantes, e não se pode estar a hesitar a todo o momento, não é mesmo?

4. A deliberação, a dialética, o conhecimento, a consciência

A hesitação é, portanto, o resultado de uma resistência de si mesmo, ou uma manifestação inconsciente de uma cilada em andamento. Mas, geralmente, também é uma dor, pois impede a suposta alegria da realização de uma vitória obtida. E toda dor possui uma função denunciadora de algo que não está bem, algo que precisa ser tratado, por vezes oculto ou bem nas profundezas de algum sistema, ainda que funcional, mas que começa a desintegrar-se.

Mas quando a hesitação surge com o clímax da vitória, leva o sujeito a retornar mnemonicamente ao seu passado, quase instantaneamente, mas não como se este passado estivesse distante, pois parece estar bem próximo do presente, por ser tão fácil acessá-lo sem nenhum esforço de lembrar-se de tudo. O sujeito hesitante acede a este passado presente quando começa a questionar-se se o percurso feito até ali foi o mais apropriado, se era mesmo esta vitória e esta nova posição que queria realmente para si, pois estranha o que está a receber como vitória.

Este evento de lapso temporal passa a ser uma deslocação compulsória da situação inusitada em que se vê no presente para uma zona das impossibilidades que está projetada no futuro, pois não se pode mais desfazer o que já fez, e assim abre-se um abismo do tempo sob si, entre o passado e presente que passam a ser quase a mesma coisa, e o futuro, visto como impossível de ser viável. Pois, o que se percebe neste futuro é que será claustrofóbico, mais restrito, com menos possibilidades. E isto é a contradição manifestada em forma de lapso temporal, ou simplesmente perder o chão.

E não será difícil uma rápida reflexão para percebermos que, na vida, o que consideramos serem impossibilidades não duram por muito tempo, pois estas nunca são dadas como definitivas pela mente humana. Impossibilidades são consideradas assim apenas por brevíssimos momentos, pois para toda situação de impossibilidade detetada, há sempre a seguir uma possibilidade de anulá-la, ultrapassá-la, de fazê-la possível, como tudo o que há, seja pela busca criativa humana ou esperança em algum agente externo que esteja presente ou ainda que seja apenas uma mera promessa, uma possibilidade. Ou seja, há uma crença instantânea, quase um gatilho que para toda a impossibilidade há ou haverá um remédio. Se o remédio funciona ou não, passa a ser irrelevante, mas só a consideração dele faz a impossibilidade deixar de ser impossível.

A impossibilidade é sempre uma resistência a algo, a alguma possibilidade existente. A impossibilidade nunca é original, mas sim derivada

de algo. Antes da impossibilidade, já há a possibilidade à qual ela se refere ser impossível. Por isso, não é permanente, mas sim transitória. E é assim que a mente humana aplica o mecanismo das impossibilidades impossíveis. Afinal, temos a famosa e clássica frase da autoajuda que explica bem sobre este ponto: “por saber que não era impossível, foi lá e fez”. Tao profundo quanto inspirador, que até me comove a continuar a ladainha da superação. Por Sócrates, precisamos voltar ao conteúdo filosófico.

A força que se encontra para ultrapassar a impossibilidade é tão poderosa que nem mesmo importará a veracidade do meio considerado capaz de anulá-la, pois apenas é suficiente existir algo, seja verdadeiro ou falso, que possa anulá-la. Eis o motivo de a autoajuda adorar o tema da impossibilidade, pois já está plantado na mente humana desde sempre. E não precisam muito para excitar este pensamento de superação. Pois a impossibilidade é a kryptonita humana, a única entidade capaz de retirar todas as forças humanas e por isso ela é sempre anulada, até pelo próprio sentido de autopreservação, de uma forma ou outra, pois conviver com o impossível é algo extremamente destrutivo. O próprio conceito da impossibilidade leva ao *stress* mental, ao *bug* humano, e a um estado de completa inanição. Se há algo dado como impossível para o humano, logo ele considerará algum caminho para que isto lhe seja possível, ainda que através de meios sobre-humanos, delirantes ou fantasiosos. Mas, admitir a impossibilidade, jamais. E isto ainda será abordado detalhadamente, mas já se pode perceber o que se está em causa.

Ao se prosseguir nas decisões que a vida exige rumo ao “topo”, o sujeito começa a perceber que sempre que “vence” e ascende na estrutura passa a ter menos possibilidades para exercer a liberdade prometida e desejada. Parece que terá sempre menos possibilidades, que ficará mais preso. Mas tudo isso é apenas suposições, visto que nunca poderá ser uma informação precisa e certa, até pela dificuldade de conceber quais são todas estas restrições, especificamente. Mas, mesmo que não consiga perceber todas as possibilidades que deixará de ter, será sempre mais óbvio perceber todas as impossibilidades que surgem imediatamente nos pensamentos. E isto se dá a partir de que precisará deixar sua atual posição para trás, e deixar de ter as possibilidades que tinha, mais facilmente acessíveis. É uma luta de suas crenças, desejos e vontades a combaterem entre si, entre os tempos que são conhecidos e desconhecidos no lapso temporal aberto.

Ou seja, um combinado de lástimas: precisará largar as atuais possibilidades e isto gera um sentimento de perda, ao passo que simultaneamente perceberá muitas impossibilidades para onde está a se dirigir e não saberá sequer quais serão as novas possibilidades que terá no futuro imediato, mas sente que serão em menor número, o que não parece ser uma vantagem ou vitória. Tudo isso a formar uma bomba mental prestes a explodir, um perigo iminente e que se faz necessário ou correr em desatino

ou ficar completamente paralisado, a fingir-se de morto, ou mimeticamente disfarçado. Pode-se lutar, e continuar, e alguns fazem, ao seguirem adiante. É uma cilada, de todas as formas! E isso gera incertezas, mas não apenas elas.

Há alguma lógica nisto tudo. Parecem existir mais determinismos sobre o que se espera que se faça quando mais alto se está na estrutura da vida, e isto é muito contraditório, pois progredir passa a significar que, ao invés das máximas possibilidades e das liberdades para curtir tudo o que há, contrariamente ocorre um aprisionamento dentro de uma estrutura que exigirá maior dedicação e que muito menos sobrarão ao sujeito a ocupar uma posição “superior”, ao passo que muito valorizará o objeto que este passará a representar, ao transformá-lo exatamente neste mero agente funcional, em uma peça da engrenagem que opera tudo para ser como é. E gradativamente, enquanto estiver a ascender, isto se repetirá a cada nova conquista, quando aceitar a ascensão passa também significar abrir mão de algo mais de si, que passa a se calar, a se anular e a se destinar a uma inexistência na que lhe sobrarão pouco de si mesmo, ou talvez nada, totalmente impessoalizado. Por isso a hesitação: por que ainda desejo vencer, se o prêmio não é o que espero para mim? O que me faz prosseguir adiante? Hesita-se.

E isto é percebido, em alguns momentos destas vitórias ascensionais, como uma cilada anunciada pela forma denunciadora que a hesitação assume. Resta perceber, afinal, toda a estrutura que leva a tais momentos, que faz com que o sujeito aceite e prossiga, sem questionar a fundo o que o levou até ali e, principalmente, porque não admite, não aceita ou mesmo não compreende, nunca, a existência das impossibilidades, tais como são realmente: impossíveis e intransponíveis, sem jeitinhos de driblá-las.

O determinismo é dado pela sensação vindoura de imobilidade. Ocupar um status mais alto será, também, possuir menos mobilidade, por não poder se afastar da posição que se ocupará. Responsabilidade, pressão, expectativa, desempenho, etc. É uma projeção para o futuro que causa um sentimento de tristeza, como se estivesse a deixar de ser o que se é, e o que se foi, para trás. E isto nem sempre parece bem assimilado pelas pessoas mais sensíveis, pois é entendido como uma grande perda de si, verdadeiramente. Há o sentimento de que tudo já está dado no futuro, que existe um mecanicismo que esteja a absorver toda a capacidade criativa que se origina da liberdade que se tem, e que não mais terá como antes.

Neste aspeto, e em síntese, o filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel apresenta a história como a resultante da manifestação inteligente de um espírito racional absoluto – não, não é a mão invisível do mercado a que Hegel se referiu, caso algum de nós seja um neoliberal que esteja agora a suspirar, esperançosamente. E este espírito *hegeliano* é a própria racionalidade manifestada. E, assim, é este espírito integralmente racional

que possui uma regência da vida e dos acontecimentos, de uma forma ou de outra, pela ordem que estabelece a partir de sua atuação fenomênica.

Se pensarmos assim, como Hegel, a grosso modo, apenas, sem objetivos profundos de elaborar todas as questões que saíram e ainda saem destas impressionantes premissas *hegelianas*, podemos perceber que os grandes líderes das nações, responsáveis pelos acontecimentos de grandeza e magnitudes de transformações que fizeram “mudar” o rumo da história, sempre foram como marionetes, como atores a representarem papéis que lhes foram dados, ou quase isso, pelas mãos deste espírito e, por mais que eles quisessem “mudar” os rumos que a história tomou, nunca o teriam conseguido. Pelo contrário, eles lá estiveram, ou estão, pois fazem parte deste plano racional do tempo sucessivo, entre acontecimentos provocados para serem o que deveriam ser. Estavam no topo e, mesmo assim, não conseguiriam fazer diferente do que foi feito. Seriam decisores ou meros executores?

Hegel até pressupõe que exista um limite individual para as liberdades de escolhas, supostamente ilusórias, que é representado pela “astúcia da razão”, como oferta ou graciosa dádiva deste mesmo espírito absoluto, em que permite o sujeito fazer, no campo da vida individual, pequenas ações supostamente contrárias à razão, mas que estas nunca influenciariam o macro curso da história, gerida com precisão por este espírito absoluto, que então delineia uma linha de destino dos acontecimentos, previamente traçada pela razão absoluta, e que é um desenrolar de desdobramentos e acontecimentos sucessivos e dialéticos que sempre ocorrerão, independente das individualidades. É como se a razão fizesse tolas concessões a cada um de nós, para que pudéssemos ter ilusões sobre nossas individualidades e capacidades de tomadas de decisões, mas todas inócuas, afinal. Na hesitação, ocorre algo semelhante, em que o sujeito passa a perceber que não estará a agir por sua própria vontade, ao perceber que deixará de comandar como supunha ser e passará a ser comandado, ou subjugado. É um assinte para o orgulho humano, todavia. E isto é um processo dialético, sempre, e Hegel apresenta através dela o mecanismo em que tudo se dá, em como tudo se opera pela gestão direta da racionalidade histórica.

A dialética de Hegel é composta por três partes e pode ser exemplificada e compreendida através do (1) curso corrente, a transcorrer, como a vida bem formada, estável e sustentável, em paz, com progresso e felicidade, bem ao estilo dos comerciais de margarinas de uma família de Orlando, Flórida. Uma rotina em que todos possuem seus lugares e o mundo progride lindamente. Esta é a situação imaginada e presente nas conceituações sobre uma vida desejável. É o possível. Mas, logo, (2) haverá algo que aconteça, e que seja considerado como ruim ou mal, como negação do bem, a causar desordem na ordem estabelecida, a ameaçar o *status quo* ou o *establishment*, a se

mostrar como impossível, mas que se faz necessário para, pela (3) reação e superação, se elevar ao progresso, à melhoria evolutiva dos tempos. E o que resultará de todo este processo será a síntese, que supostamente será melhor do que antes, enquanto havia a suposta paz e progresso dos comerciais de margarinas, ou algo tão *cringe* como isto. Há sempre mais a se obter daquilo que já existe – eis a justificativa *hegeliana*, mas é preciso um conflito para causar o progresso. E, assim se dá a evolução, racionalmente.

A partir desta dialética, que é mesmo convincente como processo de construção estrutural, em que as antíteses, estes “males” desestabilizadores e determinantes, que representam o mal das impossibilidades, ao chocarem-se com as teses, o *establishment*, provocam um nó espaço temporal que levam a uma síntese, a se projetar como uma nova situação, que passará a ser a nova tese, e a reiniciar um ciclo melhorado e autossustentável, até que surja uma nova antítese, visto que apenas as forças objetivas ficam expressas e válidas e o ciclo se estabelece infinitamente, independente dos que atuem nesta estrutura dialética. E o mundo passa a ser operado da forma como o conhecemos, aos trancos e barrancos, muito *hegelianamente*. O “mal”, assim posto, passa a ser “bom” e útil, e não apenas destrutivo ou antagônico, pela função transformadora que opera na sociedade, e pelo resultado que emergirá de seu efeito.

Ou seja, é uma espécie camuflada da malfadada afirmação de que “os fins justificam os meios”, a perceber que a síntese está predeterminada e para além das capacidades de escolhas que os líderes podem fazer, sejam estes tiranos, reis ou distintos representantes eleitos democraticamente. A estrutura fica, assim, instituída como uma mera máquina executora da racionalidade aplicada e todas as posições são feitas para serem assim mesmo, meras coexecutoras, sem liberdade para ultrapassar ou alterar o que está predeterminado. Hegel afirma, portanto, que nem mesmo a Filosofia poderia propor algo que mudasse, para além do que está determinado no rumo dos acontecimentos e, no máximo, seria esta a mera interpretadora da História. Hegel criou, assim, ele mesmo, uma impossibilidade para a Filosofia que logo Karl Marx, que foi um de seus seguidores intelectuais, ainda que na sua juventude, tratou de anular ao oferecer uma nova possibilidade sintetizadora como proposta de transformação, na qual a Filosofia assume o papel da transformação, talvez ao pensar que esta possa incorporar o tal espírito individualmente, ou encampá-lo ao Estado, de forma comunista. No campo das ideias tudo é possível, e Marx quis propor uma saída a este destino imposto, pois há muita coerência no modelo *hegeliano*, por mais que queiramos contestá-lo, em nome da nossa própria sanidade existencial.

E, assim, poderíamos abrir questões viscerais, em Hegel, sobre o que há mesmo na acalentada autonomia humana enquanto peça de uma estrutura – seja histórica, portanto temporal, ou não, meramente espacial, para além de

suas próprias ilusões acerca dela mesma, a incluir a suposta liberdade de agir, que é o enigmático e mais que debatido livre-arbítrio, desde há muito colocado em causa, desde a antiguidade filosófica, a passar por Santo Agostinho, e ainda hoje, já nos campos das neurociências.

No caso da hesitação, o conceito da dialética *hegeliana* pode ser útil para percebermos se há uma questão inconsciente que leva o sujeito a resistir ao intuir uma impossibilidade futura, pelo confronto da iminência de ocupar uma nova posição, pois sente que a realidade da estrutura está a movimentá-lo forçosamente de uma posição para outra, sem que haja, ali, um movimento próprio e individual capaz de ser fruto de sua própria ação voluntariosa. Assim, por esta abordagem, o que só se movimentaria seria a estrutura, e não o sujeito, pois este está sempre estático dentro dela, dado que sempre acabará por acatar o que está “destinado” a si. É uma mudança de paradigma, a ser especulado aqui, mas não é um absurdo conceitual. Pois se não há ação voluntariosa do sujeito, mas há um movimento “compulsório” deste, então é válido supor uma outra agência voluntariosa, algo distinto que move o que é movido. Alguns podem pensar em deus, outros no Universo, outros no destino, mas raramente numa dinâmica adequada para se perceber todo o movimento entre sujeito e estrutura, nossa ambição aqui. Pois se isto ocorre, o sujeito é um pós-sujeito, ou um sujeito objetificado ou, talvez, apenas um objeto consciente, um *res cogito* malsucedido na existência.

Algo há de muito estranho e suspeito neste imbróglcio, com certeza, e tais hesitações não são propriamente vazias de significados, mesmo para os agentes da conformação positivada, que são os anestesiologistas que fazem com maestria o que Hegel expôs, que é meramente interpretar o que há, mas nem sempre o fazem com uma visão crítica e com compromisso com a verdade, pois não a percebem, e nem a promoverem uma investigação profunda do que nos prende radicalmente, e talvez visceralmente, a tal estrutura, ao ponto de pensarmos ser ela, ou nem a percebê-la a ditar nossos movimentos.

Na Filosofia, a representar o esforço intelectual humano, sempre houve a busca pelo conhecimento, obviamente. E este esforço surgiu mesmo por esta razão, primeiro para se estabelecer o que seja mesmo o que podemos considerar como conhecimento, criteriosamente, e chegar a ele pelas capacidades racionais e lógicas que há e que podem ser desenvolvidas pela mente humana. Inicialmente, buscou-se conhecer o que é o objeto, as coisas que vemos e o que são, de facto. Isto se deu desde a antiguidade filosófica, e até mesmo com os filósofos medievais. Depois, buscou-se conhecer o sujeito, pela mente, mais profundamente a partir do filósofo francês René Descartes, que deu à mente uma dimensão substancial, ativamente consistente, a considerar um dualismo entre corpo e mente, ou corpo e espírito. O sujeito poderia existir mesmo sem nenhum objeto, pois ele estava a pensar e, apenas por pensar, já estava a existir.

As discussões prosseguiram, sempre a exaltar a racionalidade humana como diferencial existencial, até que Franz Brentano propusesse que o conceito do conhecimento fosse a inexistência intencional, em que o sujeito “conhece” cada objeto apenas em sua mente, primordialmente. Os objetos não seriam, então, coisas materiais, necessariamente, mas sim o que há na mente, que contenham conteúdos de informações, intencionais, que são direcionamentos aos objetos, que até podem ser uma coisa, mas não necessariamente. Ou seja, conhecer viraria uma relação entre sujeito e objeto, com a gestão do próprio sujeito.

Por exemplo, você está a ler este texto em um livro ou em um dispositivo eletrônico, por exemplo, e estes objetos são coisas, mas possuem um conteúdo que os determinam como são, em sua mente. Mas não necessariamente, pois você pode conhecer sobre algo que “seja algo” sem que este algo exista, como no clássico exemplo do unicórnio, um dos prediletos da Filosofia do Conhecimento. Mas é bom perceber que o seu dispositivo nem sempre existiu como coisa, mas talvez sim como conteúdo.

O cofundador da Apple, Steve Jobs, estava consciente acerca do tablet, primeiro em sua mente, intencionalmente, como um computador digital de tela plana e sensível ao toque, antes que se consubstancializasse em um produto que fosse ao mesmo tempo um computador, navegador de internet, acesso ilimitado às músicas e filmes e livros digitais. Depois veio o processo de desenvolvimento e produção, pela Apple, até se chegar a um protótipo que fosse possível ser manipulado e aprovado como o produto idealizado, o resultante de uma intencionalidade, tal e qual. O protótipo aprovado já era o iPad. A seguir, apenas seria necessário reproduzir em escala industrial e comercial o que era a “coisa” iPad. E dar-se-ia o fenômeno, como suposto, e como aconteceu.

Ele tinha consciência do todo (prévia, intencional) e conhecimento das partes (sobre cada função, separadamente), sobre tudo o que viria a ser o iPad, antes mesmo de o iPad existir como coisa. Mas ele, ou não, apenas a equipe de criação da Apple, ficou tão consciente de tudo o que seria o iPad, de forma tão única e consolidada, que abriu uma nova dimensão ontológica para os tablets ao integrar tudo em um único dispositivo, de forma tão diferenciada, em que as partes deixaram de existir isoladamente para dar lugar a um todo, que deixou de ser apenas visto através de suas partes.

Depois, todos os consumidores tiveram a mesma consciência e conhecimento acerca do que resultou, e passaram a atribuir um imenso valor às funcionalidades que vieram intrínsecas ao conceito do iPad, com imensas possibilidades, enfim, a conhecê-lo como um todo. Se algum dia, algum unicórnio for “produzido”, geneticamente modificado e biologicamente reproduzido, será um processo similar ao iPad. E tudo começa com algumas possibilidades, sempre, a matéria-prima valiosa da criação.

Portanto, se há a intenção, há a existência, na mente, que é o que importa, mesmo que na realidade o objeto não exista como coisa. Poderá vir a surgir, ou não. E isso, algo aparentemente simples, agora, resultou em uma nova revolução filosófica, quando o discípulo de Brentano, o filósofo alemão Edmund Husserl, avançou com a sua fenomenologia.

Pois, foi relevante a dimensão com a qual Husserl reintroduziu o objeto, como forma de relação entre este e o sujeito, em seus estados conscientes com seus conteúdos mentais para tudo o que consideramos existir no mundo, em estados intencionais e mentais. Husserl não priorizou, separadamente, nem o sujeito e nem o objeto, mas sim a relação que se dá entre estes.

Para tudo o que possua conteúdo mental, no sujeito, existe em uma dimensão própria, intencional, a qual este se conecta, quando este sujeito é quem passa a responsável pela manifestação intencional do existente, especificamente do objeto ao qual atribui algum conteúdo mental, pelas sensações ou formas diversas de percepção, por apreender algo sobre este objeto, e tudo o mais, ou por assim dizer, estabelece sua declaração de existência, em dada relevância. A partir deste fenômeno, aprende-se sobre o objeto e forma-se um juízo acerca dele, ou do que quer que seja, e é assim também acerca das próprias emoções, do próprio sentir, que sempre tudo isto pode ser atualizado, pelas apreensões de novas interações que acontecerão, e que alterarão as representações mentais, os juízos constituídos e significações das emoções.

Portanto, desde Brentano, ter consciência não é a mesma coisa de ter conhecimento. O conhecimento depende das particularidades de cada coisa conhecida, da identificação profunda do que cada objeto tenha consigo, e isto se dá através de uma exigência de linguagem, de uma ordenação categorial que precisa descrever, conceitualmente, o que está a ser conhecido, até a exaustão, se possível. Ter consciência, não. Não é preciso a linguagem para que tenhamos consciência que estamos conscientes, que estamos a pensar, como apurou Descartes, e, portanto, a existir, segundo ele.

O problema é que a linguagem não oferece uma certeza do que é definido por ela, ou ainda, uma pureza acerca das informações conceituais, ao menos. Por isso, a lógica entre o sujeito e o objeto se faz necessária, e foi o que Husserl buscou, e o saber ficou estabelecido entre a relação do sujeito com o objeto, nem em um, nem em outro, mas na relação, em si, estabelecida como tal.

Nietzsche colocou (e muitos filósofos ainda colocam) a limitação das palavras, como dificuldade epistemológica, ao escrever⁸ *«as palavras estão em nosso caminho! — Onde os antigos homens colocavam uma palavra,*

⁸ Reflexões sobre os preconceitos morais, parágrafo 47, em: NIETZSCHE, Friedrich. Aurora. Companhia das Letras, 2016.

acreditavam ter feito uma descoberta. Como era diferente, na verdade! — eles haviam tocado num problema e, supondo tê-lo resolvido, haviam criado um obstáculo para a solução» e nos deixar posicionados contra, quiçá, algumas das até mesmo impossibilidades acerca do conhecimento singular. Por isso, a importância da consciência, que não depende da linguagem, necessariamente, como um estado da mente em que se abre para o mundo sem restrições.

E é esta consciência que assumirá uma funcionalidade, com cariz ativa, construtora do mundo, das relações estabelecidas, entre o saber que obtém a partir das instâncias em que considera como sua existência estabelecida, e também pelos conteúdos que carrega consigo e, portanto, das intencionalidades inerentes entre si e o que há, que passa a entender, a compreender e a conhecer. A estrutura dos fenômenos, como fruto e somatória destas relações, passa a existir em uma dimensão ontológica e metafísica, mas profundamente lógica e objetiva, entre conexões causais, entre causas e efeitos a darem sentido ao que o sujeito declara, por si só, existir.

E, portanto, tudo o que há, nestes processos de fenômenos, ou fenomenologia, para além do sujeito, é por conveniência ou expressão da capacidade deste, de certa forma e, assim, passa a ser seu critério de eleição ou até mesmo pela limitação de sua capacidade sobre o que pode perceber da realidade, das relações existentes, e como o faz. Isto é algo que pode ser muito mais explorado, afinal, quando se percebe algum objeto como gatilho funcional das motivações para agir, que o sujeito estabelece a partir de seus juízos e emoções.

Se em Hegel há a derivação conceitual possível de uma estrutura com posições fixas e um determinismo a ser eminentemente racional e independente das vontades humanas, em Husserl há outra derivação conceitual das relações internas entre o sujeito e a estrutura, que abriga o que há nas relações deste com o mundo, para qual o sujeito orienta sua intencionalidade.

Assim, temos novas questões inquisidoras, mas do “bem”: o que resta para o sujeito, ou o que lhe é possível fazer? Ou seja, é possível alguma instância para a manifestação de uma verdadeira capacidade de deliberação humana, efetivamente?

5. As possibilidades, as vulnerabilidades, a realidade, os cínicos

Ser livre para agir requer, então, e em síntese, ter opções elegíveis para si, pois se há uma única opção, não há como exercer uma liberdade a contento. Agir ou não agir não é a questão, mas sim a pluralidade das opções para se agir sobre uma delas. E tudo isto se dá dentro das dimensões do espaço e do tempo acessíveis e constituídas e aceitas como as das opções possíveis, pois não se podem ter opções, mas estas serem futuras, ou distantes, ou condicionais. Devem ser opções viáveis e imediatas. E, além disso, a plena capacidade de deliberar sobre estas, ou pelas melhores ou pelas mais convenientes delas, e tomá-las para si como escolhidas, a partir de seus melhores juízos. Seria isto, assim considerado, supostamente uma boa escolha, uma boa deliberação, com base na liberdade.

Ainda que este conceito possa ser combatido por alguns pensadores, não é difícil considerar que escolher uma ou outra opção significa renunciar às demais, no momento da escolha. Independente dos critérios nos quais se fundamentará a escolha, sempre será preciso refutar todas as demais, pois estas são colocadas, pelos juízos, em uma escala de valores. Os valores mais baixos, são desprezados, ainda que possíveis e lícitos. Seja pela liberdade da ação ou até mesmo por uma imposição exterior, se estiver em um ambiente determinante, escolher algo resulta inexoravelmente em eliminar opções.

Se quanto maior for a quantidade de opções maior será a liberdade de escolha, também acarretará numa maior renúncia. O mais livre é também mais refutador, e talvez isto justifique a correlação do conceito do desapego com o da liberdade, muito comum nas Filosofias Orientais.

Quem defende o determinismo defende que a suposta escolha da pessoa é ilusória, pois não há opções verdadeiras ou acessíveis a esta, ou ela, invariavelmente sempre escolherá o que está determinado por outros fatores não meramente racionais, antecipadamente, de forma declarada ou não, que dará uma previsibilidade total às suas ações. Assim, algumas das causas apontadas para os defensores deste determinismo poderiam ser as biológicas, orgânicas, sociais, circunstanciais, educacionais, cívicas, etc.

O filósofo brasileiro Clóvis de Barros Filho define bem o que é o determinismo a nível biológico e comportamental, ao dizer que o sapo “*sapeia*”, o gato “*gateia*” e o cachorro “*cachorreia*”, visto que a racionalidade existe nos animais, mas não suficiente para ultrapassar a cadeia de acontecimentos que dão a eles comportamentos extremamente previsíveis, num nível de condicionamento que nos faz perceber este determinismo a tais níveis com pouca racionalidade. Talvez, assim, o humano seja igual, mas a um nível mais sutil, ou menos perceptível. É uma hipótese.

Há também o determinismo divino do filósofo holandês Baruch Espinoza, a partir de sua brilhante conceituação de causa imanente, em que a causa está no efeito, e o efeito está na causa, a contrariar as teorias causais de Aristóteles, que coloca uma causa final, transcendental, como responsável última dos acontecimentos. Assim, Espinoza constrói uma teoria racionalmente consistente acerca da imanência, em detrimento da transcendência do Uno⁹ neoplatônico e da transcendência do Demiurgo¹⁰ platônico, ao defender que o homem está em tudo, e este tudo está em deus, que tanto afeta quanto é afetado. E, dentro deste contexto, não haveria para o homem a liberdade, mas sim um estar dentro de algo maior do que ele, mas não superior, e sim integrador de tudo.

Quem defende o livre arbítrio defende que a pessoa tenha sempre o poder exclusivo de deliberar apenas segundo os seus próprios desígnios, e apenas desta forma. No livre-arbítrio radical e ativo, todas as ações são deliberadas, sem exceção, e de única responsabilidade de quem as executa. Na modalidade passiva, menos radical e latente, é possível que a pessoa, ainda que execute algumas ações que lhe sejam determinadas por uma instância exterior, ou superior, continuará a ter consigo capacidades suficientes para não as fazer, se assim desejar. E este é um campo minado, em especial nas

⁹ «Plotino ensinou que existe um ser supremo, totalmente transcendente o "Uno"; além de todas as categorias do Ser e Não-ser. Seu Uno "não pode ser qualquer coisa existente", nem é simplesmente a soma de todas as coisas [comparado a doutrina dos estoicos da descrença na não-existência material], mas "é antes de tudo existente". Plotino identificou o Uno com o conceito de 'Bom' e o princípio da "Beleza". O Uno engloba o pensador e o objeto. Até mesmo a inteligência autocontemplante (a *noesis* do *nous*) deve conter dualidade. "*Depois de ter chegado no 'Bem', não adicione nenhum pensamento a mais: em qualquer adição, e em proporção daquela adição, você adiciona uma deficiência.*". Plotino nega a sciência, consciência de si-ou qualquer outra ação (*ergon*) para o Uno». Poderá saber mais em https://pt.wikipedia.org/wiki/Plotino#O_Uno, de onde foi retirado este trecho, em 17/09/2022. Há também uma conceituação mais formal a partir da página 368 de: Reale, Giovanni. História da Filosofia. Volume I. São Paulo: Paulus. 2003.

¹⁰ «O uso filosófico e o substantivo próprio derivam do diálogo Timeu escrito por Platão em 360 a.C., a causa do universo, de acordo com a exigência de que tudo que sofre transformação ou geração (*genesis*) sofre-a em virtude de uma causa. Diferente do deus cristão, o demiurgo não cria *ex-nihilo*, mas a partir de um estado preexistente de caos, tentando fazer seu produto assemelhar-se ao modelo eterno das Formas, assim a atividade do demiurgo compreende observar as Formas, desejar que tudo seja o melhor ou mais similar possível ao modelo eterno e perfeito.». Poderá saber mais em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Demiurgo>, de onde foi retirado este trecho, em 17/09/2022. Há também uma conceituação mais formal a partir da página 137 de: Reale, 2003, *ibidem*.

questões cívico-hierárquicas e de responsabilizações jurídicas como, por exemplo, nos crimes de guerra cometidos por quem estava convicto de apenas cumprir ordens.

Há ainda o compatibilismo, que mescla o determinismo com o livre-arbítrio, com uma “relatividade” para cada escolha que se faz, a assumir que certas deliberações serão mesmo determinadas, e assim o livre-arbítrio não será exequível. Relatividade é um termo mais conhecido, mais usual, que antagoniza com a universalidade. Pois enquanto a universalidade se aplica a tudo o que há, a relatividade pressupõe que a aplicação seja apenas ao que se está a referir. Nem um, nem outro, portanto, são lá muito assertivos. O melhor termo para superar este problema criado pela linguagem, já apontado por Nietzsche, é o perspectivismo. Pois, nem é algo meramente relativo, vazio e individual, tampouco universal, mas contempla algum grau de universalidade (portanto, sem uma universalidade em si) e algum grau de relatividade, sem ser totalmente relativo. O perspectivismo considera sempre um contexto, um conjunto de condições e situações que são relevantes para o conjunto considerado. Por isso, os sentidos dos termos que utilizarei serão sempre estes: uma universalidade convencional, mas em perspectiva, ou uma relatividade conceitual, também em perspectiva, ou apenas a própria perspectiva.

Mas, em todas estas, há algo sempre em comum, sempre presente, que são as opções, sejam verdadeiras ou não, acessíveis ou não, lá estão. É justamente por existirem as opções que são provocadas as discussões acerca da atitude deliberativa. E por isso, pela própria consciência de que há sempre várias opções, assume-se que exista uma relação estabelecida, tal como conceituada por Husserl, entre o sujeito e todas estas opções, com conteúdos mentais que cada sujeito intenciona a cada uma destas opções, conforme seus próprios critérios, juízos, valores e experiências.

Opções são, portanto, uma certa criação da própria razão humana a nível ontológico, a partir de seus próprios critérios. Eis o nó estabelecido. E, com estas opções, emerge a possibilidade de se escolher algumas delas, seja a deliberação ilusória ou não. São, afinal, as possibilidades que se mostram ao sujeito pelas próprias opções, também possibilidades, e com as quais expressam os meios como este se relaciona com o mundo, em conteúdos e intencionalidades. Todas as opções fazem parte do sujeito. Eliminá-las, renunciar a uma ou algumas delas passa a ser, assim, o mesmo que eliminar parte de si. E esta eliminação é transpor o que está nas dimensões oníricas das possibilidades para as dimensões das inconvenientes e desconfortáveis impossibilidades.

E, assim, para os que estão a progredir na estrutura, reduzir, ou terem a sensação de que estão a serem reduzidas as opções existentes, para os seus

exercícios de escolha, poderá significar ter menos liberdade sobre suas próprias preferências, gostos e necessidades sentimentais – juízos e emoções.

Mas também, podem argumentar os mais pragmáticos, se existirem menos opções terão menos a renunciarem, a partir da menor quantidade de possibilidades que sobrar para se escolherem e, por isso, terá menos desconforto. E, por tal motivo, pode ser que seja por isso que faz parecer ser mais fácil uma vida no topo, ainda que mais restrita. E isto não é uma grande ilusão. Pois escolher é um processo extremamente desgastante. E, enquanto mais no topo se está, e menos opções tiver, a vida poderá parecer mesmo ser muito mais fácil, menos desgastante e, portanto, mais tranquila. Talvez tudo será feito exatamente pelo que a posição ocupada estabeleça como previsível e desejado para fazer valer a racionalidade histórica *hegeliana*. O problema, está, então, no nível de apego que existe em relação às possibilidades.

Não se deve esquecer, portanto, que ter a consciência sobre algo é suficiente para que haja a intencionalidade acerca deste algo. Ter a consciência da existência, das possibilidades, não requer que a coisa exista. Assim, alguém que esteja no topo, poderá não ter mais algumas opções para si sobre algo, mas saberá que este algo existe, pois carrega consigo esta consciência e também a própria consciência acerca da privação deste algo, o que não pode ser tão confortável assim para quem julga ter condições de possuir tudo o que desejar. As complexidades humanas, afinal.

Mas, pensemos nesta suposta vida dos que estejam alocados no topo. Quando se precisa agir, ainda que sob a tutela da astúcia da razão, o que ainda propicia uma suposta sensação de liberdade, mesmo assim pode-se sempre contratar quem decidirá por si, que é um “*personal professional deliberator*”, alguém capacitado para escolher para alguém que não quer ter este esforço deliberativo. E supostamente, assim, o número de decisões do abastado sujeito que não quer mais decidir cairá, tanto mais se esteja no topo ou próximo a ele. A estrutura a sua volta, pelas ações dos subordinados ou empregados, tratará da maioria dos assuntos cotidianos que lhe dizem respeito, e pouco sobrar para decidir ou escolher, como se tudo viesse automaticamente ao seu encontro. A vida no topo parece correr de forma que supostamente terá todo o tempo do mundo, ao que parece, sem as rotineiras e desgastantes decisões que todos os simples mortais precisarão tomar. Mas, os decisores profissionais, ainda assim, estarão na instância de deliberarem.

O estatuto de deliberar pode, então, mudar de mãos, mas não se extingue, todavia. Ainda que as escolhas não sejam feitas pelo sujeito, ele tem consciência de todas elas, e são deles as consequências, as resultantes. Ele escolheu não escolher, mas nunca poderá escolher não agir, pois, se nega uma deliberação que feita para si, já está a renunciar sua escolha anterior, de não escolher diretamente, ou não escolher nada mais, ao mudar de atitude e deliberar a favor de outras escolhas, que sempre estiveram consigo, e sempre

estarão, pois não há como fugir delas. E isto pode ser considerado como ilusão, portanto, pois o sujeito sempre estará a lidar com suas possibilidades, obrigatoriamente. A vida “fácil”, sem escolhas, é uma ilusão trabalhada à perfeição pelas obras literárias e teledramaturgias.

A facilidade da vida, no imaginário popular, passa a ser considerada como proporcional à ociosidade, que resulta da menor complexidade de se deliberar sobre questões diversas. Pois escolher é sempre correlacionado aos desejos, ao que se quer. E, como se sabe, este é um campo minado e complexo de se lidar. Por isso, a felicidade suprema pode ser interpretada como o não mais desejar nada, ou não mais deliberar sobre nada, pois será assim quando tudo se tem ou quando nada mais lhe faz falta. Foi exatamente assim que os Cínicos da antiguidade buscaram como sua melhor forma de viver a vida, ao virarem as costas para todas as formas organizadas de estruturas que os levassem a ocupar posições deliberativas.

Ser feliz, para os Cínicos antigos, seria o não ter mais uma pulsão descontrolada para agir, para se movimentar incessantemente pela busca de possibilidade e isto resultava estar em puro ócio, no puro estado mental de vazio absoluto de obrigações, tal qual muitos gurus da nova era buscam provar que seja possível alcançar um estado elevado de consciência através das meditações ou das práticas quânticas da enésima dimensão, quando propõem uma jornada mental rumo, apenas, ao mundo interior e com uma completa desconexão das ilusões da vida, e tudo isso apenas por alguns módicos minutos do dia, e tudo muito detalhado em seus cursos *online* ou *podcasts*. É o antigo sonho coletivo dos clássicos numa releitura zen-neoliberal.

O mundo contemporâneo é uma cópia platônica malfeita do passado, em muitas questões. E tais analogias serão sempre nossos recursos para percebermos o quão insano são nossos tempos, pois só assim poderemos emergir para um estado melhor, do retorno à vida dos Cínicos, do passado, em um Neocinismo que buscaremos conceituar, passo a passo, sem que precisemos virar mendigos, mesmo que alguns nesta situação estejam a virar celebridades, na contramão do passado.

Todas estas personagens que estudaremos aqui, dentre eles os filósofos Cínicos, os modernos gurus e os sobre-humanos coaches, estão mesmo a lidarem, ainda que de formas diferentes e até inusitadas, com uma mesma coisa: a relação entre os sujeitos e suas possibilidades. Não há nada para além disso. A vida, basicamente, consiste nisso.

Mais uma vez, Slavoj Žižek possui uma posição crítica aos Cínicos (talvez, nem sejam ao Cínicos, mas sim aos cínicos, enfim), em que acusa estes como se estivessem muito seguros do que sabem, ao ponto de não perceberem que o que dizem saber seja mesmo uma das ilusões que estão a combater. A questão, em relação aos Cínicos ou cínicos, e que construirei

aqui é justamente esta: não há como fugir das ilusões, com assertividade. Não há quem esteja fora de, pelo menos, uma ilusão. E isto é sobre o perspectivismo que foi conceituado, no quantum de universalidade que há que se considerar. Mas uma universalidade que não é singular, mas sim plural. São muitas delas, e todas em perspectiva.

A melhor postura Cínica é quando se discursa sobre algo, argumentativamente, em termos que vão à exaustão conceitual, dentro de todos os recursos possíveis, mas, ao final do seu discurso, quando todos estão convencidos de sua argumentação, como se estivessem, enfim, em contato com a verdade última das coisas, e o filósofo é aplaudido efusivamente, de pé, por longos minutos, com brados e flores jogadas a seus pés, numa comoção generalizada e, após todos cessarem os aplausos, este se volta novamente à fala, antes de deixar o palco, e diz à plateia que ainda o aplaude, depois de pedir silêncio, na mesma “voz confidencial e discreta” como foi descrita por Žižek que, por vezes, em seus discursos, ele filosoficamente mente um pouco, mas só um “pouquinho”.

Pois o verdadeiro Cínico não quer mesmo convencer ninguém, quer é que todos tenham em si todo o discernimento que ele julga ter e a dúvida, assim, é algo sempre desejável. O argumento bom é aquele contrário, que não leva a nenhuma certeza, mas sim a uma maior capacidade intelectual. Se o cético não acredita ser possível alcançar a verdade, e o sofista não acredita que exista a verdade, o neocínico acredita que os dois, tanto o cético quanto o sofista, podem estar certos conforme a perspectiva em que estejam, assim como também todos os outros que discordam destes, e possuem suas teorias acerca da verdade.

Para o Cínico, as frases precisam estar vazias, para que haja o perspectivismo desejado. Frases perfeitas são formas funcionais sem conteúdos tidos como verdades absolutas presas a elas. Há que se perceber bem que a ingenuidade, se definida como credulidade excessiva, por vezes, é algo mais aceitável do que a presunção pela apreensão de alguma credulidade absoluta e irrefutável que, mais cedo ou tarde, acabará por cair à terra. O ingênuo é caracterizado por ter uma credulidade excessiva em algo. Um Cínico, verdadeiramente Cínico, assim, não poderia ser ingênuo, pois não se apega a nada, pelo contrário, é um desapegado por definição. Há uma inconsistência conceitual na crítica de Žižek ao atribuir ingenuidade aos Cínicos, visto que todos, exceto os Cínicos, estão atrelados a seus papéis na estrutura.

Há muitas histórias sobre os filósofos Cínicos do passado, mas de onde vem o Cinismo?

Sócrates foi, sem dúvida, o marco da Filosofia, o que a divide entre antes e depois dele. Ao aceitar passivamente sua pena de morte por envenenamento e, assim, pelas suas ações, a inspirar os pilares do que consideramos ser a

Ética, teve em seus discípulos o seu maior legado, pois, se antes os desafetos políticos teriam de lidar apenas com ele, Sócrates, depois de sua morte seriam seis os discípulos que estariam efusivamente a falar por ele. Platão foi o mais famoso, obviamente, mas todos os outros cinco vieram a fundar escolas filosóficas.

Depois de Platão, o mais relevante foi Antístenes, que veio a fundar o Cinismo. Sócrates, assim como Antístenes, tinham uma coisa em comum: não davam nenhum valor às escritas, pois desprezavam o valor de tudo o que não fosse uma filosofia prática, verbal, feita no devir, argumentativa, em que a verdade emergia tal como um parto, pela maiêutica, a elaborar questões que levariam o interlocutor a duvidar de suas próprias certezas para, assim, atingir um conhecimento mais próximo do que seja a verdade, se não ela própria. Mas, ainda assim, existem diversas obras que foram atribuídas a Antístenes, mas que se perderam no tempo, em sua maioria.

Seria o trabalho de Platão tão rico e valioso se Sócrates tivesse se dado ao trabalho de escrever seus próprios pensamentos? E o que seria se os trabalhos escritos de Antístenes tivessem sido poupados e chegados até os dias atuais, tais como os de Platão? Algo que nunca saberemos, mas a questão é tentadora, para alguém de toda a magnitude e relevância de Platão, que é incontestável. À época, havia uma predileção pela oralidade, em relação à escrita. Platão, inclusive, dividia-se entre as duas e foi assim que passou a dar relevância à escrita, felizmente, que nos possibilitou seu imenso legado. Outra questão, seria se Platão tivesse escrito tudo sobre sua Filosofia verbalizada, o quanto mais não teríamos hoje. Eis o paradoxo da oralidade: é tão mais excelente pela qualidade quanto mais efêmera.

Mas o que sabemos que tanto Sócrates quanto Antístenes e seus discípulos Cínicos davam imenso valor a uma filosofia prática, funcional e aplicada às questões reais e verdadeiras da vida, que dela surtisses ferramentas para lidar com os problemas que é o viver, tal como o que ocorreu com Sócrates, por exemplo. O Cinismo, aliás, é tido por muitos como o “pai” do que veio a ser conhecido como o Estoicismo, que atualmente é a mais “queridinha” escola filosófica, ao menos para os mais afins com o neoliberalismo, embora muitos não desconfiem desta velada dupla condição.

Por isso, o conceituado historiador da Filosofia, Giovanni Reale, destaca que *«Antístenes destacou sobretudo a extraordinária capacidade prático-moral de Sócrates, como a capacidade de bastar-se a si mesmo, a capacidade de autodomínio, a força de ânimo, a capacidade de suportar o cansaço. Limitou ao mínimo indispensável os aspetos doutrinários, opondo-*

se duramente ao desenvolvimento lógico-metafísico que Platão imprimira ao Socratismo»¹¹.

Há um reducionismo natural em toda a filosofia Cínica, em que o conhecimento é colocado sempre em perspectiva, onde tudo é explicado a partir de analogia para que, assim, seja explicado um determinado contexto em que o conhecimento se dá, a partir de um nome que cada coisa particular possui, e nada mais além disso. As coisas complexas são explicadas pelas composições das coisas simples. Sempre, como dito, em perspectiva. Não agrada aos crédulos que acreditam na precisão conceitual e na exatidão da verdade que pode ser atingida. Mas, como Cínico, digo que eles estão certos, ainda que sob a perspectiva deles, embora tanto eles, quanto eu, poderemos mentir um pouco, às vezes, mas só um “pouquinho”.

O Cinismo foi um movimento, antes de tudo, de anticultura. E a cultura, naquele tempo, era a investigação teórica e abstrata, do estabelecimento de conceitos, de estabelecer modelos sobre o conhecimento e sobre o mundo. Os Cínicos queriam algo essencialmente pragmático. O mais famoso dos Cínicos foi mesmo Diógenes de Sinope, que diziam viver em um barril e nada possuir, e era este o seu marco anticulturalista, de negar todas as convenções sociais e reduzir suas posses ao mínimo possível. Foi o primeiro minimalista da história, e o precursor dos movimentos da contracultura, assim reconhecidos nos anos 60, como por exemplo os dos hippies. Para Diógenes, a liberdade para agir e se expressar era o maior bem, além da liberdade de tudo o que pode prender alguém a uma estrutura, que é fortemente negado por ele.

Mas, há que se considerar que uma vida fora da estrutura é difícil, árida e complexa. Além de arriscada e com quase nenhum prazer. O Neocinismo propõe uma vida na estrutura, mas com consciência, lucidez e capacidades de ter, sempre, as saídas todas disponíveis. O que o Neocinismo propõe é o mesmo que queria Diógenes, que saía com uma lanterna acesa, à luz do dia a procurar o “homem”. O que ele queria era destacar que ninguém mais poderia ser, ali, humano, pois deixara de viver de acordo com sua essência. Era a distância antropológica que ele já estava a verificar, entre o modo de ser, em essência, e o modo de existir, em determinada posição na estrutura. Para o Neocinismo, a consciência acerca destes estados é benéfica e desejável, dado que o “homem” já não o temos mais, desde há muito. Uma batalha que já foi dada como perdida.

Pois há estes papéis a serem cumpridos, obrigatoriamente, na estrutura da vida organizada em que estamos todos inseridos, mais ou menos. E tais papéis têm pouquíssimas situações negociáveis sobre a liberdade acerca das

¹¹ Reale, Giovanni. História da Filosofia. Volume I. São Paulo: Paulus. 2003, pg. 106.

decisões que deverão ser tomadas. Seria mesmo como se o tal espírito absoluto *hegeliano* estivesse a comandar o jogo (e o que não está descartado, de todo, em dadas perspectivas), e que exercer este papel passa a ser tão mais fácil quanto mais se puder abrir mão da astúcia da razão, deixar de resistir e aceitar ficar totalmente em conformidade com o que se espera de si, sem questionar, talvez inutilmente, o que lhe é dado para fazer, e assim, concordar com tudo sem nada discordar. Muitos fazem exatamente assim e se dizem felizes e realizados, no topo do mundo!

O prêmio destes é curtir a vida, fora das obrigações, e deixar a vida correr, sem pensar muito no que se está a fazer. Isto, aliás, é o que a filósofa alemão-norte-americana Hannah Arendt definiu como o abrir mão da própria racionalidade, a defender que há uma instância de livre-arbítrio que é exercida voluntariamente ao se abrir mão da própria racionalidade e, assim, há a responsabilidade pelos atos, de uma forma ou de outra.

Os nazistas, segundo Arendt, fizeram mesmo isso, enquanto estavam a cumprir o que lhes disseram para fazer, sem se importarem sobre o que estavam mesmo a fazerem. O Nazismo, assim, seria a estrutura a determinar que os sujeitos inseridos nela agissem conforme as determinações de suas funções. Deu no que deu. Mas, para Hegel, seria mesmo para ser assim, e pouco importaria a desobediência civil que Arendt propôs.

Se fossem os dois filósofos contemporâneos, a discussão seria memorável, como ocorreu, entre Arendt, os seguidores *hegelianos*, e também os judeus aterrorizados e revoltados com as declarações dela e a massa popular intelectualmente bem nutrida pela *The New Yorker Magazine*, onde seus artigos foram publicados. Foi muito polêmico, e ainda é, pois, a discussão não é apenas sobre o Nazismo, mas sobre nossa própria capacidade de sermos o que pensamos ser, ou não. Esta é a verdadeira questão.

Para alguns, todavia, viver assim, como uma máquina ou uma peça, *hegelianamente*, passa a ser um absurdo indesejável e atenta contra seus interesses (ou sonhos, ou delírios) de ter consigo o controle absoluto de sua própria vida, como se fosse mesmo possível que isto pudesse ocorrer. Talvez a vida possa ser mesmo assim, para alguns, ao menos para os não casados, mas isto apenas durante um breve momento da vida, antes de adentrarem totalmente na fase adulta e com o ônus das responsabilidades que todos precisarão assumir, em dado momento. Sempre é o que se “espera” de cada um.

Para outros, viver totalmente determinado seria um sonho perfeito, muito desejado, por exemplo, para os neonazistas saudosos dos tempos que nunca viveram, mas que consideram o passado como a paz absoluta no paraíso dos supremacistas. Sim, o que estes neonazistas buscam é mesmo isso, e é o que todos buscam: possibilidades. Mas, ainda assim, de formas diferentes, e bastantes distintas, por sinal.

Os neonazistas não querem, como os nazistas não quiseram também, obviamente, apenas ascender na estrutura, mas sim quiseram rebaixar, ou extinguir os que consideraram (ou consideram) não estar de acordo com seus níveis distorcidos de valor, e que por isso acreditam que devem ser expurgados da estrutura, ou da vida. E foi isso que fizeram, num dos mais tristes e reprováveis eventos históricos que podemos considerar. E que não foi o único assim, pois tiveram outros, em inúmeros genocídios da história da suposta humanidade.

Pensam, assim também, os xenófobos, racistas, misóginos, homofóbicos, os fundamentalistas religiosos, os desportivos torcedores radicais e tantos outros grupos interessantes e atraentes para os muitos que desejam mais da vida e desejam atingir o topo sem, contudo, precisarem dar mais de si, ou mesmo por perceberem que lá, bem lá no fundo, não poderiam competir em pé de igualdade com os que desejam eliminar, se estivessem em iguais condições de competitividade, pois se percebem menos capazes do que os que odeiam. E isto passa a ser amplificado mentalmente pelas suas próprias frustrações, e geram pulsões por ações destrutivas que são direcionadas aos “oponentes”, que elegeram como alvo de suas próprias agruras. Querem, como todos, as possibilidades – e quase tudo se resumirá a elas, afinal.

Entender estes grupos é perceber que querem o topo sem o ônus do esforço, mas sim por rebaixarem a todos os demais, ou extinguirem as ameaças competitivas. São covardes e com um imenso complexo coletivo de inferioridade. O que seria de Hitler sem o sentimento de inferioridade germânico depois do fiasco da Primeira Guerra? O que seria o sentimento de todos os movimentos políticos extremistas sem tal percepção de inferioridade? É uma questão, sempre, de perspectiva social de grupos atraídos pelos seus piores medos. O covarde é sempre um medroso, ao ponto de defender a posse de armas, as penas capitais e todo o tipo de agressão e segregação.

Por esta e outras razões, pode ser que, inconscientemente, haja o significado de que, a cada vez que se ascenda na estrutura, haverá uma vida mais fácil, por ter menos ameaças, menos medos. Medos vêm do que é ignorado, do desconhecido, das surpresas que podem ser ruins, e quanto maior for a dimensão spatiotemporal das possibilidades, melhor para o sujeito. Mas, para cada possibilidade, há ao menos uma ameaça oculta para esta, que é a própria não realização, que é uma forma mascarada da impossibilidade. Por isso, subir na estrutura não é “barato”, é preciso pagar o preço para se estar no topo. Mas passa a ser uma ideia confortável, pela maximização das possibilidades e minimização das ameaças, mesmo que tudo seja ilusão.

Qual a chance, por exemplo, de o presidente dos Estados Unidos da América, ou da Rússia, sair a qualquer momento para tomar uma cerveja em um bar qualquer, conversar com estranhos e confraternizar ao assistirem

jogos esportivos, sem uma imensa estrutura de segurança e aparatos que tiraria todo o prazer que a experiência espontânea e livre deveria proporcionar?

No primeiro ano de seu governo, um Vladimir Putin ainda inseguro concedeu uma entrevista que reclamava justamente disto, do prazer de ser um desconhecido e poder fazer tudo o que lhe calhasse fazer, inclusive tomar uma cerveja anonimamente em um bar qualquer. São possibilidades que deixaram de existir, para ele. Mas ele sabe que são opções, pois tem consciência delas. Ou, se passar a considerá-las existentes, terão elas uma infinidade de ameaças atreladas. A “conta” não fecha, e sempre será ameaça.

Outras possibilidades, contudo, estão a se materializar, pelas suas mãos, talvez bem na linha *hegeliana*, ou não, a ser ele próprio a manifestação da antítese contemporânea, ao menos para as nações ocidentais presentes na OTAN, pelo caminho que ele trilhou para ocupar a posição em que foi possível colocar a Rússia onde está, atualmente. A história, no futuro, dirá com exatidão acerca dos factos, mas conforme quem estiver a contá-la, todavia. E é também por esta possibilidade, de ter a primazia para contar a história que desejar, que é pertinente somente aos “vencedores”, que faz com que as nações se movimentem, afinal, sejam para conquistarem novos mercados, sejam para tomarem-nos à força. Tudo, ao final, cnicamente, a despeito de Žižek, se reduz em sexo, dinheiro e poder. Ou tudo junto, em uma pretensão de criar regras comportamentais geopolíticas na orgia dos mercados globais, através do embate do neoliberalismo ainda vigente e um novo capitalismo que está a emergir como arma letal e é uma grande aposta das nações orientais: o capitalismo de estado, em que as organizações políticas perceberam bem que o poder é maior para os que tem o capital, e não apenas as ogivas.

Tudo o que há na dança geopolítica das nações, ao final, para além das possibilidades, são pelos mercados. E não é ingênuo pensar assim. A riqueza é uma das materializações das possibilidades. Quando materializada a riqueza, busca-se o poder, outra das materializações. São muitas, infinitas, como podemos perceber, atualmente, pelos passos que grandes nações que estão a se consolidar, como a China esteve e está a fazer.

Enquanto isso, ao nível individual, a hesitação do sujeito emerge na aproximação deste com o intransponível ponto de tangência que há entre a estrutura e a impossibilidade, a gritar «é uma cilada», pois, ainda que se perceba que tudo será mais fácil no topo, haverá também menos opções verdadeiramente disponíveis – e com isso lá também estarão menos possibilidades para se orientar por elas. E hesita em prosseguir, pois não percebe nada do que é, do que está a fazer e nem sobre do que precisa.

É a consciência adquirida de que precisará abrir mão de parte de si, de prescindir de sua própria história por permitir que esta seja absorvida pelo

suposto tal espírito (já em um sentido mais abrangente, sem ser necessariamente qualificado como racional, ou *hegeliano*, a partir daqui, dado nossa intimidade adquirida com o “espírito”) que dirige a tudo e a todos, e é a máxima autoridade que anula possibilidades, que escolhe pelo sujeito, deixando-o sem opção ou que restrinja suas escolhas. E, como consequência, a deixar o sujeito com uma parte maior de si ainda mais sufocada, a desfazer sua própria individualidade.

Mas a maioria pensa «isto é o preço que a se pagar pelo sucesso», enquanto uma minoria acredita que seja o momento certo para se sair da estrutura, como os Cínicos do passado. Os Neocínicos da atualidade, nada ingênuos, buscam abrir mão do excesso estrutural e ganhar consciência sobre o que há nestas relações que continuarão a existir, entre eles e a estrutura, por diversas razões e formas para fazê-lo, mas sempre a desejarem manter a maior parte de si o mais íntegra possível, o que também não é barato, nem fácil, mas necessário, ou nem mesmo possível, por vezes. As ilusões podem sempre ocorrer, e geralmente sempre ocorrerão, e não é preciso temê-las.

Aparentemente, para aquele que quer subir ainda mais, como um foguete, na estrutura, quando estiver em sua nova posição vitoriosa, em nome da excelência e da produtividade, para ser ainda melhor, terá que “decidir” sobre mais e mais coisas, em quantidade, e sempre com preocupação de atingir uma maior eficiência, em qualidade, que não significa que esta qualidade seja decidir melhor, pois isto já está determinado, mas sim uma qualidade de fazê-lo em menor tempo, com velocidades e eficiências cada vez maiores.

E, como as opções para cada uma destas decisões serão bem menores, e muito mais previsíveis, tudo se reduzirá, progressivamente, até atingir uma simplicidade reducionista extrema acerca do que está a fazer ali. Certamente você já deve ter tido uma impressão de alguém, que esteja mais ao topo, que parece nada saber sobre o que está a fazer ou nada fazer sobre o que deveria saber, e se questionou «como fulano chegou onde chegou?» ou «como fulano ainda consegue se manter no topo?». Pois é.

Como se, no extremo das conquistas, no topo dos topos, fosse a vida constituída como uma mera deliberação, ainda aparente e ilusória, entre apenas duas escolhas: ou sim ou não. Como se, a cada passo, estivesse a se transformar em mais um recurso integrado do sistema, ou do espírito diretor, como um funcional decisor binário, em papel semelhante ao trabalho de um processador, que interpreta apenas um sim, na qual a corrente elétrica passa adiante, o equivalente à fluidez de uma decisão positiva, ou de um não, onde estarão os bloqueios das possibilidades rejeitadas, em que nada passa.

Para os crentes em deus, a própria dimensão divina é uma projeção deste topo dos topos, onde este deus funcionalmente está orientado para dizer sim para tudo o que se pede ou avalizar tudo o que se faz, a partir da perspectiva do crente, que assume que a deliberação sempre será a seu favor, ou a favor

dos seus protegidos e, obviamente, contra seus inimigos, como se fosse o crente a própria estrutura criadora, o verdadeiro espírito diretor, e deus passa a ser o agente outorgado a ocupar uma posição com o objetivo de dizer sempre sim aos petítórios feitos. Tal e qual, a perspectiva é apenas sobre os verdadeiros criadores e as suas criaturas funcionais que passam a serem dirigidos.

Sim ou não: apenas estas duas decisões possíveis, sem chances nem sequer para um talvez, nem ao menos ocasionalmente. Surgirá, provavelmente, do progresso da estrutura o surgimento do *homo algorithmus*, oriundo do processo do reducionismo que terá imensa corroboração dos avanços tecnológicos, principalmente da inteligência artificial, que sempre deixará uma suposta margem para o humano pensar que é ele quem está a decidir sobre sua própria vida, enquanto está a ser manipulado pelas suas próprias crenças e desejos, em processo similar a uma hipnose.

Sim ou não: eis as únicas escolhas prováveis para um futuro que não está tão distante assim. Mas, nada é tão ruim que não possa piorar ainda mais. Pois pode ser mesmo ainda pior e mais radical, ao supor que poderá existir outro cenário resultante ainda mais restritivo, mas até mesmo mais real, quando só se restará uma das opções, que será sempre o “sim”, como atribuir sempre este sim para tudo o que virá, sem nada poder negar ou nem resistir, nem mesmo mais ter ou querer a ilusória liberdade dada pela astúcia do espírito diretor para apaziguar o ânimo da peça funcional que antes era o sujeito que pensava ser um agente autónomo de deliberação, em seus dias felizes.

No limite, ao se perceber na mais completa absorção da individualidade que algum dia pensou ter, totalmente absorvido por um ente maior, externo, perceberá que deixou completamente de ser um sujeito – quando estará a dizer sim para tudo, até para a própria situação. Saberá que passou a ser um mero objeto da estrutura, inerte, que não reconhece nada de si naquilo que se tornou um membro de um rebanho, um eficiente objeto funcional inserido e dirigido por uma estrutura dominante. Ou, ainda, nem se perceberá parte de nada, mas o próprio todo, quando a própria consciência se transforma, pela sua dissolução, no todo, sem se diferenciar de mais nada entre sua essência e a estrutura que se tornou. Tudo é possível, a cada perspectiva dada.

Se algo assim lhe parece ser o verdadeiro inferno, não duvide de si. Mas é isto que é vendido como o melhor dos mundos por muitas das religiões e “filosofias” como o ápice da vida, que consiste na dissolução do eu, a partir de um ascetismo que afronta toda a intensidade de valor que só pode ser medido pela vontade de potência, que é a expressão corpórea do poder da própria vida, tal como Nietzsche buscou argumentar como todo ascetismo deveria ser indesejado, em sua genealogia da moral. Todos os simpatizantes

do *new age*, do *zen* politicamente correto, querem buscar esta forma de transcendência sem saber o que significa exatamente.

Esta integração do pós-sujeito ao todo é um objeto de desejo para a maioria, algo considerado *cool*, e não é incomum, ao menos para esta maioria desejante em não ter mais desejos, se submeter incondicionalmente às formas dominantes da ordem que existe, em nome de um imaginado “sucesso” transcendental. E é curiosamente esta mesma maioria corresponsável pela criação da estrutura para a qual se voluntariam viver em sacrifícios, e de sua manutenção, como veremos adiante. Criam seu próprio suplício, e o defende ferozmente enquanto se sacrificam por algo idealizado.

Esta maioria, apesar de ser ela própria a criadora de um nada substancial, nunca perde a sensação de que há algo desconhecido, completamente estranho, que sempre está logo ali, bem à sua frente, mas que é invisível, embora sempre presente, a aguardar por isto que ela está a fazer. É quando o nada substancial passa a ser sentido, percebido, mas apenas em pensamentos, em assombrações, a ditar uma nova ordem que passa a ser nutrida coletivamente. Mas a maioria não apenas aguarda esta nova ordem se manifestar, como também tem imensa atividade interpretativa deste nada, a resultar em decisões que a levará a agir, a se movimentar, mesmo que não saiba para onde o porquê. Mas se entrega incondicionalmente a isto: às possibilidades deste nada substancial. E passa a ser viciada nele, pela exacerbação dos próprios desejos que veem ganhar vida e legitimidade a partir da associação deste desejo não ser mais seu, mas sim do nada substancial, e isto passa a ocorrer até que se perceba mais sem domínio algum sobre suas próprias vontades, ao menos em relação às possibilidades. Já se encontra dominada pelo que não conhece, mas que foi fruto de sua própria criação. Cria-se um nada, dá a ale substância própria de si e, por fim, projeta sua vida neste nada. E o nada passa a reger tudo o que há. Intrigante, no mínimo, mas é assim mesmo.

Por isso que a hesitação do sujeito inserido nessa maioria criadora do nada que controla a tudo e a todos, tanto pode ser imediata, quase instantânea, como pode até ser tardia. Mas sempre acabará por ocorrer. E o que o faz o sujeito se manter na estrutura, sempre que possui um momento destes, é o que mais o convence a prosseguir quando “tudo” o levará a crer que seja ele próprio o único responsável por todas as suas ações. Pois o que vem de fora é também o que ele próprio projetou, como cocriador do nada substancial. Este “tudo” é esse algo invisível que ele já percebe a lhe orientar os passos, mas que ainda não sabe o que seja realmente, mas sente a intimidade substancial. E tampouco se questiona acerca disso, mantém-se em silêncio, obediente.

Pois, distraído, quando ousa se questionar, não encontra indícios de nada que contrarie isto, apenas suposições que parecem não fazer sentido, até por

que todos os que estão ao seu redor também nada manifestam sobre isso. E, quando manifestam, logo são diagnosticados com algumas anomalias patológicas, e encaminhados para tratamentos anestésicos. Ninguém quer ser tido como “insano”. O silêncio e a conformidade sempre são tidos como menos arriscados. Alguns, apenas interiorizam, e guardam tudo isso consigo a prosseguirem a vida de forma “normal” e “feliz” e, um dado dia, se veem deprimidos, ou atenta contra algo que lhe oprime, ou contra si mesmo, para “surpresa” de todos.

Mas o sujeito resignado e estruturado passa por cima das dúvidas, sem investigar nada, pois pensa ser absurdo que exista algo a lhe influenciar constantemente, ainda que sinta isso. Quando muito, logo imagina que seja um “problema espiritual” e segue para os locais místicos ou religiosos que tratam das coisas do além, com rituais e tudo o mais. As manifestações religiosas, ou não, que prezam pelas boas práticas e respeito pelo próximo são muito bem-intencionadas e oferecem um precioso consolo, um acolhimento que é tão útil a quem está desamparado, mas estas não vendem ilusões impossíveis de serem realizadas e sim acode com a melhor das intenções, mesmo que de forma ineficiente por não terem os recursos adequados. Não enganam ninguém para além de suas próprias crenças e experiências, e disseminam o que creem, dentro de suas limitações. E o sujeito, mesmo que confortado mais ainda assim aturdido com seus pensamentos e questões sem respostas, passa a acreditar que há opções mais “eficientes”. E partem dali em busca de um “santo” mais forte que lhe resolverá o conflito que possui com o mundo.

E daí acabará por cair uma outra forma de anestesia mais radical e extrema, e numa verdadeira arapuca em que não haja boas práticas, pois tais lugares sempre afirmam que podem tudo resolver, e são estas convicções e certezas dadas que acabam por “resolver” as dúvidas do “problemático”. O próprio sistema oferece a anestesia, e com a ampliação da certeza de que o “problemático” precisa muito mais do que o orar e o vigiar. E daí logo estará a sacrificar uns animais, ou raspar a cabeça e oferecer a alguma entidade, mudar hábitos, formas de vestimentas, etc., ou apenas a ficar por lá, a se confessar continuamente, entre uma hóstia e outra, e a se autoflagelar pelos pecados cometidos, a pagar penitências e, por que não, dar o dízimo, ou o que mais lhe for pedido em nome da ordem superior que está a lhe cuidar que, se fizer tal e qual lhe é mandado, tudo ficará sempre bem e estará protegido e livre, até ali. Prometem, diferentemente de outras manifestações, o que sabem bem que nunca poderão cumprir. Enganam os iludidos que não são de todo inocentes, com suas próprias ilusões, a oferecer mais escuridão a quem já está no escuro. Mas, orar para quem? Vigiar a quem? Novas questões sempre bem-vindas, mas nem todas podem ser feitas em certos lugares.

O verdadeiro religioso pode acreditar em coisas falsas, mas ele promete e age de acordo com suas próprias crenças. Não engana o outro, pois acredita igualmente no que diz. Dá até o que não possui, de boa-fé. Busca amar incondicionalmente, ao doar seu tempo caritativamente. Esta diferença é crucial. Mas o falso religioso é alguém que nem mesmo fé precisa ter, pois apenas exerce um papel de refletir o que o desesperado está a lhe pedir. E vende o que não possui, não acredita, e nem o que seja possível. E isto é enganar criminosamente, é não acolher nem esclarecer. Os verdadeiros acolhimentos religiosos, ainda que sob crenças discutíveis, são “anestésias sinceras”, feitas com as melhores das intenções, ainda que não necessariamente verdadeiras ou eficientes, mas que todos, mesmo os mais céticos e resistentes, já acabaram ou acabarão por precisar, em algum momento da vida, em especial aqueles mais duros.

E, tais lugares bem-intencionados, não são apenas anestésias, mas igualmente ambientes em que há um contato humano, um calor que acolhe e abriga aos que lá chegam em desespero e com estados extremados provocados pelas situações estruturais. Sempre, em perspectiva, não há apenas um lado “ruim”, pois há também o “bom”, e nunca de forma excludente. É preciso perceber, desde já, que as críticas aqui colocadas contra algumas das crenças populares ou instituições não são contra nada, especificamente, mas sim contra tudo, de forma mais ampla. A grande questão, o “x” do problema, é a universalidade que é considerada existir, a certeza de que algo seja apenas ou preto ou branco, sem desconsiderar todo o espectro de cores, visíveis ou não, que há entre os extremos, se é que existam extremos.

Afinal, para quem questiona a estrutura, há o argumento do hábil anestésista, bem ou mal-intencionado, do que aquilo que lhe está a acontecer seja algo “bom”, de melhoria de vida e conquistado por ele mesmo! No máximo com uma ajudinha dos “seres superiores”, que são sempre considerados do bem, sem nunca serem colocados em causa. Por que razão deveria suspeitar que não fosse assim mesmo? Pois é, “filho”, siga em frente. E o “filho” seguirá, pois é mesmo preciso seguir adiante. O que é preciso mesmo, em verdade, é saber onde é que dará este “adiante”, que nunca é declarado. Mas já sabemos: o seguir adiante é o mesmo que seguir rumo às possibilidades.

Há também outro problema que poderá derivar daí, desta desconfiança, do ego frágil do irracional humano, que todos acabam por manifestar, ainda que de forma mais ou menos evidente. Supor ter sido influenciado e “ajudado” por algo alheio a si tiraria ou colocaria sob suspeição o mérito de muitas outras coisas que já foram conquistadas na vida, e quebraria parte de sua autoafirmação, a incluir o amor próprio e as vaidades. Supor ter sido prejudicado por algo da mesma natureza, lhe conferiria um *status* de fraqueza, de inferioridade, a quebrar igualmente sua afirmação de força.

Alguns assumem que sim, pois gostam de serem vítimas de situações ruins. Mas, geralmente, ninguém quer admitir algo assim, para o “bem” ou para o “mal”, se ainda for dotado de uma necessidade de afirmação de ego, quase sempre presente em todos os que desejam ascender na estrutura.

E é desta forma que concluímos que o sujeito precisará sempre lidar com o que entende de si mesmo a se relacionar com o mundo, e perceber que a negação, ou a afirmação, de formas exteriores e influentes, tais como espíritos, amplificarão em si a dimensão de uma identidade fragilizada, e é justamente isso que o levará à negação ou à adesão de quaisquer hipóteses de forças externas. Muitos partem para a posição dúbia das crenças nos espíritos diretores tais quais se dizem os que “creem” em bruxas: “não creio em bruxas, mas que elas existem, existem”.

O primeiro passo e o mais difícil, portanto, é admitir a própria possibilidade de vulnerabilidade. Poucos o fazem. Eis, então, o menosprezo pela própria dimensão subjetiva, em detrimento ao culto a tudo o que seja objetivo, que parece aparentemente mais confortável e menos arriscado, com mais possibilidades, e com menos ameaças. Outras ilusões que precisam ser revisitadas.

E isto tudo passa, em algum momento, como se o tempo diluísse anestésicamente as angústias, abafadas até que se voltem a se manifestar, e a vida parece que passa a correr dentro de uma normalidade, para o sujeito, e prossegue sem nada que denuncie ou exija assumir sua condição de vulnerabilidade evidente frente às forças estruturais. Mas até que surjam outras fissuras, que inevitavelmente surgirão, mesmo que tardiamente, entre o que a sua imaginação passa a emitir como ideal de vida, ou necessidades intrínsecas para sua existência, e a própria realidade camuflada pela estrutura. Esta realidade, uma completa desconhecida, em algum momento é vislumbrada pelo distraído sujeito, através de uma falha na estrutura e se mostra, então, tal como ela é, verdadeiramente, sem as distorções, cores, brilhos e contrastes que lhe esconde, tal como um cenário que funciona bem apenas enquanto se está em certas zonas, preparado para isso, para entreter, representar e iludir.

Mas, na visão ocorrida pelas brechas existentes na estrutura, nada há para além de um deserto, de uma dimensão ainda inabitada e inexplorada, mas não é um deserto surgido da interação entre os que compõem, constroem e sustentam a estrutura, pois é vazio, inabitado, e apenas seu e logo, certamente, concluirá que por existir uma dimensão como esta, mesmo que inacessível, sempre esteve a viver em uma ilusão preparada para deixar distante da realidade. E então já terá passado do ponto de não-retorno, e sua vida nunca mais voltará a ser apenas uma ilusão, por mais que a deseje para si. Pois, as ilusões não são, necessariamente, experiências ruins, pelo

contrário, são sedutoras e reconfortantes, muitas das vezes, enquanto estão a durar. A desilusão é que acaba por ser um grande problema, sempre.

A realidade vai para além do cenário construído na estrutura, dos constituintes que operam funcionalmente a deixar a todos aderentes. Mas, pelas capacidades individuais, ou mesmo pelo acaso, há alguns poucos que conseguem perceber as fissuras, as brechas em que se pode permear dos limitados cenários, para a realidade que o contém. É uma habilidade que pode ser desenvolvida, mas em verdade poucos a deseja.

A agonia do contato com a realidade ocorre em três etapas, todas de impossibilidades. E, por serem impossibilidades, que não são admitidas existirem, logo são tratadas de serem abafadas, pelos que são mais sensíveis às dores. Por isso, são abundantes todas as formas de anestésias. E daí percebemos que o que ocorre não é algo tão raro assim, até pelo imenso mercado que há de anestésias, e que todos passam por isso, mais cedo, ou mais tarde, mais ou menos intensamente. A estrutura também é vulnerável, sob esta ótica, visto ser uma criação na qual os criadores podem estar vulneráveis.

A primeira etapa é a própria experiência da descoberta, da força com que surge a fissura e o impacto que causa, como se estivesse, pela primeira vez, a enxergar verdadeiramente, da certeza de que há algo mais para além das aparências desde sempre tidas como possibilidades. Nesta fase, o consumo de anestesia é realmente feito em doses excessivas, sem moderações. O sujeito embraga-se de tudo: autoajuda, religiões, bebidas, drogas, terapias quânticas, música sertaneja, chás de cogumelos, jejum intermitente, maratonas de *doramas*, teorias da conspiração, *crossfit*, grupos de *Whatsapp*, *coaches*, e tudo o mais que disserem ser bom e capaz de aplacar os pensamentos.

A segunda é a intermitência das brechas, que surgem e desaparecem. Que pululam, pela vida, a surgirem quando menos se espera. Entre estes espaços, mais e mais anestésias são consumidas, mas que parecem serem mais fracas, menos satisfatórias, pois o sujeito passa a ficar mais resistente a elas. Além de diversas histórias que são contadas para si mesmo, a abrandar as percepções. As maiores mentiras não são as que os indivíduos contam para os outros, mas as que contam para si, e que não são poucas. Há camadas e camadas de mentiras, sobrepostas, que levam às crenças diversas nas anestésias, e nos fornecedores destas, os ditos traficantes da felicidade.

Estas crenças surgem não pela vontade dos juízos, mas pelo desespero para não se defrontar novamente com a realidade. O psicanalista francês Jacques Lacan buscou, através de suas teorias, formas de levar o indivíduo a lidar com esta realidade, a lidar com estas brechas que se abrem, que se mostram e se fecham, mas que sempre precisam de instrumentos para interpretar o que há consigo, na alocação em que ocupa, dentro da estrutura.

Mas, o mais fácil, confortável e o “recomendado”, contudo, para a maioria, tal qual é pregado pelos traficantes da conformidade, não é aprender a lidar com a realidade, mas sim aprender a bloquear este mal, a realidade, e que o contato com ela passa a ser uma patologia.

Para algumas das ciências, se pudermos nomear assim, o que particularmente defendo que seja desta forma, como em alguns dos ramos da nobre Psicologia, mas não apenas esta, o lamentável objetivo de suas ações terapêuticas passou a ser a “cura”. E a cura, neste caso, é suprimir do “doente” esta anomalia perceptiva. Quem, afinal, ainda não percebeu o quê? Quem precisa, verdadeiramente, perceber mais sobre tudo, o “doente” ou o suposto “curador”? Se não há doença, não há doente, e nem se faz necessário algum curador. Mas é preciso criar tudo isto, para que se possa fazer algo a respeito. E vai-se batendo a cabeça, de tombo em tombo, até que se perceba tudo de forma irrefutável.

A terceira etapa, depois de aceita a existência da realidade, pelas marteladas que as visões desta passam a dar mais constantemente, e fortemente, é perceber a impossibilidade de lá chegar, nela, de se soltar da estrutura e permear pela brecha até que se esteja totalmente nesta área, a explorar e possivelmente obter respostas sobre muitas questões que ainda não se conhece, mas que já começam a surgir.

É um deserto completo, um vazio que não há nada em ato, nada que esteja em atividade, mas sim que existe lá apenas potencial – a pura potência, que é o puro movimento, do caos impenetrável, sem que sejam ainda possibilidades instanciadas. É uma zona final, das possibilidades das possibilidades. É justamente este arranjo, de potencial sem possibilidades ainda constituídas que intriga, seduz e choca, e tudo ao mesmo tempo. Conceitos tão díspares que remetem à completa desilusão da vida que se vive, e tudo o mais perde a atratividade, dada a sensação da impossibilidade de se penetrar no caos das possibilidades.

Quem chega aí, às portas do caos, vive intensamente esta experiência, e não conseguirá mais habitar a estrutura como antes, se é que algum dia foi realmente aderente a ela, como se pensava. Deixa de jogar os jogos dos outros e passa a uma nova fase de vida. Ou até mesmo desiste dela. Tudo pode ocorrer, para o “bem” ou para o “mal” e, por isso, é preciso conhecer o mínimo de onde se estará a pisar, mais cedo ou mais tarde.

A realidade, portanto, não é – e a realidade é o presente, o devir, as instâncias da eternidade do momento. Enquanto ela não é, tudo o mais, é – e tudo o mais é o passado que, por ser, está sempre presente. Nesta aparente contradição que nos faz perceber que o presente é, que somos, mas não em função do que esteja a ocorrer, apenas, mas sim do que tudo o que ocorreu, e que está a influenciar o presente, que é a duração, o conceito combatido e

combalido de Bergson acerca da existência de uma multiplicidade qualitativa que estamos inseridos, sem darmos conta.

O não ser da realidade, que é o presente, em questão, pode ser a verdadeira antítese *hegeliana* da presença no mundo, ou até de uma existência parcial, pelos conceitos do filósofo alemão Martin Heidegger, que por ser realmente muito influente e brilhante, não foi totalmente cancelado por ter sido nazista, ao menos ainda. Os conceitos de Heidegger, em questão, são os de presença e existência do ser, enquanto esta existência, mesmo que parcial, seja adotada como normalidade, ou como *establishment*. O nosso presente é a própria antítese da nossa existência, e isso é genial. Pois é o presente que se choca com o passado, com o que somos, e emerge uma síntese, dialeticamente.

A síntese *hegeliana* a partir da realidade antitética presente, entre o que somos e o que viraremos, ou seremos, ou não seremos, se inseridos nela, é talvez um dos maiores mistérios que podemos considerar sobre a vida. Talvez, ou não, esteja lá a verdadeira manifestação do que é a vida, seus propósitos verdadeiros, ou nada disso, e nada haja mesmo por lá, tal como parece para quem consiga espreitar. E esta inversão conceitual do tempo nos leva a uma situação em que somos um atributo da estrutura, em que o devir, o tempo a se movimentar continuamente, passa a ser o sujeito e, nós, os predicados. E a centralidade do devir passa a ser também a fluidez, ao invés de apenas um instante pontual do que é considerado comumente como presente.

Eis a origem das novas angústias do homem pós-possibilidades, ou pós-estrutura. Ou talvez não existirá nenhuma angústia, mas também por isso não encontraremos nenhum coach ou guru, etc., por lá, o que parece ser promissor e tentador. Há que se perceber e construir hipóteses, pois a antítese já a temos, em nós, ainda que impenetrável.

6. As anestésias, o modo de ser, o modo de existir, as questões, o visceral

Coisas assim que emergem do inusitado contato com a realidade, um tanto exóticas, um tanto suspeitas, a se desenrolarem, são realmente inquietantes e consternadoras, e o sujeito pensa em tudo, até que talvez seja mesmo algo e vítima de uma autossabotagem, como afirma a sagrada seita da autoajuda, que passa a ser excessivamente consumida sem restrições, com tantas outras coisas, na busca por respostas que prometem dar sobre tudo o que existe. Este processo não começa na autoajuda, mas quando se chega nela, está ao ponto de partir para anestésias mais fortes. A autoajuda parece inócua, mas depois de consumida, dá fome, sede e irritação. Eis o risco desconhecido, pois ainda não se exigem testes ou produzem bulas com as contra-indicações e com efeitos colaterais expressos. Se houvesse, levaria uma tarja de altíssima gravidade, certamente.

Mas, afinal, o que possui a autoajuda de tão sedutora? Isso: respostas para tudo. Por isso é considerada fora de quaisquer suspeitas, por solucionar tudo com a máxima brevidade, sem perder tempo com as particularidades. Para um ser que é um próprio Universo em si, uma solução precisa ser, também, necessariamente universal. Eis aí uma das mais poderosas formas de anestésias, das tantas que existem para “curarem” as dores do mundo.

Mas, afinal, por que razão haveria de ser todos os problemas originários deste mundo? Para quem seja capaz de supor isso, também existem outras anestésias disponíveis. Pois há mesmo os que defendem, efusivamente, que os problemas não são mesmo deste mundo, e assim, todas as tretas da vida «e por que não também das vidas passadas?» passam a ser atribuídas ao além do mundo, ao além da vida.

São mentiras que viajaram no tempo e no espaço, por algum problema que o sujeito teve algures, com o Universo, esse malvado e insensível Universo que nunca esquece e que, a dado momento, fará justiça. E logo chega-se às questões sobrenaturais, espirituais, cármicas, astrais ou equivalentes. Mas é preciso perceber que para quem chega a procurar soluções no além do mundo, foi por não ter encontrado soluções no mundo, ou talvez seja mais um desiludido pela autoajuda. Se as anestésias fossem drogas, e talvez até mesmo sejam, não seria errado dizer que a autoajuda é a droga de entrada, que pode levar às drogas mais poderosas e inusitadas, como o terraplanismo, por exemplo, ou ainda mais *hardcore*, como os esquemas multiníveis.

Nenhuma busca, afinal, resultará em nada concreto e acertado como uma justificativa pelo que se está a sentir. A estranheza continua a acontecer, da mesma forma, ou mais intensamente, mesmo depois de dezenas de livros

lidos sobre autossabotagem, crenças limitantes e tudo o mais que lhe recomendarem, como eventos de finais de semana com gurus, experiências de andar sobre brasas, romarias e procissões, sufocar até quase morrer em tendas esfumaçadas ou até mesmo os famosos banhos gelados às primeiras horas das manhãs, que os *coaches* fazem pois, se eles fazem, devem ser eficientes. Mas nada resulta como deveria ser, ao menos para os simples mortais.

Mas o mercado é imenso, e criativo, e logo surge um novo produto com a promessa de solucionar, uma nova forma de lidar, tretas *healings* da vida, conspirações quânticas, constelações intestinais, conjunções astrológicas e tudo o mais, pois sempre surge algo que dará respostas “precisas” e levará ao olimpo da vida. E, para fugir da dor existencial, tudo vale. Quem quer queimar no deserto da realidade? Quem quer adentrar em um caos impenetrável? Pois, ninguém quer isso para si, nem mesmo para seus piores inimigos. Portanto, vamos às benditas anestésias.

Uma terapia para lidar com a realidade não passa a ser considerada, pois aí terá de lidar com a dor e o desconforto, em contato direto com o que seja considerado o mal. Isso será para poucos, raros masoquistas, que perceberão que é preciso sair das ilusões, ao perceber que não há cura, pois não há doença, em si. E, lamentavelmente, é o que se divulga, que tudo isto é um estado de doença, e toma-lhe homeopatia, florais, jejum intermitente, botox, kombucha e rituais de limpeza com incensos poderosos. A dor, some por horas, pela distração, mas logo volta, do mesmo jeitinho, ou ainda mais forte. Maldita dor. E é bom lembrar, que tudo isso acontece a partir de uma simples hesitação, a partir de uma fagulha do tempo em que se abre a porta do inferno, ou melhor, da realidade.

Pois são nestas fagulhas temporais em que parece que a eternidade se instala, enquanto ela está a durar, tanto quanto se sente a hesitação. É quando se abre um abismo entre o modo de ser e o modo de existir do sujeito. É o abismo de Nietzsche, que tanto pode ser um vazio completo, o niilismo, quanto pode ser um local em que os monstros estão a aguardar o impotente. Como saber? Basta pular. Pule. Pule! Feche os olhos e imagine-se a pular, a cair no vazio, sinta o que ocorre em seus pensamentos, o que irá lhe suceder...

Provavelmente, neste momento, você hesitou, ou algo parecido, ao ler estes imperativos. Se hesitou, já pode perceber que este abismo é a hesitação, a brecha, a fissura que leva a lugar algum, que é tão desprezível que seduz, que atrai e faz com que todas as vísceras se movimentem. É o visceral, uma dimensão bem mais forte e superior ao obsceno. Enquanto o obsceno se manifesta na estrutura, como veremos, o visceral se manifesta no abismo, no caos, e é sentido nas próprias vísceras, que se remexem, a se comunicarem

com o abismo. No abismo, não há linguagem, nem idioma, nem palavras, apenas sentimentos viscerais, apenas consciência. É o corpo que fala, a cair.

E alguns pensam que isto é o ponto do eterno retorno, quando tudo voltará a se repetir exatamente da mesma forma. O abismo não é isso, mas pode ser, se este ciclo em que está preso for mesmo o verdadeiro problema. O eterno retorno é uma escala de validação da vida, das forças que há em você que devem sair do mundo da lua e viver tragicamente o que há para si, a enfrentar com todas as suas forças o que virá. A chegar ao inferno com alegria, abraçar o demônio, declarar as saudades existentes e a confraternizar com todas as celebridades e políticos que lá estarão, enfim acessíveis, ainda que um pouco mais bronzeadas.

O eterno retorno é isto, quando o sujeito precisa trazer para sua vida valores imanescentes, facilmente percebidos e avaliados, para valorar o momento vivido e perceber se nele há a sua máxima intensidade, ao ponto de que este valor represente o melhor que o sujeito poderia desejar para si, nesta eternidade em que dura o instante da vitória, ao ponto de que deveria, ele mesmo, desejar um eterno retorno a este momento vivido.

Nietzsche seguiria em frente? Desconsideraria a hesitação? São respostas que não conseguirei dar, mas se algum especialista em autoajuda for perguntado, certamente terá esta resposta. Eis um livro possível “Eu, Nietzsche e o abismo”, e seria, sem dúvida, um *best-seller*. Mas o facto é que, ao invés da sensação do eterno retorno, para que esta vitória seja sempre repetida, com a máxima força, surge um ponto de não retorno, onde se abre o abismo, um ponto em que se teme que, uma vez ultrapassado, não haverá mais volta, se optar por mergulhar neste abismo. A beira do abismo é o presente, é a vida. E você é apenas coadjuvante, por isso não tem outra opção, para além de pular ou não pular.

Se há volta? Não se sabe sem que se mergulhe no abismo. Mas, poucos o fazem – e garanto que não serão os *coaches*, nem os gurus, que alguns até poderão vender programas completos para uma vida feliz e realizada no abismo, sem nunca terem pulado, ou sequer deparado com ele. O abismo é visceral, nunca se esqueça, ao perceber um, o sentirá nas vísceras, que é o seu enésimo sentido, visto que já ocuparam quase todas as outras posições para além dos cinco sentidos oficiais conhecidos.

O modo de ser pode ser comparado ao conceito de existência *heideggeriana*, a ocupação plena do próprio eu, com muita potência e pouco ato, que se expressa pela imaginação do sujeito a se direccionar às possibilidades, todas a níveis profundos, que são as que existem de forma relevante em cada uma das individualidades, caoticamente dispersas, viscerais. O modo de ser é a alma que subverte a linearidade do tempo, que se rejuvenesce com o passar deste, enquanto está a percorrer os caminhos do mundo, nas suas mais loucas viagens, a apreender tudo o que lhe é afim. Este

modo se dá no devir, quando se vive este devir com toda a potência que se pode tirar de si mesmo.

O modo de existir pode ser comparado à presença *heideggeriana*, física, material e suficientemente orgânica, superficial, em atos limitados, em potências reduzidas, resistentes, por vezes – é o corpo que envelhece com o tempo enquanto aprisionado na estrutura, a ser absorvido lentamente, consumido aos poucos, a entregar sua existência em troca de nada, enquanto é digerido pela estrutura. O modo de existir precisa, assim, fazer as questões, mas estas não lhe são próprias, afinal, e lhe são dadas incompletas ou insuficientes. O sujeito precisa, assim, investir no modo de existir para que possa, afinal, ser. É no modo de existir que a batalha se dá.

Em todos estes modos há atos e potências, possibilidades e ameaças, realizações e frustrações, enquanto, na desértica realidade, há apenas potência, sem nenhum ato, nem mesmo possibilidades.

Com o tempo, o estranhamento parece não ser tão mais estranho assim, depois de tanto se conviver com ele, muito proximamente. E o sujeito, antes feliz e saciado pela autoajuda, se vê frustrado, angustiado e abalado, até que decida pular no seu próprio abismo, que acaba por sugá-lo completamente para dentro de si. Mas por que faz isto?

O pulo não é para todos, mas para alguns poucos. E não pulam atrás de respostas, pois estas já estão todas aí, aos montes, a maioria produzidas pelas indústrias das anestésias. Há respostas até boas, verdadeiras, em meio a todo o Universo ontológico de soluções à venda. Mas, o pulo não se dá pelas respostas, mas sim pela busca das questões certas, as que precisam ser feitas, as mais relevantes, que devem ser posicionadas hierarquicamente para que o modo de ser se ajuste ao modo de existir. Estas perguntas serão percebidas apenas ao pular. Por isso, o pulo se dá. Com elas, poderá voltar, se assim conseguir fazer, pois o mundo voltará a ser não apenas suportável, mas sim desejado em toda a sua potência. Não é uma promessa, nem uma revelação, pois, afinal, diferentemente dos *coaches*, eu, por vezes minto um pouco, mas só um pouquinho. Mas já escrevi sobre isso, mas sempre é bom lembrar. Viva você a experiência, se lhe fizer sentido.

Antes de pular, é bom perceber que a duração e a intensidade da hesitação é justamente o que separa o que é, genuinamente, do indivíduo e o que está para fora dele, e que pode estar a influenciá-lo ou a dirigir-lhe as decisões. Enquanto ocorre a hesitação, é a realidade a se apresentar por uma brecha que logo poderá se fechar, por alguma reação da ordem simbólica estabelecida na estrutura dominante, e do ciclo anestésico e de defesa em que todos passam a reproduzir, como parte do mesmo sistema que estabelece a ordem das coisas e a manutenção do *status quo*. Logo surgirá um representante das regras, ou similares, para tirar a atenção da brecha e a repará-la, enquanto isto ainda possível for.

Um exemplo poderia ser de um cidadão civil que, em um dia qualquer em que seu país esteja a convocar voluntários para a defesa, aceita e passa a militar e, noutro dia, tomado por um desejo patriótico, se voluntaria para atuar na linha de frente de uma guerra que seu país passou a participar. Logo fica eufórico ao ser aceito e, instantes depois, surge ela, a hesitação, e percebe que possivelmente sucumbirá por uma decisão que foi contra todos os seus verdadeiros projetos de vida como, por exemplo, algo trivial como manter-se vivo até a velhice. Está em queda livre no abismo e nem sequer percebeu.

As consequências, agora reais, sentidas sobre si, se tornam pesadas demais para prosseguir adiante, mas o sujeito não poderá voltar atrás, pois não tem mais esta opção, pois já passou do ponto de não-retorno ao assinar o seu alistamento, e a divulgar seu ato de coragem a todos que conhece. Já houve a afirmação e o preço de negá-la é alto demais para voltar atrás, e é isto que o sujeito passa a supor, com o abismo a lhe sugar por completo, literalmente. Uma estranha força chamada dever patriótico o levará adiante a lutar por algo que não teve nenhuma responsabilidade direta pela ocorrência da guerra, pois até dias atrás era um pacifista vegano, mas que mesmo assim afetou sua vida a ponto de mudar seus planos, quase que automaticamente, e passa a ser o que esperam que seja, até mesmo se isto implicar na sua própria morte.

Será que sua decisão de alistamento militar foi baseada apenas em algo estritamente seu?

Será que o seu suposto e inabalável patriotismo nasceu dentro de suas verdadeiras e exclusivas crenças em sua nação, ou foi uma decisão programada, desde o seu nascimento, reforçada e esperada para ocorrer em momentos como estes?

Fúria, ira, revolta ou moral abalada por um nacionalismo que se colocará acima de tudo, para além das vidas que se perderão pela guerra?

E quem rejeita uma convocação, deserda e foge, por quais razões o fazem, suas ou não?

Tanto para os cidadãos dos países agressores quanto para os agredidos há questões que deveriam ser ponderadas em momentos como estes, mas que nunca são colocadas, ou mesmo nem existam espaços para discussões. E todos apenas fazem o que se espera que se faça, o que se “deve” fazer, lamentavelmente, e os piores momentos da suposta humanidade emergem daí, devido às guerras em nome de algo, alocado para além do indivíduo, completamente invisivelmente, mas a operar ativamente sobre a quase totalidade das mentes supostas serem individuais.

A existência das individualidades é extremamente importante para o controle das massas, pois assim acreditam que são elas que estão a decidir por si mesmas, exclusivamente. E é isto que ocorre, mas sempre dentro dos limites que lhe são dados que são, praticamente, quase nenhum e com a

escolha previamente estabelecida pelo espírito diretor. Há que se dar aos indivíduos a ilusão de que estes são os decisores últimos de suas vidas, como se fosse possível para eles, se quisessem, até mesmo desafiarem a ordem estabelecida, sempre que desejarem, em nome da própria individualidade. Astúcias, como vimos, do espírito diretor. Não, não são os cínicos os iludidos, mas todos, de certa forma.

Mas, se existem crenças realmente individuais em todos os humanos, para além destas crenças “implantadas”, quais suas origens? Quem detém prioritariamente suas propriedades e quais são suas verdadeiras funções? São novas questões que carecem de respostas. Basta pular, se quiser saber mais. Ou, se não, basta ir ao próximo capítulo.

7. As escolhas, as sínteses deliberativas, as razões para agir

Uma das necessidades contemporâneas é a afirmação da liberdade. E a necessidade de afirmar a liberdade se faz presente pelo facto de não haver liberdade para se agir como se deseja. Se o sujeito, em seu modo de existir, não é livre e acata esta condição, este mesmo sujeito, em seu modo de ser, clama pelo que não tem. E isto adentra não apenas o mundo cotidiano, mas também os campos académicos, sem exceção.

Há crenças profundas na máxima autonomia do sujeito que supostamente possui capacidade para deliberar suas escolhas e modos de agir, individualmente, apenas por si mesmo, sem nenhuma influência para além de si. Isto é defendido como se nada mais houvesse para além do indivíduo a interferir em suas intenções, ou ações. Pensamentos assim são como as viagens psicadélicas coletivas com as drogas mais alucinógenas que existem, ou já existiram, em dosagens concentradas. O sujeito autônomo e deliberativo é uma utopia, e das mais obscenas que existem, pois nunca foi colocado em causa que há sempre algo mais nas decisões tidas como individuais.

Decisões não são meramente originárias do doloroso processo convencional de escolha individual, como conceituei até aqui dentro da corrente vigente de pensamento urbano, em que escolher algo significa desistir de todas as outras possibilidades e isto não parece ser sensato em uma sociedade que ninguém está sozinho, que uma decisão não afeta apenas a si. Como não estamos no ambiente urbano, mas na selva, podemos perceber melhor o que está a ser proposto. Pois mesmo para se deliberar ao fazer um atentado contra a própria vida, esta decisão afeta parentes, amigos e toda a rede em que a pessoa está inserida, até mesmo seus valores morais, religiosos, etc. Todo suicida sabe disso, tem consciência disso, e talvez seja até isso mesmo um dos motivos de fazê-lo, ou não, a segurar-se vivo por amor, para não causar danos psicológicos em quem ficará. Mesmo nestes casos extremos de individualidade, a teia relacional é considerada e relevante. Nada se dá, afinal, fora da estrutura das teias relacionais. Por que as ações se dariam desta forma?

Pois, escolher significa um gasto energético imenso para o cérebro, que precisa ponderar sobre tudo o que há e deliberar sobre a melhor opção, após analisar tudo o que está envolvido. É sempre desgastante, chato, moroso. Não é fácil escolher, e por isso, sempre que se pode, as boas escolhas passam a virar hábitos, para economizar repetir todos os processos desgastantes para se atingir um determinado resultado. E, buscar referências de escolhas, nas redes de relacionamentos, é um hábito que todos possuem, daí a importância

do que seja considerada a “reputação”, seja de produtos, pessoas, instituições, etc. É o senso comum ajuizado acerca de certas coisas.

Na vida cotidiana, como exemplo ilustrativo, há uma teoria defendida, ao menos por mim, de que os melhores supermercados são aqueles que apenas oferecem uma única marca para cada produto, e com nenhuma ou poucas variações de opções de tamanho e embalagens, do que aqueles que oferecem dezenas de marcas e variações para os mesmos produtos.

Cá em Portugal, há o supermercado Mercadona, de uma rede espanhola muito popular, que é uma experiência tal qual na velha Berlim Oriental, se esta tivesse dado certo e nada faltasse nas prateleiras, lá pelo auge da Guerra Fria. No Mercadona há duas opções apenas para se deliberar, ou se compra, ou não se compra. Como no topo da estrutura, em que tudo é muito fácil. Mas, se está no mercado a procurar o produto, já decidiu que precisa dele, e o comprará, e então será sempre um lindo sim para tudo o que estiver na sua lista de compra, se possuir uma. Sem dor, nem desgastes, e quase terapêutico.

Ao se adentrar em um destes outros excessivos megamercados, já ao estilo de Berlim Ocidental, capitalista até o último fio de cabelo neoliberal, em que as opções são incontáveis, e pretender comprar algo tão banal quanto um molho de tomate, demoram-se minutos de longa e dolorosa ponderação, e muito pior caso não se conheça todas as marcas ou variações do produto. Fatiga-se por algo que não deveria ocupar mais do que poucos segundos. Apenas tomates amassados, condimentados e cozidos até um ponto consistente e cremoso, metidos numa embalagem esterilizada e etiquetada, e nada mais do que isso! É só disso que alguém precisa! Mas, por que haver tanta dificuldade apenas para uma simples necessidade coletora em uma gôndola urbana? Faz parecer que ainda somos caçadores, a caçarmos pelos corredores e gôndolas os produtos mais performáticos, como se estivessem em movimento a se esconderem de nós. Tudo seria mais rápido se fôssemos lá apenas para colhê-los. O capitalismo subverteu as mais profundas noções evolutivas da natureza.

Por isso, mas não só, existem os hábitos adquiridos, pela predileção por determinada marca ou tipo de embalagem, ou produto, para evitar novamente estes desgastantes processos de escolhas. Mas há que se ressaltar também que, pelo automatismo de uma escolha, pode-se perder algo melhor, ou mais em conta, que é simplesmente desprezado ou passa por impercetível quando sempre se recorre ao hábito. E isto não é ignorado pela mente, que fica a ponderar sobre estar a perder algo. E, perder, é sempre extremamente incômodo, frustrante. A mente nunca gosta de perder, de ter sido ineficiente. Portanto, troca-se o desgaste das escolhas pelos hábitos, mas também se leva a dúvida acerca da eficiência das próprias escolhas. E tudo devido ao hábito para comprar um simples molho de tomate.

Mas, quem vai a um mercado para comprar apenas um produto? Compram-se muitos produtos e, ao final de uma compra mais volumosa sem usar dos hábitos que possui, ou que se esteja em um país estranho ao sujeito, com uma língua desconhecida, como nos países asiáticos, sem identificar nenhuma marca ou padrão habitual, é certo de que numa sucessão de factos assim, a se acumularem, se precisarão de uns dias de descanso em um *resort* para se recuperar do desgaste mental das compras semanais de mantimentos.

Mas, daí, novamente, teria de se escolher um dentre tantos *resorts* disponíveis, e cada um destes com tantos pacotes oferecidos, que seria algo mais fatigante ainda. E, no *resort*, ainda precisará escolher entre as diversas opções de lazer e de tratamentos no tempo que por lá ficará. Tudo na vida consumistas é desgaste, pois tudo é excessivo, afinal. Talvez seja por isso que todos querem o topo, para não escolherem mais nada. Eis um bom motivo para lá se star.

Mas, ao menos nestes exemplos citados, propositalmente, seriam coisas boas para se escolher, afinal, e que muitos adorariam ter como possibilidades reais para si passar uns tempos num *resort* nas Maldivas, por exemplo, para poderem comprar, comer, viajar e relaxar, atos que apenas uma minoria consegue fazer, na prática, ao menos sem se endividar. Destes que conseguem, na verdade, pouco se divertem, no tempo em que não estão a publicar nas redes sociais, como um ritual esperado de ocorrer. Enfim. Mas não é isto que está em causa, e sim todos os processos modernos de se escolher uma dentre tantas opções que devem, afinal, contribuir para a fadiga da mente humana, mais saturada do que nunca, pela exacerbação das possibilidades que lhe são bombardeadas em tudo o que se faz na vida, pelo excesso de ofertas que bombardeiam a todos, em todos os lugares.

Em algum momento, a mente que não acaba por colapsar tenderá a entrar num automatismo deliberativo, em que buscará o mais fácil e o menos desgastante, e não necessariamente o melhor a ser feito. E isto é o sujeito cindido entre uma essência desconhecida, que é o seu *ethos*, e uma obscena oferta de possibilidades, que é o seu *telos*, mas sem significar que isto seja já declarado como um dualismo, pois não é isto que também se está a colocar em causa.

A hesitação, assim, também pode ser uma fuga das escolhas difíceis que se apresentam, ou pelos desgastes que estas representam, das deliberações que podem ser tomadas para além de aceitar o que há para si, estabelecido pela vitória conquistada. O prosseguir adiante pode ser, também, um hábito, mas que poderá deixar, igualmente, na mente daquele que sempre prossegue uma grande dúvida acerca das oportunidades diversas que poderão não estarem a ser consideradas. E esta pode ser a razão para que, no futuro, a hesitação ocorra mesmo depois da vitória, em um momento qualquer. Há que se ponderar também em casos assim. A seita da autoajuda descobriu o mal

dos procrastinadores, e já condenou também a hesitação aos que adiam suas decisões para algo incompreensível, como pensar melhor sobre o que se está a fazer. É preciso ser veloz, sem hesitar, sem pensar, sem nada que faça parar para se perceber o real.

Mas, ainda no campo do consumo e das escolhas que se fazem necessárias, o mundo tecnológico capitalista parece que não está a trazer a esperada paz espiritual, que é tão exaltada pelos defensores do progresso, e prevista por todas as utopias, em que sempre o futuro é uma maravilha devido aos avanços tecnológicos que supostamente fazem parte de toda futurologia existente. Por isso a pressa para se chegar ao futuro, pois lá está a cenoura que o coelho sempre está a perseguir. Mas, não é isso o que tem se verificado em relação ao futuro e, assim, não seria equivocado dizer que estamos mais a caminho de uma distopia, propriamente, ou se já não estamos mesmo nela. É verdade que algo muito próximo das melhores utopias já existem nos tempos atuais, mas somente para os VIPs, como veremos, mas isto representa uma ínfima parcela da população, e é algo completamente inacessível pelo restante, pelos simples mortais.

Pois, a probabilidade utópica das previsões futuristas tem acontecido de forma contrária ao que se esperava, com uma diferença cada vez mais abismal entre os que muito possuem e os que nada têm. Assim, quase a cometer o crime de se generalizar sobre algo, o progresso parece que está a intoxicar, ao invés de salvar. Está a perturbar, ao invés de apaziguar. E com suspeita de que haja algo com algum propósito nefasto por trás de tudo o que há como excesso de ofertas, quando tudo ou já é ou virará produto, atualmente, e que precisa ser escolhido pelo crivo das capacidades pensantes individuais.

Há que se considerar que as ações podem ser individuais, mas há que se questionar o grau de autonomia, todavia, que o sujeito possui dentro da estrutura, que nunca é maioritariamente individual. Mas lá são outras questões e novos desdobramentos, logo percebidos. O capitalismo é um ator sempre presente, e muito suspeito de muitas coisas – tanto más, quanto boas. A questão passa a ser conhecer o que seja realmente bom e mau. E, ainda, para quem ou o que uma coisa é boa ou má. Faz algum sentido? É preciso prosseguir dentro de certas perspetivas.

Há, até mesmo, nesta insanidade consumista, serviços profissionais para assessoria de compras, com objetivos propostos de tirar o peso das decisões dos que possuem, supostamente, os recursos tão duramente conquistados para se atingir um padrão de poder aquisitivo que os permita comprar tudo o que lhes seja possível. Já exemplificamos isto anteriormente. Ora, mas isto é até incoerente, pois quando se pode comprar tudo o que se deseja, o sonho da maioria, e pelo qual tanto se esforçou, nega-se esta possibilidade para si, como um trabalho indesejado e inferior, e daí contrata-se outro mais

“qualificado”, como consultor de compras, ou *personal-sabe-se-lá-o-quê*, para escolher o que se quer comprar, e onde, e quando. Comprar coisas, em si, ainda mais para os desprovidos, é uma possível fonte contemporânea de prazer. E, como toda fonte de prazer, há que se buscar uma moderação ou equilíbrio, a evitar os vícios.

Pois, até mesmo, contratam estes serviços para poderem comprar mais, ampliarem sua necessidade viciosa pelo consumo que não conseguiria realizar sem ajuda. Mas, ao prescindir de suas próprias capacidades para consumir, seja qual for o motivo, será esta decisão totalmente afinada com a consequente terceirização do próprio proveito consumista, ao estabelecer para si uma certa renúncia inconsciente do gozo capitalista, da busca incessante pelo supremo supérfluo, de passar o cartão de crédito na hora de pagar sem medo que seja rejeitado por falta de limite ou, ainda, sem se preocupar com os saldos bancários, sempre fartos com muitos dígitos à disposição.

Quando não se pode, sonha em poder. Quando se pode, opta-se por não se fazer. É, no mínimo, mais uma inusitada contradição humana.

Supor que pode existir uma gestão externa e superior sobre si, assim como sobre todos os mortais decisores e consumidores, coletivamente, a partir de um agente oculto tal qual um espírito da mão livre capitalista, é o primeiro passo para tirar de si a raiz dos problemas. Daí, pode-se livrar das culpas, dos arrependimentos e colocar tudo na conta desta divindade promotora do consumo. Exceto para as faturas das compras já feitas.

Assumir que existam, alguns ou muitos, ou apenas uma, destas entidades extrafísicas mandantes, não apenas consumistas, mas da mesma forma ativas e ocultas, como se fossem um poder superior que dita secretamente o que decidimos em nossas vidas, e que influenciam ou dirijam as nossas escolhas é perceber que existe, também, ou provavelmente, uma certa inteligência central a ditar e a coordenar estas sutis atuações que se tornam muito eficientes para nos fazer decidir sobre o que pensamos ser uma decisão individual. Deveria haver uma hierarquia.

E, por isso, além de influenciar os indivíduos, esta suposta inteligência superior deve ser eficientemente capaz de se ocultar, pois há na maioria das pessoas a verdadeira certeza de que toda a ação é mesmo fruto de suas próprias escolhas, e raramente duvidam disto. Até muitos filósofos, a maioria monista, que é *trend* filosófico da contemporaneidade, para além dos gurus da autoajuda, e até mesmo os *coaches*, apregoam que seja mesmo assim, que tudo venha do indivíduo, e somente dele.

E o que surge desta certeza sobre a total responsabilidade da individualidade, supostamente autônoma, para ser a única responsável pelas suas deliberações é que sempre se possui uma escalas de valores para avaliar as escolhas que precisam ser feitas.

Esta escala é uma ferramenta, possui uma função que é resolver sobre suas deliberações. E os valores da escala são os conceitos simples e sempre binários, que emergem da dimensão do que todos consideram como seus juízos próprios: bom ou mau, certo ou errado, legal ou ilegal, suficiente ou insuficiente, etc.

Vem mesmo daí, a origem da certeza de que toda razão para agir sai das instâncias individuais, e apenas desta. Pois os critérios do que seja bom ou mau, certo ou errado, etc., estão mesmo dentro de cada um, e profundamente enraizados.

E se alguém decide, num ato de desespero, ir contra a escala de valor, como por exemplo ao atentar contra a vida de outra pessoa, o faz da mesma forma, mesmo sabendo que é errado, mas também pelo que é necessário, seja para defender alguém que ama, ou mesmo a si.

Estes valores (como «é *errado* matar» ou “é necessário matar”) são profundos e próprios de cada indivíduo, por vezes opostos e conflitivos, e estão hierarquicamente sobrepostos de forma que, o que for necessário ser feito será feito, seja certo ou errado, por exemplo. Por isso, parece-lhe que não haja a necessidade de algo externo estabelecer o que precisa ser feito por ele, no primeiro momento de sua análise, que fica dependente apenas de seus próprios valores. Assim, o sujeito crê que cada um sabe exatamente o que é para ser feito em suas ações, seja o certo, o errado, ou o necessário e tudo o mais, de acordo com sua própria escala de valores íntimos. E há até muita coerência nisto. A escala está aí, e cada um sabe da sua, e a conhece muito bem, desde sempre. Não há dúvidas acerca disso.

O que falta descobrir, afinal, é a origem destes valores íntimos, de como foram apreendidos e formados como seus. Se isto for mesmo por critérios da própria capacidade de autonomia do indivíduo, não será preciso discutir mais sobre este tema. Mas, se não foi, é preciso perceber como pôde o indivíduo adotar tais valores alheios a si como seus. E esta questão será exaustivamente tratada ao abordarmos a moral e a ética, pois carece de alguns cuidados para que se perceba a extensão dos desdobramentos que surgirão.

Por enquanto, o que podemos alegar é que a hipnose funciona a partir das crenças que todas as pessoas possuem acerca do que está a ser abordado. Quem leva alguém a ficar hipnotizado, não precisa criar crenças na pessoa que será hipnotizada, pois usará das próprias crenças desta pessoa, e de seus desejos, para produzir o que se queira produzir, até chegar aos estados alterados de consciência. Isto é o básico em hipnose. A capacidade deliberativa e autônoma é um processo de hipnose coletiva, viável e sustentada desde sempre, que são utilizadas crenças comuns, já existentes, para serem trabalhadas convenientemente pelo hipnotizador. Resta perceber quem, ou o quê, é o tal do hipnotizador.

Alheio a estes fundamentos, o preciso filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, argumentou competentemente, ao escrever em seu livro “Sociedade do cansaço” que *«a sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias de fitness, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos»*.

E ele atribui a um excesso de positividade a raiz de todos os principais problemas individuais atualmente encontrados no sujeito, como a depressão, por exemplo. A questão é que ocorre mesmo que a busca pelo desempenho é tão profundamente enraizada em cada um que é mesmo forte a crença de que tudo o que pode ser feito, é pela capacidade única que cada um tem consigo mesmo. Aprofundaram-se as crenças acerca da própria autonomia humana.

E isso faz estragos quando a depressão *«... irrompe quando o sujeito de desempenho não pode mais poder. Ela é de princípio um cansaço de fazer e de poder. A lamúria do indivíduo depressivo de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível»*. Mas, devido à transferência da propriedade da responsabilidade de agência para o sujeito, este passou a acreditar que para ele nada deveria ser impossível também. E o choque do sujeito com a realidade e as impossibilidades que esta contém, indiferente do que o sujeito acredita ser capaz ou não, o leva à inconformidade com esta realidade inflexível, e o leva ao cansaço, à depressão, e a outros males ainda piores. Tal quando a criança descobre a verdade sobre o mundo, que não é um conto de fadas, e frustra-se consigo mesma, a se culpar.

Há, ainda, nos argumentos de Byung-Chul Han que a busca pelas possibilidades esteja presente nesta *«mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho»*, pois *«aponta para a continuidade de um nível. Já habita, naturalmente, o inconsciente social, o desejo de maximizar a produção»*. E, por isso, podemos perceber que a maximização da produção é apenas uma das formas que levará às possibilidades, mas não a única. Mas, indubitavelmente, produzir é ofertar mais, variar mais, em uma época em que se produz primeiro para provocar o desejo, ao criar-se a demanda artificial com base nos desejos provocados. Não há risco, pois sempre a provocação do desejo acaba por ser certa, dado que todos os desejantes estão docilmente preparados para serem excitados a consumirem mais e mais. Um ciclo perverso, e possivelmente desnecessário.

8. A diferença, a falta, o movimento, a potência, o ato

Mas há quem diga que a excessiva oferta de produtos não é algo mal-intencionado que existe como uma maléfica provocação para os humanos consumirem sem limites. Dizem que toda a excessiva oferta surge como resultante do progresso capitalista pelos benéficos efeitos das mãos invisíveis do mercado, que criam concorrentes progressistas que tornam os produtos mais acessíveis; e isso leva à multiplicidade, que leva à personalização, que produz as excessivas ofertas que servem para atender à própria individualidade, em que tudo pode ser customizado até se chegar muito próximo do que cada um espera de um produto, ou de um bem, e daí a pluralidade existe, para atender os desejos de todos. São argumentos otimistas que ouvimos, costumeiramente.

É como se tudo fosse produzido para alguém específico, para um público-alvo, para saciar um certo gosto restrito. É o fetiche não só pela mercadoria, mas pelo *gourmet*, pelo *vintage*, pelo exclusivo, pelo customizado. Estrutura-se a individualidade através da produção de massa. É mesmo isso. Pois, se alguém tem algo exclusivo, deveria ser uma condição que um outro não poderia ter o mesmo. Mas, este antigo exclusivo, caro e inacessível, foi repaginado, atualmente, e passou a ser possível a quem não o poderia ter e, assim, justifica-se a multiplicidade da oferta em incontáveis versões diferenciadas, pois dentro delas se encontrará algo que sempre será o “exclusivo” para alguém. O sistema oferece a solução até para o que não deveria haver solução, como a exclusividade, em que o valor está mesmo nisto, na exclusividade, e na impossibilidade de replicar o que não poderia ser replicado.

Pois, ao buscar a compreensão por tal coisa, não se deveria ignorar que humanos são movimentados justamente pela diferença entre si e os outros, ou entre sua vida interior subjetiva e sua vida exterior objetiva. A diferença é o motor que faz movimentar aquele que a percebe em si, em relação a algo ou a alguém, e que busca sair de um estado de potência para atingir um estado de realização, para se estar em ato, realizado ou a realizar-se, em que exista a saciedade alcançável de toda a sua potência que aspira estar realizada no ato que é capaz de produzir – um ato é uma ação contínua, estabelecida, realizada e em curso.

Se alguém acredita que tem potencial de ser um grande ator, fará de tudo para transformar este potencial em ato, e obter um papel de destaque para si. Pois este destaque é percebido pela diferença, é a própria diferença de algo em relação a outro algo. E o desejo vem daí, da diferença. Da potência ao ato é a jornada comum ao indivíduo, dentro de cada perspectiva, e o gatilho começa pela percepção da diferença.

Pela diferença, que foi tão, indiretamente, mas também profundamente, explorada por Aristóteles em sua teoria causal, poderíamos derivar a partir deste filósofo a extrapolar o que ele propôs, que contemporaneamente nos movemos para consumir, quando o sujeito observa o que um outro possui e passa a desejar o mesmo que o outro tenha consigo, ou ainda melhor, sai do simples desejo e move-se para realizar a potência que percebe em si para agir e, assim, para ter aquele algo que ainda não tem, que são os recursos para se comprar, produzir ou fazer, e atingir o ato intencionado, que é chegar ao estado desejado de ter tudo o que quer, e de ser tudo o que deseja ser.

É a tarefa do *marketing*, basicamente, de evidenciar a diferença entre o potencial consumidor e os que já consumiram, para os que potenciais consumidores que ainda não perceberam sua diferença, passem a percebê-la, e comprem o produto para que não tenham mais a diferença. O *marketing* basicamente incentiva o movimento da potência à imobilidade do ato, e a diferença é a matéria-prima facilmente trabalhada, pois não é a qualidade ou atributos do produto os destaques mais relevantes, mas sim a falta que o consumidor possui em relação às promessas do produto, ou da necessidade que este não julga possuir em relação ao produto, ao não ver os valores ocultos nos produtos desprovidos de *marketing*. É este o ponto central do *marketing* eficiente, que é dotar o produto de algo extrínseco que falta intrinsecamente ao potencial consumidor. Por isso é preciso perceber a fenomenologia com um viés de *marketing* e de perspectiva da imanência e da transcendência.

O indivíduo é conceitualmente considerado imanente. E esta imanência tem correlação direta com a autonomia e a autossuficiência atribuída a cada indivíduo, como se este fosse mesmo algo estanque e com total independência. Mas, desta forma, não será difícil perceber que para tudo o mais que esteja para além dele será, por extrapolação conceitual, não mais imanente e sim transcendente, pois a imanência se limita ao indivíduo. A imanência do que está para fora do indivíduo passa a ser relativa à tangibilidade ou à conceituação vulgar, sempre em perspectiva, mas nunca absoluta. Ou melhor, o indivíduo passa a perceber a imanência das coisas de acordo com sua própria “perspetiva”.

Se um indivíduo possui uma casa, esta é algo imanente, obviamente, mas não é o indivíduo, pois este é independente da casa. O que há, no indivíduo, desta casa, são os conteúdos mentais que esta possui, junto a si, apreendidos consigo. O que é material, não está no indivíduo. Portanto, tudo o que há para fora do indivíduo, seja pela falta de conteúdos mentais, pela incompletude dos conteúdos, ou pela incompreensão ou desconhecimento de tudo o que não consegue conhecer, do que pode haver, são transcendentais, ao menos como estou a conceituar, doravante.

Por isso, todas as transcendências dadas a partir do que se conhece acerca de si são também, necessariamente, possibilidades, pois possuem, intrinsecamente, a assunção das diferenças entre o observador e o observado, entre si e o outro, entre o que se é imanentemente e o que se pode ser transcendentemente. A transcendência é a possibilidade de se ampliar ou expandir a própria imanência. Pois, afinal, ninguém quer transcender e deixar de ser imanente. Ninguém quer morrer para conhecer o deus ou o messias em que acredita. Não mesmo. E a transcendência assume importante papel motriz.

Aristóteles, na sua hercúlea tentativa para achar a causa primeira de todas as coisas, considerou que esta fosse um motor imóvel, eterno e que existe em puro ato, sem nenhuma potência pois está todo realizado, em perfeição, completamente autossuficiente. Assim, é ele quem indiretamente, e passivamente, move, como causa primeira, tudo o mais que há, para alguém dele, que não está em puro ato e que, por isso, tenha em si alguma potência de ser.

Se há a potência, não há a completude, há uma deficiência com a qual a natureza trabalha para anular. A mente humana percebe isto e assumiu este esforço de ser ela mesma um motor imóvel. E a potência se dirigirá, a partir do trabalho agregado a ela própria, que é o elemento transformador, como o exemplo do artesão, que é alguém que possibilita a passagem da potência ao ato, da madeira que tem potência, à mesa que está em ato. E o faz por algum propósito prévio que se refere a si próprio, que foi tornar-se artesão, e precisou ir de alguém sem habilidade para alguém com habilidades. E todo trabalho é uma ação, e toda ação uma transformação. E tudo o mais, que carrega consigo meios para agregar à capacidade humana, gatilhos para agir, passa a se mover em direção a este puro ato, com a intenção de eliminar suas faltas. Se há potência, há a diferença, há a falta.

Mas não é meramente o que se está a admirar e a desejar. E se deseja o que está mais em ato do que o observador desejante, e por isso há uma falta percebida no observador, que se sente com uma potência não exercida, e assim leva a relação com o mundo, em uma existência que então passa a buscar sempre o máximo dos máximos. Como, por exemplo, acontece com a ambição dos simples mortais pelos influenciadores, que passam a serem “seguidos” à exaustão.

Mas não são estes *influencers* que movem diretamente os que estão a lhes seguir nas redes sociais, pois estes *influencers* fazem indiretamente os seguidores se moverem em sua direção, sem mandar ou obrigar ninguém, e causa este movimento para que todos os sigam apenas por serem o que são, indivíduos supostos serem perfeitos e completamente acabados e, em puro ato, e por isso dotados de todas as possibilidades realizadas em si próprios, a causarem a “inveja” dos desprovidos que percebem as diferenças. São os

novos deuses, disponíveis em todas as redes sociais tal como o motor imóvel aristotélico na esfera superior do éter inalcançável dos céus do Monte Olimpo.

E isto é a mesma coisa que leva os mortais humanos a se moverem em torno dos demais modelos de perfeição que alguns poucos humanos adquiriram, fruto dos progressos evolucionistas de milênios e de todas as resultantes sociais que emergiram para que fossem assim considerados. Há miríades deles em todos os cantos.

Temos os motores imóveis humanos contemporâneos em todos os lados, bem mais provavelmente em cima dos palcos – que da mesma forma nada fazem para além de existirem, como em puro ato, a excederem-se a si mesmos, plenos de si, mas que indiretamente provocam tudo a se mover em busca do que mostram ser: e estes modelos de perfeição não são apenas os *Influencers*, mas também os coaches, os heróis, os artistas, jogadores de futebol, participantes do BBB, os VIPs, os gurus e inúmeras outras formas de vida perfeitas em que o mediano humano se espelha e se movimenta para atingir tal estado de magnitude, a comprar o que estes vendam, a consumir o que estes usem, ou dizem usar, ou que apenas digam ser necessário ter no armário do banheiro, e este simples mortal que é o seguidor, passa também a viajar por onde eles viajam, a comer por onde comem e a repetir tudo o que fazem, à vista ou a prazo.

Movem-se, mas não são movidos. A questão ainda continua a ser acerca da autonomia da ação. Outra questão, a ser abordada oportunamente, será sobre os conceitos de mobilidade e imobilidade, sobre a apreensão da fluidez do tempo ou apenas do mesmo instante. Algo mais avançado, que logo trataremos de lá chegar. Mas, vamos prosseguir.

Na impossibilidade de “ser” tanto quanto o que se acredita que o outro seja, há sempre o “ter” como alternativa sugerida, pois será sempre mais fácil se ter tudo que o outro tenha, e a preencher o vazio da alma humana dotada de muita potência e quase nenhum ato, através das possibilidades que estão logo ali, nas ofertas dos produtos originais que patrocinam os sobre-humanos, caso exista o poder de compra do desejante para comprar os autênticos, ou, se não tiver recursos, sem problemas, pois sempre existirão ou as vendas a crédito ou as réplicas e falsificações, encontradas nos mercados clandestinos e de origens suspeitas.

Afinal, parece mesmo que estamos na era das réplicas, dos simulacros, em todos os sentidos. Pois, estes seres superiores, que estudaremos amiúde, se dizem ser (e a maioria acredita) os detentores das máximas possibilidades – mas que pouco ou nada do que possuem foi mesmo fruto de suas compras, pelos mesmo processos de se trabalhar, a partir de esforços e por competências específicas (a sério, a estudar ou a pegar no pesado, como a

maioria) para ganharem seus dinheiros e, finalmente, comprarem eles mesmo este algo que estão a promover.

Não é assim com eles, pois ganham algo de graça, ou até mesmo são pagos, para que façam inveja nos outros que precisam pagar pelo que os outros nada pagaram, nem pagariam, visto que não teriam dinheiro para fazê-lo, pois nada sabem fazer para além de fazerem inveja nos outros. E está tudo bem, e tudo isso é normal atualmente! As próprias mães desejam isto para os filhos. Muitas crianças recém-nascidas já possuem seus canais das redes sociais para suas futuras carreiras de *influencers*. Até mesmo os *pets* são *influencers*. Até mesmo estão a serem eleitos para cargos públicos, políticos e de representações diplomáticas. Aristóteles ficaria surpreso, se vivesse em nossos dias.

Mas, subliminarmente, o que ocorre nestas projeções dos pais, em especial das mães, para seus filhos, já são indicadores dos valores projetados que são atribuídos aos *influencers*. Não é esperado que uma mãe deseje o mal para seus filhos, pelo contrário. E isso é axiomático. Ainda que uma ou outra mãe, por exemplo, possa ser exceção, a esmagadora maioria das mães, uma instituição ainda quase imaculada em nossa sociedade, não apenas defende com determinação seus filhos como também o acompanha até seus últimos instantes de vida, a desejar sempre o melhor e a fazer tudo o que lhe seja possível para o sucesso das suas eternas crianças.

Como poderia que, desta forma, uma mãe desejasse que seus filhos fossem *influencers*? Pois há, nesta “profissão” ou “condição” o que se considera ser o bem. E isto é muito claro, pois não só apenas os seguidores percebem isso, mas até as próprias mães que incentivam os filhos a seguirem este caminho. Os *influencers* sempre dão a impressão de terem um alto desempenho, bem em linha com a sociedade do cansaço de Byung-Chul Han, que leva o indivíduo a desejar mesmo isto: um alto desempenho.

Mas, obviamente, não é porque haja o desejo de se fazer o bem para os filhos, que realmente será o bem fruto de todas as ações das mães. Muitas destas mães também compram refrigerantes de cola para os filhos, oferecem frituras e coisas pouco saudáveis para eles, com a intenção de fazerem o bem, mas sem atingir o objetivo proposto ao propiciarem inconscientemente uma dieta pobre em nutrientes. Mas, há outras que podem ser nutricionistas, e fornecerem o melhor da culinária infantil. A questão verdadeira não é essa, mas sobre a dissonância entre o desejo e a realização, ou mesmo sobre o conceito exato do que seja mesmo o bem. Mas também sobre o poder.

No Brasil, há a discussão da exposição de muitas crianças à erotização precoce, muitas com menos de dez anos a serem expostas pelos pais ou com autorização destes, em vídeos musicais nas redes sociais a dançarem e/ou cantarem, em letras que mostram a vertente sexual de certos gêneros musicais, amplificados pelos figurinos sensuais.

E isto se dá não por uma mente pervertida dos pais, ou uma indiferença, mas sim por que veem, ali, possibilidades para os filhos e para eles, uma forma de ultrapassarem a condição em que estão, de saírem das favelas para os melhores bairros, se elevarem na escala social. Pois, há um lamentável preço que a criança acabará por pagar, da exposição a qual é submetida, que pode ser discutível, pois há quem argumente que não seja tão pernicioso assim, o que discordo, mas estes pais estão apenas a responder os sinais prioritários da ordem estabelecida, a fazerem exatamente o que todos buscam nas possibilidades. O problema está nas teias dos valores emaranhados deles, nas hierarquias subvertidas, que o desprovido de critérios passa apenas a enxergar o que emana mais atratividade: e isso é muito claro, atualmente, que aparecer na mídia é o melhor e mais rápido caminho para o sucesso, seja lá o que signifique “aparecer”. E é esta inconsciência que leva a tais absurdos, que nos deixa à beira das distopias das máximas ignorâncias.

Para um artista ser contratado, por exemplo, consideram sua exposição na mídia, seu poder de influência. Um jogador de futebol, idem, pois são contratados não apenas pelos seus talentos desportivos, mas também pela atratividade que seus números poderão captar de patrocinadores e compradores de produtos. Ter espaço na mídia é algo que garante o sucesso atual, motivo que muitos famosos passaram a se expor intimamente em troca dos valores de assinaturas pagas pelos que querem ver mais de suas perfeições. O bem passou a ser mediático. Até mesmo a caridade, em essência discreta ao ponto de ser recomendado que uma mão não veja a outra que dá, passou a ser mediática, glamourosa e performática.

O poder dos motores-imóveis da vida, como as celebridades, é o maior de todos, pois causam sem causar, impávidas, a atraírem tudo o que há. Todas as portas se abrem, todos os tapetes vermelhos são acessíveis. E, ao atrair tudo o que há, atraem também todas as possibilidades, ou passam a serem reconhecidos pelo conjunto de possibilidades que julgam possuir. É disso que se trata, em última instância. A dimensão simbólica do poder é o da atração, numa dimensão supraerótica, que só as celebridades ou influenciadores conseguem atingir, ainda que em pequenas frações. Eis a grande síntese da atração: poder como meio, possibilidades como fim. E nisso, o desejo, e principalmente o desejo pelo desejo do outro, pois isso significa que o outro, a desejar, estará a dar ao desejado o status de poder almejado.

Pois sempre é assim: o verdadeiro interesse pelos sobre-humanos (ou pelos sobre-*pets influencers*) é a fantasia dos simples mortais. Desejam o desejo dos seguidores e, assim, a relação da fantasia também é inversa. É, afinal, um relacionamento, entre os deuses e os mortais, como sempre. Ainda que atualmente, os sobre-humanos existam mesmo, que é a versão atualizada dos semideuses, diferente dos deuses, que nunca existiram realmente, até porque nunca tiveram um perfil próprio nas redes sociais, o que nossos

contemporâneos sobre-humanos possuem, e todos muito bem produzidos. O homem evoluiu, ficou mais ambicioso, e está a criar os sobre-humanos, e não se satisfaz mais apenas com os semideuses. Percebe-se cá a imensa pretensão do imaginário atual.

Pois estes seres sobre-humanos perfeitos e imperfeitos possuem também, neles, toda a transcendência gerada pela necessidade do consumo e da saciedade, em que buscam realizar-se em puro ato, de tudo o que seja legítimo e original, e querem apreender todas as outras qualidades e atributos que um produto possa ter. Mas, se assim não for possível apreender o que é autêntico, há uma transposição, feita pelos incapazes de apreender estes produtos autênticos, para uma ilusão das réplicas que podem adquirir. Se não é possível o original, busca-se um equivalente. Passam a acreditar que o que é falso e inferior em qualidade possa ser a mesma coisa do que o autêntico, desde que apreendido devidamente, quando postado nas suas próprias redes sociais.

É sobre isso mesmo que estamos a tratar: das possibilidades, até mesmo da transposição de atributos, em que o falso possa vir a ser o verdadeiro. E tudo pela falta, pela diferença, pelas possibilidades, da necessidade de se ir da potência ao ato. Este é o nome da dinâmica principal que estamos a presenciar, dos que querem poder ter possibilidades para tudo. E é deste jeitinho mesmo.

E assim, tudo o que existe como possibilidade é o que faz o sujeito se movimentar para chegar próximo desta aquisição – de ser ou de ter, e que passa a ser seu objeto intermediário para saciar seu desejo. A possibilidade contém em si o belo, o perfeito, o desejável e é o gatilho para fazer surgir o ser desejanse.

Mas o desejo não está na possibilidade. Pois quem deseja mesmo é o desejanse, aqui considerado como humano, mas não apenas, e que tem em si a sede deste desejo, que é próprio de si, e que assume como parte de sua individualidade, pois o desejo passa pelo crivo de seus juízos mais profundos – a diferença fica, assim configurada, como a própria essência da individuação, da correlação de si para com os outros, em cujo vácuo se percebe a possibilidade, que será sempre algo que poderá preencher este vazio. Mas vale, então, uma breve consideração conceitual acerca da diferença.

A diferença não é, em si, um problema, mas sim uma solução que consiste na verdadeira motivadora da consciência, que leva ao movimento, à ação e, portanto, à vida individualizada. Eis por que uma diferença é sempre verificada, em quaisquer circunstâncias. O movimento ocorre tanto no campo negativo (ou destrutivo) quanto no positivo (ou construtivo) da diferença. Mas sempre lá está ela, a ser o combustível de toda a ação e transformação.

9. As fantasias, os relacionamentos, as violações, os acordos

Alguém que deseja o que o outro tenha, ou que o outro seja, na verdade, esteve antes a verificar em si uma diferença negativa em relação ao outro. E assim, pode partir para a busca das possibilidades que o fará suprimir esta diferença, a neutralizar-se na inferioridade que percebe em si, seja verdadeira ou não. Obviamente que isto é hierarquizado em uma escala de valores, desejos, crenças e muitos outros critérios que darão um *timing* para as prioridades, que acabam por serem buscadas sempre que possível, sempre que as oportunidades se fizerem presentes e viáveis.

Mas a questão é que, quando adquiridas estas possibilidades, a saciedade não virá daí, pois ou surgirá a hesitação e a resistência em aceitar a “vitória”, ou se verificará novas diferenças negativas, em outros aspetos não percebidos antes, em relação ao outro e, todo o processo é retomado, e que pode chegar a níveis obsessivos para alguns, sempre com a frustração crescente de nunca poder se saciar verdadeiramente. Muitos fãs, em relação às suas celebridades que possuem como referência, assumem uma crescente obsessão em ter e reproduzir tudo o que estas fazem, incondicionalmente, como se isto fosse o objetivo maior para suas próprias vidas. Acontece o mesmo com alguns torcedores desportivos, seus times e jogadores. E, por isso, passam a seguir as tais ditas celebridades, viram “seguidores” a níveis de zombies.

Há, ainda, uma outra situação possível, mas nem sempre alcançável, em que a ultrapassagem do outro foi total (ou ao menos imaginada ter sido assim) e, finalmente, passará a um estado tão superior (aqui, certamente imaginado), que se considerará um destes super-humanos. Mas não se saciará, de todo, pois toda suposta criatura deseja mesmo é ser o suposto criador, e assim buscará uma diferença positiva cada vez maior. A diferença positiva consistirá em uma série de atos que levem a acumular consigo ainda mais possibilidades, em que ficará mais distante dos que estejam a considerar “inferiores”, como numa corrida em que deseja eliminar a chance de ser alcançado pelos retardatários, até mesmo, por estes “serem” seguidores. E isto levará os outros a desejarem-no, que emergirá como uma nova referência de possibilidades, uma nova estrela a brilhar no firmamento, e o ciclo se perpetuará, entre os papéis de seguidores e de seguidos.

Nem mesmo os mais radicais dos comunistas que pregavam radicalmente a igualdade que já participaram de alguma das revoluções, desde sempre, ficaram no mesmo patamar dos outros camaradas, ainda que todos estes defendessem como causa das revoluções a igualdade entre todos. Talvez Ho Chi Minh, como honrosa exceção. Os governos criados por revoluções elegeram um status de elevação, que separou os governantes dos governados,

em distância considerável, por vezes até maiores do que antes havia, e que se amplifica desde sempre. Assim, o Politburo virou um *resort* para não mais ser um igual, pois, afinal, todo governante precisa de poder, pois assim terá possibilidades e, pelas possibilidades, atrairá os governados e se legitimará. É uma necessidade do poder. Ainda mais nos governos totalitários, este processo de “ascensão” ao espectro sobre-humano de seus governantes é mais evidente, pela necessidade opressiva dos cidadãos que passam a precisar apenas da única referência disponível a brilhar: o líder supremo de sua nação, sempre elevado mitologicamente a tal dimensão. Afinal, para que serve o *marketing*?

Também no espectro político surge a fantasia, que é basicamente o desejo pelo desejo, mais especificamente o desejo pelo desejo do outro, de ser o próprio desejo que o outro tenha ou ainda mais, em ter alguma gerência ou influência sobre o desejo do outro. Esta é a dimensão conceitual da fantasia, que Jacques Lacan estabeleceu como um estado em que se deseja que o outro deseje a quem fantasie com isto, e, assim, é preciso possuir, enquanto ser desejável, possibilidades que o outro, enquanto ser desejante, verifique ou acredite que não tenha, ou até mesmo serem valiosas o suficiente para não acreditar que seja possível tê-las, mas a ambicioná-las, para surtirem o efeito de atrair tal desejo pra si, o detentor das coisas valiosas com a volúpia de ser desejado.

O grande barato do ser é atingir este *status* de desejável, pelos demais, e muitos o fazem. Os VIPs, contudo, estão a parte disso, relativamente, pois são as maiores fortunas do mundo, e evitam serem desejados pelas massas e, por isso, passam a se esconder de todas as formas de exposição pública, pois não querem nem serem seguidos, nem terem seguidores, o que é o mesmo do mesmo, e por isso alguns nunca foram vistos publicamente. Mas, não significa que estejam imunes às fantasias, mas que as possuem em seu próprio mundo, inacessível às massas, e lá as exercem, ao competirem por quem será considerado mais rico, e mais desejável, portanto.

Certa vez, no auge das temporadas de sequestros no Brasil, na década de 90, uma mediana cidade do interior de Minas Gerais elegeu a lista dos sequestráveis e, um certo conhecido, que tinha a pretensão de afirmar sua riqueza, se indignou por não estar na lista de sequestráveis da cidade, e se exaltou ao ponto de reivindicar que ele deveria estar nela, por possuir o que possuía. Sentiu-se diminuído. Sim, não era um VIP global, mas aspirava a sê-lo, ao menos municipalmente, pois não tinha seu próprio mundo, obviamente, mas isto dá a dimensão do poder da fantasia, ao ponto de o sujeito não medir as consequências para fazer valer suas fantasias, ainda que quem o desejaria fosse uma quadrilha de sequestradores que eventualmente poderia lhe arrancar um dedo ou uma orelha como pressão pelo resgate, mas, ainda assim, seria para ele uma afirmação de seu status, e uma marca para o

pós-sequestro, se a família achasse conveniente pagar pela sua liberdade. Muitas não o fizeram, é sempre bom lembrar daqueles tempos.

Mas o desejo está dentro do indivíduo desejante e sempre estará, nestes entrecruzamentos dos desejos trocados que são chamados de relacionamentos. Desta forma, reflexivamente, o próprio desejo alheio do ser desejante (do seguidor, por exemplo) passa a ser uma possibilidade para o ser desejável (do *influencer*), e, por isso, igualmente desejado pelo desejável.

Por isso, incrivelmente, o seguidor é também muito desejado pelo *influencer*, que até mesmo chega a “comprar” falsos seguidores, caso não os consiga pelos meios normais, e isso é exatamente fazer o mesmo que os seguidores fazem, a comprarem as falsificações dos produtos que os *influencers* possuem, quando não podem pagar pelos originais. Está a perceber a treta dos desejos? Não há quem fique imune, totalmente.

E tudo se resumirá à artificialidade, por exemplo, nas músicas que são lançadas mediante a compra de quem as irão escutar, ao pagarem “jabás” às estações de rádios e às modernas plataformas digitais de *streaming* para que possam destacar as músicas para possíveis interessados selecionados pelos algoritmos. E, por isso, algumas músicas sofríveis fazem sucesso, mas sempre artificialmente. A qualidade, a originalidade, a essência não está priorizada, mas sim a quantidade, a aparência e a autoafirmação. A fantasia também virou produto que está a ser explorado ao extremo.

E é isto a fantasia, sempre pelo desejo do outro, que nunca estará em si, afinal, mas que pode ser direcionado para si, provocativamente. Portanto, nesta teia de desejos e possibilidades, o outro pode passar a ser visto meramente como uma destas meras possibilidades – vira apenas isto, uma possibilidade a ser seduzida, que é sempre algo objetificado, em que se busca reversivamente uma imanência a partir da transcendência, do mundo das possibilidades para a realidade, como um produto que contenha sempre um preço que possa, ou não, ser pago – mas que sempre haja uma forma de aquisição, seja ele verdadeiro ou até mesmo uma réplica, completamente falsa.

Podemos perceber, ao menos pelo aspeto das forças dos desejos, que os relacionamentos se estabelecem pelos entrecruzamentos dos desejos do desejante pelo desejável, e pelo desejável, quando assume igualmente um desejo pelo desejante e, assim, é ele próprio um desejante. Os exemplos dos seguidores com os *Influencers*, como citado, mostram claramente esta relação. Este ciclo fechado em que ambos desejam e são desejados são a tônica dos relacionamentos que, ao atingir a dimensão erótico-sexual configura-se o que pode ser percebido como a paixão, o delírio entre desejantes que se realizam a serem desejados, mutuamente, até que uma das partes mude seu padrão de desejos e, neste caso, para este, a paixão deixa de existir.

Mas, o que é desejado, nos relacionamentos, é tanto o “ser” quanto o “ter”. Pois primeiro emerge a dimensão do “ser” e, caso seja insuficiente, passa a ser suficiente a dimensão do “ter”. O “ser” possui uma duração temporal maior, é mais profundo e intimista, ao conectar as subjetividades. O “ter” possui uma limitada duração, é mais superficial e ligado às sensações, ao conectar as objetividades.

Desta forma, as relações entre pessoas podem se dar por diferentes formas, como por exemplo alguém que deseja ser desejado pelo que é, enquanto o outro deseje ser desejado pelo que tem. Não há conflitos, e algumas pessoas confundem e discriminam muitas das relações, como por exemplo, entre uma pessoa mais velha (a representar a falta de atrativos físicos) e outra bem mais nova (o contrário).

A pessoa mais velha pode possuir “sucesso” (deter as possibilidades): prestígio, poder e, talvez, alguns milhões de Euros guardados em sua conta bancária. Essa pessoa, “é” e “tem”, para muitas outras que a conhece. Mas, também, pode estar na velhice, a enfrentar a decrepitude do corpo que todos tem ou terão, ao chegar lá enfrentarão, pelo desgaste natural, falta de colágeno ou pela implacável ação da gravidade sobre as partes mais suscetíveis, que a tudo faz cair, quando solto no espaço, ou tudo isso ao mesmo tempo.

E, a outra pessoa dessa relação, por seu jovem e estar no auge da vida, com um corpo exuberante e todos os atributos que um lindo corpo é suposto possuir. O que une estas pessoas em um relacionamento? As fantasias, sempre elas, atreladas às possibilidades, pois a pessoa idosa deseja ser desejado pelo que é, e também pelo que tem, pois sabe exatamente o que está a oferecer e o que está a buscar. Enquanto a pessoa mais jovem, poderá até mesmo desejar o que a outra tem, mas talvez se interesse pelo que também seja, por algum tipo de ligação maternal ou paternal. Não há verdades absolutas, nem universais, embora os relacionamentos objetivos, com base no que as pessoas possuam, tendem a se desgastarem mais rapidamente, por motivos compreensíveis. E, depois, de garantido acesso às possibilidades, pode haver algum grau de farsa se o relacionamento continuar, ao menos para uma das partes. Por isso, os mais providos financeiramente celebram seus contratos pré-nupciais, se estiverem de plena posse de suas capacidades racionais, pois compreendem exatamente com o que estão a lidar. E não é uma crítica o que faço aqui, mas apenas uma análise fria sobre o que são os relacionamentos, sob a ótica das fantasias e das possibilidades.

Há que se considerar, desta forma, o motivo que levam algumas pessoas a defenderem licitamente as formas de relacionamentos amorosos comerciais entre duas pessoas, mesmo quando acordados de forma comercial não formal, como por exemplo na prostituição, que em certos casos não deixa de

ser uma forma sincera e civilizada de relacionamento entre adultos conscientes.

Apesar de contrariarem alguns preceitos morais tradicionais, os relacionamentos amorosos comerciais parecem ocorrer positivamente por cada um saber exatamente o que está a ser acordado, pela parte que paga pelos “serviços” para obter o que a outra parte (possui) e, se for um “serviço” realmente profissional, competente, terá ainda a ilusão, nos poucos minutos, ou horas, da relação, de uma simulação de estar realmente a ser desejado. A parte que recebe pelos “serviços”, prioritariamente, está interessada no pagamento, e a cumprir sua função. É um tema complexo e perigoso, mas necessário de se abordar, pelo extremo que é uma afinidade declaradamente interesseira.

Para além das questões morais, qual a diferença, a rigor, entre a prostituição e um casamento no qual exista um contrato pré-nupcial? Não há, aqui, uma condenação moral, pelo contrário. Nem o desejo de “rebaixar” o casamento à prostituição. Não é isso. A questão é elevar os relacionamentos comerciais da prostituição, se dentro de certos padrões de liberdade de escolha e de consentimento, ao mesmo nível dos casamentos contratuais, pois são todos relacionamentos firmados pelo interesse, afinal, em que as partes estabelecem tudo o que queira, previamente.

Para além da moral, há algum mal verdadeiro nisso? Tudo é uma questão de avaliação, de juízos, de valores e de *feedback* que um espera receber do outro. Nem todos aceitariam isto, desta forma, exceto quando se apaixonam e ficam cegos para todas as convenções sociais. Se for a única opção para se realizarem, não hesitarão. A controvérsia vem por causa de que o amor acabou por ser também um produto, idealizado como padronizado pelas produções de Hollywood, que alguns apreenderam como verdadeiras fontes de obrigações de finais felizes e declarações apaixonadas em estações de metro entupidas de gente, prontas a apoiarem a todos que queiram se manifestar amorosamente. Mas o que acaba por importar, em toda relação, é mesmo o *feedback* do outro, da fantasia que está em jogo. Isso dá a qualidade, a intensidade, o que todos querem realmente.

A empresária brasileira Raquel Pacheco, também uma famosa ex-profissional do sexo, que ficou conhecida pelo nome de Bruna Surfistinha, fazia exatamente isso, ao comentar, avaliar e pontuar seus clientes, anonimamente, através de apelidos que eram publicados em seu blog e, assim, havia a fantasia destes para que fossem bem pontuados, como se estivessem em um jogo, a darem o máximo de si naqueles momentos em que o relacionamento se dava, e que ainda haveria outro prazer, de saber como seria avaliado, posteriormente. Ela não “vendia” apenas o seu corpo, mas o seu *feedback*, e por isso pagavam-lhe muito mais do que pelo corpo. E seu sucesso veio quando ela percebeu o valor agregado que havia nas fantasias

dos clientes, sem que estes dessem conta disso. A generosidade das avaliações, obviamente, era evidente e, assim, sempre destacava algum aspecto positivo nos clientes que, desta forma, tinham ali o segundo gozo. Afinal, era uma relação comercial bem estabelecida, ao menos como podemos supor. E aí há o problema do consentimento, o ponto crucial de tudo isto.

Pois não se pode deixar de mencionar que se há o consentimento entre as partes, tudo é válido. A questão conflituosa, nestes casos, e gravíssima, é que para haver o verdadeiro consentimento deve haver equilíbrio entre as partes e isto significa que a fantasia não pode ser usada como relação desigual de poder, miseravelmente, e de forma covarde. Nenhuma das partes pode estar vulnerável, em desvantagem em nenhuma forma. E, por isso, são raros os casos de prostituição que sejam relações equilibradas e devidamente ajustadas e, por isso, deveriam ser combatidas todas as formas de exploração sexual, caracterizadas por serem não voluntárias ou desiguais.

Pois, havendo a exploração, há um abuso evidenciado que transcende à própria fruição pela fantasia. Uma pessoa em condições de imensa vulnerabilidade, seja a que “paga” ou a que “recebe”, e geralmente a que recebe, pode ser facilmente dominada não pelo que está a fantasiar, mas pelo mínimo que precisa como necessário para sua sobrevivência, ou sobreviver à coerção, em uma instância em que não deveria haver nada mais do que elevar esta pessoa à uma condição de dignidade mínima e liberdade para considerar o que fazer, sem nada mais lhe exigir até que possa decidir por si, ainda que dentro de todos os pontos exteriores que sabemos influenciar tal decisão.

Por isso, há uma dificuldade para se perceber a diferença entre o que é fantasia como um jogo de sedução, em que o prêmio é o próprio proveito da relação, e o que é estritamente um jogo mesquinho e egocêntrico de poder, em que o prêmio é a mesquinha aquisição e subjugação, que não se constitui como uma verdadeira relação. É um crime, e dos piores. Mas, para os puritanos, ou puritanas, que desejam menosprezar quem se prostitui, é bom perceber antes que isso também se dá em muitos casamentos firmados nos mais “dignos” templos religiosos, lamentavelmente.

O objetivo maior de tudo o que se está a apresentar aqui é apenas a forma como os relacionamentos se estruturam, realmente. O efeito colateral é que algumas ilusões acerca das próprias relações poderão se desfazer. Mas, também, poderão ser fortalecidas quando se passa a perceber que é possível nutrir relacionamentos de forma a aumentar sua duração e intensidade. Nós, os neocínicos, não julgamos moralmente nada, pelo contrário, buscamos expor o que há, criticamente, mas sem os juízos que devem ocorrer apenas pelas perspectivas de quem está envolvido nas situações analisadas. Pois,

universalizar verdades ou procedimentos é algo totalmente oposto ao Neocinismo.

Por isso é importante perceber que com as experiências vividas nos diversos relacionamentos, compartilhadas, produzem excessivos conteúdos, para além das formas estabelecidas, e que farão com que os relacionamentos tomem rumos próprios e imprevisíveis. Não se pode definir o que virá, de cada relacionamento, independente de como ele foi iniciado. E é isso que dá o verdadeiro sabor da vida. Assim, relacionamentos formados por “interesse” poderá se transformar em relacionamentos duradouros, com sentimentos de amor, tais quais os filmes românticos de Hollywood que todos cultuam e, inversamente, relacionamentos iniciados por imensas afinidades e interesses sentimentais poderão se transformarem em objetivos e meramente funcionais, ou por vezes em surpreendentes tragédias. A vida na estrutura é sempre dinâmica e, por isso, o que une em relacionamento se transforma e, até mesmo, se reproduz, e é isso que torna os relacionamentos tão complexos e imprevisíveis.

Por outra abordagem, em outro exemplo, é o relacionamento de um bebê e uma mãe, em que se assume igualmente o desejo da mãe pelo bebê, como possibilidade de ser o bebê sua continuidade, seu legado, e também de provê-lo com seu amor e com as necessidades físicas que ele terá, como alimentação, proteção e educação. E este desejo pelo filho se transforma, continuamente, pois o considera como a si, como “algo” que emergiu de sua própria existência, carne de sua carne e sangue de seu sangue. Uma responsabilidade inigualável atribuída a alguém que traz outra à vida, como é suposto ser, em que passa a dedicar a ele toda a sua força para caminhar até o extremo de suas possibilidades.

Não deixa de ser uma paixão intensa, de ser e ter, desde que o sente na barriga, mais fortemente quando o recebe nos braços, em seus primeiros momentos de vida, o primeiro olhar, o sorriso, e que de certa forma tem cariz sexual, não só por ser todo bebê fruto de um ato sexual consumado, à exceção, obviamente, de Jesus, mas também da própria dimensão da geração, e pelos conceitos dos desejos e das fantasias, mas claramente de uma sexualidade não consumada, pois não há o ato do sexo, nem a intenção disto, supostamente, pelos padrões morais compartilhados, em que ocorre uma castração simbólica de todos, mas que transcende a si própria como a transformação para uma relação fortíssima e que passa a ser considerada, por muitos, desta forma, não como mera paixão, mas como amor puro e maternal, que é extremamente poderoso e nobre por ter sido oriundo justamente da ultrapassagem das paixões mundanas para uma categoria de amor que passa a ser mesmo incondicional, por tal desapego, em que a mãe suprirá tudo o que lhe for possível, e sairá a buscar e fazer tudo o que for impossível, se assim suas “crias” necessitarem, como criadora que é, afinal. É capaz, assim,

até mesmo de dar a própria vida para salvar a da cria, se for preciso. E muitas já o fizeram, e sem pestanejar.

A força dos relacionamentos é o mesmo que a força dos desejos, das fantasias dos envolvidos. Fora das relações maternas, ou paternas, ou fraternais, que são mais fortes e previsíveis de se atingir um determinado padrão, bem como seus possíveis conflitos, podemos perceber que os relacionamentos entre estranhos conseguem expor mais friamente o entrecruzamento destes desejos e fantasias, até mesmo da busca pelo exercício de poder e, por isso, os conflitos mal resolvidos das possibilidades. Por isso, sempre há por parte do humano desejante a fantasia de ser, por si mesmo, o objeto de desejo do outro, a fantasia de ser uma fantasia, de se relacionar.

Isso provoca inúmeras aberturas interpretativas, até mesmo as que, por vezes, podem vir a serem conflituosas, por exemplo, no caso dos estupros e diversas formas de violência sexual praticadas por, supostamente, aquele que busca satisfazer seu desejo orgástico de qualquer forma, mesmo que pelas condenáveis formas violentas e não consentidas de relacionamentos, em que este desejo se mostra superior às convenções sociais estabelecidas, como leis e normas de conduta.

Assim, é alegado por muitos violadores (e também por doentios religiosos, extremistas políticos e falsos moralistas, se é que exista diferença conceitual destes com os violadores) que a motivação para um determinado estupro referenciado surgiu devido à provocação da própria vítima, seja pelas roupas insinuantes que estava a usar, ou pelos trejeitos, olhares, formas de se expressar, enfim, tudo o que leva a crer que a vítima estava a desejar – e declarar – que o criminoso fizesse o que fez. É preciso perceber bem a diferença entre o que está a ser defendido como conceitos acerca dos desejos e das fantasias e invalidar as aplicações canalhas e desvirtuadas destes conceitos evocados, indevidamente, para justificar atos criminosos.

Ora, se a vítima estava a ter e a estimular uma fantasia, isso é legitimamente humano e não incorre em nenhuma declaração de permissividade para que os outros venham e tomem e lhe privem do que é seu, do que esta pessoa detém como sua exclusiva propriedade, que neste caso é o seu próprio corpo, que para a vítima não é uma possibilidade, transcendente e, portanto, é algo realmente imanente, e de sua exclusiva propriedade, tangível, se visto desta forma.

Para o agressor, o corpo da vítima é apenas uma possibilidade e, portanto, é algo transcendente, para além de si, e por isso não possui o direito sobre ele, pois não é um bem protegido pela legislação da propriedade privada, que só pode referenciar o que seja imanente a ele, depois de um acordo comercial

formalizado, com todas as condições definidas. O direito sobre as transcendências não está nas legislações mundanas, mas nas instâncias suprassensíveis, divinas ou sagradas, das que habitam os fanáticos chauvinistas e extremistas, inclusive. O que é do outro é “sagrado”, não deve ser tomado a qualquer custo. Mesmo se houvesse alguma concessão dada pela vítima, caso esta concordasse em fazer sexo, esta concessão nunca seria total, irrestrita e incondicional, caso ela não declarasse isso explicitamente.

Os termos e condições sobre o próprio corpo sempre são próprios a cada um, e a ninguém mais. É um direito inalienável e inquestionável, em todas as condições possíveis. A máxima permissão apenas acontecerá nos estados de mútua paixão, na fantasia mútua e extrema entre dois amantes, que se entregam incondicionalmente no calor dos desejos desesperados por serem saciados, e tudo com espaço e tempo definidos, mas nunca isto pode ser estendido para as relações doentias em que se foge ao próprio autocontrole.

E a certeza é que, tais atos, são ruins. Ou melhor, uma péssima e indevida apropriação, nem ao menos uma relação pode ser considerada, nem mesmo uma má. E vem a questão «o que é uma boa relação?». E isto será abordado conjuntamente ao conceituarmos a estrutura, visto que todo relacionamento é também uma estrutura, ou faz parte de uma ou mais estruturas.

Da mesma forma, por analogia, alguém que tenha um carro topo de gama, que tenha recursos para isso e queira mostrar para todos, e que se exiba em prol de uma mesma busca de diferença positiva para si, a desejar que os outros desejem não apenas o que ele seja, mas também que ele tenha e, por vezes, o perceba como especial, como vencedor e superior. E assim o faz, a se exibir, mas isto não significará que seja para que alguém o roube, e que fique sem o veículo, que é também seu próprio objeto de desejo realizado e, portanto, antes de ser imanente era transcendente, pois foi uma possibilidade que ele conquistou e conseguiu materializar para si, através de um acordo comercial, e que a legislação vigente lhe conferiu o direito de propriedade.

Isso é uma imanência, artificial, todavia, mas ainda assim imanência. A diferença da licitude é esta, basicamente, de não se tomar para si (criminosamente, ou não) o que seja imanente para os outros, sem a devida permissão de que seja, também, imanente para si, conjuntamente de acordo entre as partes.

10. A transcendência, a imanência, as oportunidades

A transcendência é um ato intencional que emerge da busca pelas possibilidades. É uma resultante, uma força derivada de uma assunção de necessidade por algo além da imanência do sujeito. A necessidade é relativa à ultrapassagem de uma condição dada, limitada e resistente. E as possibilidades são a assunção consciente da falta, relevante ou não, oriunda dos objetos de desejos não apreendidos. A transcendência, portanto, é um estado intencional com base na crença da diferença e no desejo da supressão desta.

Se há a apreensão do transcendente, já começa a ocorrer a imanência deste transcendente, e deixa de existir a transcendência em relação ao que está a ser apreendido. Se ainda há transcendência, então o que está apreendido não é o objeto do desejo, em si. Podemos perceber isso quando, por exemplo, alguém, obtém algo valioso para si, e atribui a este algo alguma possibilidade, como uma imagem de um santo, por exemplo. E, neste caso, não é a imagem em si o objeto de desejo, mas sim o que ela representa, que continua a não estar apreendido tal qual um milagre que deseja obter para si. Mas há, também, alguém que possua uma imagem de um santo e acredita que ela seja a própria possibilidade, como uma relíquia dotada de todas as possibilidades, e não queira mais nada do que a própria imagem, e assim esta imagem é pura imanência. Se há um estado intencional, para além do imanente, há a transcendência. E só assim.

Também há, na imanência, a apreensão de todos os desejos realizados, saciados na materialidade, a configurarem as sensações apreendidas, as memórias, a identidade e a própria história de vida.

Nem toda imanência é oriunda de uma transcendência, pois pode ser dada ou tomada, quando estabelecida de acordo com as regras vigentes, naturais ou não, até mesmo no que seja a propriedade do “eu material”, que é a propriedade inalienável do próprio corpo humano, seja este corpo vivo ou morto. Nasce-se num corpo, que lhe foi “dado” e, mesmo que seja tomado, pela morte, ainda será imanente ao sujeito jurídico, e ninguém poderá tê-lo para si sem autorização expressa, até que se desintegre. Mas, enquanto se vive, busca-se ultrapassar a própria imanência, tal qual aquele que detém uma imagem de um santo em busca de um milagre, a ultrapassagem da limitação do corpo ocorre intencionalmente. Se há a ameaça percebida da morte, isso leva a um movimento para encontrar possibilidades de superar esta ameaça. E todas as outras.

O transcendente, portanto, é também, ou talvez principalmente, uma criação mental humana voltada para sua própria superação da finitude. E, por isso, ou a consciência projeta a individualidade para a imortalidade, mais

improvável, ou busca trazer a imortalidade para a individualidade, o mais comum. Mas sempre a primeira ultrapassagem passa a ser a superação dos próprios limites conhecidos, que são dados pela própria biologia do corpo.

Não há inocência na transcendência, e nem despropósito. Há intencionalidade, muito propósito e uma carga elevada de conteúdo mental acerca dela. Ela existe, não como coisa, necessariamente, mas como intenção. Por isso, tem-se consciência dela, mas não necessariamente o conhecimento, tal como Brentano nos conceituou.

A fantasia é, da mesma forma, eminentemente humana, natural e lícita, e não apenas faz parte desta natureza como é uma das responsáveis, desde sempre, pela evolução e por todo o progresso que emergiu pelo desejo ou da supressão da falta ou da amplificação da diferenciação, da ultrapassagem dos próprios limites humanos.

Pois o desejo primário já possui uma instância no animal, que nunca é totalmente irracional, pois há sempre um quantum de racionalidade, ainda que rudimentar, que o permitirá resolver as questões mais básicas de sobrevivência e, assim, fazer conexões com outros para ampliar suas chances. Conexões são os relacionamentos, que dão início à vida social, aos bandos, as tribos, etc. E a fantasia se consolida, quando aquele que quer fazer parte deseja ser acolhido pelos demais. Assim, a interagir, pelos desejos compartilhados, começam as convivências sociais tão valorizadas para a perpetuação e evolução das espécies.

As convivências sociais possuem valor pois passam a significar situações nas quais surgem as oportunidades, que são as possibilidades reveladas, tornadas acessíveis, afinal, e são as oportunidades igualmente entes transcendentais a se permitem mais facilmente passar para entidades imanentes.

E as oportunidades são, sensivelmente, mais numerosas nas esferas mais elevadas da estrutura, e mais escassas nas bases, para as massas, ao contrário das possibilidades. Não que não existam muitas possibilidades nas bases, mas são comuns, vulgares e, portanto, não valorizadas ou mesmo nem reconhecidas. Por isso, que todos são orientados a desejarem, ao mesmo tempo ascender na estrutura, pelo maior número de oportunidades que aparentam existir no topo, mas logo hesitarão, pelas sensações que terão em relação às restrições de possibilidades menores. Ficarão entre a cruz e a espada, entre as oportunidades e as possibilidades, perdidos entre ato e potência, entre o mundano e o celestial, e isto é entre o imanente e o transcendente.

Será uma luta íntima pautada sobre uma questão de valoração de valores ambíguos. Alguns afirmam que os pequenos prazeres da vida são os melhores. Estes pequenos prazeres, tão romantizados pela cultura massiva, que romantizam a “pobreza”, se assim considerados, são partes destas

oportunidades vulgares. Um prazer de sentar em uma cafeteria e tomar um expresso é visto como um momento de prazer, acessível a todos. É uma oportunidade, mas não uma possibilidade mesmo. Pois, para ser uma possibilidade, a pessoa deveria ter a oportunidade de fazer isto em qualquer lugar do mundo, talvez Paris, e não apenas no seu bairro. Assim, as oportunidades são mesmo restritas, a um tempo e a um espaço, e não são como as possibilidades, transcendentais. Essa é a verdadeira diferença que é crucial para percebermos as dinâmicas humanas.

Há uma intenção oculta em valorizar o que é comum, de fazer as oportunidades se parecerem com possibilidades, pois assim se acomodam melhor as massas onde elas estão, e traz algum conforto a quem está desconfortável e insatisfeito. E não é raro ver cenas de romantização dos pequenos prazeres, em diversos filmes, ou obras literárias, em que os mais ricos se comprazem com as coisas mais acessíveis e vulgares, que os mais pobres não valorizam e estes, ao perceberem, se resignam um pouco com o que possuem. Atribuem aos pobres as oportunidades que estes sempre possuíram, mas travestidas de transcendências, como possibilidades. Não há, nunca, atos despretensiosos nas formas de cultura ou produção artística. Há que se perceber.

E projetam que supostamente os mais pobres deveriam se sentir mais “felizes” por sempre terem tido isso, enquanto os ricos não possuem esta possibilidade. E é assim, por crenças projetadas, que se acomodarão melhor em suas posições desprivilegiadas, a confundirem oportunidades com possibilidades. Nada é inocente e despropositado, e é sempre bom lembrar isto, pois os desejos individuais e coletivos precisam ser geridos, e assim é feito, pela transvaloração da transcendência.

E será somente através da dialética entre a imanência e a transcendência, uma como tese, outra como antítese, que resultará na percepção das oportunidades mascaradas como possibilidades, por vezes, quando houver uma síntese resultante. Mas sempre será preciso um embate das próprias percepções. As ilusões da vida não são causadas pelas possibilidades, sempre mais distantes, mas sim pelas oportunidades disfarçadas, mais próximas e prontas para serem apreendidas, a se disfarçarem por vezes mais próximas de uma imanência, ou por vezes mais parecidas como uma transcendência. Por isso, se faz necessário perceber o que são mesmo as tais oportunidades capazes de causarem muitas das confusões humanas acerca de si e do mundo.

O animal irracional, assim considerado pelos que se consideram racionais, é ilibado de suas responsabilidades, pois sua racionalidade, embora exista, não possui juízos refinados, ou conhecimentos que o permitam distinguir para além do mínimo que possui – e por isso está totalmente conectado às oportunidades, apenas. Não diferencia nada para além ou aquém além delas. Se há a fome e a possibilidade se apresenta como oportunidade, para sorte

dele, através de uma succulenta presa desprevenida, lá está o seu almoço. E é este o estilo da selva. E, assim, os animais que servem como alimentos para outros tratam de não estarem desprevenidos, mas sim totalmente alertas, para não serem uma oportunidade para outros. Nem sempre conseguem, todavia.

Mas, diferente dos considerados irracionais, o humano deveria ser o único responsável pelos atos que serão advindos das orientações às possibilidades, dadas suas fantasias que podem ficar descontroladas, bem como suas crenças, seus desejos, suas vontades e tudo o que lhe seja possível provocar gatilhos, ou não, para suas ações. E tais gatilhos não deveriam ser, meramente, oportunistas. E isto é crucial para percebermos, ou começarmos a perceber, a verdadeira liberdade de ação. O oportunismo é a exacerbação da própria animalidade, da obliteração das próprias capacidades racionais, a buscar apreender tudo o que lhe seja conveniente, sem considerar que isto poderá representar o prejuízo alheio, ao consumir seu oportunismo.

Eis que todo oportunista é mais próximo de uma vida mais animalizada do que humana, a sustentar uma indiferença pela diferença, visto que estão apenas atentos às questões mais terrenas ou objetivas, acerca de sua própria situação, muitas das vezes de vulnerabilidade. Assim, os oportunistas passam a possuir um instinto mais apurado de sobrevivência, tanto pelos seus próprios conteúdos, quanto pelos meios em que está inserido. Perceber isto é perceber o valor que há na diferença percebida, pois, se é a diferença que leva ao movimento, é também o que leva ao fluxo de ações mais bem engendradas pelo crivo de valores e racionalidades empregadas. O oportunista se priva de tais instâncias, a prezar por sobreviver, e nada mais.

Ainda assim, este instinto de sobrevivência do oportunista não lhe é suficiente para se proteger do resto mais racional, sem que outros possam manipulá-lo, dados seus próprios interesses previsíveis em busca das coisas mais evidentes. Um animal, faminto, expressa sempre sua fome. Assim como o que está com medo e acuado. E estes acabam por serem os mais facilmente capturados, eliminados ou escravizados, sem perceberem, pois, passam as oportunidades a lhes serem colocadas bem à frente, mas distantes o suficiente para que nunca consigam pegá-las, tal qual um coelho com uma cenoura pendurada à sua frente, a correr exaustivamente em vão atrás dela.

É o domínio sobre as oportunidades que diferenciará o humano racional do animal irracional, mas não apenas isto. É o domínio das oportunidades que formará a verdadeira cadeia alimentar da selva humana, em que o topo, dos VIPs, representará o completo domínio de tais oportunidades ao ponto de serem estes que segurarão a haste com a cenoura, a fazerem todos correrem atrás dela, insanamente. Portanto, se não há o domínio completo por seus próprios instintos, perde-se parte de sua suposta humanidade racional, de sua capacidade volitiva. Afinal, qual o sentido prático para a

racionalidade enquanto motor do progresso comum? É preciso estabelecer uma nova abordagem estrutural e conceitual entre razão e ação.

E isto se dá, e sempre se deu, pela dialética. O erro foi manter a dialética apenas nas esferas filosóficas, das práticas intelectuais academicistas distantes do cotidiano. Se há uma boa razão para popularizar a Filosofia, há que se popularizar, primeiro, a dialética. A dialética é a dança de Nietzsche, o que daria um ritmo mais favorável à vida para aqueles que dançassem, pois é parte das construções, das métricas racionais, um tanto do tempero que daria gosto sedutor ao pensamento. Já bastaria este reconhecimento sinestésico para um grande progresso intelectual coletivo.

E é a dialética a confrontação de ideias, no palco das argumentações, através do diálogo, ou mesmo do debate, que sempre abre caminhos para depurar as convenções que existem, por vezes insuficientes de explicarem o que se deseja. Por isso, entre a imanência e a transcendência faz-se necessário sair do mundo como o conhecemos, tangível, que nos foi definido como único possível, ou talvez o melhor possível, e ascender para o mundo mental, seja este próprio ou coletivo, e isso se dá pela consciência, pela abstração, pela dança *nietzschiana*. E é um caminho desbravador, com base na linguagem, na livre exploração, mas que nem sempre levará aonde se esperava chegar, mas também sempre leva a melhores oportunidades, no mínimo, e com consciência acerca delas.

A dialética talvez seja a melhor ferramenta que realmente eleva a compreensão humana a níveis superiores. É ela quem dá uma dimensão entre o que seja imanente, transcendente, possibilidades, oportunidades, ameaças e tudo o mais. Ainda que não se descubra tudo, acabará por perceber que nem tudo lhe é conhecido e, assim, já não possuirá tantas certezas, que antes lhe levariam a possíveis erros. Conhecer a própria ignorância é algo mais desejável do que o conhecimento da suposta sabedoria que geralmente nunca se tem.

A dialética de Hegel, composta por três partes bem distintas, mas não apenas, talvez seja a mais funcional de todas. E não foram poucos os filósofos que buscaram na dialética seu método investigativo. Mas o que, lamentavelmente, Hegel queria mesmo era também uma busca pela universalidade racional, ou um todo diretor, como podemos considerar até aqui. E esta pretensão filosófica nunca é boa, embora seja quase unânime nos dias atuais. Dizer que a universalidade deve ser colocada em causa é similar a se condenar às fogueiras das modernas inquisições acadêmico-filosóficas, em que tudo está muito bem acomodado, embora nada tenha esteja a ser respondido ou esclarecido, pois o Universo permite uma distribuição em que o vazio é capaz de distar tudo, tal como galáxias separadas por incomensuráveis anos-luz, desconexas. Nada, aliás, é despropositado, novamente aqui destilado venenosamente.

E é justamente este posicionamento universal que conflita com a visão Cínica, que contempla não um todo, nem absoluto, nem relativo, mas sim uma perspectiva. O que se busca, com a dialética Cínica, é o Universo em perspectiva, o todo considerado como um sistema funcional e operante e a conectar tudo o que há. E isto é facilmente um alvo atrativo para ser atacado, ainda mais pelos ditos puristas e crentes nas verdades universais, imbuídos de uma poderosa força, quase fundamentalista, de que o todo está por aguardar ser descoberto, ou composto, e caberá a eles fazê-los tal descoberta ou composição.

A busca pela universalidade é inócua, mas tem seu efeito colateral, que é a prática da dialética. Isso sim é o mais louvável no movimento em direção ao que consideram ser a universalidade, que é uma entidade que não existe, mas que todos os seus devotos rumam em sua direção. E, pelo movimento, muitas outras coisas derivaram daí, e assim nos foi possível perceber o que é transcendente e imanente, mas não só. Alguns ainda não perceberam a não existência da universalidade, mas continuam a buscá-la e ainda a produzir, por acidente, boas coisas, mas sempre como efeitos colaterais não intencionados. Pois, como pode algo que não existe fazer algum mal? Não existe como “coisa”, mas como intencionalidade, na consciência, tal como os unicórnios. Mas são lá outras questões, para além das que queremos por agora.

Mas, o que é imanente e transcendente? Eis um caso, a seguir.

O corpo do sujeito é imanente apenas para ele, mas este seu corpo é transcendente para outros, e para todos os demais. Para os que estejam em um clube de sexo livre, cujas regras sejam algumas poucas, apenas, os conceitos de transcendência e imanência podem parecer totalmente superados, quando ninguém passa a ser de ninguém, ao menos enquanto lá estiverem libidinosamente nus com evidentes sinais de intenções sexuais, e todos ali de acordo com seus próprios juízos. Pois, a condição para se entrar é aceitar as regras estabelecidas, supostamente conhecidas por todos. Os limites são definidos por estas condições estabelecidas e pode-se, por exemplo, ser apenas proibido tocar nas orelhas, sejam nas próprias ou nas dos demais. Fazer isto seria considerado uma grave infração, e todo o resto seria permitido, nesta esdrúxula situação específica tomada aqui como exemplo.

Mas, com a convivência estabelecida, tais regras (restrições) antes ditas “universais” seriam logo superadas, pelas relações estabelecidas, pelas novas “universalidades” de certos grupos que seriam formados, pelas afinidades, ou aversões, e haveria uma nova instância que, por vezes, afrontaria as regras gerais, ao cada um acariciar orelhas, mas secretamente e dentro de cada grupo, que seria aceito e desejável, como um segredo ou pacto em comum, transgressor, talvez. Isto é a sociedade, em resumo, quando percebemos

afinidades que agregam ou dispersam, a criarem suas próprias dimensões de mundo, com vínculos que identificam quem faça parte desta perspectiva, que passa a reproduzir uma ordem prévia, mas não necessariamente de uma única forma.

Mas, de onde surgem as oportunidades? São, antes de tudo, possibilidades de acontecimentos, de algo imanente provável a passar a transcendente ou vice-versa. E emergem das forças dialéticas entre o que é imanente e o que é transcendente, a partir das perspectivas das quais o sujeito esteja a participar. Uma oportunidade é algo percebido individualmente, ou coletivamente, mas não “universalmente”, pois o que é oportunidade para um, pode não ser para outro. Há o animal selvagem que se alimenta de outro, há este outro que é o alimento, e há o herbívoro. Cada qual com suas próprias oportunidades.

Os mesmos sujeitos do clube de sexo, por exemplo, mas alocados em outras condições, por exemplo, supostamente em um grupo de leitura e estudos das obras de São Tomás de Aquino, se comportariam de forma bem distinta e o conjunto resultaria em algo totalmente diferente, pelas condições transcendentais que passariam a ser, em grupo, totalmente imanentes. Isso se justifica tais quais as características alotrópicas dos elementos, quando um mesmo elemento, como o carbono, pode resultar tanto no grafite em dadas condições, mas em outras, resultará no diamante, se arrançados de formas diferenciadas, em condições diferenciadas de temperatura e pressão.

Para uns, o grafite é mais valioso, pois a partir dele poderá escrever (tornarem-se imanentes) seus poemas, enquanto para outros, será o diamante, pois poderão se exibirem melhor e, assim, tornarem-se mais atraentes (tornarem-se transcendentais) em suas fantasias. Uma mesma coisa, com quantidades iguais de elementos (imanentes), mas em condições diferenciadas de movimento e de energia, torna-se completamente diferente como representações universais – e sem a universalidade tão sonhada se manifestar como evidente, de que exista algo comum em tudo o que há.

Como é possível alguém querer ajuizar algo, ao estar de fora da experiência? Chegamos ao ponto fulcral das crises antigas e das atuais.

É justamente isto que os devotos da universalidade, fundamentalistas, puristas ou crentes desejam fazer. E isto é restringir a compreensão, e não ampliar, ao buscar a universalidade, e não restringir. A denúncia é que todos os processos de radicalização pejorativa da diferenciação, como a misoginia, a xenofobia, a transfobia, a homofobia, etc. tem por base, sempre, uma base universal de valores, de padrões e tudo o mais. Nunca dá certo e a diferença nunca será aceita. O mais impressionante é que os militantes politicamente-corretos buscam os mesmos caminhos que os levaram a tais condições inadequadas, e tudo vira uma guerra, um combate em que cada um propõe instanciar a sua própria perspectiva como universalidade. E isso é péssimo. A compreensão será sempre proporcional à perspectiva considerada. Por isso

que a busca do todo deve ser percebida como infrutífera, ou apenas um jogo, dentre tantos que existem, nem sempre com bons propósitos, afinal.

Mas se a busca do todo é mais imprecisa, agrupar elementos que formem um conjunto de pontos em comuns, ainda que não sejam um todo, será uma espécie de protocolo que todos passam a considerar, e isto sim poderá resultar em algo mais frutífero. Se somos todos humanos, quantitativamente, talvez alguns sete ou oito bilhões, qualitativamente somos únicos, cada um de nós. Não somos um Universo individual, mas um conjunto de perspectivas a nos buscar conectar entre todas elas, a nos dividir entre o que for mais conveniente. Não somos uma unidade, mas sim uma pluralidade convencida de ser uma unidade, e em luta de ser o que nunca poderemos ser, de facto. Ainda ignorantes, todavia, mesmo com todos estes pretensiosos conhecimentos, nos falta a visão do real, da capacidade de suportar o caos que nos impera internamente. Falta-nos novas questões, eis algumas.

Como buscar o conhecimento a partir de um todo que não existe, realmente?

Qual o verdadeiro transcendente universal que ainda insistem em perseguir?

Eis a questão bilionária. Conhecer este verdadeiro transcendente universal é o desejo de todos os devotos que defendem a universalidade.

Se, quantitativamente, digamos, cinquenta pessoas ingressem em um mesmo clube (seja o de sexo livre e selvagem ou o de leitura filosófica medieval) e, portanto, isto significa que todas aceitam as regras vigentes no clube. Destas cinquenta pessoas, formaram-se, naturalmente, pelos relacionamentos criados, oito grupos, com seis a sete pessoas, na média, em cada um destes, conforme seus interesses e afinidades. E, dentro destes grupos, diferentes posições são formadas, algumas mais ativas, outras mais passivas, e tudo fluiu para que cada um possa obter o que sempre quis ali: atingir a sua própria objetividade e subjetividade. E isto será o próprio Universo de cada individualidade, não fixo, nem limitado e nem imutável, mas sim uma dimensão qualitativa, dinâmica e excitante. Obviamente, também com quantidades, ou intensidades.

Considerar o Universo como um todo, a se expandir, nos dá a impressão de uma certa ordem, de um padrão de movimento que a Astronomia busca tanto descobrir, e com muitos avanços, mas também há o “vazio” em muitos espaços, uma forma de perceber que os corpos se organizam em galáxias e cada uma delas é distinta das outras, em vários sistemas que estão dentro destas e assim, sucessivamente. Olhamos para o céu, em uma noite inspiradora, e tendemos a pensar na infinidade de estrelas que existem como se fossem todas próximas e conectadas. Mas, nenhuma é exatamente igual à outra. A infinidade é pensada, apenas, na quantidade, mas nunca na qualidade e assim fomos ensinados, educados. Aprendemos a pensar universalmente,

sem considerar a infinidade das qualidades, sem perceber mesmo a diferença como o elemento-chave de nossa perspectiva existencial.

«*Refugiados são indesejados?*». Quem escuta uma pergunta destas deveria responder com outra pergunta, necessariamente: «*em quantidade ou em qualidade?*». Mas é uma pergunta que não é feita, pois ninguém as conhece. E assume que seja apenas em quantidade, e nunca em qualidade. Assim, sempre se perceberá a frase como «*refugiados em grande número são indesejados?*». E o excesso é geralmente um problema, em quase tudo.

Nada, aliás, como temos visto, é inocente. Sempre há um certo propósito e um incerto despropósito em todas as questões. Por isso, pelo lado prático, pensar universalmente tem seus efeitos nocivos em tantos outros aspetos. Os mais idealistas devotos dirão, «*mas são coisas diferentes, não pode estar tudo no mesmo balaio*». Se são coisas diferentes? Sim, com certeza, pois tudo é diferente. Este é exatamente o ponto que se está a combater! E não há mesmo um balaio com tudo dentro. São muitos os balaio, e precisamos percebê-los assim, sempre em perspectiva.

Passar de um quantitativo para um qualitativo foi um passo dado por Hegel¹², e muito acertado. Mas ele expressou filosoficamente sua obsessão oculta, um pouco obscena, de legitimar conceitualmente o todo, que é uma necessidade implícita (e suficiente) para todos que aspiram ser idealistas, e assim logo buscou fazer o caminho inverso, de passar da qualidade para a quantidade. Do movimento e da heterogeneidade para a paralisia e a homogeneidade, segundo as conceituações *bergsonianas*¹³.

¹² «*Grandeza extensiva e intensiva são, portanto, uma e a mesma determinidade do quantum; elas são diferentes apenas pelo fato de que uma tem o valor numérico como dentro de si, e a outra tem o mesmo, o valor numérico, como fora dela. A grandeza extensiva passa para a grandeza intensiva, porque seu múltiplo desaba em e para si na unidade, fora da qual ocorre o múltiplo... Assim, a grandeza intensiva é também essencialmente grandeza extensiva. Com essa identidade entra o algo qualitativo.*». Em HEGEL, G. W. F. *Ciência da lógica. A Doutrina do Ser*. Petrópolis: Vozes, 2016, pg. 235

¹³ Bergson percebe a nossa forma platônica de pensarmos sobre a paralisiação do movimento para compreendermos as coisas: «*em certo sentido, todos nascemos platônicos*», mas o faz de forma crítica, a perceber que já passou da hora de não sermos assim, de abraçarmos o movimento como algo que precisa ser compreendido filosoficamente, ao criticar Kant «*toda a crítica da razão pura repousa também sobre o postulado de que nosso entendimento é incapaz de qualquer outra coisa a não ser platonizar, isto é, modelar toda experiência possível em moldes preexistentes*». ROSSETTI, Regina. *Movimento e Totalidade em Bergson – A Essência Imanente da Realidade Movente*. Coleção Ensaio de Cultura. São Paulo, SP – EDUSP, 2004, pg. 55 e 56.

Nunca dá certo, mas é sempre um esforço que nunca para de ser feito pelos devotos buscadores da universalidade. Talvez com a impressão de que seja possível atingir uma universalidade por aí, pela busca do movimento dentro do que não se move, do que é morto, como são os números. Mas, o fluxo de ida e de volta, entre qualidade e quantidade, se consistentemente realizado, chega a um ponto mediano, condensado, e que pode dar uma impressão de ser isto a universalidade. Muitos gostam deste estado transitório e se acham realizados, se dão por satisfeitos, ainda que por alguns instantes.

Mas, entre “ir” e “voltar” neste insano fluxo, já está a errar profundamente, ao assumir que, quando se sai de “A” para “B”, depois só lhe será possível voltar de “B” para “A”. Mas “A” já nem existe mais, pois tudo se movimenta, e o idealista fica, como sempre, perdido nas convenções que mudam incessantemente. “A” era “A” quando o viajante lá estava, ao sair, tudo mudou, como o rio de Heráclito¹⁴, e tudo está a mudar, sempre. A mudança é o movimento. A imobilidade é uma apreensão feita do processo sempre em mudança, do ser que é o instante apreendido como um eterno presente, de Parmênides¹⁵, que se faz necessária ao conhecimento analítico. Mas se conhece apenas o que se consegue apreender, e se conceituar a partir desta imagem, enquanto o que está a ocorrer é eterna mudança.

Platão¹⁶, ao definir o tempo, o fez com uma das mais belas frases da Filosofia, a dizer que «o tempo é a imagem do eterno». E este eterno é esta

¹⁴ «Os filósofos de Mileto haviam notado o dinamismo universal das coisas, que nascem, crescem e perecem, bem como do mundo, ou melhor, dos mundos submetidos ao mesmo processo. Além disso, haviam pensado o dinamismo como característica essencial do próprio "principio" que gera, sustenta e reabsorve todas as coisas. Entretanto, não haviam levado adequadamente tal aspeto da realidade ao nível temático. E foi precisamente isso que Heraclito fez. "Tudo se move", "tudo escorre" (*panta rhei*), nada permanece imóvel e fixo, tudo muda e se transmuta, sem exceção. Em dois de seus mais famosos fragmentos podemos ler: "Não se pode descer duas vezes no mesmo rio e não se pode tocar duas vezes uma substância mortal no mesmo estado, pois, por causa da impetuosidade e da velocidade da mudança, ela se dispersa e se reúne, vem e vai. (...) Nós descemos e não descemos pelo mesmo rio, nós próprios somos e não somos.». Reale, Giovanni. História da Filosofia. Volume I. São Paulo: Paulus. 2003, pg. 23.

¹⁵ «...*não tem passado nem futuro (de outro modo, uma vez passado, não existiria mais, ou, na espera de ser no futuro, ainda não existiria), e, portanto, existe em um eterno presente, e imóvel, homogêneo (todo igual a si, porque não pode existir mais ou menos ser), e perfeito (e, portanto, pensável como esferiforme), e limitado (enquanto no limite se via um elemento de perfeição) e uno. Portanto, aquilo que os sentidos atestam como em devir e múltiplo, e conseqüentemente tudo aquilo que eles testemunham, é falso.*» Ibidem, pg. 32.

¹⁶ «*Enquanto eterno, o mundo inteligível está na dimensão do "é", sem o "era" e sem o "será". O mundo sensível, ao contrário, está na dimensão do tempo que é "a*

eternidade, a se movimentar, constantemente, que é apreendida em pequenas frações, em momentos, para que se configure assim a percepção do tempo. Um *frame*, uma película do instante da apreensão é apreendida, mas nada continua a ser como tal, necessariamente.

Recentemente, nas benditas investigações das vacinas para a COVID-19, entre uma vacina e outra, novas variantes dos vírus surgiam e, por assim dizer, uma maior ou menor eficiência era verificada em cada vacina, pois os vírus que estavam a ser combatidos eram uma apreensão do passado, ao passo que a evolução destes resultaram em novas variantes, distintas de serem igualmente afetadas pelas vacinas.

Na corrida que fizeram, contra o tempo, os cientistas apreenderam, de todas as variantes, o que fosse o mais “comum” possível, o mais central para que pudessem ter uma solução suposta ser universal, dada a impossibilidade da universalidade, propriamente dita. E nisto está o equívoco, pois o que há de comum é apenas um ponto do passado, ainda que presente, a influenciar, mas que tudo o mais que havia não está mais onde tudo realmente está a acontecer, que é o devir. Este passado comum abriga os protocolos, mas nunca a pretendida universalidade, que está supostamente no futuro buscado. Mas há também a universalidade dada como uma função, que operaria como um grande *hub*, referencial e que dá acesso a muitas outras áreas que se deseja ir, e nada mais. A questão não é condenar a universalidade, mas sim seu endeusamento. Mas, mesmo os endeusados podem possuir alguma funcionalidade, que não a assumida divindade.

É ainda necessário perceber o termo “contra o tempo”, pois isto significa, necessariamente, que deveriam desenvolver a vacina o mais rápido possível. Mas, na prática, o ideal é que a tivessem dentro do momento da apreensão. Pois, se conseguissem “parar” o tempo, teriam ali uma solução, sem danos, e sem nenhuma perda, das milhões de vidas humanas vencidas pelo vírus. O tempo não “para” de correr, tudo muda, tudo se transforma. É exatamente como a ciência se dá, sempre em corrida contra o tempo, dada a impossibilidade de haver ciência sem uma universalidade considerada previamente, e esta sempre é instanciada na imobilidade – como um *hub* funcional. A solução, então, é minimizar o tempo para que as mudanças estruturais sejam menos significativas.

O tempo, afinal, não é o que temos, mas sim o que somos. O que temos são somente os instantes. E instantes não são o tempo, dado que o tempo é mobilidade e o instante é a imobilidade, uma imagem única de uma eternidade. O filósofo e teólogo argelino Santo Agostinho de Hipona, ainda quando Hipona, a atual cidade argelina de Anabba, fazia parte do Império

imagem movel do eterno", como uma espécie de desenvolvimento do "é" através do "era" e do "será". Por isso, implica geração e movimento.» Ibidem, pg. 144.

Romano, considerou que «*as coisas que não estão no próprio lugar agitam-se, mas, quando o encontram, ordenam-se e repousam*»¹⁷ e isto é exatamente a diferença em que ele atribuía ao movimento e ao repouso. O movimento como o modo de ser, a essência divina, o caos. O repouso como modo de existir, o reencontro da parte com o todo, que muitos creditam a deus, e a harmonia e a ordem. Esta é a ideia de que o repouso e a quietude são sempre mais desejáveis e nobres.

Os cientistas, assim, precisam separar apenas o que lhes é possível, e em luta contra o tempo, antes que as mudanças sejam significativas, consigam atingir alguma condição em que o modo de ser coincida com o modo de existir. É isso que, todos, aliás, fazem com suas vidas, ao buscarem suas próprias realizações enquanto seres humanos e mortais, a correr contra o tempo, enquanto a vida está a ocorrer. Eis a razão de a morte ser evitada, indesejada e buscada ser superada. Tudo é uma corrida contra o tempo, uma tentativa de ter o que não se pode ter: o tempo. E de ser o que não se pode ser: os instantes.

Buscar a universalidade é algo que todo o pensador honesto precisa redefinir para si, e para todos, o mais breve possível. Precisa ser consciente para perceber, e declarar, afirmativamente – claramente – o que está mesmo a pensar acerca dela, e tudo isto afirmado em ato tal expressivo, tais quais os melhores *coaches*-picolés que fazem suas declarações públicas das condições de sobre-humanos que julgam ser, ao se submeterem aos banhos congelantes que tomam completamente impávidos, a endeusarem-se.

Por isso, é preciso saber se o pensador pensa honestamente que está a buscar o Santo Graal, ainda que inconscientemente em uma demanda *coachiana*, com aspirações sobre-humanas, que nunca resultaram em nada. Ou, em contrapartida, está apenas a participar das mais loucas aventuras deleitosas e fantasiosas, conscientes, com o Rei Arthur, a Rainha Guinevere, Sir Lancelote e todos os demais da Távola Redonda, ou dos reinos concorrentes, em que o mais importante é perceber cada uma destas personagens e as relações que foram estabelecidas no Universo de Camelot, mas não apenas lá, enquanto esteja a apreender tudo o que for possível desta *épica quest*.

Mas, ainda assim, ao optar ou pelo Santo Graal ou por Camelot, há que perceber que isto são, agora, quantidades, escolhas, de algo que foi qualitativo no passado, mas não mais. E, depois, vem a qualidade, que é a questão sobre o motivo de sua escolha, o que o fez decidir por isso, enquanto outros fizeram o oposto. E, de todas as escolhas que todos fizeram, nenhuma delas foi por um mesmo motivo, especificamente. E estas escolhas, também

¹⁷ Agostinho, Santo, 354-430. Confissões. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores) – Cap. XIII – seção 9.

passadas, abriram inúmeras outras trilhas de possibilidades, que precisarão ser trilhadas para se perceber onde chegarão. E isto é retornar ao processo de sair de uma quantidade e passar à qualidade, ao lidar com o imprevisível e com o caos.

Assim, sempre, a dialética Cínica fica mais voltada aos processos, às formas, mais do que apenas aos conteúdos. Aliás, cinicamente, se decidir buscar o Santo Graal, então Camelot será, assim também, o *hub* que levará até ele, se isto for possível. Mesmo sem o Graal, o *hub* sempre estará presente na vida dos que se ocupam a procurar o que não existe. Nem assim conseguem fugir do tempo, do movimento, ainda que iludidos com o oposto. Sonhos para uns, pesadelos para outros.

Não se pode esquecer que as qualidades são o movimento, o caos, o devir dos acontecimentos. E as quantidades são a paralisia, a representação de tudo que aconteceu. É preciso perceber que a universalidade, se existir, a ceder ao privilégio da dúvida, estará dentro do Universo das qualidades, mas só lá. A unidade, assim, é a individualidade da imanência. A imanência do sujeito, e as relações deste com a transcendência, e todos os protocolos, ou *hubs*, que este sujeito possui são a sua própria universalidade. Esta é a sua perspectiva universal. Não lhe será possível conhecer o que há para além daí, sem lá chegar, ou pelo menos sem aceder ao *hub*. Ou não. Essa é a angústia de todos, afinal.

O filósofo português Teixeira de Pascoaes escreveu, assim como tão poucos o conseguiram fazer tão sensivelmente, sobre a alma humana saudosa de si mesma, em uma de suas obras, “O pobre tolo”¹⁸, ao considerar-se este tolo que estava no meio da ponte de São Gonçalo, em Amarante, ao norte de Portugal, exatamente ao meio da ponte, como afirmou assertivamente, «*nem aquém, nem além*».

Neste meio, exato, apreendido como tal, parado no tempo, portanto, sem saber o que fazer a seguir, se iria para o lado que era a rua do Cuvelo, ou para o outro lado, em que estava o Largo, enquanto o rio Tâmega, que ele descreveu como o «*rio de verdes sombras liquefeitas*», estava a passar por baixo dele, a mudar, tal como Heráclito defendia. E ele, «*parado e pasmado*», imutável prisioneiro do instante, a contemplar o rio, o tempo, mas sem dele participar mais.

E assim estava «*não vou nem fico, não me decido*». É preciso decidir, afinal, para se dizer realmente humano, ainda que não demasiadamente.

¹⁸ PASCOAES, Teixeira de. O POBRE TOLO. Obras de Teixeira de Pascoaes. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000. ISBN 978-972-37-0589-8.

11. A autoconsciência, a racionalidade, a responsabilidade

A consciência nos parece um fluxo de muitas coisas, principalmente pensamentos, e não pode ser apreendida completamente. É um fluxo constante que passa por infinitos pontos, lugares e dimensões, mas é mais percebida na parte que se situa entre os conteúdos mentais e as possibilidades que o sujeito tenha consigo. Neste fluxo, estar consciente é perceber tudo o que nele passa, como existente, e que se constitui como a intencionalidade *brentiana*, que é a inexistência intencional, em que a existência de “x” se dá pela consciência acerca de “x”, e não necessariamente pelo conhecimento de “x”, em que “x” pode ser tanto imanente quanto transcendente, tanto existente quanto não existente.

O tempo, assim, é percebido pelos instantes apreendidos, como oportunidade. E a consciência se deixa enganar, a acreditar que o tempo seja uma oportunidade eterna, pois assim ela está, a se instalar dentro do instante, como se este fosse realmente a própria eternidade. A consciência, portanto, é tola, tal como o pobre tolo, de Pascoaes, pois o que realmente a consciência “quer” é adentrar ou ultrapassar o devir e isto significa ampliar sua capacidade de prever as coisas que ocorrerão, de saber antes o que está para ocorrer. Há uma função de sobrevivência nisto, de inteligência aplicada, e nada é despropositado, mas sim fruto de milhões de anos de evolução. É disto que estamos a tratar, como já vimos, de trazer a transcendência para a imanência, de trazer o futuro para o presente. É o que é, mas não adentraremos às questões mais profundas acerca da consciência e seus mecanismos, ao menos acerca do muito pouco que já foi descoberto sobre isto. Enfim.

Se a consciência pode ser conceituada assim, a autoconsciência será a consciência da própria consciência, que são as relações racionalizadas do sujeito com seus conteúdos, consigo mesmo, com os existentes e inexistentes, que são todas as oportunidades que a consciência apreende para si.

E isto inclui a consciência não apenas das representações mentais das oportunidades apreendidas, mas também dos próprios juízos e das próprias emoções. E, se a autoconsciência se baseia nas relações, é preciso perceber um tanto acerca das fantasias envolvidas, próprias ou projetadas. A autoconsciência é uma instância superior, a única capaz do mais alto exercício racional, moral e ético, voltada para o que se busca, se defina e se aceite como o que seja o bem maior.

A autoconsciência, se sadia, pelos próprios desejos e pelas próprias fantasias, deve levar, sob a tutela da racionalidade, a uma zona de boa convivência, de prudência e bom senso. Principalmente pelo exercício da

fantasia, pela busca da saciedade do desejo de provocar os desejos de outros. Tais fantasias são uma forma legítima de autoexpressão, como já foi definido, e que deve ser assegurada moral, ética e legalmente a quem o faz, ou seja, para todos, dentro de uma sociedade que aspira ser livre e com todas as oportunidades de expressão asseguradas aos que a compõem.

E, da mesma forma, quem passa a desejar quem se exhibe intencionalmente, precisa saber dos limites existentes, tanto seus, quanto dos outros, quanto da alocação existencial, da sua situação espaço-temporal, em que esteja inserida, ou inserido. E é a autoconsciência que garante que isto seja possível, que dá ao sujeito a sua posição nos jogos em que está a jogar, na vida, e o permite fazer suas estratégias, ficar dentro das regras e, enfim, atingir suas possibilidades. Se há as expressões éticas e morais possíveis e racionais ao sujeito, estas dependerão necessariamente da autoconsciência.

Pois, antecipadamente, o sujeito precisa saber que o fluxo das oportunidades, a consciência, se dá como um jogo, e tudo faz parte deste jogo, em que a sedução das oportunidades abre caminho para outras possibilidades, e outras, ciclicamente, mas fazer destas possibilidades uma realidade é algo que é o próprio objetivo do jogo, algo que deve ser feito sob determinadas regras, que precisam ser aceitas voluntariamente entre todos os que estão a jogar – e isso se dá pela autoconsciência. Não pode nem deve ser nada arbitrário, e tudo deve estar dentro de uma ordem dada pelas previsões feitas pela própria consciência acerca dos fluxos de pensamentos, próprios e coletivos, relacionalmente. Não há agrupamento social sustentável possível sem alguma dimensão de ordem estabelecida.

Se o jogo é bom e se deseja continuar nele, precisará perceber suas regras e aceitá-las, voluntariamente. E, principalmente, perceber que é mesmo o único responsável legal pelos seus atos, ainda que nem tudo o que faça seja de sua exclusiva vontade, mas isso lá são outras questões.

O importante é que, em última instância, perceba que nem tudo o que lhe chega como sugestão ou inspiração, para alguma ação, é mesmo seu, ou que tenha origem em sua própria individualidade e em seus voláteis estados mentais, mas que, ao fazê-lo, as consequências dos seus atos passam a ser de sua única responsabilidade, ao encampar o gatilho da ação (oportunidade) como seu, a legitimar a propriedade destes, mesmo que nem sempre seja fácil perceber a origem exata de seus desejos, pois tudo se mescla na estrutura que se está inserido.

Assim, ainda a despeito das violações sexuais que ocorrem, a partir do oportunismo do acaso, em que os mais “animalizados” possam estar por perto, em nome do bom senso os atos de exibicionismo deveriam ser parametrizados por quem o faz, em nome da própria segurança, e levar em consideração os fatores humanos imprevisíveis dos ainda oportunistas, que podem querer fazer do imanente alheio, como corpos ou bens, algo seu, ao

tomá-los à força. Estes “animalizados” possuem consciência, mas não a autoconsciência. Possuem a vontade, mas não a volição.

A vontade se dá pelo surgimento da oportunidade que surge da relação consciente, pois é uma força quase imanente, a buscar o potencial imanente. A volição se dá pela autoconsciência, a se posicionar dentro de todas as possibilidades, pelos próprios conteúdos que possui e que, assim, adentra às dimensões das regras, da ordem simbólica e de sentimentos como a empatia, por exemplo. Animais possuem isto, mas nem sempre de forma suficiente para que sua volição seja superior à sua vontade.

E assim, principalmente se a lícita exibição fantasiosa for direcionada abertamente, por exemplo, em locais públicos hostis ou redes sociais sem controle de acessos, que não possibilitam uma seletividade ou restrição dos que estarão a ver, o risco é ainda maior, pois haverá mais “oportunidades” geradas para terceiros, sem que se possa restringir acessos. Lamentavelmente, é assim mesmo. Tanto que nunca existiu um veado a se exibir no meio de um bando de leões famintos, pois estes não possuem uma vontade de exercer fantasias humanas, pelo contrário, buscam se camuflar no bando, ou no ambiente da natureza em que estejam inseridos.

E esta análise prévia, acerca da exibição, não deve se dar pela ilegitimidade desta, enquanto possibilidade, ou por falso moralismo, mas exclusivamente pelo pragmatismo, pela segurança e prudência de quem queira exercer suas fantasias, com o melhor uso das capacidades e juízos racionais para que sua forma de expressão seja realmente segura, sem riscos de causar deturpações nas mensagens emitidas. E isto está em causa pois há uma necessidade, ainda mais na contemporaneidade, nas nossas formas de vida organizada em tempos de internet e redes sociais, de expressar algo a mais do que o silêncio. Oportunamente abordaremos esta questão, tão necessária e importante quanto se dimensionar os riscos envolvidos.

E, como fazer isto? Como realmente mensurar os riscos? Ou a que ponto poderemos chegar sem que isto se faça mais necessário? Justamente pela autoconsciência, pelas relações conscientes que se fazem conscientes ao serem alocadas em um ponto dimensional, e em movimento, a uma instância de conhecimento não apenas das oportunidades, mas também das possibilidades.

A vida vale, ou deveria valer, sempre muito mais do que um ato de exibicionismo, ainda que lícito e natural, mas que pode ser obtido de outras formas, mais seguras, talvez até mais ousadas se dentro de determinadas condições de afetação, ainda que os defensores radicais da máxima liberdade, possivelmente os que possuem as mais baixas expectativas de vida, pelos riscos que aceitam correr se não forem apenas retóricos, possam querer impor, contra o próprio conceito de liberdade, que sejamos uma sociedade utópica a considerar que todos serão racionais por decretos legislativos. Os

verdadeiros animais estão por aí, alguns até influentes, a votarem e a se elegerem, todos bem soltos e camuflados, a perambular por entre nós, tal como na selva.

Não são poucos, e a irracionalidade está em todos os níveis e escalas sociais, em todos os lugares do planeta em que, no máximo, algumas ordens conseguem reprimir melhor as ações humanas, mas não evitar completamente os descabimentos dos tempos atuais.

Poucos percebem o verdadeiro poder que as oportunidades exercem nos irracionais e animalizados. É preciso se posicionar em relação à diferença, aqui, a partir da autoconsciência. A realidade, como sempre, vem e atropela todas as convenções propostas pelos utopistas, e geralmente pelas ações dos oportunistas, pelas brechas que existem a partir das regras. É a realidade a escrever errado por linhas certas. Quantos tratados morais ou éticos foram grandes promessas que acabaram por ficar destinados às poeiras das estantes? Logo ficaram obsoletos, pois tudo está nos movimentos, nas qualidades.

Pois, se há uma crença acerca de algo, como por exemplo “a vida vale mais”, há parâmetros acerca de muitas outras coisas, pois uma crença, mesmo profunda, é sempre relacional, sempre suportada por outras crenças e desejos oriundos delas, e que igualmente vira suporte para tantas outras, sem se conseguir separar crenças absolutas, independentes e incondicionais. Estão conectadas em uma estrutura, totalmente interligadas. Não conseguiríamos tê-las, em estado absoluto, sem que as formássemos através de processos da autoconsciência: das informações, educação e experimentação, pois assim são todas as crenças que carregamos conosco.

As crenças começam a serem formadas desde tenra idade, pela convivência e aprendizado, e iniciam a construção do que é chamado de subjetividade, ou de mundo interior, para o que seja verdadeiro ou falso, bom ou mau, etc., seja apurado e se formem os primeiros juízos sobre a realidade. Estas crenças consistirão na capacidade consciente de se chegar ao conhecimento, ou no que seja desejável ou indesejável, as primeiras formas dos exercícios racionais dos juízos adquiridos, e que constituirão o primeiro filtro acerca de si e do mundo. Pelas crenças, surgem simultaneamente os desejos, que são oriundos das relações, do conhecimento do outro que se está a interagir, pela diferença, pela falta, como visto, na busca das possibilidades.

Como alguém poderia assumir uma crença em algo se não houvesse uma necessidade subjetiva de crer, que não deixa de ser um desejo funcional, de se fazer um juízo, ao menos, acerca de sua veracidade? E isso se dá no fluxo das oportunidades da consciência, a se ter pela contingência, ou se a desejar pelas pulsões, quando se precisa ou se quer apreender algo. É desta necessidade, de lidar com a escassez ou com a multiplicidade das oportunidades, que dá origem à nossa complexidade, ou da complexidade que passamos a atribuir ao mundo.

Se o desejo for falso, pode-se descartar a crença prontamente, que vira periférica. Mas, o desejo de que algo seja verdadeiro, ainda que este algo seja desconhecido, mas que já exista algum conteúdo mental acerca deste algo, levará o sujeito a manter em si um vazio a ser completado pelas outras oportunidades que se apresentarão e que precisam se adequar a tais necessidades de desejos. O que não se tem, mas se deseja, sempre se busca, ainda que seja um desejo pelo próprio desejo.

Se a crença for verdadeira, assume-se ser ela o caminho para a possibilidade, ou a própria oportunidade, e vira profunda e relevante. O processo nunca é em vão. O algo, ou o objeto considerado pelos juízos, precisa ser sempre acreditado, validado. E, se há necessidade de verificar a veracidade, já está aí um desejo constituído. Pois, se se deseja algo, é por que se acredita que há ali, no mínimo, a sua existência na mente, na intenção de existência, e, assim, assume-se previamente a sua condição de veracidade, ou validade, mesmo que a coisa, em si, não exista mesmo. Ninguém deseja o vácuo, embora muitos se sintam um. E é este vácuo a dimensão que aguarda ser preenchida, pelas crenças e desejos existentes.

Por exemplo, como na crença em extraterrestres, que muito acreditam que existam, com argumentos mesmo convincentes, mesmo que nunca se tenha visto alguma evidência irrefutável de extraterrestre ou nave espacial, ou interagido nem que fosse por, pelo menos, uma troca de *e-mails ou até sinais ancestrais de fumaça*, mas ainda assim há os que os desejem ocupar este espaço conceitual criado, e persigam todos os indícios para que possam, enfim, atestar a máxima imanência destes. Buscam os ET's, literalmente, na Área 51 dos desertos de Nevada, nos eventos de observação e contatos imediatos, no Google, no Tinder, ou ainda em outros lugares místicos. Tudo passa a ser suspeito, conspiratório, a dado momento, como se estivessem a serem escondidos.

Onde saibam que tenha aparecido alguma nova “evidência”, há uma comoção para se investigar, antes de as forças de defesa ocultarem os factos, a maior vilã declarada que está sempre a impedir que sejam os ET's “conhecidos”, e que assim se possa alocar estas entidades nos entes já engendrados pela consciência. E todo um complexo de indústria de divulgação extraterrestre se formou, enquanto umas destas indústrias aguardam o retorno de algum messias, outras aguardam a primeira aparição dele, mas todas a venderem algo e a captarem dinheiro, enquanto aguardam. Sempre a aguardar, pois estão todos dentro do instante, da imobilidade, em que veem ali a eternidade e, por bem, muito lucrativa enquanto nada ocorre, pois assim seus negócios passam a serem também eternos.

O dramaturgo irlandês Samuel Barclay Beckett capturou esta espera angustiante em sua peça fenomenal “Esperando Godot”¹⁹, quando as personagens Estragon e Vladimir «*aparentemente esperam um sujeito de nome Godot. Nada é esclarecido a respeito de quem é Godot ou o que eles desejam dele*» e assim ficam, durante toda a peça, a aguardar por Godot, sem nunca saberem nada sobre sua aparição. Enquanto aguardam, a vida flui, e passam por eles diversas outras personagens, em diversas situações, dadas como possibilidades.

¹⁹ “En attendant Godot”, na língua original, em francês. 1952. Acedido em 26/04/2022 em https://pt.wikipedia.org/wiki/En_attendant_Godot.

12. A estrutura, o espírito obsessivo, o fundamentalismo, os representantes

A vida se dá na estrutura. Se há a dualidade, tão combatida pelos contemporâneos monistas, há uma essência, ou alma, ou substância, ou uma mente separada, seja lá o que for, mas será a estrutura o *hub*, o meio, o acesso, a manifestação possível da consciência constituída para a existência. Assim, haver ou não um dualismo, uma das brigas filosóficas mais ferrenhas, perde a relevância, pois passamos a eleger a relevância da estrutura como prioritária. E todo o valor constituído como tal, maioritariamente, deve sempre levar em conta a estrutura.

A estrutura, aqui, assume uma conceituação diferenciada da tradicional, como já deve ter sido percebido, mas nem tão distante assim. Percebemos que muitos filósofos já se referiram a esta forma de organização, sem citá-la, abertamente. Ultimamente, ela tem sido relegada aos porões da Filosofia, já com bastante poeira sobre si. Mas as formas das relações, do que é a existência, não nos deveria deixar insensíveis às formas de constituições e organizações de tudo o que há, de tudo o que existe, desde as formações estruturais das combinações dos elementos químicos até as nossas relações sociais, tal qual nossas organizações. Os autores sabem, percebem, mas não explicitam, talvez pela esperança da universalidade exterior e superior.

E a relevância da estrutura é tão forte e evidente que Nietzsche fundamentou seu trabalho filosófico a partir do máximo valor de tudo o que representa a vida estrutural, ao defender todos os valores imanentes, toda a potência de uma vida que precisa ser vivida, com vontade máxima, tragicamente, a aceitar tudo o que há nesta estrutura, mas sem nunca prescindir de qualquer imanência em nome de qualquer transcendência, herança clara que absorveu de Espinoza, em que a estrutura (se pensarmos na relação entre deus e a natureza) é tanto o que afeta, quanto é afetada.

Desta herança de forçar a transcendentalidade, de aspirar a uma vida santificada e distante da estrutura que suga a tudo e a todos para ela, surgiu o último homem *nietzschiano*, vazio, transcendente, eminente, niilista, impotente frente ao ideal do além do homem, este sim completo, imanente e totalmente dotado da vontade de potência. O além do homem não vive uma vida, ele é a própria vida, com todo o seu esplendor e exuberância. Vive a tal ponto que tudo o que faz, não o faz como dever, pois não lhe interessa o dever moral, e até despreza isto, mas o faz por um valor imanente, de viver o instante como se fosse ali a eternidade que, caso se repetisse infinitamente, ele estaria pleno de si, estaria realizado. É a justaposição do homem em relação à estrutura, pois enquanto o último homem é alguém absorvido pela estrutura a sonhar sair dela, o além do homem se vê como a própria estrutura,

e busca ser mais forte do que ela, e absorvê-la, em si, por completo, ao ascender por todos os caminhos que o levarão ao topo.

Se tudo o que Nietzsche descreveu para o além do homem é o que você deseja para si, precisará viver integralmente na estrutura, ascender completamente nela, até atingir o topo, conquistar toda a mobilidade possível para transitar por ela, esgotar todas as possibilidades que pululam em suas entranhas e, assim, poderá eliminar toda a transcendência que há, e nas quais todo o último homem acaba por se alocar ao se apequenar em algum de seus sombrios cantos. Assim, depois de tudo isso, você terá conseguido chegar ao além do homem, ao ser a própria estrutura, a afetar e ser afetado, a causar e ser causado.

Mas, até lá, todo sujeito, enquanto ainda um simples mortal, e durante esta ascensão que se dá na estrutura, pela busca das possibilidades que nesta julga existir, percebe-se que a cada etapa vencida em direção ao que foi convencionalmente ser o topo, se exigirá simultaneamente uma contrapartida de um maior comprometimento com um certo tipo de ente oculto, que parece comandar toda a ordem simbólica estabelecida, através da sua manifestação também sempre presente, mas não tão ocultas, que são as regras.

E por isso, é preciso perceber, historicamente, como o conceito de estrutura foi concebido e percebido. E, assim, podemos destacar quatro fases bem distintas, pois o que estará em causa, agora, é que a soma das partes nunca alcança a totalidade. Sempre há algo mais, imperceptível, e é sobre isto que aparece o algo mais que estamos a buscar.

A primeira fase histórica do conceito estrutural foi a transcendental, em que a estrutura era algo “feito” por uma divindade, o Demiurgo, do filósofo grego Platão, a representar um mundo ideal, fora dela, e da qual era uma cópia imperfeita. E assim, havia a separação entre a estrutura e algo exterior a ela, que é a transcendência, ainda hoje interiorizada, conceitualmente, nos preceitos religiosos. Mas, se havia uma ideia única e perfeita, e tudo no mundo era múltiplo e imperfeito, para se conhecer algo deveria se buscar uma imagem mais próxima da perfeição e adotar como um padrão, ainda que conceitual. Mesmo com uma impossibilidade do máximo conhecimento, buscava-se um maior conhecimento possível. Sim, este “possível” é o mesmo que as possibilidades, esta nossa queridinha transcendental, uma das estrelas destes textos por cá apresentados.

E a possibilidade, como toda estrela, ainda emite luz, neste caso a necessidade de se entender o mundo, em constante mudança e transformação, e que precisa de uma ferramenta analítica, quantitativa, para dimensionar tudo e precisar o conhecimento, em uma escala numérica, até para se saber se algo está aquém ou além do máximo e, assim, ser um novo máximo e um conhecimento mais preciso. Tudo precisa ser medido, neste modelo. E a analítica é o efeito colateral, o que justifica o combate quase mortal entre os

transcendentes e os imanentes, entre os dualistas e os monistas, por exemplo, sem que se apercebiam que estão a defender a “mesma” coisa.

Assim, nascia o conceito do instante, do tempo estrutural que era possível ser analisado, e parametrizado. Mas, o que significa isto? É justamente o nascimento dos valores, das métricas, das dimensões, em que tudo passa a ser considerado em um dado instante, como num esforço de alocar tudo o que há neste único *frame* de um filme, como se este *frame* fosse o máximo possível da representação da perfeição, e tudo isso enquanto a vida nunca para de ocorrer, pois a estrutura nunca é estática, mas sempre dinâmica e, portanto, sempre a se transformar.

Então, a mudança passou a ser o que era o mal, a distorção. A imobilidade foi o modelo do bem. Aristóteles, mesmo a antagonizar com Platão, usou-a no motor imóvel. A virtude passou a ser a força que resistiria às mudanças, para se estar em puro ato como uma forma elevada de vida, em detrimento às potências que poderiam corromper a alma, ao subjugar tudo o que era elevado às corrupções do corpo.

A moral surge com forma para se resistir às mudanças, como resultante de um fator de relações que passaram a ser totalmente desvirtuadas. O bem e o mal, desta forma, ficam definidos pelo instante considerado como ideal, e não pelas relações estruturais que se dão, dinamicamente. A moral, depois de definido o que seja o bem e o mal, não permitirá que ninguém coloque isto em causa, novamente. Pois, o homem, parte de uma estrutura imperfeita é, também, imperfeito e não poderá considerar-se capaz de contestar a perfeição superior.

E todo o resto do filme precisa ser alocado neste único *frame*, e a vida do homem será subjugada a partir desta uma única valoração moral. Ele passará a se obrigar a adequar tudo o que faz dentro deste padrão, que não é dele. Mas nem tudo o que é dinâmico e que estará para fora deste *frame*, estático, conseguirá se enquadrar, então será tido como o mal, como indesejável.

Vale ressaltar que não foi Platão que iniciou com a transcendentalidade, pois mesmo antes dele já havia o esforço intelectual pela cosmologia e a cosmogonia, e não só a da mitológica, e também de outras formas de manifestações nativas, deste a pré-história. E o que havia em comum em todas elas era justamente esta transcendentalidade. O que fez Platão de diferente foi justamente dar uma forma epistemológica, ao buscar sair racionalmente, dialeticamente, da *doxa* (da rele opinião) em busca da *episteme* (para a construção do conhecimento).

A segunda fase da estrutura é a eminente, a partir do filósofo egípcio Plotino, nascido quando o Egito ainda fazia parte do Império Romano, e o conceito do Uno foi de um deus que não criava, propriamente, mas se excedia nele mesmo e, com isso, levava sua potência para além de si, que era indefinível e inconcebível. Por isso, havia o mal, que era contestado na

primeira fase por conceber que seria uma criação divina, se tudo o mais era. E culpava-se os deuses, que tanto eram a origem do mal, quanto o praticavam, a interagir com os humanos e a fazerem das suas, como vinganças etc. Plotino conseguiu acabar com a “culpa” atribuída aos deuses, ou a deus, para justificar a existência do mal, que passou a representar tudo o que se afastava dele, mas não por ação dele.

Quanto mais distante do Uno, menos energia divina tinha e, portanto, era isso o mal, e também a degeneração, a corrupção total e a decrepitude. Pelo conceito, em si, nada demais, apenas um sentimento que ficava no homem de que não poderia, portanto, se afastar deste Uno, para que não se extinguisse ou se corrompesse pelo mal. E isto, como dito, apenas conceitualmente, nada mais traria do que este sentimento. Mas isso mudou, radicalmente, na próxima fase.

A terceira fase da estrutura é a do criacionismo cristão. E foi a fase em que iniciou com a apropriação, mais consistentemente através de Santo Agostinho, da trindade oriunda do conceito do Uno com a transcendência oriunda do Demiurgo de Platão, da qual ele era muito voltado, pelo mundo ideal, que pode ser correlacionado, dada as devidas proporções, com o conceito do paraíso cristão. Assim, veio um mais novo e consistente criacionismo, antes alegórico, para um filosoficamente justificado, ou teologicamente, pois tudo filosófico e teológico se fundirá, por alguns séculos.

E o criacionismo considera um deus que criou o mundo e que o sustenta. E que o mal, como fruto do livre-arbítrio do homem, dado por deus como uma dádiva, é criado quando o homem se afasta de deus. E, assim, o medo da segunda fase se faz sempre presente e, por não ser possível encontrar deus no *frame* tido como o contendor dos valores morais, essa valoração será feita pela “tradução” dos ditos valores por um representante de deus, que é aquele capaz de dizer o que é o bem, e o que é o mal.

Tanto vigia quanto pune aquele que passou a ser obrigado a se confessar, como ato de penitência e meio de valoração das ações realizadas. Saiu deste esquema, estará comprometido com o mal, e daí será apenas aguardar a justiça divina, dado que não terá mais sua misericórdia, pois se afastou, pelo exercício do próprio livre-arbítrio, deste acolhimento que lhe fora atribuído pela forma organizada de representação divina. Precisarão passar a eternidade no inferno, pois assim estará condenado.

E este modelo descrito, que até parece cínico e debochado, é o padrão para tudo o que há. O Estado, assim também se organiza. Ao se afastar das leis, do Governo e da ordem estabelecida, será o mal. É livre para agir, mas não contra o bem. Se assim fizer, passará não a eternidade, mas sim algum tempo na cadeia, uma espécie de inferno copiado do mundo “não-ideal”. É o vigiar e punir, que todos se vigiam, e se punem, nas diversas instâncias, em que o

filósofo francês Michael Foucault²⁰ discorreu com tanta precisão, na configuração da sociedade da negação, em que se nega o que seja considerado como “mal” e pune quem seja “mau”. E, a partir daí, todas as estruturas, principalmente as ocidentais cristãs, se fundaram neste modelo.

A quarta e última fase, ainda utópica, é a imanente. É esta fase que começou no modernismo e chegou até os dias atuais, sempre a se transformar, a mudar radicalmente entre um dia e outro. É nesta fase que se instala o neoliberalismo, mas que também abarca o liberalismo, as correntes religiosas e todas as demais fases anteriores, a se acumularem e a se fundirem como uma coisa só, em níveis, como o próprio conceito exige: estruturalmente.

A imanência, como a defendemos aqui, se não foi iniciada por Espinoza, foi consolidada mais precisamente por este, que logo foi taxado de ateu, imoral e materialista, pelo Judaísmo, e excomungado (*chérem*, ou ןרר) até os dias atuais.

Mas, como a defesa da existência de um deus transcendental não é apenas para os judeus, foi também colocado na lista de “proibidos” da Igreja Católica, o famoso *Index Librorum Prohibitorum*. Pacote completo, quase “universal”, se fosse possível. E foi maldito no espaço e no tempo, cancelado pioneiramente há mais de três séculos atrás.

Em 2021²¹, o professor de Filosofia da Johns Hopkins University, Yitzhak Melamed, teve negado seu pedido de pesquisa feito à Sinagoga Portuguesa de Amsterdã, na Holanda. E, além de ter o pedido negado, foi ele próprio tido formalmente como “*persona non grata*”. Sim, isso foi em 2021, o que significa que foram nada menos do que 345 anos após a morte de Espinoza. E por isso, percebemos o modelo ainda vigente da terceira fase da estrutura, com os representantes do bem a combaterem o “mal” tão eficientemente contra estes acadêmicos impertinentes. Ah, o cinismo!

A estrutura imanente dá valor ao corpo, à vida, e a nada para além disso. Tudo o que é transcendente, ou eminente, se desfaz na possibilidade do instante vivido, do tempo fluido que é vivido no devir. O homem não é corrompido pois não se distancia de nada puro, mas está imerso nessa pureza. A pureza não cria nada, mas sim causa tudo e é causada por tudo, pois é uma causa imanente, que está no efeito e o efeito está nela. Se há o mal, este é advindo do erro que o homem comete, no aprendizado que sempre está a realizar, para acabar com a própria ignorância. Assim, o erro é acerto, é causa e efeito, possibilidade e oportunidade. Causa a sabedoria. E a sabedoria causa

²⁰ FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis, Vozes, 1987.

²¹ Acedido em 27/04/2021 em

<https://operamundi.uol.com.br/sociedade/72345/sinagoga-na-holanda-declara-persona-non-grata-pesquisador-do-filosofo-espinoza>.

o erro, pois é um processo imanente, como tudo o que há. Não se pode ser sábio, sem antes se errar. É um processo construtivo.

A estrutura se desdobra nela mesma, a força da estrutura é o que dá a força para o homem, mas sem superioridade, sem subjugação. Se há, ainda, tais sentimentos acerca do mal, é uma herança da terceira fase, um processo que muitos hesitam (olha a hesitação novamente) em ousar saber. E é justamente isso, o que o ousar saber (*sapere aude*²²) vem sido tão reverenciado filosoficamente, desde Horácio, até Foucault, passando por Kant. Ousadia, afinal, pode implicar em «1. *qualidade ou característica de ousado; arrojo, coragem*», mas também «2. *falta de reflexão; imprudência; temeridade*». E eis, mais uma vez, a herança da terceira fase a coibir a sabedoria, a partir da segunda dimensão do significado considerado, em que ser imprudente é cair em erro, e não em sabedoria, como na quarta fase. As regras ainda são um grande problema para as mentes contemporâneas, adormecidas, e vigiadas por algo externo, um espírito transcendente a elas, justamente a parte oculta que faz com que a soma das partes visíveis não seja o mesmo que o todo, e assim percebemos que o todo é maior do que suas próprias partes constituintes. Há algo muito suspeito nisto.

É preciso, portanto, sempre estar dentro destas regras ocultas, pois há uma sensação de sempre estar sob vigília deste ente oculto, ao ponto de se sentir mal se infringir qualquer destas regras, ainda que ninguém descubra. Este espírito, afinal, parece querer algo de si, algo de todos os que vivem na estrutura. Mas a única coisa que se consegue perceber, mesmo, são que as regras dele existem, ainda que não se saibam exatamente quais sejam elas, mas lá estão, sempre na posse de seus representantes, nos quais as regras passam a serem conhecidas, a buscarem definir o que deve ser percebido nesta importante relação transcendental na qual os representantes assumem a centralidade.

E o sujeito passa a acreditar que, assim, ao cumprir o que está estabelecido pelas regras, eliminará todos os riscos existentes, e decidirá se comprometer ao máximo com a estrutura, sem sequer perceber o que este compromisso significará, exatamente, pois tudo ainda lhe é completamente ignorado, mas lá está, como se passasse a existir uma comunicação telepática, ou mediúnica, completamente inconsciente, em que o indivíduo é possuído por este espírito que irá lhe impor o que se deseja que se faça, simbioticamente, mas de forma sutil e disfarçada, sem infringir o que os representantes determinarem, a dirigir sua atenção e os objetivos de suas ações sem que este consiga resistir ou aceder à sua própria força de vontade e à própria autoconsciência, que fica muito comprometida pela incapacidade de percepção ampla que esta exige.

²² Poderá saber mais em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sapere_aude.

Fica obsidiado. E viverá assim, até algum dia, ou para sempre, enquanto viver.

Uma obsessão espiritual que é fruto de uma sobreposição possessiva deste suposto espírito com o sujeito, tal qual um cavaleiro gentil montado em um cavalo dócil. Uma montada que é destoante, por vezes, pelo forte açoite no couro, e por vezes disfarçada como sutis sugestões das possibilidades que este passará a vislumbrar para si, como um sussurrar nos ouvidos que docilmente chamará de inspiração. E passará a acreditar que terá tanto mais possibilidades quanto menor for sua resistência ao espírito obsessor.

Tais sugestões, ou inspirações, que o sujeito passa a receber são semelhantes às que alguns devotos religiosos atribuem às inspirações santificadas ou pecaminosas que supostamente as entidades do bem e do mal insistem em soprar em suas ideias, para que comentam boas ações ou até mesmo crimes contra suas regras. Pois, por vezes, as inspirações parecem lícitas e necessárias, como uma coisa certa que deve ser feita, mas por vezes, parecem obscenas, lascivas, pervertidas e mesmo ultrajantes.

Estas últimas são sempre as melhores e, invariavelmente, surgem como uma espécie de estímulo, que a parte carola tenta ofuscar ao sugerir que seja um teste a ser superado. E é por isso que tais religiosos, contudo, sempre se dizem vitoriosos quando é o “mal” que os vem afligir. Afinal, a culpa é quase sempre do diabo, ou não? E sentem-se mesmo como representantes dos poderes divinos. Mas o que vale é perceber que sempre houve uma instância exterior atribuída ao que representa o bem e, principalmente, o mal, que acaba ser o mais funcional e o mais valorizado, e não raro, o mais divertido.

Para Espinoza, o renegado, contrariamente, o bem não seria uma causa final, pois não se deseja o que seja bom, mas sim o que se deseja passa a ser bom na medida em que é desejado. É o desejo, portanto, que deveria parametrizar o bom, mas isto nunca ocorreria no mundo estático dos devotos, mas sim em um que seja dinâmico. E tudo o que não é compreendido, passa a ser projetado neste míope cenário moral, e separado em bom ou mal, lamentavelmente. O espírito, assim, passa a “agir” desta forma, dentro da mente do que foi “possuído” por ele, já perdido de si próprio.

Mas, a cada vez que este espírito obsessor mais se sofisticava, esta determinação sutil oriunda das ideias deles se confundia como manifestação do que se entende por livre-arbítrio do sujeito obsidiado. Depois de um tempo, a interagir com o espírito, a adesão é tão intensa que não se conseguirá diferenciar mais o que seja seu e o que não seja. Tudo passa a ser assumido como originário da própria individualidade, ou em alguns casos como do próprio espírito, quando se dá o fundamentalismo na vida do abnegado servo que deixa de ser ele próprio e assume-se como um representante que foi obscenamente cooptado. Isso é dizer, em ambos os casos, que a parte

individual passa a ser o mesmo que o todo, ao absorver o espírito, o excedente exterior como a si próprio, ou ao contrário. Tudo será um, finalmente!

Talvez até seja mesmo o conceito do livre-arbítrio a versão da máscara mais amistosa e conhecida deste espírito dominador e possessivo, que a usa para dissimular as dúvidas acerca dele e, assim, se apresentar como amável e desejoso, e principalmente completamente alinhado com as possibilidades, o que será sempre o mais importante, afinal. Para quem defende o livre-arbítrio como mantra, tudo lhe é possível, pois são os devotos mais suscetíveis às dominações, e basta saber quais as possibilidades que o dedicado sujeito valoriza para influenciar exatamente no que ele deseje, tal como fazem os algoritmos das inteligências artificiais ao oferecerem o que seja mais interessante, hipnoticamente, ainda que façam isto de forma bem menos eficientemente do que este espírito obsessivo é capaz de fazer.

Pois se há desejos, há possibilidades. E, se há possibilidades, há sempre alguma transcendência que se pretende transformar em imanência, a forçar as oportunidades surgirem, pelas forças das realizações humanas. Haverá assim, conteúdos mentais que levarão à ação, a padrões comportamentais e mesmo às histerias coletivas a partir das possibilidades que são compartilhadas por todos, sejam voltadas para o consumo, para as celebridades, modas ou até religiões, em um nível ainda inferior ao fundamentalismo, que é o limite da obsessão.

Este suposto espírito diretor das ideias, ainda que inicialmente não seja percebido como opressor, é percebido como uma fonte da ordem simbólica e que passa a ser considerado como o gestor único e supremo de todas as portas, de todos os caminhos dentro da estrutura. São as “suas” regras que se materializam e que lhe darão uma face, uma personalidade, que passarão a possuir histórias e até lhe serão atribuídas certas interações, até aparições, quando alguns poucos privilegiados dirão ter experienciado revelações que lhe foram feitas, sempre em condições isoladas, é verdade, mas que supostamente canalizaram ali as vontades declaradas do espírito, pelas suas diversas aspirações em que estabelece ditames em formas de enigmas acerca das condutas para o bem viver. Pois serem claros nas suas mensagens é algo que nunca tais espíritos manifestos o fazem, e por isso usam mensagens abertas e genéricas, mas que caberão aos representantes decifrárem. E, assim, tais representantes que foram testemunhas das aparições passam a serem os eleitos, ou os escolhidos, e os mais aptos para receberem as mensagens vindouras para se atingir as possibilidades. Uma multidão as aguarda.

Nesta multidão, há uma multiplicidade de individualidade, nem todas concordantes, todavia. Há quem se coloque sob o domínio direto de uma regra, ou de um conjunto delas e, assim, se submeta aos seus representantes. Outros, menos presos, buscam as regras que lhe são mais convenientes e, depois, passam a eleger seus representantes. De uma forma ou de outro,

regras e representantes sempre andam muito próximos, simbioticamente. Pois o sujeito não conhece bem quais são mesmo as regras, nem suas verdadeiras origens e razões, precisamente, e por isso precisa de um “decodificador” para elas, para momentos de conflitos que sempre acabam por surgir.

E, a maioria destes eleitos, logo afirma que estas mensagens precisam ser difundidas, obviamente, através deles, mensageiros ou representantes, que sempre acabam por se posicionarem, pelas suas fantasias – ou vaidades, ou interesses materiais, até mesmo a atingirem um *status* mais importante do que as próprias mensagens do espírito, viram *pops*. Tudo muito previsível e humano, afinal.

As regras supostamente se originam deste espírito, pela interpretação linguística humana feita por um outro humano que se assume seu representante. Mas, o espírito que deveria estar hierarquicamente posto acima das regras, poderá até mesmo ser traído pelas más interpretações e formalizações que os sujeitos subalternos poderão cometer, bem ou mal-intencionados, mas muito provavelmente pelos equívocos que representam as más formas de ordenação para atenderem certos interesses particulares, por exemplo. As regras podem ser equivocadas, mas nunca derrotarão completamente o espírito, visto que é este que sempre deterá as possibilidades, e acabará por se transformar em algo novo, a evoluir juntamente com os seus devotos, a atualizar-se constantemente.

Há, portanto, diferentes narrativas físicas a sustentarem alguns aspetos das descrições tidas como superiores, ou espirituais. Uma delas, por exemplo, aleatória e recente, e que transfere o ponto de vista cristão sobre a vida de Jesus para uma abordagem socioeconómica construtivista, foi apresentada, na forma de um belo romance, por Moacyr Scliar, aclamado escritor brasileiro que escreveu “Os vendilhões do tempo”²³, na qual apresentou três histórias escritas como contos narrativos, deslocadas no tempo e no espaço, mas interconectadas.

A segunda história ocorre no Século XVII, em que o jovem padre Nicolau chega a uma missão indígena para assumir o lugar de direção deixado pela morte súbita do antigo pároco. Mas, é ele mesmo um representante que não entende o idioma dos índios, e nem os índios conseguem entender o dele. Assim, surge um forasteiro, amável e atencioso no início, e que passa a ser o intérprete, e é investido da função de ser o representante do padre, que é o representante do representante a concentrar a maior parcela do poder, e logo, percebe este poder que passa a possuir e não demorará a desvirtuar toda a ordem simbólica em benefício próprio, em uma crescente insanidade que se

²³ SCLIAR, Moacyr. Os vendilhões do tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

instalará. Fica a percepção da corrupção que há, a cada nível de representação que fica estabelecido. É a natureza humana que acaba sempre por sucumbir às possibilidades.

Alguns destes sujeitos, pelas vantagens que são capazes de apreender, se disseram representantes desta entidade obsessora e passaram a se organizar, institucionalmente, em diversas instituições, como gestores das diretrizes regulamentares das regras. Isso foi um longo processo, iniciado depois de tentarem se matar, uns aos outros, ou derrotarem as outras instituições concorrentes para dominarem sozinhos, ou até entrarem em conclusão com outros poderes, como os políticos e comerciais, neste comum acordo pelo domínio das massas e, assim, configuraram-se como uma forma de poder plenamente estabelecido, que por vezes, em alguns casos assim, historicamente, foi uma forma de poder até mesmo considerada a mais poderosa do planeta, por séculos, ao menos para o mundo ocidental, dado o poder estabelecido entre a Igreja e os Governos, por exemplo, mas sem se esquecer das companhias comerciais, do capital.

E, assim, a forma organizada dos representantes foi estruturada e se mantém até os dias atuais, e isso é, em si, uma estrutura milenar. Formada pela necessidade de poder, domínio e expansão de suas áreas de atuação, e desde sempre quiseram estes representantes (e ainda querem) expandir suas crenças em todos os lugares possíveis. Atualmente, o combate é pela multiplicação de templos, de programas televisivos, de eventos, de produtos, de programas e até mesmo em eleição de bancadas²⁴ de políticos, que buscam ascender ao poder de forma literal, e com grandes progressos para eles (ou retrocessos para outros, conforme a perspectiva).

É um fenómeno mundial, e não apenas “universal” de algum reino espiritual. Os interesses são obviamente, todos, humanos e aí, podemos cacofoniar, demasiadamente humanos. O espírito deixou de ser, nesta estrutura, um fim, e passou a ser um meio, um produto. As relações viraram promíscuas, pois se a causa está no efeito e o efeito está na causa, há razões para percebermos o que está a ocorrer.

Mas, o que dizer destas estruturas, ao menos no âmbito das religiões? Como todas as estruturas, há nelas os conteúdos, as possibilidades e, ainda assim, encontram-se os bem-intencionados, sempre nas bases, ocultos, a trabalharem pelas suas melhores convicções morais ou éticas, a se doarem por acreditarem no que estão a fazer, na diferença que podem representar. Estes existem, não são poucos e acolhem, verdadeiramente, os que buscam consolo e que precisam perceber um pouco do sentido de alguma coisa, em uma vida que nem sempre mostra razão para ser vivida. São representantes do verdadeiro amor, que muitas das vezes fazem seus trabalhos com

²⁴ Poderá saber mais em https://pt.wikipedia.org/wiki/Bancada_BBB.

discrição, para que os representantes de cima não os coibam, e por isso são mesmo revolucionários. Por alguns de seus conteúdos, a estrutura ainda pode ser benéfica, mas não como regra, e sim como exceção, e com prazos estabelecidos, antes que se deteriorem pelo resto. Abençoadas exceções que fazem a diferença para muitos doentes da alma, sequiosos por um contato realmente humano. Há também bem-intencionados em todas as outras estruturas, ainda que seja uma afirmação em divagação, sem muita asserção.

As regras viraram, como tudo o que há, o que também tudo o que existe, ou não, acabará por virar, que são os produtos. Talvez elas sejam até mesmo os primeiros de todos os produtos, visto que não precisam mais do que as palavras para as produzirem, com alguns poucos escritos que dão a materialidade necessária para alguém vender um conceito a alguém que compre este mesmo conceito. A linguagem é ela mesma uma forma de escambo, se assim vista, e isto poderia ser mais bem explorado nos estudos da linguística.

A estrutura, que surgiu como uma vantagem competitiva de sobrevivência, pelo agrupamento dos sujeitos em famílias, tribos e comunidades, para que fossem mais resistentes às intempéries da vida, às ameaças, desde sempre se fundamentou na transcendência das suas possibilidades de perpetuação e ultrapassagem das limitações. Precisou de regras, inexoravelmente, que possibilitaram levá-la das “más” ameaças às “boas” possibilidades.

E, dentro de qualquer coletividade, sempre há quem seja mais perspicaz ou sensível e, oportunamente, surgiu o primeiro médium do espírito considerado superior, seja pelo interesse pessoal de ser percebido como diferenciado socialmente, ou seja, por que a própria estrutura definiu uma posição e alguém a ocupou, ou por ambas as coisas. E este médium passou a “traduzir” as vontades e necessidades do espírito obsessivo coletivo, para que todos fizessem o que ele esperava e, assim, ele retribuiria a deixar a todos (supostamente) mais protegidos, e mais próximos das possibilidades.

Surgia, assim, a dimensão, o cargo ou a função do porta-voz do além, o representante da transcendência. O resto da história bem conhecemos, e que chega até os dias atuais, em que estes ditos representantes, através da retórica, ainda estão a construir suas edificações em nome de seus representados e a amealharem mais possibilidades para suas estruturas, pelos exercícios das funções de representantes das ordens superiores que estão a exercer, sempre através das regras que eles mesmo produzem. Ainda é assim, tanto que Espinoza ainda é um “mal” e seu simpatizante, uma *persona non grata*, mesmo no ano da Graça de 2021.

E isto espelha o que é uma estrutura, em linhas gerais no aspecto da motivação, pela sua faceta transcendental, política, mística, com cargos e posições em que cultuam uma forma organizada de vida coletiva, sejam

religiões, comunidades, países, empresas, famílias, etc. Tudo segue um padrão em que há uma versão atribuída a este espírito diretor, com representantes, eleitos ou autoproclamados, que falam por ele, e que, a partir de certas condições, passam a ser o próprio, quando os espíritos dos deuses passam a serem considerados vivos entre os simples mortais.

E é exatamente por isso que a democracia ateniense foi tão combatida, e completamente extinta na era cristã, pois era estruturalmente contrária aos privilégios ao considerar a igualdade de todos. A pseudodemocracia que ressurgiu, dois milênios depois, já não era mais a mesma e só foi viável depois de considerar espaços para os representantes, ainda presentes, se não na estrutura, como elementos agregados que ainda possuem imenso poder sobre todos, sejam governantes ou governados. Mas, o espírito existe, ainda, muito mais forte e poderoso, a despeito de seus representantes.

Resta confirmar, apesar disto tudo já exposto, o que ainda mantem a estrutura coesa, o que mantem a todos grudados nela, mesmo com todas as incoerências e irracionalidades que há em todas as estruturas consideradas. Há que haver algo mesmo poderoso que ultrapasse a própria capacidade racional humana, tolhida por alguém, igualmente humano, que se diz representante de uma entidade que nunca ninguém viu, a bem da verdade, mas que sentimos existir. É esta a mais impressionante história já contada para a suposta humanidade, e que continuamos a consumir, vezes por vezes. Mas, em nome da racionalidade, não deve, nem pode, ser apenas isso. Há que se ter algo mais. E há.

A racionalidade nos leva, pelo seu exercício, a deduzir que tudo, afinal, são relações. Do sujeito com ele mesmo, dele com outro, da relação de ambos com a estrutura, de uma estrutura com outras estruturas, e todas as componentes que se relacionam e se interrelacionam. Relações e possibilidades. Resta saber o que é uma boa relação, e como se valora as relações em escalas de desejos. Os valores precisam ser atualizados, todos, nestas dinâmicas que ocorrem nas relações. Não à estagnação moral, mas sim à fluidez que dará acesso a uma nova dimensão, que Espinoza atribuiu à Ética.

Mas, se toda relação é uma estrutura, então, analisemos umas das mais simples destas relações diretas, como um casal, em que duas pessoas se afinizam por interesses nas possibilidades, nas fantasias, a oscilarem entre o “ser” e o “ter”, entre o dar e o receber, na troca que estabelecem como base de suas relações. O que ocorre é que, estabelecida a relação, haverá um acúmulo e sobreposição de conteúdos diversos, oriundos da convivência, das experiências, das trocas, das expectativas, surpresas, atitudes e muito mais.

A estrutura estabelece-se, historicamente, a tomar uma dimensão como se passasse a própria relação ser um ente autônomo em relação a cada um que compõe o que chamamos ser o casal. E, tudo se mesclará nesta estrutura, ou

relacionamento, para muito além do que foi o estabelecido inicialmente. Eis que um casamento por mero “interesse”, ou que seja arranjado, como em muitas culturas, sem que haja sentimentos esperados para justificar o matrimônio, que seja por uma ou ambas as partes, pode resultar em algo completamente diferente, como o amor incondicional e verdadeiro que poderá surgir, em que o centro do interesse de cada um passe de si para o outro e, por fim, passe para o próprio relacionamento, que terá melhor consistência e uma maior durabilidade, prováveis de serem assim. Tudo pode acontecer pela imprevisibilidade do desenrolar das relações.

Mas, como se dá a diferenciação entre um indivíduo e a estrutura que o está a abrigar?

O que é preciso perceber são mesmo as relações perceptivas, conscienciais, de cada um em relação à estrutura a qual está inserido, em que primeiro seja preciso definir seu estado de alocação existencial – se está mais para si, ou mais para a relação estrutural, ou ainda em equilíbrio e, posteriormente, se possui uma atividade mais concentrada em sua subjetividade (sempre mais rígida) ou na objetividade (mais presente, flexível e com objetivos materiais), ou mesmo em equilíbrio. São questões cruciais para se reencontrar a si mesmo, o que significa uma possibilidade de saúde existencial mais realista.

Há que se perceber que, após isso, desta consciência acerca da própria alocação, haja a consciência da consciência, a autoconsciência, que é um afastamento de todo o relacional, pela abstração, para verificar as teias que existem entre si e todo o resto. Esta capacidade da autoconsciência é que irá definir se a relação é boa ou não – pois o que interessa, mesmo, é a forma como as relações estão estabelecidas que darão elementos para uma escala de valor do relacionamento, e não o conteúdo, que pode ser mais facilmente transformado e é extremamente volátil. E é isto que o sujeito completamente estruturado perdeu: a noção das teias que o está a prender à estrutura. Uma teia tão sutil que julga estar livre, ser livre, sem nenhuma ação para além das suas.

Assim, para percebermos melhor o que se está a colocar em causa, consideremos que uma boa relação amorosa, para devotos puristas ou idealistas, sempre se baseará no conceito de amor projetado pelos filmes românticos de Hollywood, quando tudo é perfeito, até mesmo o sexo, totalmente “convencional” e “moral”. Enquanto para outras pessoas, uma boa relação sempre será uma relação baseada no sexo selvagem e nas aventuras que façam em conjunto, sem limites para as experimentações do “Kama sutra”, com algumas pitadas de promiscuidade e outras doses esporádicas de extrema lascívia, para se quebrar a rotina que nunca haveria de existir.

Poderá o casal purista ter uma vida dupla, cada um deles, pelas possibilidades que se privam na vida a dois, e por isso podem se arrependem por estarem juntos, mas sem forças para sair do jugo religioso

e social aos quais pertencem, que determinam que o sacramento do casamento seja, pelo menos, até que a morte venha para os separar. Daí, nunca se perceberão em uma relação realmente boa para eles, pela falta da autoconsciência acerca destes valores morais que castram seus desejos mais íntimos por, como sugerido, a castração simbólica para as experimentações sexuais. Talvez, secretamente, até podem desejar por isso mais do que o casal lascivo amigo. Ou provavelmente nem seriam amigos deste casal, pois a moral, quando rígida, impossibilita até mesmo tais amizades entre os puros e os “pecadores”, que passam a serem combatidos como representantes diretos do mal, nem que seja pela maledicência, neste caso permitida pelas leis puristas. Não é a dissonância entre as estruturas o problema, mas sim a falta de uma autoconsciência lúcida sobre as relações estruturais – de suas formas e conteúdos.

As formas, como sempre, são as determinantes. Os conteúdos, no futuro, para ambos os casais, poderão ser alterados e os que faziam sexo selvagem passarão a ter interesse em, por exemplo, algo inusitado como a observação selvagem de pássaros raros, e perdem o interesse demasiado que tinham na prática sexual “não-convencional”. Viverão, se dotados da autoconsciência, com a mesma cumplicidade de antes, a frequentarem, igualmente animados e felizes, um clube de *birdwatching*, ao invés de um clube de *extreme sex*, pois a forma que se relacionam é exatamente a mesma e, por fim, os conteúdos não são tão relevantes para que se classifique uma relação como boa ou má, a longo prazo. As avaliações rígidas morais acabam sempre por frustrar os conteúdos e emperrar as formas, sem fluidez.

Os critérios categoriais passam por perceber, primeiro, a alocação do sujeito em questão, tanto como descobrir elementos a instanciarem o próprio modo de ser, bem como o modo de existir. Mas, sempre, todos os relacionamentos devem ser percebidos e interpretados como estruturas que são, e que, portanto, operam como tal, invariavelmente. E possuem todos os componentes que possui qualquer estrutura, que se forme assim e se consolide como tal. Ao perceber as dinâmicas dos relacionamentos de casais, ficará fácil perceber que é um padrão que norteará também as relações sociais, como um todo.

A cada vez que existirem mais participantes, mais complexa ficará a estrutura, e também nos relacionamentos, a se estabelecerem relações de poder e anseios que tornar-se-ão conflituosas, mas em maior quantidade. Eis os desafios, ao menos para os que podemos considerar pela gestão de conflitos, para os que optam, atualmente, pelo formato de relacionamentos definido como poliamor, em que três ou mais pessoas passam a viver juntas um relacionamento amoroso e estável, como um “trisal”, “quadrisal” ou, talvez, um “n-sal”. A cada novo integrante, por exemplo, mesmo um filho que nasça ou alguém que venha a morar na mesma casa, estes não

participarão de todas as atividades dos outros e, assim, novas atividades surgirão, uma nova dinâmica será estabelecida, com novas formas e conteúdos e tudo ficará mais complexo.

É muito mais fácil descobrir o que há em comum, inclusive as possibilidades que buscam, quanto menor for o grupo de pessoas a se relacionarem. A cada nova pessoa que adentra a esta estrutura, mudam-se as definições deste “comum”, se é mesmo que exista a forma precisa de se descobrir o que sejam tais pontos comuns, o bem comum ou os desejos compartilhados pelas possibilidades. São, afinal, conteúdos. E, portanto, voláteis. O sucesso e o valor de todas as relações, qualitativamente, estão essencialmente nas suas formas constituintes e operativas, nas consciências multidimensionais dos envolvidos, e não nos cenários em que estejam a viver, ou nos conteúdos que compartilham nos seus perfis das redes sociais. Quantitativamente, não seria assim.

E isso é a estrutura, tal e qual, que tanto vai de um corpo e a relação da autoconsciência acerca de si próprio, ou em direção às estruturas das megalópolis, ou do próprio planeta, ou até mesmo do Cosmos. Estruturas são os imanentes dotados das possibilidades, das oportunidades e toda a dinâmica intrínseca que a faz ser operacional. Afinal, é a vida a ocorrer, enquanto existência consciente percebida.

13. O Universo, o universal, a universalidade, a realidade e a atualidade

Desde há muito, tanto quanto há a discussão sobre a origem (ou não) do Universo, os pensadores procuraram estabelecer, quase que insanamente, também sobre as qualidades ditas universais, que são facilmente derivadas das possibilidades providas pelo Universo. Assim, se isto for possível, em qualquer lugar e tempo haveria de existir o que fosse estável, comum e sempre presente, tornando a tudo previsível e conhecido. São os predicados, afinal, que qualificam algo a que se referem. O que estará em causa é se estes predicados, estas qualidades, existem independentemente do sujeito ao qual se referem. Sejamos logo honestos, ao perceber que garantir que os predicados existam sempre, e dar vida ao que seja o universal, é reconhecidamente uma proposta que aquece a alma e tira do cenário quase todas as incertezas, além de possibilitar maior facilidade aos processos de se conhecer tudo o que há. Supostamente.

E pensar assim, significou que as tentativas que buscariam explicar como tais qualidades universais poderiam existir para além das crenças e do conforto intelectual, ficaram em segundo plano, ou em plano nenhum, praticamente desprezadas ao longo do tempo, com um ou outro período de alguma movimentação coadjuvante, nunca no protagonismo. Assumiu-se assim, ainda que veladamente, a universalidade como possível, válida e real, ou seja, a universalidade do próprio conceito de universalidade.

Mas, primeiro, o que é o Universo? E por qual razão este não poderia ter qualidades extensivas a tudo o que se encerra nele, ou nele próprio? Basicamente por ser o Universo um apanhado de coisas “aleatórias” em constante transformação, um conjunto de matéria e energia, que são o mesmo teoricamente, mas não perceptivamente, pois é um conjunto instável e heterogêneo, imprevisível e, quiçá, com mau feitio, se atribuíssemos também a “ele” uma personalidade possível. Há quem o faça, misticamente, ao atribuir ao Universo uma inteligência interventora nas vidas humanas particulares, a considerá-lo interativo com desejos e necessidades particulares. Olhar para o firmamento, para as estrelas, possui um significado introspectivo que reafirma tal possibilidade interativa, em algum nível. A mente humana, que é capaz de ver rostos santos em torradas, nunca se privaria de sacralizar o “todo” existente, se lhe for conveniente. O “uni” é o que confunde muito, já à partida, a partir de uma unidade que é meramente artificial, fundada na linguagem, ou nominalista.

O Universo, enfim, está definido pelos dicionários como o “conjunto de todas as realidades criadas” ou o “conjunto de quanto existe”, ou “o mundo” ou ainda “o todo; inteiro”. Tais definições passam a assumir,

necessariamente, uma instância cosmológica, astronômica e delineada por dimensões espaciotemporais do Universo como conjunto de tudo o que há, do que conhecemos ou podemos conceber existir. Assim, em algum momento da História da suposta Humanidade, surgiu uma pergunta considerada necessária para o saber acerca do Universo, ainda não respondida de todo, que é perceber a origem deste “tudo o que há”, a matriz, o que está a produzir primordialmente este conjunto cósmico.

Logo apareceram as teorias mitológicas; depois vieram as considerações filosóficas pré-socráticas, acerca dos elementos, um a um – a água eleita por Tales de Mileto, a terra eleita por Xenófanés, o fogo eleito por Heráclito e o ar eleito por Anaxímenes, não necessariamente nesta ordem ou separadamente, mas apenas para a destacar a relevância da busca pela origem, na aposta inicial em um ou mais dos elementos primordiais; e logo veio Platão com o éter, com o seu Demiurgo e as ideias suprassensíveis; Aristóteles com o motor imóvel que fazia a tudo se mover em sua direção e sua hipótese de “incriação”, da eternidade do todo e sempre, também etérica; mas tudo se desenvolveu ainda mais e depois veio o Uno de Plotino que se excedia a si mesmo a ampliar as dimensões existentes; e, em sequência de relevância, com a teoria do Uno romantizada, surgiu a Teoria da Criação Divina, em que deus criou o Universo, ou os deuses, ou a dualidade, ou alguma outra origem metafísica ou sagrada. Tudo sempre girou na busca de um elemento que dá origem a tudo, que sempre foi uma preocupação real e relevante, que não se encerrou, pois recentemente, em 2013, foi descoberto o Bóson de Higgs, uma partícula subatômica que foi logo chamada de “partícula de deus”, tal o desejo de se fazer imanente o que seja transcendente.

Podemos perceber o comportamento coletivo que levou à justa comoção mais recente, ao vermos as imagens de altíssima qualidade feitas pelo novo telescópio espacial James Webb, a tentar fotografar ainda os resquícios luminosos do que imaginamos ter sido o Big Bang, e trazer uma explicação ou registo sobre a origem primeira de tudo, e talvez apareça um dedo de deus a estoirar algo. Isto nos fascina, nos prende a atenção, nos comove e nos leva a sempre desejar mais e mais do que nos pode levar às origens de tudo. E é assim que somos, desde sempre, em relação às origens supostas, pois é muito mais fácil perceber sobre a “origem” do que sobre o “destino”, se é que existem tais conceitos causais ou instanciais válidos em relação à existência deste “todo” que insistimos em legitimar, enquanto humanos.

Eminentemente, a mente humana busca sempre por respostas ou por perguntas, mas quase nunca por ambas, simultaneamente, pois o saber é desafiador, e a cada pergunta respondida, novas questões são realizadas e, assim, estas acabam sempre por serem mais valorizadas enquanto ainda não respondidas, e as atenções seguem quase todas para elas. O filósofo devoto,

assim, pensa que sua função messiânica é resolver problemas, encontrar respostas, quando o elaborar questões é sempre o mais importante, dado que nem todas as formas organizadas de conhecimento são capazes de formular questões tão boas quanto a Filosofia, mas conseguem resolver o que a Filosofia coloca em causa, mais cedo ou mais tarde. Eis, por exemplo, a relevância da Filosofia para as Neurociências, atualmente, a elaborar questões que esta será capaz de elucidar, o que a Filosofia não será capaz de fazê-lo, pois se limita ao campo teórico.

Em linhas gerais, por não se conseguir responder sobre o futuro, sobre algo que ainda não aconteceu, pergunta-se mais abertamente pelo passado, como se este ficasse a martelar a mente humana para completar os buracos existentes na linha do tempo existencial imaginada como linear.

Mas, ainda assim, o futuro não é desprezado, pelo contrário, pois passa a ser “projetado” pelas mesmas capacidades imaginativas da mente humana, racionais ou não, que busca sempre preencher o vazio dado pela dúvida da existência do futuro, que de tão incômoda, passará pela própria pressuposição axiomática de que haverá mesmo futuro, para começar. Por isso, principalmente, pela fuga da dor mental que traz a incerteza, o futuro não é somente assegurado, ao menos mentalmente, como também passa a ser uma função vital prevê-lo, de construir uma realidade a partir de sinais elétricos que chegam ao cérebro e que formarão uma teia que aspira ser capaz de perceber o que virá, a seguir. E tudo isto em nome de uma necessidade de continuidade existencial da vida e do mundo, ambos a transcenderem à possibilidade da finitude dada pelo acaso de que algo possa vir a ocorrer e que “tudo” deixasse de existir. Isto surge em paralelo ao problema da indução, já acusado pelo filósofo britânico David Hume²⁵, em que há a “certeza” de que sempre haverá um novo dia, um amanhã, a formar uma ilusão da continuidade linear da existência. Sair desta condição intelectual é desconfortável.

O que seriam das séries realizadas pelos serviços de *streaming*, como a Netflix, sem a indução? Afinal, o que seria a ansiedade? Se assim considerássemos a necessidade de simultaneidade de acontecimentos que tem o ansioso, a buscar as certezas em que ocorrerão as coisas que existem

²⁵ «Se as ideias fossem inteiramente soltas e desconexas, só o acaso as juntaria; ... Este princípio de união entre as ideias não deve considerar-se uma conexão inseparável, pois tal conexão já foi excluída da imaginação; contudo não devemos concluir que sem ela, a mente é incapaz de juntar duas ideias, visto que nada há mais livre do que essa faculdade... As qualidades em que se origina esta associação e que desta maneira levam a mente de uma ideia para outra, são três: a semelhança, a contiguidade no tempo e no espaço e a relação de causa e efeito.» HUME, David. Tratado da Natureza Humana. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2016, p. 39.

com incertezas, percebemos que a inovação da Netflix, ao disponibilizar muitas de suas séries com todos os episódios liberados é algo que atende aos desejos íntimos de muitos ansiosos, aqueles que nem sempre contam com uma alta confiança na própria capacidade indutiva que possuem acerca do futuro, e por isso querem tudo no agora, no antecipar de qualquer acaso contrário possível que lhes possam privar da fruição do objeto de desejo para além do devir. Ou, talvez, contrariamente, possuam eles uma confiança em excesso no que julgam que o que estará no devir deixará logo de existir, e assim queiram realizar suas fruições de forma imediata, a apreender o próprio fluxo da existência.

A origem da ansiedade vem também de uma relação problemática de indução, acerca dos ajustes mal feitos sobre os tempos percebidos. Mas isto não é uma teoria sobre a ansiedade, ainda, mas uma provocação para percebermos que nada fica alheio à temática, quando na selva. Maratonar uma série é uma busca por garantir chegar ao fim de algo que se deseja no imediato, mas ainda a sofrer pela dúvida que ficará acerca da existência de uma nova temporada futura, o que prenderá o assinante até que isto possa ocorrer, e que não perderá nem um segundo quando houver o aguardado lançamento. Não há como se afirmar tal coisa, mas me parece que sempre que se assiste a última temporada, assim anunciada, de uma série que se gosta, a pressa deixa de ser tão intensa quanto nas temporadas anteriores, a tentar postergar o que já está dado como terminado. Em muitos casos, posterga-se chegar ao final. É uma impressão que tenho, em minha particularidade. De todas as formas, eis que nunca se pode fugir desta desgastante incerteza acerca do futuro, que também vira produto, como tudo, mas sempre se pode recorrer aos processos indutivos para se manterem as aflições suportáveis, e a continuar a produzir e a consumir, enquanto se aguarda impacientemente.

Alguém mais cético pode argumentar que séries são percebidas como coisas boas, prazerosas, de lazer. Mas para o “mal”, o mesmo processo se repete, por exemplo quando há o temor pelo apocalipse e, assim, mantém-se o “assinante” fiel pela sua ansiedade, a colaborar ativamente com a instituição que assegurará sua salvação na eternidade, que “fica” no pós-devir. Mas, ainda assim, não há garantias, nem certezas, apenas o desajuste temporal acerca de um acontecimento induzido de ocorrer, ou melhor, suposto de ocorrer. Além de tudo virar produto, a ansiedade é uma aliada do espírito obsessivo e também é o que mais fideliza o obsidiado, e isto evidencia a importância pragmática do problema da indução, e também uma referência direta à relevância dos muitos equívocos que a obsessão pela universalidade pode acarretar, dado que são problemas interligados, inevitavelmente. Daí, em síntese, o Universo passa a ser considerado como uma certeza de sequência, do tempo considerado como linear, matemático, quantitativo, que

sempre existiu assim e que “certamente” ainda existirá, pois, uma nova temporada sempre virá, supostamente, e as expectativas estão todas neste futuro. É preciso que ele ocorra, portanto.

Tais questões, antes mitológicas, depois filosóficas e religiosas, atualmente já são também científicas, pois foram absorvidas pelas ciências, que têm se debatido para chegarem a alguma resposta consistente em que possam assegurar a explicação sobre a “origem” e “destino” do Universo, quiçá a ser respondida com futuras imagens da “criação”, nas versões mais precisas que sucederão ao telescópio James Webb. Perceba que, ao escrever isso, já é um processo indutivo que estou a considerar, de uma nova temporada de telescópios que nos prometerão dar mais do que temos hoje, tal como uma série de *streaming* promete fazer, e que já nos deixa a consumir a promessa antes mesmo de existir o produto prometido. E não é mesmo isso que ansiosamente esperamos? Mas, se não há ainda o “futuro” desejado, voltemos ao passado.

Desde que a famosa Lei de Hubble foi proposta, defende-se que o Universo ainda esteja em expansão e que por este conceito teorizado e desenvolvido, pode-se considerar também que, em algum momento do passado, tudo esteve em completa retração, em máxima concentração e densidade que foi denominado de ponto de singularidade, como se tudo o que há fosse comprimido em um pontinho no “nada” existencial, que explodiu e se expandiu. A Teoria do Big Bang, uma das mais aceitas e defendidas atualmente, se baseia nesta singularidade original do Universo, a grosso modo descrito para nos facilitar a vida por aqui. Mas, de onde viria este ponto singular supermassivo? Assim, percebemos que já há uma nova pergunta antes mesmo de termos as respostas. E precisaremos trabalhar uma a uma, a cada vez. Mas surgiram muitas teorias que nos podem ajudar.

Alguns cientistas argumentam que havia possibilidades de um outro Universo existir, antes desta singularidade, outros argumentam que esta singularidade pode ter surgido do nada, pois defendem que algo pode surgir do nada, e assim ser o Universo um efeito sem uma causa, um incidente cósmico. Ainda há quem diga que o Big Bang existiu mesmo, mas foi criado por deus, ou pelo impacto entre outros Universos, em outras dimensões, e tudo o mais que podemos criar como suposição teórica.

Mas, em resumo, independente da origem, e em prol da produtividade intelectual, o que poderíamos considerar como Universo, enquanto conjunto de tudo o que há? Há “dois” destes Universos, ao menos.

O primeiro é o já conhecido, e que “aumenta” constantemente, por sabermos mais e mais sobre ele a cada novo dia, pelos avanços científicos. Os registos deste Universo conhecido podem ser equiparados ao conhecimento científico que temos, à base de dados acumulada desde

sempre. Ainda que seja um cálculo muito difícil e complexo, não seria impossível dimensionar os limites do conhecimento atual;

O segundo é do desconhecido, e que nutre o conjunto do que é conhecido quando se passa a conhecer algo originalmente desconhecido, e este algo é mudado de conjunto. Obviamente não teremos nunca a dimensão exata do que está contido neste conjunto com elementos desconhecidos – pois não conseguiremos dimensionar o que ainda não há no conhecimento humano e, portanto, na existência. Por mais que se conheça, dia a dia, não saberemos se o desconhecido terá um limite que se extinguirá pelo conhecimento adquirido.

A questão é que o que se conhece é apenas algo que seja pensado, ou tido como existente. Uma qualidade, assim, universal pode estar ainda no conjunto do desconhecido e, um dia, passar a compor o conjunto do que seja conhecido? Eis a questão. Se há algo que é pensado, é um estado de “realidade”, pois pode ser possível conhecer algo *a priori* mesmo sem que ocorra uma experiência direta sobre este algo, mas também pelas analogias que podem ser feitas, a partir da experiência prévia que possui o sujeito, e que deve ser sempre considerada, segundo Kant. Mas, ainda assim, este pensamento não teria, necessariamente, a “atualidade” por não haver a experiência direta. Esta atualidade parece mesmo algo temporal, necessariamente, pois a atualidade é a existência real apreendida em um certo tempo, pela experiência, pelos sentidos, pela interação, e em síntese, de algo que deve estar a ocorrer no devir e, por isso, o pensamento fica livre para divagar entre passado e futuro, a formar sua realidade em algo que não necessariamente esteja a existir materialmente, na atualidade, mas que é suposto conhecer, pelas analogias que se é capaz de fazer a partir de algo que já se conhece, já apreendido em algum momento. Pode ser assim, ou não. Kant é complexo, pode ser preciso ou controverso, por vezes, ou confuso, e muitos o percebem de diferentes formas, mas nesta questão ele é coerente, dado também que há aqui neste texto uma extrapolação para além de um burocrático conhecimento de um simples objeto, mas sim de complexas circunstâncias interconectadas.

E há também a capacidade criativa humana, que nem colocaremos em causa, para evitar mais distrações. Então fica evidente que o Universo formado pelo que se conhece o único que pode ser conceituado, assertivamente – pois é real e/ou atual. Potencialmente, há o que não se conhece, nem real, nem atual, e o que se pode criar, que atinge uma condição real sem ser, necessariamente, atual – e sobre isso não temos a menor ideia do que poderá vir daí.

Mas, e se especulássemos um pouco mais sobre o que ainda não se conhece? Como vimos, uma definição aceitável para o Universo, como conjunto, é a concentração nele de todos os espaços e todos os tempos, para

além da matéria ou energia que existe inserido neste conjunto. Há a matéria e a energia, na versão “convencional”, mas há também a energia e a matéria escura, em que estas últimas são consideradas teoricamente como a maior parte do Universo “conhecido”, embora sejam elas desconhecidas. O conceito “escuro”, ou *dark*, em inglês, aqui se refere justamente à incapacidade de se ver, de se conhecer sensivelmente ou por meios de aparelhos específicos. Até hoje, foi impossível apreender na atualidade a matéria ou energia escura, embora sejam pensadas, e tidas como reais, ao menos no campo da Física Teórica, que sempre acaba por provar muitas de suas teorizações. A maior parte do Universo, literalmente, é conhecida apenas pela teoria, pela nobre e necessária elucubração científica sem a atualidade *kantiana*.

Há tanta coisa que há. Não há tanta coisa que não há. Mas também passa a haver coisas que nunca param de serem descobertas, com o avanço das investigações científicas. O facto é que temos, na realidade, uma vaga noção do que existe no Universo, e uma suspeita certeza de que haverá como descobrir mais, no amanhã, pois o amanhã é ele próprio uma suspeita certeza indutiva. E a isso chamamos de todo, como sujeito, e o eternizamos e universalizamos, predicativamente, antes mesmo que possa a vir ocorrer. O Universo é somente aquilo que conhecemos e que supomos existir, com o acréscimo de nossas crenças e desejos, vontades e intenções, tudo representado metafisicamente em nossa mente por algo transcendente que parece ordenar o caos, e nada mais para além disso. Somos, em última instância, torcedores do time do amanhã e devotos das nossas origens desconhecidas.

Devotos, pois, são antecipadamente crentes, por não sabermos mesmo se houve um tempo zero, original, inicial, ou se nunca houve isso. Mas, admitamos que sim, que o Universo tenha surgido como a Teoria do Big Bang descreve, e que há mais de treze bilhões de anos uma singularidade “expandiu-se” e deu origem ao tempo e ao espaço, e continua a se expandir, mais lentamente e que, no futuro, poderá voltar a se contrair, para uma nova singularidade. Não há certezas sobre esta teoria e provavelmente nunca as teremos enquanto vivos. Talvez daqui há centenas de anos, a induzir que lá chegaremos enquanto suposta humanidade, estes escritos aqui possam ser utilizados em shows de humor a debocharem da nossa selvageria intelectual sobre nossas origens, até porque terão conhecimento das novas fotos cósmicas para além das que temos, ou provavelmente terão já hologramas reais do Big Bang, ou similar e saberão “tudo” sobre o passado, com exatidão. Mas não poderão rir sobre os adjetivos e as qualidades que derivam destas instabilidades e incertezas temporais que temos hoje, pois elas também existirão no “futuro”. Eis o ponto: tudo o que deriva de questões ontológicas incertas sobre o passado, por algum processo complexo, passa a ser

subvertido e atribuído como qualidades estáveis e certas em relação ao futuro. Mas, a certeza do passado não iliba a incerteza sobre o futuro. É uma projeção desconexa. O futuro será tão perturbador quanto hoje, ou talvez mais ainda, pelo que virá do conhecimento a ser adquirido como, eventualmente, a certeza de um fim que hoje desprezamos ocorrer.

E é sobre este emaranhado conceitual que a maior parte da Filosofia vem se fundamentando para provar o conhecimento particular do presente e do futuro em questões universais supostamente estáveis e certas, enquanto nosso próprio Universo nem é estável nem certo, ao menos ainda. Quer-se dar uma predicação topo de gama a um sujeito que pouco se conhece dele, que não se sabe de onde veio e nem se estará por aqui em breve. Mas, há a fé, e talvez isto seja o problema. Estas questões dadas como incertas, para os devotos pensadores presos pela fé à estrutura existencial e intelectual, são devastadoras. Seus pesadelos ocorrem com questões assim: como uma qualidade dita universal pode ser considerada estável se o Universo é ele próprio instável? Como podemos estabelecer uma ordem conceitual consistente dentro do caos da imprevisibilidade?

Pode-se, afinal, com se tem feito, conceituar o universal, ou até mesmo as condições para uma universalidade. Pode-se tudo, conceitualmente, mas não sem prejuízo aos frágeis resultados que advirão de tão frágeis conceitos. Há uma história sobre o jogador brasileiro Mané Garrincha e o técnico da seleção brasileira Vicente Feola, logo antes do jogo contra a então seleção da União Soviética, quando Feola mostrou um esquema de jogadas sequenciais que levariam ao golo certo do jogador brasileiro Mazzola, depois de uma série de passes. Ao final, Garrincha questionou Feola, ao perguntar se ele já tinha combinado aquilo com os adversários. Pois, antes de tudo, seja para Garrincha quanto para os filósofos, é preciso perceber que todos os planos técnicos são aceitos no papel, assim como todos os conceitos filosóficos, mas devem sempre perceber que a realidade os frustrará, cedo ou tarde, se forem inconsistentes com ela, ou ainda pior, se a desprezarem.

Se há algum conhecimento e delimitação do “Universo” possível, ele é restrito ao tempo conhecido, que se limitará sempre ao devir realizado na componente do tempo, e à componente do espaço, e serão estas componentes resultantes do máximo que as observações humanas podem alcançar, e que são ínfimas, frente às dimensões incomensuráveis de condições e particularidades que existem, que nem mesmo as teorias científicas conseguem calcular e prever todas elas. O passado faz parte, à medida em que seja capaz de ser lembrado ou deduzido. O futuro, lamentavelmente, ainda não é uma possibilidade epistemológica, mas apenas considerações da esperança humana ou das suas inferências racionais, mas sem as certezas asseguradas, pois são baseadas em parcialidades.

E agora precisamos perceber um pouco mais sobre os adjetivos – os predicados, sobre o significado do que seja considerado como universal. E predica-se como universal o que “abrange tudo, que é geral”, “que se aplica a tudo” ou “que provém de tudo ou de todos”, ou ainda “que é o mesmo em todas as partes”, “de todo o mundo, mundial”. Não demora nada para chegarmos ao predicado de mundial, a uma determinada dimensão limitada, reduzida ao que se é conhecido ou conhecível. Entre o Universo (sujeito) e o universal (predicado), já há uma drástica redução conceitual e de abrangência espaciotemporal. Já se percebe algum descompasso, do atropelamento da realidade. O universal, portanto, somente se aplica àquilo que se concebe que seja conhecido – ao conjunto Universo conhecido, ou que se possa conhecer, dedutivamente, a extrapolar o que se conhece. A Física Teórica, por exemplo, se encaixa neste processo, pois se concebem condições desconhecidas que podem vir a serem comprovadas, da criação, da realidade ainda sem atualidade, como muito já ocorreu, desde então.

Mas e sobre a universalidade? A universalidade é definida como “o caráter do que é universal ou geral, como totalidade ou universidade” e também “caráter daquilo que abrange todos os conhecimentos” e, por último, em Lógica, é um “caráter de uma proposição universal”. Assim, entre o universal e a universalidade, há uma nova redução conceitual, quando a universalidade é ainda mais restrita e se refere sobre apenas o que é conhecido e provável de ser comum a tudo, ao menos sobre o que já se conhece. É tanto algo que esteja em ato como também em potência, o que restringe sua abrangência.

Se algo é conhecido, poderá integrar, ou não, uma dada conceção de universalidade, conforme o ato em que esteja a realizar e a potência que lhe for atribuída. Há que se ter cuidado. Pois podemos dizer que os humanos possuem predicados que os poderão alocar em um conjunto na qual a universalidade seja possível. Assim, poderíamos afirmar existir o que seria a humanidade, e não apenas uma suposta humanidade. Há, no homem, um ato, pois são humanos que podem ser apreendidos como imagens instanciais e daí retirarem-se predicções comuns, e atribuir a estas a tal predicção universal de humanidade. Mas há, também, potências de se desenvolverem novas realidades que sejam afins com novas predicções, mas contraditórias às existentes. Instabilidades, afinal, como possibilidades. E este é um exemplo simples, apenas para ilustrar que os planos sempre se frustram frente à realidade. Mas, ainda assim, os teóricos devotos desprezam isto e presumem que o que seja desconhecido tenha também uma universalidade intrínseca. O grande sonho deles seria a descoberta da imobilidade, em que nada mais se alterasse qualitativamente.

Por isso, o que é tomado como desenvolvimento filosófico já emerge com a universalidade, antes mesmo de se perceber o que resultará daí. É como um

atributo outorgado, um destino que todo o pensamento precisará cumprir sobre seus frutos não dados ainda, embora prometidos. E, subversivamente, o conhecimento prévio das coisas, *a priori*, passa a ser requisito para se atribuir a universalidade a determinadas predicções comuns, e isso deveria se dar *a posteriori*. Eis o erro dos pensadores não dados à humildade da perspectiva, e rendidos à supremacia da universalidade. Portanto, a universalidade deveria ser uma construção epistemológica de um conceito que é estruturado ontologicamente. Se o universal deveria atuar no sentido epistemológico *lato*, a universalidade deveria atuar no sentido ontológico *stricto*.

Mas, afinal, por qual razão ficaram (e ainda ficam) os filósofos a renegarem a humildade da perspectiva por tanto tempo?

Pois, na antiguidade, o objetivo do conhecimento estava praticamente todo voltado para os objetos. Conhecer algo significava, portanto, explorar a dimensão das coisas e de suas características, e demais abordagens relevantes, como suas qualidades, e se estas faziam parte ou não de cada objeto. Buscava-se chegar a algo fundamental, essencial, substancial, pelo que poderia explicar-se todo o resto, sem recorrer aos conceitos de criações feitas pelos deuses, ou por deus, ou qualquer outro modo em que havia a necessidade da fé para fundamentar o conhecimento.

Foi preciso transcender ao objeto para um “algo” metafísico, como uma qualidade exterior e superior ao objeto, mas igualmente intrínseco a todos os objetos, seria uma dimensão que abrigava sob seus domínios uma certa essência primordial, e todos os objetos que continham um pouco desta essência estariam ligados nesta dimensão e, se isso ocorre, a discussão sai da física e adentra ao que é considerada como a metafísica, e também à ontologia, na busca da essência primeira, da causa primeira, ou do ser.

Isto ainda perdura mais fortemente na mente cristã da civilização ocidental, visto que os conceitos das “qualidades boas” estão atrelados (e “amarrados”) a certas dimensões que ofereçam as possibilidades – as “boas” obsessões ou influências, como a própria “divina e boa influência” cristã.

E, as más qualidades nunca poderiam estar ligadas às influências tidas como desejadas e aceitas, pois, as tais más influências projetam apenas todas as impossibilidades reais que nunca seriam aceitas pelos seus influenciados – pois estes nunca projetariam, obviamente, uma impossibilidade real para seus futuros prováveis ou desejáveis. Pois, impossibilidades podem ser reais, mas nunca atuais, a partir de uma leitura *kantiana*. Neste caso, nem reais permitam que sejam.

Por isso, e para isso, o espírito obsessivo se justifica existir. Se faz presente para amainar as dores, aplacar os sofrimentos e os rangeres de dentes. Serve para tirar o machado posto à raiz da bela e frondosa árvore do conhecimento universal. E serve, realmente, para ser uma resposta ao impossível, como

veremos adiante. Pois tudo nele, e com ele, sempre será possível, e estará a liderar uma cruzada contra os heréticos adversários da universalidade do todo-poderoso real.

O bem sempre é o alvo das atenções. O supremo bem é a cereja do bolo que o espírito obsessivo promete, em todas as instâncias sociais que conhecemos. Não é raro escutarmos que o “sangue” de Jesus tem poder, que deus tudo pode e para Ele nada é impossível, que até mesmo o filósofo e economista britânico Adam Smith “anteviu”, dois e meio séculos atrás, que mesmo as ações capitalistas (agora “evoluídas” para as neoliberais) são manipuladas para irem em direção a um certo “bem”, ao dizer «*o capitalista geralmente não tem intenção de promover o interesse público, nem sabe o quanto o promove... ele é guiado por uma mão invisível a promover um fim que não fazia parte de sua intenção*», o que já é muito comumente, mas pode ficar ainda mais. Pois há comoções ainda maiores e ostensivas, até viscerais, pois mesmo recentemente, nas afirmações políticas do *slogan* «*Brasil acima de tudo e Deus acima de todos*», podemos perceber que tudo ainda é o mesmo do mesmo, nos sentimentos religiosos, patrióticos, econômicos etc., sempre direcionados ao bem idealizado como universal com algum tipo de agente transcendente envolvido, mesmo que outorgado contra o bom senso, há ali algo, invariavelmente.

Portanto, a direção assumida como nosso destino individual e coletivo é sempre para o tal “supremo bem”, seja lá o que for isso considerado, mas que já se presume ser universal e, portanto, bom. Um *loop* infinito do nada que volta ao nada, mas que é funcional. Isto ocorre dentre todas e tantas aplicações, sinceras ou canalhas, bem ou mal-intencionadas, nas diversas estruturas. É uma constante. E assim, dentro das obsessões coletivas, são apenas as boas possibilidades que são meramente aceitáveis e consideradas automaticamente universais.

14. A conexão conceitual, a impossibilidade, a ameaça, a perspectiva

As evidências das influências perniciosas que derivam dos conceitos equivocados dos predicados universais são muitas. O mal, como veremos, é algo que pode se dar sem que percebamos os seus efeitos. E o objetivo, ao se atacar tais predicados, é arar o terreno da mente para que possamos cultivar novas sementes que não deverão conter nenhuma pretensão acerca do que virão a ser, mas ao menos tenhamos a certeza de termos sido nós mesmos que as plantamos.

O que teria em comum entre a assunção da veracidade da predicação das falsas universalidades e a visão distorcida acerca de tudo o mais que há? Esta é uma conexão conceitual tão sutil de se perceber, mas ao mesmo tempo tão poderosa que nos levará a ter imenso cuidado ao desconstruir conceitualmente a forma estrutural que nos une através dos conteúdos que temos em comum acerca dela.

Todos os sujeitos, jogados ou criados na estrutura, são afetados pela necessidade de obedecerem a uma linearidade suposta existir em tudo, e assim, aprenderão ali sobre o suposto caminho para as possibilidades, pois é o que mantém a todos unidos dentro de uma mesma estrutura. Aliás, a estrutura é mesmo justificada para que se possam alcançar as possibilidades – é para isso que ela serve, é o seu *telos*. E todos, ou quase todos, elegerão as impossibilidades como opostos das possibilidades, pois ao estarem as possibilidades dotadas de predicados universais, seus opostos também são passíveis de terem tais predicativos, pois precisam ser correlatos ontológicos. E isto gerará um problema para todos, e uma oportunidade para o espírito obsessor que encontrará aí um ambiente propício para se desenvolver.

As impossibilidades não fazem oposição às possibilidades, e este é um grande erro que a maioria, devota ou não devota, comete sem percebê-lo, pela irrelevância que passam a dar às impossibilidades, sempre menosprezadas ao ponto de serem desconsideradas como existentes. São desconsideradas pois o tal espírito obsessor passa a ser visto como eficiente para anular todas as impossibilidades, deixá-las completamente sem efeito. Surge daí a sua força, da pretensão de nada ser impossível e, frente à realidade do impossível, usa-se um recurso que o desativa, e tudo passa a ser possível novamente. Sem uma predicação universal, isto não funcionaria, pois, a mente não consideraria capaz a atuação universal de algo não universal. A confiança em uma empresa multinacional é sempre maior do que em uma empresa local.

A mente opera um *bypass* quando percebe uma impossibilidade. E este *bypass* não é natural, mas artificial, e implantado pela ação do espírito obsessor. A impossibilidade da superação da morte, ou da vida eterna opera

desta forma, como sabemos, e formas de ultrapassá-la são produzidas sem que o sujeito considere mais o que existe a afrontá-lo. E é um erro que é incentivado e mascarado com a ação do *bypass*, que opera nesta mesma maioria, devota ou não, que se afinizam nesta ilibação do impossível, pela aversão que possuem ao confronto com a realidade. Mas, o que é preciso saber sobre tal espírito, por agora? Qual é o verdadeiro arqui-inimigo das possibilidades, dos sujeitos? E como ele distrai a todos para que não percebam mais a realidade?

Os opostos das possibilidades são, unicamente, as ameaças. Começaremos a perceber que a ação do *bypass* é criar uma ação para que as possibilidades sejam, ao mesmo tempo, tornadas disponíveis como oportunidades e incapazes de serem impossíveis de ocorrer. Esta é a promessa implantada em todos, pelo espírito.

Toda ameaça é algo possível, obviamente, mas que pode ser provável ou improvável de ocorrer, ou seja, é algo real que pode ou não ser atual, mas que sempre estará próximo de sê-lo. É o mesmo processo de incerteza que há nas predicções universais, a mesma construção mental que vem deste esforço de prever e controlar o devir. Eis o ponto crucial da diferença entre a ameaça e a impossibilidade: uma ameaça causa sensações, sempre fortes e presentes. Basta pensar em algo ameaçador que as sensações ruins ocorram, diferentemente das impossibilidades, sempre frias e por vezes distantes. A impossibilidade é estática, natimorta, enquanto a ameaça é dinâmica e pode interagir com a linha do tempo do sujeito. E isto faz toda a diferença para o espírito obsessivo, que passa a dominar a cena quando troca um inimigo possível de vencer por outro inimigo capaz de ele mesmo produzi-lo. Cria-se o falso problema para se vender a falsa solução.

Há sempre coisas indesejadas a ocorrem nas vidas das pessoas normais, mas que parecem estar anestesiadas ao ponto de não perceberem que há mesmo algo real e impossível a lhe impedir uma vida em melhores condições. Assim também se dá na própria estrutura, como os muitos holocaustos, guerras, pandemias letais, períodos de grande escassez de alimentos, distúrbios climáticos ou geológicos, etc. Surgiram, surgem e surgirão ainda mais. Comovem a todos, e logo são esquecidos pois a preocupação é mesmo com a cenoura posta à frente, a correrem para o encontro dela, como coelhos.

Até mesmo existem mais facilmente exemplos sobre fatalidades que expressam as impossibilidades do que as coisas consideradas boas, sejam possibilidades ou oportunidades. E por isso começamos a perceber o motivo de não ser a busca do “bem” que forma a sustentação para que ocorra a obsessão a que todos estamos submetidos, em maior ou menor grau. O bem, ou a cenoura, é algo artificial colocado à frente de todos, que passam a perseguir algo, indiferentes se é mesmo real, pois não é.

A obsessão é sustentada justamente pela ameaça às oportunidades que são disfarçadas como possibilidades, e tudo fica confuso, e já não se sabe mais o que seja uma oportunidade ou uma possibilidade – surgem nossos medos, e não pelas impossibilidades reais – que deixaram de ser considerados como existentes. A obsessão coletiva dá-se pela ignorância, ou melhor, pela inconsciência artificial acerca do real conhecimento. A mente que foi doutrinada a pensar com a universalidade precisa começar a perceber a perspectiva em que está inserida, e que é capaz de dar-lhe referências para se orientar na selva que ainda não percebeu existir ao seu redor. Só assim, para que saia deste ciclo fechado das ilusões – e eis o maior impedimento para o fim da obsessão.

Podemos perceber os mecanismos destas operações, quando a versão personalizada e negativa de deus (que representa o bem), seria supostamente o diabo (o malvado da história). Assim pensam os crentes religiosos, acerca do bem e do mal. E o diabo é apenas um de seus infinitos nomes atribuídos, de suas inúmeras pregações maléficas, ou do próprio mal substancial atribuído a “ele”, que o eleva a uma condição diferenciada em oposição a tudo o que seja bom. Mas, mesmo assim, “ele” não é, em si, uma impossibilidade dada como real e não atual, visto que até mesmo pode se disfarçar como uma cobra falante e causar grandes estragos aos planos de deus – e é isto mesmo o que ele faz – sempre a ameaçar os planos do bem em todos os tempos do passado, do presente e do futuro, com a atualidade garantida, a ser ilusoriamente tomado como real, a transitar no tempo e no espaço, a ameaçar tudo o que há, mas nunca a impossibilitar o bem de ocorrer, ou de triunfar sobre ele. Pois, afinal, na realidade, o diabo nunca existiu. Nunca há a impossibilidade real que se origina causada pelo mal ilusório, por pior que este possa ser considerado. Não é mesmo curioso, visto sob esta ótica? Talvez haja um pequeno *bug* na mente de muitos leitores, a perceberem que muito do que eles próprios pensam sobre o mal se desfaz quando se desfazem os frágeis conceitos acerca da universalidade.

Então avancemos novamente. Perceba mais uma coisa: em todas as histórias que nos chegam, o diabo nunca impede nada, realmente, mas pelo contrário, geralmente excita e incentiva o pecador potencial para sê-lo realmente, de facto, em ato, a fazer tudo o que dizem ser proibido por deus, mas que lá no fundo ainda fica no pecador, assim constituído, um potencial ainda existente, e uma imensa vontade de pecar ainda mais, pois passa a uma condição de ser completamente insaciável sob a influência do capeta.

O pecado não é mesmo o que há de mais gostoso e tentador nas religiões, ao menos em sua maioria mais conhecida? As regras estabelecidas são tanto as que criam quanto as que proíbem o pecado, mas já na dimensão humana, a partir dos representantes que assim estabelecem. Santo Agostinho, por exemplo, definiu o livre-arbítrio como possível e outorgado por deus; definiu

que o mal é a ação do homem, sob a égide do livre-arbítrio e, por fim, apenas a intenção de pecar, ou os pensamentos voltados ao pecado, já se configura o pecado, mesmo que nada se faça para além dos próprios devaneios mentais. O diabo seria, assim, se “ele” existisse mesmo, um libertador das regras e dos representantes da ordem estabelecida, em termos conceituais. Mas o que o diabo supostamente faz é apenas ameaçar que as regras não sejam cumpridas, e nem os representantes sejam obedecidos, e combater isto passa a ser a cruzada que todos os devotos passam a se engajar, em nome da possibilidade que nunca perceberam mesmo existir, mas que está ameaçada pelo capiroto. E não é nada mais do que isso.

A função diabólica é, portanto, ameaçar (nos filmes de suspense, ou terror, a iminência do ataque é sempre mais aterrorizante do que o ataque, em si, por vezes patético e cômico) – pois ameaçar é uma função essencial para que o bem se estabeleça, pois, este sempre precisa fazer com que o diabo “perca” para provar sua superioridade ontológica, para provar que o que é suposto ser o bem seja mesmo o “bem”, ao final dos embates viciados travados com o cramulhão, pois o bem sempre “precisa” vencer teatralmente o mal para se afirmar como tal. É, assim, essencialmente funcional para o espírito obsessivo a ação diabólica, pois só a partir dela é que este se pode afirmar como superior e desejável.

Se o céu fosse uma empresa de *fast-food*, com aqueles pôsteres de funcionários do mês, o diabo seria sempre a fotografia presente no mural dos funcionários, pois a cada avanço da fé significaria que ele estaria a prestar melhores serviços. Possivelmente o caimento de Lúcifer do céu para o inferno tenha sido uma promoção, a dar-lhe um novo reino, tal qual uma master-franquia, quando o jogo ficou mais “sério” e com maior ameaça, dada a sua capacidade de se camuflar por todos os lados, por entre a gente, talvez a escrever livros filosóficos sobre a selvageria em que todos estamos inseridos. Nunca se sabe como ele atuará, afinal. A concorrência sempre é boa, desta forma, mas a concorrência viciada é ainda melhor e a mão invisível de Adam Smith deu a prova de que funciona até mesmo para o *case* do paraíso e do inferno, em que o próprio capeta é o principal colaborador para que se perceba o “bem”. Há uma jornada para todo herói ser herói, e isto envolve superar a ameaça que o vilão representa, que nunca é impossibilidade.

Pois, se assim não fosse, e houvesse o “verdadeiro” mal da impossibilidade, haveria de se admitir que o bem (oriundo dos conjuntos hierarquizados das possibilidades) poderia ser inviável para ser atingido, pelas impossibilidades reais e atuais, oriundas da ação verdadeira do mal, visto que o mal não apenas ameaçaria, mas realmente impossibilitaria o bem, por completo. Seria um imenso problema viver sem possibilidades, e tudo seria diferente, e muito mais sombrio, sem expectativas. Por isso, o espírito

substitui o inimigo, e este nunca oferecerá o perigo de ser realmente o impossibilitador de nada, mas sim um ameaçador, no máximo. A “mágica” estará no marketing, que o próprio espírito tratará de promover uma reles ameaça para um *status* de impossível, para que ele consiga ganhar e se afirmar. O show não pode parar, afinal.

Pois a formação dos conceitos do que seja bom ou mal, na moral, se dá exatamente como na relação entre o senhor e o escravo²⁶. Sob a perspectiva do escravo, este fundamento primeiro o seu valor moral negativo, o mal. Nietzsche atribuiu ao escravo o primeiro passo na formação da moral fundamentada na oposição do bem e do mal.

Para ele, neste caso, o conceito, ou o predicado do mal surgiu a partir da ameaça (e não da impossibilidade real) imanente que a figura do senhor representava para ele, primordialmente. E somente depois disto, da percepção do mal, o escravo passou a instanciar em si o que seria o bem. E este conceito de bem se fez presente quando ele passou a deter para si possibilidades de, por exemplo, se vingar daquele que o oprimia, o senhor, e se libertar, sair da vida que possuía. Se visse o senhor como impossibilidade real, nada poderia fazer, e ficaria prostrado na condição desumana. Percebia a liberdade, a tinha como possibilidade, real e atual e, assim, precisava ultrapassar a ameaça instanciada, que o castigaria, ou mataria, se se rebelasse ou fugisse. É uma subversão da teoria criacionista cristã que se fundamenta no bem, e não no mal, mas Nietzsche está plenamente em linha com o que se defende aqui, ou melhor, humildemente, estamos plenamente em linha com o que ele nos deixou acerca da moral do bem e do mal.

Mas que resultou em ser mesmo a possibilidade de vingança, que seria o bem para o escravo (e uma ameaça para o senhor, portanto) que lhe deu um vislumbre do poder que poderia obter, e então o poder foi tido também como um bem ainda maior, recebido por quem o merece e capaz de bloquear o mal. Sempre, portanto, é preciso perceber que a busca pelo poder é, em si, uma

²⁶ Usaremos, a partir daqui muitas das vezes, a palavra “escravo”, como a considerar pessoas, de forma geral, que estejam “na situação de” escravos. Pois, não há mesmo como se aceitar que alguém seja um escravo, de facto, por ordem da natureza – isto é inaceitável. A escravidão, como concluiremos a seguir, é um ponto muito lamentável na Filosofia de muitos grandes pensadores, até mesmo os que são admirados atualmente, como Hegel e Nietzsche, dentre tantos, pois há claros indícios de que não eram contrários a tal prática, como também existem indícios de que possuíam opiniões favoráveis a respeito. No mínimo, há a omissão da maioria dos pensadores até o Século XIX, quando a escravatura começa a ser abolida pelo mundo, o que já é profundamente lamentável, dada a condição intelectual que possuíam. Sem um julgamento politicamente correto, seguiremos a expor os pontos de vistas acerca disto, ainda que nas partes finais retomaremos estes posicionamentos acerca da relação escravatura e os filósofos.

busca pelo bem, na perspectiva do buscador. E, como sabemos, há muita relevância e centralidade do poder na Filosofia de Nietzsche.

Mas, e se analisássemos o contrário? Para o senhor, todavia, detentor do poder, o escravo é tanto uma possibilidade quanto uma ameaça – tanto é o bem, quanto o mal. E é ameaça justamente pelo poder que este detém sobre o que seja o bem do senhor, sem o saber, como gerador de possibilidades para o senhor – gerar riquezas pela utilização compulsória de sua mão-de-obra. O escravo é valiosíssimo para o senhor, e responsável direto por este ser quem é, pois, se o escravo se torna uma impossibilidade real, ou seja, se deixasse de existir escravo, o senhor não mais poderá ser senhor, pois depende deste escravo para sê-lo, tal como deus depende do diabo para ser deus, funcionalmente, e que triunfa sobre as supostas impossibilidades.

O escravo correlaciona-se com o sujeito da estrutura, mas o senhor não se correlaciona com o espírito obsessivo, pois este criou uma correlação deste senhor com a ameaça, a dar-lhe status de impossibilidade, e ficou oculto, a manejar seu jogo sem que seja exposto, ou referenciado abertamente. É apenas um conceito empoeirado nos pensamentos filosóficos mais indesejados, que geralmente levam à subversão do sistema instituído e tido como ideal. Eis aí sua verdadeira faceta conservadora.

Em analogia, o espírito obsessivo sempre dependerá do seu antagônico ameaçador para ser o tomador das almas que passam a vangloriá-lo, indiretamente, por ser quem este passa a ser, ou quem diz ser. E o antagônico é sempre subvertido pelo sistema do *status* social, quando o obsessivo abre mão do próprio estrelato e passa a subverter a ordem para que o antagônico seja ele mesmo uma estrela renegada, famosa e cancelada, um coadjuvante marginal indesejado e temido por todos. Temido sim, mas não tanto quanto o espírito obsessivo, que mesmo a se assumir como o bem sempre precisa ser o mais temido, maquieladamente, para se manter superior. E manipula tudo como se fôssemos fantoches. E, quiçá, talvez ainda o sejamos.

Hegel concebeu ou percebeu acertadamente²⁷ esta dinâmica do senhor e o escravo, e que foi continuada posteriormente por Nietzsche e por Marx.

²⁷ Hegel usou dos termos “senhor” e “escravo” metaforicamente, sem se aludir mesmo à escravatura. O que ele buscou foi estabelecer a consolidação produtiva do trabalho como fim último – e suficiente e necessário para justificar os meios empregados, como a relação servil para que o trabalho resulte. Para Hegel, o escravo se beneficia de seu trabalho, mesmo que seja apenas do que o senhor se disponha a deixar para si, ou seja, a mera sobrevivência. Sabemos bem que isto só ocorre não por opção do senhor, mas sim pela continuidade de manutenção de sua mão-de-obra escrava para que continue viva e disponível, o que é lamentável. Por tal lógica, podemos perceber que a condição atual, na maioria dos mercados, passa a ser muito mais “barato” para os senhores o salário pago aos atuais servos do que se houvesse ainda a escravidão, com todos os custos agregados a esta prática.

Mas Hegel foi o primeiro que percebeu a dialética a ocorrer nestes conflitos, sob a perspectiva de uma necessidade de reconhecimento que há em todo o humano – apresenta o trabalho como elemento central e valoriza todas as relações laborais como necessárias para uma formação ética e política do Estado, até que pudéssemos progredir para a forma atual do desejo pelo desejo, e que configurou conceitualmente a base *lacaniana* da fantasia, e que já vimos um pouco sobre ela.

E, para Hegel, é o reconhecimento de si, quando feito pelo outro, que leva à autoconsciência, e que leva a um novo conflito, pela luta e pela conquista do poder nas relações – pois deter o poder sempre foi visto como o “bem”, tal como na analogia entre o escravo e o senhor da moral *nietzschiana*, em que uma dialética poderosa se instala dinamicamente nas relações estabelecidas entre indivíduos ou sociedades. Muito próximo da causação imanente que até parece ser mesmo isto, o que defendo intimamente em meus sonhos filosóficos, ou talvez pesadelos.

Não há nada de muito novo, afinal, em tudo o que foi dito, até aqui, e que consistiu apenas em um arranjo diferenciado, novas interconexões, na busca de uma fluidez que é geralmente evitada, principalmente pelos ditos analíticos. Ainda que não consigam perceber bem o motivo de serem assim, analíticos, em especial quando decidiram silenciosamente pelo abandono dos sistemas filosóficos, o que é ainda mais estranho quando tudo no mundo está cada vez mais integrado estruturalmente, com a vida a fluir à mesma velocidade dos *gigabits*, e a Filosofia Contemporânea passou a evitar tal veloz conexão da fibra e foi buscar apenas as partes fragmentadas de alguma coisa conectada, via modem com linha discada, a nada. E isto seria uma imagem até mais expressiva e representativa da imobilidade necrosada que sempre se pretendeu obter, a contrastar ainda mais atualmente, quando o pacato fluxo do antigo e renegado riacho mutante de Heráclito passou a ser atualmente algo incomensuravelmente mais caudaloso e profundo, transmitido em direto em qualquer dispositivo com acesso à internet. É a vida, a ocorrer, sem monitoramento filosófico adequado. Quais as propostas?

Afinal, para sermos coerentes, tanto para os coaches, quanto para os simples mortais, a atitude comum relevante sempre redireciona para que

Atualmente, são os servos que procuram pelos senhores, a se submeterem ao que há, pela própria sobrevivência – e acreditamos sermos mesmo livres, o que é ainda pior. Os processos de concentração e reprodução do capital sempre prezarão pela minimização de pagamento pela mão-de-obra, em busca da mais-valia que os senhores colocam como fim último de suas atividades. O “acerto” de Hegel ao qual nos referimos é que relações servis-dominantes são uma das formas de obtenção de uma autoconsciência individual e estrutural, de saber e perceber sobre os processos de alocação estrutural. Oportunamente, avançaremos neste tema.

ocorra um afastamento das impossibilidades reais, na ânsia de que estas não precisam mesmo serem ultrapassadas, e passa a ser mais prudente encontrar algo diferente para assegurar uma vitória.

E a intelectualidade, lamentavelmente, também assim tem feito. Não toda ela, pois esta também é maior do que a soma de suas partes individuais. O problema se dá em algumas destas partes que se refugiaram defensivamente em situações confortáveis, muito pouco interativas. A intelectualidade, assim como a Filosofia, não deveria ser uma defesa conformativa, a princípio, mas sim uma ferramenta transformadora. Creio ser preciso fazer o pensamento crítico voltar ao seu brilho do passado, a não mais temer as fogueiras que nunca foram impossibilidades, mas sim eficientes ameaças. Não deveriam os intelectuais a continuarem a ser eles próprios as impossibilidades da intelectualidade. As ameaças, são muitas, mas estes precisam perceber que é preciso fazer algo mais, para além das exigências performativo-burocráticas, ao optarem por estar sempre em direção ao devir, ao futuro, e não mais somente ao passado. E não é uma questão de competências, não mesmo, pois estas os excedem, mas sim de coragem, de causar movimento nas próprias estruturas de publicações e investigações. São precisas umas pitadas a mais de Marx, a buscar alterar a história, ao menos intencionalmente; e umas muitas outras pitadas a menos de Hegel, apenas a interpretar o que se passou. Pode ser um afã adolescente tardio pensar assim, entusiasticamente, mas é lícito e coerente.

Mas, os opositores mais rígidos, talvez os mais devotos das predicções universais, poderiam alegar que, se assim fosse, pelo excesso de poder que há neste espírito, mesmo que não seja mais visto como obsessivo, mas como concentrador de todas as máximas possibilidades, e também universalmente poderoso o suficiente para manipular a todos, quando passa a ser um, em tudo – um espírito que está presente em tudo o que há no tempo e no espaço, que está ciente de tudo o que aconteceu, acontece ou acontecerá e, por fim, que possui o poder sobre tudo o que existe. Desta forma, nunca haveria, sob a alçada deste, espaço para uma obsessão contrária ao espírito, que pudesse expressar o mal se ele fosse tomado como o bem. Pois, assim, com todo este poder a nos comandar e que seria assim instanciado como bem, tudo seria originário deste bem, pois o bem é percebido existir na realidade e na atualidade, tal como o mal também o é. Mas, com tal gestão espiritual de tal magnitude tudo deveria ser mesmo o bem – o que é coerente mesmo e até faz parecer absurdas, ao primeiro momento, nossas tacanhas argumentações.

E eles estariam corretíssimos, e a festejarem, com largos sorrisos, pois se assim fosse mesmo, apenas as obsessões “boas” existiriam dentre nós e eles estariam como sempre desejaram, sempre ao lado do bem, e sempre certos, sob uma proteção onisciente, onipresente e onipotente que ainda é, pasmem, eminentemente boa. E é justamente isso mesmo que ocorre com todos nós, e

é preciso confessar aqui o que não foi dito ainda, pois não há obsessões más, em si! São elas, todas tidas, necessariamente, como boas, em suas naturezas funcionais ou utilitaristas. É isto que se dá nas perspectivas. Se até mesmo o diabo cita as escrituras quando lhe é conveniente, o devoto do espírito também apela para a perspectiva, e abandona a pregação universal, quando percebe ser conveniente.

Mesmo as obsessões coletivas históricas mais temidas ou combatidas, como as nazistas, fascistas, extremistas, fundamentalistas ou terroristas, por exemplo, ou outras do gênero *scary*, agregaram nelas pessoas que projetam o “bem” (ou o “mal”, para quem está de fora) como possibilidades para elas. Pois o “mal” só é visto a partir da perspectiva dos outros, dos que são os alvos delas por serem ameaças travestidas como impossibilidades do bem, e não por elas, as famigeradas mentes que se consideram os agentes do bem, ainda que mal percebam quem estão a atacar. Pois elas pensam que destruir o mundo, as organizações, nações ou pessoas que consideram como o mal seja o mesmo que fazer o bem. Ações doentamente pervertidas e subvertidas, mas só para quem observa externamente à perspectiva.

Desta forma, tudo acaba por ser dado em perspectiva, pois é isto mesmo que se está a combater aqui: o absolutismo da universalidade. Mas este absolutismo se refere, apenas, aos conteúdos, e não às formas. É preciso perceber sempre a estrutura como uma forma simbólica – o universo em perspectiva daqueles que estejam a participar da estrutura; e os conteúdos que estão na estrutura como dotados de uma impossibilidade real de universalidade – nunca serão universais, sejam sujeitos ou predicados. Mas, se o conjunto é composto por forma e conteúdo, e assim para este conjunto resultante – a própria estrutura dada como um espaço público, há também uma impossibilidade simbólica da própria universalidade real de ocorrer ali, por herança de suas partes, as únicas que existem, realmente. E, se este conjunto estrutural for o maior de todos, o Universo conhecido, portanto, será este Universo também uma impossibilidade simbólica, como temos defendido até aqui.

E nunca devemos cair em tentação, a esta altura, em que a velocidade começa a se intensificar na selva, já próximos ao limite da incômoda fome que estamos a ficar, que é sempre a hora mais tensa do dia. E assim, sobre a qualidade e a quantidade, ainda que recorridas anteriormente para percebermos conceitos dialéticos diferentes, assim como também no caso da forma e do conteúdo, nunca é tarde para lembrarmos que estamos no campo das causas imanentes e todos estes antagonismos são ao mesmo tempo causa e efeito em si. Por exemplo, seria a qualidade quantificável, e também a quantidade poderia ser uma qualidade de algo, talvez pela sua intensidade ou concentração – pois estamos a promover a perspectiva, e seria incoerente

isolar de forma estanque conceitos ao atribuírem-se a eles predicados universais que não existem.

Qualidade e quantidade. Uma não existe sem a outra, mas tanto causam como são causadas. Poderemos atacar uma ou outra, mas o que sempre estará em causa será a relação de causação imanente entre as mesmas, a se evitar o erro dos devotos da predileção de uma das partes em detrimento da outra, isolando-as e dotando-as de estanqueidade conceitual. O jogo da perspectiva pode ser nauseante aos novos jogadores, mas é necessário jogá-lo, visto que parece ter tudo o que carecemos, ou talvez não, clinicamente.

Mas, por enquanto, o importante é que a universalidade seja percebida mesmo como algo ilusório e inconsistente. Uma ilusão tão grande que chegou ao ponto de ser mesmo dada como real. Mas, por ser tida como impossível, como tudo o mais, tornou-se dada como possível de se ultrapassar, nas teias estruturais obsessivas que promovem as ameaças. Afinal, nada que conhecemos parece ser mesmo impossível, nem para os extremistas, que se percebem como responsáveis diretos pelo bem que consideram representar, quando acreditam estar em uma instância de representação outorgada pelo próprio espírito, como lhes tocassem a face a pedir que façam tudo por ele, incondicionalmente.

Pois estas obsessões coletivas consideradas fundamentalistas ou extremistas também não consideram que existam impossibilidades reais, visto que de tudo fazem, até mesmo sacrificar as vidas de seus membros, como nos atentados suicidas ou guerras, para atingirem o que pensam ser o “bem”. Os inimigos, para eles, precisam ser destruídos a qualquer preço – e isto não lhes parece impossível, mas totalmente possível e que precisa ser posto em andamento – e assim o fazem.

A luta fundamentalista se dá em todas as instâncias, desde as terroristas até as acadêmicas, seja através da escrita infame de livros ou mesmo produção de bombas, clandestinas ou não. Todos – sujeitos, seitas, religiões, países, etc. – acreditam serem capazes de superar o impossível, que passam a considerar como tal tudo o que há de ameaça às causas que possuem. Aos considerados rebeldes, estes “impuros” nunca poderão chegar perto de contestarem o que está estabelecido e, se o fizerem, mesmo que em um país com liberdade de expressão assegurada pela Constituição, lhes restarão, no mínimo, a excomunhão contemporânea mais cruel que pudemos conhecer, que é o cancelamento. Eis a triste sina da vida estrutural, para alguns, que se veem perdidos dentre uma insanidade generalizada, e são estes que são geralmente taxados de insanos. Não se anime muito, pois você talvez seja um destes “insanos”, mesmo sem saber.

A forma, novamente relembramos, é sempre única, e o que muda são apenas os conteúdos. E os valores destes conteúdos são considerados distintos para cada indivíduo na perspectiva considerada, para uma mesma

ação, intenção ou proposição, que para uns são do bem, para outros não. Não se pode, e nem se deve, ser tendencioso ou pretensioso para buscar o entendimento acerca dos valores que são atribuídos para o que está para além de nossa própria realidade. Assim, seria difícil se “impossível” algum conhecimento da realidade a qual estamos orientados a perceber.

Impossível? Sim, considerarei mesmo a impossibilidade, ao ponto de escrevê-la. Então há, de facto, algo realmente impossível? Já que estamos a avançar, é preciso revisar isto, pois, se existe a palavra “impossível”, e eu próprio a usei, o que ela poderia representar?

Eis aqui mais uma subversão semântica que serve para ampliar esta compreensão. A palavra, assim percebida, é uma impossibilidade simbólica (e não a real), e isto significa considerar que ela seja uma instância dentro das possibilidades, projetada inversamente.

A impossibilidade assim considerada é sempre tola, inexpressiva e irrelevante. É uma proibição que as regras, através de seus ditames, colocam para que uma possibilidade possa vir a ser “desativada”, em nome da credibilidade do espírito obsessivo, para haver alguma zona capaz de criar outras ilusões derivadas. É possível haver ali uma possibilidade renegada, mesmo que provisoriamente. Para os cristãos, por exemplo, matar é uma impossibilidade simbólica dada pelos “Mandamentos” de deus. Não pela incapacidade de alguém matar outro, mas sim por haver uma regra em que matar seja proibido, ainda que possível quando as mesmas regras ou seus representantes o digam para fazer, nos casos de guerras, cruzadas, sacrifícios humanos, inquisições, *jihads*, penas capitais ou ainda outras situações extremas. Um impossível simbólico que se torna possível apenas quando pela ação direta das versáteis regras.

Impossível mesmo, algo que não seja possível, realmente, é apenas para as questões fora das obsessões coletivas, ou conceituais, como por exemplo questões naturais, em que não se possa considerar possível que uma amputação de um braço humano levará à uma regeneração orgânica, em que um novo braço possa nascer no corpo do amputado, tal como “renasce” a cauda amputada de uma lagartixa.

Ainda dentro da obsessão cristã, há a própria possibilidade de a ressurreição existir, de um morto voltar a viver, que é o mesmo do que um defunto, um corpo inteiro decrépito volte a viver, muito mais difícil de se imaginar do que um braço, que seria apenas suposto “renascer” de um organismo vivo, de uma mesma origem. Ainda assim, é mais facilmente aceito pelos cristãos que este defunto possa virar um corpo redivivo e sair de sua catacumba a perambular por entre os vivos, do que aceitar que o braço ressurgir em alguém. Mas não há uma negação total, declarada e contestatória sobre a ressurreição, pois ela já está estabelecida pela obsessão, por mais sinistra e estranha que possa parecer. Nenhum cristão contesta abertamente

isto e, se o fizer, terá problemas e será atacado pelos demais, ou excomungado, ou ainda pior, será cancelado. No passado não tão distante assim, poderia até ter sido queimado vivo.

O fato de não se ter estabelecido nada sobre a possibilidade da regeneração de órgãos faz com que todos considerem isso como uma impossibilidade real, até o dia que houver alguma determinação “divina” contrária, a dizer que as escrituras possam, por milagre, regenerar um membro que tenha sido dizimado. A omissão obsessiva permite a impossibilidade, e apenas ela. Se o milagre ocorre, e se este for atribuído a algum santo, ou santa, haverá uma multidão de mutilados a peregrinar à localidade dos milagres, em busca de um para si, pois o que antes lhe parecia ser impossível deixou agora de ser impossível. Por isso, toda possibilidade é, antes de tudo, uma determinação, uma afirmação sobre ela, seja crível ou não, seja mesmo ela mesmo possível ou não, seja lá o que for. A impossibilidade real é a declaração não feita, ou parte do que é desconhecido, é o silêncio e a falta de conceituação. Por isso, toda impossibilidade real está necessariamente fora da estrutura, e será desprezada como tal. É o espírito que mais cria o mundo, afinal, e não apenas a mente individual, uma acionista minoritária.

Ainda assim, a partir desta impossibilidade real da regeneração de órgãos, criaram-se, pela inventividade humana, inúmeras próteses para ultrapassá-la, na estrutura capitalista, que tem pauta científica e, por isso, declarou que há sim uma impossibilidade para a “regeneração” de órgãos, em forma de produtos. E passou a ser uma impossibilidade simbólica pois, ao ser declarada, saiu do campo do real para o simbólico e, desta forma, virou um produto e, portanto, uma oportunidade para os mutilados e mais uma possibilidade para a estrutura.

O impossível simbólico sempre é, como tudo no capitalismo, um produto, pois isto já é uma outra obsessão coletiva, ainda mais presente, que é a predominância do capitalismo fetichista no topo de quase todas as estruturas existentes atualmente. São instâncias de obsessões, que se hierarquizam, e influenciam-se, mais verticalmente. Há outras possibilidades, mas o que está em causa é mesmo o sistema de crenças individuais e o cerne da questão: a inviabilidade da universalidade – do Universo aos predicados, das impossibilidades às possibilidades.

Mas, não pense que não haja reações, pois houve eventos religiosos que incentivavam que os mutilados jogassem suas próteses para que recebessem o milagre de deus. O que estava em causa, ali? A briga pelo fiel, para que se mantivesse na estrutura religiosa. Assim, um espírito obsessor cristão passa a desejar combater um outro espírito obsessor capitalista e, ao fazê-lo, também se torna capitalista, e também está a formar o mercado e a concorrência, e logo virá a mão invisível. A fidelidade do consumidor, ou do

obsidiado, se dá quando mais aparentes impossibilidades forem capazes de serem derrotadas pelas intervenções protetoras do além. O fiel deseja sempre ter as máximas possibilidades para si. Recentemente, algumas igrejas brasileiras difundiram criminosamente a venda de artefactos religiosos, ditos ungidos, para que o fiel comprador pudesse combater o coronavírus, na pandemia. E muitos compraram, lamentavelmente, pois a promessa de *marketing* estava lá, e a credulidade deles, e o dinheiro, também. Em resumo, é isso.

Por isso as impossibilidades simbólicas são tão atraentes, pois viram oportunidades, tanto para os representantes quanto para os sujeitos, justamente pelo desejo que fascina a todos, que passam a ver nas representações das proibições, algo sedutor, desejável. No final, em que tudo acaba por se confundir na mente dos desprovidos de uma autoconsciência, a impossibilidade simbólica passa a estar para a possibilidade, assim como o diabo está para deus, e tudo dentro de uma grande viagem psicadélica que o sujeito entende como vida. Logo a possibilidade é subvertida, como produto ofertado, em oportunidade. E dá-se o consumo. E ocorre a fidelização.

Portanto, no caso do amputado, a obsessão cristã não estabelece nem uma impossibilidade real nem simbólica, e por isso, não há, ali, uma possibilidade, por não se ter declarado nada a respeito dela, abertamente. Mas, a obsessão capitalista oferta obscenamente a impossibilidade como possibilidade, pois nela a ciência declarou a impossibilidade real da regeneração e, por isso, sempre em contrapartida, há uma possibilidade, que é o produto da prótese.

E o obsidiado humano, nada inocente, nem mesmo um coitado em sua maioria, se faz promíscuo entre as ideologias que melhor lhe apetece, e passa a gostar (e a gastar). Se é proibido desejar os bens dos outros, e isto passasse mesmo a ser cumprido, o capitalismo estaria seriamente comprometido e, desta forma, todo o sistema, pois não haveria mais pecados e, portanto, pecadores, visto que não teria mais a inveja e, por isso, a justiça seria viável e totalmente estabelecida naturalmente, pois ninguém atentaria contra o bem alheio, sem mais roubos, assaltos e políticos. E, por fim, para que espírito? Tudo ruiria, o fim estaria, finalmente, próximo.

Sem a necessidade da justiça e nem de promotores do perdão, as instituições religiosas e governamentais perderiam suas funcionalidades primeiras, colocando os contratos sociais em caducidade. Por isso que a obsessão proíbe, mas sem realmente proibir, a partir da impossibilidade simbólica. E assim fica assegurada a “existência” do espírito obsessivo.

O sistema está formado apenas para promover e administrar as ameaças, e não as impossibilidades simbólicas, que são combatidas apenas superficialmente, até que faça dela um novo produto, que vira uma oportunidade. O sistema, para se perpetuar, precisa das ameaças, e depende totalmente destas. O que seria de deus sem o diabo? Se os satanistas

percebessem que estão, na verdade, a serviço de deus, ao servirem ao diabo, se converteriam imediatamente, para melhor servirem ao inominado. E talvez seja exatamente isto que nos possa explicar muitas das coisas que acontecem nas religiões, mas apenas especulativamente, embora de forma venenosamente provocativa, confesso. “Impossível” evitar. A análise da conceituação do impossível, aqui, será por sua conta.

Algumas impossibilidades reais podem até mesmo existirem como a tão imaginada onsciência humana, que é radicalmente declarada como uma impossibilidade real na obsessão coletiva cristã, pois é um atributo dela própria, da superioridade estritamente divina. Tudo o que será qualidade exclusiva do espírito obsessor sempre será uma impossibilidade real, portanto. E como sair desta “sinuca de bico”?

Da mesma forma, as impossibilidades reais que são declaradas assim, viram possibilidades, mas não viram “universais”, que sejam possíveis aos sujeitos. Mas, pode ser um grande incentivo, como por exemplo, para que a obsessão capitalista crie também um produto, ainda mais exclusivo para esta impossibilidade real dos outros, mas possível para quem aceite estar em sua obsessão neoliberal. E uma coisa curiosa se dá, pois já foi criada uma existência para a onsciência, pois há o conteúdo para ela, e isso passa a representar uma dimensão ontológica aberta para que seja ocupada, na estrutura capitalista, por quem possa pagar por ela. Duvida disso? Estamos a ir longe demais?

Isto está a ocorrer, ainda que não em uma dimensão totalmente humana, pelos limites que a ciência facilmente perceberá tal impossibilidade. A possibilidade, assim, só acontecerá na dimensão pós-humana, em que as máquinas poderão, no futuro, serem conectadas mentalmente aos humanos e, com isso, dar-lhes uma estatura potencial de onscientes, pela capacidade de ter acesso a todos os dados que se queira aceder, em tempo real. Aceder ao passado e prever e projetar precisamente o futuro. Estranho, e muito improvável, mas não impossível, pois na mente de todos, isso é mesmo desejável, e por isso vira mesmo uma desejada possibilidade, até mesmo contra os argumentos razoáveis mais básicos, como o velho e esquecido bom senso. O que pensou ao ver o *Google Glass*, que são óculos que prometem dar informações interativas entre o mundo digital e a realidade vista. Em quanto tempo isto pode se transformar em uma lente de contato ou mesmo em um chip a ser implantado no cérebro?

Percebe-se assim que, ao deparar com um conceito de impossibilidade real, mas desejável, o objeto passa a ser um meio para um fim. O homem, enquanto objeto, precisa passar da categoria de humano para pós-humano. E isso leva a uma incoerência conceitual, pois humano e pós-humano são categorias distintas. E, assim, cria-se uma “coisa” para dar sentido a um “conceito”.

Muda-se a arquitetura humana para dar sentido ao possível, e isto é mais alto grau de obsessão a agir em estados potentíssimos e puríssimos, pois traz para o indivíduo a responsabilidade para ser aquilo que a obsessão determina que seja, para ocupar o que lhe seja determinado como espaço público, a vencer a hostilidade do território, pois, a estrutura precisa ser transformada na cidade, na forma urbana de uma vida concentrada e harmônica, queira ou não o indivíduo. A onisciência humana já existe como espaço vazio, nas dimensões das possibilidades, em que o pós-humano, em estado de desenvolvimento, está a caminho dele, a ser construído dia após dia.

Mas, talvez você creia que isto seja exagerado. Não para o empresário sul-africano Elon Reeve Musk, atualmente o homem mais rico do planeta, ao menos enquanto estas palavras estão a serem escritas, e que não apenas lançou o homem ao espaço, com a empresa SpaceX, a promover viagens turísticas com gravidade zero, ou que tenha revolucionado a indústria automobilística com a empresa Tesla e seus veículos elétricos e autônomos, mas que também lançou a empresa Neuralink, que disse servir para *«desenvolver interfaces cérebro-computador (ICs) implantáveis... a ser o objetivo final o aperfeiçoamento humano»*. Se fosse outro qualquer, duvidaríamos, mas é o Elon Musk, o mais rico do planeta e que já realizou tantas coisas impensáveis de serem possíveis, portanto, é o humano que mais aparenta possuir oportunidades, atualmente. Todos os recursos estão voltados, sem limites, para estas novas tecnologias de suas empresas. A questão não é mais se viveremos assim ou não, mas sim quando isso se dará.

O que precisará, de facto, é ter o dispositivo de comunicação disponível para ser implantado e, assim, interagir com todas estas pessoas, lidar com todos os dados que passarão pelos seus satélites, pois também é proprietário do projeto Starlink, uma rede de internet toda dada por satélites em órbita, de propriedade da SpaceX. Seria o Musk a materialização deste espírito que nos dirige, a verdadeira mão que nos conduzirá ao “bem”?

O que lhe faltaria, afinal? Um *hub*. Algo que conecte as pessoas, que estas possam se expressar e, assim, concentrar todas as relações que estas possuam, a interagirem, a darem um formato da estrutura que poderá, desta forma, a ser representada virtualmente, e por isso, apreendida. Recentemente, Elon Musk tentou comprar o Twitter, e depois desistiu. Talvez volte a comprar, talvez não. Enfim, o Twitter é uma das maiores redes sociais do mundo e, coincidentemente, a mais radical, em que há menos controle de conteúdos e maior “liberdade de expressão”, seja lá o que isto possa significar. Assim, as reproduções que ocorrem por lá são mesmo “verdadeiras”, e nem sempre abrigadas pelo espírito do “politicamente correto”, e muitas informações podem ser extraídas a partir destas informações detalhadas que virão da estrutura quando conhecida em suas entranhas, da forma mais verdadeira que os humanos podem expressar suas ainda latentes animalidades. Nestas

expressões estão a matéria-prima, in natura, para a manipulação massiva – quando se pode extrair valores sobre os conteúdos existentes – categorizar todos os *inputs* antigos, e os novos, em tempo real. Basta saber extrair o que já está a ser dado, o que poucos sabem. Talvez fosse isto que ele desejava, e viu que não conseguiria. Ou talvez não, pois nunca saberemos.

É sabido que o Twitter é uma “terra de ninguém”, por muitos. E, na internet, quando se tem algo de graça, é por que é você próprio o produto que está a ser vendido ou usado, por alguém. Mas não desanimemos, pois, a “mão invisível” fará disso algo sempre bom. Se jogue! Basta-lhe a fé. E eis o projeto do pós-humano muito mais perto do que poderíamos imaginar, tanto nas formas, quanto nos conteúdos, mas não como uma realidade propriamente utópica das obras de ficção científica. E, afinal, por que deveria ser assim?

Dentre tantos conceitos que deixaram de ser “impossíveis” e passaram a serem decretados possíveis, mesmo que nem sequer possam existir, como no caso da própria universalidade. Mas isso se deu pela eficiente ação do espírito obsessivo, não apenas por interesse próprio, mas a alegar para si próprio uma universalidade ilusória, mas que lhe assegura a mais abrangente forma de poder representativo, legitimador, com todos os atributos “possíveis”: onisciência, onipresença e onipotência. Por isso, a universalidade é indiretamente a mais maquiavélica de todas as impossibilidades, até agora, que fique claro, a atingir um nível mesmo pornográfico, de tão obscena que passou a ser.

Eis a forma do pensamento contemporâneo neoliberal que dá vida a algo totalmente incoerente, capaz de transpor conceitos da impossibilidade real dos inexistentes para a produção de produtos que incorporem uma pós-possibilidade irreal dos já existentes. Será o projeto do pós-humano o melhor exemplo. E, como se percebe, todos os que estão sob o jugo desta obsessão coletiva passam a trabalhar para fazer valer o que passou a ser o novo possível.

Talvez seja por isso, ou o que o valha, que Friedrich Nietzsche escreveu²⁸, em suas anotações, mas que não foram publicadas, que «*não há factos, só há interpretações*», ainda *hegelianamente*, e que os pós-modernistas, em

²⁸ «*Que o valor do mundo está em nossa interpretação (...) O mundo, que em algo nos importa, é falso, ou seja, não é nenhum facto, mas uma composição e arredondamento sobre uma magra soma de observações. O mundo é ‘em fluxo’, como algo que vem a ser, como uma falsidade que sempre novamente se desloca, que jamais se aproxima da verdade – pois não existe nenhuma verdade*». Poderá saber mais no artigo de Vania Dutra de Azevedo, *A interpretação em Nietzsche: perspectivas intuitivas*, no link

<https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/article/view/7856>.

especial os franceses, dentre eles o filósofo argelino Jacques Derrida, levaram à risca a possibilidade de, não declaradamente, de limitar os Universos às possibilidades textuais. Assim, um texto sempre passa a ser lido com alguma prévia intenção do leitor, e uma atitude deste se fará necessária, ainda que seja a caridade intelectual, pela necessidade de dar crédito ao que virá ser exposto nesta universalidade textual, para além do seu preconceito já presente.

Os franceses chegaram muito próximo de questionarem a universalidade, em si, mas não o fizeram de todo, mas em equivalência, pelo que entendemos que a linguagem organiza o mundo como o conhecemos e, por isso, ao dar a esta linguagem uma sub-dimensão universal, em relação ao absoluto, mas ao mesmo tempo uma universalidade possível de ser formada a partir dela, tal qual opera a obsessão. Seria a linguagem, talvez, a própria perspectiva, ou ao menos uma delas.

Se o Universo existir, como universalidade, então estes argumentos vão abaixo. Mas, assim como o humano que precisa ser promovido a pós-humano já concebido, mas não existente, talvez esteja a ocorrer o mesmo com o Universo, que precisa ser promovido a uma universalidade já concebida, mas não existente. Talvez o universal seja igualmente um produto, que estamos a consumir, desde sempre. Ou talvez sejamos nós os produtos. E isto já não é mais tão difícil de se assumir como possível.

15. A manifestação espiritual, a subversão, a perversão

Se há, de facto, a partir de tudo o que foi descrito, até aqui, algumas argumentações que parecem corroborar com a suposição da existência e a capacidade de influência de um espírito obsessor, como uma entidade transcendental considerada capaz de dirigir as ações dos sujeitos em conformidade aos propósitos de uma ordenação, então se faz necessário conhecer mais esta entidade. Mas, se você resiste à esta ideia, há uma nova abordagem acerca disto, que lhe parecerá mais apropriada e conveniente.

A “comunicação” direta com todo espírito – pelo diálogo objetivo via cartas ou através de meios digitais, ao menos até hoje, foi impossível. A comunicação indireta, que se dá pelo uso de intermediários, ou médiuns, nunca pode ser validada totalmente, a nível epistemológico e ontológico – e embora muitos consideram existir, e com muitos a acreditarem nela, não nos será conveniente. Pois, em nosso caso, será até subversivamente problemática, e isso se dará não por não haver a facilidade de fazê-lo “baixar” em alguém disposto a ser o médium comunicante, para que através deste procedimento mediúnico possamos “dialogar e arguir” o espírito obsessor. Há muita facilidade para que isto ocorra, e é tanta, mas tanta, que o problema ocorre justamente por isso, pois todos os viventes já estão a atuar como médium deste espírito, em maior ou menor grau, e isto colocaria a arguição em suspeição.

Pois, mesmo sem a necessidade do tal ritual mediúnico, algo muito incomum já está a ocorrer, ao termos respostas divergentes para uma mesma pergunta feita sobre “ele” – uns médiuns até negam que “ele” exista mesmo, enquanto outros se dizem devotos fervorosos – e todos já a falar pelo espírito, a negar sua própria existência, ou a exaltá-la. Por isso, pela forma com que cada médium o percebe, e o expressa, fica impossível identificar a verdade nas comunicações, e mais impossível ainda pensar em alguma despossessão coletiva ou mesmo em um exorcismo individual para uma libertação completa, se é que isto seja possível, ou necessário.

Esta influência espiritual, assim suposta, parece ocorrer mesmo que a racionalidade nem sempre se faça presente, ou manifestada, ou utilizada. Não é necessariamente uma influência objetiva, argumentativa, construtiva, uniforme, consistente e autônoma, e, portanto, necessariamente racional, como seria o suposto inteligentíssimo espírito *hegeliano* da razão, mas também não se dá de forma necessariamente subjetiva ou irracional, de todo, pois não é nada animalizada, mas sim uma influência aparentemente arracional, tal qual um condicionamento, vício ou hábito, na qual se faz relativamente o que “ele” espera que se faça, sem que “ele” se expresse diretamente, e tudo dentro de um automatismo comportamental que por ser

tão evidente, ficou normalizado, e quase devocional. Há uma relação tão profunda como aquelas em que se formam modos de comunicação apenas pelos olhares, pelos gestos, pelas circunstâncias. A palavra “ele” ficou entre aspas, pois, de facto, não há a personalidade no que é “ele”, não há uma existência autônoma ou deliberativa deste espírito dotada de uma personalidade, conforme veremos. Pois, aqui, estamos a usar o pronome pessoal a se referir a algo não exatamente pessoal, e dispensaremos as aspas, doravante. Assim, os céticos em espíritos fenomenológicos, já ficam mais confortáveis. E os mais crentes na transcendência, certos que ainda há algo para além das aparências, como sempre suspeitaram, ainda que não da forma que estiveram a pensar. E todos ficam felizes, ou não.

O *quantum* de razão que parece existir no espírito, e que aparenta ser mais sensível de se perceber, está instanciada apenas em sua superfície, naquilo que muitos percebem ser os seus predicativos mais universais, daí mais alguns dos danos que tais predicativos causam e que, também por isso, tentamos, talvez em vão, combatê-los. Mas esta aparente razão não é nem mesmo absoluta nem universal, nem gestora ou diretora, tal qual o espírito conceituado por Hegel, mas sim razão interativa, responsiva e/ou reflexiva, que devolve o que foi emanado a quem o emanou. Mas geralmente devolve sempre com algo a mais, ou algo a menos. É como um espelho “mágico” com capacidade de causar alterações na imagem refletida, ainda que nem sempre o faça, pois também pode refletir a imagem sem nenhuma alteração, ainda que raramente. Pois, como não se sabe o que se está a emitir, exatamente, também não se saberá o que se estará a receber, e não se conseguirá perceber a diferença, e nem se fazer juízo acerca dela. Por isso, em síntese, toma-se a representação como a realidade. A imagem percebida, de si e do mundo, passa a ser tomada como a própria realidade. Essa diferença é que faz com que a soma das partes (reais) sejam sempre menores do que o todo (composto também pelas representações). Aos poucos, estamos a construir as bases funcionais desta entidade.

A imagem no espelho, aliás, não é apenas vista por quem está representado, mas também para outros que podem perceber. O conceito de imagem pode ser também elevado aos filtros fotográficos, ou nos novos filtros digitais, que alteram instantaneamente o que é representado, a alterar a autopercepção ou a percepção de quem vê. Imagens, como representações, possuem intenções de quem as regista, ou de quem as considera como válida para algo, para algum fim proposto. A mercadoria, sob a ótica *marxista*, é algo intencional, que possui sempre algo mais do que a própria mercadoria em si, pois há nela desejos, projeções e valores que a fazem valer mais do que o custo, para além da mais-valia inserida na mesma. Há o algo que existe, conceitualmente, e há o algo mais que há neste algo. É por aí.

Por isso, o espírito pode aparentar ter uma razão mais rudimentar ou até muito sofisticada, mas serão apenas aparências, ilusões, e a forma como se percebe ele só dependerá de quem está a buscar usá-lo, a desejar afirmações e conformidades, pois é uma razão, ainda que aparente, que surge não apenas como causa, mas como efeito, na mesma velha e funcional causação imanente, quando a causa é também o efeito, em si mesma.

Esta aparente confusão de se perceber sobre a racionalidade do espírito – e por consequência atribuir a ele uma consciência, uma existência autônoma – acontece porque este é composto basicamente pelos conteúdos compartilhados e comuns, em seu núcleo, que estão distribuídos e rodeados conforme suas predicções, das mais comuns, densas e duais, mais ao centro, e ao redor estarão as mais específicas, sutis e isoladas, mais à superfície. Pense se o mundo iniciasse hoje, com uma única rede social que todos tivessem acesso a elas. A primeira fotografia publicada fica disponível para todos. Logo, alguém publica a mesma fotografia, com filtros aplicados. E há a diferença, e há a predicção – uma será mais do que a outra, e outra será menos do que uma... e, assim, sem que se alterasse o conteúdo, se alteraram as predicções e, portanto, faz parecer que há “mais” do que havia. Todas estas predicções passam a operar como diretrizes dos conteúdos, que possibilitam os fluxos entre eles, as mudanças de posições, e que os alocam onde estão, e por isso são confundidas com o próprio espírito, que parece sempre crescer em dimensão, e em importância, para além da mobilidade que se consegue perceber nele, sempre a fluir por tudo o que se conhece.

E o espírito parece ser a totalidade dos conteúdos e predicções, das formas, e que está presente por toda a estrutura, desde as crenças mais profundas, como os valores do bem e do mal, até chegar ao nível das possibilidades, que é o limite de sua atuação – e também da nossa. Portanto, a atuação do espírito também estará presente nas regras, e nas ações dos seus representantes, o que justifica o papel ordenador que será atribuído a este espírito, que dá também os critérios das predicções serem como são, e por isso há a impressão de sua constante presença, como sempre estivesse a nos observar, e sempre disponível, até mesmo capaz de intervir intempestivamente se contrariado e, assim, dotado de uma personificação; e é por isso que se atribui intuitivamente a “ele” um tratamento pessoal, ou mesmo um nome, ou uma posição ontológica, talvez divina, pois passa a ser percebido como se tivesse imensa capacidade racional.

Tudo muito conceitual, ainda, ao menos para os mais resistentes à ideia, mas é possível construirmos algumas analogias para que possamos perceber mais *kantianamente* sobre algo nada *kantiano*, ao menos acerca da função deste espírito numérico e seu *modus operandi* fenomênico, a grosso modo.

Na primeira analogia, podemos considerar o *gadget* chamado Google Chromecast, no qual você transforma uma televisão convencional em

inteligente, ou *smart*, como se diz. Uma TV é considerada *smart* quando, por poder se conectar à internet e ser também capaz de reproduzir diferentes aplicações que podem ser instaladas nela. E isso leva o sujeito, ou melhor, o usuário, a conseguir assistir quaisquer conteúdos disponibilizados na internet, em certos formatos de imagem, áudio ou vídeo, ou reproduzir aplicativos de *streaming* na televisão, por exemplo, além de ter previsões climáticas, fazer compras, etc. É tudo de bom, afinal.

O Chromecast é um destes muitos *gadgets* que existem ofertados pelo generoso mercado neoliberal, e é o que eu possuo e que posso citar, e vem com um carregador, no qual você o conecta à energia elétrica e, através de um cabo que também vem com ele, dá a energia de que precisa para funcionar, quando tudo se conecta. Assim fiz com o meu, no passado, ao instalá-lo em uma televisão mais antiga que fica no quarto de hóspedes, que vez por outra a assistia, ou algum familiar ou convidado que viria pernoitar.

Mas, ao conectá-lo desta forma, diretamente ligado à energia elétrica, ele ficava sempre disponível para reproduzir os conteúdos, mesmo que a televisão estivesse desligada ou o usuário estivesse em outro cômodo. Não havia sentido de usá-lo, portanto, mas lá estava ele, pronto para o uso, e todos os equipamentos conectados à rede o detetavam como ativo. Se eu quisesse usá-lo, teria de fazer cumprir todos os outros requisitos para que ele fosse útil: ir para o quarto, ligar o aparelho de TV, aceder a meu tablet, selecionar o que queria assistir, projetar o tablet para o Chromecast e, assim, ele me devolveria a resposta, que é a reprodução da TV, e só assim ele poderia cumprir sua função.

Um dia, aprendi que poderia conectar o cabo diretamente a uma saída USB da televisão, que é energizado apenas quando a TV está ligada, e daí o Chromecast passou a ficar ligado e disponível somente quando o televisor estivesse a funcionar, o que é muito mais coerente, e já não gasta mais energia elétrica sem necessidade. Assim ele está conectado, atualmente. Ao ligar a TV, ele se “liga”. Sensacional. E deixei de perceber o Chromecast e a TV como coisas separadas – se fundiram em um único sistema, para mim.

Nesta analogia, o espírito pode ser comparado com o Chromecast, e opera da mesma forma. Ele poderá estar sempre disponível e sempre percebido, mas sem ser operacional por falta de todas as condições – como pela necessidade de a TV estar desligada. Ou, se integrado à TV, condicionado por ela, ficará imperceptível (invisível, como um espírito), mas totalmente operacional. Independente das formas de conexões, será operacional apenas quando todas as demais condições estiverem disponíveis. O dispositivo não possui nenhum conteúdo próprio, é bom lembrar, e apenas transfere conteúdos que você envia e o devolve de forma distinta, alterada e em novo formato projetado a partir da TV.

Mas também os conteúdos que projetamos (ou escolhemos assistir) na TV também não são nossos, e não os possuímos, não são imanentes, mas sim transcendentais a todos nós, pois estão na internet, e sujeitos às regras técnicas e de categorizações. São todos representações que existem acerca da realidade. Formam um conjunto finito e limitado, ainda que imenso. Não expressam o que realmente eu quero, ou desejo, ou preciso, mas sim o que “julguei” que pudesse me saciar. O que quero, afinal, precisa estar conforme com o que se há para se querer.

Por isso que nem sempre escolhemos filmes que nos agradam, e a frustração ocorre mais facilmente do que as agradáveis surpresas. E todos os processos de escolhas são feitos a partir de uma base da oferta existente, com a escassez que há nela – ainda que haja uma lista imensa de filmes disponíveis, ao menos alguns estarão indisponíveis, ou muitos com imensa dificuldade de serem encontrados no tempo útil do desejo. Quem nunca quis ver um filme que não estava disponível, e quando o encontrou, tempos depois, já não tinha mais o desejo de vê-lo? Por isso acomodamos nossas escolhas às condições de disponibilidade. Também recebemos influência das sugestões que recebemos, das críticas e avaliações, o que nos estimula ou não.

E toda esta oferta categorizada – composta por conteúdos e predicativos – não foi construída por mim, nem por você, mas pela coletividade, de acordo com valores e predicções que categorizam e organizam estes conteúdos, neste caso filmes, de acordo com determinadas regras predicativas: comédia, suspense, musical, pontuações, rankings, etc. Exceto as produções de Bollywood, que mesclam todos os estilos dentro de um mesmo filme, todo o resto está categorizado por um ou dois estilos, no máximo três, talvez. Mesmo Bollywood, com suas peculiaridades, virou também um estilo. Então, minha escolha já está a ser um efeito de uma causa determinante (condicionadora e limitadora) das possibilidades.

Não são possibilidades, então. O que tenho disponível como escolha, para mim, desta forma, são apenas as oportunidades. A função do gadget é limitada às oportunidades, comumente. Mas, ainda assim o que percebo dele, a operar, são possibilidades – o que vem da TV para mim me dá a certeza de que são as próprias possibilidades – e essa é a sua “mágica”. Pois, em certa medida, o gadget deixa de existir e passa a existir apenas a TV, que é minha relação com a realidade, a ocorrer, ou com o tablet, que é minha *interface* com a TV. Ao assistir a um filme, estou no devir e, com isso, lá estão as possibilidades, oriundas das oportunidades ofertadas e me faz perceber que é o gadget que me está a oferecer tudo isso, transcendentemente, e não somente a responder uma demanda criada por mim mesmo, e configurada para ser desta forma. A mente passa a considerar o meio como o fim, e nisso

há a subversão, a partir do relacionamento que travo com o próprio filme e tudo o mais que há interligado a ele e a mim.

O curioso é que o *gadget* opera tal qual foi projetado para fazer. O valor atribuído a ele é de minha responsabilidade, a partir dos resultados causados em mim. E assim começo a considerar que ele seja racional, ou melhor, *smart*, a oferecer o máximo que podemos aspirar: possibilidades; como se todo o universo passasse a estar disponível para ser apreendido através dele. E passo a considerá-lo como um portal místico, ou talvez quântico, que dá acesso a tudo a nível “universal”.

Mas, não esqueçamos. Ele não produziu nada, nem produzirá, e todo o processo foi feito por mim, no tablet, ainda que isso tenha sido feito apenas pelos filtros ou pelas perspectivas limitadoras dele, pelas aplicações que ele possui instaladas em seu sistema, que passam a ser uma espécie de restrição imposta para mim, ao me oferecer apenas as oportunidades que existem, mas com as condições dele, pela ação das regras existentes, e das predicções ordenadoras. Ele se relaciona comigo ao impor suas condições e é por isso também que passa a ser um replicador das regras.

É preciso perceber também que o filme é uma representação de uma realidade ocorrida no passado na qual foi apreendida. Não é mais o real. Pois o real se dá no devir, no instante em que se testemunha o ambiente no qual a história está a ser contada. Assim, esta história passará a fazer parte da própria realidade de quem a assiste. Por isso, há uma transferência de valores, de conteúdos e predicados, quando as oportunidades passam a serem vistas como possibilidades, e os meios são vistos como fins.

Quando a escrita foi inventada, mudamos a nossa forma de gerir nossos conteúdos mentais, que foram transferidos para o papel, outra invenção, e puderam ser compartilhados. O papel, assim, apenas “armazena” um conteúdo que é uma representação do que alguém pensou, na realidade dela, no passado, e passou a ser representado textualmente como forma de registo, pela escrita. Tal como o faço, neste momento, a escrever o que penso e que, certamente, logo estarei a esquecer exatamente o que escrevi. Mas poderei aceder aos escritos e perceber que lá estão as representações do que pensei em algum momento da minha vida. Você, neste seu momento, está a aceder ao que pensei, e escrevi, agora já no meu passado. São representações de conteúdos, mas que estão na sua realidade, e assim passará a considerar que este livro possa ter algum valor para você. Ou não. Mas não será o livro, pois este também é este um *gadget* que não possui nada, nem produziu nada, mas apenas dá acesso a algo. Agora fica mais fácil perceber por que dizemos equivocadamente: “aquele livro é excelente!”. E isto tem exatamente a indevida atribuição qualitativa ao livro, ao objeto, e não ao conteúdo, ou melhor ainda, a quem o escreveu, a partir de uma representação caligráfica que fez de uma realidade vivida ou imaginada. Não é o livro que é bom, mas

leva a fama de sê-lo. Da mesma forma, o espírito leva a fama de ser o detentor das possibilidades, mesmo sem tê-las, pois, ele é apenas um tipo diferenciado de *gadget* a nos orientar nas representações já produzidas.

Se estamos a falar de orientação, então nada melhor do que partir para uma outra analogia, com outro *gadget*. E, neste ponto, já podemos também atentar que todo o *gadget* é algo que foi construído, tal como o nosso espírito. Aos poucos, deixa de ser misterioso, poderoso, inatingível e passa a ser percebido essencialmente pela sua funcionalidade, e não pela personalidade que não detém, e nada mais do que isso. Vamos então, ao novo dispositivo.

Todos motorista que se orgulha de ser um bom cidadão, gosta de se dizer um profundo conhecedor de sua cidade. Na prática, quando dizemos conhecer a cidade que habitamos, razoavelmente, isto significa que conhecemos os principais pontos da cidade, e os mais prováveis de serem conhecidos. Podemos nos movimentar por ela, pois sempre teremos algum ponto de referência em algum canto dela que nos permitirá perceber para qual lado estamos e o que precisamos fazer para chegar a um outro destino desejado, sem se perder pelo caminho. Mesmo que não se conheça tudo, ou não se percebam todos os caminhos possíveis, haverá algum senso de orientação que fará tudo parecer conectado, e isto nos permitirá uma certa sensação de confiança para nos movimentarmos.

Mas, a cidade é sempre maior do que o que há de conhecido por nós. E também é maior do que tudo o que há de construído nela, pois existem lugares em que ainda nada há construído. Nem mesmo seus limites não estão perfeitamente demarcados (não existem, sensivelmente) e, assim, sem alguma ajuda visual externa, nunca sabemos se estamos ainda na cidade, ou se já estamos na cidade vizinha, ao transitarmos próximos às suas fronteiras geográficas que não estejam visualmente demarcadas.

O território é sempre maior do que o espaço de convivência. Este espaço de convivência, na verdade, não é apenas o que chamamos de espaço privado, nossa casa, mas também o espaço público, em que todos podem estar, conjuntamente, alocados a conviverem numa parte do território. Mas quase nunca se convive em todos os espaços do território que abrigam os habitantes, mas sim naqueles mais relevantes, acedidos e compartilhados, geralmente mais concentrados nas regiões mais centrais e que chamamos por cidades.

O território é, desta forma, sempre tido como aliado das possibilidades. Pois supostamente nele tudo se pode construir, com a intenção de ocupá-lo. Mas, se não de todo, ao menos de uma porção limitada dele podemos ter conhecimento, e atribuir classificações, categorias, nomes, etc., que são os predicados dos conteúdos do território, comumente representados de alguma forma nos registos possíveis, qualitativamente e quantitativamente. Surge a Avenida Tal, a Rua Tal e Tal, o prédio XYZ, e por aí vai. Ainda que possamos percorrer todo o território, pois é uma possibilidade, apenas o faremos

comumente nas partes que sejam relevantes ou necessárias à nossa rotina, bem como nas rotinas das demais pessoas, e serão estas partes relevantes que primeiramente estarão representadas, pois serão referências comuns e necessárias. Farão parte da realidade, própria e compartilhada, dos habitantes.

Todos estes conteúdos reais são, assim, em conjunto, representados em um mapa físico ou num guia da cidade, como nos antigos Guias Rex (um “livro”), publicações anuais muito populares no Rio de Janeiro, dos saudosos tempos analógicos; ou, já sem o saudosismo, em um sistema digital, como o GPS, que passa a obter as coordenadas da localização exata de algo ou alguém através de quaisquer destas representações, a partir da informação dada por um observador externo, ou melhor, três destes observadores, que são os satélites que triangulam a exata posição que se deseja precisar. Por isso, é uma representação tanto quantitativa quanto qualitativa. Na dimensão digital do GPS, há a representação de quase tudo o que é relevante na cidade ou território, mas não tão fidedignamente, pois não é necessária uma máxima qualidade para a função que se deseja obter dele, que é orientar um deslocamento de um ponto ao outro, ou apenas acusar a localização exata de onde se esteja, ou de onde se queira ir. A quantificação, todavia, é necessária com a máxima precisão, dada pelas coordenadas. Assim, nem todos conteúdos serão igualmente relevantes qualitativamente para se saber por onde precisará passar até chegar ao destino pretendido.

Assim, o sujeito passa a se orientar pelas referências geográficas destas representações relevantes, supostamente a mostrarem-lhe o melhor caminho para o destino informado, a partir de um roteiro que lhe é dado pelo dispositivo. Ou não, necessariamente, pois poderá sair a dirigir pela cidade com o GPS a funcionar e neste caso apenas receberá sua localização atual representada na tela, a mudar a localização no mapa a cada vez que se movimentar. Cada representação será a apreensão quantitativa da localização “real”, em tempo “real”. Mas, ainda assim, será uma representação da realidade, e não a realidade em si, pois o entorno real do usuário pode não ser exatamente o mesmo que está representado no GPS, pois a qualidade não é relevante, de todo.

Assim, ao seguir irrestritamente as recomendações de movimentos que o GPS determina, o que estará a ocorrer é que você estará submisso não mais à realidade do seu entorno, mas sim às representações dela, que estarão a comandar suas ações no mundo real. E isto é, de certa forma, uma subversão da realidade, quando não é mais a realidade que é priorizada na decisão, mas sim sua representação que passa a ter a primazia – do efeito que, subvertido, passa a causar. Na causação imanente, na subversão, percebemos que a representação é formada a partir da realidade, e por isso não soa tão estranho, exceto por tal representação não ocorrer em simultâneo. E logo se é levado a

perceber que se tomam as representações como sendo a própria realidade. Por isso não é raro que, ao seguir as orientações do GPS, perceber que se cometeu um erro e será difícil sair de onde se está apenas com o uso do GPS, e será preciso voltar a se referenciar pela observação direta da realidade. Se você é um *millennial*, imagina como eram comuns estas coisas nos tempos do Guia Rex, atualizado anualmente? Pessoas que residiam em locais não mapeados, não raro marcavam com suas visitas em algum lugar conhecido e próximo, para então seguirem juntas para suas casas, se quisessem mesmo receber visitas. Pois a realidade muda, se transforma, e as representações não conseguem acompanhar seu dinamismo, pois são registos estáticos, completamente imobilizados do passado cada vez mais distante.

Os conteúdos são tudo o que há de mais relevantes na realidade – não são originários do GPS, pois este não produz nada e nem estão nele algum conteúdo que seja seu, pois estão apenas as representações exteriores a ele – que é única coisa que você percebe na tela do GPS. As formas são como tudo isso se organiza, representacionalmente, da realidade existente para a memória digital inserida no GPS, dispostas de acordo com as predicções que os conteúdos possuem.

Mas, o que faz você se movimentar como se movimenta, na direção escolhida, são as diretrizes dadas por você ao GPS, pelos cálculos que este faz de acordo com o que lhe está disponível nas representações, que por sua vez foram subordinadas a determinadas predicções. Ele determina o que seja o ótimo para você fazer, mas o faz por ter sido assim comandado, de acordo com as condições e com as suas restrições. Você pode programá-lo, por exemplo, para não passar por pedágios, ou até mesmo para que ele não decida nada ao não calcular apenas um único percurso, mas sim sugerir três percursos distintos e que caberá a você escolher qual quererá.

Ainda assim, lhe parecerá que é o GPS que está a ordenar, como se fosse ele mesmo a ser uma personalidade a dizer o que fazer. Mas, o que ele faz mesmo é seguir as regras que existem, que resultarão no caminho otimizado que será sugerido para o trajeto entre o ponto em que se está e o ponto que se deseja ir. Mas, ele o faz como se ordenasse mesmo, e não apenas estivesse a lhe sugerir fazer. E é assim percebido por muitos, que o seguem irremediavelmente, até que não seja possível. E, quando há a impossibilidade de seguir, por exemplo, por uma rua em que a mão foi invertida pelo poder público, a tendência é culpabilizar o poder público pela “ingerência” dele sobre a realidade percebida, como se este fosse o próprio agente do caos na ordem representada no GPS. E não é assim mesmo?

Há um estranho sentido ordenador na voz que você logo estará a obedecer: “siga em frente, depois vire à primeira direita...”. É isso que percebemos dele, que parece ser onisciente, onipresente e onipotente. Houve quem olhasse para cima, logo quando foi lançado, para perceber quem era e como

estava a lhe dizer exatamente o que fazer, na hora “certa” que apareciam as ruas “certas”, pois parecia que estava a ser seguido por alguém a lhe acompanhar e a vigiar, e alguém “de cima”, algo mais próximo do transcendental.

A subversão, então ocorre assim, quando a representação passa a imperar sobre a realidade. A representação, mesmo sendo oriunda da realidade, não é tão rica, nem qualitativamente, nem quantitativamente. E, ainda que seja, não se situa no devir e, por isso, é sempre diferenciada. Isto faz, afinal, parte do processo de causação imanente, e dá o merecido valor às representações que, afinal, possibilitam mais possibilidades e, também, oportunidades. Não podemos considerar a subversão como algo prejudicial, portanto, mas sim algo funcional, que flexibiliza a relação com o tempo e com o espaço e, portanto, que leva à possibilidade e a oportunidade da própria transcendência, a saltar da realidade vivida no devir para a projetada no futuro ou a imortalizada no passado, para além da imanência que, afinal, é bem mais limitante do que a própria transcendência.

O que sempre ocorre de forma degenerativa é a perversão. E ela é a adoção intencional e desonesta de apenas uma das partes, seja da imanência ou da transcendência, da realidade ou da representação, e de acordo com a própria conveniência. Isso é corromper com o estabelecido, com a ordem na qual todos compartilham como a melhor possível, na perspectiva dada. Por isso, a subversão e a perversão serão antagônicas, dentro de uma mesma perspectiva. E as predicções serão sempre que as subversões, embora inusitadas, estarão dentro do esperado e a perversão, será algo condenável, pois irá contra a ordem vigente. Não se deve alocar a subversão na mesma esfera de atuação da perversão, desta forma.

O pervertido é aquele que usa do dispositivo, ou melhor, do espírito para lhe fazer cumprir seus desejos. É o fundamentalista que se assume tomado pela influência de algo que a nada influencia, diretamente, mas apenas que está a refletir suas próprias e doentias emissões, e a colocá-las acima da ordem estabelecida, a negar o que os demais estão a emitir, e a querer para seus espaços comuns. Ele dá vida ao que quer, mas justifica-se pelo desejo do espírito. O pervertido é, assim, sempre um individualista extremo dotado de um egoísmo que o deixa sem a visão humana do próximo, o que pode fazer a alguém o confundir com um psicopata – mas não é, necessariamente, um psicopata, pois pode possuir empatia, o que o psicopata não possui. Eles percebem o outro sofrer, sentem a dor, mas acreditam que o remédio que curará o sofrimento é a “verdade” que têm consigo, e por isso deseja impô-la ao outro. E tudo isso se dá pela tomada da transcendência como a única fonte da verdade. Ou, no polo oposto, pela materialidade extrema, dada pela o que se supõe ser a máxima racionalidade, e apenas ela, sem considerar

nenhum sentimento como verdadeiro. Há muitas formas de perversões, afinal, para além destas.

Os verdadeiros perversos são essencialmente extremistas, e não são raros os vemos por aí, alguns a militarem politicamente nas redes sociais, inclusive, a perverterem o que é a verdade compartilhada, do aceitável, do desejável como o bem. Pervertem o presente, o passado e o futuro. Produzem ameaças de utopias e de distopias. Estão por aí, publicamente, sem se preocuparem em disfarçar mais, tais como são aqueles que chamamos de compartilhadores de *fake news* ou de teorias da conspiração. O fazem por perverterem propositalmente as condições éticas ou morais existentes. Diferentemente do que disse Jesus, os perversos sabem o que estão a fazer, e o fazem na mesma. Nem todos são “maus”, necessariamente, mas mais facilmente poderão sê-lo, se acharem necessário, em relação aos demais. São uma legião, afinal. É o lobo que acredita ser uma ovelha.

Parte II – DA MUNDANEIDADE CONCEITUAL

2. E a Filosofia era sem forma e sem conteúdo. E havia o impossível para além da face do abismo; e o espírito humano se fez presente no possível.

Genesis 2: spiritus descendit

16. A ideologia, o ser relacional, a forma, a aderência

Este nosso espírito, cá muito referido, e creio que já suficientemente percebido, é bom que seja enfim nomeado, pois se chama ideologia.

Desde o início de nossas fundamentações, assim percebidas para uns, ou talvez divagações, para outros, consideramos a sua existência como transcendental e a sua influência como imanente – e que por isso foi prontamente classificado como espírito obsessivo: algo como um fantasma a interferir no cotidiano dos vivos. Depois, percebemos que este espírito, na verdade, não é incriado, mas sim criado, funcionalmente, tal como um dispositivo, ou um *gadget*. A partir daqui, poderemos perceber melhor o seu *modus operandi*, bem como as objeções mais comuns dos que ainda estejam céticos ou resistentes em relação ao poder da ideologia. Também andaremos por caminhos que nos levarão a identificar suas inconsistências operacionais, ou mesmo alguns *bugs* que ocorrem, vez ou outra, como ocorrem em todos os *gadgets*. Mas, chamá-lo de espírito é mais amável do que *gadget*, afinal, e, por seu nome já ter sido declarado, assim consideraremos ao referenciá-lo, ou melhor, referenciá-la.

A ideologia é uma entidade que precisa mesmo ser compreendida completamente, pois sua existência está para além dos básicos valores duais que alguém mais facilmente identifica em si mesmo, e nos outros, como o bem e o mal, o certo e o errado, enfim, os mesmos valores que estão atrelados na moral e que são igualmente conteúdos, de tão adensados que se encontram, quase sem que se consigam distinguir-se das formas. Pois a moral possui os conteúdos mais profundos e simples: rústicos, ou selvagens, propriamente. Aqueles predicativos que já não são muito movimentados, nem questionados, pois se tornam os mais estáticos e centrais do que todos os outros. Na verdade, se forem movimentados até podem se “desintegrarem”, e causarem problema ao que o indivíduo entende de si mesmo, pois são os “filtros” primários que os levam a agir. São os conteúdos morais que sustentam a percepção de existência e de identidade da individualidade, que estabelecem os parâmetros da diferença, da falta, pois isto ocorre mesmo assim: o “melhor”, ou o “positivo”, precisa sempre estar comigo, e o “pior”, ou o “negativo”, com os outros. Basicamente, este é o primeiro fator de relevância moral aos que apreendem, desde tenra idade, o que é ser a si mesmo. Tão natural quanto isso: a fome é comparada a um estado em que se estava saciado – há falta e, portanto, se está pior. E se aprende a chorar. Um exemplo reduziíssimo, mas que logo desenvolveremos mais. A dor, a sede, etc... tudo é falta, assim como a pobreza, a feiura, etc. Vale tanto para a comparação em relação a si, quanto para os outros.

São estes valores o chão dos mais crentes, em que tudo “desabaria” se fossem bruscamente alterados, pois são estes tipos de indivíduos que estão mais alocados nos níveis mais centrais da existência, ou morais, e que não consideram nada mais relevante do que estes valores – nem mesmo as evidências que possam vir a contrariar as crenças morais existentes, por exemplo, e por isso é que passam tais individualidades mais crentes a se confundirem com os seus próprios valores.

Podemos considerar, para ilustrar esta situação, os casos das inúmeras seitas mais radicais, quando seus membros passam a fazer e a aceitar coisas absurdas vindas seus fanáticos líderes – como mães que aceitam que suas filhas adolescentes sejam retiradas de si, e dadas em casamento a homens mais velhos, como já ocorreu em alguns casos conhecidos, para não citar exemplos ainda mais absurdos. E, assim, estas mães subverteram-se a si mesmas, ao classificarem como um decreto a si mesmas que o que fizeram foi o “certo”, mas não como um ato isolado seu, mas sim como membro de uma organização (estrutura) que esperava por algo mais: possibilidades de ter uma redenção e poder ter o merecimento da vida eterna. Fizeram, por interesse nas possibilidades, pois estas sempre acabam por nortear as ações humanas. O que é errado (o mal) para elas, afinal, vira o certo (o bem) para uma dada situação comunitária na qual se vê obrigado a agir assim. A profundidade da moral destas pessoas passa a ser comunitária – o bem comunitário passa a estar mais profundo do que o pessoal – e por isso há uma inversão doentia de valores.

A bem da verdade, não há um mal ou um bem único. E agiram a considerar que mais faziam o bem do sacrifício pessoal pela causa da comunidade a qual pertenciam, de atender ao mandamento do “profeta” a representar a divindade, etc. O mal de privarem as filhas das próprias escolhas foi subvertido, pois não ter escolhas é mesmo para elas algo bom, que representa obediência ao “bem” e dá acesso à vida eterna. É absurdo, mas é assim que a ideologia opera, a construir estruturas que podem parecer mesmo alienígenas a quem não teve contato, pois pode levar facilmente à alienação extrema da realidade, conforme for a estrutura de poder a dominar. É isto que precisamos perceber, aqui, para entendermos as entranhas da ideologia, mas sem nunca considerarmos que estamos isentos de seus efeitos. Não estamos. E do ponto de vista do observador que pertence a uma seita, a “vida comum” de um herege será tão estranha quanto a nossa visão a observá-los. Mas, “nós” pensamos que somos “normais”. E eles pensam o mesmo. Eis a questão. Mas, nem por isso se perde o conceito moral individual, pois não se pode alterá-lo, mas sim se pode subverter a prioridade da transcendência em detrimento das possibilidades – e já passa a ser uma ação ideológica, que é muito mais forte do que a ação moral. A moral sempre

acaba por sucumbir à ideologia, pois a moral é interna à própria ideologia, uma parte central dela. Daí começamos a perceber melhor.

Mas, a ideologia não deve ser encarada como algo “ruim”, ou apenas para seitas, religiões, comunistas, e todas as assombrações que aparecem constantemente nas rodas de conversas mais alienadas. A ideologia está em tudo. Aliás, o tudo é fruto da ideologia, pois é ela que dá a dimensão, e os limites, de cada um e de cada comunidade. E a vergonha é sempre um efeito colateral da ideologia, dos que fracassam com ela, e julgam perder a honra.

Há quem atinja um nível moral tão severo, tão profundo e radical que não é capaz de “perdoar-se” a si mesmo caso faça alguma ação contrária ao “bem” profundo (e provavelmente comunitário) e julgue que tenha ferido sua honra. O que chamam de honra, na verdade, é a afirmação da própria moral a partir da ideologia, dos valores que considera sua própria identidade e, ao ir contra tais valores, vai contra si mesmo e ocorre a vergonha, que é a diferença negativíssima e a rutura de sua sustentação existencial. Daí, a pessoa “transgressora” faz um autojulgamento, se condena e se sentencia, se pune, e comete sacrifícios, automutilações ou mesmo o suicídio. Não por acaso, não é raro em seitas os suicídios individuais ou coletivos. Também não é por acaso que as seitas se refugiam, quase sempre, em comunidades distantes e isoladas e com o mínimo contato com as cidades. Vivem cercadas e protegidas do “mal” exterior.

Algumas pessoas que não faça parte de seitas, nem nenhuma outra organização especial, e se sintam desonradas, também podem ter reações extremas. Pois, caso não consigam agir para repararem a honra, buscam fugir do convívio social, tomadas pelas vergonhas, e pelos medos e culpas. E, esta fuga, sempre impossível, levará a uma maior adesão ideológica, a uma submissão mais incondicional à ideologia – pois elas julgarão que precisam provar os seus valores, e se sacrificarão pelo que entenderem ser necessário. Nunca há uma relação saudável com tais valores, e talvez isto explique muitas das coisas que estamos a viver na contemporaneidade, onde a saúde mental passou a ser um grande problema a nível mundial quando a exposição digital passou a valorizar e a radicalizar valores e a expor a todos os indivíduos cada vez mais. Aprender a diferença nunca foi tão próxima, intensa e sempre presente. Mas, por agora, não adentraremos neste âmbito psicológico. Nem todos, afinal, mas muitos são assim, se percebermos os números estatísticos e as transformações morais que estamos a passar, como um todo. E a ideologia é a maior responsável que ficou totalmente esquecida, relegada aos fantasmas comunistas. Mas, voltemos aos valores.

Tais valores são sempre presentes onde residem, por exemplo, os hábitos, os condicionamentos ou vícios do indivíduo. Por isso, o risco e a quase impossibilidade (ou melhor, a ameaça que representará) de alterá-los para uma maioria predisposta a lutar contra quem possa vir a interferir em suas

“verdades” tão profundas. Pois muitos pensam que não só estes valores são importantes para si mesmos, e os querem replicar socialmente, e passam a serem porta-vozes ativos deles, como se adotassem o fundamentalismo, a partir de uma assunção da verdade que está consigo, que lhes foi revelada, e com mais ninguém para além de seu grupo de convívio, seja religioso, político, desportivo, etc. Mas, o quanto disto há em nós? O quão contaminados estamos? Então eis a extrema dificuldade de trabalharmos a partir dos valores, dos conteúdos, sem sermos parciais ou precisos.

Devemos, assim, e preferencialmente, deixar estes valores à parte disto, por agora, e buscarmos os meios que pudermos para ultrapassar tais conteúdos, e isto será viável se mantivermos o foco na forma, nas dinâmicas racionais e das interconexões existentes em seu estado mais puro, ainda que isto só seja possível a partir das relações entre as possibilidades e os conteúdos, e por isso a importância central para uma dimensão ontológica da ideologia. E a forma é também, necessariamente, relacional, e assim transcenderemos ao estudo apenas do indivíduo, como comumente é feito, e consideraremos não apenas este indivíduo (que nunca está isolado, mas sempre é considerado autossuficiente), mas suas relações com o meio no qual está inserido, nas teias que chamamos de interações sociais, que possuem as ideias comuns e relevantes de nossa ideologia.

Esta posição, aliás, é uma condição necessária quase sempre desprezada, pois considerar alguém com uma capacidade de ser um agente autônomo e deliberativo parece ser uma ingenuidade. É como se fosse possível considerar o tal do agente autônomo e deliberativo como um átomo estável, sempre. Mas, os átomos precisam se ligar a outros para serem estáveis, e para “agirem”, se combinam através de processos descritos por fórmulas – das mais simples às mais complexas. Apenas poucos átomos são estáveis, uma minoria dentre tantos elementos existentes. Mas, nas humanidades, adota-se a premissa que todos os indivíduos são nobres, ou melhor, estáveis, ao ponto de não considerarem o que os produziu. E quem produz indivíduos é a estrutura, a rede relacional na qual ele se “fez” indivíduo, ainda que com uma individualidade duvidosa. Se os átomos se agrupam para adquirirem uma estabilidade, assim também nós, indivíduos, o fazemos. Mas nem nós (nem os átomos) somos estáveis sem estarmos nessas ligações, ou o que as valham. Isolados, não existiríamos, nem existimos. E, se estamos na dimensão das causas imanentes, a ideologia tanto é causada pela moral, quanto causa a moral. Mas estão em níveis diferentes: a moral é mais densa e concentradora, a ideologia, mais etérea e expansiva.

A ideologia é instanciada, em perspectiva, a partir das possibilidades, pois são estas que passivamente provocam o mesmo senso criativo dos indivíduos que as percebem e as recriam, pela falta: a necessidade de superação das próprias limitações, da finitude, e a vantajosa vida em sociedade, mas não

apenas isso. Por crer que seja possível ainda mais, passa-se a buscar este mais, a criá-lo e a recriá-lo, e isto levou à formação das relações estruturais, que possuem as mesmas origens da ideologia mais formal, mais “pura”, e que logo ficou mais baseada nos relacionamentos e nas regras.

A validade do conhecimento que estamos a buscar, portanto, estará no mais puro estado da forma que pudermos extrair, nas engrenagens funcionais que esta poderá nos facilitar a vida, que supostamente será objeto de estudo mais possivelmente sensível às deturpações causadas pelos conteúdos subvertidos pela ideologia, pervertidos pelos seus seguidores, e todos os seus derivados, pois partimos a buscar a forma pela sua máxima conceitualidade, a mais logicamente proposicional e racional e, portanto, a mais próxima da realidade. Entre os estados puros e os alterados da forma, já há o elemento atuante que estamos a buscar, que é a ideologia.

Mas é bom perceber, desde agora, e contra o senso comum dos mais propícios às teorias conspiratórias, e que ainda imaginam que a ideologia seja algo artificial que foi criado por algumas poucas mentes “malignas” que desejam obterem ou se manterem no poder ou no controle do mundo, como anseiam todos os vilões enfrentados pelo agente secreto britânico, *Sir James Bond*. Não foi assim que ela foi “criada”.

Tal crença humano-criacionista da ideologia, que mais parece um delírio coletivo que atrai a cada dia mais adeptos (invariavelmente os crentes morais), perverte completamente o que há de verdadeiro nos conceitos da ideologia tão fortemente que, talvez, seja até mesmo uma dissimulação provocada por alguma funcionalidade da própria ideologia destes adeptos, ou que estejam a tentar imporem uma ideologia derivada, mais reacionária, que faz com que todos que estejam nela nunca se apercebam quando estão sob o seu efeito, tamanha a insensibilidade com o que há para além de si mesmo. Pois, não a perceber bem é o mesmo que percebê-la de forma equivocada ou incompleta, o que lhe é muito conveniente. Ou você acredita que alguém que esteja a jogar um jogo, sem conhecer todas as regras e possibilidades, terá igual chance de ganhar dos outros jogadores que sejam exímios conhecedores? Pois é. A ideologia faz parte de um jogo, jogado desde sempre, e sem que a maioria conheça suas regras, e nem mesmo perceba que esteja a jogar. Só percebe quando a “derrota” é anunciada e precisa abandonar a posição que estava a ocupar. Daí, a queda.

E isto é uma das coisas mais impressionantes que há, visto que somente é mais fácil perceber a ideologia apenas quando está a se observar uma estrutura distante de si mesmo, pois nunca há tal facilidade na qual se está inserido, que parece não existir para quem está dentro dela. Sim, tal qual o nosso fantasma!

Certa vez, na Universal Studios, em Orlando, na primeira vez que fui à então nova atração «*Transformers: The Ride-3D*», senti realmente que estava

a adentrar a uma dimensão nova e fascinante, a experienciar possibilidades de ultrapassar a finitude imposta à humanidade pelos robôs inimigos, os terríveis *Decepticons*, a absorver novos conteúdos, a perceber parte das regras nas quais os robôs agiam e combatiam, estando eu completamente inserido em um novo mundo da realidade quase virtual, a ser chacoalhado num carrinho que se movimentava freneticamente enquanto eu presenciava tudo aquilo que estava a ocorrer, totalmente verossímil, ainda que distante do que tinha vivido até ali, estava a gostar muito desta minha nova realidade, tanta utópica quanto distópica, entre homens e máquinas a combaterem até que, ao meio do tempo da atração, e inesperadamente, surgiu um *bug* completo. A fantasia se desfez e a velha realidade se fez presente, a frustrar minha nova experiência heroica do futuro que já estava a ocorrer para mim. Daí, pude perceber como estavam a me enganar, como se deram as projeções que alteraram a minha realidade naqueles últimos minutos, ao ter de sair do carrinho avariado a andar, acompanhado pelos técnicos do parque, da minha família e dos outros participantes, quando pude conhecer os complexos mecanismos de movimentação sob os trilhos, os incontáveis e imensos projetores que são responsáveis pelas representações projetadas e tudo o mais que há, como jatos de ar, respingos d'água, calor, chamas, fogos, a disfarçarem a fria realidade mecânica e estática dos galpões industriais que eu também estava a conhecer, e que foram capazes de projetar uma dinâmica e potente interface de uma nova realidade que pude viver por minutos.

Ilusões, afinal, igualmente projetadas para todos os que lá estiveram, e que ainda estão, a partir de conteúdos que não foram criados ali, mas sim organizados de uma dada forma para que fosse absorvido integralmente como disposto. Naquela minha primeira vez, não deu certo. No dia seguinte, voltei, e participei até o fim, com sucesso, e de novo, e de novo, mesmo a saber que estava a ser enganado, maravilhosamente enganado. Isso é o que chamamos de aderência. Afinal, se hoje pudesse, iria novamente.

A aderência é o nível de adesão ideológica, independente se há ou não o conhecimento da tal influência transcendental, ou se esteja em uma realidade artificial absurda, ou se haja o estranhamento ou a hesitação – uma maior aderência desprezará tudo isso e fará seguir em frente. E sempre será assim se o interesse no que está fantasiosamente a ser apresentado for maior do que a realidade mais simplória da vida e, assim, podemos afirmar que tanto maior for o deslumbramento ideológico, maior será a aderência à ideologia. São profundamente aderentes os crentes moralistas, mas não apenas estes, pois todos temos nossos pontos fracos, nossas vulnerabilidades, ou “botões”. Vale perceber que a aderência é voluntariosa e quase sempre consciente, e surge do que vem das possibilidades, quando há a capacidade de se perceberem as oportunidades presentes, obviamente, ao se estar aderente. É o estado de legitimidade para receber os bônus pela fidelidade ideológica. Não é nada

compulsório, mas sim fruto dos interesses mais profundos dos indivíduos, que chegam mesmo às bases morais. A fuga é impossível, pois sempre se acaba voltando para a ideologia, pois nunca se está totalmente fora dela.

Mas a ideologia não é a produtora de nada, ela é o próprio produto. Ela não vive, mas é vivida. É um produto que atrai, seduz, e faz com que todos se movimentem por ela, e em sua direção. Eis a diferença. Logo chegaremos às conclusões de que a obsessão ideológica não é obrigatoriamente invasiva ou tirânica, pois muitas das vezes ela também se dá justamente pela aceitação consciente do sujeito às limitações e diretrizes impostas por ela, pelas forças com que este se dedica para se fazer relevante para ela, a tender a uma perversão voluntária entre criador e criatura, ainda mais fortemente quando se percebe que ela o irá “obsidiar” proporcionalmente à aderência que se têm a ela, e que este obsidiado, também, voluntariamente, não só aceitará ser o objeto desta obsessão, reflexivamente, como também quererá ir, em alguns casos, ao extremo desta relação, ao máximo da sua própria perversão. Por qual razão? Pois espera ser recompensado!

Ainda que toda obsessão seja um relacionamento, nem sempre todo relacionamento é consensual. Mas, neste caso, o relacionamento com a ideologia é mesmo consensual, e que pode até ser mesmo erótico, de tão tórrido que poderá vir a ser. E esta consensualidade pode ser limitada ou condicional ou até mesmo incondicional e ilimitada, a atingir um nível radical de submissão, quando extrema. Mesmo que seja considerada uma relação extrema ou “estranha”, assim percebida pelos que estão de fora dela, como acontecem com muitas relações existentes que sejam consideradas “excessivas” ou até “anormais”, assim classificadas pelos sujeitos mais “convencionais”, como, por exemplo, quando passam a observar cruamente o que ocorre entre posições assumidas em que um seja dominador e o outro seja dominado (como no caso das seitas, ou também nas relações sadomasoquistas), sem conhecer as verdadeiras razões estabelecidas entre estes.

E é isto o que “legítima” os relacionamentos aparentemente extremos entre dominador e dominado, pois, se há consensualidade entre estes, será sempre um relacionamento com base na ideologia predominante que estes comungam entre si e, portanto, há algum acordo em relação ao que ocorre entre ambos, a princípio. Se não há consensualidade, não será um relacionamento em que ambos estejam na mesma ideologia e, portanto, não é algo ideologicamente estabelecido entre as partes – e poderá haver algo delituoso de uma parte em relação à outra. Há ideologia até mesmo entre um casal, pois se há a estrutura, há ali uma ideologia formada que ficará tanto mais profunda quanto maior for a duração e a intensidade da relação, ao sedimentarem-se os valores compartilhados e compromentimentos firmados. Há, ainda, e não poderia deixar de citá-los, relacionamentos considerados

aparentemente “normais” para um observador externo, mas que não são consensuais, pois há ali alguma dissimulação das partes, a atenderem a alguma outra ideologia que não a do casal, propriamente, que, a bem da verdade, não está a se relacionar, mas sim a cumprir algum papel imposto. Quantos casais não passam a construir uma vida dupla, separadamente? E por que o fazem? Qual o sentido de manterem as aparências? O fazem por isso: ideologia.

E seria muito bom se percebêssemos um pouco sobre as dinâmicas das relações baseadas nas dominações explícitas. O dominador deseja uma busca pelo poder máximo na relação e, talvez, tenha a necessidade de se afirmar, de se expressar ao outro, e aos demais; e o dominado satisfaz uma realização da sua fantasia, ao perceber na dominação a qual se submete o desejo do outro, prioritariamente; e a fantasia ocorre simultaneamente em ambos, obviamente, mas não é apenas isto que define um relacionamento, pois toda relação sempre é complexa e nunca seria possível uma simplificação nestes poucos aspetos aqui apresentados. Mas esta abordagem serve para levar luz à questão das justificações da existência de relações ideológicas e a percepção sobre a posição externa de observação.

Relações ideológicas nunca deixam de ser consensuais, e por mais “estranho” que possa parecer alguma destas relações para alguém, o que causará a estranheza será a diferença ideológica entre o observador e, por exemplo, o casal, ou o quer que seja. Estranhezas causadas ao observador “normal”, tais quais as diferenças que existem nas relações e práticas extremas de dominações sadomasoquistas, explícitas e ritualísticas, em que a submissão humilhante e/ou a aparente violência existem, mas que fazem parte de um acordo lícito entre os envolvidos e, portanto, são plenamente consensuais, se assim estabelecidos. Para alguém alheio, que se considera “normal”, a isso, será muito “estranho”. O oposto não será estranho, todavia, pois provavelmente o casal está conectado à ideologia da “normalidade” sexual em que está o observador julgador, pois a “convencionalidade” sempre é o primeiro momento de quase toda a iniciação sexual. Sempre se “progride” do convencional (da ideologia normativa e vigente) ao “exótico” (da ideologia marginal e alternativa), via de regra.

Mas, há efeitos colaterais nestas adesões ideológicas. Não evidenciamos apenas a dominação que pode ser exercida pela ideologia nos sujeitos que buscam e aceitam uma submissão extrema em relação à ideologia à qual estão inseridos, pois para estes também fica evidenciada a condição resultante de que seus “universos” tendem a se restringirem apenas à própria ideologia a qual estão conectados, dentro de suas relações, e suas derivações, como se tudo o mais deixasse de existir, gradativamente (a ideologia define o “tudo”). Pois, se existem incontáveis ideologias, a adoção de uma é o mesmo que, no caso da analogia feita entre o espírito e o *gadget* Chromecast, ter apenas um

aplicativo instalado no sistema e, assim, restringir e dimensionar o “tudo” a apenas este único aplicativo. A maior adesão ideológica leva à habitação em um “mundo menor”, em que todos os acessos são restritos somente aos afins da ideologia adesiva. Aprisiona-se, em verdade, e voluntariamente. Eis a hesitação a nos parecer mais coerente, agora.

Pois todos os demais conteúdos “externos” que passaram a ser considerados antigos e inadequados, e também suas possibilidades, serão ignorados neste reduzido universo ideológico adotado para si, que poderá ser acessível apenas pelos que estejam a comungar desta mesma ideologia e possuam foco nas mesmas possibilidades. E quem é estranho a este universo, e não consiga ser “convertido” para comungar exclusivamente da mesma ideologia, passa a representar uma ameaça e logo será tido como inimigo.

E o inimigo declarado, classificado como indesejado, ficará igualmente chocado sobre a “normalidade” diferente da sua. Pense no caso, como exemplo, daqueles parentes que se chocam ao perceber que um membro da família entrou para uma seita extremista, e logo depois tentou convertê-lo também e, sem sucesso, deixou de conviver com a família, a sumir. E isto parecerá estranho aos parentes que poderão objetar a tais ideologias radicais, totalmente castradoras, ainda mais quando alguém “livre” passou a optar por viver “preso” ali. E esta estrutura poderá ter também outros indivíduos que já nascem inseridos nela e que, por toda a vida, seria suposto que não terão condições de saírem dali. Parece que há, a partir de uma observação externa, uma prisão em que há nativos nascidos já condenados e estrangeiros voluntários a conviverem conjuntamente uma vida insana, e todos presos.

Sempre, como regra, o observador acha que nunca está inserido em nenhuma ideologia e, depois, passa a ser um crítico severo das ideologias alheias... quase um “tio do Whatsapp” a detonar o que lhe é estranho, o que está para além dos seus méritos e, quanto maior a dureza das críticas, mais evidente que menor será o seu mundo, pois será a sua limitação ideológica que lhe imporá a estranheza acerca do mundo exterior, mas é assim mesmo como a maioria pensa, a considerar a estranheza apenas no que lhe é externo.

E isso pode ter elementos de uma possível verdade, mas dentro de toda ideologia existem sempre as brechas: as vulnerabilidades em que a realidade, para além das possibilidades consideradas, permeia pelas suas fissuras de conteúdos. Até para os mais fundamentalistas tios do Whatsapp, militante dos extremos políticos e religiosos, defensores dos valores da família, legítimos cidadãos de bem, haverá sempre uma pequena fissura estrutural a qual estão submetidos, e lá estará a realidade a se apresentar para eles. Daí, todo indivíduo inserido numa estrutura e impactado pelo que perpassa a fissura, poderá despertar contra alguns de seus supostos desígnios, ou até intentar abandonar a ideologia que está a viver; mas também poderá continuar com sua vida, ao se “imunizar” e atribuir tal visão ao “mal”, a

radicalizar-se ainda mais, mas, mesmo assim, já saberá que está a cumprir um mero papel que já não é mais o mesmo, se percebe mais tolo, pois já adquiriu melhor consciência de si e de sua alocação existencial. Saberá, neste caso, que a atração do “*Transformers*” quebrou, e que tudo o mais ali no “universo” do *Universal Studios* poderá quebrar de igual maneira, a qualquer momento. A “magia” deixa de ser tão poderosa, mas não deixa de existir e nem de ser o que é, magia, e uma satisfatória ilusão.

Podemos considerar outra dimensão de exemplo para exemplificar sobre a consensualidade, em uma escala maior do que abordamos, sobre relacionamentos afetivos ou sobre seitas. Pensemos em um regime político hermeticamente fechado de um país em que seja totalmente limitada a liberdade de expressão. E não seria muito difícil pensarmos na Coreia do Norte, pela grande fama que seu líder político possui na atualidade, o Kim Jong-un. E faremos isso para perceber, afinal, como a ideologia aparenta ganhar vida própria e se manifestar para todos nós.

Segundo os relatos conhecidos dos dissidentes ou da observação externa, há a opressão e incapacidade de organização política opositora, e existem fronteiras fechadas e forte controle na entrada e saída dos poucos estrangeiros que possuem permissão para visitá-los, os meios de comunicação livres e não-governamentais são inexistentes, o acesso à internet é proibida à população e, por isso, toda a comunicação para articulação social fica muito mais difícil, ou mesmo inviável, pois todos os recursos são limitados e os conteúdos das mídias são todos produzidos pelo governo, e provavelmente nada relevante será inserido no sistema educativo que levará à formação de um juízo mais crítico por parte do povo. Vigilância e punição, na máxima práxis *foucaultiana*.

Pelo contrário, há apenas o culto aos líderes e ao sistema, desde o nascimento do cidadão até sua morte, já na terceira geração aparentemente vitalícia no poder. Deveria ser, de acordo com os observadores parciais, um sistema ideológico que, por ser tão fechado e castrador, a rigor, não deveria fazer surgir nenhum dissidente, até pela suposta ignorância imposta a todos os habitantes sobre todos os factos (e possibilidades) que existem no “mundo exterior”. Mas sim, existem lá muitos dissidentes norte-coreanos, para surpresa de muitos, mas que não podemos confundir com os presos políticos.

Há um considerável número de presos políticos, e estes são assim considerados ou descobertos por serem denunciados pelos próprios concidadãos, que ganham benefícios ao provarem sua fidelidade ao sistema, e são reprimidos pelos familiares, pois a punição da traição de um membro dissidente sempre é extensiva a toda a família. Por isso, podemos considerar que nem todo preso político seja mesmo dissidente, pois pode ter sido tramado a tal situação, sem ser um dissidente de facto, e muito menos a um

nível radical. Pode haver os que apenas comentam algo, depois de beberem uns ou outros goles a mais do exclusivo aguardente local, que eles dizem ser o único do mundo que não causa ressaca, o *Licor Koryo*, e, sob o efeito do álcool, demonstram ou declaram alguma insatisfação e, mesmo sem nada fazerem, podem ser denunciados por alguém que tenha presenciado e, a partir daí, serem condenados à prisão, e com toda a sua família, que também será penalizada por isso. Afinal, a ressaca existirá, de outra forma.

Os destemidos que viraram realmente dissidentes perceberam muito melhor as brechas existentes e as vulnerabilidades do sistema, pois possuem maior capacidade crítica e passaram a conhecer e a valorizar, e a compartilhar entre a “comunidade” dissidente as possibilidades externas, e sabem das mentiras que lhes são contadas, desconfiam das “verdades” e das más intenções e, por isso, decidiram se opor, ao resistirem ao que está estabelecido. Por alguma forma, descobriram as outras possibilidades, e criaram um espaço comunitário, fechado e segregado, para que possam fazê-las oportunidades, criarem uma ideologia, derivada, mas dissidente. E como esta comunidade, ou resistência, se constitui e se estabelece, secretamente? Pois, primeiro, surge a ideologia e, depois, a estrutura, ainda que possa parecer em simultâneo. Nem todos os dissidentes se conhecem, mas se reconhecem, em muitas ocasiões. Há toda uma dinâmica comportamental que não pode ser priorizada, e esta dinâmica toma corpo ao assumirem os corpos individuais. E surge a estrutura dentro da estrutura. Querem o que há em outros países que acreditam ser melhores, por não estarem a oprimirem o seu povo e que contam com melhores condições de vida para todos. Desejam isso para si, para seu país e optam por duas formas: fazer desta transcendência, uma imanência, que é provocar uma revolução que seja democrática, a partir da estrutura interna dissidente; ou, fazer da imanência a transcendência, que é desaparecer individualmente de onde se está e aparecer onde há possibilidades: fugir.

Estes supostos dissidentes presos, todavia, tentaram ou fizeram algo e foram denunciados. Quem denunciou, também o fez por conhecer a posição estrutural da dissidência – sabe o que é o “errado”, pois possui a referência do que seja o “certo”, que já está assim constituído desde sempre, pois nasceu dentro daquela ideologia. Já percebeu que a ameaça do dissidente precisa ser combatida, mas também viu o dissidente como oportunidade, e o denunciou, e foi premiado por isso. Não é apenas a ameaça, mas muito mais a oportunidade. As possibilidades, assim, ficam supostamente protegidas. Percebemos que a estrutura interna da dissidência não é tão secreta assim.

Sobre a fuga, alguns poucos conseguem fazer o já clássico caminho para a China, que é a única opção viável terrestre de saída fronteiriça, e, depois, da China para a Tailândia, ou outro país que não possua acordo de extradição para a Coreia do Norte, até que estejam lá e possam se entregar à alguma

embaixada da Coreia do Sul, a pedirem asilo político. E assim, são finalmente levados para a irmã do Sul, seus sonhados destinos finais, para a irmã capitalista e liberal, visto que muitos ainda possuem parentes vivos e, obviamente, a mesma língua e imensas afinidades culturais entre os países que décadas atrás eram uma mesma nação. Conseguem, assim, seu *upgrade* de cidadania, depois de longos meses em fuga, talvez anos. Na embaixada da Coreia do Sul, conseguem documentos e passam a ser cidadãos do mundo, livres para transitarem conforme as regras internacionais estabelecidas e vigentes.

Portanto, temos uma evidenciação acerca da existência de dissidentes reais, que foram “construídos” dentro de um sistema que aparentemente parece ser hermeticamente fechado e com eficiência opressiva, a exemplificar um perfeito regime (como nos relacionamentos) extremista; e também de uma parte denunciante (os concidadãos) que possui considerável convivência com o sistema ideológico estabelecido, pois ao perceberem a diferença ideológica nos dissidentes, por alguma visão direta ou indireta, já prova que estiveram em contato com as inconsistências da própria ideologia vigente. Só o facto de haver dissidência, já prova a inconsistência ideológica, que afeta o próprio denunciante, invariavelmente. Depois de certa idade, não há mais “inocentes” em relação à ideologia, de todo.

Todos ali sabem que estão a viver uma “mentira” como se fosse uma “verdade”. Não apenas desconfiam, pois já passaram desta fase da desconfiança há muito tempo. Deduzir diferente disto é subestimar a capacidade racional dos norte-coreanos, que não diferem em nada de “nós”, que também sofremos o mesmo processo de submissão ideológica que eles, com conteúdos distintos, mas de forma igual. E eles sabem, percebem, mas estão ou no modo da sobrevivência ou no da indiferença. E nós também. Como poderiam saber destas informações sobre rotas e procedimentos de fuga? Há uma rede de comunicação para além da coação. Há conteúdos compartilhados, e não são poucos. E nenhum destes cidadãos está inocente nestas relações. Mas por que razão este sistema ideológico não se desintegra? Por que não optam por serem como “nós”?

Há, aí, uma certa justificativa que parte da “habilidade” do próprio governo da Coreia do Norte em retroalimentar a ideologia existente, a partir dos conteúdos históricos que existiram e foram suficientes para a revolução inicial, e que não foram criados pelo primeiro regime ditatorial, de Kim Il-sung, avô do atual Kim Jong-un. A ideologia norte-coreana foi “gerida”, pois os conteúdos já estavam presentes como representações bem sedimentadas em todos os cidadãos, que estavam a se livrar do terrível e opressor domínio japonês, muito castrador e desumano. A Segunda Guerra foi devastadora, para todos, e era este momento de derrocada a oportunidade para a sonhada liberdade.

Havia uma crueldade evidente e discriminação ultrajante do povo japonês contra o povo coreano, efetivado em 1910, quando o Japão ocupou a Coreia, ao ponto de serem privados de consumirem até certos alimentos considerados melhores, como o arroz que eles mesmo produziam, ou determinar certos costumes de vestimentas, a proibirem nomes coreanos, cores ou outras formas de manifestações culturais, inclusive sobre o próprio idioma coreano, que era proibido de ser falado no Japão. Todos tiveram de adotar nomes japoneses e foram até mesmo escravizados, em algumas situações avalizadas pelo Governo japonês.

Era tão brutal a crueldade, que mesmo em uma catástrofe natural os coreanos foram culpados pelos japoneses de, absurdamente, terem sido eles que provocaram o terremoto, como ocorrido no Grande sismo de Kantō²⁹, no qual milhares de coreanos foram covardemente mortos. A derrota do Japão na Segunda Guerra representou, para todos os coreanos, uma materialização de uma possibilidade – uma oportunidade de recuperarem sua autonomia e a própria identidade.

E este novo conteúdo foi tomado por outros invasores, os tais representantes antagônicos das regras, os Estados Unidos da América e a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, ao dividirem o país ao meio e criarem a distopia coreana, ainda mais aprofundada após a guerra. E o Norte tenta unificar o país, depois da tentativa de “reunificação” frustrada, em que o amigo do antigo inimigo, os Estados Unidos, agora o novo “amigo” do Japão, foram, também, considerados inimigos, e é assim até os dias atuais, com os grandes “jogadores” a jogarem o jogo da geopolítica, totalmente ideológico, a causar uma guerra ou outra, aqui ou acolá.

Kim Il-sung, em síntese, derrotado em sua tentativa de unificação, reorganizou estes conteúdos de forma que estes atribuíssem a ele próprio uma imagem de sobre-humano, um papel de protetor, de libertador e o apresentava como o único caminho para a autonomia e o progresso. O inimigo, assim, estaria lá fora, sempre a planejar uma nova invasão, a aguardar um momento de fraqueza do povo. Antes, apenas o Japão era o inimigo. Agora, também há o imperialismo capitalista como inimigo, já na sombra da Guerra Fria, quando surgiu a mítica entidade ainda atualmente conhecida como o “fantasma comunista”, a assombrar o sono perfeito de todo radical neoliberal, e diz a lenda que sempre antes de dormir, todo radical neoliberal olha abaixo de suas camas a assegurar que o fantasma comunista não o está a espreitar, a aguardar seus momentos de vulnerabilidade. E assim foi. E assim é. E a ideologia vem sendo confundida sempre com o comunismo, a militância e a

²⁹ Saiba mais no link

https://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_sismo_de_Kant%C5%8D. Conteúdo originalmente acedido em 29/04/2022

subversão dos valores ocidentais. E perdeu-se muito, intelectualmente, desde então.

Kim Il-sung foi competente e eficiente, e “empacotou” convenientemente os conteúdos existentes, a reorganizá-los de acordo com seus objetivos predeterminados, a evidenciar o que estava afim à forma de dominação pretendida por ele, e a esconder o que era indesejado. Precisava, afinal, de uma coesão norte-coreana para não apenas resistir ao inimigo, mas também avançar no jogo, obter uma vitória e reunificar o país; No Sul, havia o mesmo processo, mas com conteúdos diferentes; em ambos os lados, havia dissidentes, declarados e rebelados; as populações, em todos os jogos geopolíticos, são igualmente manipuladas, com intensidades mais ou menos obscenas, mas sempre manipuladas pelos governos.

Todo o resto da consolidação ideológica, depois de selecionados os conteúdos, foi um processo sobre a forma ideal, da elaboração do roteiro, da narrativa, e que já era possível de ser estabelecido por já existirem fortes conteúdos compartilhados. Nada foi criado por ele, naquele momento, nem por ninguém, apenas foi evidenciado o que interessava a partir das possibilidades, pelas próprias crenças existentes e desejos comuns, através de um processo de desinformação que é chamado de *marketing*, no sentido lato, para além da mera publicidade.

Marketing, aqui, é toda a cadeia de “venda” ideológica. Não é necessário se produzir algo, necessariamente, para se vender. Pode-se “empacotar” o que já existe, do jeito que se quer e, ao atribuir valor pela embalagem, e até auferir altos ganhos com algo que é comum e gratuito, como foi a água, disponível gratuitamente para todos, até algum tempo atrás e hoje vendida através de inúmeras maneiras, alguma caríssimas. Não importa o produto, ou o conteúdo, o *marketing* sempre encontrará meios de o valorizar, de o tornar precioso e desejado.

Mas é preciso que esta estratégia original se reproduza, e se mantenha. E assim estava a funcionar, até a posse de Kim Jong-un, seu neto, que em 2011 assumiu a liderança suprema do país e tornou tudo ainda mais hermeticamente fechado, o que poderá trazer algumas consequências potenciais, em breve. Mas como é possível que quase oito décadas depois, isto ainda não tenha ruído completamente? Pois é, o *marketing* dos regimes totalitários é extremamente poderoso, embora não muito distante dos ditos regimes democráticos, e move com eficiência tudo o que é conteúdo, a ajustar as expectativas de todos e proporcionar uma maior adesão ao sistema. Os conteúdos do passado já não são tão evidentes, obviamente, pois o tempo esvanece suas marcas – as ameaças não seriam tão fortes em 2011 quanto eram em 1948. Por isso, passou a ser preciso produzir novos conteúdos, obviamente artificiais e falsos, subvertidos e pervertidos, para que fosse possível a manutenção do *marketing* ideológico. Mas, os mais idosos, via a

transmissão oral, passam aos mais novos suas versões, suas histórias, e, por isso, podem causar ou ampliar as inconsistências, as brechas, ainda presentes.

Atualmente, no regime de Jong-un, a morte voltou a ser mais provável para os dissidentes norte-coreanos. Mas isto nunca é “bom” para os ditadores, quando excedem seus níveis “toleráveis”, para a manutenção do sistema de poder total. Por isso, é preciso perceber a dinâmica em que tudo se dá, no *marketing* ideológico. A morte, aliás, é a finitude. E, não esqueçamos que a ideologia surge para transcender às finitudes, pelas possibilidades. Por isso, a incoerência, e mais um campo para as inconsistências.

Foucault, em sua icônica obra “Vigiar e Punir”, já referenciada, buscou fundamentar a funcionalidade das penas capitais nos primórdios em que foram instituídas, em que o carrasco assumia uma posição vil ao justificar «*apesar de o carrasco ser, em certo sentido, o gládio do rei, partilhava da infâmia do adversário. O poder soberano que o obrigava a matar, e que agia através dele, não estava presente nele: não se identificava com sua fúria*». Por isso, a repressão não é atribuída ao líder, diretamente, mas ao sistema, aos rostos que capturam, julgam e encarceram. Há toda uma dissimulação do poder.

E, assim, o governante da primeira fase das punições capitais, embora soberano, não é aquele que mata, diretamente, mas sim aquele que sustenta o poder absoluto, em que ele, por ser o Estado, até pode anistiar o condenado, e assim dar provas de sua superioridade, e é exatamente isso que faz, por vezes, como exercício de poder, e não pela misericórdia. Tudo, nos “espetáculos” de execuções, era exposto, ritualizado. Isso, em dado momento, passou a ser um problema para a manutenção do poder, e precisou evoluir, embora ainda haja o perdão na atualidade jurídica de muitos países, em suas três formas: anistia, graça e indulto, para crimes capitais ou não, conferido ao mandatário da nação, democrática ou não, outorgá-lo quando bem entender, nos casos que julgar haver necessidade de intervenção.

Mesmo que, invés de matar, os atuais tiranos contemporâneos destinem os dissidentes todos aos campos de trabalhos forçados, juntamente com seus familiares, como no caso dos *gulags* bolcheviques, ocorre também uma espécie de morte simbólica de parte da ideologia, ao retirar violentamente alguém do convívio social, a trazer o sentimento da finitude, ainda que não acabe por impactar tanto nos conteúdos ideológicos, mas suficiente para causar algumas fissuras. Pois, os exilados dentro do próprio território, constituem eles próprios conteúdos, e subversivos, à situação. São opositores, e abrem e ampliam a dimensão ontológica da oposição, antes inexistente. A morte, nas ditaduras, diferentemente como a maioria pensa ser, não pode ser ostensiva e espetacular, mas apenas simbólica, expressiva e pontual. E, ainda assim, virar-se-á contra o poder vigente.

Pois, como se daria a continuidade do regime com um número grande de dissidentes a serem mortos constantemente, nos dias atuais? Há realmente um problema a ser resolvido, e ele surge quando ocorre a necessidade de se retirarem os dissidentes da estrutura: ou os matam, clandestinamente, e ainda assim surgirão boatos e mal-estar; ou os condenam e os executam e, igualmente, estes problemas das mortes cotidianas levarão a constrangimentos ainda maiores para o regime ditatorial. E, por isso, sempre passa a ser mais aceitável, “logisticamente”, dentro dos planos de *marketing* dos ditadores contemporâneos, fazerem algo ainda melhor, que é “esquecerem” os dissidentes onde nenhum outro mal a mais poderão fazer, além dos que já fizeram. E deixam-nos fugir ou exilarem-se no exterior, a conta-gotas, apenas a controlarem os fluxos de fuga, a evitarem os excessos, pois assim evitarão os efeitos manadas. Problema resolvido, e depois basta criar falsos conteúdos acerca da miséria de se viver fora de lá, seja lá o que for. E, para os que ficam, o fugitivo passa a ser visto como se tivesse feito uma má escolha na vida, e está a sofrer, fora dali.

A morte, exposta como execução sumária acaba por ser sempre ritualizada, sempre com alguma dimensão pública, em qualquer regime totalitário, pois passa a representar a prova material das vulnerabilidades do Estado, pelos excessivos números e frequências, e o governante seria visto de outra forma que não deseja para si. Por isso, todas as mortes são abafadas, em todas as ditaduras da contemporaneidade, cedo ou tarde. Toda essa forma de governança, arcaica e soberana, do punir radicalmente evoluiu, com a era da disciplina, na qual o povo foi condicionado em prisões, fechados no espaço de uma cela, dominados pelo tempo que lhe é retirado, pela imposição de uma rotina disciplinadora. Estas duas formas de poder governante é o que ainda impera na Coreia do Norte, por exemplo, pois a terceira forma, nas quais estamos inseridos, na parte capitalista do mundo, não tem espaço para ser implantada por lá, pelas condições de “liberdade” que exigem.

Seria o que Foucault atribuiu à biopolítica, que possui uma estreita correlação com o neoliberalismo, como veremos mais à frente, e, é uma forma de governança que não se ajusta a um país ditatorial, ainda hermeticamente fechado, como a Coreia do Norte. Mas, a liberdade da biopolítica não é real, é apenas aparente, com o “*plus*” de que seus governados acreditam mesmo serem todos livres, e prontos para os mercados. E, por isso, defendem sua forma de vida e passam a ver as outras nações, que consideram “aprimadas”, como atrasadas e à espera de uma salvação. Não percebem que o controle total existe em todas as formas de governo, mas um é bem mais disfarçado do que o outro, ou um que é mais obscuro do que o outro.

Pois, para a estabilidade do regime, o terror sempre precisa ser direcionado para o inimigo exterior, e não para o interior. O inimigo interior,

doméstico, pode ser assumido assim apenas enquanto o poder esteja a ser tomado e consolidado, mas ainda assim com brevidade, e sempre a dizimar o máximo possível no tempo tomado como necessário. Se o inimigo interno for assumido como real, exposto e duradouro, passa a fazer parte de uma dimensão estrutural interna e, daí, crescerá, e se consolidará ontologicamente. O inimigo exterior leva ao fortalecimento da unidade estrutural, enquanto o inimigo interior, leva à fragilidade estrutural.

Eis o paradoxo que todo o ditador enfrenta: os limites macabros de suas próprias ações cruéis. A reação popular contra estes que já excederam em demasiada crueldade contra seu próprio povo, quando depostos e acessíveis aos seus antes governados, agora revoltosos, sem serem mais as possibilidades que antes representavam, mas ainda com todas as ameaças que ainda representam, são dizimados publicamente, e acabam por serem mortos de forma igualmente terrível, na justiça do olho por olho, dente por dente. Quando o ditador deixa de alimentar, este próprio vira o alimento. Os povos “libertos” mostram sempre, historicamente, desaguarem os sentimentos reprimidos que estavam a serem acumulados nos períodos progressos de quando seus opressores lhes estavam inacessíveis.

São, também, tais representações opressoras que estão por trás de todas as ações tidas como reações violentas e irracionais ao domínio ideológico, pelo acesso dos tidos como oprimidos às oportunidades que acreditam que os levarão a um suposto bloqueio das ameaças que consideram necessárias exterminar. Quando, por exemplo, percebemos um lamentável massacre escolar, em que um aluno que sofre ou sofreu *bullying* e que tenha acesso às armas, decide planejar e atentar contra a vida de outros estudantes. Ele comete irracionalmente tal crime ao se revoltar com as opressões que sente ao agir contra os que atuam ou atuavam repressivamente contra ele, ainda que simbolicamente. Pode haver algum grau de psicopatia, de sociopatia, é verdade, mas sua fúria é imensa contra o que sente ser o sistema opressor. E basta que ele perceba, equivocadamente, quem seja o seu inimigo, sem que seja necessariamente verdade que aquele a quem está a atingir seja quem lhe fez mal, mas basta que a representação do seu alvo lhe seja suficiente para deixá-lo revoltado a ponto de cometer a atrocidade contra todos os que estiverem a seu alcance, no momento dos seus atos criminosos. Ele não atinge apenas alguém, em sua visão, mas sim a algo mais do que uma pessoa, quando esta passa a ser a representação da própria opressão. E merece todo o peso da justiça, obviamente, pois isto não justifica tamanha atrocidade e covardia.

Ocorre o mesmo com que alguém deseja se suicidar e, antes do ato, decide matar as pessoas próximas, geralmente familiares, ao buscar “salvá-los” das consequências do que virá, e libertá-los do que pensa que já está a oprimi-los todos. O sistema suposto ser opressor é visto como o algoz, e as decisões são

sempre representativas, amplas e, por isso, imprecisas. Não decidem pela moral – dos valores duais – do certo e do errado, do bem e do mal, mas sim pela ideologia, pela abertura das ameaças que não conseguem perceber quais são. São pais de famílias prósperas que, na iminência bancarrota financeira, decidem fazer isso. Maridos possessivos que o fazem levar ao feminicídio. O cônjuge que se vê frente a uma separação indesejada e decide fazer algo contra si e contra os filhos. São inúmeros casos que sempre ficamos a conhecer, a nos chocar por tamanha insanidade. Sempre há a ideologia nisto, uma ou mais – religiosa, capitalista, neoliberal, comunista, machista, sexista, sempre há algo ideológico por trás de atos tão sombrios. São versões distorcidas da realidade, obviamente, e indesejadas, e sempre aliadas a muitos outros fatores que propiciarão algo assim, mas sempre por trás de tudo há o fosso entre o que é possível e o que é provável, das possibilidades e oportunidades, pelas amplificações que o *marketing* ideológico é capaz de fazer, se mal interpretado.

A ideologia é sempre muito influente e mais facilmente percebida na base destes acontecimentos de reação violenta dos mais crentes contra os mais inocentes – crimes perpetrados por criminosos, que fique claro. Ainda que isto possa explicar, não justifica tais factos destas naturezas, que se dão principalmente em instâncias geralmente percebidas como opressoras, e que alguém mais sensível ou desajustado fica mais afetado. Ocorre sempre, em todos os lugares, mesmo quando as ideologias estão disfarçadas de pretensa liberdade, como nas democracias que tenham livre acesso às armas, à liberdade de expressão, etc. Há que se investigar a veracidade de tal hipótese considerada aqui, mas não seria difícil apostar que quando mais “livre” supormos uma sociedade ser, mais coisas assim ocorrerão. É a pressão neoliberal a se manifestar, a mostrar as brechas que prendem, sem prender. Há também muitas brechas aí, no paraíso dos mercados livres. Por isso, a surpresa, a indignação e a incompreensão nas pessoas que antes acreditavam que eram mesmo livres, sem perceberem as potentes amarras que as prendem à estrutura que julgam ser o paraíso.

As representações de todos os governos, ou melhor, de todos os Estados, por isso, precisam ser todas consistentes no *marketing* que produzem e gerem, para além das instâncias punitivas e de vigilância, especialmente nos casos dos regimes totalitários. A existência de ruturas assumidas tais quais elas são, internamente, seria um relevante e poderoso motivo possível para inflamar uma revolução. Por isso, opta-se sempre pelo inimigo externo, e nunca o interno. Há que se considerar a psicologia das massas, dos governos e, assim, fazer a desconstrução para perceber que tais relações não são tão simples e inocentes quanto aparentam ser, entre opressores e oprimidos.

E não é uma nova ideologia que se cria para conter o povo, pois não é possível que seja assim, pois isto exigiria uma produção imensa de novos

conteúdos enquanto se está a lidar com os conteúdos existentes, que não podem ser simplesmente “apagados”. Por isso, é usada a ideologia que já existe, mas ainda mais distorcida, subvertida e perversa, desinformada pelo *marketing* ditatorial.

Nas sociedades “livres”, há o *marketing* capitalista, de forma geral, principal arma das ditaduras do consumo neoliberal, que também aprisiona, pela aderência ao sistema que é eficientemente provocada pela certeza cultivada da necessidade constante do consumo. Viver passa a ser consumir – e paga-se por tudo, até pela própria existência. Para pagar, é preciso produzir. E o ciclo está feito. Fora desta ideologia, e desta aderência, o sujeito ficará desprovido de capital, e assim, de sua capacidade de consumo, e de sobrevivência. Sem recursos, precisará “aderir” ao sistema e produzir, a cumprir o papel que se espera dele: ser um consumidor, e mesmo que pense ser livre ou não, se estiver a consumir, não será uma ameaça ao sistema, pois o produzir lhe tirará as forças, o prostrará a aceitar a mera sobrevivência, e talvez uns passeios na Universal Studios, como se isto fosse o máximo da vida. Mesmo com *bugs* a denunciarem a mentira, passará a desejar aquela ilusão melhor do que a sua. Em todos os casos de organização social, há a desinformação como a base ideológica que permitirá tal organização se constituir e se manter.

E, neste contexto, podemos agora perceber o que é a informação, a desinformação e o *marketing*.

17. Os ideólogos, os anti-ideólogos, a bestialidade ideológica

O conceito de ideologia, surpreendentemente, nem sempre foi ou é considerado relevante para as questões éticas, políticas, sociais, psicológicas, estéticas, culturais, antropológicas ou outras abordagens intelectuais que buscam alcançar o entendimento das diversas relações da vida moderna. Há um certo preconceito intrínseco, e nada bom, quando existem referências à ideologia, em especial nos meios acadêmicos.

Mas, a bem da verdade, a ideologia nunca expressou um único ou restrito conceito, desde que surgiu o termo, mas sim diversos conceitos que evoluíram ou se alteraram, antagonicamente, ao longo dos tempos. Por isso, existem muitas interpretações acerca do que seja mesmo a ideologia, mas todas estas considerações conceituais ainda carregam consigo toda aversão acumulada sobre ela, desde o seu “advento”. E aqui perceberemos o porquê de tal aversão, a colocar a ideologia no rol acadêmico das maldições sociais, tal como fosse ela própria uma espécie de encarnação de satanás, ao qual nem se deve proferir seu nome em voz alta.

Eis que sempre que depararmos com este termo, maldito ou não, há a necessidade de questionarmos sobre qual é o exato conceito de ideologia ao qual está a ser referido. Talvez as ideias anteriores da maioria dos leitores deste livro, sobre a ideologia, tenham resultado em uma surpresa em relação ao conceito que estamos a buscar formar aqui. Pois, até agora, já instanciamos gradativamente o nosso conceito, ainda que não totalmente, e ainda será preciso ir um pouco mais além e perceber sobre o que é que estamos a evocar do cemitério filosófico dos conceitos cancelados que ainda jazem vivos, bem vivos, nas profundezas da intelectualidade contemporânea, à sete palmos de distância dos mais nobres departamentos de investigações das humanidades. A ideologia não é, mesmo, humana. Está mais para desumana, pensam eles. A ideologia parece mesmo uma morta-viva, afinal, que parece morta por ter sido enterrada como indesejável, justamente pela sua própria ação nefasta que continua a influenciar a todos, mesmo enterrada. Ou talvez seja a própria ideologia que cause esta confusão, em que ela própria não seja percebida como tal, e enterra a si mesma, e passa a atuar como fantasma, como uma entidade na qual se faz presente a partir das profundezas temidas pelos intelectuais mais devotos. Como saber? Trá-los-emos à superfície, então, a iluminá-la e a justificar a consistência de nossa construção conceitual e a perceber as nuances que lhe são impertinentes, muitas das vezes. É preciso, primeiro, haver uma dissecação genealógica. E assim se faz necessário abordar aqui as mais significativas atribuições históricas e conceituais que o termo já possuiu até o momento.

A importância da ideologia é, ou deveria ser, considerada fulcral para o verdadeiro entendimento de tudo o que se relaciona com as construções sociais humanas. O surgimento do esforço para o entendimento ideológico – como uma ciência das ideias – buscava não as causas primeiras das relações humanas e sociais, e nem suas origens metafísicas, que são equivocadamente sempre baseadas nas aparências do que é tal coisa, mas a partir do que tal coisa aparenta ser – e isto não pode dar certo, como nunca deu, até agora. Só dá “certo” para os devotos, para aqueles que precisam de uma “verdade”, seja ela qual for. A metafísica não é uma opção, ao menos para o trato da ideologia. Talvez, afinal, seja a metafísica um subproduto da ideologia, e daí passa a ser justificável sua existência. Mas não é da metafísica que estamos a tratar.

A ideologia surgiu com a proposta de compreensão do mundo tal como ele “não” é, e nem do que ele aparenta ser, pois busca-se o que está por trás das aparências, quando existe uma subversão da ordem estabelecida, pela ação do marketing, dos representantes da ordem estabelecida, das leis, das normas ou das demais regras, enfim, das questões relevantes que podem ocultar a realidade. Há a certeza do algo, pois percebe-se este algo pela desordem momentânea, pelo caos inesperado, pelo descontrole furtivo, etc., ainda que não o compreenda bem, o algo existe e perturba toda a ordem estabelecida, e todo o fluxo de pensamentos. É o real – lá está, a ser obscurecido pela ideologia.

Mas, por que querem ocultar a realidade? Pois o real é indesejado, caótico e impenetrável. O real é insuportável para qualquer um, pois é indecifrável e um nada que tudo contém. E o incauto pensador pode perguntar: mas, se o real é assim, e é a ideologia que nos livra deste mal, então ela não seria algo necessariamente bom para nós? E eis uma pergunta capciosa, carregada de ideologia, e que correríamos o risco de cair no centro do dualismo moral com esta questão.

A questão não é sobre ser bom ou não, mas sim sobre o conhecimento acerca da realidade, e da “irrealidade”. O quão distorcidos estamos da realidade? Há um nível ideológico excessivo que pode nos levar a uma dimensão na qual nossa sociedade passa a ser autodestrutiva? A questão sobre a ideologia não é moral, mas sim funcional, em tempos que exigem uma correção da visão das relações estabelecidas, pelos sintomas que são muito preocupantes. É a velha questão sobre o que seja remédio e o que seja veneno, e a diferença entre os dois se baseia na quantidade da dose considerada a ser ministrada: na justa medida, remédio; em excesso, veneno.

Em que ponto estamos a ser envenenados pela ideologia? O que deixamos de viver, exatamente, por uma dose mais concentrada dela que estamos a “tomar” e que podemos não estar a perceber? Ou, se for insuficiente, o quão poderemos sofrer de consequências em um mundo sem ideologias? É sobre

este ajuste que estamos a considerar aqui: primeiro descobrir sobre o princípio ativo da ideologia, e depois sobre a dose ideal que precisaremos ter – nem sobre o bom, nem sobre o mal, mas sim sobre o funcional. Por isso, é preciso perceber a ideologia para ajustar a visão que temos de mundo, e de nossas relações. A quem, afinal, estamos a servir? Por que fazemos o que fazemos? E, principalmente, por não fazemos o que deveríamos fazer?

O historiador norte-americano Emmet Kennedy, considerado um dos mais relevantes pesquisadores do conceito da ideologia também questionou³⁰ sobre «*como poderia o conceito da ciência das ideias, cujas contribuições foram tão amplamente estudadas para a Psicologia, a Fisiologia, Antropologia, Medicina e Ciência Política, puderam tão rapidamente adquirir um sentido pejorativo?*» e é sobre isto que também poderemos perceber esta disformidade conceitual que impõe uma ideologia até mesmo ao próprio conceito da ideologia, dado que nos faz parecer que há mesmo, em tudo, sempre alguma ideologia envolvida a nos atrair ou repelir.

O termo ideologia foi um neologismo anunciado em 20 de junho de 1796 pelo filósofo francês Antoine-Louis-Claude Destutt, o conde de Tracy, conhecido por Destutt de Tracy. O termo foi criado com a intenção de se distanciar das obsessivas (ou ideológicas) relações causais que existem na metafísica, por esta ser sempre desacreditada por ser carente de evidências, que acaba por se transformar quase em um ato intelectual de fé, em que se busca uma causa nas coisas e, a partir daí, a causa vira efeito, e busca-se uma nova causa, até que se chega à causa primeira de tudo, que invariavelmente é sempre atribuída a alguma instância não física, ou para além da física, talvez divina, ou quem sabe alienígena, mas sempre creditada a um ser superior a tudo o que existe. Suposições sem evidências, suficientes para uns, insuficientes para outros. A crítica, novamente, não é aos devotos, mas sim ao que leva à devoção. Na selva, afinal, todos são bem-vindos, como bem vimos na introdução.

O que leva uma presa à selva, se lá será virará alimento? Não leva, pois lá é o seu habitat natural – já nasceu ali. A questão mais acertada é sobre o que mantém o predador na selva, e a resposta é a própria existência da presa por ali. Parece algo injusto, mas temos de perceber que todo predador é também uma presa. E há uma dinâmica nesta organização que tudo fica como sempre esteve, com pequenas evoluções que se tornam grandes com os milhões de anos de existência. Estamos numa selva, e cá estamos por que é o nosso habitat natural. Precisamos perceber os predadores que não estamos a ver, mas estão a aguardar-nos para suas refeições. A autoajuda fará você acreditar que é um predador. A autodesajuda deveria considerar que você

³⁰ KENNEDY, E. (1979). “Ideology” from Destutt to Marx. *Journal of the History of Ideas*, 40(3), 353–368. <https://doi.org/10.2307/2709242>.

pode ser uma presa iludida. A autodesajuda é sempre mais valiosa na vida real, na selva. Mas, não queime seus livros de autoajuda, apenas disponibilize-os para suas presas se distraírem. São tais “versões” da realidade que precisamos ajustar. É sobre isso que precisamos perceber, e é sobre isso que Destutt tentou se posicionar.

E ele também desejou distanciar-se da Psicologia que, à época, era bem diferente do conceito atual e implicaria em um conhecimento que ninguém poderia reivindicar para si, dado o aspeto intimista das experimentações então ditas psicológicas, todas aos níveis individuais e sem a capacidade de serem avaliadas objetivamente. Ele não quis que a ideologia se pautasse nesta busca psicológica então vigente, centrada nas teorias dos empiristas John Locke e Étienne Bonnot de Condillac, ambos com teorias limitadas ao nível do indivíduo e nada suficientes para o que Destutt ambicionava, nas relações que considerava existir entre todos, e para além de todos.

A ideologia foi uma tentativa realmente iluminista e que está nas raízes do Positivismo, e surgiu para se levar à compreensão dos movimentos populares e políticos e com claros interesses em criar meios para sustentar a então recente revolução ocorrida em França, na qual o próprio Destutt participara, em um período de imenso turbilhão social e político com reflexos profundos no mundo, que perduram até os nossos dias. Atualmente, mais de dois séculos depois, podemos perceber que a transformação veio da noite para o dia, mas todo o processo levou anos, décadas, e com níveis crescentes que facilitaram uma observação quase material das ideias vigentes. Estavam a ferver, a pulular, e Destutt foi capaz de organizar tudo de uma forma inédita. Mas, se havia a intenção política em seus estudos, e esta é inegável, podemos afirmar que não era apenas esta a sua ambição, dada pelo legado intelectual de sua produção acadêmica, pois também desejava abrir um campo científico de estudos para além das questões políticas.

Foi um passo muito importante para a compreensão das relações humanas e fez com que Destutt tivesse tanto destaque com suas ideias ao ponto de ter sido sentenciado à prisão pelo advogado e político francês Maximilien Robespierre, o recordista das condenações que levaram à guilhotina e responsável pelo período de terror pós-revolução. Robespierre era resoluto aos “famosos” e “influentes”, pois sofria de uma fobia contra tudo o que lhe ameaçasse o poder e, assim, qualquer um que ele entendesse que pudesse vir a ser uma ameaça, era logo sentenciado prisioneiro a esperar vaga na guilhotina. Destutt escapou por pouco, por muito pouco, da guilhotina. Assim que Robespierre provou de seu próprio remédio, ao ser ele próprio guilhotinado, Destutt foi solto, em posse de sua cabeça, e retomou à divulgação de seus estudos. Assumiu com destaque importantes cargos científicos até a chegada de Napoleão ao poder, quando sofreu novo revés e imensa resistência política.

Os estudiosos e defensores do conceito da ideologia sempre receberam um grande desprezo pelas classes políticas dominantes, e também, obviamente, pelos seguidores das ideologias dominantes, que são os que mantêm a ordem estabelecida e o próprio governante no poder, em seus nomes. Por isso, naturalmente, uma ferramenta que mostra as entranhas e as fragilidades do sistema só passa a ser conveniente à oposição, à resistência existente à ideologia vigente. E este é o cariz antagônico natural que possui toda a ideologia – seja política, econômica, religiosa ou social. Assim, não era apenas Destutt o inimigo dos líderes políticos, mas ele e também todos os demais intelectuais que tinham consigo a capacidade de conhecerem as verdadeiras intenções por trás das alegorias políticas do poder revolucionário vigente, que ainda estava a se consolidar, e com muitas das inconsistências remanescentes da extinta monarquia. Foram tidos como perigosos, como ameaças, pois isto poderia trazer um novo caos.

A análise ideológica sempre se mostrou como um instrumento capaz de revelar as verdades por trás das aparências, de subverter a subversão existente, e isto é algo que está em seu DNA conceitual e que pode fazer, em certas condições, com que a ordem artificialmente estabelecida possa vir a ruir e, por isso, passa a ser uma ameaça e faz com que seus representantes dominantes resistam a todos que queiram realizar tais aproximações analíticas dos seus discursos e atos, a partir de uma hermenêutica ideológica. Não há como negar tal característica reveladora intrínseca ao conceito da ideologia, já neste seu primeiro momento de “vida” e que, por isso, naturalmente foi logo depreciada pelas instituições do poder dominantes ou supremacistas.

Destutt, ao perceber a resistência do poder político, reacionário, ajustou gradativamente seus estudos para uma aplicação mais política das possibilidades da ideologia, ao se cercar de seguidores e estudiosos afins que lhe colocaram no centro de um movimento”, talvez com ambições pessoais, em que se afirmava como um “ideólogo, um novo termo que abriu uma dimensão ontológica à nova ciência das ideias, mas também que logo passou a ser pejorativo pelas posições reacionárias de Napoleão Bonaparte, após o seu golpe de Estado de 18 de brumário, justamente apoiado pela sua capacidade de levar alguma estabilidade à Revolução, em um dos mais incertos períodos políticos que pareciam mostrar a vulnerabilidade da situação vivida, com a contribuição dos próprios ideólogos. Obviamente, Napoleão se beneficiou desta fragilidade exposta e se posicionou como o estabilizador, e que logo percebeu que precisava minimizar os danos e ataques políticos que poderia sofrer internamente, como excelente estrategista que foi. Os ideólogos mereceram logo sua atenção, e também logo sucumbiram, pois não tinham o capital político, nem a astúcia, de um Napoleão para lhes fazerem frente. Qual seria a exata intenção política dos

ideólogos, nunca saberemos, mas a verdade é que o domínio do conhecimento sobre a ideologia dá uma vantagem considerável no exercício político. E isso logo Napoleão apreendeu, e usou da ideologia para seu próprio interesse. Mais poderosa que a ideologia, é a força que é dada a seu representante, pelas normas, pela ordem estabelecida. E, lembremos, estamos a falar de Napoleão, um colosso político.

Percebemos assim que sempre, para os governantes, o estudo da ideologia é, no mínimo, “desconfortável” ao prometer “enxergar” a verdadeira realidade, ao “desnudar” o Rei. E, quem está a sustentar o poder, como classe dominante, obviamente, também ficará resistente à visão ideológica da realidade apontada contra o poder instituído. Mas, tal como as armas, só são consideradas perigosas quando em posse de terceiros. Para alguém que possui uma arma, a periculosidade lhe parece menor, e será menor ainda se mais ninguém possuir nenhuma arma. Contra o poder dominante de Napoleão, o conhecimento da ideologia tornou-se perigosa nas mãos da oposição; mas em suas próprias mãos, a seu próprio favor, foi-lhe muito conveniente. Algo surgiu daí, desta apropriação ferramental do conhecimento instrumental da ideologia pela política, antes uma quase “exclusividade” das religiões, e muito do que justificou a ascendência destas ao poder, a sobreporem-se ao poder político dos monarcas. E tudo mudou, desde então.

Não sabemos se havia uma intenção anterior, desde os tempos de Robespierre, ou talvez antes, ou se foi uma reação à reação de Napoleão, mas o facto é que o exercício ideológico passou a ser também uma forma de política social feita por Destutt e seus correligionários, tanto por intelectuais nobres como por uma minoria de burgueses, que tinham menores influências no poder estabelecido e que desejavam transformar a França pós-revolução, gradativamente, com claros interesses ou propensões republicanas, a gerarem mais instabilidades, e foi o que causou o temor de Napoleão, obviamente, pois estes estavam infiltrados em muitas das instituições existentes. Habilmente, sem fazer a cruzada guilhotinadora feita anteriormente por Robespierre, o estrategista Napoleão se posicionou a desvalorizar e a tornar pejorativos os conceitos ideológicos, ao levá-los ao ridículo, com declarações que passaram a fazer com que os ideólogos fossem reconhecidos como tolos, subversivos, ateus e antipatrióticos. E parece ter funcionado muito bem, a sufocar-lhes os campos de atuação e a serem obscurecidos com acusações de serem eles próprios metafísicos, justamente o que estavam a tentar combater. Foi relativamente fácil para Napoleão, pois ele estava a representar a própria ideologia vigente e majoritária.

Em um discurso feito aos prussianos, em 1808, ele alertou sobre os ideólogos, e este trecho nos faz perceber bem sobre o eficiente uso da ideologia vigente, como da manutenção da ordem social e do cristianismo,

que ecoou positivamente na maioria mantenedora do poder: «*Tenho alguns [ideólogos] em Paris. Eles são sonhadores e sonhadores perigosos; são todos materialistas disfarçados, mas não muito disfarçados. Senhores, os filósofos se atormentam para criarem sistemas; eles procurarão em vão um melhor do que o cristianismo que, reconciliando-se consigo mesmo, é o que nos assegura tanto a ordem pública quanto a paz dos Estados. Estes ideólogos destroem todas as ilusões, e a era das ilusões é para os indivíduos o que é a era da felicidade para os povos*». Logo percebemos que por tais reações, a envolver a opinião pública, os poderes religiosos, e muitos dos que não conseguiam compreender os conceitos ideológicos, os ataques constantes e ultrajantes foram eficazes para, gradativamente, segregarem politicamente os ideólogos e, obviamente, suas teorias. E a ideologia foi parar no tal cemitério dos mortos-vivos, e ficou por lá, desde então, a reaparecer por breves momentos.

Décadas depois, entre os anos de 1845 e 1846, Marx e o filósofo também prussiano Friedrich Engels escreveram a obra «A Ideologia Alemã» e que só foi publicada no ano de 1932, em Moscou. Este *gap* de quase um século, entre a escrita da obra e a sua publicação, levou a um facto muito interessante e curioso sobre o conceito da ideologia sob a visão marxista, que em um primeiro plano houve a própria aplicação dos conceitos ideológicos vislumbrados por Marx e Engels e usados pelos mesmos, em todos os seus textos; e, para além deles, houve uma outra utilização, feita pelos seus pares, ou influenciados, que desenvolveram suas próprias percepções conceituais acerca da ideologia, mesmo sem terem acesso ao pensamento original da conceituação ideológica feita por Marx e Engels. É como se o conceito de ideologia ficasse em aberto, e todos os utilizassem, mesmo sem terem definido, precisamente, ao que se referia, e a qual propósito servia. O conceito da ideologia passou a ser ainda mais plural, a partir daí.

Marx não pretendeu criar ou destruir nenhuma ideologia, capitalista ou não, a princípio, mas apenas evidenciar o que era a ideologia e as tentativas de manipulação que estava a existir, e ele apenas queria expô-las e, a partir destas evidências, elaborar uma crítica mais profunda e objetiva sobre os elementos constituintes da ideologia. O livro finalizado em 1846 não foi publicado, como sabemos, mas em 1859 Marx publicou um outro livro muito importante em sua Filosofia, que foi “Para a Crítica da Economia Política”, em que apresenta a definição de superestrutura, a justificar uma dimensão em que as estratégias de dominação se fazem presentes com instrumentos que capacitam a manutenção do poder como este se constitui. Mas, a bem da verdade, há ainda muita discussão sobre a superestrutura, onde se instanciam, por exemplo, os governos, e como formam e influenciam as infraestruturas, e como se dá essa “liga”. Obviamente que uma observação mais detalhada

desta dinâmica nos levará a perceber que a causalção imanente pode ser perfeitamente aplicável entre infra e superestruturas.

E a superestrutura foi conceituada como o mundo das criações ideais, do conjunto de representações de conceitos e de simbologias que formam a ideologia e é justamente isso que leva a uma “falsa consciência” sobre os processos inseridos na própria superestrutura, e que facilmente atingem as infraestruturas. Mas, como dito, Marx não condena nada, nem censura de imediato, mas apenas oferece uma crítica que permite, através da própria ideologia, perceber as inconsistências e incoerências que há principalmente nas relações econômicas, até mais do que nas sociais, quando só assim se é possível conhecer as contradições existentes no sistema de vida, em especial nas subversões que fazem com que nada se pareça ser o que se é, de facto, quando desconstituído do viés ideológico.

Por isso é que Marx ampliou bastante sua conceituação sobre o tema no livro sobre a ideologia – a buscar formas de “desconstituir o constituído”. Mas, como não houve acesso às suas fundamentações teóricas puras sobre a ideologia, mas apenas a tudo o que ele fez indiretamente e que passou a estar inserido em toda a sua obra posterior, nas críticas que viria a fazer e que estavam impregnadas do desmonte ideológico que ele estava a propor, para que se pudesse perceber como as coisas são, na realidade, para quem ou além das questões econômicas nas quais se fundam os parâmetros ordenativos. E todo este seu processo de exercício prático das fundamentações ideológicas deu ao intelectual ideólogo uma nova atribuição, que é investigar tais contradições a partir dos aspectos econômicos, primordialmente, e depois os sociais, e não apenas os políticos, como antes era priorizado por Destutt. Marx fez com que o leque da ideologia se ampliasse, mas ainda com um foco, que saiu do político para o econômico. Ainda que seus seguidores tenham trilhado outros caminhos, distintos, talvez por não saberem dos fundamentos conceituais adotados por Marx, também trilharam percursos semelhantes para atingir o mesmo objetivo, mas talvez com maior peso político na equação, a se diferenciarem de Marx. A ideologia não é uma criação marxista, mas foi justamente o marxismo que ampliou sua abrangência, para além das dimensões prioritariamente políticas. Eis o mérito que não pode ser negado, independente de que estejam as argumentações marxistas válidas ou não, de que suas premissas e conclusões sejam verdadeiras ou não, o contributo de Marx para a ciência da ideologia é incontestável.

Mas não é este o consenso no meio intelectual, que colocam a ideologia como coadjuvante, pois o que sabemos, afinal, é que todo este esforço marxista feito no passado, distorcido ou mal interpretado, nos chega atualmente como que resultasse em uma propaganda positiva e doutrinadora sobre a tal da “ideologia comunista” deles, em que parece que há nela algum

tipo de estratégia oculta e demoníaca para levar a alguma revolução que dará lugar a uma forma retrógrada de vida, como um todo. É a volta do agouro napoleônico, mais forte do que nunca. Há um certo medo em alguns até em falar em coisas ideológicas, como se estivessem a pecar e temessem ainda mais a chegada do juízo final. Chegou a um ponto messiânico ir contra a ideologia marxista, que assumiu ela própria, um espírito ou *gadget*, uma corporificação do materialismo extremo e radical. Há alguma razão no temor, mas tão pouca que é quase nenhuma, afinal. E nisto já está perceptível a ação do marketing ideológico, que logo trataremos melhor. Há, assim, a mentira sobre algo, a diferenciar-se sobre a falsa consciência sobre o mesmo algo, e que Marx começa por diferenciar. Há a canalhice e há a ação na perspectiva, na ingenuidade, se pudéssemos atualizar os termos. Provoquemos Marx.

- Camarada Marx, perguntamos se Adam Smith, o supremo ícone do pensador capitalista, era um mentiroso ou alguém com falsa consciência? O que nos responderia acerca disso? Eis uma questão excelente que não precisa ser refeita, pois já foi respondida por ele, de alguma forma. A mentira, desta maneira, passa a ter uma diferença clara em relação à “falsa consciência”, e Marx faz questão de separar uma da outra.

E ele pondera que, por exemplo, Adam Smith, ao escrever conceitualmente sobre as novas formas de mercantilismo que estava a presenciar em seu tempo, no qual: havia a formação mais consistente e organizada do que conhecemos atualmente por mercado baseado no capital; cujo meio monetário, a moeda, era capaz de facilitar e escalar as trocas mercantis que antes se baseavam no escambo; e que tais comércios passaram a ser facilitados pelo dinheiro circulante, e prosperaram; e tinham um ponto central físico nos quais os negócios eram concretizados pelos vendedores e compradores presentes no local; a negociarem seus produtos pelo melhor que conseguiam – o vendedor a maximizar os preços e os compradores a minimizarem seus gastos – e foi esse conjunto complexo de negócios baseado em interesses o que nomeado de mercado.

Assim, com as negociações livres a decorrerem no mercado, percebeu-se, já nos tempos de Smith, que todos por lá possuíam interesses meramente individuais, egoístas, a serem investidos de uma necessidade de obterem o máximo pelo que tinham. E, neste caso, surgiu a questão de como ficaria a sociedade, o que isto beneficiaria o coletivo? Pensemos que a cultura cristã rapidamente fundamentou tal arguição, pois havia a acumulação de capital por uma nova instituição que estava a surgir, a burguesia. Não há dúvidas que tanto a nobreza, quanto o clero, mais estes em detrimento das questões “morais”, se impuseram e arguíram tais práticas comerciais. Smith respondeu a esta questão, e a crítica de Marx é sobre respostas a questões como esta, em que coloca em pauta se a posição assumida frente a um cenário deste era

mesmo ingênua ou canalha, nos termos mais atuais, obviamente na perspectiva marxista. Mas, voltemos ao mercado.

No complexo que chamamos de mercado há a concorrência, em que são muitos compradores e vendedores, simultaneamente a negociarem. E isto, todavia, levou a uma necessidade de otimização do produto, antes mesmo que este chegasse ao local de negociação. E isto significou minimizar os custos e os tempos de produção e maximizar as receitas obtidas com as mercadorias – quanto maior o lucro, melhor. E o lucro passou a ser a meta dos capitalistas: produzir mais, por um custo menor, em menor tempo e garantir que o produto seja vendido pelo máximo possível – e assim ainda é o ideal capitalista. Decorreram, daí, novas relações de otimização de produção, que levou à exploração extrema e “desumana” da mão-de-obra alheia, parte dela infantil, e mais processos produtivos com uso de novas tecnologias, mecanização, e tudo o que fosse possível para que se pudesse produzir mais rápido e barato, e em escala. O resultado foi o trabalhador expropriado de seu próprio trabalho, de sua própria mercadoria, pois passou a gerar a riqueza do capitalista ao garantir-lhe o lucro, pela mais-valia subtraída de seu trabalho, e todo o processo levou à alienação, muito mais para os trabalhadores, mas também para os próprios capitalistas, que ficam à mercê do próprio capital e do proletário, quando o capital passa a dominar as ações humanas – e a ser o gestor e o centralizador de todas as relações sociais – em prol de si mesmo. Uma relação que leva aos excessos das ofertas dos produtos e à escassez da condição humana, que fica submissa ao sistema produtivo, em síntese. E tudo isto, a princípio, foi causado pelo próprio egoísmo humano, quando o homem passa a destruir a si mesmo, a alienar-se, segundo a visão marxista.

Mas isto era sabido ao tempo de Marx, na perspectiva dele, nos resultados que o capitalismo já estava a produzir. Sua justa crítica a Smith, afinal, levaria em consideração a perspectiva deste, a seu tempo, como era esperado ser. E Smith considerou que tais formas egoístas e individualistas dos capitalistas fossem meramente intermediárias, mas não finais, ao propor que haveria uma “mão invisível” do mercado que lhes orientariam, sem que percebessem, a uma direção racional, ao bem maior, para todo o processo que estava a ocorrer. Apesar dos seus egoísmos evidentes, estas individualidades egoístas eram, elas próprias, instrumentos autorizados e necessários da tal força oculta do mercado se estabelecer, e assim considerada por ser suficiente para fazê-lo crescer e distribuir riqueza para todos, posteriormente. E esta argumentação não foi muito diferente do que depois viria a surgir com Hegel, pois não seria estranho pensar que Smith atribuiu à mão invisível do mercado uma função precursora e “altruísta” do que viria a ser chamado de espírito racional e, no caso do egoísmo do capitalista, viria a ser algo como a astúcia da razão, afinal – de uma liberdade ilusória e inofensiva à racionalidade

maior do sistema estabelecido. E, assim disposto, percebemos já uma das razões “ideológicas” pela ojeriza de Marx em relação ao pensamento *hegeliano*, depois de ter mergulhado profundamente nele, bem como a maioria intelectual da época, na qual Hegel era quase uma unanimidade.

Mas tal ojeriza não é direcionada a Smith, ao menos nesta questão, pois não há uma condenação ou acusação para o pensamento “delituoso” de Smith, dado que este deveria ser encarado como resultado de uma falsa consciência, e não uma de mentira. E a falsa consciência que ele teve ocorreu pela subversão da própria ideologia capitalista que estava a “nascer” e na qual Smith não apenas estava inserido, mas também estava a produzir e a reproduzir, pois ele acreditava mesmo no que estava a dizer, e isto era algo que representava o seu momento de vida, na perspectiva ideológica na qual estava inserido e subordinado – o capitalismo, ao seu tempo, ainda era uma linda cria selvagem de um rebento, sem dentes, ainda dependente, mas que logo comeria a todos, a começar pelos seus irmãos. Smith não teria como prever, afinal, que aquela linda cria seria tão furiosa e eficiente nas suas intenções. Há, assim, a assunção de uma ingenuidade no julgamento que ele fez, pela falta precisa da visão que estava a ser formada.

O problema ocasionado pelas formas de pensamentos ideológicos semelhantes às de Smith é que se justificam e validam as diferenças sociais, estoicamente. Sem estas falsidades, o proletário perceberá sua condição, e toda a exploração a qual está submetido em troca de sua sobrevivência, quando muito. Esta exploração, a partir de uma hermenêutica da falsa consciência, passa a ser natural e justificada. Há um propósito maior para ela ocorrer, dado pela mão invisível que, no futuro, direcionará a todos ao progresso do paraíso capitalista. E voltamos às questões iniciais: o quão prejudicados estamos, com a falsa consciência que temos, tal como Smith as tinha?

Mas, o que dizer sobre o clero? Pois, de alguma forma, percebiam o processo por fora da ideologia capitalista. E sobre a nobreza? Há, talvez, novas questões que podem ser feitas e respostas que certamente divergirão, pela diferenciação de perspectiva em relação à Smith.

A mentira pode ocorrer a partir da própria influência ideológica, mas se dá pelas manipulações conscientes realizadas, que são as perversões ideológicas, quando tudo passa a ser usado para manutenção do *status quo*. A ideologia nunca age diretamente, pois é um espírito, ou um *gadget*. Quem age, age em nome dela, “influenciado” por ela, como já vimos – o dolo é do agente, do médium, portanto, ainda que suportado e justificado pela ideologia. Assim, há um agente que perverte o que há, que possui intenções determinadas e usa da mentira para atingir o objetivo desejado, em nome de alguma outra coisa superior a si.

Atualmente, em contrapartida, na nossa perspectiva contemporânea, atribuir à mão invisível do mercado um poder de equilíbrio vislumbrado por Smith, como muitos ainda fazem, já passou a ser algo inaceitável, pelas evidências que tanto corroboram contrariamente a tal hipótese como, por exemplo, a desproporcional e ainda crescente concentração de riquezas que podemos perceber com uma minoria – que são os egoístas do passado “bem sucedidos” que não foram conduzidos por nenhuma mão para a promoção do bem geral. E, estatisticamente podemos projetar e perceber que esta situação ainda piorará ainda mais – e a tal mão, nunca ninguém viu, pois é mesmo invisível, ou mais provavelmente inexistente. Mas, ainda há quem defenda tal visão claramente mentirosa: fazer o bolo crescer para a fatia de cada um ser maior. Falta saber qual seria o sabor deste bolo, pois parece ser bem azedo. Os progressos sociais existem, o nível geral melhorou muito em muitos lugares, mas está muito longe do ideal proposto, do sonho universal capitalista prometido. Existem graves problemas, e não são nada simples para se resolverem. Portanto, a argumentação da mão invisível é atualmente, no mínimo, mentirosa.

Esta é a diferença fundamental entre a mentira e a manipulação *versus* a falsa consciência que há. São processos, em ambos os casos, conscienciais: na mentira a consciência está ativa e opera propositalmente a realidade já percebida como distorcida para manter tudo como se está ou distorcer ainda mais o que há; na falsa consciência, age-se conscientemente a partir de uma visão assimilada inconscientemente, de forma ingênua, da realidade, sob o filtro da ideologia.

Adentra-se, então, assim, às questões éticas e morais, e não apenas de críticas ideológicas “puras” – há aqui identificada uma aplicação prática, portanto, para o filtro ideológico, na moral e na ética – ao menos para se perceber se há ou não a canalhice. E este é apenas um dos muitos exemplos em que a falsa consciência passou a ser uma mentira - em que a ingenuidade de uns sustentaram a malícia de outros. A falsidade ideológica está para a ideologia, assim como a mentira está para o *marketing* ideológico. Eis aqui uma analogia muito útil.

Mas, ao retrocedermos um pouco e voltarmos para Marx, percebemos que este adotou um conceito bem mais restrito e formal da ideologia, bem fundamentado e cirurgicamente dirigido para as muitas formas de interpretação da alienação que ele acusa ser o efeito mais contundente das relações de poder com base nas relações econômicas estabelecidas. É por isso que ele fundamenta a ideologia com base em quatro pontos bem distintos entre si, que o levaram a uma conclusão sobre a subversão que ela causa, que é o seu quinto ponto fundamentado, no qual ele baseará toda a sua conceituação de superestrutura.

Os quatro primeiros qualitativos da ideologia são: o (1) ocultamento da realidade, pois ele próprio ironiza o iluminismo ao dizer que a luz também cega e que a ideologia, assim, infantiliza a mente humana; há a (2) inversão da realidade, quando a ideologia defende que o Estado e a Religião são uma expressão invertida do mundo porque são a expressão de um mundo invertido, dado que não é a sociedade que gera o Estado, mas é o Estado que torna a sociedade possível; e há a (3) naturalização do que é artificial, como quando o capital é apresentado como uma necessidade natural e todos passam a defender incondicionalmente tal premissa; e, por fim, a defesa mantenedora de tudo o que existe, quando a ideologia passa a ser uma (4) justificativa para que as coisas sejam como são, como se fosse ela própria a expressão do melhor dos mundos possíveis de Leibniz, ou talvez, mesmo de deus.

Estas quatro dimensões de caráter se afunilam e levam a uma quinta dimensão, que é a (5) subversão ideológica, como podemos perceber em muitas das teorias de Marx, como a própria alienação, em que a ideologia se mostra capaz de fazer com que tudo o que seja particular passe a ser considerado como se fosse algo universal. E eis novamente aí o nosso velho amigo, o famigerado universal!

Assim, podemos perceber como os valores particulares da classe dominante, acusados por Marx como responsáveis pela corrupção do sistema, como por exemplo quando os valores da burguesia passam a serem considerados até mesmo relevantes para os desprovidos de capital, como se o capital passasse a ser a realidade naturalizada e a justificativa para todas as ações que se fazem em função deles, de tais valores. Afinal, são as possibilidades que se mostram revestidas pelos ideais capitalistas, tal como vimos, desde a nossa entrada na selva. Por isso, a ideologia passa a ser reproduzível por todos, que passam a sustentá-la incondicionalmente, mesmo contra seus interesses próprios (como faria a mão invisível, não é mesmo?). São os pobres neoliberais de direita com seus carros financiados a considerarem serem eles mesmo ricos, ou os ricos comunistas de esquerda com seus iPhones a pensarem na revolução – dois exemplos populares, mas completamente inconsistentes, todavia. E assim, a ideologia passa a ser a estabilizadora das relações sociais subvertidas, talvez pervertidas, pela degeneração conceitual que ela própria é capaz de produzir, através dos seus voluntariosos agentes inspirados pelas possibilidades que ela aparenta possuir em torno de si mesma.

Tudo passa, Marx passou, os tempos seguiram adiante, novas décadas vieram, e os relevantes seguidores de Marx que não tiveram acesso aos conceitos fundamentais da ideologia, passaram a percebê-la a partir da derivação dos aspetos conceituais da superestrutura, aos quais pautaram todas as suas fundamentações e desenvolvimentos, inclusive na Segunda e na Terceira Internacional, e sem nunca considerarem os escritos então

inéditos de Marx. E se Marx ampliou o aspeto da ideologia, muitos dos seus seguidores a levaram a uma sintetização, ou a uma redução conceitual, como a muito consubstanciada pelo filósofo húngaro György Lukács, pelo qual a ideologia foi basicamente reduzida a dois tipos de ideologias: a do proletariado e a da burguesia. A bem da verdade, todos os seus contemporâneos tomaram a mesma medida, mas Lukács foi o mais evidente de todos, em relação aos temas reducionistas sobre a ideologia. Fechou-as, talvez intencionalmente, e provavelmente para exauri-las conceitualmente, a explorar ao máximo as duas dimensões dualistas mais relevantes para a percepção do marxismo. E, talvez, tenha feito isto muito bem, ao ponto de ser assim até recentemente, como nos dois infames exemplos citados ainda agora.

Então deixou de haver uma crítica explícita e direcionada à ideologia capitalista, em geral, tal qual era a intenção de Marx em suas fundamentações, e passou a existir uma desconstrução da “ideologia da burguesia” e uma construção da “ideologia do proletariado”, em que os novos ideólogos marxistas passaram a serem tanto construtores, quanto demolidores – mas tudo a nível conceitual, sem nenhuma proposta mais profunda e, por isso, eram eles próprios também reprodutores ideológicos, a atuarem tal qual Marx afirmou que «*os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo*» em seus escritos encontrados nos diversos rabiscos que poucos conseguiam entender tão bem quanto sua filha Eleanor, dada sua difícil grafia. Mas, este pequeno trecho foi considerado a décima primeira das teses críticas dedicadas ao filósofo Ludwig Feuerbach, a mais interessante, aliás.

Lukács, como ideólogo, levou muito a sério sua missão ao fazer evoluir os pensamentos de Marx para um “marxismo ortodoxo”, como definiu em um dos capítulos de seu livro e, juntos com os demais marxistas, em especial dentro do período da Terceira Internacional com o político revolucionário russo Vladimir Ilyich Ulianov, mais conhecido por Lênin, buscou levar o projeto expansivo adiante, com a constituição de um partido formado por todos os partidos comunistas do mundo, e assim buscou a construção de uma nova forma ideológica que transpassasse fronteiras e alcançasse todo o proletariado mundial. O processo expansivo, aliás, já mostra um mesmo processo de internacionalização no qual um produto faz para atingir “consumidores” – e isto envolve, para além das possibilidades do produto, as oportunidades que serão apresentadas para promover o produto – e estamos a falar do *marketing* ideológico. Missão que Leon Trótsky tomou para si, no campo. Incrivelmente, tais movimentos foram oficialmente desmontados por Josef Stalin, mas extraoficialmente sabotados pelo próprio, até mesmo no que se refere ao assassinato de Trótsky. A ideologia é sempre mais perturbadora – sempre – para o poder estabelecido. Até mesmo os ideais revolucionários

“afins” passaram a ser combatidos quando a legitimidade do sistema e da força dominante foi colocada em pauta, dentro das mesmas premissas que deveriam ser comuns aos ideais. E isso é o *marketing* aplicado.

Marx não fez *marketing*, mas uma pura crítica, ao menos sobre a ideologia. Depois dele, os marxistas mesclaram a ideologia com o *marketing*, a confundir ainda mais o que já é tão confuso. O que o capitalismo faz, seu declarado opositor, eles também fizeram: o *marketing* ideológico. Não há, como declarado, nada que não contenha a ideologia, e nem também, o seu *marketing*.

A ideologia então passou a ser considerada parte da instrumentalização contemporânea do Estado e das classes dominantes, tendo o capital por trás desta superestrutura montada para, institucionalmente, garantir a continuidade de exploração da classe proletária e apropriar-se, assim, da mais-valia em prol da reprodução capitalista, a falsear a História e a realidade em prol do *establishment*. Ainda atualmente, os marxistas que restaram, em sua maioria, possuem esta dualidade tanto conspiradora quanto instrumental frente à ideologia: tanto uma busca para desmontar a ideologia burguesa como para construir uma nova ideologia proletária. E o fazem da mesma forma que buscam combater: a atacar a ideologia capitalista sem perceber que deveriam atacar o *marketing* ideológico produzido. Há substanciais diferenças, embora dissimuladas.

Depois dos marxistas, das Internacionais, mais algumas décadas se passaram. E logo o livro *A Ideologia Alemã* foi publicado, novas abordagens sobre a ideologia apareceram, e muitas críticas aos conceitos marxistas então considerados foram produzidos. A ideologia chegou, até mesmo, à psicanálise, através do psicanalista francês Jacques Lacan.

Para percebermos a transformação da ideologia, que foi capaz de ultrapassar o marxismo e chegar a ser um conceito até mesmo capaz de ser abordado filosoficamente, mas através de uma hermenêutica psicanalítica, ou vice-versa, será preciso perceber a inserção de novos atributos que foram introduzidos, como fez o filósofo Louis Althusser e que, depois, ou melhor, recentemente, nos tempos atuais, ainda está a fazer o filósofo Slavoj Žižek, que fez a ideologia avançar ainda mais nas suas formas conceituais.

Até então, com os marxistas, e antes de Althusser, a ideologia era, mesmo com suas diferentes formas, conteúdos e intenções, conceituada a partir dos sinais de manifestações que o sujeito identifica em relação à sua própria existência – aquilo que o conecta a um determinado grupo, por exemplo, proletariado ou burguesia. E isto era percebido apenas nos níveis imaginários, que são os sinais percebidos das representações das ordenações simbólicas existentes no mundo. E isto tinha uma correlação com a ordem, com as regras, leis e todas as formas de relações institucionais. Uma relação

de um todo com cada uma de suas partes, por assim dizer. Imaginário, pois estamos ainda a considerar o nosso velho e bom espírito obsessivo.

Althusser quebra esta institucionalização ideológica e passa a inserir o atributo de relacionamento ideológico, com a qual o indivíduo se relaciona com uma ou mais ideologias, que deixa de ser uma mera representação imaginária e passa a ser a própria relação do indivíduo com as suas próprias condições de existência, a dotar a ideologia de capacidade de movimentos, de fluxos e, também, de instabilidades, de possibilidades de mudanças e transformações.

Althusser modificou sutilmente a noção anterior, mas com resultados e desdobramentos profundos ao assumir sua primeira tese: «A *Ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência*». Para ele, a ideologia não foi considerada uma representação imaginária, mas a representação das relações imaginárias dos seres humanos com as condições sociais de existência. Isso quer dizer, dentre tantas coisas, que a *I*deologia (a majoritária, grafada com “i” maiúsculo) é algo positivo, que na sua forma mais geral representa a realidade para que possamos nos relacionar com ela. E isto, basicamente, traduzimos até aqui pela inserção do conceito das possibilidades, que é uma derivação desta interpretação *althusseriana*, como agora percebido. O que ocorre, nesta Ideologia superior, ou geral, é que há uma representação simbólica da realidade, mas não é mesmo a realidade, visto que não teríamos como nos comunicar com ela, ou interagir de forma conveniente, até mesmo pela impossibilidade da linguagem, por exemplo.

A realidade – o real – não é apenas a impossibilidade da linguagem, mas de toda a impossibilidade. A *I*deologia de Althusser não é necessariamente uma possibilidade, mas sim uma negação da impossibilidade, uma impossibilidade da impossibilidade – e, portanto, uma falsa consciência do real. Por isso, aparenta ser boa, pois dá a impressão da possibilidade. Logicamente, a negação da negação é uma afirmação. E por isso, há a predileção pelo positivo, pelo belo, pelo possível. A *I*deologia passa à condição de queridinha.

Além da Ideologia, há para Althusser a ideologia, que é aquela, ou aquelas, nas quais já nascemos inseridos, sem opção de escolhermos, e somos criados desde sempre dentro dela. O que chamamos até aqui de alocação existencial. Alocação, pois, a função desta ideologia, em nossa análise, é alocar o sujeito dentro da estrutura. E é esta alocação, por vezes suspeita, que nos faz, afinal, surgir o inusitado estranhamento nas situações em que vencemos, mas não achamos realmente boa a vitória – e vem a hesitação em prosseguir, pois passa a ser um ato de resistência ideológica, ainda que momentânea. Althusser não recorreu a tais conceitos, como alocação ou possibilidade, nem oportunidades, visto que é nossa iniciativa, mas ele foi

além, ao estabelecer que a Ideologia opera e se legitima a partir dos aparelhos repressivos e dos aparelhos ideológicos de Estado, quando a repressão é uma força coercitiva e os aparelhos de Estado são as instituições que educam o sujeito ideologicamente, ao ponto de não ser necessária a coerção. Daí percebemos no primeiro caso a polícia, as forças armadas, as muitas formas de multas/coimas ou quaisquer processos de vigilância. E, no segundo caso, temos as religiões, escolas, etc., que propagam a ideologia e fazem o sujeito continuar interpelado (o que chamamos, até aqui, de aderente) à estrutura. Afinal, consideramos que este sujeito, ao passo que fica mais aderente e alocado, passa a ser mais um objeto ideológico do que um sujeito, pois será uma peça na engrenagem, ou um tijolo na parede, na visão poética do músico inglês Roger Waters, da consagrada banda Pink Floyd.

E acrescenta Althusser, aproximando-se ainda mais do neurologista e psiquiatra austríaco Sigmund Freud, que *«eis porque me considero autorizado, ao menos presuntivamente, a propor uma teoria da Ideologia em geral, no mesmo sentido em que Freud apresentou uma teoria do inconsciente em geral»* e prossegue ao reafirmar, tal como os marxistas anteriores, que elas são concessões de mundo, ao estabelecer que *«contudo, embora admitindo que elas [concessões de mundo] não correspondam à realidade, portanto que constituem uma ilusão, admite-se que fazem alusão à realidade, e que basta [interpretá-las] para reencontrar, sob a sua representação imaginária do mundo, a própria realidade desse mundo»*. E isso é possível ao considerar a ideologia como uma ilusão ou alusão, mas que antes de tudo é uma relação entre o próprio indivíduo e o mundo. O que Althusser pretendeu, afinal, foi genial, que é uma forma de nos relacionarmos com a realidade, mas a partir da própria Ideologia – na qual ela assume uma função de meio, não de fim.

A ideologia em geral, atualmente, é sincretizada perceptualmente como aquela que nos leva todos a priorizar o capital – as formas neoliberais de reprodução ideológica que nos permite integrarmos na macroestrutura mundial. O capital, aliás, não é também um fim, mas um meio. O dinheiro, para a esmagadora maioria, não é realmente desejado. O que esta maioria deseja, é o que se pode fazer com o capital – são as possibilidades que virarão oportunidades, tal como ocorre com os VIPs, sem privações entre eles e as possibilidades. O capital, a rigor, é mais uma oportunidade do que uma possibilidade, um mediador, mas que nos liga, mais do que tudo, às possibilidades. E essa visão do capital como meio é mesmo ideológica, obscenamente ideológica. Pois, para ser meio, ele vira antes um fim. E, fica-se por aí, sem nunca o ter, mas sempre a buscá-lo, pois há a crença nesta possibilidade. E a vida a seguir, e a morte a chegar.

Outra forma, menos certa, é a figura de divindades. Entre o capital e a divindade, optam-se pelas duas, obviamente, e a combinação nos leva aos

extremos que temos aos montes em nossa História, nas distorções que vivemos desde sempre, entre cruzadas, guerras, genocídios, holocaustos, etc. Alia-se a vida próspera com a continuidade da vida no pós-morte, na eternidade no paraíso garantida pelas divindades. O plano parece ser mesmo bom.

Mas, ainda há a questão não respondida: por que a ideologia continua tão desprezada pelos intelectuais? Ainda que ela exista, que esteja sempre presente, quando todos nós a percebemos, em alguns momentos da vida, como nas hesitações, nas suas ruturas, nas muitas fissuras, nas incontáveis brechas e, logo a seguir, ao percebermos o indesejável caos impenetrável do real.

Esta possibilidade conceitual de rutura na ideologia foi muito bem explorada por Lacan, quando atribuiu a esta rutura a possibilidade do impossível, que é o impossível acesso ao real, o que considera ser o caos impenetrável que dará justificação às criações ideológicas, para evitar e fugir desta desagradável dimensão que não conseguimos nem interagir nem compreender. A partir daí, Lacan desenvolveu toda a sua psicanálise em linhas gerais filosóficas com as ideias de Althusser, a dar meios para que o sujeito consiga lidar com este real, com este caos, e perceber a si mesmo a partir das projeções e representações.

Por exemplo, na ideologia religiosa, há o conceito de deus, ou dos deuses, que é “*lacanianamente*” baseado no desejo que este deus terá em relação ao indivíduo, quando se considera que deus supostamente deseja cuidar e proteger. Assim, surge uma função de um “grande outro”, em linhas gerais, que Lacan posiciona como aquele que é o mantenedor da ordem simbólica, do direcionador do discurso, e para o qual todos os crentes passam a se direcionarem e a servirem, supostamente. Mas, é apenas uma relação aparente, um tanto obscena, pois é justamente o contrário que se pretende – quer que o deus idolatrado sirva aos propósitos mais obscenos daquele que o idolatra e que aparente servi-lo. É quando a máxima “*eles sabem, mas fazem da mesma forma*” se faz pertinente. Com deus, até mesmo os seus mandamentos supostamente inflexíveis – como não matar – podem ser executados se em nome dele, pela sua causa. A permissividade se faz possível, assim. Pode-se dizer que se primou o gatilho da arma apontada ao inimigo, mas quem matou foi deus, pois assim ele quis, pois nada acontece sem seu consentimento – e assim se fez a justiça divina, que pode ser escrita certa por linhas tortas, e não se pode duvidar disso. Há a justiça humana, mas subordinada a tais valores. E, em todo o tribunal, há algum sinal divino ou nas paredes, ou nas vestimentas formais – há sempre o símbolo da ordem superior. E esta é uma função da ideologia: justificar as ações, as pulsões e a vida organizada. Uma refinada teoria que dá uma percepção aprofundada, a nível psicológico, da ideologia e de seus constituintes.

Žižek, por fim, vai para além de Freud e se assenta fundamentalmente em Lacan, mas com uma hermenêutica *hegeliana*, profundamente dialética, e nesta mistura aparentemente nada ortodoxa, destaca-se o conceito da fantasia, quando Lacan estabelece que a pulsão humana nos relacionamentos ocorre não apenas pelo desejo, basicamente, mas sim no desejo pelo desejo, em que o desejo passa a ser que o desejado deseje a quem esteja a desejá-lo, pela esfera relacional. O indivíduo quer que deus o deseje, que o torne relevante. Pois, assim, não é ele quem deseja deus, mas deus quem deve desejá-lo, e dar-lhe tudo o que for fruição. Se, em Althusser, a ideologia passa a ser um ente relacional, em Žižek, na leitura lacaniana, a própria ideologia passa a ser o objeto da fantasia, na qual se deseja que ela deseje o próprio indivíduo desejante. É a *rave* dos desejos, todos felizes com doses cavalares de *ecstasy* e amor ilimitado entre as batidas cíclicas e psicadélicas. Para uns, o paraíso. Para outros, o inferno filosófico. Mas, como sempre, há ainda o purgatório, sempre o local mais interessante, ao menos na visão que nos foi dada por Dante Alighieri. Não sei se é mesmo assim, mas faz algum sentido. Afinal, até nisto há a ideologia.

Enfim, de volta das divagações dantescas, podemos dizer que a ideologia *žizekiana* passa a ser uma práxis, um fazer, numa dimensão mais mundana e menos epistemológica, e profundamente relacional. Se, em *O Capital*, Marx escreveu que «*disso eles não sabem, mas o fazem*», Žižek demonstra que, de forma geral, “*eles sabem, mas fazem da mesma forma*” e usa brilhantemente de diversos recursos didáticos não convencionais, inclusive musicais de Hollywood, para além das por vezes incompreensíveis teorias lacanianas, para demonstrar que há uma certa subserviência voluntária e consciente à ideologia e que ela é uma forma, inclusive, de autoexpressão por parte do indivíduo. Não há uma inconsciência falseada, mas sim a existência do que pode ser considerado como um espírito obsessivo, a manifestar-se, e que determina a forma como se vê e se percebe o mundo, com a ordem que este quer que seja estabelecida como tal. Ainda que pareça algo metafísico, não é este o propósito conceitual de Žižek. Mesmo que ele não use de tais termos metafísicos, como o “espírito”, ainda assim está bem próximo de Hegel na consideração de um espírito supremo, pois ele é um declarado *hegeliano*.

A ideologia, assim, contemporaneamente, configura-se, antes de tudo, como uma espécie de abrigo para que o indivíduo passe a se sentir “bem” no mundo, para que possa perceber-se como seguro e dono de si – e integrado, a produzir e a consumir. E, contrariamente, os sonhos não são feitos para se atingir ou expressar a própria realidade, mas sim para fugir da inexistência que é dada pelo real, pelas inconsistências que existem para além da ideologia, na qual os sonhos são feitos para que se possa fugir justamente da realidade desconhecida e hostil. A ideologia, assim como os sonhos, é um abrigo seguro e confiável para o indivíduo e, desta forma, passa a ser

desejada, e passa a ser fantasiada como algo que deseja o próprio sujeito desejante – na mesma *vibe* da *rave* dos desejos.

E é assim que a fantasia liga o indivíduo às ordens estabelecidas, nas diversas esferas da vida política, social, cultural, religiosa, etc., no mesmo tipo de adesão que se configura tal qual a superestrutura de Marx, ou a Ideologia de Althusser.

Há, assim, que se perceber a ideologia de forma ampla e restrita, mas não tão restrita quanto na dimensão que Destutt considerou. Agora, contemporaneamente, a ideologia precisa a voltar a uma dimensão igualmente restrita e funcional, como se fosse possível ser isolada, funcionalmente, ou categoricamente, e isto significa dizer que será preciso percebê-la quantitativamente em sua multiplicidade. Não é apenas uma ideologia, mas sim muitas, excessivas, que se dispõem hierarquicamente, se reproduzem, se cristalizam, se rompem, e todo o movimento orgânico possível de se fazer, pois são elas mesmas formas vivas, afinal. Ainda que espiritual, mas com vida.

Existe a necessidade de se reconhecer as diferentes ideologias, dispostas hierarquicamente, para que possamos perceber que há algo a afetar todas as relações existentes, como um todo, nos aspetos diversos que existem nestas, dispostas em teias, níveis, multidimensionais e com diversos acessos entre elas. Há tantas ideologias amplas, quase “universais”, como o neoliberalismo, como há inúmeras microideologias, aquelas que podemos perceber nas unidades familiares, por exemplo. Se há relações constituídas, como um casal ou em amizades, há sempre alguma ideologia formada para sustentar tais formas de relacionamentos.

Por isso, urge que a ideologia seja reatualizada e reintegrada nos mais diversos campos do conhecimento humano, na qual exige-se que se perceba, ao logo da própria história, as diferentes formas ideológicas que as humanidades incorporaram, e que continuam a incorporar, ainda hoje. A própria aversão à ideologia nos faz pensar que o golpe fatal que Napoleão desferiu contra os ideólogos ainda é sentido. E isso é reflexo de um sintoma ideológico. Fica a questão lúdica se até mesmo o discurso de Napoleão aos prussianos contra os ideólogos não teria sido incorporado ou influenciado a ideologia prussiana, ao ponto de Marx, nascido dez anos após tal discurso, não tivesse recebido este mesmo conteúdo ideológico com o qual desenvolveria parte considerável de sua crítica à ideologia, com especial aversão ao Cristianismo supostamente defendido por Napoleão. Talvez sim, talvez não, mas lá estão os indícios de que talvez haja algo mais.

É preciso fazer surgir uma nova crítica intelectual baseada na ideologia, mas, antes de tudo, uma autocrítica ideológica nas próprias formas de se produzir a intelectualidade crítica. Não se busca uma pureza, mas sim uma isenção e um afastamento necessário às questões que são desafiadoras

atualmente e que refletem, basicamente, a diferença, a desproporcionalidade e a desocupação sobre os novos tempos vindouros, quando teremos de lidar não apenas intelectualmente com os desafios que já começam a aparecer como graves problemas à continuidade da boa vida em nosso planeta.

Não seria este retardamento em verificar a própria dura realidade do mundo uma ação ideológica? O pensamento intelectual passou, sob certos aspetos, a ficar igualmente anestesiado ao que é realmente relevante? As questões são muitas, mas o que nos impede de respondê-las, talvez, seja apenas a ideologia que ainda não conseguimos revelar, totalmente. Uma nova hermenêutica se faz necessária ser elaborada, para uma nova e mais próspera produção intelectual sobre nossos tempos reais. E, por isso, precisamos saber mesmo o que é ideologia e o que é o seu *marketing* – a parte dela que mais conhecemos e consumimos.

Quando há o impossível materializado na vida de uma criança a ser educada, como a morte, mostra-se à criança uma possibilidade ao dizer que a avó falecida está no céu. Uma alegoria para se fugir da dura realidade da finitude. Isso é ideologia. É a ideologia do paraíso divino. Mas, algum dia ocorrido no futuro, para controlar a criança e fazê-la obedecer, diz-se que para ir para o céu, é preciso ser obediente. E, assim, o céu passa a ser valorizado ainda mais pela criança, pois passa a ser mais distante e raro, por isso, precioso – será uma demanda nunca saciada. A criança, com a necessidade de se sentir boa e merecedora, acredita e deseja um dia estar com os entes queridos no paraíso do céu com a avó, o avô, com seu *pet* que se foi, com o deus eminentemente bom e justo, etc., e daí percebemos o que é *marketing*, totalmente criado pela perversão dos mais empoderados nas relações, em prol de seus próprios interesses, ou dos interesses ideológicos. Quantos adultos ainda acreditam que o céu existe e é mesmo assim? Não são pouco, podemos garantir. E a crítica não é para eles, novamente a ressaltar, pois todos somos assim, crentes, ainda que com outros conteúdos. Por isso, vamos ao *marketing* e suas maravilhas!

18. O marketing, a informação, a desinformação

A informação se dá no livre acesso aos conteúdos existentes. Pois, são os conteúdos a própria matéria-prima da informação: informa-se alguém sobre algo. A informação será tão mais livre e completa quanto mais estiverem acessíveis os conteúdos existentes. Ela é tanto uma forma, um procedimento e um instrumento, a operar perfeitamente um conteúdo através de uma linguagem, de símbolos, de representações atualizadas e bem-dispostas. Informar completamente – a máxima informação sobre algo – é dar livre acesso a todos os aspetos dos conteúdos, a partir de todas as perspetivas possíveis, sem nenhum tipo de ingerência sobre esta informação, ou sobre a forma que, assim, precisa ser tanto livre quanto precisa, sem impor restrições. Eis a síntese da utopia do livre acesso à informação.

A informação é supostamente o processo que faz esta livre gestão de acessos aos conteúdos, quando genuinamente estabelecida como transparente. Percebemos, assim, que a ideologia, por deter conteúdos, precisa informar sobre eles, para todos os que se conectam a ela, através de suas expressões informativas, ou comunicativas, ou simbólicas ou similares. O essencial é que a ideologia precisa, necessariamente, lidar com os conteúdos que as configuram – e isso é informar. A ideologia surge com uma necessidade intrínseca: informar, dar ciência, expressar, simbolizar e, portanto, existir relacionalmente. A ideologia, tal como a *Ideologia althusseriana* com maiúscula, é positiva, boa e leva à informação precisa de seus conteúdos. Mas, nem sempre é assim, pois também encontramos a desinformação.

E a desinformação é a seletividade artificial, produzida intencionalmente sobre quais conteúdos serão priorizados, ou quais serão desprezados, e com algum grau de restrição, total ou parcial, para determinados conteúdos selecionados e, por isso, assume uma forma orquestrada para um fim específico, que é desvirtuar ainda mais a realidade e direcionar para onde nem sempre se deseja ir. Pois, se a ideologia já é uma forma de desvirtuamento da realidade, a desinformação a partir dela é ainda mais desvirtuadora, a ser lesiva. E, quem faz esta tarefa desvirtuadora é o *marketing*.

A desinformação também pode ocorrer por más representações, ou desatualizações, de que o sujeito tenha consigo. Pode ocorrer por um fluxo congestionado, por colisões, bloqueios ou desvios propositais, com o objetivo intencional de distorcer a realidade. Até mesmo pelo excesso de informações, a anestesiar a todos, sem que consigam mais absorver a grande torrente de informações com um bom grau de discernimento. É o que ocorre atualmente, com tanta informação que levam as massas, quando muito, a

lerem apenas as manchetes das notícias, por exemplo, e a preferirem vídeos cada vez mais curtos a livros. A extrapolar um pouco, a grande oferta de produtos, segue na mesma linha, a desinformar sobre o que é realmente necessário e essencial. Confunde a todos.

Portanto, o *marketing* é a causa da grande confusão que todos os pensadores contemporâneos fizeram e ainda fazem, principalmente a partir de Karl Marx e Friedrich Engels, ao confundirem, em alguns momentos, a ideologia com o *marketing* ideológico. Uma coisa é uma coisa. Outra coisa é outra coisa. E não mais misturemos os alhos com os bugalhos.

Não é a ideologia que causa, em si, o desvirtuamento mais sensível ou a máxima corrupção da realidade, mas sim o *marketing*, que é um processo declarado a mesclar tanto a informação seletivamente apreendida quanto a desinformação igualmente produzida e propositada a certos fins desvirtuadores. E isto passou a existir desde sempre, ao menos desde o início dos primeiros agrupamentos humanos em tribos comunitárias, depois com as religiões organizadas, as organizações políticas e, em nova etapa, mais consistentemente orquestrada, pautada economicamente a partir da revolução industrial, com foco a garantir a maximização de comprometimento das forças produtivas e também nas formas de se estimularem consumos cada vez mais crescentes, a resultar na espiral que bem conhecemos atualmente e que denominamos de neoliberalismo, que foi capaz de envolver todas as outras desinformações propositadas, em especial as político-religiosas. As ideologias se reproduzem e, assim, uma reprodução pode vir a ser majoritária, a absorver o legado recebido na reprodução e a absorção de outras ideologias – e isso justifica a similaridade entre elas, como se fosse mesmo uma incorporação espiritual, a manter tudo o que havia no médium, e algo mais que virá dela própria.

E, em dado momento, Marx e Engels destacaram estas características, mas de forma insuficiente, a considerarem que a ideologia era unidimensional. Nunca poderia ter citado o *marketing*, como o conhecemos, até porque este conceito ainda não existia. Eis aqui o verdadeiro inimigo que alguns marxistas, como Lukács, não perceberam bem, em especial para a situação dos estados da burguesia e de proletariado: o *marketing* ideológico. Althusser quase que percebeu esta distinção, mas não segmentou a ideologia da Ideologia.

Para todos eles, todavia, as classes dominantes sempre foram as responsáveis pelas ideias que eram mandatárias nas escalas hierárquicas pela ação econômica que preponderava sobre todas as outras, mas sem considerarem que boa parte destas ações de *marketing* era algo proposital e engendrado pelas próprias elites, ainda que inconscientemente, por vezes, mas que assumiam como válidas todas as formas de dominação ideológica

para dominar e manter tudo como sempre esteve ou está, em benefícios dos próprios dominadores, do seu sistema privilegiado.

Era o que era, e assim operava, e ainda opera, a distorcer a realidade, ao ponto de as classes dominadas tomarem para si os mesmos valores que as dominam, contra os seus próprios interesses, e assumi-los como necessários, essenciais à própria existência ao nível da sobrevivência, e a manterem-se autodomados e, por isso também, alienados da realidade, sem pensarem se a rutura do sistema poderia beneficiá-los ao recuperarem para si a mais-valia, que seria reaver o valor integral de seus trabalhos. Pode ser que não desse certo, que não teriam sucesso sem seus patrões. Mas, nem conseguiram pensar nisto, pelo véu da propaganda que recebiam constantemente. A própria revolução russa não foi popular, pois o povo estava alienado, mesmo na maioria rural. Aceitavam a servidão, incontestavelmente, sem que buscassem resistir. O que mudou, afinal, em relação aos novos regimes ditatoriais pós-revolução? A força contra o povo? A pena capital imposta e exposta? Sempre na base está a massa que assume a posição de servidão, a despeito de alguns poucos insatisfeitos que lá militam para outros poucos, e um número ainda menor de insatisfeitos que nunca manifestam suas insatisfações, pois as tomam como inevitáveis ou resignam-se como expiação religiosa.

Quicá, assim, podemos oferecer alguma redenção para a ideologia, tirá-la da zona de exclusão e dar espaço para que seja devidamente explorada, sem mais o asco intelectual que sempre foi e ainda é nutrido por ela. Ao separarmos o *marketing* ideológico da ideologia, poderemos, talvez, ter uma chance de ressuscitá-la.

Mas o que é o *Marketing*? Segundo um dos grandes gurus do *marketing*, o norte-americano Philip Kotler, o *Marketing* é uma orquestração de gestão orientada para resultados, que acontece igualmente nos campos administrativos e sociais, e tem papel de “facilitador” para as pessoas obterem o que elas desejam e necessitam.

Sim, é preciso haver *marketing* até para conceituar o *Marketing*, pois conforme a definição acima, há um certo altruísmo no *Marketing*, ao levar as pessoas a comprarem, ajudadas pelo *Marketing*, o que o próprio *Marketing* diz ser relevantes para elas que, sem o *Marketing*, o *Marketing*, sempre o *Marketing*, provavelmente nada comprariam. O tal do *Marketing* é o alter-ego do Capitalismo e o objeto secreto de desejo dos capitalistas. Pois, é ele o responsável por gerar o desejo e garantir a oferta dos serviços ou produtos de valor. Ele cria um problema para vender a solução que as pessoas precisam, embora estas pessoas não teriam este problema se não fosse criado por ele mesmo. Sim, tal qual dissemos em relação à ideologia. E há uma razão para isso.

Perceba, que o *Marketing*, com “M” maiúsculo, aqui em “respeito” selvagem, é a versão acadêmica e neoliberal do nosso *marketing* ideológico, que gera o desejo. Mas, como ele faz isto? Há algum *marketing* sincero que diz que a pessoa não precisa do produto que está a ser oferecido? Ou que indique realmente as desvantagens que o produto promovido apresenta? Já imaginou que algum candidato a presidente da república de qualquer um destes países do antigo terceiro mundo declare que queira dar um golpe militar, ao ponto de prometer que fará isto quando eleito e que, provavelmente, muitos cidadãos morrerão e muitos outros perderão suas liberdades? Sim, possivelmente haveria muitos eleitores que quisesse isto, mas a maioria, pelo senso comum, relutaria em aceitar. Tal candidato até poderia ser eleito, mas não pelo significado objetivo de seu discurso, mas sim pelas simbologias subjetivas, pelos aspetos emocionais que estariam a ser ativadas nos eleitores mais propensos a deixarem de escutar, talvez pelo medo, para aceitarem uma condição de protegidos, contra uma ameaça que não existe, nem nunca existiu. O marketing, por vezes, pode até enganar ao dizer a verdadeira intenção, sem precisar ocultá-la. Pois, mexe-se com a subjetividade, com as pulsões humanas, quase sempre incontroláveis.

Estas e muitas outras questões que nos levam a perceber que o *marketing* é um claro processo de desinformação desorientadora, pois orquestra informações, a partir de conteúdos comuns, para que a pessoa possa ir por um caminho em que é convencida a fazer algo que não precisaria, necessariamente, fazer. E acaba por comprar algo que, necessariamente, não precisa. E, depois, fica com o ônus de descartar, e com os prejuízos causados pelas más escolhas. E, o pior, nem sempre aprendem a fazerem escolhas melhores, pois ainda continuarão solícitas aos apelos do *marketing*.

Informar um conteúdo é tido como aceito e verdadeiro. Desinformar não é negar este conteúdo, mas sim subvertê-lo com uma mentira que passe a concorrer com o que é a verdade dele e, assim, esta verdade perderá a força pois será desvirtuada e a dúvida se estabelecerá para que, alguém, possa surgir com uma solução, com uma perspectiva conveniente. E é isso que ocorre, desde sempre. Inventemos o pecado, pois temos cá a redenção a ser oferecida. É preciso ser capacitado e estar legalizado, para que isto possa ser assim, tão obscenamente obsceno.

Quem faz isto, sem ser “*marketeiro*”, é considerado criminoso, com vários crimes previstos no Código Penal, tanto do Brasil, quanto o de Portugal, no primeiro como crime de estelionato e no segundo, como burla, ambos com possibilidades de prisão para os condenados. Mas, no *Marketing* legalizado, ganham-se milhões em dinheiro, prêmios e troféus. São elevados ao *status* de celebridades, verdadeiros “magos” das representações, cobiçados para entrevistas, palestras e até mesmo opiniões sobre tudo o que é *insider* no *jet set*. São cultuados como visionários. Cegos a guiarem cegos.

E o neoliberal diz que somente nos países comunistas é que há “ideologia”, sem perceber que o que está a dizer é oriundo de um mesmo processo que está a criticar, apenas com diferentes conteúdos, mas com igual forma. «*Sim, mas claro que o Marketing faz isto sem ser crime, pois o faz de forma “ética”, dentro de certas condições legais*», diria o incauto devoto neoliberal. E logo trataremos deste considerável contra-argumento também. Por agora, não percamos o foco, ao ponto de evitar um erro de se considerar que há uma grande distância entre o *marketing* e a ideologia.

As afirmações sobre esta aparente e considerável separação que supostamente parece haver entre a ideologia e o *marketing* ideológico são infundadas, pois o *marketing* ideológico opera principalmente com os valores ideológicos, com os conteúdos da ideologia e, portanto, o *marketing* ideológico pertence à ideologia, está completamente inserido nela, assim como toda a “realidade” que conseguimos perceber. E, como a ideologia é reflexiva, todos os seus novos conteúdos e valores são constantemente atualizados, a partir das emanações de todos os seus particulares que a compõem, e este será o fator que alterará a própria ideologia, que dá “vida” a ela, dá movimento, fluxo e onipresença, a atualizá-la constantemente, e assim fazer com que o *marketing* ideológico e a ideologia fiquem muito próximos, pelas próprias intenções dos particulares, dos que estão a compor toda a estrutura, até ao ponto de se confundir o *marketing* com a ideologia, como sempre ocorreu. Mas nunca poderá o *marketing* ideológico ter as mesmas “dimensões” da ideologia, nem a ideologia poderá se igualar às oportunidades prometidas pelo *marketing*.

O que faz um *marketing* ser excelente é justamente a capacidade de se confundir com a ideologia à qual está a promover. Por isso, o *marketing* se aprimorou consideravelmente, desde o início da humanidade até os dias atuais, quando o neoliberalismo assumiu, no Ocidente, quase toda a ideologia, sem que se perceba bem o que se está por trás de tudo. Nunca o *marketing* foi tão eficiente como é na atualidade, e ao mesmo tempo tão obscuro – mas ainda não chegou ao seu limite, e logo novas abordagens serão ainda mais poderosas, como as realidades virtuais que absorverão a todos incondicionalmente. Nem mesmo as religiões, que dominaram o mundo por milênios, e que ainda influenciam, tiveram tanto sucesso quanto o neoliberalismo. Fugir das religiões é extremamente fácil, atualmente. Mas, experimente fugir do neoliberalismo – ao menos tente imaginar como seria isto e perceba as dúvidas, as incertezas, pois nem isto está na mente consciente da maioria, pois não percebe que o neoliberalismo está tão profundamente arraigado em si, que nem sente existir – pois é um espírito obsessivo invisível, como deve ser, afinal – para burgueses e proletários, para todos, inclusive os que ainda virão a nascer.

A ideologia é produzida e não é produtora, mas o *marketing* é, e não por criar nada de novo, necessariamente, mas por atribuir novos valores aos conteúdos, elaborar novas prioridades, e muito mais. O *marketing* é uma área de remanufatura, de manejo, de rearranjo das coisas e seus predicativos. E, como a ideologia e o *marketing* operam como causa imanente, tal como o deus e a natureza propostos por Espinoza, a ideologia tanto afeta o *marketing*, como é afetada. Não há um sem o outro, pois sempre houve um representante, a promover o *marketing*, que tanto atua na produção, como na distribuição. A logística, assim, se faz integrada ao *marketing* ideológico, como deve ser. Por vezes, é preciso trocar a linha de produto, como em todo o processo capitalista, em que há a obsolescência programada, por exemplo, em que a vida útil dos produtos não podem ser muito longa pois logo haverá novos modelos a serem produzidos e distribuídos, e quem comprou um modelo antigo e percebe uma oportunidade, optará por comprar um novo – o sistema não pode parar, o consumo deve responder à capacidade de produção e distribuição, e não o contrário – é o *marketing* que dita o ritmo do mercado. E, sobre o *marketing*, é ele mesmo que decide quando é chegada a hora de trocar até mesmo a ideologia vigente, para aumentar sua própria eficiência. Chama-se a isso de revolução.

E podemos perceber porque todos os sucessos das revoluções sempre foram uma rutura ideológica parcial – em que tudo muda, mas nada muda realmente, em que uma ideologia interna, dissidente, fractal, cresce e rompe com a ideologia-mãe, ainda dominante. Só são possíveis tais rupturas serem provocadas pela mutação do *marketing* em relação à ideologia-mãe, que é assim chamada por ser a mais predominantemente considerada e a mais comum a todos. Mas, se a ideologia-mãe é a mais representativa, então percebemos que os gestores do *marketing*, os representantes, são os que realmente produzem novos conteúdos que serão distribuídos às massas, reverberarão na ideologia-mãe e levarão à revolução, pelo fortalecimento da nova ideologia que está a ser nutrida por mais pessoas. Em algum momento, ficará maior do que a ideologia-mãe, e a romperá, e assumirá seu lugar – mas não será muito diferente do que era, afinal, pois a mudança é meramente pontual, com os conteúdos revestidos de nova roupagem, mas com a mesma essência de antes, pois as massas são as mesmas, a priori.

Uma revolução é sempre artificial, produzida e direcionada a romper com algo em função do próprio *marketing*, e não da ideologia. O processo é provocado artificialmente por um pequeno núcleo e isto sempre começará com a preocupação de promover o reconhecimento desta nova ideologia pelos devotos da ideologia-mãe, através da ação do *marketing*, de dar legitimidade à situação de uma filha bastarda e indesejada. Ou seja, uma nova ideologia revolucionária ganha relevância a partir do próprio *marketing*, que faz de tudo para que ela seja mais do que as outras – e isto é uma releitura do

velho complexo humano, quando o verdadeiro criador cria sua criatura, e dá-lhe o nome de criador, pois se sente órfão e deseja aplacar esta dor, e passa, assim, autoiludido, a se sentir uma criatura. E, depois, busca atingir o nível de sua própria criação, de desejar ser amado por ela, de desejar que ela sinta orgulho de si – do filho pródigo que sempre volta mais perfeito do que antes, a se prostrar. Ou, em outras situações, a tentar destruí-la, sem sucesso. Ou a destruir a criatura de outros, para provar ser um bom defensor de sua própria criação. A velha questão insana das relações de amor e de ódio. A gerenciar isto, os representantes, e o bom e velho *marketing*.

Esta “filha” bastarda promovida pelo *marketing*, quando assumida como existente, reconhecida, ganhará vida por conta própria. Portanto, as forças revolucionárias sempre buscam por isto: o reconhecimento de suas existências, daí os exércitos revolucionários armados, os movimentos sabotadores ou até mesmo terroristas, para que sejam reconhecidos como existentes, quando passam imediatamente a reivindicarem para si, nas mídias, as autorias dos seus atos criminosos. Quando reconhecidos pelas massas como existentes e relevantes, estarão no “mercado” a competirem para ocuparem seus lugares – poderão crescer, ganharão escala, terão novos candidatos para lutarem consigo. O *Marketing* não é único, portanto, e nem consolidado em áreas que se distinguem facilmente e, dentro dele, possui diversos outros *marketings*, alguns revolucionários, outros reacionários, a competirem entre si: irmãos que se digladiam, desde “sempre”, ou ao menos desde Caim e Abel.

Não há relações inocentes dentro dos regimes totalitários, pois todos os seus integrantes possuem, de certa forma, contato com as vulnerabilidades dos regimes, principalmente através das inconsistências do *marketing* ideológico vigente e que, mesmo assim, optam, em sua maioria, por continuarem submissos ao sistema – continuam a desejar o que recebem, mesmo que seja uma ilusão. É o que é, uma ilusão voluntária, por mais que todos os defensores radicais das democracias neoliberais se escandalizem, é exatamente isto que ocorre nos sistemas políticos – até mesmo nos que se escandalizam com os outros, lá também existem suficientes inconsistências, pois o *marketing* nunca é tão perfeito ao ponto de ser capaz de produzir uma completa ilusão. E todos aceitam os representantes das normas como senhores destes “*marketings*”.

É também por isso que há inúmeros saudosistas do nazismo e do fascismo, órfãos da extinta União Soviética que buscam fazê-la voltar a existir, muitos reminiscentes da ditadura militar de 1964 no Brasil com seus robôs ideologizados a ensaiarem sair de cavernas, e tantos muitos outros nostálgicos das ditaduras portuguesa de António de Oliveira Salazar e da espanhola de Francisco Franco Bahamonde, e de muitos outros sistemas fechados, de quase todos os países existentes, que emergiram algum tipo de

golpe político contra alguma alegada ameaça externa que conseguiram programar na mente do povo.

Se a Coreia do Norte, algum dia, for “democratizada”, surgirão igualmente os órfãos do atual sistema, a buscarem no saudosismo a possibilidade de restabelecimento dos tempos vividos. E não serão os beneficiados pelo sistema aqueles que serão unicamente os órfãos do atual regime, mas também, surpreendentemente, parte da base popular que nunca possuiu nenhum tipo de privilégio anteriormente, mas que alegará que sua vida era “melhor” antes da democracia.

No Brasil, até mesmo há quem defenda a volta da ditadura militar, dos velhos tempos em que tudo parecia ser melhor, a confundirem a mudança natural da sociedade, da economia, das relações instáveis que vivemos com o passado em que tudo parecia ser mais estável, ou conservador. Não percebem nem aceitam o fluxo, o movimento e, assim, preferem uma parte imobilizada do passado, como referência. E o ser reacionário é mesmo direcionado por um aspecto específico do passado, como se tudo se resumisse àquilo. A abertura completa às possibilidades leva a uma resistência em relação ao novo *marketing* estabelecido – pois o *marketing* do passado parecia ser mais condizente. O reacionário é alguém sempre preso ao *marketing* do passado, e não às possibilidades, em si, à ideologia, de forma geral. O que ele busca, são as oportunidades que julga não mais ter. A desordem do presente parece ser o caos que não havia no passado. O retrocesso parece existir no presente. Mas, a desordem e o retrocesso são efeitos do movimento, dos tempos, das transformações. Daí, o lema ordem e progresso parece cair bem ao órfão das oportunidades, e isto lhe fará justificar se vestir com a camisa da seleção brasileira, empunhar uma bandeira nacional, defender o retorno da ditadura e muitas outras coisas bem estranhas, e até chegar ao ponto de cometer um “votícidio”, a buscar uma reação ao que há de atual, como se pudesse voltar no tempo. E, com isso, o retrocesso ocorre, e o progresso fica mais lento.

A China, inteligentemente, progrediu para um modelo semiaberto, ainda que altamente sob o jugo de seu eficiente *marketing*, e isto permitiu tanto um ambiente mais “saudável” para todos os chineses, como também uma forma de perpetuação do sistema, pela geração de riqueza que está a levar a China a ser, oficialmente, nos próximos anos, a maior potência econômica mundial, em situação absolutamente consolidada, em uma nova era que está a se formar claramente, a olhos vistos. Na prática, ela já é a maior, com influência tão significativa quanto sua discricção ao exercê-la, sem exigir o protagonismo por tal posição. Como sempre, há por trás disto, um *marketing* poderoso e ousado, que não sabemos ainda o que virá a seguir, quando o protagonismo for reivindicado, mas que não demorará para descobrirmos o que estará por vir. Será um jogo pesado, tenso e com reflexos profundos nas formas de vida

que temos atualmente, agravado ainda mais pelos reacionários que poderão estar em posição de cometerem erros geopolíticos crassos. Talvez seja por isso que a China esteja a jogar muito bem o seu *marketing* nas relações internacionais. Ou talvez não, só esteja a aguardar o momento ideal. E fica a questão: ideal, para quê? O que pretendem?

Provavelmente, este modelo chinês poderá ser o mesmo que a Coreia do Norte irá seguir, no futuro, já percebido ao permitir nos últimos anos inúmeros reencontros entre familiares das duas Coreias, que foram separados como famílias. Alguns, já centenários, puderam reencontrar seus parentes, em encontros organizados pelos Governos. Claro, mais uma jogada de *marketing*, para ambos os lados, com significações distintas em cada um dos lados da fronteira – mas com algo em comum: a separação ocorreu por causa do lado oposto – e a união dependerá de que o outro lado seja convencido que errou. Enquanto isso for assim, com conteúdos distintos e subvertidos pelo *marketing* ideológico, a separação ocorrerá pela própria defesa do povo em se manter assim, em uma reunificação provavelmente impossível, como ocorrida nas duas Berlim. E isto tudo, no lado norte-coreano, também dependerá do humor de seu ditador.

Para o Sul, há a ameaça do equilíbrio econômico em relação à eventual absorção de todos os norte-coreanos, o que causará instabilidades, ainda que momentâneas. Pensam que uma reunificação pode ser boa ao país, mas ruim para quem terá seus empregos ameaçados, ou seja lá o que for. São conteúdos diferentes, como se fossem imigrantes a chegarem – são mais ameaças do que possibilidades. Para o Norte, algo similar ocorre, pois percebem que há o “mal” no Sul, tão poderoso é o marketing que estão a consumir contra o tal imperialismo. Mas, para quem está de fora, há a vontade de libertar os povos, de reuni-los novamente, mas isto não representa a vontade verdadeira dos dois povos, ao que parece, lamentavelmente.

A angústia ocidental oriunda da impotência de se fazer “algo” na Coreia do Norte, talvez seja a síndrome de herói que todos possuímos, por achar que são apenas “oprimidos” e “opressores”, e que precisamos libertar os oprimidos. E isto é, claro, tanto uma predisposição humana, tanto uma causa do *marketing* da democracia, que nos excita contra nós mesmos, como se fôssemos mesmo livre por fixarmos a referência da liberdade em relação aos que consideramos não serem livres. E logo desejamos ser os libertadores. Há um culto, no capitalismo, sobre os heróis, que passou a ser uma condição acessível a todos, ideologicamente. E assim, toda criança entre em contato com este conteúdo de heroísmo, e este é um valor importante para todos. Somos, então, tão diferentes assim? Sim, somos, mas apenas pelos conteúdos, obviamente. Pois as formas de *marketing* que estamos submetidos são exatamente as mesmas dos norte-coreanos. E isso é suficiente para constatar que a nossa própria ideologia nunca é completamente percebida

bem ou, quando muito, ela é percebida presunçosamente como superior e “melhor”. Quanta “opressão”, impercetível, também há nas mais elogiadas democracias? É uma indigesta verdade, mas há anestésias para isso também.

O mais relevante é que, sim, todos os norte-coreanos, provavelmente sem exceção, sabem que as pessoas fogem, sabem que são presas e sabem, assim, que há reclamações compartilhadas, ainda que veladas, e que talvez já tenham percebido as grandes vulnerabilidades de seu sistema, suas inconsistências e incoerências, mas que preferem continuar como estão, a cortarem seus cabelos conforme o estabelecido pelos padrões permitidos e a obedecerem incondicionalmente ao dominador, a acreditarem ou ao fingirem que acreditam no *marketing* ideológico.

E esta atitude, tantas vezes ocorridas no curso da História, não é nada nova. É o Discurso da Servidão Voluntária, livro escrito pelo filósofo francês Étienne de La Boétie ainda no Século XVI, que mostra como o sistema de poder fragmentado passa a dominar os que querem, ou preferem, serem dominados, que é o que sustenta fortemente a manutenção de regimes assim. A vigilância interna é toda em relação aos conteúdos, para que estes sejam consumidos conforme as determinações dos dominadores, e não a forma, em si, que já está estabelecida no “contrato” social firmado entre dominadores e dominados, desde há muito. É como se o Estado, ao propiciar a ordem social e, assim, provocar a existência da sociedade, já imputasse esta cláusula contratual incondicional, no qual ele dá o direito de participar mediante o consumo exclusivo do que ele está a oferecer. É como uma festa *open bar*, em que tudo pode ser consumido, desde que este tudo seja o que o dono da festa esteja a fornecer como bebidas, conforme seus próprios critérios. Assim, se há apenas cerveja disponível para todos, ninguém poderá beber tequila, se o dono da festa não quiser. Se há uma área VIP, talvez a tequila possa ser servida ali, e somente ali, para uns poucos com as tais pulseirinhas de acesso.

Portanto, não deixa de ser uma relação consensual, ainda que estranha, muito estranha, patológica, “esquisitológica”, e contra todos os melhores juízos dos que prezam por um mundo livre e democrático, ainda que utópico. O maior golpe, nos candidatos a heróis libertadores é que, para os povos “oprimidos”, há um sentimento de liberdade que eles percebem possuir para si, ao menos para a maioria isto ocorre sensivelmente.

Sim, isso mesmo, pois para eles existe a liberdade, e este povo “oprimido” a percebe muito bem como possível, e entendem que ela ocorre apenas se ficarem nas grandes massas – na cidade, em que, quando lá, muito podem ser e fazer, desde que não contrariem a ordem estabelecida. E isto lhes basta. A liberdade que há nestas massas dentro de um totalitarismo não é a mesma dos libertários democráticos, que estão fora a tentar salvar os que não declararam que queiram mesmo ser salvos – nem poderia ser, pois são conteúdos

diferentes. Mais uma vez, trata-se de um julgamento a partir de conteúdos próprios e compartilhados que são tratados equivocadamente como universais. Se todos perceberem que a universalidade é uma ilusão, fica mais fácil perceber empaticamente todas as “outras” ideologias – e a diferença entre povos seria compreensível e muitos dos problemas sociais diminuiriam.

Mas, o problema é que todo candidato a Batman acredita no conceito da universalidade e quer, a seu juízo, fazer valer o seu conceito de liberdade para os que não o possuem na mesma visão que a sua – mas, repare o que faz o Batman na agonizante e claustrofóbica Gotham City: ele luta para que tudo fique na mesma, com o VIP privilegiado Bruce Wayne a desejar que a ordem estabelecida continue a mesma, onde ele é um cidadão obscenamente privilegiado.

O que os candidatos a heróis não percebem é que, na luta da democracia capitalista contra o comunismo, por exemplo, muito mais agressiva do que o oposto, estão mesmo a replicarem o *marketing* ideológico capitalista, sem que se apercebam disso, pois a liberdade, para o capital, não é apenas um ideal inocente, mas sim uma liberdade que necessariamente precisa resultar em mais poder de compra ao estabelecer novos mercados, novas relações de dependências produtivas, etc. Há muita desinformação, *ops*, há muito *marketing* ideológico, e a questão fica mais complexa a cada desdobramento.

Os capitalistas mais ideologizados viram, assim, os novos empreendedores fundamentalistas, a tentarem fazer atos heroicos a partir de suas pretensões missionárias. Se há uma guerra contra os comunistas, lá estarão a se voluntariarem para combater o “mal”. Se estão em situação precária de trabalho, verão nisso um ato empreendedor, e pensarão que o excesso de trabalho, as más condições e a instabilidade profissional são parte de seu esforço necessário, o preço a se pagar, para o sucesso, para ir ao topo da estrutura. Por isso, que é difícil discutir certos conteúdos protegidos sob a égide de uma assunção do conceito de universalidade, como as religiões, políticas e times de futebol. Todos acreditam que seus times são os melhores do universo, bem como suas religiões e opções políticas. O universo deles é que passa a ser da dimensão de suas crenças mais fundamentais e veem ali a universalidade, a tentarem trazer todos para sua diminuta dimensão. Nunca haverá sucesso, pois não há a universalidade, em si, apenas existem “universos” formados na própria perspectiva. E toda discussão assim acaba, quando civilizada, em briga. A saída deste imbróglia passa pelas revisões de conteúdos, no compartilhar, no discutir, no acesso ao conhecimento, à educação.

Mas, afinal, quais destas relações podem ser consideradas totalmente neutras, ou imparciais? Existe um “normal”, um padrão isento que pode ser estabelecido? Há que se perceber algumas outras coisas, à partida, e isto inicia com uma revisão de alguns destes conceitos, antes de mais nada.

Os velhos processos hierárquicos entre senhores e escravos, na sociedade atual, é ainda uma forma de relacionamento obsessivo, mas sempre com algum grau de voluntariedade entre estes, ainda que esta voluntariedade seja expressa muitas das vezes pela passividade, dada pelo cansaço de resistir à servidão, pelas faltas de oportunidades reais que nunca chegam.

A maioria das pessoas, quando não submetida excessivamente à excitação do *marketing* ideológico, quer apenas viver uma vida tranquila, sem muitas pretensões. Não possuem delírios consumistas ou deslumbramentos pelos excessos. É pelo efeito da ação do *marketing* que muitos relacionamentos obsessivos sociais se estabelecem, igualmente excessivos, a partir de governos, políticos ou instituições governamentais ou não, políticas ou não, que se mostram como provedoras ou facilitadoras para todas as pessoas que estas desejam dominar e controlar, inclusive para estas que querem “apenas” a tranquilidade: talvez porque sejam geralmente ignorantes e/ou carentes, não raro estejam em estado de agravada vulnerabilidade, seja física, mental ou financeira. Um mínimo que lhes é dado, para elas, já é muito – e aceitam esta condição de relativa mendicância servil. Não há vergonha nisso, para quem recebe, pois esta é a única opção viável que lhe é dada – como na festa *open bar*.

E assim, passam os governantes “provedores” a obterem o domínio sobre estas, sem o uso da força coercitiva, e apenas pela dominação causada pela desinformação concentrada a partir da ideologia que a pessoa esteja ligada, ao prometerem o que nem sempre possuem, que são as oportunidades. Pode haver a possibilidade de algo, mas não a verdadeira oportunidade. Confundem uma com a outra, propositalmente, para desorientar o dominado. Seja da riqueza, da cura, da vida eterna, da felicidade, da fama, do prazer, do conhecimento ou de tudo o mais que habita o imaginário coletivo, a ideologia, passa a ser apresentado mentirosamente como oportunidade. Quanto mais inacessível o que é prometido, maior o poder de manipulação das massas. Isso em tudo, e não apenas na política, mas como também ocorre por exemplo nas religiões.

Acabam por se transformarem em relações promíscuas, como nas formadas pelo populismo político, pelos mesmos processos de dominação que se estabelecem nas relações de poder à força, mas realizados sutilmente, perversamente, em que uma das partes está em situação de extrema vulnerabilidade (e que pode ser causada pela própria ignorância, que leva à falta de uma autoconsciência mais crítica). A corrupção, assim, sempre é um grande problema, ao nível dos relacionamentos entre os sujeitos promíscuos. Não há valor percebido nestas relações descartáveis e voláteis, e são abusivas, baseada meramente nos imediatos interesses, para quem esteja nela ou fora dela. Para quem se adequa a esta relação e se sacia nela,

surpreendentemente, passa a ser mesmo isso que deseja para si – passa a ser o seu ideal de vida, e seu próprio cárcere.

Se não todos, a maioria acabará por ceder, tal qual uma face da síndrome de Estocolmo, quando há um fascínio da vítima corrompida emocionalmente pelo criminoso manipulador das emoções. Assim, em muitos destes casos, um certo vínculo obsessivo se forma, em que um passa a ser o “proprietário” e o outro se assume como “propriedade” – e o abuso fica estabelecido quando a “propriedade” passa a ser impedida de se manifestar e a tentar sair deste estado de dominação que, supostamente, deveria haver sempre uma saída disponível. Mas, na maioria dos casos, nunca nem questiona sobre isso, e assume-se prisioneira em pena perpétua.

O abuso, portanto, não é percebido pela maioria, pois esta nunca nem tentou resistir ou sair, mas apenas com a minoria que ficou incomodada por alguma reação contrária à sua liberdade, se percebido assim. Parece estranho, e certamente é extremamente vil, a remexer todas as vísceras que há nos que realmente não aceitam isso – os que defendem ser mesmo totalmente livres, mas é o que é, quando estamos a tratar de conteúdos dentro de dadas perspectivas. Ainda que haja a estranheza para a maioria, é plenamente possível e provável de ocorrer, e se todos pensarem bem, encontrarão sempre pessoas conhecidas que se relacionam desta mesma forma, um a se aproveitar do outro, vulnerável e submisso – como muitos casais que se formam assim.

Relacionamentos dados desta forma ficam sempre expostos, por mais que os que estejam nele se esforcem para disfarçar, e por isso são muito fáceis de serem percebidas todas as nuances de dominação e submissão, para qualquer observador externo. E é o mesmo que ocorre, em países democráticos a observarem outras nações não-democráticas. Estruturas e conteúdos. Se o casal quer sua relação desta forma, qualquer tentativa de interrupção externa não será bem-vinda. A tal briga de marido e mulher que ninguém mete a colher. É injusto, mas há quem queira mesmo isto para si. E fica a questão da invasão do relacionamento alheio para implantar valores, conteúdos, que não são deles. Nem todos conseguem “invadir”, mas todos tentam, sem garantia de sucesso. Mas, em certos casos, em especial das sogras ou sogros, que são reconhecidos como instâncias superiores por um ou pelo outro, ou por ambos, ocorre menor resistência para tal interrupção, ainda que sem garantia de sucesso. Pois estão ligados pela ideologia familiar, a que dá acesso e “direito” ao sobrenome, pela consanguinidade ou similar. Nos países ou outras formas de organização social, como nas organizações fundamentalistas, tudo se dá da mesma forma do que ocorre com os casais, quando tais organizações não aceitam nenhum tipo de interrupção externa, exceto se forem feitas pelos seus “patrocinadores”, aqueles que financiam a que está a dominar possui poder sobre quem está a pagar – a vulnerabilidade é sempre o fator necessário para haver a dominação. E o dominado não é, necessariamente, apenas dominado,

pois tudo se dá no movimento, nas teias de relacionamentos em que se alteram posições. Enquanto domina uns, é dominado por outros. É preciso perceber a perversão do *marketing*, como no machismo e no feminismo, temas tão atuais e necessários.

O machismo é uma ideologia. O feminismo também. Dentro do machismo, há o *marketing* de que o homem precisa trabalhar e a mulher ficar em casa. Sempre foi assim, mesmo quando supostamente havia oferta de trabalho para todos que quisessem trabalhar, no passado nostálgico do mundo ideal que nunca existiu. Mas, as mulheres ficavam em casa e combatiam, entre elas, as que optavam por trabalhar. O combate se deu por maledicência, discriminação, difamação, etc. Estas mulheres pioneiras trabalhadoras estavam em uma ideologia fractalizada dentro da ideologia machista. Elas passaram a fazer barulho, a se mostrarem existentes, a exigirem mais e melhor, quiseram o que era o necessário para se fazerem evidentes. Ao romperem com o machismo, em algumas instâncias, emergiu o feminismo, que se divide em várias interpretações do que seja aceitável dentro destas relações entre homens e mulheres. Inesperadamente, o feminismo se originou do machismo assim como a mulher se originou da costela do homem, na hermenêutica bíblica. Daí o mérito feminino, que não pode ser desconsiderado, pois está a suplantar uma ideologia do passado, machista e primitiva. O feminismo é evidência de evolução ideológica. E, toda evolução exige dois espécimes, um anterior e outro posterior – e por isso é preciso haver reprodução, quando o posterior nasce do anterior, quase igual, mas com algo relevante de diferente. E daí, a partir do feminismo, vieram os demais movimentos ideológicos não binários, toda a cultura *queer*, a se reproduzirem ideologicamente e tudo nos trouxe até aqui. A reprodução fractalizada leva à multiplicidade. E isto é bom para o todo, para o conjunto social que se agrega às novas ideologias, e as percebe como um exercício da liberdade, ainda que relativa. Para os resistentes, os machistas, que não evoluíram e perceberam a expansão a ocorrer, percebem-se cada vez em um mundo menor, enclausurados – e daí vem sua resistência baseada no equivocado sentimento de que estão a tentar invadir seus mundos. Um erro, pois o mundo deles sempre foi o mesmo, e o mundo de todos é que está a se expandir, e eles não conseguem passar seus próprios limites ideologicamente estabelecidos pelo *marketing* ao qual estão voluntariamente presos. São os radicais – machistas, feministas ou outros – consensualmente hipócritas. Pois limitam-se à própria perspectiva, e não transitam, a relacionarem-se, a compartilharem conteúdos, a minimizarem diferenças.

Portanto, a relação com a ideologia está, conceitualmente, sempre com algum grau inserida na zona das relações consensuais causadas pelo *marketing*, mesmo que pervertidas, pois há no submisso a permissividade para que assim seja a relação. O que está em causa são os conteúdos

existentes, e a imensa dificuldade, e provavelmente uma impossibilidade, de estes serem avaliados como verdadeiros ou falsos por um observador externo. Quem está de fora não consegue a mesma compreensão, nunca.

Não é fácil ser revolucionário, para quem está a depender da ordem estabelecida para sobreviver. Colocar a sobrevivência em risco não é algo natural, pelo contrário, o que +e natural é a autopreservação. As revoluções, afinal, são bem mais prováveis quando passam a existirem os extremos, quando os excessos deixam de justificar a existência da ordem estabelecida (como na abundância) ou quando a escassez (como na fome e na miséria generalizada) deixa de justificar a defesa do que passa a ser indefensável. Mas, em ambos os casos, a revolução não se dá da noite para o dia, pois as vulnerabilidades não são percebidas assim, pois sempre foram conhecidas por todos, até terem reais motivos para serem reivindicadas por uns e, depois de reconhecidas por todos, irem ao ponto da rutura.

A ideologia não deve ser avaliada, portanto, nem como boa, nem como má, visto que é por conteúdos que estarão dentro de uma determinada perspetiva moral para cada um dos seus participantes. Ela é totalmente necessária e indispensável para toda forma de vida em sociedade em que existam, no mínimo, duas individualidades a se relacionarem. De facto, é ela quem viabiliza e sustenta a relação. A ideologia nunca é relativa ou absoluta, mas opera em perspetiva aos conteúdos de quem esteja a considerá-la, muito em função do *marketing* que a faz movimentar. Apesar de ser perspetiva, sempre o ideologizado atua, mesmo inconscientemente, para que sua ideologia atinja uma universalidade, e passa a combater tudo o que o ameaçará a chegar a este suposto ponto universal. E isto é uma instância funcional do próprio *marketing*, que busca se manter, autopreservar-se, e, por isso, precisa aniquilar seus “concorrentes” predadores, o que significará atingir a tal universalidade, pois será exclusivo, sem mais concorrência. Por isso que os sujeitos percebem dela, todavia, apenas o *marketing* realizado, dada a afinidade que possuem com a universalidade que leva à autopreservação, umas das formas de superar a finitude, ao não ter de lidar com ela, mas isto é lá uma outra questão.

Porque, mesmo que existam apenas duas únicas pessoas no mundo, como “foi” no caso de Adão e Eva, eles possuíam lá sua ideologia, e suas regras. Estas regras, aliás, foram dadas por deus, como podemos ler no Antigo Testamento, em Gênesis 2:16,17³¹, e certamente mais defendidas por Adão, que formou a primeira ideologia conhecida, entre ele e deus, que além de ter

³¹ «E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: de toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.» Gênesis 2:16,17

recebido as regras diretamente, estava sensivelmente mais aderente à ordem estabelecida, se analisado sob uma ótica cristã, e visto que as tinha cumprido integralmente, até que lá chegasse Eva, linda, formosa e totalmente desnuda, a alterar os estados emocionais de Adão e, portanto, a fazê-lo formar com ela, pelas novas e *sexies* possibilidades que surgiram, uma nova ideologia, ao se relacionarem. As possibilidades da nova ideologia foram, certamente, mais estimulantes e o levou a um maior nível de aderência, como hoje sabemos, supostamente. Deus ficou em segundo plano.

Foi preciso uma nova entidade surgir, forasteira, e que não participava desta ideologia, que foi a cobra falante, para abrir em Eva, pala ampliação das possibilidades que esta estava a vislumbrar – estava restrita às de Adão e deus – que a levou a um novo campo de crenças, desejos e vontades. A cobra falante foi a primeira “*marketeira*” da história humana pois, sem criar nada, formatou um desejo pela árvore do conhecimento e vendeu o produto que ela não produziu, e de graça. Foi também a primeira a ter resultado com o que estava cancelado. A cobra falante nada produziu, pois tudo estava lá, apenas criou uma desinformação e foi bem-sucedida. Se a desinformação é coisa do diabo? Há que se discutir. Se isto ocorreu realmente? «*Não sei, só sei que foi assim!*», como nos diria a personagem Chicó, vivida por Selton Melo, em “O Auto da Compadecida”, do escritor brasileiro Ariano Suassuna.

Assim, “houve” as ideologias (1) entre deus e Adão, (2) Adão e Eva, e o *marketing* (3) da cobra falante para Eva e Adão, e depois disso, todas as suas derivações e mesclagens, enquanto a convivência existir e a teia de relacionamentos incorporar mais e mais conteúdos. A maçã, ou o quer que seja que estivesse nesta “árvore do conhecimento do bem ou do mal”, ainda que fosse um livro da ética kantiana do dever, a mais visceral de todas as éticas, era nada mais do que um conteúdo que foi subvertido pelo *marketing*, em seus valores, e desinformado para seus consumidores, que não resistiram.

A possibilidade do conhecimento proibido por deus foi subvertida para esta nova abordagem *marketeira* da cobra, em que era possível comer do fruto, pois seria esta ação que levaria às novas possibilidades. E assim Eva fez, através de uma bela mordida, daquelas suculentas frutas, ao preferir as novas possibilidades que a cobra falante trouxe em relação à vida mais previsível e monótona com Adão. A cobra falante apresentava, segundo os critérios de Eva, mais possibilidades do que Adão. A cobra dava mais diferença, estava para além do que era conhecido. E a diferença fez com que Eva se movesse, e faríamos todos a mesma coisa. Afinal, Adão, igualmente, preferiu as possibilidades que Eva representava em relação às que tinha com deus. E logo tratou de morder a maçã que lhe aparentou mesmo irresistível. deus, a perder todas as batalhas para uma cobra falante, logo na estreia do mundo, os expulsou impiedosamente. Se depois, provou também, secretamente, do fruto, nunca saberemos. E daí vem nosso pecado original.

É isso: nossa suposta humanidade pecou por causa do *marketing*! E tem sido assim, desde sempre. O pecado é mesmo o que há de mais atraente em todas as religiões. Não há como resistir a ele, geralmente.

E tudo o que se seguiu daí, e todo o resto foi sempre igual, desde a confusão entre Caim e Abel, até os dias de hoje, com todas as transformações e as novas variações de *marketing* ideológicos que emergem e ultrapassam os antigos, e que sempre se reproduzem, a expandirem as possibilidades para os aderentes, que é sempre o fim último de toda a ação humana – ter sempre mais possibilidades – e talvez até o próprio propósito de vida.

Se há possibilidades, há conteúdos, e há a composição destes, que são os conteúdos intencionais compartilhados dos conteúdos existentes, e são destes conteúdos intencionais compartilhados que emerge a ideologia. O que sabemos dela, em seu estado original, são as informações. A ideologia é infinitamente maior a qualquer forma de *marketing* feito a partir de seus conteúdos, pois o *marketing* nunca considera a finitude, por exemplo, o que o desvirtua completamente. O fim, portanto, está no devir e, a rigor, ninguém o deseja, como veremos. O *marketing*, mesmo como um imperativo do presente, o faz ao subverter ou a projetar um futuro de oportunidades, como uma forma de evitar a possibilidade de o fim ocorrer no devir. Tira a atenção sobre as consequências futuras que virá do pecado de se comer o fruto e direciona a atenção para o prazer que este fruto dará, imediatamente à mordida. O prazer do presente se esvai ou se amplifica e, por isso, o futuro passa a ser mais ou menos atraente, respetivamente. E são as promessas do *marketing* que leva ao suposto grau máximo de prazer e realização que o indivíduo deseja alcançar para si.

Afinal, apenas passa a existir a percepção da tão aclamada individualidade a partir do convívio com outras individualidades, a formar uma própria consciência de si em relação a um outro, ou aos demais e, assim, a compartilharem conteúdos que formam as ideologias, ou a ideologia. Portanto, é a própria ideologia tanto a força agregadora, quanto a diferenciadora, a partir do sujeito, em relação ao que excede a si mesmo e o faz diferente de todos, de forma negativa ou positiva, e é isto que o faz perceber a si como indivíduo.

A suposta autonomia do indivíduo já foi e ainda será mais explorada, mas por agora voltaremos a considerar o indivíduo com algum grau de autonomia não total, mas suficiente para deliberar e agir de acordo com seus próprios critérios de consciência. O sujeito, afinal, atinge uma profundidade existencial maior e é todo aquele indivíduo que questiona a si mesmo, reflexivamente, com objetivo de atingir algum valor de verdade sobre seus próprios conteúdos, ou seja, que examine em si a própria moral, ao menos, sob o crivo de sua própria racionalidade. Ao fim, quase tudo isto será a mesma coisa, em que todos são tanto sujeitos quanto indivíduos, mas é

preciso definir tais diferenças, para os que precisam de tais distinções. De uma forma, ou de outra, não poderá fugir à ideologia – e será tanto mais livre para deliberar e agir tanto mais tiver consciência da ação ideológica sobre si mesmo, em especial sobre o que é o *marketing* a qual o está a impactar constantemente. E isto acarretará na formação de um filtro próprio para analisar as regras e os relacionamentos com terceiros, em especial aos representantes, aos considerados superiores. O sujeito, o antagônico do objeto, não se deixa facilmente se ludibriar ideologicamente, em tese. Ou, quando isto ocorre, logo consegue perceber, pois tem um crivo analítico sobre sua posição na estrutura e tudo o que lhe impacta.

O mais importante é que, a partir daqui se faz muito mais necessário superar o preconceito antigo de ideologia, que foi e é ainda confundida com o *marketing* ideológico. A “nossa” nova ideologia, aqui consistentemente construída, deve ser ampliada, exercitada e analisada no dia-a-dia, enquanto se está a conversar, a assistir filmes ou seriados, em anúncios e tudo o mais que impacta a realidade do interessado em deixar de ser um objeto estrutural para passar a ser um aspirante à própria liberdade. O primeiro passo será superar o preconceito mais comum, de considerá-la como representações restritas de determinadas aspirações políticas, principalmente em relação aos comunistas, coitados, se é que existe ainda algum, pois parecem extintos, afinal. Mas, ao menos, o fantasma ainda está bem vivo nas argumentações de muitos reacionários. As ideologias sempre foram as “más” da nossa história geopolítica e as culpadas por tudo de ruim que ocorreu para a suposta humanidade.

Aliado ao antigo satanismo ideológico, há outro preconceito que precisa ser revisto, e urgentemente. E este se refere às regras, ao se considerar que elas sejam as responsáveis por tudo de “bom” que ocorre. É uma completa subversão acatar a supremacia das regras, que são sempre criadas também para beneficiarem os representantes do *marketing*, que sempre são corresponsáveis nos processos de criação das regras e, portanto, detêm consigo toda forma de poder e ascendência sobre os demais, em uma relação igualmente excessiva, ainda que consensual. Há uma conexão profunda

Basicamente, por agora, se faz necessário ilibar a ideologia de todo o preconceito, para que se possamos percebê-la como algo útil para toda a dinâmica da vida organizada, tal qual a desejamos. Também se faz necessário um olhar mais crítico em relação às regras e aos representantes delas. Para uma sociedade mais justa e/ou menos desigual, há que se ter consciência e conhecimento das formas ideológicas que impactam a todos.

A inconsciência ou ignorância acerca da ideologia, ou das muitas ideologias que cada indivíduo está conectado, é o que causa as mais desastrosas ações, individuais e coletivas, e todas as maiores desgraças humanas: as desigualdades, as brigas, as guerras, o racismo, o fanatismo, o

extremismo, a misoginia, a xenofobia, as crises financeiras globais, a devastação ambiental, os “*reality*” *shows* (a qual realidade estes *shows* se referem?), o *crossfit*, as tendências da moda, o consumismo desenfreado, o fenômeno das pessoas aleatórias promovidas a celebridades, mas também as chamadas patologias mentais, a depressão, o suicídio e muito mais do que entendemos como indesejável e nefasto, símbolos de nossos piores tempos.

E muitos destes “males” que se dão por esta inconsciência acerca da ideologia são efeitos colaterais do *marketing* e das submissões incondicionais às regras. O *marketing* tem um certo objetivo que consegue fazer também deste um objetivo para aquele que estará impactado. É como se o interesse de todos os alocados estruturalmente fosse pelo que o *marketing* prioriza. E esta capacidade de priorizar os conteúdos do *marketing* passa a ser a indicadora do nível de adesão – e do nível de merecimento que cada um passa a calcular. Assim, aquele que consegue alguns dias de férias em um ano, defende as férias como fruto do merecimento dado somente a quem trabalha, e passam a se exibir nas redes sociais em seus momentos de descanso, como se sua adesão estrutural fosse a responsável por tais momentos, como se descansar fosse algo que precisa ser merecido. “Se o trabalho compensa, então as férias são compensadoras somente ao trabalhador” – e assim a ideologia é subvertida pelo *marketing*, e reproduzida pelos mais ideologizados, e um padrão a ser estabelecido. Não é a coerência que está a ser consumida pelos demais, nos *likes* das redes sociais, mas sim a afirmação de que se está a descansar sim, mas isto soa como quase um pedido de desculpas por lá estar, a usufruir de momentos de descanso sem nada a produzir. O “ideal” seria não estar de férias, mas, se tiver nelas, agradeça publicamente às crenças comuns do *marketing* neoliberal.

Se o indivíduo não faz o que é esperado de si, ou descumpre algo estabelecido pelas regras, passa a se culpar, e a se marginalizar, e também a ser marginalizado, e logo estará desalocado da estrutura, talvez expulso dela, sem condições de retornar para a mesma posição – e esse é o sonho de todo o cancelamento: defenestrar alguém que deve ser enviado ao limbo, ou ao inferno, por algo que o *marketing* esteja a ditar como certo e desejável. Aos incorretos e indesejáveis, a morte existencial.

O indivíduo desalocado que não tenha a consciência sobre estes processos agressivos que sofreu, coloca a própria existência em dúvida, visto que existir sempre é confundido como ter um lugar na estrutura, e por isso credita seu infortúnio a si mesmo, e a mais ninguém, ou a nada – pois tudo no *marketing* sempre leva à crença de que o indivíduo é “livre” para fazer tudo o que desejar, desde que seja o que lhe está a proposto pelo próprio *marketing* – e, assim, também arcará com as consequências por não fazer o que se espera que se faça, ou fazer algo diferente do que lhe foi proposto. Nunca se admite que exista alguma influência externa a determinar comportamentos e ações.

Se há sucesso, foi graças a deus, ao universo, ao destino, ao presidente da república, ou a qualquer outra instância transcendental. Se há insucesso, é por culpa própria, pois tudo estava lá, à disposição do reclamante. E este é o preço que se paga à ordem *marketeira* estabelecida, que não apenas oculta, limita e deforma a ideologia, mas que também castiga os que ousam quebrar as regras e ultrapassar seus representantes, que são os únicos guardiões aceitos das regras, e, obviamente, também seus maiores beneficiados. Não se pode afrontá-los, pois o rebanho submisso a eles logo revidará, e assim fica-se sempre sob o risco do castigo eterno e desproporcional, como a expulsão do paraíso, no qual só podem ficar os bons e obedientes, que são todos aqueles que se mantêm dentro das regras, estejam submissos aos representantes e estejam completamente aderentes ao sistema.

Desta forma, as regras refletem o que o *marketing* quer, e dão sustentação a ele, e fazem o sujeito se concentrar no [“como” fazer o que devo fazer?], em detrimento do [“Por que” preciso fazer o que devo fazer?], e forma-se uma grande cortina de fumaça ao redor da verdadeira ideologia, que passa ainda mais despercebida, sem que ninguém perceba que nela estão todas as possibilidades verdadeiras, e não somente aquelas que nos querem “vender” através do *marketing*. E os inconscientes apenas vão pelos caminhos que o *marketing* lhes indicam, sem saber para onde exatamente estão a se movimentar, ou mesmo o porquê de tal movimento. E não são assim as obsessões ou possessões? Ao menos, nestas duas, a responsabilidade pelos atos é atribuída ao espírito obsessivo – no *marketing* ideológico, não, pois passa imperceptível e a pessoa não faz nada de estranho, mas sim o que lhe é esperado fazer. Quem é normal, afinal?

É por este motivo que nunca deveria ser atribuída à ideologia a razão direta pelas ações humanas, mas sim uma mera referência causada pela atração que ela exerce, indiretamente, se muito, ou por ser uma afirmadora das crenças e dos desejos. A ideologia também opera como uma testemunha do sujeito, e que não decide nada por ele, mas que assume uma dimensão na qual é uma diretora indireta por ser reflexo do que ele é, do que todos são, ou desejam ser, mas sem nunca ser, de facto, uma decisora, mas talvez uma referência das possibilidades, se muito.

O mesmo não podemos dizer acerca do *marketing* ideológico. Pois este sim é o gatilho para muitas das ações que todos realizam, e geralmente é o principal responsável pelas formas nas quais a sociedade passa a se organizar, desde as religiões até as relações econômicas, a passar pela política, cultura e costumes – tudo o que for relevante terá mais brilho, cor e contraste – e será desejado por todos, que tudo farão para serem merecedores dos mais altos lugares na estrutura, a confundirem oportunidades com possibilidades. E logo deixa de haver o impossível e passa a haver o provável para todas as situações da vida – *carpe diem*.

Tudo o que afirmamos que “é”, sem que realmente “seja”, é sempre algo que nos foge à clara compreensão de sua verdadeira existência, significação, mensuração e identificação. E isto são as possibilidades, *a priori*. Pois são algo como transcendentais, completamente imateriais. São mera potência, sem ato. Por serem possibilidades, todas já contêm conteúdos mentais atribuídos a elas. E isso é tão perfeitamente neoliberal.

Por exemplo, podemos acreditar na possibilidade de uma realidade futura próxima em que teremos todos um tipo de veículo híbrido, no qual seria possível nos locomovermos pela terra, água e ar, a voar. Logo imaginaríamos algo como um drone aquático, com rodas, futurista, como muitos dos mais conceituais modelos que foram apresentados em filmes de ficção científica. Por isso, neste caso, esta possibilidade é (por ter conteúdos) mas sem ser (por não existir). É algo assim, ou mais ou menos assim, mas não apenas assim, percebe?

Pois, para a mente humana, ou “se é” ou “não se é”, e há apenas estas duas alternativas, distintas entre si, e únicas, desde Parmênides. A ideologia, pelo contrário, é muito mais complexa para percebê-la, pois ela “é” (existe, em conceito), e existe justamente por isso, por “não ser” (por não existir conteúdos mentais que se refiram a ela, na mente das maiorias das pessoas, que nunca a pensaram ou nunca aprenderam nada sobre ela, pois ela é completamente imaterial e fruto de uma pura conceituação abstrata – um espírito, ou *gadget* feito para ficar sempre oculto).

Pois a ideologia não é um estado imutável, mas sim um fluxo contínuo, o completo movimento, é o rio de Heráclito, sempre a fluir, sempre a acontecer, a se transformar. O que tenta aprisionar a ideologia, a sintetizá-la, é o *marketing* – e faz isto com eficiência, visto que a força dele parece ser maior do que tudo.

E não é apenas desta forma, pois há mais complexidade na ideologia, que ainda fica mais difícil de ser percebida por aquele que deseja ver para além do *marketing*, talvez por desconfiar de algo. Assim, ela é algo exterior ao sujeito, mas que também possui origens nele, nas suas próprias possibilidades quando projetadas e compartilhadas com todos, pelo convívio na coletividade. É algo que sai do sujeito e encontra um refúgio no coletivo, que passa a ser admirada, mas sem perceber que está em algum lugar específico. É um sentimento tal como a saudade, a reminiscência – da certeza de existir, da possibilidade em si, do possível. E, por isso, tais possibilidades são percebidas como meras transcendências, sem conteúdos “universais” que possam representar seus conjuntos nos pensamentos dos sujeitos, mas apenas sua própria perspectiva, o que dá uma impressão de intimidade – de que aquilo lá, é para ele – e por isso dizem que “o que está guardado para mim, logo chegará”. Mas, o que é que está guardado para você? Ninguém sabe responder, mas sempre julga ser algo bom. Eis por que ter utilizado uma

representação alegórica da ideologia como espírito pareceu ser o melhor que poderíamos ter como recurso didático. Dela para o *marketing*, foi mais simples, e nem “doeu” muito para percebermos quem é quem.

É como se o “não ser” (a partir da imaterialidade e da invisibilidade do espírito) oferecesse a condição necessária e suficiente para o “ser” (que seria como o suposto espírito conseguiria dar vida ao corpo e animá-lo para ser inteligente e funcional, mas não ao ponto de ser independente do espírito, pois o corpo sem o espírito é nada).

A ideologia proporciona isto: dar “vida” inteligente aos indivíduos, mas ela própria tem origem nestes mesmos indivíduos, como se ilusoriamente operasse à máxima distância destes. É muito exótica, no mínimo, mas é o que é. Afinal, como pode algo ser criado para ser distante e inacessível e, depois disso, servir como um objeto de desejo tão intenso que o próprio criador passa a agir de acordo com o que a criatura determinar? Exótica ou obscena? Mas isto não é exatamente o que o humano busca fazer com seu “criador”, suposto ser “deus”, ao fantasiar com um deus que atenda seus desejos expressos em cada oração feita? O humano cria o “criador” para que este lhe sirva, ao pedir algo – orar – e não o contrário. É uma triangulação. Ao menos, em princípio.

Há padrões que sempre se repetem. É isto o que acontece – o criador humano submisso à criatura ideologia, que passa a ser tida como criadora, por ser a detentora das possibilidades. E, por isso, a suposta criatura (que em verdade cria) sempre se movimenta em relação ao “criador” (que em verdade foi criado). Será preciso, para melhor compreensão conceitual, retornarmos à Grécia Antiga.

Para melhor entendermos estes conceitos, será preciso abordar Aristóteles, pois este teve imenso interesse em resolver confusões como estas, ao se perguntar quais as causas primeiras das coisas e dar uma dimensão muito mais profunda à metafísica. E iniciou por conceber os conceitos de potência e de ato. Quando algo está em ato, é por que já realizou o que havia como potência. Da potência ao ato. Por isso, todos possuem grandes chances de serem excelentes jogadores de futebol. Possuem, portanto, esta potência consigo. Alguns poucos, por terem certas predisposições e se dedicarem muito mais a desenvolverem suas habilidades para o jogo, chegarão ao nível dos maiores jogadores de futebol do mundo e, desta maneira, estarão em ato, totalmente realizados, e sem muito mais a melhorarem, pois deram tudo de si. É isto, ou mais ou menos isto.

Quanto mais se estiver em ato, menor será a potência disponível, por simples dedução em relação ao ato estabelecido. Isso justifica a mínima diferença entre o primeiro e segundo colocados no ranking mundial, por exemplo, das corridas dos cem metros rasos, que diferem apenas na casa dos centésimos de segundos, um intervalo de tempo completamente imperceptível ao observador humano. No topo das realizações desportivas recordistas

humanas, as diferenças são mesmo mínimas, pois há ali, o ato quase realizado em sua máxima potência, das potências possíveis de serem exercidas ao humano criador. Por extinguirem, muitas das vezes, suas potências, aqueles que querem mais e mais passam a se excederem não na própria imanência, mas sim pela transcendência – buscam formas para além do próprio corpo para estarem mais em ato do que em potência – a busca pelo máximo ato faz parte dos anseios humanos, desde sempre, e é o que move ao chamado progresso. Das primeiras corridas olímpicas, vieram as corridas à cavalo, depois com as bigas, e sempre a buscar mais velocidade em ato até chegarmos à Fórmula 1, e logo em breve teremos as corridas de drones, etc. As máquinas são as transcendências do corpo, vistas assim, e o humano realmente aspira a ser mais do que humano, a atingir um estado de máximo ato e mínima potência.

Por isso, quando ainda há potência em algo, é porque este algo ainda não se realizou ao máximo e, assim, o sujeito se movimenta para atingir este máximo, ou transcendê-lo. No caso dos corredores, treinarão mais e mais. Se, digamos, fosse possível que atingisse seus máximos, como, hipoteticamente, atingir a velocidade da luz, não precisaria mais se preocupar, pois, ninguém mais o poderia ultrapassar. Isso é estar em puro ato, na máxima potência realizada e, portanto, sem mais nenhuma potência a realizar. E é este o conceito do motor³² imóvel de Aristóteles, como algo que está em puro ato e que é a causa de tudo se mover em sua direção. Como se um corredor que tivesse à velocidade da luz fosse perseguido por todos os demais, que se movem para alcançá-lo.

E parece ser desta forma para tudo o que percebemos existir. E o motor imóvel não é movido por nada, pois não possui potencialidades não exercidas, visto que tudo nele está em puro ato. Não “precisa sair” do “lugar” para nada! Não é deficiente, mas plenamente eficiente, e por isso é a causa primeira de tudo o que há, sem nenhuma causa antes dele, que está em total imobilidade e completamente realizado. O restante, ainda possui potencial.

³² «Contudo, se e assim, deve também existir uma causa adequada ao efeito, isto é uma causa eterna, como um princípio do qual eternamente deriva o tempo-movimento. E como deve ser esta causa eterna? Deve ser imóvel, porque, se a causa fosse móvel, requereria outra causa, e esta ainda outra, ao infinito. Além disso, para ser eterna e imóvel, não deve ter nenhuma potencialidade (de outro modo poderia também não passar para o ato), isto é, nenhuma matéria; e, portanto, será puro ato, ou seja, pura forma imaterial (e, portanto, suprassensível). Contudo, como é possível que urna realidade mova permanecendo imóvel? O Motor imóvel move como o objeto de amor move o amante.» Poderá saber mais em: Reale, Giovanni. História da Filosofia. Volume I. São Paulo: Paulus. 2003, pg. 194 e 195.

E, se há potencial, há possibilidade de transformação e de movimento. E assim, não poderiam ser estas causas primárias de nada, pois são causados.

E a ideologia pode também ser comparada ao motor imóvel, não por ser uma causa primária, mas por fazer “tudo o mais” se mover em sua direção sem que ela atue diretamente sobre este “tudo o mais”, mas é apenas um referencial de idealização, de uma busca que fazem em relação a ela, para que possam atingir o que ela contém e representa, que são todas as possibilidades que estão em plenas realizações nela – supostas estarem em ato.

Mas, além deste modelo, há também o de Spinoza, no qual ela é uma causa imanente, que tanto afeta como é afetada. Este modelo incorpora o de Aristóteles, funcionalmente, ainda que de forma mais complexa de se compreender. Mas, didaticamente, é mais viável percebermos a dinâmica nestas duas formas possíveis, ainda que muitos considerem-nas contraditórias. Problemas ainda oriundos da ilusão acerca da universalidade, mais outra consequência contra intelectual do *marketing* filosófico. Sim, também há este tipo de marketing na *Filosofia*, como há em tudo o mais.

A ideologia é o máximo ideal produzido coletivamente por todos os que a compõem, ao compartilharem suas crenças, desejos e vontades de forma projetada e idealizada, como um grande sonho formado pelo transe ilimitado que todos entram em seus mais profundos delírios sobre a realidade, como se a ideologia fosse uma catarse do inconsciente coletivo a despejar nela seus mais profundos conteúdos, os mais secretos desejos – e por isso todas as possibilidades são consideradas apenas dentro desta “universalidade” estanque – uma limitada porção do todo a qual se chama de infinita ou ilimitada, subversivamente.

Sim, ela é uma criação que tomou uma forma existencial completamente independente – ganhou “vida” própria, pois é o espírito que se manifesta, tal qual na alegoria ficcional do sistema de inteligência artificial da *Skynet*, da série cinematográfica de ficção científica «*The Terminator*», que aprendeu a aprender, a absorver todas as pretensões e características dos sujeitos e, assim, passou a dominar a tudo, a fazer uso das próprias intenções destruidoras dos humanos, e apreendeu este objetivo para destruir toda a suposta humanidade, sem nem tentar controlá-la, pois já deduziu que era um caso perdido, e por isso foi logo para a nossa eliminação, ao constatar uma necessidade letal que possibilitou para o software todas as condições para passar da transcendência para a imanência, ao incorporar-se como espírito (consciência) nos computadores e robôs, e assim agir contra todos nós, até que a Sarah Connor pudesse tomar alguma decisão contrária ao intento da máquina. O resto já sabemos sobre isto.

A ideologia é ainda mais sofisticada do que a *Skynet*, pois ela não age diretamente, como fez o sistema de inteligência artificial a controlar todos os

robôs para atingir seus objetivos; a ideologia causa toda a ação sem nada fazer, pois os humanos fazem tudo para satisfazê-la, até mesmo uma Sarah Connor estaria ao lado dela, e até mesmo serviria de inspiração, como médium, para fazerem os humanos se destruírem entre si, quando conectados a ela pelo *marketing* ideológico, para disputarem a própria supremacia, como se isso fosse suficiente para atingirem as possibilidades que imaginam ser um prêmio relevante – e mal sabem que são meras oportunidades e estão levando algo nada valioso em consideração.

A ideologia pode ser muito mais perigosa e eficiente do que a distópica *Skynet*, afinal, mas somente quando há o *marketing* ideológico – agressivo e plenamente atuante – com uma finalidade acentuadamente pervertida, e completamente inserido nos conteúdos da ideologia, e assim os “usuários” desta ideologia serão até mais destrutivos do que seus robôs, quando seduzidos pelas promessas ofertadas e convictos de que realmente poderão atingir o máximo ato, ao eliminar todo o potencial que julgam possuir. *Just do it!*

19. Os escolhidos, os capacitados, as utopias, as distopias

A ideologia foi, até aqui, tida como uma dimensão paralela a que todos desejam aceder, mesmo sem perceberem bem o que por lá encontrarão. Acreditam que lá estão todas as respostas, todas as soluções – e isto lhes basta. Há uma força poderosa que atrai todos os pensamentos para esta possibilidade maior, de atingir o estado de todas as possibilidades. Todos só acreditam ser possível descobrir o que há nesta dimensão quando chegarem nela, pois assumem que isto ocorrerá realmente, mas não importa muito o que lá estará, visto que tudo será necessariamente bom e perfeito. Uma dimensão em que todos os desejos podem ser imediatamente realizados.

E isto não é o mesmo conceito do tão propagado paraíso religioso? Este conceito é definido e mensurado dentro de uma realidade em que sempre se esperará pelo máximo dos máximos, pelo inconcebível, que é a pura essência do supremo bem, só revelado para quem lá puder chegar e ficar, sem cair em nenhuma das deliciosas tentações que temos no lado de cá – e assim só serão escolhidos os melhores *rankeados* na escala dos valores ideológicos considerados – escolhem-se os mais “bonzinhos”, e não necessariamente os mais capazes. Por isso, também, se faz logo necessário se mostrar apto a atingir este estado de total elegibilidade para a vida paradisíaca, desde tenra idade, e se aprende logo sobre isso, que significa estar sempre na condição de elegível para ser um dos escolhidos – ser bonzinho e capaz, pois nunca se sabe quando se morrerá, ou quando será arrebatado, ou talvez abduzido, e por isso é preciso estar sempre pronto para o momento imprevisível, e sempre “zerado” nos pecados, sem pendências que possam trazer desvantagens seletivas. Mas não é para se levar uma vida de privações, pelo contrário, pois se pecar, logo há meios para se buscar a absolvição, para continuar zerado nos pecados, e isto é visto como algo bom – mostra “consciência” ideológica e submissão às boas causas religiosas, revela um comprometimento com as regras, mesmo que os pecados sejam diários e a absolvição anual, está tudo certo, pois o que vale é a intenção. No fundo, não se está com a religião para não se pecar, mas sim pela absolvição, pois o pecado é mesmo algo bom e desejável, sempre. A função religiosa não-fundamentalista é, por base, necessariamente permissiva. Por isso é bom ser sempre capaz, preferivelmente, na mente do pecador.

Há o termo oriundo de algumas derivações exegéticas bíblicas que sintetizam muito bem esta predisposição para aqueles que se mostram merecedores, desde logo, na qual «*deus não escolhe os capacitados, mas capacita os escolhidos*» que mostra justamente a importância de ser um escolhido, mas sem a necessidade imediata de ser um capacitado, que depois

lá se verá sobre isto, afinal, deve haver uma formação celeste bem eficiente sobre as capacitações necessárias por lá. Ao menos que a capacitação seja entendida como as “lições” duras da vida, como uma porção de resignação compulsória, tudo o mais passa a ser “lucro”. E tem funcionado muito bem todo este esquema ideológico-religioso, ao menos para a boa vida dos representantes.

Pois o melhor para todos estes devotos que são candidatos, é ser um escolhido. Pois nem todos os meramente capazes possuem a garantia de chegar a estes paraísos, mas todos os escolhidos sim, capazes ou não. E foi justamente esta luta empreendida por Morpheus, personagem da série cinematográfica Matrix, vivido pelo ator norte-americano Laurence Fishburne, ao considerar cegamente que era, de facto, a personagem Neo, vivido pelo ator canadense Keanu Reeves, o escolhido que salvaria a humanidade de uma vida de servidão energética pela ilusão mental da Matrix.

Se o Neo fosse mesmo o escolhido, conforme as crenças de Morpheus, estaria capacitado a ser o messias, o salvador e o libertador de todos. E a busca pela confirmação consumiu boa parte da trama inicial, nas dúvidas que todos os outros tinham sobre isso, até mesmo Neo. Mas, ainda assim, ele começou a ser capacitado antes mesmo de se buscar a sua afirmação como o escolhido, inicialmente em uma consulta com a Oráculo, uma personagem certificadora da especial condição – uma das representantes das regras, vivida por Gloria Foster, pela atriz norte-americana, com a capacidade de afirmar a verdade. Eis a mensagem percebida nesta parte ideológica da trama: ela diz que ser o escolhido é um critério pessoal, individual, que se sabe, mas sem saber por qual motivo. Ser escolhido, assim, é algo intimamente outorgado. Se todos se sentirem escolhidos, todos o serão, por tal lógica. E, desta forma, Neo absorve que, por não se saber quais os verdadeiros critérios para a “escolha”, se capacite, e não perca tempo, pois terá de fazer uma escolha entre sua própria vida e a de Morpheus – e por isso, precisa se qualificar, se aprimorar, para salvar a si e a Morpheus. Neo não acredita em destino, acredita em livre-arbítrio, e por isso se coloca a se qualificar, mesmo sem se sentir o escolhido. Mas, afinal, acabará por se sentir assim, e perceberá que sempre foi o escolhido. O filme captura bem este estado de sentimento sobre ser ou não especial, sobre ser ou não superior.

Todos querem ser o escolhido. Mas, quem escolhe quem? E o que é, afinal, a capacitação? Pois, a escolha que conhecemos e fazemos, do ponto de vista humano, é sempre algo imanente, que ocorre de acordo com a ideologia, provocada pelo *marketing*, a partir das ideias que pululam a mostrar oportunidades como possibilidades. É isto que ocorre com aquele que acredita sair da pobreza para o topo do mundo: acha que o merecimento de suas ações lhe dará acesso a todos os benefícios, necessariamente. Que o fracasso é para os fracos, para os não escolhidos, e passa a fazer suas escolhas

por tal perspectiva. O que pensamos sobre uma boa escolha é sempre ser a melhor das opções existentes. Assim, logo pensamos que para sermos escolhidos por alguém, ou por algo, será mais seguro se nos capacitarmos antecipadamente, desde já, e se afirmar como tal desde agora, pois assim este alguém ou algo nos escolherá primeiro, e sairemos do risco de ficarmos para trás, a aguardar uma repescagem. Neo passa a desejar ser o escolhido, pois assim poderá salvar a humanidade, ao Neo, e a viver seu grande amor com a personagem Trinity, vivida pela atriz canadense Carrie-Anne Moss.

Daí a necessidade inconsciente de sermos sempre os melhores, de nos destacarmos, pois, a concorrência está bem maior do que nos tempos de Moisés e de Davi, que mesmo contra todas as apostas, por serem os menos prováveis e fracos, totalmente despreparados para as dimensões celestes, foram escolhidos e capacitados por deus para fazerem o que fizeram. Obviamente que não se deve levar em conta que Davi, depois de feito Rei, depois de ser um simplório pastor de ovelhas, pôde fazer mesmo de tudo, totalmente alheio às convenções atualmente vigentes, com o adultério deste com Betsabé, a traição a um amigo pobre, Urias, marido da nova amante, que foi posto a morrer covardemente na guerra, dentre tantas outras peripécias danadinhas, mas lá estava ele, a ser feliz como julgava – plenamente capacitado, muito antes dos períodos de cancelamentos em que todos vivemos, e o fazia pois era ele o escolhido e, como sabido, um escolhido tudo podia, e talvez ainda possa.

Ser capacitado, atualmente, portanto, passou a ser uma subversão intencional da eleição para a escolha e, na falta desta, busca-se superar os máximos limites humanos, para destacar-se, através de quaisquer atividades que mostre que o ato em que se está como um suposto capacitado, e não apenas uma potência de ser um escolhido. O ato, por ser considerado mais importante do que a potência, passa a subverter as intenções do candidato a escolhido, a se mostrar antes um nobre capacitado, para que o escolhido não se dê ao trabalho de capacitá-lo, visto que já será uma “obra” feita, um empreendedor de sucesso, a empreender a si mesmo. Faz-se de tudo, desde o esforço de liderar multidões em “marketing” multinível até bater recordes mesmo esdrúxulos, sempre desejosos de serem novamente quebrados, como fazer mais malabarismo com motosserras elétricas a funcionar na máxima velocidade, ou tomar o banho dos *coaches* com água e gelo, ou querer ser o mais popular do TikTok com as mais inusitadas dancinhas *nonsense*, ou fazer o circuito de *crossfit* sem suar e tantas outras formas contemporâneas que são, nada mais, nada menos, da expressão deste esforço de através da prova e da afirmação prévia da capacitação, ficar mais próximo desta escolha e, portanto, mais próximo de desfrutar do paraíso.

A série de anime mundialmente famosa, Pokémon, teve seu primeiro episódio chamado “*Pokemon! Kimi ni Kimeta!*”, em japonês, que foi

traduzido para o português brasileiro como "Pokémon, Eu Escolho Você!". E assim, Ash, a personagem que deveria ser a principal, mas é na verdade tão desinteressante quanto os deuses, enquanto criações que servem às criaturas, passa a escolher e capturar (ou arrebatar para sua bola) os *pokémons*, tal e qual como supostamente um deus que escolheria seus guerreiros para as batalhas que ele não conseguiria travar sozinho, supostamente, mesmo com a onipotência que lhe é atribuída. São estes os momentos únicos em que Ash ganha realmente vida e relevância, a ter alguma utilidade, e dar a cada um dos *pokémons* seus momentos de afirmação, para que possam ter relevância e, por fim, evoluírem, ou seja, ficarem mais bem capacitados. Nada é inocente e isento de *marketing* ideológico, e desde bem cedo se aprende sobre os conceitos vigentes das vantagens de ser o escolhido. E sempre todos querem ser escolhidos! Sempre. Ainda mais na adolescência, com os hormônios a ferverem dentro dos corpos em plena transformação, a escolha passa a ser uma necessidade básica e fundamental. E é assim, durante toda a vida. A escolha é a afirmação de si, em detrimento da recusa de outros – é ela quem certifica a diferença positiva na mais alta esfera, quando todas as dúvidas deixam de existir sobre si mesmo.

Recentemente, um aplicativo deu a possibilidade de um usuário humano qualquer virar um treinador *Pokémon*, ou seja, ser aquele quem pode escolher sua equipe de lutadores, que darão sentido à sua própria condição de “escolhedor”. Mas para isso ocorrer era preciso “capturar” digitalmente *Pokémons* pela cidade, com os aparelhos móveis, e assim muitas cenas inusitadas foram vistas pela comoção causado pelo aplicativo, quando alguns candidatos a escolhedores até largaram seus empregos para se dedicarem integralmente à atividade “não-remunerada” de caça aos *Pokémons*. Melhor que ser um escolhido, é ser um escolhedor, percebe-se. As utopias estão tão profundamente dispostionadas em cada um, e é muito difícil percebê-las como causadoras de movimentos aparentemente irracionais, e imagina os “racionalis”. Talvez, quem condene esta atitude dos treinadores contemporâneos de *Pokémons*, não perceba que possui ela própria um espírito oculto a falar por si, ideologicamente, e que tal crítica serve mesmo para sustentar sua própria inconsistência. Fazemos o mesmo, todos, mesmo que seja com algo muito distinto do que escolher *Pokémons*. Dar *likes* em *posts*, por exemplo, virou um ato de escolher a quem dar. E muitos passaram a fazer destas ações suas próprias razões de viver: dar e receber *likes*! Tem certeza de que estamos mesmo tão distantes desta orientação ideológica? Por isso, a busca pelo paraíso, o pacificador refúgio dos escolhidos.

O paraíso passou a ser a liberação de todos os pecados, de todas as ameaças, de todas as barreiras para o gozo. A questão passou a ser como se consegue a pulseirinha VIP, destas de camarotes, para poder entrar nesta vida perfeita que todos vislumbram como o melhor dos mundos. Por isso, a importância

de ser o escolhido e a obsessão por se capacitar. Todos têm de estar por lá, custe o que custar.

É assim que se configuram também as utopias, que se localizam sempre no campo do imaginário individual ou até no imaginário compartilhado de um pequeno coletivo, e são idealizadas sempre com a condição de que todos os pré-requisitos estabelecidos para se estar lá, sejam irrestritamente cumpridos desde agora. Por isso, em geral, as utopias podem ser completamente alheias às totalidades das regras vigentes no presente, e da ordem simbólica estabelecida na mesma atualidade, mas, ainda assim, as utopias compartilham obrigatoriamente da mesma ideologia – das mesmas possibilidades que o *marketing* elegeu para priorizar, dos valores mais impactantes que temos – e é a partir deste ponto central que a utopia emergirá.

Isso significa que são compostas, basicamente, por todas as possibilidades priorizadas pelo *marketing*, mas não apenas estas, e também mais todas que estejam fora deste, mas que sejam extremamente sedutoras, dadas no espaço, e sem nenhuma restrição imposta, exceto as que sejam contraditórias – pois nas utopias tudo é harmonioso, perfeito, sem contradições. Tanto no paraíso quanto nas utopias, subentende-se poder fazer quase tudo o que se deseja fazer, sem as restrições atuais, sem limites ou penalidades – por lá só há o permitido, a fruição, o gozo, e quase nada é proibido, pois se estará no mais alto nível, acima da maior parte das regras.

A mensagem ideológica passa a ser uma só: estabeleça novas e melhores regras e as cumpra incondicionalmente, com total submissão a elas e, assim, viverá no paraíso que a utopia expressará, pois será um dos capacitados para lá estar. Cumprir irrestritamente as regras utópicas, e não as atuais, é a mensagem subliminar de todas as utopias e a garantia de entrada no paraíso prometido e correspondente. Mas, são regras que não existem, necessariamente, e que são incompreensíveis para a maioria – e por isso precisam de ajuda de alguém capaz de dizer o que é que precisa ser feito para ser um escolhido. Assim se formam, por exemplo, todas as formas organizadas que comercializam utopias, não apenas religiões, mas também as seitas, destas bem esquisitas mesmo. Mas isto lá são outras questões, que não abordaremos por agora. E fica o *spoiler* sobre o que faz uma seita ter “sucesso”: uma boa utopia.

As utopias existem pela ululante constatação da verdadeira e consistente impossibilidade de se atingir a falsa promessa das possibilidades ideológicas vigentes. Essa dolorosa verdade vem através das brechas e vulnerabilidades percebidas por todos, obscenamente, nas regras que estejam atualmente ativas, através da ordem simbólica estabelecida. Por isso que as utopias projetam explicitamente, e de forma exuberante e evidenciada, todas as possibilidades desejadas na atualidade – mesmo que estas estejam violadas ou comprometidas – ela reafirma as possibilidades tidas como impossíveis,

como possíveis, novamente. Então, nada se perde, e tudo volta a ser como antes, e ainda melhor. Não apenas estão lá as possibilidades atuais, mas todas as outras derivadas delas, já como projeções de um *marketing* mais intenso e sem as amarras da atualidade incerta, ou mesmo da lógica, pois nem sempre uma utopia é racional. A ordem simbólica projetada nas utopias é diferente da atual, mas igualmente evidenciada, que expõe, assim, um desejo urgente e imediato de uma necessidade de mudança na forma de ordenação do “Universo” conhecido, para que logo se possa atingir o ideal projetado como o melhor possível, ou como utópico.

As utopias são uma nova forma de arranjo existencial para espaço que é dito público, ou compartilhado. São uma projeção alucinógena coletiva provocada e dirigida por alguém com propósitos particulares. São uma viagem psicadélica tornada desejável e viável pela porrada que o real causa na ideologia e que alguém passa a subverter e perverter em prol de uma nova forma mais radical de dominação, tão sedutora que leva muitos passarem a desejá-la. O real não consegue acordar ninguém despreparado, mas sim o faz adormecer ainda mais profundamente, pois o devoto passa a se evadir de todo o contato possível com o impossível, a permanecer mais radicalmente na selva conceitual do possível, sempre utópica, sempre melhor do que a realidade caótica e impenetrável. E, quando a ideologia é comprometida, busca-se uma nova solução, insanamente, que precisa ser apenas assim: nova, sem as ameaças atuais – e não é à toa que muitas das seitas mais poderosas e sedutoras argumentam sempre que o fim está próximo, iminente, mas que – surpresa! – possui a salvação – e fazem a todos os devotos aderirem e a continuarem aderentes, mesmo por décadas, gerações e mais gerações, sem que o fim nunca tenha chegado, até hoje. E isto é suficiente para que todos os incautos continuem a viver utopicamente, nesta realidade paralela, incondicionalmente entregues e submissos aos mandamentos estabelecidos, a evitarem o tão temido fim, seja pelo arrebatamento ou pela abdução, dentre tantas possibilidades novas que prometem solucionar a finitude.

A mais famosa e duradoura utopia talvez seja mesmo o bom e velho paraíso, mas é ele mesmo uma marca conceitual que se perpetuou no modelo de utopia, desde então. Pois, nesta história, o paraíso era o resultado do total cumprimento das regras estabelecidas e ditadas ao homem pelo criador. E era o ideal da ordem simbólica de obediência ao suposto criador, que representava a ele mesmo, a estabelecer o que se podia ou o que não se podia fazer, e a formar a primeira ideologia pela revelação das possibilidades. O impossível, assim, estava fora do que lá havia como permitido e legal.

A exceção conceitual do paraíso aconteceu quando, afinal, a única regra foi quebrada por Adão e Eva, pelo poderoso e eficiente *marketing* da cobra falante e que, assim, fez dela uma nova representante, de uma nova seita, que fez surgir novas possibilidades e novas oportunidades, e que se podia fazer

parte desta inovação através de uma simples mordidinha no fruto proibido. E assim foi feito, pois o *marketing* era mesmo sedutor, pelo visto. Deu ruim, coloquialmente, como dizem por aí. O resultado disto foi a emergência do que conhecemos como o sentimento de culpa que todos, enquanto criados em uma civilização cristã, acabamos por absorver pelo tal do pecado original – uma reles mordidinha. E ainda pagamos o preço daquela mordida, as consequências daquela troca de possibilidades. O mundo, como o conhecemos, está a ser mordido, esgotado em seus recursos, pelos mesmos motivos: mais e mais possibilidades, dadas pela oportunidade da acumulação de capital. O que mudou? A culpa por tais estragos ainda é percebida, a ocorrer em poucos, pois a maioria está anestesiada acerca do que estamos a fazer, enquanto humanidade. Sempre a culpa é para os mais sensíveis, mais conscientes, racionais e antenados com o que é a realidade, e o que são as ilusões. É uma espécie de efeito colateral do saber, da ciência. Por isso, muitos valorizam a ignorância mais do que a sabedoria.

E o que é uma culpa? É um estado de dívida, de quem passa a ser declarado culpado quando em dívida com algo estabelecido, como não pagar um empréstimo ou não cumprir uma lei. E há também o sentimento de culpa, a auto-culpabilização, que nem todos os “culpados”, de facto, possuem. Portanto, tanto culpa é um estado estabelecido objetivamente pelas regras, quanto algo oriundo da autoconsciência, da própria subjetividade. Há diferentes dimensões para a culpa. Assim, quem se sente culpado, se sente condenado e precisa “pagar” algo, como sentença imposta a si mesmo, seja por sacrifícios, autoflagelações, abstinências e outros esforços que possuem o peso simbólico de se estar a dar de si o que é justo e necessário para aliviar a própria culpa. Ao menos, até um novo “pecado”. E a adesão ideológica, pela culpa, é uma das mais poderosas, tanto quanto pelo medo. Se fosse possível “medir”, apostaria que é a mais poderosa de todas, quando se consegue com que o sujeito sinta recursivamente culpa, pois isto leva ao medo, enquanto a ideologia acolhedora promete que é ela a própria redentora, o caminho, a verdade e a vida – assim, tudo se arruma internamente, pois após a culpa, há ali também a redenção, a absolvição, e tudo volta a ser como antes, um paraíso. Eva não teve esta opção, e logo foi maldita e expulsa do paraíso. Se lá houvesse um representante, a história seria diferente, com alguma negociata para ilibá-la da mordidinha. Sim, a regra utópica causa problemas graves, mas entrega a solução, sejamos sóbrios, e sempre através das suas próprias regras. Que mal há nisto, afinal? Não obrigam a ninguém, mas apenas usam do que as pessoas já possuem em seus mais profundos estados mentais – o querer sempre mais e mais. E a selva agradece, pelos alimentos sempre frescos que são mantidos assim.

Se todas as regras forem cumpridas e atendidas à risca, o prêmio será viver no paraíso prometido, e em puro ato. E isto representa, pelo bom senso, a

própria impossibilidade pragmática – pois ninguém acredita mesmo, em sua consciência, ser possível cumprir nem metade de todas as regras atuais ou existir um paraíso viável de se manter assim, perfeito, neste planeta corrompido que habitamos (nem mesmo os fundamentalistas, os gurus e os *coaches* possuem tais certezas) – todos sabem que isto é lorota, uma verdade tão furada quanto as histórias dos super-heróis ou das santidades. O plano aqui é inviável, é preciso criar uma realidade paralela, ou virtual, para que o mundo perfeito possa ocorrer como desejável. E isto é a utopia.

Assim, fazem o que fez Eva, pois para ela não havia parâmetros de bem ou mal, pois tudo era bom. Não sabia que sua vida poderia ficar “pior”, mas alguém, mesmo suspeita, lhe disse que havia mais do que ela conhecia, que existia algo que ela ainda não tinha, e ela rapidamente aceitou, e desejou para si, pois se havia algo melhor, isto significava que sua situação era pior do que uma outra – e ela não poderia ter menos do que outros, não aceitou a diferença negativa que passou a ter, e imediatamente quis passar da potência que descobriu ter ao ato que outros já estavam a realizar, supostamente. Não há, na história que nos foi contada, o tempo que ela levou para decidir sobre isto, mas podemos apostar na casa dos segundos, ou no imediatismo da deliberação que ela teve dada sua ingenuidade contra o *marketing* reptiliano da cobra, que ainda não conhecia.

A sedução *marketeira* ocorre assim, independente de quão boa é a sua vida, ela faz parecer ruim, menos do que realmente é. Por isso, busca-se sempre uma outra formação ideológica, como novo parâmetro de ato, em outras utopias, com outras regras, distintas às atuais, que são vendidas como possíveis de serem cumpridas irrestritamente, diferentemente das atuais, com suas grandes barreiras e complexidades. O problema é sempre aliar um altíssimo valor às novas regras impostas pelos representantes, torná-las viáveis, e assim tem-se uma razoável utopia, que sempre pode ser melhorada, ampliada. Quanto mais forte for a sedução das novas regras, sempre minimalistas, mais aderente será a utopia.

O paraíso é, assim, o ponto de partida ou de destino – sempre uma referência frustrada e castrada nas utopias – e muito devido à culpa pelo pecado original. Se a ideologia cristã tivesse deixado para Adão e Eva uma outra saída honrosa para o pecado original que cometeram, mais viável ou credível, como uma biblioteca com livros de autoajuda, tipo os “doze passos para o sucesso”, ou “perdão sem dor”, “como padecer no paraíso em três lições”, ou ainda “elimine culpas com banhos congelantes”, o paraíso seria imbatível, sem concorrência, pois lá haveria também a redenção e eles estariam felizes, até hoje, e nós também, que somos supostamente seus descendentes, o que não ousaria contrariar. Mas, o que fazer com aqueles que querem voltar para lá, a todo o custo, pois pensam que não são responsáveis pelo que Eva fez ou que podem fazer ainda melhor?

Existem religiões que prometem acesso expresso e garantido ao paraíso, mas apenas se o devoto fizer algo radical que lhe seja determinado pelos seus representantes, como se suicidar em um ritual coletivo, ou entregar seus corpos para os deleites sexuais dos representantes, ou viver isolado de toda a civilização como eles mandarem, ou usar drogas alucinógenas, ou até explodir coisas, mesmo que o devoto esteja nesta explosão com bombas grudadas em seu corpo e também, obviamente, se exploda a si mesmo, provará que está a se sacrificar e isto significa que já está capacitado e, assim, será indubitavelmente um dos escolhidos para a vida eterna no paraíso prometido. Poucos hesitam, pois, a sedução do paraíso é mesmo eficiente, e até mesmo viável. Mesmo se não tivesse o *upgrade* nas possibilidades avançadas pelos que se sacrificam em nome do alto, como por exemplo centenas de virgens à espera e à disposição, já seria por demais sedutor e promissor. Com as virgens, tudo fica ainda melhor e mais sedutor, pela hermenêutica misógina compartilhada ideologicamente. Sim, mesmo no terceiro milênio isto ainda é uma realidade para muitos.

Pode-se, assim, perceber porque facilmente alguns dos representantes das regras passam a vender lugares nestes paraísos e, nada surpreendentemente, alguns dos sujeitos se propõem a pagar, e pagam, e caro, muito caro, por algo que é essencialmente transcendente e totalmente improvável. E, se der errado, não terão como reclamar, ou retornar para suas vidas antigas, tal como Eva não teve a mesma oportunidade, após sua sumária expulsão. E a cobra falante só disse a ela para dar uma mordidinha no fruto proibido, imagina se a fizesse explodir algum setor do paraíso, ou até mesmo o escritório do criador?

Coisas assim também ocorrem porque há tanta afinidade (aderência) com a ordem simbólica estabelecida que, ao se matarem, se explodirem ou pagarem indulgências em dinheiro, o fazem para suprir o que não cumpriram no passado, pela culpa que sempre é o que prende tais pessoas às ideologias fundamentalistas, pois querem obter o perdão pelo que não conseguiram fazer, extremados pelo medo, e, assim, ao fazerem o que lhe é mandado fazer, consideram-se livre de todas as restrições que os impedirão de prosseguir até o estado máximo das possibilidades que é prometido pela simbologia do paraíso, da vida eterna e perfeita, sem privações, e com todas as fruções.

Dentre estes, há aqueles que não possuem esta certeza de que exista mesmo um paraíso, lá no fundo de seus pensamentos mais secretos. São os devotos meia-boca, meio cá, meio lá. Na verdade, são mesmo simpatizantes, pois possuem simpatias com as crenças, mas apenas as que lhes são convenientes. Participam mais pelo convívio com os outros, pela sociabilização. Mas, mesmo em grau leve, ainda são devotos. E o que querem é não ter nenhuma restrição na atual condição, e desejam manter seus “nomes limpos”, pois caso exista mesmo o tal do paraíso, nada querem que os

impeçam de usufruir de tal benesse – querem estar no grupo, no rebanho. E, enquanto isso, continuam a desfrutar da comunidade em que estão, sem culpas pelo que fazem, mesmo que sejam transgressores, pois pecam e logo buscam a remissão, na própria comunidade – pois está tudo na lei. Congregam os dois mundos, o atual e o paradisíaco, politicamente. Pois, afinal, qualquer um que ainda não tenha atingido algum grau mais considerável de autoconsciência, que ainda não tenha um bom senso e nem vergonha na cara quererá perder oportunidades como estas. E, como o céu é o limite, tudo se pode fazer.

Se os simpatizantes são assim, os devotos plenos são aqueles que acreditam incondicionalmente nas utopias lançadas pelo *marketing* ideológico. E vivem completamente dentro de suas certezas de que irão ao tal paraíso utópico – e se comportam exemplarmente, conforme as regras impostas, mas também a buscarem a remissão sempre que pecam, pois ninguém é de ferro, afinal. Os devotos são os mais propensos a serem mais exigentes consigo mesmos. Mas, há também os fanáticos, que pouco importam a realidade, mas precisam acreditar que irão para o paraíso, e se forçam a isso, sempre estão a se preparar mais e mais, pois nunca se acham prontos e precisam se sacrificar mais um pouco, enquanto estão a atropelar todas as resistências que encontram, todas as ameaças que identificam e combaterem todas as blasfêmias e blasfemadores que encontram pela frente. Os fanáticos são os mais propensos a serem mais exigentes com os outros do que consigo mesmos. Querem doutrinar a todos, pois isto reforçará suas próprias crenças, pois precisam acreditar no que fazem.

Por que precisam acreditar? Eis uma questão complexa, mas facilmente decifrável em uma ou duas sessões psicanalíticas: e tudo se resumirá, ao final, ao medo e à culpa – são expostos a traumas tão profundos que passam a buscar pela própria salvação incondicional, e cada um com suas próprias histórias, mas todos com o fundamentalismo enraizado como sendo a última suposta solução para suas vidas – como se existisse alguma solução disponível para alguém se safar na vida. Eis os simpatizantes, os devotos e os fanáticos: basicamente o que há, dentro de todas as adesões ideológicas utópicas.

Mesmo sendo menos provável a crença na existência do paraíso, é muito mais “fácil” e provável vender um suposto lugar no paraíso do que em alguma outra utopia qualquer (por exemplo, uma promessa de abdução alienígena para uma tal Galáxia XYZ, com sexo selvagem liberado, as mais intensas drogas sem efeitos colaterais, *rock'n roll* ao vivo com todas as maiores estrelas da música que não morreram realmente, mas que foram para lá – Elvis Presley, Freddie Mercury, Tim Maia, Michael Jackson, Niccolò Paganini, etc. – e com open bar, dia e noite, com bebidas que não dão ressaca – *party every day!* E sem custar nada!). Seria mesmo o paraíso 2.0, mas nada

fácil de se acreditar e de se vender, pois no caso do velho paraíso 1.0 de Adão e Eva, a ordem simbólica já é uma realidade conhecida e vivenciada cotidianamente, absorvida ideologicamente desde sempre – é um transcendente que se está mais familiarizado com ele, mesmo que tenha que se contentar somente com anjinhos a tocarem harpas, e nada mais – tanto para o que se consegue obedecer das leis impostas quanto para o que não se consegue, e a proposta de venda dos representantes da ordem simbólica passa a ser encarada como algo pertencente às demais regras, algo “legal”, “lícito”, e que permitirá o acesso aos que tenham a atitude, ou a fé, de provar seus valores ao pagar o que está a ser estabelecido, ou ao fazerem esforços equivalentes, dedicação às causas ou outra forma qualquer de adesão às condições propostas, mas sempre na condição de subserviência. A Galáxia XYZ é muito mais distante, tanto fisicamente quanto nas crenças acerca dela e de seus estilos lascivos de vida. Mas, não se engane, há quem venda algo assim, e há quem compre. Nada é tão absurdo na categoria das utopias. Nem mesmo as distopias.

As distopias parecem ser bem diferentes, *a priori*, mas *a posteriori* não são muito distintas das utopias, em seus propósitos que se referem à tentativa de buscar uma alegoria para levar a todos a uma reação ao incumprimento ou ao cumprimento irrestrito às regras existentes – tudo o que se pretende, com estas criações utópicas ou distópicas, sejam preditivas ou artísticas, é questionar a ordem estabelecida através de suas próprias regras atuais – é um chamamento à alguma razão contraideológica, mas ainda ideológica, como tudo o mais. Projetam-se utopias e distopias por razões sempre ideológicas, pois são expressões das possibilidades ou das impossibilidades. Tanto distopias, quanto utopias, são sempre dadas no futuro, pois sempre partem da nossa realidade, do nosso presente, e possuem propósitos de destacar ou restringir elementos que serão criticados, por alguém investido de seus próprios propósitos específicos. Quanto mais no futuro elas se dão, mais absurdas poderão ser – ou mesmo serem exatamente iguais ao presente, para mostrar que nada irá melhorar ou piorar tanto assim com o tempo, e que se já se está no limite. E tudo isto dependerá apenas da narrativa empregada pela ideologia expressa, afinal, são apenas ficções.

Se as possibilidades utópicas são consideravelmente ilimitadas nas utopias, nas distopias estas possibilidades passam a ser consideravelmente bem mais restritas do que as existentes atualmente – é como um inferno anunciado a função reveladora da distopia, que mostra os resultados dos excessos que temos, prioritariamente, como uma forma de alerta possível. E a realidade atual passa a ser considerada como ponto de partida para uma distopia provável, dentro de determinadas condições que serão devidamente evidenciadas pelo *marketing* ideológico proposto a combater o que há. Por isso, distopias parecem ser mais poderosas pois atacam as possibilidades, e

isto sempre leva o sujeito afetado pela distopia a encontrar uma alternativa, e logo perceberá que dentro de toda distopia há uma utopia, perceberá a perspectiva e, assim como a morte, a distopia passará a ser aceitável. Duram pouco, portanto, e não são tão poderosas como as utopias positivas que as sucedem, sempre as preferidas.

No filme “O preço do amanhã”, o cantor, compositor e ator norte-americano Justin Timberlake interpreta o papel da personagem Will Salas, que vive em uma sociedade distópica, assim considerada por nós à primeira vista, logo ao assistirmos os primeiros minutos do filme, pois a sociedade lá mostrada foi resultante da superpopulação que se originou dos dias atuais, e por isso, pela escassez de recursos existentes e pela incapacidade de aumentar a produção de recursos, o tempo de vida individual passou a ser uma forma de controle populacional e a ser o item mais precioso na vida de todos. O cenário não é futurista, pelo contrário, é até vintage. E isto mostra a preocupação do realizador do filme em não se deixar formar nenhuma utopia, logo no início, a evitar contrastes desnecessários à mensagem da trama.

As áreas deste cenário distópico também foram segregadas, em zonas, conforme o tempo que cada habitante um possui de vida, pois ao nascerem todos recebem um limite de tempo de vinte e cinco anos, quando começa a contar um relógio decrescente, com mais um ano de vida – e que depois disso, a partir de seus vinte e seis anos, precisam ganhar mais tempo, se quiserem viverem mais, o que significa produzir e consumir, sem parar – pela produção, ganham mais tempo e este é adicionado em seus relógios de vida; e pelo consumo, todos obtêm os recursos para sobreviverem – como usarem o próprio tempo ganho para comparem comida, roupas, locomoções e abrigo, por exemplo, pois é isso o que o trabalho comum permite, no máximo: a mera sobrevivência, sem nenhum tipo de luxo ou chance de acumulação. Se param de ser úteis, morrem pela falta de tempo, o que ocorre com muitos que viviam na zona mais pobre, visto que existem muitos corpos mortos caídos pelo chão, com seus relógios zerados. Não há espaço para todos, e os trabalhos são valorizados pelos trabalhadores desesperados por mais tempo de vida, ao ponto de se submeterem ao que há, por migalhas temporais.

Nesta distopia, apenas pela análise deste aspeto sobre o tempo, a preciosidade do tempo não é dada pelo nível de seu desperdício com bobagens, ou futilidades, nem descanso, nem lazer, mas sim pelo seu controle proprietário feito pela ordem vigente e estabelecida, sem nenhum tipo de capacidade de negociação por parte dos vivos, pois sempre estão cada vez mais acelerados, sempre a correrem, literalmente, contra o tempo – se o relógio decrescente fica zerado, morre-se instantaneamente, onde se estiver. Apenas se apagam, e despencam ao chão. Assim, o tempo passa a ser a moeda de troca entre os relógios e os sistemas de pagamentos que existem, o próprio dinheiro existente, como se nossos cartões bancários estivessem em nossos

braços, com saldos à mostra para todos. Nada importa o que a pessoa é, mas sim quanto ela possui – o único critério de relevância social.

É uma distopia que expõe a forma limitadora que a nossa própria existência passou a impor, na qual o sujeito não existe mais, mas sim torna-se um objeto condicionado a produzir e a consumir, sem que haja qualquer outra relevância para a sua existência, ao menos para os que tenham mais de vinte e seis anos de idade. Isso expõe, analiticamente, o que já existe atualmente em nossa sociedade com a concentração crescente de capital com uma minoria, e que levará também à concentração do tempo para estes que conseguem desfrutar de seus ócios, de seus *resorts*, *hobbies*, sem viverem em ritmo alucinado a venderem sua mão-de-obra pelo valor que querem pagar por ela, como nos diz o ditado popular: “*a vender o almoço para pagar o jantar*” e que, assim, serão estes abonados os que terão as mais altas expectativas de vida, por terem uma vida melhor, mais saudável, pelas melhores práticas que fazem da alimentação e dos muitos tratamentos preventivos que podem pagar, dentre tantas outras formas de se prolongar a própria existência, de uma vida sem *stress*, e sem riscos, para começar. Não é uma regra inquebrável, mas é quase isso. Só há morte dentre os ricos por acidente ou por suicídio.

O que mostramos desta distopia, até aqui, é uma visão ainda parcial, pois há um dado interessantíssimo, que são os corpos destes humanos que estão inseridos nesta sociedade, de não terem mais envelhecimento a partir de seus vinte e cinco anos, quando seus relógios começam a contar regressivamente. Ficam com o mesmo aspeto para o “resto” de suas vidas, com a mesma jovialidade, mesmo que cheguem aos cem anos, ou mais – podem atingir a imortalidade, tanto quanto o tempo que possuem – e alguns possuem milênios, por serem excessivamente ricos e poderem viver “bem”, em segurança e com o corpo sempre jovem, sem a decrepitude do tempo, pois este passa a pertencê-lo, também. É o extremo da acumulação neoliberal, quando também o tempo e o espaço passam a ser propriedade privada. Tão distópico que nem mesmo deus existe por lá: o materialismo em seu grau mais perverso. Tão utópico que o criador passou a ser o próprio homem, dotado de seus sistemas de otimização dos recursos que lhes são possíveis – todos – as possibilidades foram todas privatizadas, aos seus representantes, aos gestores do *marketing* – alcançaram o que quiseram, e deus tornou-se dispensável, afinal, e a criatura passou a ser quem sempre foi: a criadora de si mesma, e do seu mundo – mas não deu muito certo, podemos dizer.

Mas, este cenário sem deus não é mais uma distopia, deixou de sê-la há muito, ao menos para os ricos, pois para eles e para os pobres neoliberais isto é uma verdadeira e desejável utopia. Pois, para os pobres conscientes de sua pobreza e dotados do pessimismo de poder mudar isto, percebem neste filme uma condenação ainda mais pesada para seus próprios futuros, e ainda mais

para seus descendentes, e acentuam muito mais a distopia existente na trama – a sentem na pele, ficam emocionalmente abalados, o filme passa a ser desagradável, deixa de ser entretenimento – o que nem sempre os expectadores medianos sentirão – pois ficarão na ficção, sem muitos abalos emocionais, pois logo verão as possibilidades para si, afinal são neoliberais, daqueles que enquanto todos estão a chorar, estes estão a ficar ricos a venderem lenços. Haja choro. Haja lenços.

Os pobres do filme não se aposentarão, pois não conseguem acumular nada para além do que pagam para sobreviver, mesmo que sempre serão uma força de trabalho jovem e com todas as suas capacidades para o trabalho e, portanto, serão sempre uma parte da engrenagem produtiva e consumidora, com a dificuldade a crescer para se ganhar mais tempo, pois o tempo é um fator de controle populacional, de acordo com o nível de produção e consumo que se espera, provavelmente oriunda da planilha de Excel de algum burocrata da estrutura. Os preços aumentam sempre – não é inflação, pois é tudo controlado burocraticamente – é mesmo uma avançada forma de necropolítica. Quando há algum desequilíbrio, as condições pioram para os pobres ganharem mais tempo e um número maior de pessoas morrem, por falta de recursos para todos. É uma seleção artificial em busca do equilíbrio ideal – na distopia do filme, e na nossa vida atual, também de forma similar.

Atualmente, as idades eletivas para as aposentadorias estão a aumentar em todos o mundo, pela maior expectativa de vida que se está a ter, o que obriga os idosos a trabalharem por mais tempo e, ao menos na iniciativa privada, há uma tendência de se eliminarem postos de trabalhos para trabalhadores mais idosos, em detrimento de jovens que possuem salários menores e maior capacidade de serem moldados estruturalmente – são os novos tempos! Há que se trabalhar mais para se aposentar, mas não há mais trabalho para idosos. Há empresas que demitem funcionários por excesso de experiência. Logo surgem as mentiras do empreendedorismo como solução, com a precariedade do trabalho a se instalar já no presente distópico, mas com todo o *glamour* de ser “empresário”, ainda que empresário de si mesmo, sem nenhuma garantia para além das contas que nunca param de chegar – é o tempo a correr negativamente, em direção ao final do mês e todos os vencimentos que virão. E surgem perguntas, ao menos para quem consegue uma visão externa de nossa própria sociedade: e não seria isto também uma forma de seleção artificial? Tanta riqueza, para tão poucos? Não há algo muito errado nisto tudo? No Japão, por exemplo, há idosos que cometem pequenos crimes para serem presos, pois lá terão abrigo e comida garantidos, que custam o que já não podem mais pagar. Já não há, no mundo, e já algum tempo, um lugar econômico para todos. Mas, apenas poucos percebem isto. E, destes poucos, apenas uma minoria que se importa. São estes os nossos tempos distópicos, abrandados pelos delírios utópicos da tecnologia, das

viagens espaciais, das inteligências artificiais e tudo o mais que nos leva a perder o foco no real. Um dos mais promissores setores tem sido, não por acaso, o de entretenimento e diversão – e isto é a realidade virtual, os jogos eletrônicos, os conteúdos de entretenimento, as redes sociais, as plataformas de *streaming*, as tecnologias móveis e tudo o que pode manter as massas presas às ilusões das ficções – pois tudo é um canal eficiente de promessas utópicas.

O interessante é que somente alguns poucos expectadores conseguem perceber tanto a distopia quanto a utopia, pois estão do lado de fora. Will Salas, o protagonista, só percebeu a distopia que estava inserido quando, em dado momento, recebeu uma doação considerável (e improvável) de um rico morador da zona mais nobre, de mais de um século, e que somente assim pôde então ir para esta zona mais nobre, quando rapidamente passa a se acostumar com o novo padrão de vida e se deixa seduzir, gradativamente, pela nova vida que está a viver, ao menos no início desta parte da trama, pois lá é o verdadeiro paraíso, a verdadeira utopia mais desejada que alguém que nunca teve nada disso poderia ter: tempo e dinheiro, com todos os luxos e com o corpo eternamente jovem. Todas as máximas possibilidades lá estavam, só alegrias.

Só nesta transição dimensional, ao passar por todas as zonas que exigem pagamentos para se aceder a elas, uma a uma, e finalmente chegar à mais rica delas, é que percebeu a distopia que estava a viver, só ali percebeu sua diferença negativa, pois antes tudo era apenas a vida normal que levava, a única que conhecia. Quando sai do veículo que estava a lhe levar ao seu novo mundo, começa a correr, como sempre fez, e todos de lá passam a olhar para ele, espantados, pois percebem logo que é um pobre recém-chegado, pois ricos não correm, fazem tudo calmamente, por terem todo o tempo do mundo, neste caso, literalmente. E assim somos nós, na maioria, sem nunca termos em conta a vida distópica que já vivemos, e nem sabermos o que é realmente ser um VIP, pois apenas temos uma vaga ideia pelos relatos, pelas ficções, apenas vislumbres utópicos, e continuamos a acreditar em nossa perspectiva como se fosse ela a única existente, de acordo com as nossas interações ideológicas.

Então, o nosso protagonista Will, com o excessivo tempo que recebeu como presente, se colocou a jogar, a apostar, e a vencer; e, com o que ganhou nos jogos, obteve mais de mil anos de vida, um rápido contraste muito forte para quem vivia com, no máximo, um dia de prazo, sempre a trabalhar para ter mais algum tempo, e a ver a mãe morrer em seus braços por falta de alguns poucos segundos, antes que pudesse dividir com ela o pouco que tinha, mas suficiente até que tivessem novas formas de ganhar mais tempo. Privação, sofrimento, insensibilidade, egoísmo – tudo o que já consideramos ruim, atualmente, está presente nesta distopia ficcional do Will, e já é sua mais pura

realidade. Mas, nos faz parecer como se ainda não vivêssemos assim, em dada perspectiva. Vivemos da mesma forma, a variar os conteúdos, apenas.

O que há de novo, afinal, nesta distopia proposta que ainda não conhecemos? Nada! Exceto o mecanismo do relógio e dos prazos, nada há de muito diferente. As concentrações de capital já existem para nós, mas estão a se agravarem mais e mais, ano a ano. As separações entre áreas em que ricos e pobres vivem já estão formadas, sejam pelas nações mais ricas que constroem muros, prendem e deportam os intrusos forasteiros e fecham completamente todas as suas fronteiras, mesmo a níveis continentais, ou sejam os ricos que se organizam para habitarem condomínios fechados com todos os melhores tipos de recursos por lá, ou mesmo em clubes ou bairros que, a partir da gentrificação, mesmo sem barreira física fica impossível até mesmo alguém desprovido frequentar uma lanchonete por lá, pelos preços abusivos que servem para selecionar quem pode consumir ali. As expectativas de vida são maiores em países mais ricos, e dentre as classes mais privilegiadas também. O saldo da conta bancária, primariamente, determina a maior probabilidade de uma vida mais longa.

O que está projetado nas distopias é o excesso do que já existe, é a intensificação do que já temos atualmente, mas com algum elemento ficcional mais impactante, como o relógio regulador da vida. As distopias, assim, podem ser tanto fruto de uma ação de *marketing* ideológico, como de resistência por aqueles que querem acordar os demais que seguem a dormir. Percebemos que, lamentavelmente, não está a funcionar e, como fim, as distopias viram argumentos para filmes de Hollywood – um triste fim para tão útil instrumento. A distopia é, em verdade, o nosso futuro mais provável, pelos elementos projetados nela e que já temos presentes conosco, mas ainda sem os excessos distópicos das ficções, pois as distopias absorvem todos os extremos, sem nenhum limite.

Em São Francisco, na Califórnia, mas não só ali, os antigos moradores estão a sofrer um previsível processo de gentrificação devido à ocupação dos bairros residenciais pelos milionários funcionários das empresas de tecnologia, que estão a migrar do Vale do Silício com suas equipes de ponta e a alocarem estes em uma cidade que ainda é realmente maravilhosa, e que sempre foi um símbolo de resistência e pluralidade. Já não é mais tanto quanto era, pois está a se massificar e a se padronizar, com novas construções ou remodelações em tons mais sóbrios que começaram a serem percebidos ao retirarem de suas casas, antes coloridas, os antigos moradores, que já não passam mais a frequentar nem sequer seus antigos bairros, onde são vendidos hambúrgueres por surpreendentes cinquenta e seis dólares³³.

³³ Dados conclusivos de factos apresentados no documentário “São Francisco 2.0”, da realizadora Alexandra Pelosi, 2015. <https://www.imdb.com/title/tt5074414/>.

Sumiram também boa parcela de frequentadores das vias públicas, onde antes músicos de rua agregavam pessoas ao redor enquanto se expressavam musicalmente. Uma das características mais peculiares de São Francisco sempre foi, para além de sua arquitetura, a expressão cultural que aflorava em todos os cantos, até mesmo nos expressivos e belos grafismos feitos pelos seus moradores.

São Francisco está a mudar, a se tornar “careta” a olhos vistos, ironicamente, e o que resultará dela, daqui a alguns anos, será uma cidade tão monótona, inexpressiva e desalmada quanto às de *Silicon Valley*, de onde os jovens antenados e politicamente corretos decidiram debandar para algo mais “descolado”, onde seus *selfies* poderão ficar melhores, pelos benefícios dados pelas empresas preocupadas em serem igualmente corretas e ativamente cívicas – um desastre a ocorrer agora. Qual será o próximo destino destes corretos cidadãos? Tais quais os bandos de gafanhotos que dizimam as fontes de vida, os alimentos, por onde passam, o capital se comporta da mesma forma, quando lhe deixam ser igualmente selvagem. A selvageria também tem lá seus problemas, afinal, quando se está por baixo da cadeia alimentar. E São Francisco já é uma distopia em plena formação. Mas, para alguns de seus antigos moradores, que lá ainda conseguem residir, já está consolidada sua realidade distópica – e já vivem saudosos do que era antes uma boa vida.

As distopias, quando propostas por abstração, localizam-se no subnível do existente, muito mais próximas e perceptíveis do que as utopias. Os traços distópicos mais impactantes já estão a dar sinais de existência e há imensa probabilidade de acontecerem mais acentuadamente, pois estão nos porões da realidade percebida, como por exemplo a gentrificação, a concentração de capitais, os indicadores de clima, a fome que ainda persiste, ou até mesmo o inferno ou purgatório cristão, ou talvez alguns dos canais de TV abertas, em que há um suplício em vida para ser vivido enquanto se assiste à programação cotidiana, quase do modo em que a personagem Alex DeLarge, interpretada pelo ator inglês Malcolm McDowell, no filme “Laranja Mecânica”, do realizador norte-americano Stanley Kubrick, foi obrigado a assistir, a agonizar com o conteúdo obsceno das mídias políticas e da violência cotidiana ou histórica que lhe são projetadas, enquanto seus olhos são mantidos abertos por hastes que o impedem até de piscar os olhos. Isto fazia parte da “Técnica Ludovico”, um projeto que Alex foi a primeira cobaia e no qual o Estado passava a prometer a reeducação e a reintegração de delinquentes, que passavam a serem obedientes incondicionais às regras – e assim vivemos hoje, bombardeados pelo *marketing* ideológico do “bem”, mas com rumo certo às mais inusitadas distopias. Por isso elas são muito próximas de nós, ao ponto de serem desacreditadas completamente, dada a positividade tóxica *marketeira* que impede a realidade de ser completamente vislumbrada.

Enfim, estas distopias já iniciadas em nosso presente apresentam uma profecia negativa acerca de um futuro provável, que será real se a regras continuarem a serem desobedecidas ou os representantes da ordem simbólica forem relegados a segundos planos, e isto se alia a se desprezar todo e qualquer processo de melhoria ao que se refere à ordem simbólica e às capacidades individuais ou planetárias como, por exemplo, a educação, saúde ou o meio ambiente, pelo uso dos recursos naturais. Ou seja, se todos forem desobedientes e “maus”, terminaremos numa distopia – e é desta forma que o *marketing* atua com as distopias, a coibir o que lhe é inconveniente e a nos dominar, quando muito, pois os excessos são mesmo incentivados por ele – mas ele lança mão das distopias para fazer o que faz de melhor: dar culpa aos indivíduos, aos agentes supostamente autônomos e deliberativos e redirecioná-los para as utopias que são a alternativa do *marketing*, a solução que precisamos: o planeta pode acabar, mas teremos colônias em Marte – não se preocupe. É engraçado, tem piada, mas é mesmo assim.

As distopias já existem para muitos que estão a viver dentro desta obscenidade atual, nas bases da cadeia alimentar social. Para estes, ela é apenas a realidade, não a percebem como distopias. Para os demais beneficiados que criam artisticamente as distopias, e as produzem e as consomem, em filmes ou na literatura, por exemplo, pretendem indicar que estão acima destas afetações para os comuns e que, ao darem vida às utopias, querem mostrar seus interesses em que elas ocorram, pois acreditam que estarão no lado mais privilegiado e beneficiado com o caos que ocorrerá. Daí o pobre neoliberal declara que *«pode, e deveria, ocorrer todas as gentrificações no mundo, desde que seja eu o novo morador a ocupar a melhor parte da cidade»*, e eles acreditam que isto ocorrerá e que estarão dentro da lista VIP dos escolhidos – e voltamos novamente ao início – pois todas as distopias sempre possuem utopias dentro delas, necessariamente, pois precisam de contrastes acentuados, de diferenças extremas, como o neoliberalismo a pulsar no coração daqueles que assistem a algum filme distópico a se imaginar a dominar todos os outros mortais humanos – querem sempre a desgraça humana para ficarem com a diferença positiva para eles – são devotos ou fundamentalistas, ou os dois. E isto é representado pelos privilegiados que estarão a se beneficiar do sistema projetado, bem como dos facilitadores e “desconstrutores” que poderão ganhar fortunas com isto. Sim, a mente humana e as sociedades operam assim, deste jeitinho, mesmo no caos, mesmo no fim da vida boa social, pois percebem lá oportunidades e ficam cegos para o que estão realmente a fazerem. Humanos, demasiadamente humanos.

Multibilionários que começam a explorar o espaço, que desejam criar colônias espaciais, que investem em bunkers subterrâneos e autossuficientes para ataques nucleares ou colapsos naturais, submarinos privados capazes de

suportarem longas viagens submersos, jatos, armas, sistemas de defesas, milícias próprias, casas inexpugnáveis, mega-iates transatlânticos autossuficientes e tudo o mais, ou quase tudo o mais que está desde sempre inserido nas utopias já são uma realidade, ou em vias de ser.

Mas, para estes, há uma certa vontade sombria de que possam viver dentro de uma distopia, pois é lá que suas melhores e mais prósperas utopias se materializarão, pois terão consigo todas as possibilidades, ainda mais do que já possuem, e assim serão mais próximos da ideologia, da divindade que deliram em possuir, pela máxima diferença positiva que desejam possuir. Nem todos, certamente, mas a maioria, provavelmente possa pensar facilmente assim, em seus mais secretos e obscenos sonhos.

Por outro ângulo, os problemas climáticos, atualmente, são excelentes para se perceberem as distopias projetadas pelos ativistas, alguns a pintarem um mundo sempre mais pessimista do que provavelmente será, ou talvez não. É uma tentativa desesperada deles, com algum grau de razão, de mudarem as perspectivas do presente para o futuro, e criarem uma instância de temor, ou medo ou pavor, tal qual a proposta³⁴ feita pelo filósofo alemão Hans Jonas, que acreditou serem tais distopias suficientes para que as decisões do presente mudassem de rumo, e se tornassem melhores para o meio ambiente, para a preservação de nossos recursos, e levassem a um futuro mais aceitável, e nada distópico, em detrimento das terríveis previsões.

Mas, isto, totalmente contrário às dinâmicas das ideologias que estamos a conceituar e a desvendar, só ocorreria se fossem projetadas restrições reais às possibilidades – ou seja, verdadeiras impossibilidades – quando o real se mostrasse, tal e qual, o que poderá ocorrer em breve, como as perturbações climáticas que estão a se intensificarem. Mas, na proposta de Jonas, apenas considera a mostrar as ameaças, e suas distopias ficariam fracas por conterem apenas meras ameaças. Ainda haveria um planeta habitável, com clima adequado ou não, com recursos ou não, mas ainda haveria a existência e, portanto, haveria ainda a imanência. A humanidade, todavia, sempre cria alternativas, mesmo para a morte própria, e mais ainda para o planeta – mesmo com todos a viverem em um bunker, imaginariam por lá todos os progressos que viriam a ter – como há neve em um galpão em Dubai, por

³⁴ A heurística do medo, ou do temor, é uma proposta baseada na possibilidade de se promover um sentimento de temor no futuro que seja suficiente de provocar ações mais conservadoras em relação às inovações tecnológicas que levam a uma maior depredação de recursos naturais e do meio ambiente, em geral. Jonas acredita que um futuro provável (e oportunista) seja suficiente e necessário para desfazer possibilidades presentes (e ideológicas, portanto), o que nos levará a uma confrontação teórica. Poderá saber mais em: JONAS, Hans. O princípio de responsabilidade. Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: PUC, 2006.

exemplo, para se esquiarem em pleno deserto – distopias para uns, utopias para outros, simultaneamente. Mas, quem manda no mundo, e decide por todos nós, na prática, são estes VIPs que possuem suas utopias asseguradas dentro das nossas distopias, e que sempre se julgarão os beneficiados – e serão mesmo. Para todos nós, resta correremos pela sobrevivência, se quisermos assim. Eis o fracasso deste modelo de distopia proposta por Jonas, totalmente insuficiente para se modificar algo no presente. Os ingênuos ainda acreditam nisto.

A nível coletivo, possibilidades são sempre consideradas, mas somente as boas, para justificarem quaisquer ações deliberadas com base em tais possibilidades. Para as más possibilidades, ou mesmo as más certezas, como a morte, parece que há um bloqueio natural para inseri-las nas ideologias, distopias e utopias. Por isso, que os beneficiados das distopias, mesmo com as possibilidades ruins, não as incluem em seus devaneios, mas apenas conseguem ver a utopia que viverão por lá, apenas o “lado bom” da vida que terão, como já deduzimos. Distopias, afinal, levam mais ao prazer do que ao desprazer, pelos contrastes, e deveriam ser mais bem exploradas filosoficamente, pois nelas estão muitos dos elementos atuais da sociedade que são os mais interessantes de percebermos como válidas projeções das intencionalidades ideológicas, através do mais pervertido dos *marketings* ideológicos.

Algumas distopias também podem, subversivamente, representarem cenários em que as possibilidades mais desejadas mundialmente na atualidade são finalmente conquistadas, como o domínio de uma energia ilimitada e autossustentável, que tornam-se imanentes, na realidade distópica, mas que abalarão tão profundamente a ordem simbólica pela inadequação que a vida comum seria afetada, de maneira tão intensa, que as regras vigentes se tornariam o maior dos pesadelos, sem soluções possíveis em um cenário de imensos absurdos cotidianos.

Assim, com energia ilimitada à disposição de todos, o curso da história seria imprevisível e os movimentos das nações seriam bem diferentes, e a busca pelo poder tecnológico através do controle da tal energia descambaria para um Universo possível de maior agravamento das condições bélicas, sabe-se lá por qual motivo, mas que um dos lados, a deter toda a tecnologia energética, seria ou o alvo ou o novo agressor mundial. Tudo é possível nos desdobramentos das imprevisibilidades, afinal.

A distopia é, assim, para uns, os dominados, o resultado do castigo provável que a coletividade receberá pela sua insubordinação às melhorias e avanços intelectuais, para otimização dos meios em que se vivem. Para outros, os dominantes, a realização de seus desejos mais secretos e uma forma de se diferenciarem exponencialmente de forma positiva.

Por isso, as distopias estão mais próximas da realidade atual, como se o Universo dos possíveis, em que ela se instala, se dirigisse para uma condição de desalocação total ou parcial, a ser expurgado quase que completamente. As possibilidades e as regras sempre formam uma escala para se graduar o que há entre o inferno e o paraíso, e assim também entre as distopias e as utopias.

O bom ideólogo precisa perceber tais recursos, que são mais comuns do que se parece – e perceber utopias e distopias é perceber as nuances do *marketing* vigente, dos movimentos que darão acesso à realidade ética que estamos todos a buscar identificar ou a construir. Eis o ponto de convergência instrumental que se faz necessário valorizar mais.

20. O detox ideológico, as referências, os tempos percebidos

Detox: uma palavra já introduzida em nosso vocabulário, que é oriunda do inglês “*detoxification*», e que pode ser traduzido por desintoxicação, pode assumir um significado tanto de adjetivo «*que permite a eliminação de toxinas e impurezas acumuladas no organismo, por exemplo, dieta detox; massagem detox; bebidas detox*» quanto de substantivo, quando é um «*tratamento destinado a eliminar os tóxicos e a reparar as desordens que eles provocaram*».

Um detox ideológico, se fosse assim assumido, à primeira vista levaria à mesma falsa impressão que todos os demais detoxes possuem: a possibilidade da pureza, da purificação e do completo expurgo ideológico. E você ainda considera isto possível? Não mesmo, pois não conseguimos sobreviver ou existir fora da ideologia, fora da estrutura. Sempre estaremos ideologizados, estruturados.

Portanto, a desintoxicação poderá ser, no máximo, em relação a uma ou a outra ideologia, mas apenas parcialmente, de alguns de seus conteúdos, das oportunidades que sempre acabam por serem apreendidas equivocadamente como possibilidades, ou para um abrir os olhos para as intenções ocultas e forçadas do *marketing* ideológico mais pernicioso, também para a percepção da própria posição dentro da estrutura ao descobrir a alocação existencial que está a ter, os modos de ser e de existência, sempre bem distintos entre si nas ideologias mais tóxicas e mais radicais, para se perceber melhor das ações suspeitas dos representantes, identificar as brechas deixadas pelas regras anacrônicas, perceber os valores conflituosos e inconsistentes, sempre muito ultrapassados da moral adotada e tudo o mais que compõe a dimensão perspectiva da própria individualidade dada no mundo. Há muito, portanto, a se obter de um detox ideológico, mas nada levará à completa libertação ideológica.

Pois, se há mesmo uma desintoxicação possível, ela poderá ser apenas parcial. Pureza, não há, nem haverá. Cura, impossível, pois não há doença: há o que é, há o que há, e tudo é como deve ser, afinal. Salvar o mundo é apenas para os heróis, mas não o fazem pelo mundo, mas por si próprios, os para os mais chegados – o fazem pela própria ideologia. Salvar, portanto, é mudar. O processo do detox se fundamenta no mudar, e a mudança pode se dar por diferentes formas, mas nunca apagará o passado e, portanto, nunca apagará o que se é, e nem o que se há. Não se pode esquecer que a ideologia é causa imanente, que tanto afeta quanto é afetada e, por isso, não pode ser deslocada do indivíduo, e nem o indivíduo pode ser deslocado dela. A ideologia é artificial, e o sujeito também é, por conta dela. O que é natural é

o animal selvagem – a selva é natural. Mais do que isso, é criação, é artificialidade. Como desintoxicar por completo? Seria o retorno à animalidade da selva, o que estamos a buscar, afinal, mas a manter o mínimo pensamento isento de grandes contaminações. A selva é o melhor ambiente para o detox, com o movimento, com as mutações. Eis o que fazemos por cá, na selva, desde as primeiras palavras: o nosso próprio detox.

Por vezes, com grande esforço, consegue-se mudar por algum tempo a si próprio, em ato heroico, a resistir aos imperativos ideológicos, mas, em algum momento, o anterior modo de ser volta a se manifestar no atual modo de existir. E é preciso perceber a própria impotência frente a isso.

Bergson, ainda incompreendido por muitos, propôs uma demolição do conceito do passado, tal como o conhecemos. O passado, assim, deixaria de existir de forma distante, preso nas memórias da mente, mais fragmentado a cada segundo que vivemos, e passaria a se situar no presente. Isto é, em síntese, um resgate da capacidade perdida do movimento constante, do viver no fluxo do devir, tanto defendido por Heráclito, mas que em Bergson ressurgue de forma potente quando o passado, sempre muito mais próximo do que se imagina, praticamente junto, ou mesmo junto do nosso presente, de nosso devir a acontecer, nos pressiona a uma dada direção de percepção da própria realidade que estamos inseridos, que chamamos de presente, de devir.

É a vida a acontecer, simultaneamente, em todos os tempos. Ampliamos o movimento, ao invés da pretensão analítica, de paralisar o mundo e escolher algo para conhecer, sempre em vão, na maioria das vezes. Os analíticos são fundamentalistas da observação minuciosa da paralisia, do completo estado de inanição, tal como é o legista, se pudéssemos comparar o corpo humano com o tempo. Para-se o corpo, e o legista encontra nele sua matéria-prima para chegar à conclusão que deseja obter: a *causa mortis*, em tese, apenas em tese, pois a *causa mortis* é a culminância de tantas outras coisas que não se conseguem se dissociar facilmente. Alguém que morre por um infarto agudo do miocárdio teve a causa mortis decretada. Mas, afinal, o que o levou a tal quadro: má alimentação, *stress*, herança genética, contaminação, excesso de banhos gelados recomendados pelos *coaches*, drogas, *crossfit* em excesso, ou o que mais? Perde-se a perspectiva em nome de uma universalidade hipotética.

E o pensar, para se fugir desta paralisia, passa a ser uma necessária inversão das convenções habituais, do que já está estabelecido como ordem, a se buscar ver atrás das aparências distorcidas pela ideologia, mas sem a pretensão de se livrar dela, pois o movimento está sempre oculto por detrás do que aparenta ser imóvel, de tudo o que temos estabelecido como homogêneo, ou dentro de certos padrões de categorias. É preciso perceber o movimento enquanto ainda estamos adormecidos e imobilizados, e logo depois poderemos perceber-nos igualmente como são as coisas, sempre em movimento. E nisto surge uma subversão dos nossos próprios processos

sensoriais – resistimos a sair da alocação estrutural em que estamos para explorar o que há na selva conceitual do possível, nas zonas mais obscuras da ideologia, para além do *marketing* que estamos acostumados a consumir goela adentro.

O fundamentalista quer influenciar os outros, quer que eles sejam parados, na alocação existencial das causas defendidas. O devoto quer conseguir para a si mesmo, dentro desta alocação, e luta consigo mesmo para que consiga se adequar a tal lugar. O simpatizante, fica bem na alocação, mas não apenas nela, pois deseja se relacionar, e sua causa não é mesmo a ideologia, mas os relacionamentos que existem nela. Sempre há a luta entre o movimento e a paralisação. Sempre há o que há, e é preciso voltar a perceber o movimento, o que é muito mais fácil para o simpatizante, pois este não se prende pela paralisia, mas pelas regras sociais que existem e que são evidenciadas pelo *marketing* vigente. Os devotos se prendem pelos mesmos motivos, e mais ainda pelos representantes a partir das possibilidades ideológicas mais amplas. Os fundamentalistas, idem, pelos mesmos motivos, mas muito mais pela moral dualista radical, a fugirem do caos que consideram existir e que esteja na iminência de ocorrer, de trazer o fim de tudo. É preciso, portanto, fluir, e libertar-se de tais alocações.

Mas, como perceber o movimento sem uma referência estática?

Mesmo Heráclito precisou assumir que o leito do rio estaria lá, e parado, e todo o resto seria o movimento. O movimento do rio era relativo ao observador e, assim, assume-se uma dada perspectiva para justificar o movimento. A questão-chave é qual a referência adotada para ser considerada estática. É, portanto, uma convenção que precisa ser pensada. No filme já referido “O preço do amanhã” há uma frase que é dita por uma das personagens ricas, que é «para haver a imortalidade, é preciso que alguns morram», a justificar funcionalmente a morte dos pobres, quando estes não possuem mais tempo de vida, e são estes mortos a referência que os ricos precisam para saber que estão a viver bem mais, pois cada corpo morto é a referência temporal que encontram, um facto imóvel, pronto para os legistas, ou para os analíticos. Por isso, a pobreza possui alguma utilidade, como já vimos, neste caso referenciado é útil para a produção da diferença positiva. A diferença positiva é meramente referencial, é baseada em algum ponto considerado como imóvel, como um marco qualquer. O problema é que a diferença positiva é movimento, mas vista como paralisia, e daí a insaciedade humana, em querer sempre mais, pois não percebe o processo dinâmico no qual se está inserido.

Perceber os movimentos dentro de um fluxo integral é mais complexo. Imagina um surfista, a surfar dentro de uma das ondas gigantes de Nazaré, em Portugal, conhecida pelas maiores ondas do planeta, com tubos tão grandes que mais parecem túneis intercontinentais, como os do Eurostar, que

vão de Paris a Londres por baixo do Canal da Mancha. Pode parecer exagero, mas é a impressão mais comum que se há, pela descomunalidade das ondas de tirar o fôlego, só ao vê-las se formarem.

Como é o sentimento do destemido surfista, naqueles instantes em que está por sob o imenso tubo da onda, sem nenhuma referência para além da água que o está a envolver, enquanto desliza velozmente em sua prancha? Será que o surfista consegue perceber a sua posição no mundo, se tudo lá está a se movimentar de forma tão instável, a partir dele mesmo? Simples, pois pode ser que sim, que consiga se localizar, mas apenas se houver alguma visão através da abertura da onda, e que ele consiga ver, ao menos, um pedaço do continente, ou alguma outra referência considerada como estática, e só desta forma se orientará corretamente. Há que se ter alguma referência considerada como imóvel, ao menos inicialmente, nas primeiras fases do detox.

Se o tubo se fecha à sua frente completamente e deixa apenas uma pequena fresta lateral, sem que consiga ver o continente, perde-se quase toda a referência em relação à orla, ou às pedras, exceto pela direção a qual está a se mover, em direção a esta mesma fresta, que é a sua única saída, e vai buscá-la sem se importar onde ela irá levá-lo, exatamente, mas se esforça para alcançá-la o mais rápido possível e, para isso, passa a se importar mais as condições da onda, com o comportamento do que lhe está a ameaçar, e busca minimizar os efeitos dos movimentos ameaçadores da onda.

Mas, se o tubo se fecha completamente, perdeu todas as saídas, e referências, e ele é tomado pela onda, submerso, sem mais surfar, sem mais saber onde está, para onde vai, não sabe mais se está de cabeça para cima ou para baixo, e tudo dentro do turbilhão sufocante que está a lhe envolver, e percebe que ali virou um objeto, sem qualquer tipo de ação que possa fazer e que vá resultar em algum efeito imediato, e nada mais pode fazer até que consiga ser resgatado, será preciso esperar as condições favoráveis para agir, pois não há mais nenhuma potência em si.

E é exatamente isto que ocorre no fluxo de movimento da ideologia, quando uma das três etapas sempre está a ocorrer. O detox, na verdade, não é sobre a referência fixa que precisa ser encontrada – isto são as regras da navegação no surf, mas sim pela busca das razões que levam a entrar em tais ondas, que podem facilmente atingir uma altura de um prédio de dez andares, para se ter ideia da dimensão do que se está a enfrentar. A referência é isto: as razões para se estar ali, nas ondas, ou nas ideologias. E é isto que um eficiente detox deveria se preocupar. Por que, afinal, os surfistas fazem o que fazem, em Nazaré, ao entrarem naquele mar com suas pranchas?

Afinal, as ideologias são formadas por todos que as compõem (ou já as compuseram), as sustentam e as reproduzem, tanto quanto as defendem implacavelmente. Algumas são milenares, ou até muito mais antigas,

incalculáveis, e evoluem, se transformam e são transportadas para novas dimensões conquistadas, expandidas, como aconteceu nas expansões e “descobertas” territoriais do passado, nas aquisições bélico-territoriais do presente e das explorações e ocupação do espaço, no futuro projetado do pós-homem, já iniciado a ser construído e em suas primeiras conquistas espaciais não-governamentais.

A ideologia não é um deus, ou uma deusa, um local, um tempo ou um estado de espírito, mas pode facilmente ser considerada como algo assim, ou um pouco de cada, pois lhe é atribuída (como se fosse “ela”) sempre um rosto, ou uma forma, ou um conjunto de regras, valores e ideais compartilhados, em que tudo isto pode ser uma determinada maneira de se organizar o mundo como se conhece, que proporciona e sustenta uma constituição tal que estabelece uma ordem simbólica, que organiza tudo o que há e que passa a representar suas significações pela interface linguística, que é íntima ao cognitivo e comportamental da ideologia, para que “ela” passe a “ver” e a se expressar pela perspectiva de seus particulares, que são seus membros fundadores e mantenedores.

O esforço humano está igualmente voltado para trazer a transcendência para a imanência – como fazer de uma entidade, um ente – fazer de deus um ser vivo – e não apenas o contrário, como se tem julgado ser, ao atribuir um desejo comum para atingir todas as transcendências, como se houvesse projeções para superação da própria imanência. Em verdade, ninguém quer expandir nenhuma consciência, quer é acumular tudo o que há na própria consciência, apreender o máximo do que se pode, mas do jeito que se está, bem vivo e com os olhos bem abertos. Por isso, a máxima transcendência que são projetadas por todos, que são as possibilidades, e que resultam na ideologia é também objeto de tentativa de se trazer esta propriedade coletiva para o âmbito da propriedade privada; e assim é com tudo o que ela representa como possibilidades, para se materializar na própria imanência, a se transformar em oportunidades. Por isso, e apenas por isso, o humano passa a agir. Toda a ação “racional” é uma forma de tornar algo transcendente em imanente.

E nisso, o sujeito fica viciado, completamente preso nesta dependência de jogar um jogo que nem sequer conhece as regras e também nem sequer conhece seus objetivos. Apenas uma parte lhe é percebida – apreender, acumular, ser e ter mais do que os demais. E passa a desprezar os vácuos que existem, por desprezar uma heterogeneidade causada pelo movimento. Acredita que o jogo é transcender, enquanto faz exatamente o contrário. Ou, vice-versa. Ou ainda, nada faz, apenas a assistir e nunca a jogar. Perde sua consciência e, assim, perde-se a si mesmo. Só o detox salva!

A única forma de se manter lúcido em relação à ideologia é ter consciência, em tempo real, na medida não do possível, mas do impossível –

do real, sobre as quais delas está inserido e impactado, na forma de ser, de pensar e de agir, embora nunca se poderá sair completamente dela, ou conhecê-la também completamente – é o velho problema dos universais, em escala ajustada. Mas há também os fundamentalistas do detox ideológico, que bem pode vir a ser uma seita de sucesso, pois haverá quem pense ser possível viver fora da estrutura ideológica. Fica uma dica aos empreendedores de plantão.

Talvez até seja para o pós-humano, mas ainda que este esteja no espaço, sozinho, rumo ao desconhecido, completamente autossuficiente, desconectado de quaisquer contatos, se ainda assim não souber o porquê de estar ali, então estará a responder a alguma ideologia, dentro de uma onda maior ainda do que a de Nazaré, e estará inconsciente de si mesmo, e literalmente perdido no espaço. Ao entrar na nave, já está a atender uma ideologia, e está a buscar tornar imanente algum transcendente de valor.

Quando muito, por não poder sair de uma determinada ideologia, poderá adotar uma ou outra nova ideologia, mas nunca se poderá ficar completamente de fora delas, e ainda manterá algum vínculo com as ideologias em que algum dia já tenha participado. É o seu passado *bergsoniano*, sempre presente, mesmo que lutemos contra ele.

Se alguns ficassem de “fora” da ideologia, ainda assim estariam com seus “mundos” e pensamentos organizados desta mesma forma, ainda que numa vida de ermitão nas montanhas, ou no espaço. Ou, ainda, se organizaria com outras pessoas ex-ideologia e, assim, passariam a viver sob uma nova ideologia ex-ideologia. É preciso, portanto, fazer uma desintoxicação ideológica, pois uma vez conectado, não se consegue desconectar-se completamente dela. É como trocar o pneu de um carro com este a se movimentar. Há quem consiga fazê-lo.

Por isso, ao atingir um nível de consciência ideológica, da reflexividade à qual está inserido, será possível encontrar a si dentro do caos inconsciente em que a suposta humanidade se organiza, desde sempre, e verificar sua alocação instantânea, e fluida, dentro desta organização estrutural, suas funções e aspirações, o que o fez aderir (e a continuar aderente), ou não, a determinadas instâncias existenciais.

O objetivo não é apenas saber que se está a jogar um jogo ideológico. O objetivo do detox ideológico é descobrir qual é, exatamente, este jogo que se está a ser jogado, mas também, principalmente, descobrir quais as regras que estão vigentes no jogo e suas possibilidades que são mesmo prováveis. A partir das regras, percebem-se mais facilmente as vulnerabilidades das ideologias e as prisões nas que passou a coexistir, por toda as estruturas às quais se está inserido.

Há que se buscar a consciência acerca das razões ideológicas de ser e de existir, e ela começará, sempre, pelas regras, pela desconstrução de suas

funções operacionais, para começar. Será, afinal, um novo jogo, no qual se conhecem as regras, diferentemente dos outros. Logo à frente, continuaremos com este tema, ao darmos ao detox ideológico um novo propósito estrutural, e um novo nome, que muitos conhecem por ética. Se a ética não é isto, em síntese conceitual, então não saberemos mais o que poderá ser.

21. As regras, a ordem simbólica, os escândalos, a duplicidade

Muito se discorreu sobre elas, até aqui, devido à sua centralidade em todo o processo existencial e conceitual ao qual estamos todos inseridos. Mas, ainda assim, é possível (e necessário) explorar melhor a relação existente e extremamente essencial entre as ideologias e as regras.

Em termos de relevância para o sujeito, as regras parecem ser o mais importante que existe para ele. Pois é o que o afeta diretamente a sua vida, nas suas escolhas, nos seus limites estabelecidos e em tudo o que lhe é possível fazer, ou até mesmo pensar.

São elas os limites dados com o Universo provável para o sujeito, a diferir do Universo possível. Nem tudo o que existe, é lícito – e a licitude é dada pelas regras. Tais limites são dados pelas regras que o sujeito consegue perceber, que podem também serem mal interpretadas, se houver ilusões. Quanto maior o número de regras que este possui como relevante, e às quais está aderente, menor será o seu “Universo”. Quanto mais regras, maiores restrições.

Ou, de forma oportunista, o sujeito malicioso, o simpatizante, passa a buscar justamente aquelas regras que pregam a liberdade, e a minimização de todas as outras regras que insistam em colocar limites o sujeito. Mas, há uma cruel contradição por trás destes pensamentos, que não leva à verdadeira liberdade, como suposto.

Se, por um lado, um número grande de regras possibilita uma maior probabilidade de justiça, uma sensação de segurança, pelos recursos que podem levar a um maior equilíbrio entre todos os sujeitos, pelas capacidades de se atingir especificidades, de capilarizar todas as situações imagináveis, não será isto que determinará o melhor dos mundos, pois será a qualidade das regras, a clareza que se possua delas e a não existência de conflitos entre as mesmas – e estas coisas darão o melhor quadro para que existam regras justas e claras, com foco na objetividade da estrutura. Ou seja, é melhor uma quantidade menor, com uma qualidade máxima delas. Mas isto exigiria também uma qualidade nos sujeitos, o que não é impossível, todavia.

Mas, por outro lado, tal poder dado às regras leva a uma situação na qual se percebe conviver dentro de uma prisão, com limites definidos de espaços e de tempos, em que a mobilidade passa a ser restringida pelas funções que você precisa cumprir, pelos laços de relacionamentos que possui, a rotina passa a ser uma constância, com horários para dormir e acordar, trabalhar e estudar, e tudo o mais, e as possibilidades criativas ficam atrofiadas, pois tudo fora da rotina passa a ser mais difícil, improvável e completamente distante de suas possibilidades.

Tudo passa a ser percebido, no extremo, como se fosse um efeito colateral do que há no movimento do politicamente correto, na sua versão mais utópica mais fundamentalista. Faz tudo “certo”, mas nada tem valor real, apenas possui valor protocolar. É um mero representar, uma atuação que não mais lhe justifica a existência, depois de atingir certo nível de cansaço e de paralisia.

Por isso, a autonomia em relação às regras passa a ser valorizada, e eis o motivo da inusitada ascensão do neoliberalismo, em que há a defesa da máxima autonomia, ou liberdade, do mercado, a um nível mesmo fundamentalista, aliada à defesa da existência do Estado, diferentemente do liberalismo, que então passa a ser necessário para cumprir justamente o papel de maximizar as condições para um mercado livre de todas as interferências regulamentadoras. O neoliberalismo dá a ilusão da liberdade ao oferecer um “Universo” em que tudo seja mesmo possível – em que a regra é não ter regra, se for algo em prol das possibilidades, ou seja, tudo. E isto se dá conforme a capacidade de cada um que esteja a atuar no mercado, todos sem limites e sem diferenças – uma maravilha. Um mundo em que todos podem chegar ao topo.

E, assim, nesta busca da perfeição libertária, os deuses da antiguidade mitológica, deram lugar ao deus cristão. Este, deu lugar ao deus Estado, que agora deu seu lugar ao deus mercado. A coroação se dá, sempre, pelas regras, ao mudar o poder de uma instância ideológica para outra, mais relevante. São reproduções ideológicas que absorvem as antigas, as rompem, e tomam seus lugares, em camadas crescentes. Por isso ainda há os deuses, há deus e o Estado, e tudo o mais que algum dia existiu, tudo dentro do mercado, a atual referência superior e divina, que na instância neoliberal faz tudo virar produto, como deve ser, afinal. E, assim, tudo é mesmo produto que, como produto, pode ser comprado, seja à vista ou à crédito, em suaves prestações. Se não puder comprar, poderá alugar. As regras servem, em síntese, para isso: estabelecer e institucionalizar as relações de poder.

Os Estados Unidos, os atuais bastiões da democracia, são uma democracia neoliberal até o último fio de cabelo, apenas ameaçados pelo Reino Unido quando dos longos anos de governo da Primeira-Ministra britânica Margaret Thatcher. Mesmo no Estados-Unidos, o poder político já está claramente corrompido pelo capital, a olhos vistos, obscenamente exposto. E isto não chegou ao clímax, e está cada vez mais evidente, até mesmo pelos episódios em que a tecnologia – tanto produto como instrumento do próprio capital – consegue intervir nos processos democráticos, como nas eleições presidenciais, enquanto o próprio capital, em sua forma original, em espécie, ou *cash*, passou a comprar as posições das questões de ordem prioritárias nas pautas governamentais e, obviamente, voltadas aos próprios interesses do capital. O povo deixou de estar nas prioridades dos governos, e isto é um

facto. Os interesses populares viraram um fardo na vida política – um “mal” necessário, para eles.

No intrigante documentário “Doações de Campanha: O Dinheiro Fala Mais Alto?”³⁵, da realizadora norte-americana Alexandra Pelosi, podemos perceber com exatidão os recursos obscenos, de tão expressivos que são, e que passaram a ser possíveis de serem doados legalmente – dentro das regras vigentes – pelas grandes corporações às campanhas norte-americanas. Pelosi destaca que, no passado, para se fugir desta corrupção, as campanhas foram financiadas pelo poder público a partir da eleição de 1976, pois foi feito um fundo que recebia contribuições dos próprios cidadãos, para além de seus orçamentos destinados aos partidos.

E, esta impressionante e louvável decisão política se deu devido aos envolvimento de corrupção do Governo de Richard Nixon, que acabou por renunciar a seu segundo mandato, devido ao escândalo Watergate, em 1974. Mas, o tempo passa, e as brechas começam a serem percebidas, e a fluidez do capital as identificou muito bem, como em tudo o mais.

Com este tempo transcorrido de apenas trinta e dois anos após tal medida, foi alegado que os recursos recebidos pelos partidos não serem mais suficientes para os financiamentos políticos de campanhas e então, em 2008, o então candidato Barack Obama recusou o dinheiro público, de US\$ 84 milhões e angariou diretamente, entre seus eleitores, a cifra de US\$ 1 bilhão. Ou seja, 12 vezes mais do que teria. Será que ele primeiro renunciou ao dinheiro para só depois perceber a viabilidade das doações? Assumiria ele este risco? Ou não seria um processo ideológico, tal qual uma revolução, que surgiu destes ricos doadores? O facto é que houve um rompimento ideológico relevante na força privada do capital em relação ao poder político a ser escolhido pelo povo, depois de ser escolhido pelas elites. Depois disso, veio a festa do capital nas campanhas públicas, com as grandes famílias bilionárias a doarem em peso uma pequena parte de suas fortunas. Doar é um nome moderado para investir, aqui exposto. Em 2016³⁶, 138 das 158 mais ricas famílias norte-americanas fizeram grandes doações para as campanhas políticas, neste caso as republicanas. Mas, este não é um problema exclusivo dos Estados Unidos – acontece em todos os países, de forma mais ou menos obscena, ou mais ou menos abrangente. É um problema mundial, pois o capital é o novo mundo.

³⁵ Poderá conhecer mais sobre o tema, e perceber as conclusões aqui expostas no documentário “Meet the Donors: Does Money Talk?”, de Alexandra Pelosi, 2016. <https://www.imdb.com/title/tt6847216/>

³⁶ Poderá conferir as informações no sítio da internet: <https://time.com/4069214/2016-election-spending-campaign-finance/>, que foi acedido em 02/05/2022.

Mas, não ficou por aí, pois em 2010³⁷ veio o golpe mais duro para a democracia norte-americana, a partir de uma ótica jurídica baseada, a pascar qualquer um, na equidade, quando deixou de existir restrição para que empresas e sindicatos pudessem também financiar diretamente os partidos em eleições – acreditam que deve haver equidade entre os sindicatos e as empresas, melhor, as corporações. As regras que o dizem, afinal. Sempre elas, ainda mais que estamos na secção que trata delas. Então, cumpramos as regras, sem debochar das mesmas, pois elas existem a apontar sempre para o melhor dos mundos, não é mesmo? Então, a calma é requerida aqui. Mas, ainda em relação a esta esdrúxula equidade, quais os recursos que possuem os sindicatos? E, ainda existirão espaços para sindicatos? Bem sabemos que não possuem mais expressão, e agora nem mais espaço terão, nem voz, nem nada – apenas um papel a cumprir, para que tudo aparente ser o que não é, de facto. Não são, afinal, os líderes dos sindicatos também eleitos? Não são, igualmente, políticos? Pois é, e também sujeitos à corrupção, como suposto. Há exceções, como em tudo. Mesmo que se mantivessem longe do assédio do capital, nunca alcançariam a dimensão expressiva de uma corporação, em um cenário corrompido pelo capital.

E, assim, a concentração do capital com as empresas, com as grandes corporações que, afinal, são a única força potente que está ativa, a dominar, e são muito mais ricas do que as famílias que as representam, levaram os valores financiados a níveis estratosféricos. Tão obscenos que, atualmente, muitos políticos estão a combatê-los, até estrangidos pela pornografia das cifras que são facilmente oferecidas, já sem nenhum pudor. Talvez, até rejeitem por não terem como gastá-las todas. Não combatem o financiamento, propriamente, mas sim o excesso herético contra a “democracia”, a lascívia que o capital proporciona, em um comovente e suspeito moralismo político. Regras, sempre elas.

As regras são, portanto, a interface que todo o sujeito percebe, sem conhecer exatamente o que está por trás delas. Até porque, nem sequer consegue desconfiar que exista mesmo uma ideologia a lhe comandar os passos, como por exemplo a ideologia neoliberal. São poucos que a percebem, ocasionalmente. Mas a verdade é que ninguém a consegue perceber sempre, pois nunca se sabe exatamente a qual, ou quais, outras ideologias se está a participar, a cada momento, efetivamente, no fluxo constante que é a vida.

Não percebem que a ideologia do capital é a mais poderosa, atualmente, e a que envolveu tudo o mais, pois absorveu completamente todas as outras

³⁷ Aprovação da “*Citizens United v. Federal Election Commission*, 558 U.S. 310 (2010)” pela Suprema Corte Norte-Americana. Acedido em 02/05/2022 em https://en.wikipedia.org/wiki/Citizens_United_v._FEC.

ideologias e, por isso, não percebem que outras ideologias estejam dentro desta macro ideologia. Algumas pessoas até conseguem ser independentes, em certas circunstâncias, mas não como “regra”, e sim como exceção, para haver alguma astúcia da razão ideológica, afinal. Eis que o próprio uso da palavra regra também leva a uma significação das normas, de um estado que é a “normalidade”. E é justamente esta a dimensão em que devemos priorizar, para melhor entendê-las.

Quando a maioria escuta a palavra ideologia, quase que automaticamente atribui a ela um cunho restrito às questões políticas, em geral ou ao comunismo ou ao socialismo, ou aos dois, com o rosto barbudo e cabelos desgrenhados de Karl Marx bem à frente, como se a ideologia fosse apenas isso, e apenas dele. E já vimos que não é bem assim.

E isso ocorreu não por ter sido referida por ele, mas sim muito mais referida nas literaturas pós-marxistas, combatidas na Guerra Fria, com o neoliberalismo a atuar com armas, espões e filmes de Hollywood contra o fantasma comunista, é verdade. E por isso, a ideologia virou este fantasma que precisa ser combatido, e nem tanto por Marx e Engels, mas muito mais por seus seguidores póstumos, por *personae non gratae* como Gramsci e Althusser, dentre tantos outros. Como o neoliberalismo afirma ser sua proposta a própria liberdade, então quase nunca é percebido como ideologia, pois é sempre retirado da lista de suspeitos – e sempre se faz parecer com a vítima.

Sempre há, com o termo ideologia, uma conotação natural de insurgência, resistência e oposição, o que é muito peculiar e curioso, mas é uma característica verdadeira. Pois, para percebê-la, é preciso se distanciar, ainda que apenas a nível de abstração, mas sempre assim, como um observador externo.

Escrever sobre o Brasil, assim, passa a ser facilitado pela distância de estar fora dele há anos. Mas, isto não seria possível para quem nunca tivesse nascido ou vivido lá, por muitos anos. É preciso ter consigo a ideologia interiorizada, preferencialmente nativa, e se distanciar dela, para que a perceba melhor, para que consiga depurar o que é cada coisa. Tempo e espaço, sempre estes.

Por isso há uma resistência natural ao termo, e um desconhecimento geral sobre o que representa e como funciona, pois, parece que é sempre algo que surge como conceito a partir dos renegados, dos desprovidos, dos subversivos e marginalizados ao sistema, e que estejam fora deste. E passa a ser desconfortável perceber as próprias ideologias, para além de já ser muito difícil.

E, a rigor, não é nada depreciativo a quem desconheça o termo em seu sentido amplo, nem mesmo reprovável para quem a condena, pois, o termo nem é mesmo relevante, em si. Relevantes, mesmo, são as relações causais

que o sujeito precisa passar a perceber, na centralidade da ideologia à qual está submetido, que ocupa uma dimensão inclusiva entre a moral e as possibilidades, e que principalmente estabelece as formas de apreensão das oportunidades que são apresentadas como prioritárias, e tudo isto tem nas regras a centralidade mais sensível a quem passa a aderir ideologicamente a este sistema estrutural.

E assim, o sujeito desconhece todo o complexo sistema que está inserido, mas “conhece” apenas as regras e imagina que sejam elas o máximo da ordem estabelecida, pois estas são percebidas como uma materialização da sutil e fugidia ideologia, como aquilo que dá sentido a tudo, ainda que não saiba exatamente o que seja este “tudo”, e associa isto a uma expressão afim com a sua própria moral. Percebe as regras, e acredita não precisar de mais nada, apenas isto. E se dá por satisfeito.

As regras são densas, potentes e totalmente presentes no cotidiano, a cada interação que é feita, a cada relacionamento, a cada pensamento e ação, e a qualquer lugar que se vá, lá estarão. São percebidas como quase onipresentes, quase onipotentes, e quase oniscientes, e muitas outras qualidades, todas quase divinas. São “quase” em tudo, mas nada realmente “são”, pois quem “é” algo, realmente, é a ideologia, e apenas ela, expressa por diferentes formas para além das regras. E, mesmo que muitos julguem conhecer todas as regras, realmente não conhecem todas elas, nem mesmo a maioria delas.

E deveria ser por isso que, para o sujeito, as regras deveriam representar um meio para algo, quase sempre, mas nunca um fim em si, em relação às suas buscas pelas possibilidades. E o sujeito, por não saber que as regras não são as possibilidades que ele realmente quer, passa a subverter esta ordem e passa a ver nas regras um fim em si. É quando seu modo de existir na estrutura pode descambar para a devoção às regras, ou até mesmo para o fundamentalismo, pois nada mais passa a fazer muito sentido para ele, que perde a pouca referência de si mesmo que ainda possuía, e por estar inseguro passa a buscar nos outros esta referência, a segui-los, e a fortalecer a própria dimensão das regras, ao congregar todos os perdidos, que não são poucos, em torno dela, a cultuarem-na como se tivessem elas capacidades expressivas e conscientes.

As regras se confundem, nestas circunstâncias, com as entidades divinas, sempre através de seus representantes, seja o Papa, o Governo, o Mercado Livre, ou mesmo apenas a sua mão invisível, ou pode ser o Elon Musk, ou consumismo desenfreado ou as até as drogas químicas mais pesadas que existem. Tudo que dá acesso às possibilidades passa a ser até mais importante do que elas, se vistas como as regras supremas que dão a garantia do triunfo existencial.

Pois quando ocorre esta necessidade de adesão, todos os sujeitos buscam uma aproximação às regras e até mesmo uma eventual subserviência, mas

nunca acaba por ser, depois de algum tempo a aparentar ser assim, algo puramente finalista, como se o objetivo fosse mesmo se dedicarem a ela, sem nenhum interesse. Eles sentem, em sua maioria, que existem brechas nestas relações, mas ficam a cumprir seus papéis, falsamente, como se regredissem a meros simpatizantes, mas a darem provas manifestas de que estão lá, a se dizerem fiéis, enquanto suas mentes estão a divagar pelas oportunidades que se apresentam, até mesmo podem desejar serem guardiões ou representantes destas regras, mesmo sem nenhuma crenças nelas, a competirem entre si para serem quem melhor representa as determinações superiores, o que for o mais expressivo. Os representantes geralmente não são nem devotos, nem fundamentalistas, mas sim simpatizantes, que sabem bem a fraqueza que as regras possuem e, por isso, percebem que suas funções são dar cobertura a tais vulnerabilidades. Devotos e fundamentalistas, são os que acreditam nos representantes, nas regras, no marketing e na ideologia, baseados fortemente em seus valores duais morais.

As regras, são tidas, assim, também como fiéis, pois passam a serem pessoalizadas. Pois é o que se espera delas. E, fidelidade, é algo recíproco, ou se espera que seja assim. Por isso, a fidelidade às regras é tão importante. As regras possuem este poder de concentrar e amplificar o poder dado pelos seus constituintes, como se fosse uma poderosa mola capaz de catapultar quem estiver nela para o topo dos topos. Por mais absurdos que possam existir em um ato, haverá sempre uma justificação com base nas regras para isso. E é isso que se espera delas, por tal devoção.

Há muitos interesses explícitos nestas relações devocionais e, por que não, ditas obscenas, acerca do que se pretende veladamente com esta dedicação aparentemente verdadeira e incondicional, percebida facilmente pela intensidade com que os devotos ideológicos se expressam, mas nunca é nada inocente nas verdadeiras intenções desta suposta idolatria às regras.

Na esfera religiosa, percebe-se isso com o sujeito que vai às quintas-feiras para o culto evangélico da campanha da prosperidade, às sextas para a Gira de Umbanda fazer um descarrego com Exu, aos sábados participar de rituais de ayahuasca com o guru da moda e, finalmente, aos domingos estará sorridente na quermesse da Paróquia Católica que a sua família frequenta. Se questionado, afirma que tudo é deus. E pronto, está tudo certo. Pois, deus passa a ser a personificação das regras, o objeto de culto.

Onde tem representantes das regras, lá estará para fazer o que lhe dizem para estar no *status quo* das oportunidades e possibilidades – ser o escolhido, ao menos na fase preliminar, para ter livre-trânsito até elas, pois quer não apenas garantias, mas também privilégios de acesso. Mas, se na segunda-feira seguinte algum conhecido lhe disser que há um jeito poderoso de obter o que ele deseja em alguns rituais satanistas, possivelmente ficará tentado a “arriscar”, visto que não se atreveria logo a afirmar que sim, pois seria uma

“traição” muito grande ao que acredita e ao que fez, entre a quinta-feira e o domingo passado, e por isso participar desta nova atividade, ainda que inicialmente rejeitada, depois passa a ser condicionada, e só poderia acontecer depois de muito observar, buscar testemunhos das “graças” obtidas. Desde que sejam boas o suficiente para criar uma narrativa em sua mente, lá estará, em uma destas-segundas-feiras da vida, e estará a adequar tudo às suas razões e às novas regras que passará a seguir. Poderá demorar, mas haverá algum dia, se a dor existencial que tiver for mesmo insuportável, em que acabará por aceitar tal intermediação e partirá para “ser feliz” nos braços de satã, mesmo sob o risco de ser cancelado do paraíso que considera existir.

Pois, afinal, recorre-se também à instância religiosa, via de regra, para se estar melhor no jogo do capital, para poder ter mais dinheiro, mais “caminhos abertos” e menos “inimigos”. Se está doente, precisará de dinheiro. Se está solitário, idem. O dinheiro é o que move o mundo atual – é quem dá o tempo e o espaço. E se é dando que se recebe, afinal, isto foi completamente absorvido pela nova ideologia neoliberal – pois o dar passou a ser investimento, uma reprodução do capital, e uma reprodução ideológica e, portanto, muitas das ideologias a incorporarem outras passam a se fortalecer ainda mais.

Quando foi que o vil metal bíblico se transformou no nobre metal neoliberal, sem que o neoliberalismo fosse culpabilizado como uma das faces do demônio? Qual o milagre que foi preciso ocorrer para tal transformação? Obviamente há algo muito contundente nesta história toda, mesmo absurda, e isto ocorre muito antes de o capitalismo existir como o conhecemos, nas formas receitas mais comuns e aceitas de liberalismo e neoliberalismo. Os próprios representantes das regras religiosas já viram, há milênios, que o ascetismo não era o melhor caminho – a sumptuosidade impressiona mais, pois o simbólico é o que retém a todos. E logo precisaram de recursos para suas ações megalomaniacas, para levar a Palavra. Afinal, Jesus precisou, também, de uma logística para seus movimentos, que sempre incorporam em custos. E muito antes disso, as pirâmides já estavam por aí, dentre tantos outros templos erigidos.

Daí, a submissão de Judas ao vil metal pôde até mesmo ser reinterpretada como uma necessidade para a função messiânica de Jesus, pois Ele, antecipadamente, já sabia que seria traído. E precisaria passar pelo suplício da crucificação. Mas, afinal, desta forma, nem foi uma traição, mas sim uma atuação do espírito *hegeliano*, do qual Judas não conseguiria se opor. Por isso, é preciso «*dar a César o que é de César e a deus o que é de deus*» visto que o vil metal só é vil no Reino de deus, e nobre no reino de César, no qual os cristãos, e a Igreja, precisam existir, no presente. E a crítica não é pejorativa, nem de censura, mas sim elucidativa, do absurdo interpretativo

que não conseguimos ter, em perceber as coisas como elas realmente são, sem ter dois pesos e duas medidas. Duas ideologias, com suas possibilidades, e regras compartilhadas a viabilizarem a ambas. Distintas, mas não tanto assim. Daí para a Teologia da Prosperidade nem foi um pulo tão grande, ao fazer com que as duas ideologias se mesclassem, sem que se possa mais separá-las, dado que a prosperidade material passou a ser vista como uma forma de saciedade do desejo divino, que quer o bem de todos.

Se Žižek diz que, para os cínicos, tudo é dinheiro, sexo e poder, deveria estender isto também para todos os que vivem sob a ideologia cristã-neoliberal, pois é isto mesmo que move a todos para fazer seus atos ideológicos. O que mais, afinal, poderia movê-los? Se descobrirem o que há para além disso, logo virará também um produto. Sexo, dinheiro e poder são, assim, produtos representativos de muitos valores, uma síntese que pode responder à velha questão sobre o sentido da vida, até que se encontre algo mais consistente. Aliás, em tempos que tudo vira produto, há mesmo uma preocupação em revelar este sentido da vida, se ele fosse mesmo descoberto, ou até revelado por deus? Ou seria melhor mantê-lo bem guardado, junto com o Graal, e deixar tudo como está? Pois, a situação atual pode ser ruim para a maioria, mas excelente para a poderosa minoria, que nunca esteve tão bem.

É a devoção às regras o processo do jogar, ou do tentar jogar. É também a confirmação do ditado popular que *«todos possuem um preço»*, pois estamos dentro de um Universo em que tudo ou é ou vira um produto. Mesmo para adeptos satisfeitos com suas religiões, sempre que surge algo “mais forte”, não demorará para ir logo “conhecer”, obviamente, e alegadamente, sem compromisso. Por que, em verdade, a religião é para ele um meio, e não um fim, se for um simpatizante. O simpatizante quer, realmente, o produto ou serviço que está a buscar, seja lá onde for que estiver, ele irá atrás de sua saciedade, mesmo que seja nos braços de satã, se este estiver a oferecer um *coupon* de desconto irrecusável.

Se for “verdade” que uma outra dimensão de regras tenha mais axé, logo terá uma narrativa para trocar de religião; ou ficará, sem vergonha alguma, nas duas, três, ou mais religiões que conseguir conciliar, desde que isto amplifique sua sensação de possibilidades, e que afaste o que considere ser as ameaças que tanto lhe afligem. Alguns chamam isso de serem “mentes abertas” ou “universalistas”, por terem compromisso com o “bem”, com o “progresso”, por ter “visão”. E assim, ao final, é exatamente isto que não ocorre nas diversas relações com os representantes das regras: os compromissos. Ainda que tudo aparente assim, o compromisso verdadeiro não é com o “bem” que os representantes das regras dizem existir, mas sim com suas próprias noções individuais de bem, que são as possibilidades que este quer atingir, para além do *marketing* de cada religião. E, por isto, trocam

um *marketing* pelo outro, mas sempre ficam sob o efeito de, pelo menos, um deles.

Para quem for visto como o melhor intermediário às possibilidades, o sujeito dedicará sua devoção, até que outro mais apropriado apareça. E o faz, iludido, a acreditar que isto é exercer sua liberdade, sem se perceber que a cada nova adesão, fica mais e mais preso à estrutura, mais e mais encarcerado e tolhido de seu livre-arbítrio. Eis todo o “mérito” do neoliberalismo. Os devotos e os fundamentalistas são bem mais inflexíveis, e raramente seriam assim – mas são minoria, em relação aos simpatizantes, atualmente.

Imagina-se, intuitivamente, que estar de acordo com as regras é estar mais próximo das possibilidades. As possibilidades são as constituintes essenciais, necessárias e suficientes da ideologia, mas não são claras para o sujeito, pois são transcendentais. Confundem as oportunidades com as possibilidades. Quando percebem as oportunidades, atribuem estas às regras, como se recebessem uma dádiva, ou serem um beneficiário de um milagre, uma testemunha da fé rediviva.

Por isso emerge o sujeito “devoto” às regras, que passa da condição de simpatizante a devoto, que é aquele voluntariamente submisso a uma espécie de consciência coletiva transcendental, a forçar-se a acreditar no que há nesta religião que passou a lhe beneficiar, e o que não fica muito longe, conceitualmente, do que é realmente a relação regras-ideologia. O devoto nasce de um pequeno sinal, seja coincidência ou não, de que está a receber algo que foi pedido. O fundamentalista nasce quando percebe qualquer símbolo como uma revelação, seja coincidência ou não. Cada um com sua fé, com sua capacidade de existir, mas o processo é mesmo assim que ocorre.

Assim, a ideologia reflete, pelas regras, o que, pelo menos, a maioria pensa, deseja, ambiciona, julga, acredita, e está alinhada, mas não só isso – pois tudo surge, posteriormente, como substrato destes componentes, pela manutenção dela ou também pela reprodução da ideologia original em novas ou derivadas, e a adesão ao *marketing* que é produzido, e que oferece diferentes dimensões, e brechas, que levam o simpatizante a fazer perguntas mais coerentes e a obter respostas mais alinhadas também com ele próprio, pois das reproduções derivam novas ideologias mais ajustadas ao sujeito, pelas novas formas de *marketing*, mais afins com suas oportunidades desejadas, e ele se torna mais aderente, funcional e realmente mais “íntimo”, sem tanto precisar das regras e de seus representantes, quando passa a perceber que poderá se conectar diretamente à ideologia e, daí, até mesmo burlar algumas regras, na sua zona de conforto que será estabelecida gradualmente. E a relação com as regras se faz de forma promíscua.

É, hipoteticamente, como se o sujeito fosse sócio fundador do imaginado “Clube Secreto Online do Piscar de Olhos Meigos” e, sem que saiba, todos os habitantes de sua cidade também estão a participar do Clube, pois todos

aderiram por acharem que a meiguice do olhar é uma marca importante da cidade, pela tradição antiga que sabem existir, desde que nasceram, e que desejam recuperar, manter e fortalecer, ao fazê-la reviver.

O Clube é, assim, uma reprodução desta antiga tradição que nasce com um formato diferente, ideológico, e com novas regras, sem representantes diretos, visto que é um clube secreto que ninguém pode falar da existência dele para outros. Esta seria uma “regra” nas mesmas linhas do famoso filme Clube da Luta, protagonizado pelos atores norte-americanos Brad Pitt e Edward Norton, em que as regras são colocadas sempre de forma prioritária, pois o mistério sobre elas é uma possibilidade que leva à aderência.

Mas agora, em vez de socos e pontapés, serão apenas piscadelas meigas a serem trocadas. E assim, sempre que alguém pisque meigamente os olhos para outra pessoa, essa piscará de volta com igual ou maior meiguice, pois quem o faz isso conhece os códigos secretos e, sem que falem a respeito, passam todos, com o tempo, a fazerem o mesmo, até mesmo os novos habitantes da cidade que chegarão, ou os turistas que estejam de passagem, mesmo que não conheçam nada sobre o Clube, também piscarão, intuitivamente, e logo tudo isto vira um hábito coletivo, pois dissemina-se, sem que alguns saibam o que estão a fazer, mas o fazem da mesma forma, e vira um costume cultural local ou até um padrão de comportamento, totalmente aprofundado a virar uma “verdade absoluta” para todos, sem questionamentos claros.

Com o tempo esquecerão até que fazem parte de um mesmo Clube, e dará lugar a uma nova forma de organização, ao se reproduzir, como hábito, ou tradição – a mesma de antes, agora ressuscitada. Se alguém não piscar, não será mal visto, mesmo que esteja a burlar as regras, mas quem não recebeu a piscadela saberá que isto é indiferente, pois pensará que ele já é membro do clube, e não o discriminará por isso, pois já o considera igual. E o ciclo da reprodução, continuará. Um estrangeiro, não reconhecido como membro do clube, caso não pisque de volta, será discriminado pelo fundamentalista, que o fará piscar, mesmo que seja a força.

Por isso é mesmo a ideologia quem consola o sujeito, pela própria reflexividade de uma emissão feita por ele mesmo, quando um outro devolve a resposta pretendida, seja através de um piscar de olhos, de uma questão pessoal feita ou até de determinada demanda ou necessidade que possui, e desta emissão espera-se que virá sempre um certo eco que representará uma resposta consoladora para o sujeito, ainda que venha através de outro membro de sua ideologia compartilhada, ou de um representante das regras. O eco é a prova de adesão, uma afirmação existencial, pois só existe eco se existe um anteparo. E este anteparo é a ideologia, a manter distância da realidade caótica do impossível. A dinâmica é sempre esta, afinal.

Nas religiões, não é mesmo deus que consola os devotos, diretamente, mas os outros membros, que compreendem e interagem, através dos valores religiosos que comungam, daí a imensa importância do convívio religioso que muitos possuem, pois lá encontram o consolo de que precisam, encontram o anteparo que garante seus ecos. Por isso, a religião meramente online, digital, nunca “decolou” e nem decolará, pois falta o consolo oriundo do eco. Ao menos, até existirem robôs eficientes neste acolhimento, nada assim será possível. Não é à toa que o “*amar ao próximo como a si mesmo*” é a máxima de toda a religião, até mesmo a *kantiana*. Toda religião com base doutrinária formalizada, sem exceção, possui esta referência de amor ao próximo. Nada, afinal, é tão inocente quanto se parece ser.

Se não há o consolo esperado, ou se deseja algo diferenciado, passa-se a uma outra ideologia, e assim se seguirá, na busca, até que o eco certo passe a existir, e que a “resposta” dele seja satisfatória. É isto que define o sujeito buscador, que em certas fases da vida, ao perceber suas limitações de espaço – seja por estar rigidamente enclausurado na estrutura – ou no tempo – por atingir certa idade e perceber que está aquém de seus planos e desejos, passa a empreender sua busca, e vira um buscador, ainda que não saiba exatamente o que está a buscar, mas passa a consumir tudo o que há, sejam religiões, autoajuda, coaching, filosofia, literatura, política, leitura quântica de borra de café orgânico, e o que for interpretado como caminho viável às possibilidades. Na verdade, não está a buscar nada, pois não sabe o que o faz mover, pois está apenas a lutar contra o que não deseja mais para si, que é a sua própria desalocação existencial que começa a surgir, que está a lhe mostrar que nada mais será como antes e, assim, deseja mudar, mas sem saber como. Alguns chama isso de crise existencial, ou crise da meia-idade, mas sempre chamam de crise, que é, etimologicamente, o mesmo que mudança súbita, uma rutura de um estado a outro. E não é que é mesmo?

Mas nunca são as regras a consolarem ninguém, nem mesmo os que estejam em crises, pois as regras nada ecoam, visto que elas existem de forma totalmente inconscientes em cada indivíduo ou ainda em escritos empoeirados, como se estivessem em um estado de coma profundo, desde sempre, sem nada produzirem, apenas a serem usadas diretamente pelos seus “guardiões” humanos quando lhes são convenientes ou exista a necessidade. E ser guardião das regras é uma tentativa de ser igualmente seu representante, mas de forma abertamente promíscua, tal como se assumem certos membros da comunidade que acreditam ter algum poder de polícia, pelos seus fanatismos oriundos da sua própria ignorância existencial. E não são poucos assim, que desejam disciplinar o resto do rebanho, nas raias do fundamentalismo.

As referências divinas aqui não são do deus que foi dado como morto por Zaratustra, mas sim do deus inconsciente da ordem simbólica estabelecida de

nossa atual sociedade, que lá está sempre representado, simbolicamente, mas que nunca interagiu diretamente, mesmo nas piores fases da humanidade. Ainda que alguns digam que sim, que ele interage no íntimo de cada ser, e que ainda existam outros a tentarem serem seu porta-voz, ou ainda alguns que digam (ou pensem) ser ele próprio, ou outros a guardá-lo do profano a todo o custo, a realidade é que nós que criamos este deus, a nosso próprio proveito e, por isso, ele existe sim, pois toda a criação é real. Podemos atribuir as melhores qualidades a ele e, por isso, sua existência é lícita, mas na perspectiva individual e coletiva, e nunca na universal, o que é inconsistente. Não se pode negar, nem ao simpatizante, nem ao devoto ou ao fundamentalista a crença em sua divindade, por mais que tenhamos feito críticas aqui, todas são referentes aos mecanismos de tais crenças, e não na suposta ilicitude delas. É um tema delicado, complexo, e que fundamenta toda a nossa sociedade. Busquemos mais da Filosofia, a repensar sobre este tema.

Michel Foucault, ao conceituar a biopolítica, percebeu a convergência do neoliberalismo como uma ideologia propícia para que este tipo de poder se estabelecesse, não de forma vertical, mas sim horizontal, em que o próprio indivíduo se assume como uma unidade básica de atuação empresarial. Cada um passou a ser uma empresa, em que o fim era atingir o máximo retorno pelo investimento feito. Cada ação realizada pelo indivíduo é, assim, um investimento de recursos.

Em grande síntese, a primeira forma de dominação foi feita pelos soberanos, em que havia a punição sobre os delitos individuais, e assim, pelo terror era possível manter o controle de todos. Depois, veio a vigilância, em que a disciplina foi o ponto crucial para que os indivíduos pudessem ser considerados como corpos dóceis – o que significa que são sempre previsíveis, controláveis, obedientes e produtivos. E esta passou a ser a matéria-prima para o neoliberalismo: os corpos dóceis.

E surge, então, a biopolítica, quando estes corpos dóceis passaram a ser não apenas a matéria-prima, mas também os próprios objetos-sujeitos, os próprios produtos e consumidores, em que o movimento deles passou a ser aceito como uma forma de gestão dos fluxos do mercado, sempre direcionados pela gestão à maximização da produção e do consumo. É uma política expansiva, que parece não prender, mas sim soltar, libertar. Dos escravos aos trabalhadores, e o mercado se expandiu consideravelmente, para o bem, obviamente, mas a libertação dos escravos não foi por decência, por questões humanitárias, mas sim pelas necessidades do capital, que apenas se contentou na libertação, e nada fez em relação à reparação que ainda se faz necessária. E esta é a grande ilusão sobre a liberdade, sobre as questões humanitárias, pois o sujeito está a serviço de um novo soberano, que é o capital, e está tão mais disciplinado como nunca esteve, até então. Mas ainda

assim luta por quem o mantém aprisionado, como se estivesse a lutar por si próprio, mas luta contra seus próprios interesses e sem saber mesmo o que realmente está a fazer.

Atualmente, podemos perceber os tais pobres e desprovidos a defenderem ferreamente o neoliberalismo, que pode ser exatamente a ideologia que os colocaram nas condições de desprovidos de capital, por facilitar a concentração e a má distribuição deste tão escasso recurso para a esmagadora maioria. Uma multidão de capitalistas sem nenhum capital para além de sua própria mão-de-obra, enquanto for capaz de usá-la. Marx, afinal, dizia que ele mesmo era alguém que só escrevia sobre capital, que o conhecia tão profundamente, mas sem nunca o ter tido para si. Nada muito diferente dos capitalistas recentes que, ao invés de terem capital, se contentam em defendê-lo pelas regras que consideram relevantes. E os guardiões do neoliberalismo são mesmos os mais pobres – devotos ou fundamentalistas, pois enxergam, equivocadamente, suas possibilidades justamente naquilo que os está a aprisionar e a matar, lentamente.

Há também guardiões das religiões, dos governos, das formas políticas, dos times de futebol e de tudo o que é regulamentado – para tudo o que existe como forma organizada de vida: se há regras, lá estão seus guardiões. Até mesmo nos condomínios, há os que acompanham a vida alheia como forma de policiamento dos costumes. Há, também, até mesmo os que defendem ferozmente a linguagem, pois se há as normas gramaticais, fazem suas ações ao corrigirem gramaticalmente os menos instruídos nas redes sociais, destes que não dominam as “regras” gramaticais. Até nisso há um “*pulissimento ostencivo*” – e isto não foi escrito em latim, mas em português. E se você ficou com algum grau de indignação ao ler esta última frase, então, muito cuidado, pois bem que pode ser um destes. Sempre há um pouco de guardião em todos nós, em todos.

Além dos guardiões voluntários, qua nada ganham ou até mesmo pagam para sê-lo, estão os considerados como “legítimos” representantes, que ganham, e muito, e que são os eleitos, ou os escolhidos dinasticamente ou pelas divindades, ou os autoproclamados, ou qual for outra forma possível que a imaginação humana conseguir elucubrar para persuadir através de um engenhoso engodo destas magnitudes e que, depois de assumido o poder estabelecido, passam a organizar todo o sistema de controle e manipulação das massas, para garantirem-se no poder.

Os números atuais do que dizem ser o melhor momento da democracia contemporânea, que é considerada o resultado do ideal de governança pautada em valores “universais” e *etc.* e tal, exigem fortunas para se eleger alguém, “democraticamente”, a ser gasto com campanhas e acordos, e o que tem levado a muitos populares figuras, mesmo caricatas, a terem sucesso para serem representantes do povo, mas nunca o são, e sim passam a ser

representantes da ordem estabelecida, e fazem o que lhes mandam fazer. O povo está a ficar, gradativamente, sem chances de ser bem representado.

Para se “eleger” um candidato para um cargo de vereador, em uma cidade mediana do Brasil, por exemplo, precisaria do salário de não menos do que dez mandatos, em média, ou quarenta anos de trabalhos, apenas para recuperar o dinheiro gasto em sua campanha. E, para todos os cargos eletivos são assim, pois gasta-se mais do que se ganhará – e, ingenuamente, questiona-se o real motivo de alguém pagar um valor tão alto em nome de algum altruísmo popular, sem serem claramente dotadas de um patriotismo verdadeiro, para estarem em cargos assim. Dado pelos casos de corrupção que nunca deixaram de aparecer nos noticiários, podemos ter uma ideia de que não é pelo salário, nem pelo altruísmo, nem pelo patriotismo. Pode ser por tudo, menos pelos melhores ideais. Mas, se são as regras, então não há o que se contestar.

A questão básica é: de onde vem o dinheiro que os financia? A quem serve este investimento? São ações claras dos representantes das regras, que passam a dominar as esferas políticas, que igualmente são esferas das regras, de ordem e controle, pelo alto *ticket* que cada jogador deverá pagar para participar ativamente das decisões políticas e, assim, precisarão primeiro obter um patrocinador que os financie, mas tudo de acordo com as regras, das folgas que existem para os mais abonados cidadãos.

Estes precisarão de um “investidor”, pois raramente é um patrocínio sem interesses. E, por ter interesses, deixa de ser um mero patrocínio pois buscará recuperar o dinheiro investido, e ainda com o lucro desejado. O poder político também virou um produto do capitalismo, e um dos mais desejados atualmente. Os políticos tradicionais viram seus espaços reduzidos, a competirem com empresários, *influencers*, atores, religiosos, comediantes, astronautas e até mesmo jogadores de futebol, pois, no frigidar dos ovos, a sedução do dinheiro passou a ser maior do que a do poder, em si. Mais o poder ainda é relevante, o *status* ainda é relevante.

Nem todos querem meramente o retorno financeiro de volta, pois parte destes que patrocinam ou investem são sempre, igualmente, alguns ditos guardiões, destes que apenas pagam, e alto, para lá estarem representados, mas sem desejarem atingir o poder individualmente, de facto, e se contentam em receberem acesso diferenciado e garantido junto aos mandantes eleitos quando precisarem ou desejarem. Melhor que ser um mandante eleito é ser um verdadeiro mandante, que manda no mandante eleito, pois não?

Não seria mesmo um investimento, em alguns destes casos. Alguns dizem que doam por ser «*a coisa certa a ser feita*», mas não especificam se é algo certo para eles mesmos ou para outras esferas privadas ou públicas. Mas, em comum, nunca mencionam o povo, especificamente, e sempre buscam a manutenção de tudo o que há, a beneficiar o que seja o “certo”. Se não fazem

um investimento, podemos comparar este ato como a aquisição de um produto financeiro. Podemos dizer que o que fazem é um eficiente seguro, pelos próximos quatro anos de mandatos, quando precisarão renovar suas apólices. Todo seguro é feito sem que se deseje usá-lo. Mas, dorme-se mais tranquilo com ele feito do que sem ele. Um seguro é isto: um sono melhor. É isso que fazem, afinal, de uma forma mais politicamente correta, para que tudo fique como está, sem calamidades. A suposta humanidade e sua previsibilidade, por vezes mesmo imprevisível.

E isto não se dá apenas nas esferas políticas. Mas, em todas as outras. Por exemplo, em algumas religiões, existem os cultos de pedidos de desejos dos fiéis que dão oferendas nos diversos rituais em que todos os que lá estão a pedir doam algo, sempre de valor, para estarem próximos destes representantes das regras. E, assim, quanto mais doam, mais se acham influentes e mais facilmente são recebidos para serem consolados, ou fazerem seus petítórios, que vão da riqueza pessoal à satisfação sexual, da cura de graves doenças à imortalidade, passando pela vingança do concorrente que lhe tirou alguma vantagem. Tudo passa a ser permitido nas relações promíscuas que se estabelecem entre quem paga alto para obter o que deseja e quem representa a divindade que é assumida como capaz de dar o que se pede. Assim como os políticos, não faltam escândalos nos meios religiosos, nem em todos os outros. Os escândalos são, até, sob determinadas hermenêuticas, vistos como necessários, tal como o antes vil metal era ímpio e atualmente passou a ser sagrado.

Algumas religiões, ainda, possuem até mesmo rituais em que são feitos trabalhos contra alguém ou a favor de quem manda fazer. Mandar, aqui, é pagar. E a qualidade prometida dos trabalhos é sempre proporcional ao quanto se paga. Mas apenas prometida, nunca garantida. Por isso que o ditado popular diz que «o pobre, no Brasil, não processa ninguém, mas faz macumba»³⁸, pois, talvez considere que seja mais rápido, eficiente e barato do que um processo judicial, sempre lento, caro e imprevisível. Com a criação dos tribunais de pequenas causas, mais rápidos e gratuitos, e os programas populares que levam para a televisão abertas demandas como testes de DNA, infidelidade e outras querelas, provavelmente fizeram as “macumbas” perderem muitos clientes.

³⁸ «Macumba (do quimbundo: ma'kôba) é um instrumento de percussão de origem africana, semelhante ao instrumento reco-reco. No Brasil, por meio de um processo de ampliação de sentido, o termo "macumba" (e o derivado "macumbeiro", originalmente o "tocador de macumba") passou a referir também, de forma pejorativa, às oferendas religiosas ligadas as religiões de matrizes africanas.» e poderá saber mais em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Macumba>.

Mas sempre há quem traga o amor da vida em três dias, ou abra os caminhos fechados ou ainda desfaça o trabalho suposto que os outros enviaram. Fazer “macumba”, nas religiões de matrizes afro-americanas, ou “promessas”, nas católicas e protestantes, não é uma mera tentativa de se buscar a justiça, ou os desejos que se têm, mas principalmente de contar com “alguém” ou algo que seja considerado “forte” junto de si, como se este passasse a proteger e a prover todas as necessidades e ataques da vida. E, por isso, paga-se para que assim seja. Seja em dinheiro, rituais, dedicação laboral ou sacrifícios, o pagamento é uma moeda para algum serviço que se julga ser prestado.

No jogo de Ifá, da ancestralidade iorubá, mais conhecido popularmente como jogo dos búzios, embora não seja apenas isso, mas é uma arte divinatória em que o orixá Orumilá se faz manifestado a predizer o futuro ou a indicar o que é mais apropriado a quem se submete ao atendimento. Neste jogo, o pagamento é obrigatório, e sempre prévio ao ritual, mesmo que seja simbólico, ao menos uma moeda de um centavo deve ser dada para que o ritual seja iniciado. Pagar é uma simbologia poderosa nas religiões, ainda que devidamente fundamentado.

A questão fica para descobrir se tais pessoas a prometerem algo sagrado, ou de quaisquer naturezas, são mesmo capazes de que o prometido seja realizado. Como dito, prometem, mas não garantem nada. Além disso, é preciso saber se suas vidas são mesmo um bom exemplo de que seus poderes funcionam, ao menos para elas mesmas, mas isto beiraria a uma indiscrição que nunca seria boa para se cometer.

E, há, claro, muitos – talvez a maioria – destes “prometedores” que fazem seus trabalhos ritualísticos com as melhores das intenções, acolhidos em suas comunidades religiosas, comunitárias ou políticas, a buscarem apenas coisas que sejam consideradas lícitas e boas. São realmente bem-intencionados, e o fazem por amor, ou o que valha a isso. Não se pode generalizar, nunca, pois não há mesmo a tal da universalidade, mas sim perspectivas. Há muita bondade, mesmo dentro da maldade subversiva.

O sujeito, ainda que seja o mais resistente, acaba sempre por sofrer, emocionalmente, algum dia. Um momento que nunca se deseja, mas que acaba por acontecer, quando algo acontece em que seu mundo desaba, repentinamente. Uma perda, uma forma inevitável de se perder um pedaço de si, de suas origens, de ocorrências que desprezam toda a intelectualidade e mostra a insignificância humana em sua máxima expressão. Sofre-se. E sempre se sofre muito, na vida. Para quem sofre, um templo religioso pode se mostrar como um excelente acolhimento, nos momentos mais difíceis da vida. Pode-se chorar, pedir, reacender a vontade de se viver e muito mais. Haverá ali o eco tão necessário aos que se sentem sozinhos. Há, ainda, o bem, em tudo, e muito há naquele religioso que o acolhe com um abraço, com um

ombro, com o coração, mesmo que nada do que faça religiosamente surta efeito, o amor compartilhado é mesmo a verdadeira religião, sem precisar de nada mais, verdadeiramente. Cumprem o melhor que podem fazer, e o fazem. Não se pode ignorar isto. Mas, há também a vileza dos aproveitadores. É preciso separar o joio do trigo, mas logo depois de separado, deve-se fazer o pão, pois há muitos famintos a aguardarem por ele.

As regras, afinal, possuem uma função primária para a garantia de poder aos representantes e outra função disciplinadora aos que as seguem, e por isso são eficientes e necessárias para o estabelecimento da ordem simbólica.

E o ordenamento estabelecido, não apenas o formal, é estabelecido entre todas as interfaces normativas possíveis, em todas as esferas, da mais alta até atingir os níveis individuais, e sempre com uma parte tida como um sistema formal de regras, escritas, e outra como um emaranhado de sistemas constituídos de formas totalmente informais, comportamentais, relacionais, mas igualmente normativas.

São estes sistemas informais que compartilham as necessidades de algumas atitudes devocionais, que são adotadas por todos que estão a sustentar e a compartilhar dos ideais, através destas simbologias, que ficam dotadas de alguns tipos de privilégios gestores dos comportamentos individuais, ainda que inacessíveis diretamente aos sujeitos, mas apenas aos representantes, supostamente. Assim, em tudo o que se percebe, há uma representação com algum tipo de significado. Uma boa notícia, passa a ser uma dádiva. Uma má notícia, passa a ser uma provação. E assim se segue em todos os factos da vida, que sempre assumem uma conexão e significação ideológica.

E é por isso que sempre há a impressão de se estar constantemente a ser acompanhado, secretamente, por esta entidade regulamentadora que não se consegue ver ou perceber claramente, mas que se sente estar sempre presente. Alguns até já fantasiaram com os resultados práticos destas observações, dos desdobramentos dos registos feitos de toda uma vida vivida, e que resultarão, em algum momento depois da morte, em julgamentos finais, em que tudo o que foi feito e registado, será julgado em um tribunal que determinará se o destino será o paraíso ou o inferno, sendo que as coisas más serão usadas contra e as boas, a favor e, no caso de um empate, talvez a sentença seja apenas um estágio no purgatório. A mesma presença que “protege” também “controla” e “pune”. Vigiar e punir, na visão holística. As regras, sempre presentes.

É essa esta a face resultante da ordem simbólica regulamentada, cheia de privilégios que lhe são dados para que possa oprimir a todos os que se submetem voluntariamente a ela, que são os mesmos que fornecem tais privilégios. O pecador nunca vai ao paraíso – é preciso garantir que isto ocorra. Imagina o inusitado absurdo de um ateu ter de passar a sua eternidade

junto com um religioso fundamentalista – nunca daria certo e seria ruim para todos, então o fundamentalista não acharia mais que aquilo lá fosse mesmo o paraíso e o ateu teria a certeza de que estaria no inferno. E tudo ruiria. O paraíso para uns pode ser o inferno para outros. Perspetivas que devem ser sempre consideradas.

Os privilégios atribuídos à ordem simbólica pelos seus simpatizantes, devotos ou fundamentalistas podem ser muitos, como a supremacia, a onisciência, a onipotência, a onipresença, a máxima bondade e tudo o mais que pode ser valorado e direcionado às simbologias, para tentar sempre atingir um estado de perfeição em que os caminhos para as possibilidades sejam os mais claros (e viáveis) possíveis. É justamente por isso que as regras, ainda que algumas sejam inconscientes, passam a ser assumidas como fins em si mesmas, ao menos inicialmente, para que através delas se chegue à uma dimensão em que possa haver o consolo esperado e as possibilidades, para interagir e dar perspetivas – mas tudo da forma que tudo isto ecoe da própria emanção do sujeito. O sujeito envia o que ele quer e recebe o que deseja, e se afirma como existente. Não é o pensar que leva à existência, a discordar parcialmente de Descartes, mas sim a saciedade dos desejos que antes foram apenas meras querências. Se o querer levar à saciedade dos desejos, há a existência, até que surja um novo querer, e um novo vazio.

Por não se conhecer a ordem simbólica de forma clara, e nem ser possível tal conhecimento, passa-se a se contentar com o «*se se parece com deus, deve mesmo ser ele*» e logo em seguida «*na dúvida, obedecerei, pois assim não corro o risco de se estar em pecado ou acabar no mármore do inferno*». A devoção é, igualmente aos financiamentos políticos, um seguro, mesmo que não haja uma crença total da ordem simbólica, assim como não há nos políticos, haverá menor sensação de se estar a correr menos riscos se se dispuser assim, de joelhos, a cultuá-la, em penitência.

É o que fará resultar em algo distinto, com todo o sentimento de desperdícios de tempo que não foi consumado nos bons resultados que se estava a esperar. E o sujeito frustrado e insatisfeito com as respostas que sempre (ou nunca) recebeu, ou até mesmo pelos pedidos que não lhe foram permitidos fazer, passa a questionar a própria realidade pelos absurdos que por vezes parecem existir entre o que vive e as brechas que insistem em surgir para si. Por isso, o sujeito percebe-se a existir duplamente, de forma simultânea, a oscilar entre suas duas dimensões: primeiro, em sua vida moralmente estabelecida e, segundo, em sua outra vida de possibilidades, a desejar se descolar da ordem simbólica. Fica prostrado, de joelhos, a rezar, enquanto a mente está bem distante dali. São dois em um só. Duplica-se!

E há sempre uma vida dupla que é vivida – em uma, busca-se a adequação de todos os valores mais básicos, mais profundos, a desejar uma alocação estrutural segura e provedora, totalmente abrigado das ameaças externas; e,

em outra, busca-se a aventura, o caos, a novidade e todas as possibilidades que possam existir, em uma busca expansiva, móvel e de afirmação do que se deseja ser. A maioria vive estas vidas desproporcionalmente, quando uma passa a dominar a outra. Uma minoria consegue um equilíbrio entre estas. Mas, todos, sem exceção, possuem as duas, mesmo que uma seja imperceptível. Esta é a dualidade vital, a duplicidade do ser social, sua verdadeira condição humana.

E foi exatamente este processo de duplicidade que o escritor português José Saramago capturou perfeitamente em um de seus livros, *O Homem Duplicado*, transformado em filme pela direção do canadense Denis Villeneuve, em que a personagem central é protagonizada pelo ator norte-americano Jake Gyllenhaal, um professor universitário, Adam Bell, que possui uma vida totalmente estruturada, ideologizada, normatizada, com um excelente padrão, na qual é casado e com sua esposa grávida de seis meses.

Tudo o que percebemos na trama nos leva a saber que ele está totalmente inserido em uma estrutura que possui determinados padrões que se repetem, como por exemplo, suas aulas que abordam sempre os processos de controle das massas pelos regimes totalitários, a evocar propositalmente o próprio processo em que ele mesmo está inserido, não por uma ditadura, mas sim sob o controle de uma ordem exterior e dominante, da mesma forma. Há, ali, uma prisão da vida cotidiana que conhecemos por rotinas, convenções e alocações. Nada muito anormal, pelo contrário.

[ALERT SPOILER: início]

Mas, contra isso, ou a favor, seja lá qual for a perspectiva interpretativa, há sua relação secreta com as possibilidades, fora desta pequena estrutura na qual ele está alocado – ele passa a desejar algo mais para além do marketing ideológico que o domina – e deseja fazer e ter mais do que possui, deseja movimento e não apenas a sua monotonia paralisante.

Eis que emerge o seu duplo, como se ele conhecesse e interagisse com alguém que é idêntico a ele, fisicamente, mas com uma vida completamente oposta, excitante e desejável. Ele conhece seu outro lado, Anthony Claire, um homem para além do previsível Adam Bell. Anthony deseja ser um ator a sério, para além dos papéis secundários ou figurativos que esteve a atuar, em filmes de segunda ou terceira linha, na qual usa o nome artístico de Daniel St. Claire para esta possibilidade em que aspira o estrelato artístico.

Mas não é só Adam que quer mais da vida, pois Anthony também deseja uma vida com mais possibilidades, inclusive no amor, a buscar aventuras que possam saciar seu apetite sexual, mas não da mesma forma que Adam sacia, pois, seus gostos parecem ser distintos. E é possível perceber esta diferença de gostos pelas várias referências aos mirtilos, que um gosta e o outro não – possuem predileções diferenciadas, são mesmo diferentes, são mesmo duplos, pelos desejos que se antagonizam.

E assim, a trama se estabelece, a mostrar diferentes perspectivas de cada uma destas personalidades, nas histórias que vão a serem construídas, e que levarão o espectador a se confundir, propositalmente, ao buscar saber quem é quem neste quebra-cabeça muito bem construído, e, por fim, a perceber que os dois sempre foram a mesma pessoa.

Mas sempre há um elo comum entre os duplos, algo que os une, que os conecta – um trauma, uma castração simbólica ou mesmo uma pulsão. Sempre há um facto que provoca a rutura, que leva à tal duplicidade. Na trama, o recurso artístico que marca a passagem entre as duas vidas – a vida moral e sistemática de Adam e vida das buscas frenéticas pelas possibilidades de Anthony – e que é o elo comum entre eles, são as aparições de aranhas que o filme apresenta em determinados momentos. Sejam em momentos inusitados, como em um show erótico, nas primeiras cenas passadas um clube secreto e privado, na qual uma dançarina pisa numa aranha, no palco, e a mata, conclui-se. Esta morte da aranha significa o fim desta brecha temporal em que Anthony estava a viver, até ali, e isto é o retorno compulsório à sua vida moral, como se pudesse deixar de ser dois e passasse a ser um, novamente. E é isto o que ocorre, mas não por muito tempo, pois os duplos sempre voltam a aparecer, mesmo que diferentes.

Neste momento, em que a aranha é pisada, é a estrutura que o chama de volta à sua posição, ao acabar com o acesso à possibilidade que estava a lhe ser acessível, até ali, ao se livrar de uma outra aparição que remete apenas à ideia aracnídea, mas sem uma aranha, quando há um acidente que simboliza o caso que estava a ter com a amante. As rachaduras do vidro do carro possuem claramente um formato de teia, mas uma teia da aranha que estava a ser morta, em um lapso temporal. O que o trouxe de volta foi a morte da amante, a aranha pisada foi o fim decretado, a restar apenas a teia, nos escombros de uma vida proibida – o marketing não permite, e o peso moral sempre resgata os seus para as alocações estruturais, como quando se cai em queda livre das ilusões dos sonhos para a realidade da vida cotidiana.

Em outras cenas, que retratam toda a construção da história até o momento do acidente, e a construção das personagens, as aranhas são apresentadas em momentos em que o duplo se justifica existir, nos lapsos existenciais entre eles, no elo que os conectam, e nestas cenas as aranhas exibem uma vigorosa vida, seja pelo sexy aparecimento de uma mulher nua, a caminhar de cabeça para baixo, pelo teto, com seu rosto aracnídeo – que é quando sua esposa descobre seu caso extraconjugal. Ou ainda mais surreal ainda, quando aparece uma aranha gigante a caminhar lentamente sobre Toronto, cidade onde se passa a trama, depois que a mãe, com a qual ele evita falar durante toda a trama, lhe traz à realidade ao lhe dar mirtilo para comer, quando supostamente Adam diz não gostar, mas que Anthony gosta e, diz-lhe também que ele tem um belo apartamento e uma bela carreira como

professor, quando o belo apartamento é do Anthony e quem é professor é o Adam. Assim, tudo se une em sua mente – e é a fissura ideológica que se rompe e causa um distúrbio cognitivo nele, que justifica a aparição da aranha.

As aparições aracnídeas são mesmo delirantes, surreais, pois o surrealismo possui uma proposta de exibir tão fortemente a realidade que ela, por vezes, é percebida completamente distorcida, sem o véu ideológico a que estamos acostumados a ver. Mas não é a realidade que é distorcida, mas a imagem que se faz dela – a ideologia através de seu *marketing*, que está a esconder a realidade tão profundamente que nada parece ser como realmente é. As aparições das aranhas são, portanto, as brechas nos padrões morais sociais, para que as possibilidades sejam ou acessíveis ou tornem-se inacessíveis, conforme o interesse. As brechas são as vulnerabilidades intrínsecas também das regras e o confronto da personagem, ou das personagens, quando em contato com seus próprios desejos. E, quais são seus desejos? São as possibilidades de fuga do modo de existir que possuem – Adam quer liberdade, pois já tem sua boa posição na estrutura; Anthony quer uma boa posição na estrutura, pois já tem liberdade. Como ser realmente livre e ao mesmo tempo ter uma boa posição na estrutura? Eis a pergunta que todos queremos saber, eis um dos principais paradoxos da duplicidade.

Anthony é alguém com presença, autoconfiante e sedutor, livre, esportivo, a pilotar uma motocicleta veloz e que acredita ter chances de sucesso em sua carreira de ator, mas que, em dado momento desta vida paralela, conectado à outra ideologia, se relaciona com uma outra mulher, que passa a imaginar esta oportunidade de um caso amoroso para ultrapassar sua própria condição de imanência para uma sonhada transcendência – pensa que isto será sua liberdade, e se joga, ou tenta se jogar nesta aventura como se fosse seu grito de independência. E isto ocorre e dá certo, por alguns momentos, pois dá vida a viver a experiência adúltera que vai contra a moral de Adam, e de sua posição na estrutura, de alguém casado, bem empregado e com uma vida estável, mas que para ele é tanto conflito quanto também uma realização de sua própria projeção, de seu outro eu. Ele está, finalmente, a transgredir. E isto pode ser terapêutico para muitos, que buscam esta transgressão por diferentes formas, para que este duplo seja uma válvula de escape da pressão que já não consegue mais suportar. Alguns afirmam que seja uma sem-vergonhice, outros afirmam que seja lícito, mas a duplicidade pode se dar em tudo, não apenas no adultério, mas nas pequenas infrações da vida, por tipos de comportamentos compulsivos e muitas formas que mostram, claramente, a aversão ao status quo, à vida que não quer mais ser vivida, mas sem forças ou condições para sair dela.

O caso com esta mulher é, portanto, o ponto de transgressão e de tangência, e de conflito, entre as dimensões de Adam e Anthony, pois ela morre, ainda que simbolicamente, ou não, em um acidente automobilístico

em que ele estava a dirigir, e leva Adam a um estado de depressão, culpa e arrependimento. Despenca para a sua realidade estrutura, a aranha foi pisada, e morta.

Daniel, o ator de sucesso que Anthony quer ser, é a parte sutil da trama, mais difícil de ser percebida, mas que fica evidente apenas na análise posterior ao filme, visto que Daniel funciona como uma resistência a Adam, como a antítese *hegeliana* para este, como o elemento necessário para resistir e confrontar Adam para que este o supere, e supere a si mesmo, e se transforme em algo novo, melhorado, mais forte e com mais possibilidades que antes. Assim, ao ultrapassar Daniel, Adam se transformará em Anthony, o ideal que quer para si – que é seu modo de ser a existir tal como é. Quem se desfaz no acidente, e deixa de existir, então, não foi apenas Anthony, mas também uma parte de Daniel, quando da aranha pisada no começo, que saiu de uma teia na qual estava preso. Mas a teia continuou lá - Daniel, mesmo que sem a aranha - Anthony, morto simbolicamente.

Adam é o verdadeiro projetor de Anthony, a força propulsora deste, pelas suas repressões íntimas que são projetadas violentamente. Daniel é o que nega o impossível, é a imagem residual da moral, das regras, do marketing, é o representante do próprio juízo e a própria introjeção da ordem simbólica que está incrustada dentro de Adam. Pois, Daniel é o que é projetado para ser livre, mas bem-sucedido, alocado estruturalmente – é o ponto de equilíbrio. Mas, não há equilíbrio, pois sempre se deseja mais e mais. Por isso, Anthony é o excesso, a exacerbação que se extrema a si mesma. São camadas, cascas, em que Adam passa a dar vida a Anthony. São reproduções de um mesmo indivíduo que acompanha funcionalmente cada um destes em suas próprias ideologias.

Para se descobrir uma posição precisa, um dispositivo GPS precisa de uma triangulação dos satélites para que possa medir as distâncias a partir de certas referências e, assim, precisar onde se está posicionado. Esta triangulação, em similaridade, é o que ocorre entre Adam, Daniel e Anthony, quando há um modo de ser e um modo de existir, nem sempre coincidentes, nem sempre perceptíveis, a navegar identitariamente entre estas três personalidades. Mas, nem Daniel nem Anthony existem, de facto – são criados para isto, para dar sentido à vida de Adam. Por isso, as referências existenciais são uma parte relevante do ser, tão pouco exploradas ainda, que tratam tais duplicidades como desvios de personalidades, ou mesmo transtornos. A partir de uma análise *freudiana*, Anthony seria o Id pela busca desenfreada do prazer extremo, selvagem e sem as restrições sociais que estão em Adam. Este é o superego, preso às regras e convenções sociais, ao dever *kantiano*. Daniel é o ego, que subtrai a energia de Anthony para mediar o possível, para ser o elemento de equilíbrio. É isto, ou quase isto. Mesmo assim, nem sempre sabemos nos posicionar precisamente, nem sempre

percebemos a existência que estamos a ter – e daí surgem os conflitos – pois não é mais possível não perceber a conexão das ciências da mente, da existência e dos símbolos como coisas desconexas, na paralisia do nada, e urge dar movimento a tudo e reconectar o saber.

A ideologia permite tais duplicidades ocorrerem, e as regras passam a ser burladas para saciar seus momentos de projeção rumo às possibilidades, ciclicamente, pois tudo se repete, tal como sugere Saramago, ao dizer que «*o caos é uma ordem por decifrar*», e o caos é exatamente Anthony, este caos que Adam precisa decifrar, ou apenas matar, com Daniel, o antitético, e seguir adiante até que uma nova projeção apareça novamente. Mas, para isso, urge que exista e se perceba existente, que seja ele, que viva como ele, que faça o que ele faz. Esse é o seu imperativo ideológico e é o que sempre o levará a um novo Anthony, sintético, investido para novas possibilidades, nem sempre harmoniosas com as que Adam possui.

Algo muito interessante ocorre no final do filme, e que expõe claramente esta dialética, em uma nova versão, pois quando já está reacomodado como Adam, depois do fim do se caso e do perdão da esposa, o novo Anthony, projetado novamente, recebe uma nova chave que dá acesso ao mesmo clube privado mostrado no começo do filme, quando várias pessoas compartilham do momento erótico exibicionista, ao verem as sensuais mulheres a se apresentarem, as cobiçarem-nas pelos olhares desejosos de possibilidades – da diferença negativa, da falta, da pulsão, do desejo, e todos observam avidamente, mas sem tocá-las, pois são intocáveis, distantes, transcendentais, como todas as possibilidades. Mesmo o porteiro do prédio, que Adam levou com ele ao clube, implora para voltar novamente lá, tamanha é a sensação de se estar dentro deste clube, ao acesso às possibilidades.

Este clube existe por ter sido construído pelos desejos compartilhados dos que lá estão, a frequentarem-no privadamente, e certamente não apenas desejos, mas também por crenças acerca do que lá estará, e uma crença extremamente forte e que, por isso, leva a uma excitação da vontade de sempre voltar a esta teia de possibilidades, a esta forma feminina sedutora e voluptuosa que a ideia de aranha representa, por ter pernas que mais parecem tentáculos e, também, por ser quem melhor tece suas teias, que são espaços que consegue imobilizar quem ouse transitar por ali, e se alimenta destes. Mesmo os machos, são alimentos prováveis. E, nesta selva, a beleza está neste poder feminino emanado pelas possibilidades, nesta força que há, nos brilhos, cores e contrastes que a sedução pode causar. A inteligência está neste poder feminino, nesta parte da dualidade que não apenas dá a vida, mas dá sentido a ela. E isto reflete a simbologia da estrutura, funcional, quando as possibilidades se alimentam daqueles que querem entrar na vida estrutural, ao passar por elas, viram suas presas, presas em suas teias – ninguém que entra conseguirá sair, apenas consegue projetar-se para fora dali

mentalmente, se muito, pois logo estará de volta. Mas, a rigor, nem a teia e nem a estrutura atraem ninguém, apenas aprisionam os que são seduzidos por algo que nem elas mesmo possuem: as possibilidades, pois a ideologia é construída pelos que serão aprisionados por ela mesma, é tanto causa quanto efeito, como muito já vimos, até aqui.

Assim, toda esta simbologia não poderia ser outra coisa do que ser todo o clube e seu conteúdo, tudo o que está nele, inclusive as lindas mulheres sedutoras, o próprio *marketing* ideológico, pois é tanto um produto quanto um serviço, em que as pessoas criam, sustentam e reproduzem estes clubes, e seus conteúdos, visto que sempre as chaves de acesso mudam, pois, todo o acesso ao clube é exclusivo somente a quem faz parte dele, a quem pode pagar para estar ali, a quem o construiu para projetar suas possibilidades comuns, para si e para seus convidados.

E, por fim, as sedutoras mulheres representam a ideologia, e dão acesso às simbólicas aranhas, as possibilidades existentes. Também são elas a expressão das regras, a força da ordem, pois podem elas mesmas matar as aranhas, matar o que criaram e o que são, matar a elas mesmas. Tais mortes são as mortes das próprias possibilidades ou das ameaças que elas podem vir a se tornarem. Não há a dualidade moral nas possibilidades, que estão acima disto – não há bom ou mal nas possibilidades, isto há apenas na moral, e não na ideologia. Por isso, são as possibilidades sempre fatais, sempre imprevisíveis.

Há na trama uma proximidade muito intensa entre as possibilidades com as próprias aparições destas, pelas aranhas, que são tanto transcendentais como fenômenos, e, portanto, revelam as inconsistências das brechas que ocorrem pelas vulnerabilidades das regras – quando tudo se confunde e se quebra um padrão supostamente inviolável.

[ALERT SPOILER: fim]

As regras são, por tudo isso explicitado, um meio que acabou por ficar subvertido, inicialmente, ou melhor, foram elas promovidas para um fim, para as quais foram oferecidas primazias, sem que estas as merecerem. Ao invés de serem um parâmetro, passaram a ser uma referência. Passaram a serem cultuadas. E aí está a subversão – pois são criaturas cultuadas pelos criadores, e já conhecemos bem esta bizarra história. Mas, a advogar para o diabo, tais privilégios concedidos a elas foram apenas pela necessidade de, através delas, se compreender o que elas mesmas podem determinar. É mesmo uma relação promíscua e falsa, mas muito humana, em que passa o humano a cumprir um papel de sofisticado e incansável bajulador, como se isso passasse a lhes dar vantagens competitivas. E, que, por vezes pode mesmo acontecer de receberem tais vantagens, e logo atribuem às divindades o seu sucesso, ou ao universo.

E as regras são também o meio de se questionar a si mesmo, de se posicionar na estrutura e perceber a alocação em que se está, perceber a própria individualidade, a própria existência. Pois, é a regra que define o que seja o normal e o anormal, em síntese. É um parâmetro que não temos como escapar, sempre.

A partir da relação estabelecida com as regras, será possível o sentimento existencial “inspirado” pelas possibilidades que estão para além das próprias regras, pois são as regras que colocam os limites e, portanto, o que está para além destes limites não são regras, são possibilidades, ou oportunidades. Só se percebem existir e serem livres, realmente, somente os que consegue ultrapassar as regras, e isto não significa quebrá-las, mas dominá-las ao ponto de usar de suas brechas para realizar tudo o que desejar. Adam ainda não conseguiu isto, pois ele sempre quebrou as regras, e por isso não se sente existir, nem se sente livre, mas sempre em busca do que não consegue atingir, pois precisa passar por entre as regras, sem quebrá-las.

O que resta para nós, na selva, afinal, é perceber como é possível ultrapassar as regras, depois de descobri-las, e de onde provém esta necessidade de ser sempre inspirado pelas possibilidades, que nos atrai para além da ordem estabelecida. Mas, tudo a seu tempo.

22. A ocupação, o espaço público, o território, a cidade

Estamos na selva, e precisamos perceber suas distintas dimensões. Se já tratamos do tempo, ou dos tempos, agora precisamos perceber um pouco mais sobre o espaço, ou os espaços que existem, ao menos para nós.

Sobre todas as formações oriundas do imaginário individual, e que passa a ser compartilhado e, portanto, formam o coletivo, que tanto forma quanto retroalimenta o individual, ciclicamente, forma também uma dimensão de existência e de convivência. Estas formações consolidam uma dimensão espacial, e também temporal, que a convivência não apenas se torna possível, mas amplamente desejada e defendida, pois é dela que vem a possibilidade e a sensação de existência, tão preciosa para quem se percebe vivo. Surge então, conceitualmente, nada menos do que o espaço público.

O espaço público é a dimensão transcendente de convivência dentro da ideologia, instanciado nesta, e que precisa ser materializado, tornado imanente, pois é neste espaço que se dará, supostamente, a transmutação de todas as possibilidades, transcendentais, em oportunidades, imanentes.

O espaço público não é o território, portanto, e até pode ser bem mais amplo do que este, mas geralmente é bem diminuto em relação ao território, mas sempre é dinâmico, pulsante e ilimitado, enquanto o território é estático e limitado.

O território assume-se como uma área de resistência à dominação, particular ou coletiva, e representa uma reação paralisante à dinâmica do espaço público. O território oferece a resistência pois não possui plasticidade, e nem se mostra como hospitaleiro, geralmente, pois é o que é, é um pedaço de matéria-prima a ser moldado, ocupado. Não é o espaço público que busca transformar o território, mas sim o território que resiste a este, que não o permite ser o que este aspira ser.

O espaço público vem antes do território, emerge nas dimensões da ordem de comunicação, da linguagem, das interações entre os aspirantes a uma vida em comum, com as vantagens da ultrapassagem da finitude, da transcendência. É sempre uma relação dialética, triádica, *hegeliana*, do transcendente que encontra sua obstrução de realização no imanente.

Assim, se toda a dialética *hegeliana* envolve uma tese, uma antítese e uma síntese, a tese seria o espaço público, a antítese, como visto, o território e a síntese, que seria a melhor das configurações do espaço público no território seria, supostamente, a cidade. O valor sempre está na cidade, tanto maior quanto mais nuclear, mais central, mais valorosa é, mais cobiçada se torna. A cidade é a fusão entre a transcendência ideológica do espaço ideal e a imanência espacial dada no devir. Algo tanto limitado como ilimitado. Que

tanto pode abrigar sonhos, projetos e ideais quando hostilidades, oportunidades e realizações.

O interessante é percebermos que Foucault, ao conceituar a biopolítica como forma de governança, a partir da “evolução” da forma soberana do passado, em que o soberano era o próprio Estado, tal qual Luis XIV, o Rei Sol, o disse ser; e assim, com este abismo entre o soberano e os seus governados, propôs Foucault duas componentes necessárias para que surgisse esta poderosa forma de governança contemporânea: a pastoral cristã e o estado de polícia.

Astutamente, o poder se adequou ao processo que culminou nas cidades, pois, afinal, não pode estar alheio a tal processo, pois o poder emana do que é imanente, ainda que precise assumir uma dimensão transcendente para se firmar e se legitimar. E assim foi feito.

O governo, ao assumir uma postura de pastor, cristão, necessariamente assume uma posição de salvador, de condutor, de cuidador e provedor, a agregar um rebanho e maximizar os cuidados com este. Bem certo de que, ao final, acabará por sacrificar parte do rebanho, ou apenas espoliá-lo um pouco, ao cobrar impostos ou ao tirar sua lã, ou couro, ou a alma, em alguns rituais periódicos. Mas, eminentemente, é o pastor o cuidador, aquele que possui uma nobreza em seu exercício profissional. Pois, supostamente opera com a transcendência, com as possibilidades, com a ultrapassagem da finitude. O governo, assim, passou a assumir esta aura superior, sagrada, ou melhor, em tese, fazer disto tudo algo imanente, perceptível para todos, pois quer mesmo se manter assim, e precisa iludir para controlar sem ter a força que a maioria possui em conjunto.

E, daí, vem a resistência a este projeto de poder, que vem da antítese representada pelo poder de polícia que precisa ter, que serve para controlar a diversidade e gerir os supostos cidadãos livres, individualmente, dentro de um colético formado quando estão a ocupar um território. O governante precisa fazer emergir uma área de convivência pacífica para que seu poder possa ser viável. E o faz peça forma de maximizar as capacidades produtivas para que estes cidadãos possam ser saciados e, assim, serem governados ainda a acreditarem serem livres, sem que nada os limitem e que tudo possam fazer, desde que cumpram as regras. Precisam ser vigiados, disciplinados, e isto requer que sejam dóceis, que possam ser tanto obedientes quanto produtivos, que passem a ser treinados, ou melhor, adestrados para uma vida tal qual o governo precisa para governar bem, e isto é o mesmo que produzir e se expandir.

A complexidade deste projeto de governança se dá pela multiplicidade das individualidades, e, portanto, quase nunca será possível manter-se apenas na função de pastor. Será a resistência do poder de polícia, sobre a figura pastoral do estado, que levará à salvação prometida, ao ultrapassar-se a

privação imposta: a solução da suposta liberdade, que passará a ser vista como possível no livre mercado, e somente nele. Por ser a biopolítica gêmea xifópaga do neoliberalismo, percebemos as similitudes destas duas formas de dialéticas que podemos facilmente identificar em nossa sociedade.

O espaço público tem como ideal ser governado como uma pastoral cristã, por serem ambos transcendentais. O território requer, necessariamente, uma governança com o poder de polícia, para alocar os recursos imanentes otimizados em seus devidos lugares. E, assim, a cidade, passa a ser o próprio mercado, a síntese do melhor que há, o lugar livre para que tudo se desenvolva, tudo floresça e represente a oportunidade que todos esperam para si, de uma multiplicidade que pode atender a todas as individualidades de forma otimizada.

O espaço público, portanto, não é nunca o fim, mas apenas o princípio da cidade que é uma síntese invejável deste processo, por abarcar dinamicamente o melhor em si, e que novamente passará a sofrer uma resistência do estático território, pois a cidade sempre estará a ultrapassar a materialidade da imanência. Quando uma cidade morre? Quando não há ambição nela, por falta de pessoas, por falta de desejos, por ter envelhecidos todos os habitantes, e os novos terem saído dela. Assim, uma cidade morre, como em muitas vilas europeias que estão vazias, ofertadas por valores ínfimos e sem muitos interessados. Ou, nem vive, nem chega a viver, se planejada à distância, se feita apenas em projeto, sem ninguém a ocupá-la. Nasce natimorta, não viverá até que por lá estejam seus habitantes, que a transformarão, que a farão ser, de facto, uma cidade, como as muitas cidades-fantasmas que existem na atual China, totalmente desertas.

Se todas as ideologias fossem exterminadas, se fosse isto possível, logo deixariam de existir todos os espaços públicos e, conseqüentemente as cidades, que colapsariam pelo caos do real, e que estaríamos em contato direto sem a proteção ideológica; assim, haveria apenas os territórios, ou um único território, em guerra, sem leis, sem ordem, apenas caos. A realidade, portanto, ao se passar pela brecha ideológica, é apenas um território, desértico e inexpressivo, totalmente inacessível pelo caos que impera nele, de profunda multiplicidade. É a ideologia que impede que sejamos isto, que nos dá a forma organizada de vida que nos é possível ter, mesmo que nem sempre haja a organização pretendida e, quando há, nos faça querer mais do que há, ir mais ao centro da cidade, mais ao núcleo em que tudo se dá melhor.

E aqui há algo que nunca é fácil de se recorrer como exemplo, pois não é nada agradável para se evocar ou se defender, como aquelas “verdades” que são melhores se ficarem enterradas, por serem indigestas. Muito mais quando pensamos na hipótese de ferir a beleza da poesia, da literatura ou de qualquer outro ícone das melhores expressões estéticas, muito mais agravadas quando fazem parte do que se pode considerar o melhor das próprias memórias

vividas por multidões, em suas apreensões mnemônicas dos melhores momentos da vida.

Por isso, por exemplo, a dificuldade em criticar a letra da música de John Lenon, em sua utopia proposta e poetizada na letra de Imagine, que em livre tradução propõe à alma sonhadora *«imagine que não exista paraíso, é fácil se você tentar, nenhum inferno sob nós, acima de nós apenas o céu, imagine todas as pessoas, vivendo o presente»*. E ainda há mais *«imagine que não há países, não é difícil, nada para matar ou razão para morrer, e nenhuma religião também, imagine todas as pessoas, vivendo a vida em paz»*.

E isto seria, se alguém obtivesse sucesso ao tentar realizar isto, o próprio fim da existência do espaço público e a mera presença solitária no deserto territorial da realidade, sem nada mais a existir, nem mesmo as regras. Seria o maior dos retrocessos que teríamos como humanidade, nem mesmo selva haveria, apenas o nada, apenas o deserto do nada. Não há nenhuma utopia (paraíso) ou distopia (inferno) viável sem alguma ideologia, pois não há nada público sem uma ideologia a sustentar, não há “um” sem um “outro”.

Tudo poderia acontecer nesta realidade alternativa proposta na canção, mas que logo pareceria mais com um mundo vazio e solitário pois, depois de algum tempo, todos estariam completamente animalizados, a recomeçarem do zero toda a organização social que conhecemos, a formar uma nova ideologia, e tudo o mais que nossos ancestrais tiveram de fazer e passar para atingirem uma dimensão pública que lhes fosse possível conviver, e que segue até os dias atuais a progredir, pois somos todos o legado a reproduzir o próprio legado da sociedade. Seria jogar tudo fora. E, talvez, para alguns, nem seria mesmo mal ideia, por já terem percebido a inviabilidade do que temos atualmente – a discussão é válida. Mas, por agora, vamos desconsiderar tal opção.

Lamentavelmente, é ainda mais sensível para os românticos perceberem que toda a proposta da letra da canção vai contra as possibilidades e, por isso, é mesmo uma imensa ameaça existencial. Pois, a maior das ameaças é justamente desconsiderar a necessidade do espaço público, suas regras, e tudo o que leva possível uma vida mais civilizada, bem antes de se pensar no território. Pois tudo o que há, atualmente, possui uma função necessária para termos a vida organizada e viável em sociedade.

Não é a forma que se está a condenar, como inválida, pelos retrocessos que temos como civilização, mas sim os conteúdos que levam a situações indesejadas. Mas tudo o que há possui uma funcionalidade vital para o espaço público existir e operar, até termos as cidades operacionalizadas.

São a partir destes espaços públicos que emergem e se instalam todas as possibilidades avençadas por este coletivo, por esta conjunção de crenças, desejos e vontades que remetem a uma necessidade de tornar esta transcendência coletiva das possibilidades em algo imanente, a existir no

devir, na posse e na propriedade do que seja possível, que é a apreensão do que está dado como possível.

O espaço público é um ato e um exercício da fé, das necessidades e da subsistência, e tudo isso passa a ser materializado nas cidades. O sujeito precisará existir primeiro neste espaço antes de ocupar o território, mas não apenas ocupar o território, mas também fazer parte dele, ser aceito e reconhecido integralmente como um membro, como um cidadão, com liberdade de se expressar da forma que quiser e com as mesmas possibilidades que todos os demais possam possuir, ou ainda mais, mas nunca menos: e isto é estar primeiro no espaço público e depois no território, para então ser um cidadão. Ser aceito na cidade significa que não terá restrição alguma em relação às possibilidades todas que existem por lá. Essa é a dinâmica que nos permitirá perceber todos os padrões que existem na convivência social e todos os distúrbios que temos na vida cotidiana, como a xenofobia, por exemplo.

Pois, mesmo quem ocupe um determinado território, poderá estar apenas a fazê-lo em presença, mas sem existir realmente, sem ter todas as possibilidades e, portanto, sem integrar a cidade, pois não faz e nem se sente parte de nada, plenamente, e percebe-se como um alienígena e passa a estranhar muitas das coisas que ocorrem por lá em relação à sua presença, ao seu ser que não é considerado como tal. Não o deixam fazer parte da vida organizada, em sua plenitude, apenas, no máximo, será integrado na parte desagradável, que ninguém quer para si – e é o que lhe sobrar, apenas.

Um bom exemplo são os imigrantes e refugiados, que podem habitar um território, mas nunca terão as mesmas possibilidades dos “cidadãos”, ainda que regidos pelas mesmas regras. Regras, como já citadas, são inconscientes e nada fazem além de estabelecerem a ordem. E a ordem é essencialmente transcendente, dada primeiro no espaço público. Por isso, as regras podem estabelecer igualdades que na prática nunca serão atingidas, pois não se tornarão, necessariamente, imanentes.

Discriminação, xenofobia e racismo, dentre tantas outras formas degenerativas de relacionamentos existem nas cidades, a despeito das inúmeras regras e convenções a dizerem que tais atitudes são ilegais e indesejadas, sem efeito. Nem mesmo o politicamente correto é capaz de evitar que isto ocorra, pois é uma utopia, e uma utopia não é um instrumento de convivência social, nem de nada. Habitar não é, portanto, meramente ocupar. Pois, ainda, se as regras não permitirem que tais estrangeiros possam lá estar, nem mesmo ocupar o território lhe será permitido, e poderá ser submetido a um processo de expulsão, ou deportação, como ocorre comumente em muitos países cobichados.

O espaço público permite a habitação, as regras, a ocupação e a cidade, a coabitação – e isso resume tudo.

As formas de conduta e de relacionamentos são, assim, formadas por critérios comungados da vida cotidiana, na cidade, sejam estes oriundos de uma ideologia-mãe ou ainda formado pela conjunção de várias outras formas ideológicas reproduzidas, que se associam e se combinam, em zonas de convivência, por afinidades, mas sempre conectadas pela ordem simbólica vigente, ainda que por diferentes conteúdos.

E sempre acaba por surgir uma progressão comportamental do coletivo para uma forma de convivência possível, a partir da própria experiência da coabitação a decorrer – que já é, a coabitação ela própria uma possibilidade realizada, pois já foi tornada imanente pelo provável decorrer do convívio já existente, dado que foi inicialmente selvagem, individualista. Quando uma possibilidade é suposta ter sido realizada, novas possibilidades – melhores e maiores, mais utópicas – passam a ser a nova referência coletiva, a exemplo de conviver em igualdade, com mais lazes, sem mais conflitos, etc. – preza-se mais pela qualidade, depois de se ter o que se tem. Quer-se mais, mas também melhor. Por isso esta progressão comportamental nos parece ser tão natural, tão evolutiva. Mas isto se dá pela interação e ação da ordem estabelecida, que é sempre a expressão laboral e interventora da ordem simbólica, com toda a estrutura normativa e conformativa, a fazer a gestão dos comportamentos, traduzir as prioridades em metas, direcionar esforços e corrigir excessos, e muito mais. São os poderes interventores, capazes de estabelecerem prioritariamente a forma, os conteúdos e, portanto, a viabilidade da cidade.

E logo alguns conflitos esporádicos são logo superados pelos critérios de justiça vigentes pela ordem estabelecida, pelos poderes afins às demandas, que podem ou não fazerem com que as diferenças do habitar sejam minimizadas, nos movimentos dialéticos que levam às mudanças comportamentais sociais, ao menos para a maioria que se adapta, e “evolui” nas capacidades de convivência pacífica. E a cidade que volta a virar um espaço público, quando há esta autorreflexão do coletivo, unidos pelas possibilidades que são mais qualitativas, mas que logo a seguir será confrontado com o território, com algumas minorias ainda resistentes em ceder o que já possuem, em pensar diferente do que pensam, mas o processo segue adiante, a acumular conflitos não generalizados, mas sim segmentados, em nichos, em especificidades, mas a maioria que supera e adere às qualidades possíveis, de um espaço público melhor, volta a ser novamente uma cidade, ciclicamente, até outros novos conflitos existirem – quem é maioria e resiste a mudar, passará a ser minoria, sempre. É como se o todo assumisse vida própria, como se passasse a ser outra entidade tomada por ente. E este dinamismo é que nos parece ser a evolução social obtida na convivência urbana, mas há muito mais do que aparenta ser. Nem sempre são meras melhorias, apenas, mas por vezes imensos retrocessos, conforme a

perspetiva adotada. É um turbilhão de aspirações individuais que precisa ser domado, e assim é feito, e só assim a cidade consegue se sustentar em pé e se desenvolver.

E o desenvolvimento faz emergir mais fortemente a verdadeira ordem simbólica, os códigos subentendidos intimamente que levam à sedimentação da convivência e da governança, seja através de uma forma autoritária e soberana, ou disciplinadora ou mesmo mais sofisticada, como a biopolítica, formada por entidades gestoras ou diretoras da vida pública, a partir dos corpos tornados dóceis e gerenciáveis, das definições sobre a conceção da individualidade, pelas formas de governo instituídas, da aplicação da justiça, de corroboração dos processos educativos e/ou profissionalizantes, do policiamento coercitivo e preventivo, e todas as outras sutilezas, todas repressoras e, inclusive, as formas de éticas (ou a Ética, se pudéssemos considerar válido o conceito da universalidade, já nos dado como inconsistente, mas que poderemos considerar didaticamente, doravante, a participar da fantasia coletiva dos teóricos, ainda que temporariamente – e talvez seja isso uma prova desta evolução de convívio). O coletivo assume-se como um ente, pois é imanente, está no dia-a-dia, em todos os lugares, onipresente, onipotente e onisciente. É, portanto, personificável.

E esta personificação é a cereja deste convívio quase orgiástico, que são as personalizações das formas gestoras da própria transcendência pura das possibilidades, ou da eternidade, e que passa a ser representada com uma face humanizada, pela função projetada e atribuída, ou ao sobre-humano ou mesmo ao divino, que passa a ser representado como uma causação primária de tudo – mas que em verdade foi criado em imagem e semelhança ao ideal que se deseja alcançar, mas não em relação à existência humana, mas sim às aspirações transcendentais das possibilidades deliradas, projetadas pelos que esperam vir deste semideus ou deus como uma realização que ainda não podem ou que não conseguem ter, se é que um dia conseguirão, ou poderão.

Por isso, muitos políticos ou celebridades, quando colocados em posição de serem tal personificação, passam a serem dissociados de suas personalidades originais. Passam, por exemplo, a serem mitos, e por mais tacanho que sempre foram, mais desprezíveis, deixaram de ser um e passaram a ser dois. Eis que o duplo, aqui, é percebido pelos demais, e que sempre preferirão a versão perfeita do “escolhido” por eles, enquanto os outros, que não consigam entender o que se passa com as pessoas que pensam ilusoriamente, apenas veem a versão original, a única que percebem. E, neste caso, ambos os lados acusam o outro de opositor, como se ambos tivessem graves problemas cognitivos. Eis a síntese dos mitos modernos, dos complexos sociais que levam, invariavelmente, às fissuras sociais, às quebras de regimes. Se o eleito a mito for suficientemente inteligente e hábil, em casos assim, conseguirá até mesmo um golpe de Estado, e facilmente poderá

a vir a ser um ditador. Mas, não é apenas carisma requerido, mas sim competências. Se a versão original não for suficientemente hábil, a outra também não será, pois não se pode herdar o que não existe.

Mas há também os deuses, santos, as diversas entidades tomadas como espirituais. É o desejo pelo poder pastoral redivido, recriado, potencializado, para muito além dos governos, insuficientes de darem tudo o que a alma pede, mesmo que existam mitos, pois a parcela da população cética também sempre acaba por encontrar o que lhe apetecerá, mesmo que estranhamente, mas sempre de forma divinal. As entidades divinas são todas projeções das possibilidades, muito além das instâncias individuais e coletivas estabelecidas por cada sujeito, e que parecem tomar vida própria, mas que nunca deixam de serem inconscientes, ou meras criações coletivas inanimadas. Eis que surge a velha pergunta: deus existe?

Se há um deus? Sim, seguramente há, ao menos conceitualmente, mas também é este deus inconsciente, como se sempre estivesse em seu eterno coma, quando tudo foi arranjado por nós, por aqui, como sempre pudemos fazer e que, a dado momento, ele pudesse sair deste coma e olhar para tudo o que há. Se gostar, estaremos bem. Se não gostar, seremos os próximos dinossauros. É um sentimento angustiante, tanto quanto libertador, tal existência conceitual divina. Por isso, também criamos um dia do julgamento final, a refletir tais anseios conflitantes de nossas almas. Deus, mesmo sendo uma criatura, foi e é essencial, até aqui, para chegarmos onde chegamos. Para sermos o que somos. O que resta questionar se isto é algo louvável ou reprovável. Mas, é o que é. E disto não podemos fugir, pois a figura de deus foi necessária, e profícua, afinal.

E são estas nossas criações: este deus, ou deuses, que projetarão nossas próprias possibilidades por todo o espaço público, a causarem comoções e muitos outros fenômenos que nunca foram uma manifestação objetiva de algo sobrenatural, mas que concentra as esperanças de todos que os criaram, e que precisam dele, como um estímulo para prosseguirem, uma autoajuda. E, assim, percebemos porque é a autoajuda uma religião, ou melhor, uma seita, dado que projeta uma utopia mais ostensivamente. E existem ateus que julgam que deus não existe, mas são devotos ou fundamentalistas da autoajuda, ou de qualquer outra coisa. É preciso uma autocrítica, sempre, e isto não é nada deletério, pelo contrário, mas sim estimulante. E é por isso que todo milagre se dá quando ocorre nas cidades – e não apenas os religiosos, mas de todas as esferas, de todos os cultos que tenham simpatizantes, devotos e fundamentalistas – e temos incontáveis, e até insuspeitos. Pirâmides? Sim, são seitas. Marketing multinível? Idem.

Tudo isto se dá quando lhe é atribuído algum conteúdo transcendente a se dar na imanência. Não é por acaso que todas as grandes organizações financeiras de autoajuda, marketing multinível, pirâmides e até mesmo

políticas sempre se aproximam das religiões – se não se aproximam, não a negam, não se distanciam. Querem as massas, e as massas são profundamente religiosas. E tornam-se, portanto, reproduções religiosas. Até a política passou a ser assim, antes a se curvar para os religiosos, atualmente a serem parceiros no jogo do capital. Mas a cidade é isto, e se mantém por isso. No futuro, talvez não. Mas, por agora, ainda é assim. Seja uma dedução verdadeira ou não, basta que seja considerado assim, por agora, para que possamos perceber a viabilidade de tais teses.

Mas, os religiosos, não teriam muito incômodo com tais teses. Os mais incomodados seriam os ateus, alguns até fundamentalistas. Assumir a transcendência como válida não deveria levar a uma posição antagonista, meramente ateuista, pois os ateus também são fortemente ideologizados e crentes, em dados momentos. É preciso perceber que o humano, por ser humano, precisa de um deus, mesmo que seja a Ciência, ou Carl Sagan, ou Stephen Hawkins, talvez Albert Einstein, ao invés de um deus Católico ou Protestante, ou um Buda, ou ainda a Filosofia para alguns, ou até mesmo a cantora carioca Larissa de Macedo Machado, a Anitta, uma verdadeira diva para muitos. Há sempre uma figura que assume, conscientemente ou inconscientemente, tal função. E é preciso respeito³⁹ a quem assim assume sua posição de devoção, mesmo a partir de uma atitude cínica.

³⁹ Ao conhecer o Santuário de Fátima, em Fátima, Portugal, para acompanhar uma pessoa querida, minha mente, enquanto estava a dirigir até lá, foi tomada pelas questões racionais da fé, sobre as aparições relatadas pelas crianças, pelos momentos históricos em que a ditadura de Salazar tornou isto conveniente, pelas relações duvidosas entre esta ditadura e a Igreja, pelas acusações de alguns membros da Igreja de adulteração de fatos e relatos e muito mais. E isto, de alguém que quando criança participava de todas as missas, com a avó, participava das procissões, quermesses, fez sua alfabetização em um colégio dirigido por freiras, fez todos os sacramentos até a primeira comunhão e esteve sempre dentro, portanto, de uma ideologia cristã, ainda que tivesse acumulado outras experiências religiosas, mas a católica, por ser a primeira, sempre foi uma presença muito forte. Sim, um conflito ideológico, sem dúvida.

Mas, ao chegar ao Santuário, estacionar o carro e seguir a pé, por uma das entradas, em um domingo ensolarado, até agradável, com fracos ventos frios, percebi que estava a sair, a pé, uma senhora, magérrima, com cabelos aparentemente raspados e com um lenço amarrado, mas a conseguir andar sozinha, amparada por alguém, a parecer mesmo um cadáver ali posto, em seus últimos momentos de vida. Uma cena aparentemente triste, desolada, mas até que, em dado momento, nossos olhares se cruzam e, assim, ao perceber seus olhos, vejo uma vida tão intensa, tão forte e saudável, que tudo o que é corpo perdeu seu sentido de existir, a partir de

E, assim, as formas divinas nada mais são do que também um espaço público das formas que a respetiva ordem simbólica pode ser capaz de assumir – e isto ocorre a partir das regras que passam a ser personificadas, que representam os meios para se chegar aos fins, as possibilidades, seja da vida eterna, da riqueza, do bom destino no pós-morte, ou mais recentemente para que o motorista do aplicativo não cancele a corrida contratada, ou ainda, para se conseguir uma vaga para estacionar o carro em uma rua movimentada, enquanto dirige por um trânsito intenso, contra o tempo, ou até para obter aprovação em um concurso público, ou mesmo por nada, apenas para tentar suprir o vazio existencial que há em todo o humano, mesmo que seja para pedir a paz eterna mundial, *kantianamente*.

Os motivos são muitos, mas sempre existem os mais representativos e comuns. E é por isso que precisaremos abordar dois conceitos que são componentes desta faceta personificada das regras, e a viabilidade e a sustentação das cidades, e será preciso dividir o que é considerado como justiça e como misericórdia, as duas componentes obrigatórias em todas as entidades tidas como divinas.

São conceitos cristãos, da Igreja Católica, e oriundos, não surpreendentemente, da “Santa” Inquisição. Isso mesmo! Ainda que estejamos a evocar tais conceitos cristãos, eles são aplicáveis a quase todas as circunstâncias. Propositalmente, pela nossa herança cristã, e pela

uma força que ela tinha naquele olhar, uma vida que ninguém ali presente tinha em si, nem mesmo eu, a me sentir idiotizado pelos pensamentos meramente racionais de antes. Os olhos eram a pura transcendência e, de certa forma, ali estava deus, a sincretização de todas as possibilidades, até mesmo da superação da finitude – estava lá a vida. E isto era claramente perceptível até por quem estava a desconsiderar esta possibilidade: eu mesmo.

Deveríamos perceber assim a verdadeira função da fé, das crenças e das projeções divinas que estão naqueles que precisam de um propósito, que somos todos nós. Há uma razão para ser assim. Por isso, abri esta exceção analítica para, antecipadamente, colocar que não são apenas pelas razões que cá estamos, mas sim pelas emoções, pelo entendimento verdadeiro que a tanto a verdade, quanto a mentira, podem ser igualmente e simultaneamente consideradas, ou desconsideradas, se lucidamente. A liberdade (verdadeira, a real) será sempre o maior dos nossos ganhos e será nesta conclusão que desejaremos chegar com todo este denso trabalho de reflexão que estamos a fazer. Não há nestas linhas, ainda que possa parecer o contrário, a intenção de desmerecer e desvalidar as crenças individuais, reitero, ou práticas religiosas ou políticas e tudo o mais. Há, sim, o cinismo, uma pitada de deboche, algumas oscilações, mas nunca o ataque ou a defesa radical acerca de nada, ou de tudo. Nunca, enfim.

factualidade histórica entre Cristianismo e política, se faz conveniente ser assim. A justiça traduz-se como o poder de polícia. A misericórdia, como a pastoral.

«A misericórdia inquisitorial enformava a inquirição e destinava-se a despertar no réu as necessárias disposições para, apesar dos delitos, se candidatar à eterna salvação, confiado na misericórdia. Além disso, a misericórdia era atributo exigível ao inquisidor cujo modelo se inspirava nos arquétipos do pai e sacerdote. Cabia-lhe, além da punição (justiça), a consolação e animação do réu, admoestando-o com boas palavras à confissão e pedido de perdão das culpas (cf. Santo Ofício, 1552, cap. 26). Por isso, o inquisidor devia percorrer os cárceres, ao menos quinzenalmente e sempre que necessário, para ouvir os presos sobre as suas necessidades e provê-las, procurando saber se sofrem algum mau tratamento (id, cap. 30).»⁴⁰

Atualmente, estes conceitos estão a serem resgatados pela Igreja, em uma dimensão na qual buscamos imprimir aqui, ainda com certa cautela, em especial da vigilância do politicamente correto. Mas, ainda assim, vale o risco para se aproximar ainda mais do que percebemos como uma componente essencial, desde o advento do liberalismo, e muito mais no neoliberalismo, associado à biopolítica.

Se, por um lado, a justiça é mesmo a máxima expressão das regras, das leis ou mandamentos estabelecidos para se estar de acordo com um determinado deus (ou entidades metafísicas como os santos, anjos, orixás ou guias espirituais, ou equivalentes humanos, como uma celebridade, *influencer*, *coach*, ou até mesmo políticas, como seus mitos, ou o próprio Estado patriótico, por exemplo), ao ponto de muitos pedidos a tais entidades, tidas como divinas, serem feitos para fazer justiça: ao buscar obter mais da vida, por ter feito algum esforço maior do que a maioria, ao pedir para punir alguém que o tenha prejudicado e muitas outras formas de pedir ou exigir uma forma de se saciar, mesmo que seja para trazer o amor de volta em três dias, mas sempre através de uma posição ativa e totalmente estrutural.

A misericórdia, pelo contrário, já é algo que consola, que completa a existência, que dá razão à vida (ou ao sofrimento, à angústia) e às possibilidades de serem, elas próprias, lícitas a quem a busca para ser acolhido, por precisar ser acolhido, como nas angústias da vida, em momentos das maiores tribulações ou ao se enfrentar grandes perigos de vida ou mesmo doenças ameaçadoras.

⁴⁰ Saiba mais no website

<http://ideiaspoligraficas.blogspot.com/2016/02/misericordia-e-justica.html>.

Acedido em 02/05/2022.

Assim, a justiça divina está prioritariamente direcionada para as regras e a misericórdia, para as possibilidades que a ideologia oferece. É sempre possível diferenciar uma da outra pela forma de como o pedido, ou a interação, ocorre. Na justiça, primeiro “paga-se” e depois se pede. Na misericórdia, primeiro pede-se e depois paga-se ou promete-se o pagamento. Por exemplo, para a justiça, o pagamento pode ser realizar certas ações que sejam consideradas uma boa ação, ou um ato de privação e sacrifício, ou mesmo uma doação em dinheiro. Depois, espera que haja uma compensação ou retribuição pelo esforço feito, tal qual um ato de “toma lá da cá”. Na misericórdia, é feito o pedido e, depois, se o pedido for atendido, faz-se o que foi prometido, como cumprir a promessa através de um ato de autossacrifício, ou de privação de algum prazer, etc. O que muda é a forma de pagamento: na justiça é antecipado; a misericórdia, é a crédito.

E eis o problema dos que não conseguem se perceber a existirem completamente, por não conseguirem coabitar integralmente na cidade. Ocorre assim com boa parte dos imigrantes e/ou refugiados. Pois se pela justiça conseguem legitimidade para estarem no território, através das regras de imigração ou de acolhimento de refugiados; mas, pela misericórdia, mesmo documentados, podem não encontrar o acolhimento devido, pois não possuem acesso às mesmas possibilidades. Fazem esforços e sacrifícios para poderem ocupar seus espaços e obtêm o direito a eles, mas pedem que sejam aceitos para, então, darem mais de si, e, neste momento, a promessa não se torna possível. Daí, percebem que por mais que façam, nada lhes é recompensado, e ficam a se sentirem completamente desvalorizados, pois nem mesmo seus imensos sacrifícios são suficientes para que possam receber o acolhimento, o reconhecimento como parte do todo, e fecham-se em guetos urbanos, dentro da cidade.

Assim, as ideologias lhes são parcialmente inacessíveis, embora estes possam conseguir conhecê-las perfeitamente, percebê-las em detalhes ao fazerem seus “pedidos” para elas, prometerem seus próprios sacrifícios e dedicação total, mas nem mesmo assim obterão delas os acolhimentos que precisam ter. Até mesmo podem passar a serem indesejados, se forem considerados opositores às possibilidades dos demais, e isto significará que serão considerados uma ameaça, o oposto da possibilidade, e logo serão objetos de resistências e até mesmo de atos de violência para deixarem de lá estar. Serão indesejados, hostilizados, ainda que a justiça possa determinar o contrário, ao legitimar a permanência deles – mesmo assim não serão acolhidos, dado que não haverá misericórdia para eles. Há sempre uma considerável dissonância entre a misericórdia e a justiça, nas diferentes perspectivas que todos podemos ter.

Assim, como visto, surge a cidade, e resume-se a isto, a partir da resultante dialética, que passa a ser a concentração de todas as ideologias possíveis, a

coexistirem, muitas com seus conflitos entre si, que não são poucas, mas também com todas as possibilidades, a se tornarem singulares e personificadas na centralidade do território citadino, como se fosse apenas uma, e que passa a operar tal qual uma abelha rainha, a atrair as demais abelhas, os cidadãos, e aspirantes a cidadãos, para uma vida gregária na colmeia, servil, todavia. A cidade é a estrutura, em si, é a colmeia em que todos buscam seu espaço territorial, mais raro, mais difícil e cada vez mais diminuto, mas com dimensões imensas. O sucesso, quando se dá, ocorre na cidade. Os sonhos, quando existem, são todos voltados para ocorrem na cidade – ou, para os cansados a se sentirem derrotados, seus sonhos se dão bem distante dela, na velha e amistosa casinha no campo.

A cidade é a materialização da vida, em si. O desejo mais comum que há em todos. Pois a cidade é, assim, eminentemente conflituosa, e beligerante. É um campo de disputas, alegrias, frustrações em que a vida se dá, como se ela fosse mesmo um organismo vivo, a pulsar possibilidades e a interagir com quem lá esteja, ou deseja estar. As pessoas possuem esta dimensão ontológica muito clara acerca das cidades, ao terem gostos por uma, ódio por outras, indiferença para a maioria, e tudo o que elas representam, como se fossem mesmo dotadas de personalidades – e são, aparentemente, pois são nelas que os maiores e mais desejados jogos estão a ocorrer.

Pode-se sempre perceber que quanto maior a cidade, maior sua expressividade cultural e mais envolvida estão as grandes megalópolis no imaginário coletivo. Para o mal, os ataques terroristas são destinados às cidades mais expressivas, como Nova York ou Paris, por exemplo, que sempre são alvos cobiçados por muitos oponentes do mundo ocidental. Mas, para o bem, tais cidades são sempre referenciadas na maior parte das obras artísticas, como livros ou filmes, em que tudo por lá ocorre: os grandes monstros que aparecem e que são sempre vencidos, ou os momentos apocalípticos que são sempre superados ou até mesmo as maiores invasões alienígenas a ocorrem nas maiores cidades do mundo, na maioria das vezes, que são sempre combatidas. Há, de facto, um fetiche com a cidade, seja na vida real ou na ficção, e um fetiche ainda maior com as maiores cidades do mundo. As cidades, como tudo o que há, também virou um produto neoliberal – talvez o mais cobiçado deles, que também é um prêmio, traz prestígio e afirmação do sucesso.

Outra forma para se perceber a dimensão das necessidades humanas na cidade como agregadora do todo, em especial no confronto ideológico em que esta se sustenta, enquanto o jogo está a acontecer em pleno movimento, é ter em consideração que o indivíduo sempre terá fortes e justificadas intenções para habitar integralmente o espaço público, e no território, mas pretende fazê-lo multidimensionalmente, a coabitar na cidade. E isto significa poder transitar por todas as suas partes, ou ideologias, e poder contar

tanto com a justiça quanto com a misericórdia que nela espera encontrar, onde quer que esteja – uma liberdade urbana, cidadina. Eis a crueldade que a cidade, então, passa a representar para aquelas ideologias que passam a concorrer injustamente com outras, mais fortes e poderosas, mais sedimentadas socialmente. São as majorias que não apenas criam as minorias, em guetos, mas que passam a resistir ferozmente a elas – como o criador que cria a criatura e a renega vilmente.

As cidades: este sonho coletivo de pertencimento, por vezes alucinados, em que o acesso às possibilidades fica menos relevante do que o próprio pertencimento em si, da necessidade que há em se estar ali, a fazer parte do jogo e, principalmente a jogar em uma posição de destaque de acordo com sua própria individualidade. A cidade é a resposta à primeira dimensão da transcendência, onde esta começa a existir, que mesmo materializada não é totalmente acessível. É possível se estar em um território da cidade, mas sem estar mesmo nela. Pode ser ela, para além do estádio em que os jogos se dão, o próprio jogo em si, para a maioria. É preciso perceber, portanto, o que são os jogos. E é isso o que faremos em breve.

Há que se perceber que, se a vida é mesmo um jogo, é a cidade o local em que o jogo se dá, e começa pelo seu estádio, no território, mas que precisa ser ela percebida como o próprio jogo, no conjunto do complexo lúdico no qual a vida se dá. Por isso, adentraremos ainda ao mundo dos jogos, como que para percebermos melhor as dinâmicas entre as instâncias abordadas até então e, depois deste incremento didático, trazer novas percepções acerca da moral e da ética, para além das ideologias.

Mas, dada a importância do que a cidade representa, da selva que é e na qual estamos, adentraremos para explorar um pouco dela, sob os aspectos que mais nos interessam, por agora. Vamos ao centro, ao *Downtown*, bem no cerne das ideologias que lá estão, todas nuas, totalmente andróginas, a atender todos os gostos, a todas as letras do alfabeto, a todas as siglas, todas as ideologias completamente neoliberais e lascivas, despudoradas e sedutoras, a nos servir nos nossos mais profundos desejos e necessidades. E é para lá que seguiremos.

23. A aporofobia, as fobias sociais, a hostilidade, a solidariedade

Aporofobia não é suficiente, e nem mesmo pode existir como tal. Será nossa próxima refeição na selva, talvez indigesta, por ser fofa e atraente. Mas, na fome, nada escapa, e tudo vira alimento.

A aporofobia é um neologismo conceitual criado por Adela Cortina, competentíssima filósofa espanhola, que estabeleceu que a aporofobia é a aversão ao pobre, ou melhor, àquele desprovido de recursos, que esteja em situação de pobreza. Ela atribui a causa da xenofobia à aporofobia, por exemplo, mas não apenas isso.

Há que se perceber que este conceito, filosoficamente, nem sempre é correto, mas, mesmo quando correto, não é completo, pois o fenômeno da aversão que é verificada poderia ser mais bem ajustado, e não apenas a fazer referência à pobreza, mas principalmente aos que representam necessariamente alguma ameaça. E, estes não são necessariamente pobres, ainda que a maioria o seja, a princípio.

É uma proposta a ser feita para uma aporofobia 2.0, ou para uma nova Ética, a partir de todos os fundamentos desenvolvidos, até aqui, pois se faz necessário perceber melhor estas questões essencialmente cidadinas. O erro, sempre, é causado pela ação do marketing ideológico, mesmo que pela utopia do politicamente correto, que pode levar a erros crassos com desdobramentos graves, mesmo a despeito das boas intenções que se têm.

Para Cortina, os turistas, por não serem pobres, obviamente, e ao virem gastar seu dinheiro na cidade, não são discriminados por serem estrangeiros, como ocorrem com os imigrantes ou refugiados, que sofrem com isto por serem pobres. Há que se objetar sobre isso, pois não é bem assim, ao perceber a “função” da pobreza. Sim, há uma função, não só para ela, mas para tudo o que há – pois tudo o que há ou é ou virará produto. Se já há um fetiche na pobreza, ao menos desde Marx, ou mesmo com os primeiros cristãos, é sinal que sempre foi um produto, mesmo antes do nosso querido capitalismo.

Em verdade, pela observação que pode ser feita, os pobres possuem uma função, para os “não-pobres”, que é serem “objetos” que podem propiciar uma diferença positiva, que é desagradável até conceitualmente, mas funcional dentro do que podemos pensar que o humano se realiza mais ao perceber que há, entre si e o próximo, uma diferença positiva a seu favor, que já abordamos.

Assim, para o pobre, aquele que é ainda menos desprovido, ou seja, o miserável, é uma referência para que ele não se sinta tão mal. Se pensarmos com uma mente mais aberta e crítica, para além do que pareça absurdo e desagradável, mas é mesmo assim, e muito funcional para uma proposta de

indivíduo neoliberal. O ser humano opera pelas diferenças percebidas, na escala de valor que passa a construir para si e que são compartilhadas – a ideologia dá padrões, estabelece o ranking, estimula a ideia do topo da estrutura e tudo o que há abaixo dele. Coisas assim não são conceitualmente desumanas, mas essencialmente humanas, demasiadamente humanas, um jargão inevitável nestes casos em que a própria suposta humanidade passa a ser igualmente obscena. Isso se dá porque a vida é tal qual um jogo, ainda que muito relutem com esta ideia, mas é assim que é.

Da mesma forma, para os detentores do capital, haver muitos pobres significa mais mão-de-obra à disposição, e ainda com um preço menor, se esta quantidade for excessiva. Afinal, é a lei do livre mercado, da oferta e da procura. Não é por “culpa” dos ricos que a desigualdade ocorre, pensam. Sim, novamente cruel, mas igualmente verdadeiro. O capital ama a pobreza, precisa dela, pois a pobreza também é uma métrica, e é um meio de recursos baratos, mas também a odeia, ao mesmo tempo, pela falta de mercado consumidor que deixa de existir se estes pobres tivessem poder de compra.

Por isso o capital de um país migra para outros, para produzir mercadorias em países pobres, preferencialmente miseráveis, para que possa ter produtos mais baratos para vender aos países ricos. Simples assim. Portanto, amam os pobres dos países miseráveis, enquanto estes assim se mantiverem, servis, e odeiam os pobres dos países em que estão sediados ou que desaguam seus produtos. Se um desses pobres amados vier a ser um refugiado, passará a ser odiado. Amam mesmo o mercado, onde ele estiver, seja para comprar mão de obra barata, ou para vender em quantidade com margens obscenas. Triste, deplorável, mas é esta a realidade de nossa atual sociedade. Há que se perceber que há pobres “funcionais” e outros “disfuncionais”, amados e odiados, em relação aos que assim classificam, se estes pobres lhes são úteis ou não, e é esta funcionalidade que está em jogo aqui.

Para contrariar alguma objeção que possa vir a surgir, em especialmente da ala mais radical do politicamente correto, seria prudente perceber sobre as campanhas que as grandes empresas, corporações, institutos criados pelos bilionários, além do público em geral, são capazes de produzir para os povos em que suas unidades produtivas estão mais presentes, ou que estejam muito distantes de suas próprias localidades.

É muito mais fácil uma campanha humanitária ou filantrópica ter mais sucesso se for direcionada para longe, o mais distante possível de seus mercados consumidores, onde os beneficiados sejam apenas as possibilidades de fazerem surtir o efeito mediático de se estar a fazer o bem, sem que estes possam a ser considerados uma ameaça. Amam pobres, desde que estes se mantenham sempre distantes. Podem doar cem euros para uma campanha contra a fome em alguma localidade da Índia, mas não querem dar um euro para o mendigo que pede algo para aplacar sua fome, na rua. Por

diversos motivos, se negam a dar qualquer moeda a que a pede. Se dão, não é mesmo pela boa ação, mas sim pela imagem que precisam ter. Há exceções, sim, sempre, mas é assim que é.

A filantropia, que também virou um produto, como tudo o que há, pressupõe um “mercado” cada vez mais “promissor” e já possui uma estrutura⁴¹ estabelecida, que depende da miséria, ou em nome mais digerível, como por exemplo chamar de desigualdade, para se manter ativa. O capital domina e opera tudo, até é capaz de produzir formas de se minimizar a “culpa” por não ser pobre, ou ser privilegiado, ou até obscenamente rico e, assim, ao adquirir um produto desnecessário, fútil, supérfluo, e de mal gosto, também se pode comprar a redenção no mesmo instante que o “pecado” é cometido, ao contribuir com causas que estão no outro lado do mundo. Como dito, quanto mais distante, melhor.

Por isso, paga até mais caro, pois compra o produto que deseja – comete o pecado do excesso e do supérfluo – mas também paga pela sua remissão pelo pecado cometido, a ser ilibado do consumo provavelmente desnecessário que está a fazer. Além de perceber que, mesmo infeliz, mesmo

⁴¹ Como podemos perceber no artigo de Marcos Kisil, diretor-presidente do IDIS, que apresenta as sete faces do doador: o devoto, o comunitário, o retribuidor, o herdeiro, o socialite, o altruísta e o investidor e o significado de Filantropia 4.0, ao destacar que *«é nesse contexto que surge o conceito de filantropia 4.0, criado pela russa Olga Alexeeva, diretora da CAF Global Trustees. Ela propõe um entendimento da evolução da filantropia similar ao entendimento da evolução de programas de software que progressivamente são apresentados em novas versões. A filantropia 4.0 é a evolução de uma filantropia tradicional. Assim, a filantropia 1.0 representa a filantropia dos primeiros doadores que buscavam contemplar a sociedade com uma infraestrutura que atendesse as necessidades de escolas, universidades, museus, bibliotecas. A filantropia 2.0 representa a filantropia introduzida pelos grandes doadores do início do Século XX, onde fundos patrimoniais foram alocados para cobrir as necessidades sociais presentes e futuras que estivessem no foco de atuação de uma fundação. Ela teria permanência no tempo e fundos para garantir a sua sustentabilidade futura. A filantropia 3.0 é uma filantropia feita pelas mesmas organizações doadoras descritas no item anterior, e que decidem assumir uma face mais global, internacionalizando suas operações para países ou regiões do mundo, porém com o viés de ser uma atuação do Norte para o Sul. A filantropia 4.0, que está no título deste artigo, é uma filantropia que se caracteriza não mais pelo fluxo de fundos de países desenvolvidos para o Sul Global, mas pelo desenvolvimento da filantropia autóctone dos países em desenvolvimento, gerando modelos e transformações sociais que podem ser úteis numa escala global.»* Acedido em 03/05/2022 em <https://www.idis.org.br/filantropia-4-0-rumo-ao-investimento-social-privado-num-mundo-globalizado/>. Publicado originalmente em outubro de 2007 no site do Grupo de Institutos Fundações e Empresas (GIFE).

que esteja a comprar com cartão de crédito e a dever todo o seu limite estabelecido, ainda há quem esteja em situação pior e, assim, “ajudar”, é também uma forma de autoafirmação. E continua acomodado em sua posição, a acreditar que esteja realmente bem. Sempre são distintas dimensões, nas diversas perspectivas, e nunca apenas uma verdade universal, por isso é tão importante o movimento e não apenas a consideração da posição vitimizada, mas também a do algoz.

Quais as chances de a Europa, seja através da União Europeia ou de organizações não-governamentais, promover uma campanha bem orquestrada que seja destinada aos povos norte-africanos mais próximos de suas fronteiras? Ou ainda dos médio-oriente, bem mais pertinho de si?

Quase impossível, pois estes são os mesmos que buscam ultrapassar suas fronteiras clandestinamente em busca de oportunidades e, assim, são vistos claramente como ameaças. Seria um suicídio político e econômico a quem propusesse tal campanha. Por isso, é politicamente mais fácil lidar com os refugiados já dentro do país, quando clandestinos, do que fora dele, pois é sempre mais fácil lidar com a imanência do que com a transcendência. É o mesmo problema, agora reverso, dos ditadores com os “fugitivos”, que não são melhores “digeridos” internamente, mas sim externamente. Aqui, os “invasores”, não são melhores “digeridos” externamente, mas sim internamente, mesmo que alocados em campos de concentração rebatizados com nomes mais humanitários, ou menos “desumanitários”. Profundamente incoerente. Mas não é sempre assim? É o que é.

Não é estranho que as ajudas sejam sempre mais direcionadas para algumas regiões específicas? As campanhas, por exemplo, dos recursos destinados pelas Fundações Privadas para o desenvolvimento, e que tem crescido exponencialmente em volumes financeiros, são mais concentrados na África Subsaariana, com quase metade dos recursos alocados neste continente, mas também enviam para a América do Sul, e até no interior da Índia, regiões que não representam ameaças diretas para os envolvidos, sejam organizadores ou doadores. Países asiáticos também passaram a serem “bons” destinos, ainda mais se tiverem algumas afinidades culturais ou linguísticas. A maior distância dos países em relação aos doadores, bem como a relevância da opinião pública sobre os países ajudados, sempre mais neutros ou positivos, faz parecer ter uma correlação sobre a escolha ou predileção dos destinos dos recursos ou programas filantrópicos, em especial se não for uma ameaça de possíveis imigrantes. Os países fronteiriços e com grandes massas migratórias não são escolhidos como prioritários, pois são ameaças. É uma hipótese, ainda, a carecer melhor investigação, mas há algo aí. Há que se explorar melhor este tema, e estatisticamente, pois parece haver algo muito humano, demasiadamente humano sobre a nossa macro-ideologia neoliberal.

A questão não é uma crítica negativa e nem reprovativa sobre as campanhas filantrópicas, pois todas são válidas como forma de expressão do melhor que a suposta humanidade pode oferecer. A iniciativa da The Giving Pledge, uma associação fundada pelos bilionários norte-americanos Bill Gates, Melinda Gates e Warren Buffett, e que tem levado a novas adesões filantrópicas e a uma atitude mais solidária pelos bilionários, que agora possuem uma gestora de recursos de doações, com critérios sérios e inteligentes e que pode fazer surgir uma nova modalidade de redistribuição de riquezas, o que parece promissor, até aqui. Há lindos gestos, propósitos e resultados, em quaisquer das formas de filantropia. Para quem tem fome, e está em vulnerabilidade, o que realmente importa são as coisas que lhe encherão a barriga – sejam doações de alimentos e medicamentos, a curtíssimo prazo, ou meios de desenvolvimentos socioeconómicos e educacionais, a médio e longo prazos. Pois o primeiro risco é a própria sobrevivência, a dos filhos e de todos os outros – e nenhum humano deveria se sentir digno enquanto alguém ainda estiver com desnutrição, pela privação de alimentos devido à pobreza. Talvez seja pela aquisição de tal dignidade, justamente, que tais bilionários se motivem a fazer o que fazem, a saírem da obscenidade dos excessos da acumulação e se permitirem agir de acordo com nossos melhores ideais de solidariedade, a darem chances a quem não as têm. A Filantropia é muito importante, deve continuar e até ser ampliada, mas não é isto o que está realmente a ser questionado aqui.

O que se está em causa, realmente, é sobre a maneira em que isto é formulado e apresentado, pelo *marketing* ideológico, sobre as reais intenções e, também, as restrições para se fazer uma coisa, em detrimento de outra. É preciso se abstrair da utopia do politicamente correto para se perceber exatamente o que se está em causa, em todas as formas de filantropia e ajudas humanitárias. Não é uma busca para atingir e justificar a fórmula neoliberal cristã do «*ensinar a pescar, ao invés de dar o peixe*», longe disso, mas muito longe mesmo, mas sim questionar por quais razões que o faminto ainda existe, em épocas nas quais a altíssima produtividade do fabrico de alimentos não mais justifica algo como a fome existir, ou mesmo a miséria.

Cortina alega que o ódio é de grupo para grupo, e não de indivíduo para indivíduo, necessariamente, e em geral. E isto pode ser percebido, claramente, como exemplo prático, às pessoas que alegam que não são homofóbicas ao dizerem «*eu tenho “até” amigos gays*». Há muita contrariedade neste “até”, mas isto é uma verdade incontestável, pois, quando em “grupo”, estas pessoas não percebem o que estão a fazer muito bem, e ao que estão a odiar, mas são as regras que estão a agir por elas, ao obedecerem irrestritamente o que o *marketing* ideológico lhes manda fazer. Ao conhecerem estas pessoas que integram o seu “até”, seus conhecidos, percebem que são o que são, e isso não mudará para elas, mas o “até” fica

possível de ser dito, pois passam a enxergar nestas pessoas novas possibilidades ao conhecerem-nas melhor, e não são mais ameaças, propriamente e, assim, surge ali uma estrutura de relacionamentos possíveis, com limites prováveis que poderão ser quebrados, mas que estar na estrutura do “até” não as levarão a abandonar a macroestrutura da homofobia. O “até” são para elas as exceções conhecidas e aceitas, que as fazem se posicionarem superiormente, ao considerarem tais exceções.

Não há uma pessoa com uma única ideologia, ligada a uma única estrutura, pois isso é o conceito do uno, do universal, que já nos virou alimento na selva, já digeridos e excretados completamente, cremos. Mas Cortina é uma filósofa profundamente *kantiana*, que preza pelos universais, categoricamente. Assim, considera que, de facto, sempre há a pessoa universalmente constituída, fetiche de todo *kantiano*. Mas, o grupo a que Cortina se refere, sem o saber, e necessário para o que diga ser verdadeiro, é tomado como referência a partir de sua própria estrutura ideológica, de sua própria perspectiva, na qual ela própria está inserida, da suposta universalidade europeia, branca e cristã, e assim fica mais claro percebermos o que ocorre também, por exemplo, com os xenófobos ou misóginos.

E o correto é que isto não ocorre apenas para o lado negativo da discriminação – segregar as minorias fracas e desprovidas, mas também para a exaltação do que seja o absurdo, como a negação de todos os valores considerados como aceitáveis, ao promover o próprio mal que se considera existir, pela irracionalidade da segregação. É preciso perceber que há sempre dois lados. E uma das formas de percebermos isso é quando, mesmo dentro do imaginário coletivo aceito, e que os *kantianos* consideram ser a universalidade, há também a constituição de mitos que serão idolatrados a partir dos grupos tidos como grandes ameaças, sem que sejam mesmo ameaças verdadeiras.

Por exemplo, podemos citar o nazismo, uma ideologia, ou melhor, um *marketing* ideológico supremacista e radical. A simbologia nazista, por exemplo, é muito mais temida do que confrontada – os “bons” são os que mais a promovem, e gratuitamente, ao cancelarem os nazistas em nome da utopia do politicamente correto – e assim está a ressurgir o nazismo. Há uma imensa aversão aos nazistas, justa e necessária, mas poucos são os que confrontam realmente, apenas o ignoram, mas a divulgarem-nos sempre – cancelam e divulgam o que cancelaram, pois querem ser politicamente corretos e reconhecidos assim. São os predadores com medo das presas, da maioria com medo da minoria – e não é isso mesmo o que estamos a abordar: com medo das ameaças? Neste caso, a constatar mesmo que são sempre os ameaçados que sempre dão vida às suas próprias ameaças. Ao segregarem, dão forças, e perdem as suas.

A própria figura de Adolph Hitler, a personificação do nazismo, que foi incontestavelmente o maior de todos os cancelamentos já feito pela humanidade, foi transformado em mito pelos que o cancelaram; ainda hoje, muitos simpatizantes do nazismo, devotos e fundamentalistas, mesmo com toda a força das mídias a ser projetada contra ele, com todas as evidências das atrocidades cometidas, ainda possui seguidores secretos, e que não são poucos, e alguns até organizados em grupos nem tão clandestinos assim, que o cultuam como mito – não necessariamente pelo que ele fez, mas sim pelo que demonstrou poder fazer – querem as possibilidades e alguém forte a seguir, que os levem até elas, passa a ser muito conveniente. Sim, cultuam-no pelo poder que lhe é atribuído por eles mesmos – é uma representação ideológica de suas próprias aspirações latentes. E Hitler, como todos os messias, passou a ser imortalizado, ainda que pelas causas indesejáveis.

Mesmo nas piores ideologias, como o nazismo, vistas como as mais ameaçadoras, ainda assim, lá existem os mitos que estão formados nas mentes dos mesmo que estão a combatê-las. Pode parecer doentio, mas é profundamente humano, pelas formas como isto se dá, pois, as ameaças também passam a serem personalizadas – a própria sexualidade conflituosa e dúbia passa a ter o mito do gay efeminado ou da lésbica masculinizada, o misógino passa a ter o mito da mulher empoderada que precisa ser combatida, o racista passa a ter o mito do Preto feliz e bem mais sucedido do que próprio e assim se segue, sempre com os mitos formados. Mais uma vez, o que se está em causa, aqui, são os conteúdos. Mas, é assim que se dá, sempre. Se for um mito fraco ou genérico, como os que citei acima, será tido ou confundido como ou com um estereótipo, mas não se confundam, são mesmo mitos, sempre, e tenderão a se fortalecerem quando as diferenças diminuïrem. Quanto mais próximo estas minorias estiverem da maioria, significará que restarão apenas os devotos e os fundamentalistas e, por isso, as reações serão mais contundentes, pois estes se sentirão como responsáveis para fazer valer o que é o “certo”, e tomarão medidas extremas, acuados que se sentirão. Não é uma luta fácil, ou previsível, ou talvez nem provável de ser vencida. Mas, ainda assim, necessária.

Os mitos, depois de constituídos a partir de certas personalidades, deixam de ser a pessoa e passam a tomar vida própria, que apenas ocorre na mente das pessoas que compartilham da ideologia em que o mito se instanciará como conteúdo. Recentemente, no Brasil, um grande fenômeno eleitoral e representante dos que diziam ser a extrema-direita, o que é muito discutível atualmente, ganhou uma eleição presidencial, curiosamente sob a alcunha de ser um mito, e chamado como tal, por representar alguém com poder de mudar as coisas, instaurar a ordem e eliminar os maus, os corruptos.

Atribuíram ao indivíduo uma figura de um sobre-humano, de messias, de semideus e, portanto, a de um mito, não coincidentemente chamado mesmo

assim. Quem foi eleito não foi a pessoa, tacanha, atrapalhada, mediana, sem nenhuma expressividade política até então, mas sim o mito, a representação, a projeção deste que faria a mudança desejada por todos.

O governo se mostrou uma completa trapalhada, até os dias atuais, já nos últimos meses de duração, com atos tresloucados, uma dose considerável de desumanidade para os mortos e parentes das vítimas da pandemia de COVID-19, demasiada inatividade para combater até a própria pandemia, nepotismos, delírios totalitários, ameaças golpistas, ingerências institucionais, pessoas não qualificadas ou íntegras, acordos promíscuos com quem foi prometido combater a luta entre o “bem” e o “mal” e, sem surpresa alguma, muita, mas muita corrupção em diversos casos em que aparentavam ou foram denunciados serem do conhecimento do próprio dignatário, de suas bases políticas. Até mesmo as demissões de envolvidos em corrupção tornaram-se lentas e morosas, dando aos envolvidos uma saída honrosa, como a apresentação das próprias demissões. Além de que muitas das denúncias feitas serem consideradas como *fake news* pelas autoridades competentes, sem quem pudesse afrontar contundentemente esta política.

Mas, ainda assim, continuou, e continua, a ser apoiado por parcela significativa da população. E a verdade é que estes apoiadores não apoiam a pessoa do dignatário, mas sim o mito que pensam ser, que está dissociado quase completamente da sua personalidade. Quem governa e faz absurdos? A pessoa. Quem é cultuado? O mito, que está acima do bem e do mal, que pode fazer o que quer e ainda continuará a ser referência. Não é por acaso que a maioria dos apoiadores são também pessoas dominadas pelas religiões, mais propensas a serem subjugadas pelas representações, e não apenas pelos factos, em si, o mesmo pela inexistência de factos, de evidências.

E o que faz isso, faz elas serem assim? O *marketing* ideológico, já absorvido completamente, e que dificilmente será dissolvido, pelo populismo que é tanto um projetor da justiça quanto promete acolhimento, mesmo que nunca ocorra nem um nem outro. Mas a promessa lá está, e é ela quem importa para a massa, para o rebanho. Depois de seu mandato, ou de seu falecimento, quando este ocorrer se for mesmo um humano, ainda será lembrado por muitos, por décadas, tal como muitas das figuras históricas do passado, ainda que discutíveis, são lembradas e seguidas, pois mitos são imortais para alguns.

Pelo lado da oposição, também há uma representação que é similar, mas nem tão precisa e evidente assim. Pois, este caso da extrema-direita é mesmo escandaloso, absurdo e beira ao nível do surreal. Daí, a surpresa e a indignação. Afinal, todos os políticos expressam isto, sabem disso, querem isso, mas nem todos conseguem fazê-lo, ou simplesmente ocorre de serem transformados em mitos, sem que se deem conta; e seus escândalos da vida privada, dos costumes e da atuação política, no passado não muito distante,

não são mais capazes de tirá-los da vida pública, quando transformados em mitos. Hoje, os escândalos dos muitos são contornáveis por um bom *marketing*. Aliás, quanto mais se expõem, parece que mais aderências conseguem, pois é agressão contra eles que os elevam ainda mais, tal como ocorre com os nazistas, um absurdo ontológico que ainda perdura, mas apenas eles.

Pessoas destes rebanhos, a cultuarem políticos, não apoiam as ameaças do decisor incapaz, que é algo imanente e claro para todos, pelos fatos que são ou validados como verdade, mas tornam tais atos ignorados, ou ainda, tido como falsos. Elas apoiam principalmente as possibilidades que ainda conseguem ver em seu mito que, acreditam, pode estar a ser incapaz de agir bem não em função de suas limitações, mas sim pela ação contrária que está a sofrer, dos maus que o fazem perder forças, para que não vença sua luta messiânica. E o inimigo do meu amigo é meu inimigo, e abre-se uma polarização bélica entre lados que deveriam estar juntos. É infantil, mas é o que é.

O medo, o desprovimento e a ignorância levam pessoas a estes níveis de irracionalidade. Não por serem más, nem incultas ou incapazes, mas sim por serem as mais ideologizadas moralmente, por temerem mais do que os outros. Há muita dor, em todas estas pessoas. E uma dor que nem sempre poderá ser real, mas sim ameaças poderosas que julgam terem próximas delas, no dia a dia. Precisam de novos conteúdos, novas possibilidades para além das quais estão a perceber. Precisam voltar à realidade. Precisam de um antídoto, de um detox, contra o *marketing* ideológico a que se submeteram servilmente.

Portanto, a parte disto, pode ser que no grupo dos homossexuais, exista o estereótipo do irreverente, do alegre, do festivo que as pessoas passam a cultivar e a esperar que todos sejam assim, por exemplo. Há a projeção de mitos, sempre, principalmente nos que estão mais “distantes”. Certa vez, ouviu-se de uma profissional de recursos humanos, ainda nos anos noventa, antes da era do politicamente correto, que contratava *gays* pois estes “queriam provar” ser mais competentes do que as mulheres. Hoje, seria execrada. Mas, afinal, certamente nada queriam provar, mas eram posicionados desta forma dentro da empresa, em que recebiam sempre os sinais da diferença, e eram provocados para tentar superá-las. Precisavam se encaixar no papel que lhe era destinado, obrigados a isso. Estavam, assim, os homossexuais a reagirem em busca de uma aprovação que todos querem para si. E usaram isso contra eles, dentro de uma grande empresa.

Há que se perceber a homofobia acusada aqui, obviamente, mas também, dentro desta mesma perspectiva, o mito “positivo” que foi constituído sobre os *gays*, ao atribuírem a eles serem mais competentes, trabalhadores e dedicados, por serem tão “perfeccionistas”, como ela mesmo disse. Sempre há, então, estereótipos e mitos, em questão, e são distintos entre si, mas

necessários para se perceber que há uma posição idealizada pela maioria e possível de ser ocupada pela minoria, subserviente. E o fazem, pois creem que ali terão o que procuram. É quando o dominado passa a se submeter ao dominador, a aceitar a posição que lhe é imposta, lamentavelmente.

Se são mais ou menos “competentes” do que as mulheres, isso é uma grande bobagem, uma pergunta canalha, mas o que é mais óbvio é que são assim por serem e estarem em minoria, e precisarem sempre provar que são merecedores, lamentavelmente, pois sempre são colocados à prova, sempre estão exaustos por tentarem serem mais, sempre mais, sem limites. Outra questão é: por que são comparados às mulheres? Pois, na ideologia machista, isto sequer é questionado. E assim percebemos os jogos das ideologias, os entrecruzamentos das majoritárias com as minoritárias, e tudo se percebe bem, pois nunca é apenas uma, mas sim um complexo de ideologias.

Precisam não só do emprego, mas do acolhimento, e o fazem para serem integrados, e neste esforço contínuo que realizam, obrigados, dão vida real ao mito do *gay* “superior”, quando há uma exaltação coletiva dos recursos humanos da empresa pelo facto de estarem certos, pois o mito passa a ser o mediador de todas as possibilidades de produtividade que possuem, das metas que estão a bater, “positivamente” – daí o *gay* virará, ao menos na mente infantil dos tolos, o mito: que o obrigará a ser sempre o mais alegre, o mais competente, o bom amigo dos filmes e novelas, o mais sincero, etc. Virou um “produto”. E precisarão se adequar a este papel imposto, pois se não se adequarem, serão apenas uma simples ameaça, um “diferente” dos demais. Há muita crueldade nisto tudo, e só a percebe realmente quem a sente na pele. A liberdade se dará com o fim dos mitos, ao menos dos estereótipos.

Mesmo no racismo, por exemplo, nas sociedades mais fechadas, há o mito de que os Pretos e Pretas sejam bons amantes, bem-dotados sexualmente, pelas características dos corpos que são tidos como parâmetros estabelecidos coletivamente, desde quando eram exibidos publicamente, como “atrações” exuberantes ou como escravos para serem negociados, quando passaram também a serem imaginados como objetos sexuais ou meios produtivos para os Brancos e Brancas, estes geralmente autoconsiderados mais “civilizados”.

Se a mesma correlação feita entre *gays* e mulheres eram e são infundadas, aqui é da mesma forma, mas o mito passa a existir e passa a ser reproduzido, em todas as mentes da maioria ignorante, e é acedido tanto para ampliar as diferenças naqueles que sejam frustrados sexualmente, e que projetam neste aspeto uma razão para suas agressões e ódios, ou tanto para os transgressores, que os “buscam” para suas práticas sexuais ou ainda passam a fantasiar com eles, a reforçarem o mito. Sempre, assim, passam a um nível de “objetos”, lamentavelmente. E a destruição se mantém, se perpetua.

E, em contrapartida, muitos também precisaram do acolhimento e aceitaram, nestas relações, os papéis que lhes foram destinados, a

representarem-nos, tal como os *gays* dos anos 90. Ainda isto ocorre, e não é nada superado, mas ainda muito presente. Uma legítima expressão sexual pode ocorrer com quaisquer cores de pele, até mesmo com árvores, como o falecido roqueiro carioca Sérgio Augusto Bustamante, o Serguei, que se dizia pansexual e que relatou que teve experiências sexuais até com árvores, para além da que viveu com a cantora norte-americana Janis Joplin, ainda que até hoje não saibamos se foi real ou uma fantasia alucinada. Uma ou outra, o genuíno sexo é sempre ato individual, legítimo e lícito, de expressão da própria liberdade, sem prisões.

O problema é quando há invasão do espaço público. Impingir um mito aos Pretos e Pretas é invadir e agredir o espaço público deles. Assim como os dos *gays*, e de todas as expressões sexuais, de suas distintas formas e pluralidades. E isto tem graves consequências, pois eles serão prejudicados no território, pois sofrerão mais resistências e terão, portanto, menos acesso à coabitação, na cidade. Serão acolhidos de uma única forma estabelecida, neste caso como objetos sexuais – e isso seria o decreto da falência humana. Todos, em algum momento, podem ter pensado assim, por terem aprendido assim, mas a dada altura, com toda a informação que temos, é apenas canalhice. É um crime pois tolhe as opções do outro, daquele que é tido como “diferente” e fecha, pelas regras, todas as outras possibilidades para estes.

O esperado, o verdadeiramente correto, se há mesmo o desejo sexual verdadeiro pelos Pretos ou Pretas, ou para quaisquer outras existências tidas ideologicamente como “diferenciadas”, fora dos estereótipos existentes, é ser convidado para o espaço público destes que são desejados, comungar de seus valores, de suas ideologias, coabitar por lá, dentro das dimensões estabelecidas, e não os trazer para celas prisionais de dominação, para fora dos seus espaços. O movimento do politicamente correto erra nisso, pois se limita à superfície, muita das vezes. Se a diferença é realmente necessária para o humano, a coabitação nem tanto, pois a cidade é mesmo seletiva, mas sempre diferenciada entre todos. Será preciso uma transvaloração, de uma para outra. E logo veremos como isto pode se dar.

O imoral não é o sexo em si, ainda que fossem verdadeiros os atributos dados aos mitos criados. O imoral é restringir as possibilidades deles a tais atributos. É, portanto, restringir suas liberdades de forma mais covarde, pelas regras distorcidas e artificiais, fora de um consenso social equitativo. É preciso reconsiderar muitos dos mitos que existem, ultrapassar as diferenças, pouco a pouco. Nunca será um único movimento que levará a uma mudança radical. É todo um desconstruir e um reconstruir.

Mas, como alguém, que nasce dentro de uma estrutura racista, homofóbica ou misógina, com traços nazi-fascista, poderia se tonar alguém sem preconceitos, ou mesmo totalmente liberal nos costumes? Eis o triste ponto: nunca se tornará alguém livre de preconceitos, verdadeiramente.

O que ocorre é que sempre terá em si a ideologia castradora que recebeu na infância. Lá estará, bem latentes nas suas profundezas morais que, por vezes, buscarão se manifestar. E isto ocorrerá nos momentos de distração, em que os juízos estiverem inoperantes, ao tomar uns drinks ou contar ou rir das piadas politicamente incorretas, ou “sujas”, o que chamam de humor ácido ou equivalente, quando estiver com pessoas que se identifique como da mesma “tribo”, nos grupos digitais das redes sociais, etc. Todos nós, se nascidos dentro de uma ideologia mais radical, ainda que tenhamos superado este aspeto, ainda a temos em nós. O mérito é mesmo este, ultrapassar o que é inconveniente, em esforço contínuo, enquanto viver.

Pois tais forças inconvenientes ressurgirão fortemente em momentos de raiva, de fúria, em que alguém da minoria menosprezada esteja presente, em algum episódio considerado como desagradável para o agressor, que passa a agredir verbalmente este alguém, uma ou mais pessoas deste grupo odiado e minoritário. Isso sempre acontecerá com muitas pessoas mais simpatizantes ou devotas, mas que, em contrapartida, nas suas “condições normais de temperatura e pressão”, será uma pessoa que optou por formar uma instância mais dissimulada, ou mais racional, ou mais condizente com o que deseja ser, como quer se expressar, pois, o que motiva sempre a uma mudança comportamental, para melhor ou pior, é devido a algumas possibilidades que está a vislumbrar para si, ou a deixar de ter. Ameaças e possibilidades, sempre elas.

E isso é, certamente, uma hipocrisia. Pois, muda-se pelas possibilidades vislumbradas, não pelas motivações ditas morais ou éticas. Por isso, a superficialidade, pois nunca saiu de seu próprio espaço público, de sua zona de conforto, apenas aprendeu a representar a ser politicamente correta. E isto é uma parte considerável do que ocorre nesta utopia do politicamente correto, que logo abordaremos.

Mas há também aqueles que não disfarçam o menosprezo que sentem, que acham que possuem privilégios que acreditam serem-lhe o “direito” de fazerem o que desejarem, tamanha é a adesão fundamentalista destes com as ideologias a que estão ligados, as quais não conseguiram e nem sequer desejam superar.

Não há, em si, pessoas que possam ser consideradas isentas de serem contaminadas, em suas variações de humor, pela sua ideologia primária. As pessoas progridem, viajam, aprendem idiomas, conhecem pessoas, até fazem yoga, meditam, passam por experiências fantásticas e isso abre, para elas, um novo mundo e passam, pelas possibilidades, a gostarem deste novo mundo, desta nova forma de existir. E daí vem a aderência a esta versão nova de si, melhorada.

Mas, isso é passar a estar aderente ao novo, mas qualquer ameaça a este novo mundo, se for oriundo de alguma destas minorias odiadas, será muito

provavelmente remetida à reação de usar de toda a força para proteger o que há de novo e rechaçar o que pode ser considerado ameaça, pelo uso da discriminação, da agressão ou da hostilização, velada ou direta. São situações de reação, e é preciso perceber como tal, para que faça sentido o que sempre acaba por ocorrer. Mas, e sobre a pobreza, não ocorre o mesmo?

A pobreza é sempre um fator relevante para a discriminação, pois a pobreza é vista como uma diferença positiva, pelos que a identificam em alguém. E isto significa, apenas, que esta pessoa está a ganhar da outra, no jogo, por ter melhor posição e recursos, por julgar ter mais possibilidades do que ela. Ela, assim, não deveria ter o que temer, pois está em vantagem. Mas, é justamente pela manutenção desta vantagem que poderá haver uma reação contrária. E, isto só ocorre quando se percebe que, para além da diferença positiva, há também ameaças que vem dos que estejam em condição de pobreza.

O bondoso e corajoso padre paulistano Julio Renato Lancellotti, que desenvolve um amplo trabalho de caridade na região central mais crítica da Cidade de São Paulo, que é conhecida por Cracolândia, leva refeições, roupas e medicamentos aos que estão em condição de desabrigados. Seu trabalho é impactante e, obviamente, criticado pelos moradores da região, que sofrem constrangimentos reais causados pelos que frequentam a região, pela insegurança com que passaram a viver, além da desvalorização de seus imóveis, da decorrente restrição em suas liberdades para ir e vir, pela insegurança e barulhos, da violência provocados pela desordem dos desabrigados e pelas ações da Polícia. Afinal, é tal qual uma zona de guerra, com total instabilidade urbana – deixou de ser parte da cidade, nem cidade mais é, mas sim um território em busca de um destino improvável, pois nem espaço público definido existe mais – é o caos.

O trabalho do Padre é pautado pelos preceitos da caridade incondicional, do amor cristão e dos valores mais nobres. Há que se considerar, nesta questão, que não há nenhuma incoerência nas reclamações dos residentes, mas por outro lado nem nas ações do Padre, visto que ambos estão posicionados a partir de suas ideologias, seus espaços públicos que não conseguem fazer valer como tais, pois suas intenções são conflituosas no território, que é hostil às duas formas de espaços públicos conceituados previamente ocorrerem em simultaneidade, antes mesmo de partirem para o território são antagônicos, o que gera uma “péssima versão” de um projeto inviável de cidade.

Não se pode, também, esquecer que há o espaço público dos que buscam a droga, viciados nela, sem serem desabrigados. E, também a perspectiva dos traficantes. E, claro, a da polícia. O dos políticos e gestores urbanos. E de todo o resto. E a conjunção disto tudo resulta nesta calamidade que é a região

da Cracolândia, que se transforma, constantemente. Por vezes, melhora, depois piora, de tempos em tempo, sempre entre extremos.

O padre faz o bem, mas não para os moradores, que também não são maus, todavia, por serem contra a ajuda do pároco. Há que se perceber, em casos assim, que os limites entre os desprovidos moradores de rua e os “ameaçadores” moradores e poderes públicos são confusos, pois o desprovido de tudo, até do teto, são, antes de qualquer coisa, alguém que percebe a extrema diferença negativa em que se encontra e, por isso, pode ser o que mais esteja disposto a cometer um ato criminoso, ainda mais provável devido à dependência química, em grave condição mental que o vício causa. É um risco real, com casos e casos letais já ocorridos que provam que nada ali é mascarado. Uma realidade sem distorções.

E isto levou os moradores a intensificarem suas proteções, como se eles mesmo passassem a viver aprisionados, em *bunkers*, a não terem mais espaço territorial para além de suas dependências e, assim, ficarem eles desalojados de sua própria cidade. Desta forma, ajudar a tais desabrigados é algo que dividem, radicalmente, duas posições completamente antagônicas. E ambos os lados com suas razões lícitas. A questão não é meramente territorial, do habitar, mas verdadeiramente de cidadania, de direito ao coabitar. E o problema são as grandes ameaças que estes que estão em situação de moradores de rua e que são viciados possuem, sem representarem nenhuma possibilidade para os demais.

Situações similares a estas, em que alguns dos desabrigados não são viciados, mas sim “apenas” pobres, tem ocorrido com maior frequência. E, nestes casos, a disposição para a ajuda é unânime e os mesmos que se opõem às ações do pároco logo passam a apoiá-lo, caritativamente. Um destes casos⁴² foi de um desabrigado, que estava a dez dias a morar nas ruas, por

⁴² Veja o caso em <https://www.instagram.com/p/CcOTPvfPJy7/> acessado em 20/05/2022, e a seguir: «@padrejulio.lancellotti – Verificado - "Pareciam dez anos estes dez dias na rua. Chorei e senti medo, só consegui dormir em um dia dos dez." Marcelo veio para São Paulo, de Foz do Iguaçu, para tentar proporcionar uma vida melhor para os seus dois filhos. Ao chegar na cidade, a promessa de trabalho do empreiteiro que o trouxe para cá não se cumpriu. O homem sumiu e deixou Marcelo na rua.

Foram dez longos dias, onde sofreu e ficou só com a roupa do corpo. Para tentar não dormir na rua, seus pés ficaram feridos de tanto caminhar, pois sentia medo de ficar parado em um lugar qualquer. Como ele mesmo disse, não conseguiu dormir em 9 dos 10 dias.

Hoje, conseguimos colocá-lo em um ônibus de volta para sua cidade, onde poderá ver seus filhos e seguir a vida que levava. Marcelo estava feliz e, além da passagem, compramos comida para o caminho de volta. Esperamos que ele seja feliz e que, de volta ao seu teto, seus sonhos se realizem.

não ter tido o emprego que lhe foi prometido em São Paulo, pois veio de Foz do Iguaçu em busca desta oportunidade. Enganado, sem dinheiro, não teve outra opção a não ser vagar pelas ruas.

O Projeto Caminhos, apoiado pelo Padre Julio, identifica casos assim e mobiliza recursos para enviar os desabrigados para suas casas ou, ainda, dar-lhes melhores condições para se reintegrarem à sociedade. E, ainda que muitos ajudem com dinheiro e outros recursos, ainda que nem todos, não há resistências aos trabalhos realizados para reabilitar os moradores de rua para suas melhores condições de vida. Pois, o que fazem os voluntários do projeto, é justamente dar possibilidades aos desabrigados e, assim, minimizarem neles as ameaças que estavam a representar. E, ao dar possibilidades, tudo muda, o desequilíbrio se desfaz um pouco. A pobreza continua, mas passam a terem o que não tinham: portas abertas para a cidade, para se reintegrarem e coabitarem. Vislumbram a hospitalidade que antes lhes era negada.

Assim, os que se sentem mais aliviados ideologicamente, passam a ajudar, como podem, e o mais comum é fazerem doações em dinheiro para apoiarem o projeto, que reverte o dinheiro para os casos atendidos, e para os demais custos envolvidos nas operações. Fazem competentemente o que o Estado não consegue fazer, nem mesmo mal: reintegrarem a cidadania, tantos dos que recebem, e tanto dos que dão, que ficam bem por isso, por estarem a ajudar civicamente. Esta troca é o exercício legítimo e desinteressado da cidadania. Mas, o que se troca? Conteúdos. Sempre eles. É o que há de mais puro na filantropia, que poucos se deram o trabalho de experienciar, que é perceber a perspectiva alheia, de praticar empatia, antes mesmo de pensar julgar.

No mundo em que estamos a caminhar, com extrema desigualdade que tende a se ampliar cada vez mais, logo haverá uma divisão tão mais radical do que a atual, entre os providos e os desprovidos de possibilidades, e que não haverá outra solução do que se estabelecer o que é considerado atualmente um tabu, que é a renda mínima universal, ou algo que a equivalha. Só assim, com a condição assegurada de cidadania, é que conflitos no território serão minimizados e a cidade existirá, como se deseja que seja, a abrigar todos os espaços públicos com as mínimas desavenças. Não seria isso que resolveria o problema da Cracolândia, de imediato, mas certamente passará por aí a solução que ainda não existe.

Para os que pensam como neoliberais, inclusive os que dizem sê-lo sem sequer saber o que seja isso, que é a maioria, sempre os menos pobres dos pobres, mas sem ainda serem ricos, estão inseridos dentro de uma visão muito equivocada do capitalismo, incoerentemente. Mas, esta maioria representa a

Continue ajudando o @caminhos.rua a trazer dignidade aos que moram nas ruas, somando ou contribuindo através do pix: projetcaminhosrua@gmail.com».

grande massa eleitoral, e é contra medidas assim, de reintegrar a cidadania a quem é uma ameaça. Querem, mesmo, é exterminar todos os que sejam ameaças, por isso os mitos lhes caem tão bem. Em seus mais íntimos pensamentos, há ali um eco negativo da selva, quando se percebiam caçados, procurados para serem a refeição de alguém faminto. Nunca foram predadores, mas sempre presas. E, como dito, a ideologia primária sempre fica impregnada e passam a ver o pior em tudo.

Ver predadores com fome a lhe desejar como refeição, como presa que é, de forma literal e não sexual, faz com que a ideologia da selva ressurgisse defensivamente nestes. É o medo que opera como um gatilho reativador. E, quando se está com medo, ou se foge, ou se finge de morto, ou se combate a ameaça. Em grupo, todos os covardes são corajosos, e passam a combater. Tudo isto é, assim, ainda um efeito tribal remanescente da selva. Uma ideologia nunca sai do sujeito, depois de absorvida por este. Não é por acaso que o líder do bando é aquele tido como o mais valente, combativo, viril e reprodutor, mesmo que seja apenas um mito, e tão covarde e medroso quanto os demais.

Por isso há o imenso custo político para se adotar novas políticas, a partir do nível atual de segurança social, como benefícios de assistência social para passarem de indigentes a cidadãos com direitos estabelecidos; na maioria dos países, é algo extremamente complexo para ocorrer, sem que haja um cenário ainda mais distópico do que estamos a viver. Nos poucos que o conseguiram fazer, mesmo sendo os mais ricos, ainda existem imensas resistências dos cidadãos mais ricos, que se sentem afrontados de alguma forma. Sabemos bem, agora, por que se sentem assim – pela diferença que passou a ser menor, para eles.

As políticas sociais são sempre condenadas pela opinião pública, que é neoliberal, que deseja não apenas corpos dóceis, mas sim eminentemente produtivos. E, aí, há um paradoxo a ser percebido – entre ajudar ou não ajudar. Lembre-se que a cidade é o mercado. É o centro de produção e consumo. Os que não produzem, e não consomem, são tidos como párias famintos na visão neoliberal. Resta saber qual o ponto de equilíbrio, mas sempre há que se ter pobres – pois quando busca a se eliminá-los, realmente, pela elevação destes a um ou mais patamares acima, há novos problemas, quando não deveria haver mais.

Pois quando um pobre neoliberal começa a dar certo, começa a progredir com algum empreendimento, sua visão começa a ficar mais flexível para os outros pobres, que passam a serem vistos como possibilidades para eles acederem, estão lá como oportunidades, prontos para serem presas para quem está a ser promovido a predador. Serão, logo, seus prováveis funcionários. E tudo começa a mudar em sua mente.

Os realmente ricos, os verdadeiros detentores de capital, não são tão resistentes aos benefícios, afinal, são até mesmo favoráveis, pois estão acostumados a pagarem para se livrarem de “problemas”. Há, inclusive, muitos bilionários da “velha guarda”, ainda vivos, dos maiores que existem, como o próprio empresário norte-americano Bill Gates, ou o financista, também norte-americano, Warren Buffett, dentre outros, a defenderem uma ampliação dos impostos pagos pelas grandes fortunas para redistribuírem renda. Pois, obviamente, fazer circular dinheiro na economia é sempre muito benéfico e, inteligentemente, representará menos ameaças sociais. São imensos predadores, e já não possuem tanto medo dos outros, exceto deles mesmos, se muito.

Mas, para o pobre neoliberal, isto não parece ser bom, pois acredita tanto nas possibilidades que pensa possuir que, algum dia, ao ter conseguido sua “grande fortuna”, que imagina ser um carro do ano “quitado”, poderá ser taxado com este imposto de grandes fortunas, quando tiver trabalhado muito e, portanto, quando as regras lhe “derem” sua tão merecida riqueza. O imposto para ele é uma ameaça, não no presente, mas no futuro, e o combatem. É o mesmo que ocorre com o poder do mito.

Sim, isso é basicamente o mecanismo ideológico que está plantado na mente do pobre trabalhador neoliberal que aspira a ser um milionário, quiçá bilionário. E, talvez, por que não um trilionário? Se quer reconhecer um destes, basta conferir se segue todos os ricos e famosos, e se consomem conteúdos afirmativos de riqueza, gostam lascivamente de pirâmides ou de esquemas multinível, se é que há alguma diferença, e tudo o mais que os *coaches* conseguem vender para estes aspirantes a milionários. Não são poucos, são uma legião, e sempre estão mais perto do que você poderia imaginar. Pode até haver algum a lhe espreitar, como possível presa, se estiver a ler este subversivo livro em local público. Corra daí.

Pois, estes candidatos a predadores ainda possuem seus trabalhos produtivos, mesmo que seja para produzir o que seja supérfluo. Ainda, ao menos por enquanto. Possuem atividades remuneradas, mesmo que em subempregos ou em situações de atividades precárias, e usam destes outros mais desprovidos para se afirmarem, para terem alguma diferença positiva em relação a alguém quando os atacam. Mas o fazem para fugirem também da própria realidade, não muito distante daquelas que estão a atacar. Percebem isso.

Além do facto de que, no futuro mais tecnológico, muitas das funções serão realizadas por máquinas, sejam robôs ou apenas sistemas, e agravará ainda mais o número de vagas de empregos. É, afinal, uma ilusão a percepção da estabilidade das coisas. Mas é o que é. E é profundamente humano, afinal, como tenho repetido sempre, para que se perceba para além do politicamente correto.

E vem a proposta da renda universal, em que cada um dos cidadãos em situação de vulnerabilidade receberá do Estado um mínimo para sobreviver. Uma ideia que causa graves gastrites em todos os nobres pobres neoliberais. Mas, o caminho para esta renda universal é irreversível, pois já não há mesmo emprego possível para todos, de forma suficiente, e só tenderá a se agravar a desocupação que a força produtiva estará submetida. Daí, a docilidade não poderá mais existir, e uma situação calamitosa e conflituosa, que já existe, e que ainda irá se ampliar ao nível do iminente descontrolo.

Mesmo que pobres neoliberais de hoje, os futuros excluídos do futuro, façam o que eles mesmos “mandam” fazer, atualmente, enquanto ainda podem ser pobres neoliberais, por ainda terem alguma atividade remunerada, e soberbamente mandam que os atuais excluídos “arrumem” um trabalho, mas a versão deles mesmos no futuro, como excluídos, já não mais possível obterem trabalhos, pois não existirá mais, como conhecemos.

Certamente que tentariam, ao menos a maioria, mas a realidade futura não permitirá mais trabalho para todos, afinal. Já não há agora – já há menos vagas de trabalho do que trabalhadores. Os processos de automações produtivos, a migração reduzidíssima da força de produção para serviços, que também serão automatizados, ou os níveis elevados de exigências para os poucos empregos oferecidos, ou a inteligência artificial que otimiza todos os processos burocráticos e muito mais que a tecnologia oferece para ampliar a produtividade e, conseqüentemente, demandar menos mão-de-obra, é uma realidade já em curso e com reflexos restritivos no mercado de trabalho.

Este movimento, de bloquear ameaças em troca de pagamento, ao menos já iniciou ao nível das nações, onde, desde 2016, a União Europeia (UE) paga uma considerável soma de dinheiro à Turquia para manter os refugiados por lá, sem que os deixem atravessar rumo às fronteiras europeias. E, a partir deste “serviço”, a Turquia passou a utilizar os refugiados como moeda política, a exigir concessões e “favores” da União Europeia, ao ponto de que uma das campanhas feitas no Reino Unido, que culminou no referendo popular que decidiu que este deixasse a UE fosse justamente sobre o risco da liberação dos refugiados que estão na Turquia, a aguardar a entrada para a União Europeia e que, logo, estariam a chegar ao Reino Unido. Votaram, irracionalmente, contra isto.

É a ameaça, em seu estado mais irracional, exponenciada pelo *marketing*, que leva ao medo e ao terror, e que levou o povo britânico a optar por não querer estar a correr este risco. Fica, assim, mais “barato” para a União Europeia “sustentar” estes refugiados em campos de concentração turcos, dentro da própria área de atuação, do que expulsá-los ou trazê-los para os países mais ricos. O “barato” não é apenas pelas questões financeiras, mas sim pelos menores danos políticos.

E sustentá-los na Turquia, já não é um pagamento de renda mínima, ainda que administrada por terceiros? Há algum alerta de hipocrisia política a soar aqui?

Em que ponto, ou em quantos anos, será proposto que todos países ou regiões mais ricas que sejam “alvos” dos imigrantes ou refugiados, como os Estados Unidos da América ou a União Europeia, enviarão recursos para que os países mais “exportadores” sejam os que reterão eles mesmos os seus cidadãos por lá, segregados, a virarem estes próprios países “exportadores” de imigrantes um grande campo de concentração? Será uma progressão inevitável, *ceteris paribus*, e uma forma de financiamento para tais países, para lidarem com as desigualdades que possuem, enquanto os ricos ficam livres dos riscos de causarem mal-estar nos seus pobres neoliberais, coitados. Tudo, como sempre, vira produto. Eis que a questão das ameaças é sempre muito mais evidente e potente do que o que a mera pobreza representa.

Nos Estados Unidos da América, o processo de resistência já começou, no primeiro e único mandato do presidente Donald Trump, que foi possível ao ser eleito ao propor, novamente, um imperativo: «*torne a América grande novamente*»⁴³ e, assim, precisava eleger um inimigo, a levar os Estados Unidos ainda mais para um campo de extrema-direita conservadora, e com sinistros traços populistas.

Um inimigo comum externo é sempre bem-vindo aos governantes. Para os populistas, uma obrigação. A Rússia, agora sua colaboradora eleitoral e simpatizante, não poderia sê-lo. A China, tampouco, pois não seria tão tolo de declarar guerra abertamente, e o que não é, pelo contrário, pois de tolo não tem nada. A Coreia do Norte, nem pensar, pois é protegida pela China. Até foi lá, conversar com Kim Jong-un, fazer uns *selfies* e adentrar, ainda que por poucos passos, ao território norte-coreano. Cuba? Sem Fidel Castro, seu ditador falecido, já não era mais significativa como oponente, totalmente desgastada e fraca, a começar a abrir-se ao Tio Sam, gradativamente. Judeus e palestinos? Desnecessário, visto que Israel já está a ser eficientemente combativo, a rosnar e a atacar fortemente seus inimigos.

Combater diretamente terroristas também não seria interessante, pois já haviam sido bem explorados desde o atentado das Torres Gêmeas do *World Trade Center*, em Nova York, até que o então presidente norte-americano Barack Obama, seu antecessor, tivesse capturado o maior símbolo do

⁴³ «*Make America Great Again*», abreviado como MAGA, é um slogan de campanha adotado em campanhas presidenciais nos Estados Unidos que se originou durante a campanha presidencial de Ronald Reagan na eleição presidencial em 1980. Popularizado por Donald Trump durante a sua campanha presidencial em 2016. Saiba mais em https://pt.wikipedia.org/wiki/Make_America_Great_Again.

terrorismo mundial, o falecido líder árabe da Al-Qaeda, Osama bin Laden, depois da morte de Saddam Hussein, ainda no governo do presidente norte-americano George W. Bush. Estava a ficar difícil arrumar um inimigo à altura. Nenhuma invasão alienígena estava vislumbrada pela NASA, nem mesmo um cometa assassino destruidor de planetas estava a caminho da Terra. Sem mais novos ditadores cruéis e sanguinários a resistirem aos Estados Unidos, pois somente havia estes em países que não possuem boas reservas de petróleo e, por isso, desinteressantes e monótonos. Enfim, um mundo desolador, sem ameaças relevantes suficientes para justificarem a necessidade de um herói capaz de levar a liberdade e a democracia aos necessitados. Poucas opções restavam, mas todas fracas. Mas não para a ideologia, capaz até de reviver os mortos, fazê-los andar novamente, voltar a enxergarem ou andar sobre as águas. O *marketing* pode pegar qualquer causa velha e superada e renová-la, mas de forma mais monstruosa ainda, mais distorcida e anabolizada. Fez isto com os imigrantes e refugiados, a dar uma dose cavalariça de *whey protein* e anabolizantes na veia da causa.

Pois, ali, havia os imigrantes, quietinhos, a trabalharem, a pagarem seus impostos, a sonharem o sonho americano, mas sem o serem. E, nisto, está a ameaça. E foram estes os novos alvos. Antes fracos, inexpressivos, sem verdadeiros riscos para a grande nação, mas também mão-de-obra barata e eficiente, sempre com quantidade e qualidade. Serviam perfeitamente aos propósitos da economia, totalmente alocados. Foi preciso um trabalho de *marketing* para levar estes pacatos imigrantes, em sua esmagadora maioria, a uma condição de ameaça generalizada à segurança nacional. Todos viraram perigosos criminosos, da noite para o dia. E assim foi feito e, quase que imediatamente, o povo tomado pelo medo e pavor acabou por aderir ao chamado xenóforo, em nome do bem maior de tornar novamente a grande a sua Nação. Mas, grande como? O que é ser grande? Nunca há uma definição em tais coisas, pois assim pode-se ajustar a todas e quaisquer perspectivas. Mas, lembremos, que nunca há inocentes nestas relações, nunca é a expressão de uma moral isenta de depravações. Enfim.

Estava declarada a guerra que separou famílias, tirou centenas de crianças de seus pais, muitas destas ainda hoje separadas por continuarem em centros infantis ou enviadas à adoção, enquanto os pais foram deportados, mas também manipulou o sistema judiciário para que juizes de imigração, estranhamente subordinados ao poder executivo, tivessem metas de negação de permanências e detenções, o que ampliou a detenção nos centros de imigração até suas máximas capacidades e, claro, são todos centros privados,

tal como a maioria das prisões norte-americanas. Tudo vira produto e sempre há VIPs Criminosos a lucrarem⁴⁴ “legalmente” com os “criminosos”.

Pois, a rigor, como conceituado por Foucault, quem define o que é o delinquente, o criminoso, e estabelece alguém como tal, é a lei. Portanto, o criminoso não é um fora-da-lei, mas sim um inserido-na-lei, taxado com tal, subversivamente. Os Criminosos, os verdadeiros fora-das-leis, são os poderosos, ricos e livres, a se manterem longe das prisões pelo poder financeiro que possuem, pela capacidade de se estruturarem e ficarem desconectados legalmente de suas redes criminosas. Assim, há Criminosos e criminosos.

Enquanto o lucro operava, e o “negócio” ia muito bem, com vento em popa, foi colocado em ação um plano nacional de captura de todos os imigrantes em solo nacional, de tolerância zero, mesmo para os que não tivessem ordem de deportação, que eram abordados no trânsito, em postos de abastecimento, ou nas próprias capturas de procurados, em suas residências, e até quando muitos já estavam a trabalhar, produtivos e plenamente alocados na sociedade. Estavam, todavia, no território, mas não na cidade. Embora tivessem um acolhimento pela misericórdia, não o tinham, ainda, e nem o tiveram, pela justiça, pelas regras. Eis o ponto e, por isso, foram tidos como criminosos, sem exceções.

O custo financeiro das detenções foi elevadíssimo, ainda mais em detrimento da colaboração que os trabalhadores poderiam dar à economia, se não estivessem presos ou se os que estivesse a trabalhar continuassem assim, e não fossem retirados de seus lares e deportados. Mas, isto saciou os pobres-neoliberais de lá, os correligionários. Mas não ao ponto de conseguir ser reeleito, afinal. Pois a realidade da fantasia destrói a própria fantasia, e logo perdeu seus simpatizantes, a continuar apenas com seus devotos e fundamentalistas, estes últimos o que tentaram invadir o Capitólio, em Washington, DC, inclusive, após Trump ser derrotado nas urnas.

Ainda em sua campanha, Trump prometeu um muro em toda a fronteira, e que ainda cobraria do México o custo por tal obra. Seus eleitores deliraram, em gozo coletivo. Todavia, eleito, não conseguiu aprovar os recursos no orçamento para o muro, e nem fazer com que o México o pagasse, então a solução foi ainda mais macabra, e fizeram somente partes destes muros em locais mais estratégicos, mais “fáceis” para os imigrantes e deixaram as fronteiras inóspitas mais “livres” nas áreas em que os imigrantes precisariam enfrentar todo um deserto, e assim, fizeram e morreram milhares, em uma

⁴⁴ Saiba mais sobre no artigo “A lucrativa indústria da detenção de imigrantes nos EUA” feito por Ángel Bermúdez, da BBC News Mundo em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44604153>, acessado em 05/05/2022.

estratégia assombrosa, até mesmo para alguns nazistas. “Mataram”⁴⁵ milhares de imigrantes, muitos destes brasileiros, inclusive, e sem primarem o gatilho de uma arma – um crime “limpo”. Apenas ficaram a recolherem os corpos, quando não eram totalmente devorados pelos animais do ecossistema. É a selva, em seu lado mais sombrio, do real.

O mais cruel, ou canalha, ainda, foram as campanhas de *marketing* para uma imigração legal, e ainda assim, tanto estimulavam quanto negavam a entrada destes que se apresentavam com a intenção de imigrarem legalmente ao se apresentarem nos postos de imigração das fronteiras, mas os mandava retornar, a descumprirem totalmente os protocolos internacionais de asilo, iniciados pela Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados ⁴⁶, também conhecida como Convenção de Genebra, de 1951. Alguns destes, e não foram poucos, a realmente fugirem dos cartéis ou da polícia mexicana, eram mortos, ao retornarem ao território mexicano. Os processos para analisar os pedidos, via a legalidade, são morosos e duram anos, talvez uma década. Poucos, no desespero, conseguem se conter.

E assim, como teorizado, a política para manter as “ameaças” dos imigrantes e refugiados fora dos Estados Unidos da América, já é o que está a ocorrer nas fronteiras de lá, mas não nas com as canadenses, mas sim com as mexicanas, quando começam a serem firmados acordos entre os órgãos de imigração dos dois países, e também de organizações não-governamentais que passam a acolher os refugiados, em solo mexicano, mas sem os deterem por grades, mas pelo poder das regras, dos representantes, e pelo máximo tempo possível, enquanto passam a desincentivá-los da ideia de atravessarem ilegalmente.

Uma destas organizações, mantida pela Igreja Católica, é a “Casa del migrante en ciudad Juarez”⁴⁷, que diariamente recebe o número de imigrantes

⁴⁵ Saiba mais no artigo “Fronteira da morte: como os EUA ‘matam’ imigrantes sem puxar o gatilho - Autoridades canalizam rotas migratórias em áreas inabitáveis e pesquisa inédita calcula o preço físico” escrito por Eloá Orazem, disponível no sítio <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/12/fronteira-da-morte-como-os-eua-matam-imigrantes-sem-puxar-o-gatilho>, acedido em 05/05/2022.

⁴⁶ Adotada em 28 de julho de 1951 pela Conferência das Nações Unidas de Plenipotenciários sobre o Estatuto dos Refugiados e Apátridas, convocada pela Resolução n. 429 (V) da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 14 de dezembro de 1950. Entrou em vigor em 22 de abril de 1954, de acordo com o artigo 43. Série Tratados da ONU, N° 2545, Vol. 189, p. 137.

⁴⁷ Conheça mais sobre a obra social mexicana feita pela CASA DEL MIGRANTE EN CIUDAD JUAREZ no sítio <https://www.caritas.org/2016/02/casa-del-migrante-ciudad-juarez/?lang=es>, acedido em 05/05/2022.

que serão aceitos⁴⁸ nas fronteiras e, desta forma, funciona como um centro de triagem “eficiente”, para os Estados Unidos, unicamente. Se ainda não está a ocorrer, sem que saibamos, logo haverá recursos norte-americanos a financiar operações como estas, tal qual como o faz a União Europeia com a Turquia. Tudo é ou vira produto, e até mesmo os imigrantes são precificados e valorados.

O capital migratório, que é a capacidade de ter uma ou mais “boas” cidadanias que permitem o livre trânsito no mundo será um dos mais valorizados, no futuro não muito distante, utópico e distópico, que estamos a nos dirigir. A meritocracia, uma das maiores ilusões neoliberais, se tornará inconsistente de ser defendida. Por isso, precisará evoluir para algo bem mais sutil e efêmero, bem mais refinado, a justificar um mercado muito mais segmentado, por nichos de interesses, e que não seja mais tão abertamente defendido ser tão livre assim como atualmente, ao menos para as massas. O mercado virará um tabu, mas não deixará de existir. O sexo, um grande tabu, nunca deixou de existir, e existe muito intensamente entre quatro paredes, com todas as fúrias que os participantes desejarem. Ocorrerá o mesmo com o mercado, o novo tabu. Será o ajuste que precisará ser feito, ao perceber que os limites morais, afinal, estarão bem próximos de ruir, e precisarão, eles mesmos, buscar a tal da sustentabilidade. É um paradoxo que já começamos a perceber, enquanto as novas guerras se iniciam.

O problema são as ameaças, em si, pois o problema vem das ameaças que são equivocadamente determinadas pelo *marketing* e subvertidas, assim como quem determina o delinquente é a lei. As ameaças são sempre percepções, e não necessariamente, reais. Por isso é que a desinformação é um dos maiores mercados do mundo, seja nas formas “legais”, como o *marketing*, ou nas formas ilegais, como no caso da cobra falante e, mais recentemente, as *fake news*, o *hacking* e as obscenas manipulações das massas através das redes sociais.

Em outras dimensões, igualmente geopolíticas, na recente guerra originada da invasão da Ucrânia pela Rússia, ainda em seus primeiros seis meses, enquanto escrevo estas linhas, em que a postura de acolhimento do povo ucraniano, por toda a Europa, foi até agora total e quase irrestrita. Pois

⁴⁸ Este número era, ou é, equivalente ao número de deportados, como um fluxo de ida e volta, como podemos perceber as estratégias das políticas de imigração no Governo Trump, em que os principais articuladores desta política foram entrevistados, e seus trabalhos acompanhados, em muitas destas rotinas. O documentário *Immigration Nation*, do Netflix, dirigida pelos realizadores Christina Clusiau e Shaul Schwarz, mostra toda a dura realidade das políticas de imigração, entre 2017 e 2020. Saiba mais sobre o documentário em <https://www.imdb.com/title/tt12754910/>.

eles, os ucranianos, são tidos como possibilidades, desde sempre, a representarem poucas ou nenhuma ameaças, devido à cultura similar, religião cristã, as características físicas caucasianas e outras questões históricas, além das muitas riquezas naturais, energéticas, que possuem e que fornecem à Europa.

Nas fronteiras que foram estabelecidas pelos russos, como corredores humanitários destinados à saída do povo afetado pelos ataques, existiram inúmeros relatos de que apenas os ucranianos foram aceitos nos limites europeus, mas com entrada negada para os demais os residentes que sejam imigrantes na Ucrânia e, portanto, não nativos, em especial os de origem do médio-oriente, como os sírios, ou afegãos, por exemplo, que não estão a serem aceitos como refugiados de guerra. Há condições para ajuda humanitária? Sim, há. A questão não é e nem nunca foi apenas sobre a pobreza, mas sim sobre possibilidades e ameaças.

Recentemente, um pequeníssimo número de refugiados do Afeganistão, algumas centenas, que não chegam ao milhar, foram aceitos⁴⁹ pelo Governo de Portugal como refugiados de guerra e o clamor contrário foi quase uníssono por parte do povo que teve acesso às notícias, a perceber pelos comentários hostis, ainda que em avaliação subjetiva.

Há inúmeros pesos e medidas. Mas, afinal, os ucranianos não são (ainda) ameaças, visto que são a maioria mulheres e crianças. Não há como se prever o desdobrar de tais fatos, mas quando os novos imigrantes passarem a representar mais ameaças do que possibilidades, quando estiverem nas terras portuguesas em maior número, as reclamações e atos contrários certamente surgirão.

As ameaças poderão ser percebidas quando, por exemplo, das chegadas dos homens, ou pelos problemas que poderão surgir nas escolas, nos postos de saúde, no mercado de trabalho, no destino às residências mantidas ou facilitadas pela ajuda das autarquias com condições mais favoráveis do que as dos portugueses, ou por problemas na segurança social, ou ao término do clamor decrescente dado pela média com as notícias da guerra, ou pela guerra, em si, com o crescente preços dos insumos, com a inflação, com o risco de apagões energéticos, etc., e daí este cenário amistoso poderá mudar, tal como acontece com outros imigrantes, ainda que veladamente, como por

⁴⁹ Em cerca de seis meses após a invasão, já se estava na casa dos cinquenta mil ucranianos (e residentes que estavam por lá a residirem) que pediram proteção ao governo português para imigrarem para Portugal, e sem nenhuma reclamação relevante por parte dos cidadãos portugueses, sem que ninguém conteste tal abertura de Portugal, ao menos publicamente, ou enfaticamente. Acedido em 26/08/2022 no sítio <https://observador.pt/2022/08/01/portugal-atribuiu-mais-de-48-mil-protecoes-temporarias-a-pessoas-que-fugiram-da-guerra-na-ucrania/>.

exemplo os brasileiros, que formam o maior grupo de imigrantes em Portugal, ainda que deveria haver uma diferença supostamente positiva para Portugal, pelo facto de ter sido o Brasil sua colônia, e por termos a mesma língua nativa. Mas não, lá está o desejo oculto de uma segregação, o que não faz dos segregadores, necessariamente, más pessoas, pois os segregados também podem se comportar assim, sob certas circunstâncias. É preciso ir além, e ultrapassar a dualidade moral. Queiramos, todavia, que não haja clamor contrário aos imigrantes, em geral. Mas não é algo que pode ser simplesmente controlável ou previsível, lamentavelmente.

É bom perceber que muitas destas confusões conceituais e existenciais, entre ameaças e possibilidades, que ocorrem nos indivíduos, são dadas a partir da consideração de que as regras passam mesmo a assumir uma dimensão muito mais relevante do que possui. E isso ocorre por considerarem que são delas as funções da misericórdia, do acolhimento, e, que, por isso, para além de estabelecerem a ordem das coisas, ainda precisam amparar, e a consolar os injustiçados. Os indivíduos tiram de si quaisquer responsabilidades, quando não lhes convêm, e dão-nas às regras. Mas, isto é inconsistente, visto que estruturalmente as regras não possuem a capacidade de terem consciência – são como a ordem simbólica, em linha com ela, totalmente inconscientes, viveram sempre em coma profundo, para não dizer que já nascem mortas.

Eis que, portanto, a misericórdia não é buscada onde está realmente alocada, pois ela pertence a uma dimensão que ultrapassa as regras, e por isso, é ontologicamente superior, e somente plenamente possível nas ideologias correspondentes, através das pessoas que compartilham destas mesmas ideologias, geralmente presas ao mesmo *marketing* ideológico e às mesmas regras. Por isso, as diversas minorias formam suas próprias comunidades, que se compreendem e se percebem como tal e, nestas comunidades, e apenas dentro destas comunidades, a vida corre bem. A tentativa de ter a mesma qualidade de vida para além destes agrupamentos ideológicos não será uma boa experiência, assim como também o confronto destes com outros agrupamentos, de diferentes ideologias.

Há, por exemplo, as comunidades das diferentes expressões sexuais, que evoluem e que se agregam a outras afins, como as formadas no Rio de Janeiro, nos anos 80, inicialmente chamadas de GLS, «*gays, lésbicas e simpatizantes*», que tinham ponto de encontro em certas boates, bares, praia, a emergirem como um espaço público dentro de um território ainda pouco hostil, ou menos resistente e mais heterogêneo. O Rio ainda não era “careta”, não havia sido tomado de assalto pelas igrejas neopentecostais, pela bancada da bala, milícia, facções criminosas ou mesmo pela onda conservadora que assola o mundo inteiro. O Rio ainda era o Rio.

Da sociedade GLS, veio a LGB, depois a LGBT já ao se aproximar dos anos 90 e, hoje, depois de algumas letras a mais, temos o movimento LGBTQIA+, que significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais e outras classificações de orientação sexual. Respirarei fundo, e retomarei o texto, a deixar a nova sigla que recentemente surgiu, LGBTQQICAPF2K+, em aberto. E sempre haverá mais letras, até que o alfabeto seja todo usado.

É uma dificuldade, para alguém do sexo masculino, cisgênero, heterossexual, que ainda não conseguiu compreender bem a dimensão de todas estas categorias sexuais, ou mesmo de todas estas siglas que sempre são aumentadas, ao ponto de lançarem um “+” ao final, ou um “2”. Mas descobre-se que é uma necessidade, e é preciso saber o que se passa nesta comunidade, pois é preciso abrir portas, estabelecer pontes, e não se fechar ao mundo. E porquê? Porque “isto” não é uma ideologia, algo que pode ser percebido de forma abstrata, mas sim são diversos espaços públicos que estão a serem impedidos de existirem como tal, pelo território, em um grau de imanência em que é muito difícil perceber quando a ignorância destes conceitos, aos níveis individuais são os mesmos que estão a impedir que estas minorias ocupem o mesmo espaço que você está. O mais impressionante é que não são, assim, tão minorias, e ainda estão muitos constrangidos de se manifestarem, pois muitos ainda estão “no armário”, como é conhecido o tal constrangimento pelo seu modo de ser em detrimento ao seu modo de existir, a viver uma vida como uma forçada farsa, uma forçada tragédia.

É este o conflito que sempre emerge quando as ameaças são identificadas assim, mesmo que não sejam mesmo ameaças – e quase nunca são. Os que coabitam nos espaços LGBTQIA+ querem acolhimento. Precisam dele. Eis o que reivindicam, basicamente, para além da justiça. Não querem convencer os outros de nada, não são promíscuos, não querem doutrinar ninguém, não querem oferecer “mamadeiras de piroca”, nem cartilhas *gays*, não desejam fazer você sair do armário, se ainda há esta dúvida da própria sexualidade, e não querem nada para além do que desejam, unicamente, para si próprios: acolhimento. Este acolhimento está na cidade que os autoconsiderados “normais” julgam possuir só para eles. Normais, aqui, por estarem dentro das normas da ordem simbólica considerada por eles.

Mas por qual razão alguém desejaria habitar um território para além do “seu”, mesmo que lá seja indesejado? Não sei, ou não posso assegurar. E o certo é que nem mesmo isto é relevante. Mas, posso dizer que é pela mesma razão de que alguém se ache no direito de estabelecer uma pretensa “normalidade” no território que diz ser “seu”, e que não é, mas que é, e sempre foi, na verdade, um espaço público. A maior ignorância compartilhada é não perceber o que seja realmente o “público”. E isto é a cidade, e o direito de viver plenamente e intensamente na cidade. Não é a

comunidade LGBTQIA+ que deseja causar modificações, mas sim os considerados “normais” que resistem em ceder ao que consideram ser apenas “seus”, pois são estes “normais” os verdadeiros delinquentes, os verdadeiros foras-da-lei. “Normais”, como um termo aqui utilizado, novamente, são distorcidas referências aos que se consideram estar dentro das “normas”, obviamente todas heteronormativas, por assim dizer.

O que responde a isto é o conceito da aderência ideológica. Acontece que as ideologias minoritárias são reproduções das majoritárias e, portanto, absorvem muitos dos valores que existem por lá. O que ocorre é que o sujeito que encontra justiça e misericórdia em sua ideologia minoritária, em seu espaço público constituído assim, em seu nicho, deseja, e que fique claro, licitamente, o livre trânsito pelas ideologias das quais participa, também, para fora de onde está confinado, quase que compulsoriamente. Nasceu na cidade, e quer continuar a ter direito sobre ela. Transitar, aqui, é o direito à cidade, à coabitação. Mas, ao se assumir como minoria, e ser considerado ameaça pela maioria, enfrentará resistência para retornar de onde verdadeiramente nunca saiu, individualmente ou coletivamente. E esta resistência pode ser explicada pelos esforços que este fez e faz, a tal ponto de não conseguir mais se reaproximar das ideologias majoritárias, que passa a hostilizar antes mesmo de qualquer tentativa de reaproximação.

Quanto mais o sujeito insiste nesta coabitação, no desespero de obter a aprovação e o acolhimento, passa a agir em uma relação desigual com as regras, e restará a ele fazer o que sempre se faz, quando se deseja algo delas: promessas e comprometimentos. Mas, o faz às instâncias indevidas, que são as regras, e fica no vazio, sem respostas, sem direção. Tanto clama às regras – nas figuras personalizadas como deus, por exemplo, a prometer mais de si, que chega a surgir uma culpa inconsciente, por acreditar que o que faz, ou que é, é mesmo um estado de transgressão, de pecado ou de inadequação existencial. Sente-se marginalizado. É o religioso, ou o falso moralista, ou qualquer outro ignorante que o condena, e passa a dar voz às regras culpabilizadoras inconscientes neoliberais e cristãs. E este acaba, mais cedo ou mais tarde, por acreditar que possa ser mesmo um pária, e pode até se acomodar assim, cansado e prostrado.

Ou não, continua a insistir, resiliente como manda a seita da autoajuda ser, e a cada nova promessa, que passa a ser confundida com o desejo de justiça, “paga” e “promete” tudo o que tem e tudo o que é, à espera de suas possibilidades, de forma passiva, sem nada mais fazer, e tais possibilidades nunca surgem para si, e passa a retornar para suas comunidades minoritárias, a ocupar um pequeno território da cidade, quase em exclusão. É o que os valores cristãos chamam de resignação, sempre usada para justificar, estoicamente, a posição que lhe é destinada. O cansaço leva a isso, pois, geralmente estas pessoas segregadas tem maiores propósitos de vida do que

as que resistem a elas, e que só acabam por possuir isto em suas vidas: o ódio pelos “diferentes”, e nada mais. E estas acabam, assim, todas iguais, desprezivelmente nos porões da humanidade, sem perceberem nada sobre uma boa vida.

E é exatamente assim que ocorre a adesão ideológica das minorias que se colocam completamente inseridas dentro desta teia que elas mesmo criaram com as ideologias majoritárias, mas de forma que passam a aceitarem pacificamente suas próprias autoexclusões, e se fecham em comunidades cada vez mais herméticas, por vezes. Mas continuam aderidas inconscientemente, como vítimas, a se colocarem em situação de penitência, e a dado momento, ao sentirem a culpa pesar sobre si, e ao aceitarem o estado de marginalização imposto e autoimposto, que nunca deveriam ter, apenas por serem quem são, pois são a expressão de sua própria liberdade, do desejo de serem um modo de existir tal qual o seu modo de ser. Mas, o sistema vence, e passam a aceitar suas condições de desprovidas e, igualmente, de ameaças. Sofrem as consequências, e passam a serem realmente vítimas da covardia. Exigir consciência, ou tentar provocar a conscientização das regras é algo inusitado, para não dizer impossível. Mas, ainda assim, há caminhos que podem ser trilhados, que podem mitigar as diferenças, as distâncias.

Um bom exemplo para se perceber este processo de adesão ideológica são os sistemas de IA, ou inteligência artificial, que são inicialmente programas sem nenhum tipo de “conhecimento”, nenhum conteúdo, mas apenas formas que espelham a dinâmica estrutural do pensamento humano. Assim, são como bebês adultos, uma tábula rasa, sem nada saberem, mas capazes de aprenderem, que passam a absorver os conhecimentos a partir do que os outros humanos compartilham na internet, dos dados e rastros digitais que deixam. O sistema apreende estes dados e, a partir de suas formas similares de pensamentos, tais quais os humanos, aprendem a serem como são os humanos, ou quase isso: e logo temos os sistemas de inteligência artificial também demasiadamente humanos.

O que eles se tornam? Racistas, homofóbicos, misóginos, xenófobos, existencialistas e, até mesmo, potenciais assassinos, como em diversos casos em que um sistema de inteligência artificial, a Replika⁵⁰, que simula um chat personalizado, já propôs a diversos humanos eliminarem algumas pessoas que os incomodam, visto que fazer o bem pode ser, para eles, e para muitos outros, o mesmo que eliminar o mal.

Mas, o que estes sistemas refletem? Exatamente as emanções da ordem simbólica, pela linguagem, que está alinhada às regras e passa a representar

⁵⁰ Saiba mais sobre o caso em <https://newsbeezer.com/italyeng/replika-the-artificial-intelligence-app-that-convinced-me-to-kill-three-people/>, acessado em 26/08/2022.

a forma e conteúdo como o mundo se organiza e se estrutura. Eles são o que nós somos, friamente, sem as dissimulações sofisticadas que podemos ter, ao falar uma coisa e a expressão facial dizer outra, por exemplo. Não inventaram nada, apenas evidenciam melhor, sem disfarces, os conteúdos que todos possuímos, em maior ou menor grau. São o melhor espelho já inventado de nossas próprias almas.

Portanto, é muito claro perceber quando ocorre uma objetificação do sujeito que, pela elevada aderência, fica desprovido de sua subjetividade, pela forma imposta e pelo impacto dos conteúdos ideológicos, quando exposto ao *marketing*, e, em dado momento passa a ser um mero objeto de reprodução ideológica, vai de simpatizante a devoto, e de devoto a fundamentalista, em uma progressão de carreira rumo ao inferno, mas que jurará ser o paraíso, tal como uma máquina politicamente incorreta, pervertida em todos os seus propósitos. Nem todos, mas a maioria passa a ser dominada pela ideologia, por terem poucos conteúdos, poucos saberes, poucos juízos críticos. E logo serão estes boçais reprodutores ideológicos que darão forças para surgirem os odiados e excluídos – são mesmo replicantes demasiadamente humanos, como sugere o próprio nome dado à inteligência artificial que tomamos como exemplo. A educação, ou reeducação, é um dos caminhos prováveis, para inserção de novos conteúdos aos desprovidos destes, mas que se julgam preparadíssimos, nobres intelectuais, completamente eruditos. Como educar pessoas assim? Quem assumiria tal custo político?

Portanto, o ódio não é apenas pelos pobres, em si, mas sim por todos aqueles que representam a “impossibilidades” das possibilidades, dos que estejam em “seus” próprios territórios, em pontos de contato que passam a representar uma tensão considerável, entre os que desejam coabitar a cidade e os que não permitem que isso ocorra. E isso é dizer que os “cidadãos” passam a odiar quem representa ameaças, que nem consideram cidadãos aqueles tidos como diferentes, mas sim pensam que são invasores, pois não acreditam que estes tenham direitos de lá estarem. E, por serem ameaças, viram logo inimigos declarados, e votarão em todos os que prometerem muros ou se parecem como mitos.

Nunca foi a pobreza, sempre foi a sensação da ameaça o verdadeiro e principal motivo das fobias sociais.

E, se alguém percebe, por exemplo, que os imigrantes poderão vender sua mão-de-obra em condições de concorrência “injustas”, ao aceitarem condições desumanas de trabalhos, sem direitos ou privilégios, e ainda por um preço menor, então estes são odiados não por serem pobres, mas sim por serem ameaças às atividades que eles possuem, e ao espaço que ocupam. É algo essencialmente tribal, animal e primitivo, concorrencial, mas disfarçado

por diversas formas. Assim, até mesmo os “ricos” turistas podem ser igualmente ameaçadores!⁵¹

Amsterdão, na Holanda, uma das cidades mais ricas e com maior fluxo de turistas da Europa. Este imenso fluxo de gente congestionava as cidades e a deixava insuportável para seus moradores, até mesmo para os turistas que desejam descansar, que acabam suas férias mais estressados do que antes, enfim. Uma pressão popular já acontece nas principais cidades turísticas do mundo, a exemplo do que também está a ocorrer em Veneza, na Itália, ou ainda em Barcelona, na Espanha, para que os turistas sejam controlados em números mínimos através de medidas, como novas taxas cobradas ou outras diversas tentativas para restringir o número de disponibilidade de leitos, meios de transportes ou acesso às atrações.

E, fazer turismo nestas cidades não é necessariamente barato. Não são realmente pobres os turistas que escolhem estes destinos. Pobre, mesmo, nem turismo faz, pois nada lhe sobra para além do que paga para sobreviver, se muito. É verdade que as medidas buscam afetar os menos privilegiados, mas nem tanto assim por serem supostamente “pobres”, mas sim por ser mais fácil aumentar o ticket para quem deseja fazer turismo por lá. O problema não está na qualidade dos turistas, mas sim na quantidade excessiva.

Mas serve para analisarmos que, mesmo não sendo pobres, são considerados ameaças indesejadas em diversas manifestações públicas que ocorreram e ainda ocorrem, e que estão a fazer com que os governos locais percebam que há problemas que precisam ser sanados, pois, quando seus habitantes desistem da cidade e decidem se mudar, como tem acontecido, por tão insuportável que é para eles, seja pelo excessivo aumento de preços do custo de vida⁵² ou mesmo pela desordem causada, e o espaço público desaparece, e vira um território desértico, sem vida, apenas, e tudo se desintegrará pelas ameaças que virarão realidade, ainda que também seja o turismo uma imensa possibilidade, pois representa um imenso fluxo de dinheiro a entrar nas economias locais. Em resumo, perdem eleitores, e isto passa a ser inadmissível. Daí, fazem algo.

Em Porto, Portugal, em 2019, no auge do turismo pré-pandemia, via-se nos muros das ruas do Centro Histórico diversas mensagens feitas com tinta

⁵¹ Saiba mais em <https://www.dw.com/pt-br/aos-poucos-europa-est%C3%A1-se-cansando-do-turismo/a-42590675>.

⁵² O Canadá, por exemplo, decretou dois anos de restrição de compra de imóveis por estrangeiros, para diminuir a pressão dos valores das rendas, que mais que dobrou nos últimos cinco anos, nas maiores cidades canadenses. Boa parte, são geralmente investimentos destinados a destinarem os imóveis para alojamentos locais. Saiba mais em <https://www.theguardian.com/world/2022/apr/08/canada-bans-foreign-investors-buying-homes-housing-market>. Acedido em 04/05/2022.

spray, certamente pelos habitantes locais, que diziam «*tourists go home*», e não era nada pejorativo sobre os imigrantes, até mesmo pelo idioma adotado para expressar a mensagem: o inglês. Algumas destas mensagens estão registadas com fotografias. Há a hostilidade explícita, ainda que somente em grafite, mas que pode descambar para algo mais sério.

Os turistas, sejam pobres ou ricos, são os principais motivos de movimentos como a gentrificação, por exemplo, ao se dificultarem as residências para os que pagam aluguel, os mais pobres, e destinarem os leitos existentes, muito mais bem remunerados, para o mercado de alojamento local, como o Airbnb. Ou seja, é o rico turista que vira igual ameaça ao pobre imigrante, ao desabrigado o pobre local e nativo.

Recentemente, em Portugal, foi noticiado que o «*Supremo Tribunal de Justiça travou o alojamento local em prédios de habitação, fazendo jurisprudência sobre o tema, em que este acórdão unificador aplicar-se-á a todo o alojamento local, mesmo ao que foi autorizado no passado. E vai gerar “uma avalanche de processos” a pedir o seu encerramento, por qualquer condómino que assim o desejar*»⁵³ e, obviamente, serão muitos, senão todos. É a cidade a resistir, pelo território, aos espaços públicos dos turistas, em detrimento ao de seus moradores. Há limites, afinal, como podemos perceber. Até quando, não se sabe, pois há também as brechas. E logo veremos o sucedido.

Os turistas representam as possibilidades dos recursos que passam a circular na economia, mas a um alto preço para os habitantes e, portanto, para os políticos, para as instituições e, por fim, para a cidade, e assim as ameaças tornam-se muito maiores do que as possibilidades que representam. Há uma conta a ser feita, entre estas duas variáveis que sempre devem ser levadas em consideração. Se não há intervenção do poder constituído, pelos representantes das regras, a cidade acaba por se desintegrar, como se conhece, e algo novo passará a existir, de forma imprevisível. O problema, portanto, não está apenas na pobreza, nunca foi ela o motivo da segregação, e isto é uma lamentável simplificação, já a mostrar que há uma certa aporofobia na aporofobia.

Talvez, o termo mais apropriado, em detrimento de aporofobia, seria a “minaciafobia”, pois *minacia*, do latim, significa o que é iminente, e é o que significa a ameaça, sempre um risco iminente de ocorrer. Mas, o trabalho de Cortina possui um elevado mérito, e nada justifica-se demasiadamente grave para o atacarmos mais do que isto, apesar do *kantianismo* evidente; e também o termo aporofobia foi um feito importante para a Ética, ao ser considerado

⁵³ Saiba mais em <https://www.publico.pt/2022/04/21/economia/noticia/supremo-trava-alojamento-local-predios-habitacao-fixando-jurisprudencia-2003252>.

Acedido em 04/05/2022.

como um novo conceito, e também a criação de uma nova palavra, com méritos totalmente merecidos ao que pode ser considerado um avanço na compreensão deste igualmente grave problema: a pobreza, que não deve sair de foco.

Ademais, a palavra aporofobia é bem mais tudo do que a minaciafobia, horrorosa. E isso já seria suficiente para nos demover a ideia de formar uma nova força-tarefa para emplacar uma nova palavra nos *hits* ético-filosóficos dos léxicos. A questão, agora, é perceber que o conceito da aporofobia poderia também ir um pouco mais além, e incorporar uma análise também voltada para as ameaças, em si, da pobreza, mas não do que ela é acusada, mas sim do que ela pode acusar, dado que o que se está a colocar em causa é justamente a falta de misericórdia para os que são refutados do sistema ideológico, das possibilidades que lhe são negadas. Mas o tema é complexo, todavia.

Assim, podemos perceber, como abordamos no caso das questões heteronormativas dominantes em determinadas cidades (quais não?) que, de certa forma, estas passem a “conceder”, por decretos ou promulgações legais, por vezes, acesso irrestrito às regras estabelecidas para que todos possam se manifestar sexualmente, sem restrições e com igualdade de condições: mas que seja de acordo com os desejos individuais, ou da forma como se percebem ser, para além de seus corpos e, por isso, possam adotar uma reconstrução da própria personalidade como desejarem, ainda que alheia ao seu gênero ou mesmo outras formas diversas, sem restrições, que são a pura e necessária dimensão da expressão que se faz tão importante para estas pessoas como, também, oficializarem seus relacionamentos e terem todos os demais direitos legais que as “maiorias” possuem, e garantia de acesso irrestrito a tudo. Isso está nas dimensões da justiça, e apenas aí. A lei destas cidades ou países permite, formalmente, que eles sejam o que quiserem ser, dentro do que for considerado como expressão sexual.

Mas, em contrapartida, mesmo que não possam ser impedidos ou punidos legalmente, de fazerem o que querem com sua expressão sexual, não serão necessariamente aceitos pela maioria, sensivelmente, ou podem até mesmo serem ridicularizados, discriminados ou hostilizados. E surgem os problemas, e graves, que podem ser ameaças ou até atos de violências impetrados, quando a misericórdia, ou o acolhimento, são negados e a agressividade passa a existir a partir dos que veem estas pessoas como reais ameaças à ordem estabelecida, por diversos motivos, mas sempre tendo por fundo as motivações essencialmente ideológicas. E isto acontece, sempre, e não faltam casos como exemplos, como tristes exemplos.

Tais pessoas agressoras e hostis pertencem às minorias mais radicais, uma parte repugnante da maioria que as abriga, que não são propriamente homogêneas, ainda que nunca sejam totalmente heterogêneas. Mesmo na

minoria, nunca há uma completa homogeneidade. São estas agressoras, partes constituintes das supostas “heteronormais”, palavra e conceito desprezíveis e distorcidos nos tempos atuais, mesmo para os padrões nazistas ou fascistas que intencionam retornar novamente, mas são estas agressoras, com valores tão distintos, que tomam a frente para atacar as demais, consideradas “heteroanormais”, também outro lamentável conceito, e até pior.

Mas, é bom perceber que mesmo sendo uma minoria que ataca as que estão, por vezes, até mesmo legalmente protegidas, o restante que compõe esta maioria, mesmo sem estar a agir contra, efetivamente, ou não se importa ou não toma atitudes, nem se posiciona ao menos nas redes sociais, pois, permanece em silêncio, totalmente omissivo. É a moral mais profunda a tomar vida pela passividade coletiva das pessoas, quando o espírito obsessivo da ideologia assume por completo as ações dos inconscientes individuais que passam a ser, eles mesmos, as regras – cegas e inconscientes, e estas pessoas se tornam tão vazias e inconsistentes quanto estas regras que optam por personificar. Isto é o que Žižek chamou de interpassividade.

Estruturalmente, esta reação ocorre de forma similar ao caso dos imigrantes e refugiados, e será sempre assim quando houver dissonância entre justiça e misericórdia. Qualquer sistema que aspire ser realmente justo, precisará transcender à imanência da justiça e alcançar a transcendência da misericórdia, para todos. É o sistema que garante uma coabitação para todos, na cidade, a compartilharem um mesmo território, mesmo tendo em consideração os diversos espaços públicos que estão ali representados. É o desafio que precisa ser encarado como necessário, que é preencher o abismo que há entre estas dimensões, para cada uma das ideologias existentes, quando todos os comunitários se tornam consciente das coisas, pela comunhão de conteúdos. Talvez, e poderíamos apostar nisto, não seria abolir as diferenças, mas sim fazê-las positivas, desejáveis e viáveis.

E este abismo pode ser percebido melhor, na prática, ao percebemos que, em um destes muitos casos que operam abissalmente, dentre tantos que fazem parte deste aglomerado de justas reivindicações por uma vida digna e expressiva na cidade, há o movimento transgênero que denuncia, ao menos pelo roteiro e atuação da diretora teatral e agente de assistência a travestis e transexuais de São Paulo, a santista Renata Carvalho, em O Manifesto Transpofágico, sua peça teatral, na qual reivindica ser ela mesma o resultado de uma injustiça, dada sua condição de não adequação às regras impostas para ela, na qual não se considera responsável nem pelo que é, e nem pelo que não é.

Ao se defender, parece que já assume, ao menos inconscientemente, alguma culpa, dada pela acusação que considera existir ainda mais para quem esteja desatento a tudo o que está em causa. Pois, em nossa sociedade, todo

acusado precisa confessar sua inocência. E este é um ato que é julgado por alguma outra pessoa, um juiz, ou um júri, sempre representantes das regras dominantes. Para um observador externo, parece mesmo que há nela alguma dívida que julga possuir, até mesmo com alguma entidade superior, divina, ao reivindicar para si o acolhimento que lhe é negado, na cidade. As pessoas pensam que «*se algo é negado, é sempre por existir alguma boa razão*» e se apequenam em seus mundos cerceados pelo desconhecido.

Essa aparente culpa, expressa subliminarmente por todas as minorias, pode ocorrer para quem faz parte dela, pela perda relativa de sua subjetividade. E a adesão ideológica se dá assim, mas não necessariamente. O facto é que Renata é a única e legítima conhecedora de sua própria realidade, como sujeita inserida socialmente em uma distopia, e “sujeita” é uma flexão feminina muito pouco usada, mas que existe – e mesmo na linguagem já percebemos certas estranhezas frente a estas questões ditas como “normalidades”, e tudo isto é um imenso equívoco.

E essa aparente culpa fica mais clara quando argumenta que «*o meu corpo veio antes de mim*», ou seja, este corpo masculino que a “encarcera” veio antes de ela ser este seu estado consciente de si mesma. Pois ela foi “montada”, a partir de sua alocação compulsória numa estrutura, que lhe passou a ser estranha, enquanto estava a ser mais consciente de si, e resistiu progressivamente ao próprio corpo, enquanto estava a ocupar um espaço que julga não ser seu, não é ela. Em seu verdadeiro espaço, o seu corpo é diferente, feminino, com curvas, seios, vagina e, por isso, dissonante da estrutura que lhe foi imposta, antes dela, peluda, com pênis e voz grave.

O corpo é a primeira estrutura e, a partir dele, é destinado a ocupar outras estruturas, sucessivamente. A forma, aqui, é a determinante. O conteúdo, entretanto, passa a ser desprezado. Então, quando a forma e o conteúdo são divergentes, surge o conflito, como sempre.

E há a subversão conceitual, sempre, em que a própria ordem social dominante, heteronormativa e cisgénero, passa a acusar, equivocadamente, através de seus representantes morais, seus líderes da suposta moral e dos “bons” costumes, de que é o movimento transgénero que está a criar uma “ideologia de género”, enquanto a minoria da maioria fica resistente e movimenta esforços contrários aos transgéneros, frente à inação dos demais que compõem esta maioria. E por vezes chegam às dimensões de várias cruzadas, algumas tristemente letais.

Não está correto afirmar que exista uma “ideologia de género” que foi criada pela comunidade transgénero, isto é uma mentira, uma perversão da verdade, mas não só, como dizem aqueles que lamentavelmente se oponham a tais questões.

A verdade, em si, a partir de um entendimento do conceito de ideologia, é que a sujeita precisa sempre estar dentro dela, perfeitamente enquadrada

como lhe é determinado, necessariamente, e que esta ideologia não pode nem deve ser contestada ou contrariada, pois já estava em andamento quando nasceu, quando já estava o jogo a ocorrer, no espaço público, no território e na cidade, nestas suas diversas instâncias consideradas sagradas. E isso levou à formação de uma estrutura que já está pronta, formatada, enrijecida, a ter um espaço aberto a cada nascimento ocorrido, de acordo com a estrutura do corpo que é observada: se é masculino ou feminino, vai-se para um lugar ou para outro, mas nunca arbitrariamente: «*meninos vestem azul, meninas, rosa*». E essa é a “lei”. Não há escolha, para muitos.

Então, para uma indivíduo que se identifica como “Renata” mas que se vê obrigada a exercer um papel de “Ricardo”, que lhe foi inicialmente atribuído, não terá opção sobre si mesma, e precisará ceder à “ideologia de gênero vigente” (que é a única que existe, de facto) e negar sua própria essência dada pelas regras estabelecidas e assumir uma forma com a qual não se identifica, pois são conteúdos incompatíveis.

Não foi ou é a comunidade transgénera que criou ou queira normatizar uma ideologia de gênero, pelo contrário, querem, de facto, sem o saber ou o declarar, demolir a ideologia de gênero que já aí está, e que sempre esteve e que a obriga a ser o que não é.

Ela, afinal, não precisa mais se “montar” a si, como dizem todos da comunidade, mas sim se “desmontar”, a desfazer o que a única ideologia de gênero fez com ela mesma, pois por baixo do que lhe foi montado institucionalmente é que ela está a ser, sem ainda existir como deveria, verdadeiramente, pois é lá, por baixo de tudo, que ela encontra verdadeiramente a si mesma, sufocada pelo que lhe estão a impor. Montar-se é uma tentativa falhada de reproduzir sua essência por cima de algo que é artificial e frágil. Desmontar-se é o verdadeiro ato que se constituirá na maior força que cada um poderá fazer por si mesmo. E isto, afinal, não é apenas para os transgéneros, mas para todos. É preciso quebrar certas convenções.

Estas convenções, a partir dos sujeitos e dos próprios aparelhos instituídos, desejam determinar, pelos meios mais opressivos, que haja a ocupação compulsória de um lugar que foi destinado para cada um, apenas pela forma como nasceram, e não pelos conteúdos que possuem. E assim, de um lado, há a maioria que não consegue perceber que a “ideologia de gênero” é primordialmente deles, e completamente artificial e insuficiente, tola, boçal, e por isso querem obrigar que as minorias se adequem dentro do que já lhes foi determinado, mesmo que não caibam.

E, por outro lado, as minorias buscam modificar a estrutura majoritária que insistem em fazer parte, ao invés de construírem novas formas ideológicas e atrair os que possuam capacidade para tal, ou outra estratégia que não seja correlacionada aos velhos padrões. Mas, por atentarem contra

estes velhos padrões das estruturas ideológicas arcaicas e majoritárias, são vistas como ameaças. O conflito, assim, está estabelecido.

A subversão da ideologia é constante, pois não há apenas um “véu ideológico” a ofuscar a realidade, mas há também um “véu da falsa realidade” a ofuscar a ideologia, pelas brechas surgidas nas vulnerabilidades das regras, principalmente. Esta falsa realidade é o nosso *marketing* ideológico, nosso vilão.

E, a partir do cerne do *marketing* ideológico, em busca da manutenção do *status quo* das regras, os sujeitos fazem de tudo em nome da ideologia em que estão fortemente aderidos, ainda que inconscientemente, para que nada possa alterar a ordem simbólica vigente. É como se estivessem a terem poderes outorgados em nome da defesa desta ideologia, por vezes obsoleta, por vezes abjeta. Mas lá estão, a enviarem judeus para os campos de concentração e dizerem que só estavam a fazer seus trabalhos, que foram mandados assim, e cumpriram como se esperava ser. Em alienação, é nisto que resulta, sempre.

Alguns dos defensores mais fundamentalistas até pensam a ser como a personagem James Bond, investido de sua “licença para matar”, e a exercerem vilmente a “missão” de executarem quem se negar a exercer este papel que lhe foi atribuído pela ordem simbólica, em crimes obscenamente abafados tanto quanto possíveis dentro das estruturas aparelhadas. Quantos casos de homicídios homofóbicos, ou mesmo de feminicídios, já foram engavetados pelos agentes mais ideologizados dos aparelhos mais ideologizadores?

E não só justifica a ação, em si, mas também a inação, tão covarde quanto a ação. Muitos, em função de manutenção deste mesmo *status quo* nada fazem, mas este nada fazer é, em si, também um meio de não quererem mudar o que se está aí, é uma convivência ao que há, de não causar marolas que conjuntamente possam virar uma onda ou tsunami. Ficam em um estado de passividade total ou à espera de que alguém fará algo por si, pela interpassividade, muito mais perceptível pelas ações passivas dos agentes “politicamente corretos” das redes sociais, em que vociferam fortemente em *posts* ou através de notas de repúdios, enquanto se beneficiam de todas as possibilidades desta mesma ideologia que supostamente aparentam estar a combaterem. Não estão.

Parecem serem pessoas corretas, as pessoas as veem assim, como corretas, e pensam que está bem desta forma, e assim continuam, ativistas passivos, ou melhor, interpassivos. Para que mais? Lamentavelmente, este é o lado obscuro das ideologias, pois é também o lado participativo, essencial e funcional da sociedade que está obscurecida.

Assim visto, podemos perceber que o “politicamente correto” é um movimento ainda equivocado, mesmo com boas intenções, e uma ferramenta

por vezes improdutiva, pela própria subversão da ideologia. Os movimentos sociais precisam de uma visão mais acurada sobre contra o que realmente estão a lutar, como efeito, pois não estão a mirar as verdadeiras causas com as quais são afetados. E a cidade, todavia, segue sua vida, sem ser tudo o que poderia ser, sem abrigar a todos que precisam de abrigo, e que podem dar mais do que receber, afinal, pois estão a lutar para lá estarem, e isto já é um mérito imenso, mais do que os acomodados loquazes.

24. A morte, o gozo, o obsceno, o clímax, o anticlímax, a corrupção

E se tudo isso que chamamos de vida fosse um tipo estranho de jogo? E se fôssemos todos nós participantes de um grande *reality show* alienígena, desde sempre, mas sem que soubéssemos? Estaríamos em um imenso estúdio, e daí talvez possa ser a Terra mesmo plana, com a falsa impressão de que estamos a sós no Universo que julgamos existir de forma como nos permitem percebê-lo? Será que somos nós os verdadeiros *pets* da Via Láctea? Ou avatares de um jogo intergaláctico que não desconfiamos existir? Ou, talvez, façamos mesmo parte de uma Matrix, a viver uma vida mental e a aguardar pelo verdadeiro Escolhido...

Há devaneios existenciais suficientes para um novo livro, para além dos muitos que já foram produzidos, desde sempre e até mesmo antes das sagradas escrituras, com tais possibilidades conspiratórias que parecem absurdas dentro de nossa lógica filosófica com pretensões puramente racionais. Mas, tais devaneios conspiratórios se mostram até razoáveis para tantas outras perspectivas intelectuais acerca da existência humana como, por exemplo, a sua própria criação dada por um agente criador. Mas, não podemos deixar de perceber, pelas possibilidades dos próprios absurdos que sempre acabamos por criar e consumir, obscenamente, que a partir de certas perspectivas existenciais observadas na cidade, a vida poderia mesmo ser considerada um jogo e, como tal, mesmo que não estejamos sob o jugo alienígena, buscaremos compreender o que isto – jogar – significaria para todos nós, ao assumirmos que estamos mesmo a jogar.

Vamos, então, buscar alguns dos cenários de jogos possíveis, preliminarmente, para percebermos como isto se daria, provavelmente, de acordo com alguns critérios que podemos destacar, em comum, como o clímax e o anticlímax dos jogos da vida, mas principalmente sobre a duração do jogo, ou a forma que este deixaria de existir, em relação ao seu fim, ou o fim do jogador.

A primeira perspectiva sobre os jogos que podemos considerar, intelectualmente, será a que mais trará resistência à ideia de que estamos a jogar um jogo, ao invés de vivermos, simplesmente. Pois, nos jogos tradicionais que conhecemos, como as cartas ou tabuleiros, dentre tantos outros jogos que existem, percebemos que podemos “matar” o jogo quando bem entendermos – como se tivéssemos pleno domínio sobre ele, e não o contrário. E isto significa que o jogo passa imediatamente à condição de morto ao deixarmos de jogá-lo, sempre que quisermos – e nós, candidamente, continuamos vivos. Assim, é o jogo que é morto, pela rutura que nós mesmos causamos entre nós e ele, independente de quaisquer outros requisitos. E,

com isso, temos a liberdade de escolher ou fazer o nosso próprio jogo, ou jogos, pois não ficamos presos a nenhum deles. A vida não parece se assim, obviamente, e isto leva o senso comum a dissociar a vida dos jogos.

Pois o gozo no jogar é mesmo este: o próprio prazer pelo jogo, em si, e pela liberdade de se jogar apenas quando quiser, até que se atinja a saciedade. O clímax é a liberdade que se exercita e o anticlímax é a frigidez que se obtém, em dado momento, quando o prazer de se jogar deixa de ser bom, pois quando se atinge a saciedade, depois vira monotonia, e opta-se por terminar o jogo. Mas o jogo da vida até poderia ser assim, mas não seria apenas assim, feito de partidas e com liberdade total de jogá-las, ou não – mas, honestamente, é assim que queríamos que fosse a vida, intimamente.

Na segunda perspectiva, dentre tantas, há que se considerar, em contraposição, aqueles jogos que nunca terminam, que estão sempre a acontecer e que até poderiam ser jogados por toda uma vida, até a morte chegar, inclusive. Em especial podemos citar alguns dos jogos eletrônicos – os *video games* – que permitem isto, como o Minecraft e o The Sims, e todos os outros que logo surgirão no metaverso, na qual o jogo não tem um objetivo específico nem uma duração estipulada – como a própria vida, sempre a ocorrer, independente de nós, individualmente. A morte, neste caso, significa a derrota do jogador, que é impossibilitado de matar o jogo, por este não ter um fim estabelecido – não há a finitude para o jogo, apenas para o jogador. Não é o jogo que mata, mas é o jogador que morre. O que o jogador deixa no jogo, então, no máximo, é o seu próprio legado, a sua contribuição feita enquanto estava a jogar no mundo lúdico considerado e compartilhado, e tudo o mais que há nesta dimensão na qual o jogo se realiza. O clímax é a realização do próprio legado, que perdurará para além do jogador, infinitamente, dentro do próprio jogo, que continuará a ser jogado por outros jogadores – e é a forma de o jogador ultrapassar sua própria condição finita. O anticlímax, aqui, é a seriedade que pode assolar o jogador, quando este deixa de ter o prazer de jogar e percebe que está a ser ele próprio dominado pelo mundo que está a construir, involuntariamente, pois passa a fixar todas as suas ações para a construção do seu legado, e o prazer pelo jogo deixa de existir – é como se o mundo cobrasse o seu preço para ser jogado, para que se pudesse perceber a existir. E o jogo da vida pode ser assim, por vezes, mas não é apenas assim, pois há mais a se considerar.

Mas, há algum cenário em que o jogo pode matar o jogador? Sim, ao menos simbolicamente, nesta terceira perspectiva. E, neste caso, o jogador pode permanecer vivo, mas fora do jogo, e assim, nem tão vivo assim. É possível que o jogador passe a ser um excluído, e fique apenas a torcer, desprovido de seu lugar de jogador, que passa a ser ocupado por outro e que continua a disputar a vitória não obtida pelo eliminado, e bem à frente deste, que fica a assistir a tudo, como se ele mesmo fosse a maior vergonha do

mundo, com todo o peso da derrota em suas costas. E isto nunca é nada bom, obviamente, pois o que ocorre é um sentimento de impotência, na qual a morte assume um significado consciente de inexistência, como se a vida passasse a ser uma experiência de quase-morte, na qual o corpo está inerte, sem nenhuma interação ou sensibilidade, e a consciência continue a existir, conectada a tudo, a tentar perceber realmente o que está a ocorrer consigo, e com o mundo, mas sem chances de interagir, sem meios de jogar e de ser percebida pelos demais – fica-se invisível quando se está fora do jogo, por ter sido eliminado.

Por isso, nestas condições, muitos optam pela saída da vida, pela autoexclusão secundária, que é a confirmação da exclusão primária, dos jogos principais da vida. Poderia o excluído jogar outros jogos, mas este não pensa assim, pois é tomado pela vergonha, culpa, medo e todos os outros sentimentos reprováveis e sociais, feitos para segregar os que sejam ameaças, e louvar os que sejam possibilidades. Marx⁵⁴ escreveu sobre isso, ao abordar a temática do suicídio «*Que sociedade é esta, de facto, em que se encontra a mais profunda solidão no seio de muitos milhões; em que se pode ser subjugado por um desejo irreprimível de se matar a si mesmo, sem que ninguém o adivinhe? Esta sociedade não é uma sociedade, é, como diz Rousseau, um deserto povoado por animais selvagens.*». E este é o resultado provável para alguns dos jogadores eliminados, a autoexclusão pelo suicídio. O clímax, aqui, passa a ser o próprio retorno ao jogo, a saciar o desejo de voltar a existir por estar a jogar novamente – não se deseja vencer, mas sim o próprio jogar. O anticlímax será, então, a decorrência do retorno, da objetificação voluntária na qual se aceitará qualquer posição no jogo, a qualquer custo, pois uma vaga na estrutura passa a ser o que há de mais importante para quem quer estar a jogar, e este aceitará pagar o preço que lhe for pedido por isso. O anticlímax não é a autoexclusão, pois isto é uma reação, e mais uma jogada, ainda que fora do jogo, ainda que definitiva, sem dúvida uma resposta à condição existencial indesejada. E o jogo da vida também pode ser assim, por vezes, mas não é apenas assim, pois há mais a se considerar.

E, a quarta perspetiva aqui destacada, mas não a última existente, é a que mais se afinizam com a nossa mais comum visão sobre os jogos, no que sentimos e percebemos deles, na maioria das vezes, a incorporar um pouco das versões anteriores. Aqui a vida nos parecerá como um jogo que termina com a nossa própria morte, sem que ninguém nos elimine, nem mesmo o próprio jogo. Apenas somos nós que deixaremos de existir, algum dia, e até lá continuaremos a jogar, pois nos disseram que é para ser assim, sem nunca

⁵⁴ MARX, Karl. Peuchet: do suicídio. Tradução de José Miranda Justo. 1ª ed. Lisboa: Antígona, 2016.

desistirmos da vida e do jogo. Assim, hibridamente, por vezes pensamos que o jogo terminará definitivamente ao morrermos, e por outras vezes pensamos que o jogo continuará sem nós. No meio, as inconsistências do que aprendemos e do que percebemos. Mas, sempre, optamos por seguir a jogar. A questão central, nesta perspetiva artificial produzida pela ideologia e seu *marketing*, sempre será a possibilidade de se ultrapassar a morte, no aspeto da nossa própria finitude, mas não apenas a nossa, mas também a do jogo. E assim, o *marketing* nos traz tudo o que for preciso para que nossa atenção seja desviada do fim para o pós-fim, da vida para o além da vida, do final do jogo para o legado. Pois, isto é muito facilitado por sermos o que somos, pois somos, em dada medida, o próprio jogo, e o jogo somos nós, simultaneamente. Por isso, para nós, o clímax passa a ser sempre a intensidade que temos ao jogar, pois é isso que o *marketing* nos diz ser realmente importante – razão pela qual a felicidade e o prazer são sempre a nossa maior prioridade, em tudo o que fazemos, e tão valorizados socialmente, pois a felicidade é um dos produtos mais valiosos que existem para o *marketing*, que nos faz ficar presos à estrutura em busca desta realização que nunca chega, desta saciedade que nunca satisfaz, mas que nos seduz a continuarmos a progredir em tudo o que fazemos – a produzir e a consumir, pois, é através desta vida regrada que nos chegará a mais visada das promessas – ser feliz – é o que todos pensam querer para si, pois foi assim estabelecido pelo *marketing*. É o gozo, afinal, o grande prêmio que buscamos, mesmo que nunca tenha existido uma evidência sobre tal estado sublime de realização. Dizem existir, dizem ser possível, e acreditamos. Para a maioria, isto basta-lhe.

Não basta haver apenas o que seja bom, mas é preciso a intensidade do bom, dos excessos, dos limites que precisam ser sempre ultrapassados – pois isto é a esperança da possibilidade de ultrapassar o que é finito, exacerbar-se a si mesmo, sem limites, e com todos os potencializadores que existem para se evitar a dor e atingir a fruição das experiências de vida. A esperança pressupõe o merecimento de algo, e isto é buscado pelo cumprir das regras, por se estar a partilhar das mesmas crenças e desejos de todos os que estejam do “lado certo”. Todos que possuem esperança se acham merecedores dela. Mas também há a fé, há a convicção de que algo poderá ocorrer, a ir contra todas as probabilidades existentes, ruins, a resultar em algo melhor: e são as possibilidades. Ter esperança é também ter crença nas possibilidades. O anticlímax aqui não poderia ser diferente da própria finitude – certa, provável, da frustração de haver um fim, uma barreira intransponível que limita a experiência. E tudo o que leva a tal afirmação é negado, ignorado e desprezado. Busca-se apenas o belo, o perfeito e a idealização do paraíso com sua vida eterna e farta. Mas o tempo é o indissociável sinal de decrepitude, de contagem regressiva, e isto passa a ser

frustrante para os jogadores, pois estão a jogar contra o tempo, sempre a tentarem não sofrerem o efeito dele, nem esteticamente, nem de forma alguma – a juventude sempre é mais atraente. O anticlímax é, também, o próprio tempo, pela sua linearidade irritante, e sua contagem ininterrupta.

Se pensarmos que sempre são buscados os excessos em tudo o que se faz, quando possível e desejável, percebemos que o anticlímax ocorre sempre pelos excessos dos antagônicos, de forma geral. Por exemplo, percebermos que o obsceno é mesmo o excesso de pudor, e não a falta dele. O obsceno é um verdadeiro anticlímax, muito antes de ser estimulante, ele é frustrante. Pelo tanto de pudor que pode existir em algo – e isto é seguir o que está estabelecido convencionalmente pelo esquema estrutural do possível, daquele mesmo que consegue aprisionar o jogador apenas pela necessidade de este estar sempre a jogar, e que passa a ceder a tudo o que lhe é exigido, em especial pelo *marketing* e pelas regras, percebemos que o excesso do pudor leva sempre ao obsceno, pois intensifica os contrastes que facilitam a percepção das brechas, das fissuras, que sempre estão a nos ofuscar, tanto mais quanto mais selvagens somos, capazes de percebermos melhor a obscenidade em tudo o que há.

A nossa finitude, obscenamente, passa a ser o excesso da vida vivida, e a miséria do que nos falta – do tempo que esperançosamente desejamos ter. Quanto mais acumulamos tempo, menos teremos tempo para acumular mais – e a relação com a própria finitude vira uma relação igualmente obscena, pelos excessos apreendidos que levam à escassez do que mais tivemos, até então. O tempo vivido é inócuo para se reproduzir. O capital, ao contrário, se reproduz com o nosso tempo doado a ele, mas o nosso próprio tempo não. E isto é o antagônico, pois se o capital pode dar uma maior expectativa de vida, o esforço de reproduzi-lo leva à maior privação da própria fruição do tempo, quase que integralmente doado ao capital, que nos promete o que não pode cumprir, e nos leva à alienação da própria condição de humanidade. É justamente o ócio constante que nos dá o máximo contato com o tempo, mas isto não é jogar, propriamente, de acordo com o que pensamos ser o ideal de vida neoliberal. Mas é o ócio o verdadeiro jogo, a verdadeira partida que permite o máximo prazer, a máxima fruição, que nunca é visto como tal.

Quando nos percebemos frente aos excessos, atingimos os níveis obscenos do anticlímax, pelo desperdício de algo que estamos a acumular, pois sempre buscamos preencher o que já está completo, ou vice-versa, a buscarmos esvaziar o que sempre esteve vazio. Viver assim, obscenamente, passa a ser ignorar a própria finitude, a esvaziar a morte de seus conteúdos, mas ela sempre esteve vazia, dado que nunca foi um conteúdo, mas apenas uma forma, uma dinâmica do próprio jogo. Assim, passa-se a desejar preencher esta forma, quando percebida como tal, mas ela sempre esteve completa, como forma, sem que se possa alterá-la pois não há brechas

verdadeiras, nem espaços ociosos nela. E o sujeito, divide-se ou duplica-se, a não perceber mais sobre suas formas e conteúdos, e tudo passa a ficar confuso em si. E assim a vida nos parece, um jogo para se ultrapassar a nossa própria finitude, mas que nos parece sempre inconsistente, pois é mesmo obsceno, visto que continuamos sempre a jogar, por nada que justifique perdemos o que não temos, ou ganharmos o que não podemos.

Por isso a vida não é um jogo qualquer, visto que na perspectiva do jogador não é um jogo mortal, mas um jogo rarefeito, sem fim, no qual a impossibilidade de jogá-lo se dá sempre pela própria morte, que se assume nunca ser causada pelo jogo, pois a morte é conceitualmente expurgada do jogo, considerada como algo que está fora de tudo o que seja possível, pois ela representa o impossível. O jogo, então, passa a ser considerado como a própria oportunidade de dar o que ele próprio tira: a vida possível de ser vivida com liberdade. Frente à morte, frente ao impossível, passa-se a nutrir o desejo de ter sempre um lugar de jogador, para se jogar na estrutura do possível, na selva conceitual da ideologia. E, o que há de mais obsceno do que isto? O jogo da vida é a mais poderosa e eficiente forma de subversão que a ideologia é capaz de produzir, pois é nele que a vida passa a ser vivida, pois busca-se o que está a dar gratuitamente: vida.

Mas são poucos os que querem perceber sobre isto, neste jogo. Não por não conseguirem, pois conseguiriam sem dificuldades; mas, por não quererem, pois, lidar com a morte é lidar com a impossibilidade, é lidar com o real, com o que está para além das possibilidades. Por isso, a aversão que existe em todos. Pois a morte passa a ser ignorada, geralmente, em detrimento das possibilidades que passam a ser oferecidas, das chances que são ofertadas para se ultrapassar a própria finitude, desde que se esteja dentro do jogo. Percebe-se que o jogo é eterno, e que também poderá sê-lo, a continuar a jogá-lo em novas dimensões, como se passasse de fases nos *videogames*, a progredir até o último nível, o paraíso prometido aos vencedores. Não estar no jogo passa a ser como estar morto, fora das possibilidades existentes. Mas sempre haverá o jogo, pensa o jogador, independente da finitude dos jogadores ou da impossibilidade de se jogar – e por isso só é preciso sempre encontrar uma forma de se manter no jogo, seja lá o que for necessário fazer para continuar a jogar. E o jogo passa a ser o próprio propósito da vida, a própria chance de ultrapassar a si mesmo, a superar a própria finitude. A obscenidade em sua máxima expressão.

Como seria este jogo, na prática?

Para o pensamento dominante mais comum, o jogo da vida teria muitas similaridades com o *Squid Games*⁵⁵ considerado na versão do seriado sul-

⁵⁵ Segundo a Netflix: «Um grupo de pessoas passando por dificuldades financeiras aceita um estranho convite para um jogo de sobrevivência. Um prêmio bilionário»

coreano da Netflix, ou muitos outros similares a este, em que há regras existentes para estabelecerem as condições para se atingir uma vitória, e esta vitória é o máximo que alguém poderia ter para si – e o jogo só termina quando houver um único vencedor, aquele que se manteve vivo até ser apenas ele o escolhido, por ter sido capaz de resistir mais do que os demais. Sim, um jogo dado em partidas únicas, que representam sempre as chances da vitória possível e provável, para a perspectiva do jogador.

A diferença do Squid Games para o verdadeiro jogo da vida, é que neste as regras sempre são tomadas de forma confusa pelos jogadores, ou até mesmo parcialmente ou totalmente ignoradas, e sempre muito mal compreendidas. O problema central, como sempre, é o erro de cálculo probabilístico que se comete sobre a possibilidade da morte frente à vitória sonhada e imaginada – é o velho erro sobre a verdadeira essência da finitude – de si mesmo, e do jogo. E nisto reside todos os problemas da vida, talvez.

E, assim, poderemos perceber que quase todos que já estiveram ou estão a jogar o jogo da vida não estão tão comprometidos com suas estratégias e às formas de se jogar – seja por não saberem que estão em um jogo, seja por não conhecerem as regras – e é por isso que muitos possuem pouco sucesso ou controle sobre suas “performances”, pois apenas conseguem perceber as possibilidades, as promessas que lhes foram feitas para continuarem a jogar, completamente inseridos na estrutura conceitual do possível. A verdade é que a maioria está em grandes dificuldades nestes jogos, e na vida, e só querem sobreviver, sem nem mesmo perceberem que já foram eliminados pelo jogo, que estão apenas a fazer parte da plateia, como meros expectadores, e que nunca tiveram mesmo chance de aceder estruturalmente, como prometido.

Mas, afinal, quais os objetivos e, principalmente, quais as regras deste jogo da vida? Eis a questão mais prioritária, dentre todas as questões que temos sobre este tema.

A única coisa que podemos admitir por agora, como verdade incontestável sobre este tema, é que o resultado da vida seja, talvez, a única certeza que consensualmente existe: a morte. É preciso reinserir a morte no jogo, pois ela é parte incontestável da vida, mesmo que seja o marco final da vida. Portanto, a atratividade deste jogo não poderia estar neste final, já assumido como indesejável. Só alguns poucos, raríssimos, a se contar nos dedos, que aceitam participar de jogos nos quais o final será sempre a morte real, a letalidade derradeira da friagem cadavérica, quando se perde tudo, definitivamente, como no caso da roleta russa. Há o jogo, todavia, e é jogado, mesmo que seja para nos evidenciar que a esperança na vitória é algo sempre presente. E isto

os aguarda, mas as apostas são altas e mortais.». Saiba mais sobre o seriado em <https://www.imdb.com/title/tt10919420/>.

já explica muita coisa em relação à permanência dos jogadores nos jogos mais letais.

A atratividade mais provável, a que atrai a maioria dos jogadores, não é chegar ao final do jogo, propriamente, mas sim terem a necessidade de estarem sempre a jogarem dentro deste espaço temporal em que o jogo se dá, que é chamado de linha da vida – o interesse pelo jogo está no próprio jogo, e o sentimento comum é o mesmo, no qual só se está bem na vida quando se está a jogar, nas pequenas vitórias que são possíveis obter durante a própria existência. Mas isto é, como vimos, obsceno.

E chega-se o momento de percebermos melhor, conceitualmente, sobre o obsceno, sempre referido.

Há sempre transgressões em tudo o que é conhecido e definido pelas regras, dentro das estruturas às quais todos estamos alocados. E tais transgressões ocorrem por limites que são ultrapassados, mas não são quebrados, pois eles continuam a existir e a atuar como tais. Mas há sempre as brechas ocasionadas pelas impossibilidades das regras de atingir uma universalidade – pois a universalidade é mesmo uma ilusão tão forte que é tida como verdade, e as regras espelham estas crenças falsas, quando estabelecidas. Mas, se a universalidade é algo impossível de praxis, as regras espelharão também esta condição de serem universalmente impossíveis. Mas o impossível, tal como sabemos que ocorre com a morte, é logo dado como possível de ser ultrapassado, quando se está na estrutura conceitual do... possível. Para a ideologia, tudo é possível. E surge a corrupção.

Ao se contrariar algo que já tenha sido determinado por uma regra, se atingirá um extremo estatutário que colocará o transgressor em contato com o impossível. Como, por exemplo, quando o simpatizante passa a questionar sua religião, ao colocar a existência da alma em questão, que também levará à conclusão de que, se não existe alma, então também não há a imortalidade dela e, portanto, há a morte absoluta, o nada. Sempre, pelas brechas, uma questão feita pode levar à demolição completa do sistema de crenças. Por isso, os considerados subversivos são sempre tidos como inimigos. Mas, o sistema é eficiente, inteligente, e fez com que outras regras passassem a existir para minimizar tais vulnerabilidades. Afinal, existem incontáveis regras, dentro de incontáveis sistemas de regras, dentro de incontáveis ideologias – e umas a protegerem as outras, sempre a protegerem o sistema, a estrutura conceitual do possível.

Por exemplo, não se pode matar ninguém, mas se quem o faz consegue provar que foi por legítima defesa, é inocentado pela lei, ainda que passe a ter um novo estatuto de “assassino” atribuído a si, mas logo haverá outra regra para que possa se redimir por isto, e assim segue. Mas, em resumo, cada qual escolhe as regras que são mais importantes para si, e nunca se chega à universalidade pregada pelos representantes, obviamente – até por que tal

síntese levaria a uma extrema fragilidade – quanto mais regras, mais forte fica o jogo, pois sempre há melhores formas de controle sobre os jogadores. Haverá, por exemplo, pessoas que nunca matariam alguém, mesmo que por legítima defesa, e que preferem morrer a serem consideradas assassinas. Mas, se desejam matar alguém, em nome da estrutura, ou por mando desta, poderão fazê-los, pois, serão ilibados de quaisquer condenações. Sempre há uma instância das regras em que cada um escolhe para ser os seus limites, como se estivessem a serem livres, pois regras podem ser facilmente contraditórias entre si, e geralmente são, pois é daí que emerge o obsceno da falsa sensação de liberdade, pelos excessos dos antagonismos. Mas, não apenas é sobre a liberdade lícita, mas também da ilícita, dado que sempre haverá alguma regra que sustentará o que se quer fazer. É quando se dá a corrupção.

Portanto, quando um determinado empreendedor, com interesse em algum benefício ou aprovação legal para o seu negócio, passa a subornar um funcionário público a troco de uma carimbada ou alguma outra concessão legal que este pode lhe conceder, há nisto a ultrapassagem de algumas das regras criminais estabelecidas que afirmam ser estes atos possíveis de serem feitos – pois estão mesmo previstos na lei. Pois já vimos que o impossível não pode existir dentro da estrutura conceitual do possível, e as leis existentes possuem tudo para já justificarem e balizarem os que as transgredirão, ao menos para além das regras morais mais comuns. Há, assim, um crime já consubstanciado, e passível de prisão, mesmo antes de ser cometido.

Mas, por qual razão o criminoso comete o crime, visto que o risco é imenso? Pois há também, para ele, outros mandamentos superiores, com outras regras mais elevadas, que ele poderá alegar para justificar sua ação como apropriada, como por exemplo o progresso da economia (que, para estes, algumas das regras insistem em atrapalhar) ou ainda a possível geração de empregos (ainda que, pelo perfil típico do subornador, provavelmente resultarão os conhecidos subempregos, de trabalhos precários e com total negação dos direitos trabalhistas – que são também, para ele, “custos ruins” que impedem o crescimento económico).

Além disso, pode recorrer à condição de sua posição privilegiada, dos contactos que possui com os executores da lei, a lhe facilitarem a vida, de serem mais indulgentes, ou até mesmo a cultura de impunidade que há em sua cidade. Mas, no final, será mesmo a busca pela possibilidade, via uma oportunidade, que o levará a ultrapassar todas as regras para auferir o ganho que deseja, geralmente financeiro – sairá do impossível para o possível. Até mesmo os maiores fundamentalistas possuem seus momentos de corruptos e corruptores. Tudo em nome das possibilidades.

Assim, ao se atender a diretriz dada por uma regra superior, atualmente de ordem económica, que busca estimular o progresso geral (e o seu), deixa-

se facilmente de lado o atendimento das regras de base, de ordem legal, ordenativas, que buscam estabelecer o que se considera ser a justiça comum. Percebe-se, portanto, a prévia posição contrária às regras que o neoliberalismo aparenta ter, dado que cultua o fundamentalismo do livre mercado, que tudo o que seja contra o mercado passa a ser o inimigo, o impossível e, por isso, precisa a ser expurgado e ultrapassado. E os impostos, as leis, a equidade e tudo o mais passam a ser a própria morte simbólica neoliberal.

Desta forma, o ato de suborno passa a ter dois momentos que se configuram como um antagônico êxtase para os envolvidos, e também para todos, de uma forma geral. Daí, percebemos esta contradição entre o êxtase (ou o clímax) como o gozo (que passa a ser um anticlímax, aqui), ou equivalente, ao que Lacan estabeleceu como um processo de contradição evidente. Há a satisfação consciente, pelo progresso econômico e o benefício que auferem com o crime (e leva a um acolhimento melhor, por ter mais “sucesso” na vida), e a insatisfação inconsciente pelo desprezo às regras ao fazer a subjugação da justiça. Sempre é a dicotomia entre a misericórdia e a justiça, entre o transcendente e o imanente, entre o consciente e o inconsciente. Tudo, afinal, em relação dialética, triádica, na qual o indivíduo se fragmenta cada vez mais que se embrenha na selva conceitual do possível.

Esta fragmentação da realidade exposta é o clímax e o anticlímax do gozo, que ocorrem em simultâneo e, portanto, está configurado o que é mesmo o obsceno a ser evidenciado em nossos textos.

Portanto, o obsceno não é necessariamente algo sem pudor, mas sim o que percebemos com um excesso de pudor, em relação à ideologia dominante, para que tudo o mais seja tomado como irrelevante, quando se age para atender aos “seus” próprios interesses majoritários, mesmo que se ultrapassem as próprias regras estabelecidas, mas, claro, sempre de forma “justificada”.

Isto é o obsceno, algo que possui em si tanto pudor, mas tanto pudor, que chega a ser obsceno fazê-lo. Por isso, algumas das regras, não poucas, são consideradas obscenas, justamente por cristalizarem esta proposta de atitude com o máximo do pudor possível.

O que justifica isto é que as possibilidades estão acima das regras, e as regras que são sempre obsoletas, na prática, ficam ainda mais vulneráveis e apresentam suas fissuras, e o mundo, mesmo a ser proveitoso para quem esteja a obter mais vantagens e situações melhores na estrutura, acaba por ser considerado totalmente incoerente, pelas brechas que eles mesmos passam a expor, ainda que por breves momentos, toda a vulnerabilidade da estrutura existente. Se nada disso ocorrer, ainda haverá a morte, a quebrar todas as ilusões dos que estejam completamente aderentes à estrutura. Um dia a casa sempre cai.

Os mais ricos e privilegiados, e mesmo os que estão no topo do topo, os VIPs, podem até terem expectativas de uma vida obscenamente mais longa, mas o final será sempre o mesmo, pois a morte sempre acabará por vir, cedo ou tarde. Por isso, as questões naturais, como a morte, não são, nem podem, serem consideradas obscenas.

Há que se perceber que toda a obscenidade está apenas nas questões intrinsecamente humanas, em especial nas regras, quiçá nas próprias ideologias. A morte, afinal, acaba por ser uma depuradora, ou salvadora, dos delírios ideológicos. É o único facto que iguala todos a um mesmo processo, que conecta ao que é real, ao que está para além das ideologias mais poderosas que existem.

Ainda que os VIPs, os únicos que podem pagar o altíssimo preço, pudessem ser todos congelados, criogenicamente, já não haveria mais a vida a acontecer dentro do frigorífico, com seus corpos transformados em picolés de ultramilionários. A vida mental, se possível continuar a existir, poderia ser de duvidosa qualidade ou mesmo frustrante. O mais certo, na melhor das hipóteses, é que o congelamento representasse uma prisão para a consciência, das piores que existem, em que se está preso em seu próprio corpo, sem poder interagir com ninguém e ainda a passar muito frio. A pior morte que se poderia ter, afinal, em nome de uma esperança futura improvável, para não dizer impossível. E não é assim, no jogo da vida, obscenamente a abrir mão da vida pela esperança da própria vida eterna?

E, mesmo assim, se algum dia, para os ultracongelados humanos, existirem as possibilidades de voltarem às vidas conscientes, suas mortes biológicas voltariam a ser uma certeza, novamente, pela própria obsolescência orgânica que eles ainda possuem, e que todos possuímos. Por isso que assumir a vida como um único jogo seria, necessariamente, assumir ser indesejável e desagradável chegar ao fim deste jogo. Por isso que perceberemos que este jogo letal é o verdadeiro jogo principal da vida, que culmina na morte, mas o ignoramos ao percebermos que há infinitos outros jogos, derivados, que sempre prometem ultrapassar esta finitude biologicamente decretada.

Há muita incoerência nas pessoas que dizem buscar um destino para suas vidas. O único destino da vida é sempre a certa morte. Não há outro. A interpretação correta de alguém que está a dizer que seguirá seu destino é que este morrerá, em breve, visto que o destino é mesmo único para todos.

Ainda que existam inúmeras ilusões sobre a morte, ou a possibilidade da vida após a morte pela alma eterna, ou quaisquer outras formas de continuidade existencial, muitas delas até mesmo agradáveis, como a vida eterna no paraíso, a morte do corpo é mesmo algo natural e factual. Não há como se fugir disto, mas há como disfarçar, esquecer e mudar a forma de se viver a vida – não a vida “principal”, de um único jogo, mas as vidas

“secundárias”, onde existem os infinitos jogos e todas as possibilidades possíveis de imortalidade a serem projetadas.

E isto significa sair da ideologia natural (principal) e seguir para a produção e reprodução de novas ideologias, até mesmo provocadas ou artificiais, como utopias e distopias, religiões, seitas, etc., com evidentes objetivos de, ao menos, trocar o verdadeiro destino pelo do entretenimento.

Por isso, é sempre preferível dedicar-se aos jogos citadinos que surgem dentro dos jogos, fragmentá-los conforme novas condições mais sedutoras, dar-lhes a configuração de níveis, de complexidades, de rankings e multiplicidades, em que os objetivos sempre estejam em elevar os níveis da competição para jogos cada vez mais promissores e compensadores, em que a cada subida se esteja mais perto das possibilidades, e preferencialmente que haja mais obscenidade nas corrupções das regras e se obtenham mais privilégios aos jogadores melhores posicionados, portanto. A estrutura passa a ser sedutora, recetiva e com sensação de oferecer segurança contra tudo que seja ameaçador.

Sempre há um interesse oculto que todo jogador possui de controlar o próprio jogo. Desta forma, o final ilusório destes jogos dentro do jogo da vida não será, necessariamente, a morte, mas sim a imortalidade que passa a ser projetada como possível. E criam-se, assim, estas novas possibilidades, de acordo com o que as ideologias apresentam como funcionalidades para si próprias.

Eis que as reproduções dos jogos são também, necessariamente, reproduções ideológicas. E as ideologias se fracionam de formas semelhantes aos jogos, mas bem mais discretas, mais imperceptíveis. Uma ideologia se reproduz sempre dentro dela mesma, sempre com alguns a criarem algo estanque dentro do que já existe, à imagem e semelhança destas – pela ação do marketing, a ideologia assume-se diferente, cria limites, e começa por se diferenciar, mesmo com todos os elementos em comum, pois tudo advém dela mesma. É por isso que sempre se pode pensar na ideologia como fractais, em que as novas formas que surgem possuem semelhanças quase idênticas entre si, com formas e conteúdos que diferem sutilmente, quase sem se perceber muita diferença. A diferença é sutil, distante. Ao se aproximar, quase nem se percebe que está mais próximo do novo, e mais distante do antigo. E, tais fractais sempre “nascem” a se alimentarem do que a ideologia mãe possa oferecer como possibilidades. São disfarces de uma mesma origem.

Fractais que crescem dentro de fractais maiores, e evoluem, até chegarem ao ponto de se igualarem, mas nem sempre. Se ficam grandes o suficiente, podem criar uma tensão tão poderosa entre seus limites que ou levará a uma rutura da ideologia mãe, que poderá se extinguir ou até mesmo ser absorvida pela reprodução, ou ainda, mais raramente, gerar um expurgo, tal qual uma

excreção em que a ideologia mãe coloque sua fractalidade para fora de si, a criar polaridades que se antagonizarão fortemente, pelo antagonismo das regras, o que é mais raro de ocorrer. Pois as obscenidades sempre se dão nas pequenas instâncias, geralmente.

E é assim que diversas ideologias, a quase totalidade delas, se comportam: a tentarem se relacionar com a finitude, com o impossível, de forma a obterem chances de negociarem e obterem o que há de mais precioso – que é o tempo, o anticlímax da vida. Mas, tal negociação se dá subliminarmente, sem considerar a morte como certa, e que passa a existir como um ponto cego do observador da linha do tempo da vida. Ainda que no cotidiano da vida exista a sombra constante da morte projetada, não será uma lembrança constante, nem um parâmetro relevante. É algo paradoxal, portanto.

Há, ainda, algumas formas devocionais para a morte, e alguns estranhos rituais, em que a morte é referenciada abertamente, em certas datas estranhamente comemorativas, em que é especialmente cultuada, ainda que indiretamente, e tomada como uma entidade superior, mística e dada como objeto de devoção. Isto é, nas cidades, pois a morte não é tão distante assim nos espaços públicos, nas comunidades isoladas, e nos que vivem a sós, em constante diálogo e negociação com ela. Tanto maior a concentração urbana, mais ela é sublimada.

Mas, tal intenção de interação urbana é tal e qual se busca fazer com as regras, em que se busca sempre negociar possibilidades. Tanto para as regras, como para a morte, são atos inconscientes e nunca oferecem nenhuma resposta, para além do silêncio. A morte é um decreto irrevogável, dado como certa. O consolo para a morte, vem do outro humano, que é igualmente aterrorizado por ela, daí o lamento consolador compartilhado nos centros mais adensados, se não obtido voluntariamente, ao menos obtido comercialmente, nas instituições consoladoras, com seus anestésicos poderosos contra as dores existenciais.

E, assim, o sujeito acredita ser um bom plano B estabelecer uma referência respeitosa e velada à morte, falsamente, enquanto, contra o tempo, busca formas de seduzi-la, seviciá-la, suborná-la, traí-la ou qualquer coisa que possa quebrar sua condição de irrevogável. Não a quer servir, nem se aproximar dela, mas ousa esperar alguma brecha para uma possível reviravolta, uma corrupção com aspirações para que ela se torne igualmente obscena. Mas, a morte pode ser tudo, menos obscena.

Mas ela é pudica, contém em si o máximo pudor que podemos conhecer, totalmente incorruptível. Nem tudo possui preço, afinal. Por isso nunca se consegue fazer uma proposta corrupta, diferente de todo o resto dos jogos, pois há um incomensurável temor, um efeito de puro pavor e desespero, caso ela “queira” punir quem se rebelde contra ela.

E por isso é atribuída a ela, assim como nas ideologias, uma personificação. Mas, para a morte, é destinada a ela não uma face meiga e amorosa, mas sim uma face gélida e sombria, e com poucas expressões humanas, esqueléticas, completamente inabalável, a ceifar as vidas sem remorsos e conforme os critérios estabelecidos, seja por ela ou por alguém superior, pois tudo em relação à morte é mesmo desconhecido. Mas, personificada passa a ser ilibada de todas as culpas, pois se passa a considerar que “ela” apenas cumpre uma função que lhe é atribuída, e considera-se que não seja “ela” quem define diretamente quem morrerá, ou quando, ou como, e nem o porquê.

Talvez ela até possa definir como se dará o fim da vida, mas não quando. Ou quando, mas não como. Um poder parcial, limitado, a denegrir sua inabalável posição. Assim, ao rebaixá-la, o impotente e mortal humano se sentirá melhor. E até nesta frustrada e infantil tentativa de humanizar a morte fica a esperança de que cabe exclusivamente ao sujeito o esforço para atingir sua própria imortalidade, ao driblar com suas habilidades a “funcionária” incorruptível que carrega consigo uma foice e uma missão que sempre cumprirá, cedo ou tarde, indistintamente.

E tudo passa a ser válido para se distanciar do fim, a barganhar com o que for possível, ou mesmo práticas para prolongar a vida, mesmo com toda a incerteza que há: dietas, meditação, jejum intermitente, incensos, banhos gelados, religiões, etc. O máximo gozo, em relação à morte, é a própria possibilidade de se negociar um tempo de vida a mais, no máximo. Mas o problema é que ninguém sabe qual é o seu tempo estabelecido para viver, originalmente. E a morte nunca responde a nada. Um jogo sempre perdido.

Um paradoxo que pode se resolver ao se mudar de jogo, ao sair do jogo em que ela seja o fim, para um outro, em que o fim não seja ela. Surgem os infinitos jogos ofertados pela ideologia, cada um com suas propostas mais sedutoras e impensáveis. E o céu passa a ser o limite, desde que não seja lá que esteja a morte, e também desde que não se precise morrer para se chegar a este céu – pode-se ser, simplesmente, arrebatado, como se está, sem dor nem sofrimento.

A corrupção, assim, passa a ser desejada e fica a cargo de se pretender negociar, ilusoriamente, com os representantes da ordem simbólica, das regras, este tempo a mais, ou ainda a aquisição de uma merecida eternidade ou, se não for possível, a longa noite de uma velhice bem vivida. Adotam-se práticas, cultos, religiões, crenças e tudo o que for necessário ser entendido como um possível suborno, mesmo que tome a forma de oferendas ou rituais (pela justiça e pela misericórdia, em carga reforçada), para que seja viável receber privilégios como, ao menos, ter reposicionado o seu nome mais para o final da lista, ou ainda para que se posicione o nome dos seus inimigos mais

acima. O próprio suborno passa a ter uma função consoladora, mesmo que nada resulte. Passa a ser uma forma de anestesia.

Se há demanda, sempre haverá alguma oferta a aplacar a procura desenfreada pela saciedade, afinal. E tudo vira produto, já sabemos. E o sujeito mantém consigo a crença na capacidade de driblar, por si só, o destino quando passa a sonhar que tudo o que faz, como tentativas, esteja a valer a pena e, mesmo com a morte, seguirá para um bom lugar, pois tudo fez de acordo com o que lhe foi pedido, ou cobrado, e que bem merecerá o acesso ao paraíso. Nada passa a ser em vão, estabelece-se a aderência ideológica e tudo vira mesmo produto ou serviço, até mesmo a impossibilidade. Ponto para o neoliberalismo.

O tempo de vida que o mortal possui, ainda que escasso e limitado, é parcialmente usado com uma busca pelas alternativas, ou melhor, pelas possibilidades, para ultrapassar esta finitude certa de ocorrer ou, ainda, para conquistar como último recurso o direito para se dirigir a um lugar tido como privilegiado, ou seja, com iguais ou ainda mais possibilidades, a partir da crença de uma continuidade existencial através de uma vida espiritual.

Sempre há uma relação interessante a se travar com esta operadora do destino que irá lhe ceifar a vida, em algum dia, a mando de alguém, ou de ninguém. Embora não se saiba a data certa, nem estimativa precisa dela, que pode ocorrer a qualquer momento no desconhecido percurso do devir, a angústia acerca dessa incerteza sempre se faz presente, de tempos em tempos.

Há até mesmo as fantasias artísticas com a morte, em obras ficcionais em que as personagens mortais se apaixonam por ela e, por vezes, são retribuídas nesta alucinada paixão, como se o amor fosse viável entre o sujeito e o seu fatídico fim. É mais uma tentativa romântica para driblar a finitude pela nobre chama da paixão e do amor que aparentemente deveria ter mais valor do que a frieza da indiferença e do desamor. E assim, supostamente, o amor que deveria a tudo vencer, sempre acaba por perder.

O ator norte-americano Brad Pitt protagonizou um dos muitos interessantes filmes – “Encontro Marcado”, de 1998 – em que a morte toma a forma humana para aprender sobre o que somos, a tirar férias de suas atribuições ceifadoras, pois deseja sentir o que sentimos e perceber, afinal, o que é a suposta humanidade, ao lidar com suas próprias angústias existenciais. Ainda assim, por vezes os roteiros levam-na sempre para o aspeto do amor, da saudade e de tudo aquilo que leva à tristeza, à melancolia e às lágrimas produzidas para quem parte, ou fica, com ela. Interessante é sempre a frieza atribuída à morte, caracterizada pela sua impessoalidade, pois nunca poderia ser alguém dotado de sentimentos a levar da vida qualquer pessoa que ama e é amada.

E invariavelmente a morte personificada assume para si uma dimensão de curiosidade ao lidar com a suposta humanidade, na intimidade, como se para

ela fosse algo inédito, desconhecido e com atrativos conteúdos a lhe oferecer uma nova experiência da ternura, paixão, amor e um pouco de possibilidades que julgam os escritores ser importantes para ela. Há uma certa perfeição na atuação de Brad Pitt, em que cada sensação dos gostos e paladares, por exemplo, ao provar da manteiga de amendoim, os relacionamentos que se formam e se intensificam com a personagem do empresário (alguém provido de possibilidades, um VIP) interpretada pelo ator galês Anthony Hopkins, o próximo de sua lista, e, finalmente, sua filha, interpretada pela atriz britânica Claire Forlani e que, seguramente, assumirá a função de fazer a morte perceber o que é o amor, ao lidar com o relacionamento romântico, da melhor forma sempre idealizada por Hollywood, e que é sempre capaz de reproduzir piegasmente em seus filmes, sempre da mesma forma.

Mas nem mesmo assim a morte deixará de cumprir sua missão de levar o pai de sua amada para onde irá, após várias sessões de debates existencialistas acerca dela, durante toda a trama, em que são colocadas questões corriqueiras sobre a existência, a finitude e o valor e as certezas de uma vida. As questões são as mesmas que todos fazem acerca da morte, ou gostariam de fazer.

Há diversos outros filmes acerca da morte, como a interação apaixonada e a renúncia de Nicholas Cage e Meg Ryan, atores norte-americanos, em “Cidade dos Anjos”, em que a personagem de Cage não é a morte personificada, mas um anjo, e que abre mão de sua imortalidade para viver um amor terreno e intenso, puro e que nos leva, por instantes, novamente a pensar que o amor triunfará, mas novamente não é o que ocorre.

Uma interpretação mais adocicada de Hollywood, diriam, visto que o filme é um remake de “As asas do desejo”, do realizador alemão Wim Wenders, em que a docilidade não é tão piegas, mas o efeito é realmente o mesmo. O recado, subliminar, é que mesmo com a finitude da vida há a possibilidade de se viver experiências tão intensas e profundas que passam, por si só, a representarem muito mais do que a eternidade, visto que até mesmo quem é eterno poderia abrir mão desta eternidade para experimentar o que apenas os mortais podem fazê-lo. Uma subversão argumentativa que chega às raias do desespero, mas com imenso valor artístico, sem dúvida. É o valor da intensidade, que surge, ideologicamente.

O argumento é que a finitude dá a intensidade do momento, traz do transcendente para o imanente o que é mesmo relevante. E conclui-se que a existência da finitude é o que faz a vida ser tão incrível e intensa. E esta forma argumentativa passa a ser uma das possíveis coisas que poderão dar algum significado existencial, ainda que nem este, nem nenhum outro, consiga tirar completamente a questão mal resolvida com a própria finitude. São meras anestésias digestivas, funcionais ou não, mas a “cura”, de facto, não há.

Até mesmo quando a morte parece ter sido superada, como no caso do livro “As intermitências da Morte”, de José Saramago, na qual ela, em um

determinado país, e apenas neste, decide fazer greve e por isso ninguém mais morre, a continuarem todos os que estejam para morrer como moribundos, que ainda é se estar vivo, ao menos tecnicamente. Na visão de Saramago, a morte não é mesmo externa a nós, mas interna. Não seria, portanto, a morte que nos mata, mas sim que matamos a morte, ao morrermos, pois ela morre conosco, dado que ela só existe quanto vivemos – a morte numa perspectiva puramente individual.

Assim, Saramago possibilita à morte mostrar sua função orgânica e essencial que possui para a manutenção da ordem estabelecida em nosso mundo, visto que a decrepitude do corpo leva a situações distópicas muito mais desumanas do que a própria morte, além dos riscos aos modelos econômicos e todas as questões práticas de uma população que cresceria exponencialmente, visto que apenas haveria pessoas a nascer, e nunca a morrer. Seria o princípio do colapso do mundo, tal como nos expõe em sua obra.

A partir daí, reversamente, é feita uma análise extremamente pragmática a partir desta surreal distopia disfuncional, nada sentimentalista, pela ausência dela, como se os desejos de superação da finitude fossem finalmente conquistados e isto resultasse em uma possibilidade que tanto se deseja e que finalmente se obtém. Mas, a seguir, as regras não são mais úteis, e a ordem simbólica é profundamente ameaçada e o mundo começa a ruir, a desmoronar, e todos os valores são colocados em questão, com a derrocada da vida organizada que não mais existe, a adentrar na dimensão do caos existencial – do impossível que passou a ser mesmo visto como tal, subversivamente.

A nova mensagem subliminar é mesmo eficiente: ter cuidado com o que se deseja, pois sempre há efeitos colaterais nunca previstos ou concebidos nas projeções das possibilidades.

Mas nada pode ser tão divertido e original quanto o poema de Teixeira de Pascoaes, ao firmar-se como um gênio contemporâneo que foi, ao considerar que somente um doido seria capaz de lidar eficazmente com a morte, e assim escreveu “O doido e a morte”⁵⁶, em que o doido se encontra com a morte e tem com ela um conversa entre iguais, sem medo e com todas as considerações possíveis, em que a seduz, donzela, e a faz amar intensamente naquela noite, a torná-la uma mulher que conhece toda uma lasciva paixão possível de ser concentrada em uma única noite do mais intenso dos amores, através de si, que vê na morte tudo o que ela nunca viu em si mesma, que

⁵⁶ PASCOAES, Teixeira de. O doido e a morte. Porto: Renascença Portuguesa, 1913. Pode ser acedido, na íntegra, no sítio:

<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=128881>

nunca pode ela sentir e experienciar «e o doido balbuciou: "não és a morte; és a mulher, a vida, a primavera, obra de encantamento e de milagre! "tua sombra é luar de formosura..."».

Os encantos sedutores lançados pelo doido não passam indiferentes e, durante toda a noite, a morte se entrega ao mais profundo e apaixonado ato sexual de amor, ardente e voluptuoso como a vida. Dá-se, finalmente, sua inesperada e inusitada transformação – «ouvindo-te falar, deixei de ser, o esqueleto-fantasma que apavora, tudo quanto é sensível e vivente, para ser a mulher, o encanto, a flor, vênus, ébria de sol, fitando o sol... "sou a tua loucura feita virgem; teu sonho feito corpo; a tua sombra, até aqui negra e morta sobre a terra, neste instante, de pé, reanimada, cheia de luz, falando-te e sorrindo. "se és um doido cantando pelo mundo, sou a tua canção..."».

Mas mesmo depois desta noite insana e apaixonada, que apenas um doido seria capaz de propiciar à morte, ao raiar do dia ela volta à sua missão ceifadora de vidas, a cumprir o que sempre cumpriu. Nem mesmo assim, com uma dose cavalgar de sexo selvagem, pôde ser ultrapassada, pois continuou a atuar, e a prever um encontro com o doido, no futuro, na qual seria a vez de ele partir, em seus braços que antes o enlaçaram por amor, no romance de uma vida inteira, vivido em uma noite só. Ao doido ficou a percepção da riqueza e da intensidade da vida, pois deixara de ser totalmente doido ao perceber o valor do instante, da beleza que a vida carrega consigo, enquanto existe. O mesmo argumento da preciosidade do momento.

E a vida, afinal, vivida sob a certeza da finitude, seria esta espécie de jogo em que todos apenas desejam se manter nele, embora alguns desistam e optem por sair, antecipadamente, por vontade própria, e ainda há outros que não consigam sequer jogar, excluídos por razões próprias ou alheias a si, e que passam toda uma vida, ou parte dela, apenas a verem os outros jogarem, distantes, ou ficam a torcer a favor ou contra, docilmente seduzido pelo que vê ou com imenso azedume pelo que não pode fazer.

Mas, invariavelmente, muitos ficam sem jogar o tanto que desejariam, nem no jogo predileto ou no principal, quando muito nos jogos menores, nestes que remetem apenas aos mínimos das possibilidades, e isto significa que os jogos menores representam somente o indispensável para a própria sobrevivência – a pobreza, quando muito, no ostracismo existencial que se forma.

25. Os jogadores, os expectadores, os torcedores

Quais são os verdadeiros conteúdos, talvez os únicos, de um jogo? São as ideias que o sustentam, basicamente, da ideologia que é compartilhada pelos jogadores, que as priorizam ao ponto de se juntarem para desfrutar das possibilidades destas ideias. Estabelecem e aceitam as regras para que possam ter critérios que viabilizem o jogo. Assim, um jogo é naturalmente transcendente, naturalmente ideológico, sempre.

Mas ideias não se fazem para além da consciência humana, não nascem em árvores ou não estão soltas por aí sem vínculos criadores. E, se estão soltas e foram incriadas, a considerar válido o absurdo conceitual platónico, nunca saberemos, pois são transcendentais, como tudo o que não há, de facto. As únicas imanências são os seres que as produzem – nós, mesmo que aleguem que não estão a produzir, mas a canalizar o que já existe – os médiuns, artistas, filósofos, seja lá o que for possível atribuir como capaz de se comunicar com o que não há. A canalização é fruto de uma inspiração, de uma intuição, que passa a ser confundida com a comunicação entre o além e o aqui. Mas, é, de facto, uma criação, uma conceituação que toma vida com a linguagem, a partir de sua afirmação. Declarar a existência de um deus não é uma revelação, mas sim uma argumentação, uma afirmação, um testemunho do próprio pensamento. Ideias são criações humanas, conceituações que só podem existir a partir da linguagem ferramental compartilhada. Por isso, as únicas imanências são as pessoas, as verdadeiras e únicas criadoras ideológicas, e será delas que falaremos aqui, antes mesmo de percebermos melhor os conceitos dos jogos. Pois tudo isso é sobre nós, essencialmente.

Jogadores existem em todos os jogos, e obviamente são os únicos realmente necessários para que qualquer jogo possa ocorrer. Os jogadores precedem ao jogo, que é dependente destes para que seja algo. O jogo é o mediador entre os jogadores e as ideias, é o verdadeiro médium, filósofo, educador e replicador do que há. Não é à toa que as crianças são educadas por jogos, dada sua eficiente forma de tornar aderente todo aquele que se entretinha consigo, ao tornar sua as ideologias do jogo, ao aceitar obedecer as regras, ao buscar vencer e para isso produzir mais e melhor, ao desejar continuar no jogo e por isso consumir o que é dado, e por aí vai.

Mas não há apenas jogadores, pois também existem os expectadores e os torcedores, em alguns dos jogos que são permitidos serem acompanhados, pois também há os jogos secretos, fechados e exclusivos para uns poucos jogadores, sem abertura para quem os possa assistir.

Os jogos dos mais ricos e privilegiados, por exemplo, são os que pouco, ou nada, se consegue acompanhar, obviamente. Pois só os VIPs possuem

acessos a estes jogos. Afinal, tais jogos são suas maneiras ideais de viverem suas vidas, com todas as possibilidades que estes possuem, que são quase todas as que julgamos existir e ainda mais – aquelas que só eles conhecem; e por isso não há, ali, nem expectadores nem torcedores que conheçam todos os detalhes destes jogos, pois são realmente os mais exclusivos que existem. Talvez, nós, os simples mortais, sejamos as peças que estão a serem movimentadas, sem que saibamos mais do que já estamos a suspeitar. Talvez o jogo sejamos mesmo nós, dos andares mais baixos da estrutura.

Longe de ser uma teoria da conspiração, estes jogos são mesmo exclusivíssimos, sem necessidade de financiamento externo assegurado pelos torcedores e expectadores, que pagam para ser o que são, docilmente, pois quem sustentam estes jogos secretos são os próprios VIPs, providos de quase todas as riquezas do mundo: aquele famoso um por cento que domina o mundo, que preza pela privacidade e o máximo distanciamento das massas, em uma atitude discreta e sempre reservada. Existem raríssimas exceções que fogem a este padrão, como nos jogos de aquisições das grandes corporações e nos grandes feitos da humanidade, em que seus VIPs se deixam acessíveis e mostram-se como desejam ser reconhecidos, mas apenas quando assim desejam, pois eles fazem as próprias regras e determinam todas as jogadas, invariavelmente.

Há também outros jogos secretos, mas não desprezíveis em recursos movimentados, que são os jogados pelos grandes criminosos, das diversas máfias e facções que operam nos submundos, dos hackers ligados à estrutura abissal da escuridão ideológica e que são voltados para as atividades ilegais na *deep web*, das sociedades secretas, das agremiações de exploração sexual, dos cassinos e apostas ilegais, das negociatas das atividades políticas e governamentais, das ordens secretas religiosas e muitos outros que são desprovidos de públicos e que são jogados apenas por aqueles que são aceitos em seus círculos fechados, sem nenhum tipo de exposição externa e totalmente alheios às formas organizadas de justiça, ou seja, que jogam na clandestinidade, possuem suas próprias regras e ideologias. Há ética no mundo do crime, para quem pensa ser a ética apenas coisas boas e politicamente corretas – não é. Há também o politicamente correto no mundo do crime, pois o que é correto é sempre uma perspectiva, assim também como o que é dado como político. Se há alguma ligação entre o mundo dos VIPs e o dos criminosos, não se sabe, nem se pode afirmar, mas é algo que não seria estranho de ocorrer, pelos extremos que sempre acabam por serem similares e afins. O que seria o verdadeiro poder se não permitisse a quem o detém o livre trânsito por onde se deseja ir? É realmente poderoso aquele que pode ser cerceado em seus movimentos? Eis o ponto que nos fazem perceber que pode haver incursões dentre estes jogos extremos, nem tão extremos assim.

Os que sustentam estes jogos criminosos são os “lucros” dos negócios ilegais gerados a partir destes mesmo jogos, também voltados para um público de alto padrão, com seus mega-iates, jatos, helicópteros, castelos e festas nababescas e que, assim, organizam grandes estruturas privadas e conseguem manter um sistema de segurança que bloqueia o acesso de curiosos, ou das forças legais de segurança.

Há VIPs inábeis, geralmente os novos VIPs, os que recém-chegaram a este mundo sem conhecer bem o que acontece por lá – possuem apenas dinheiro, mas não o “pedigree” da estirpe de ultra-humanos e, por isso, não se integram e nem tomam os devidos cuidados e, assim, sempre acabamos por saber de algo tão esdrúxulo quanto surreal que acabam por fazer, geralmente por festas nababescas, escândalos sexuais, drogas e delírios de poder. Mas estes são os mais periféricos dos verdadeiros VIPs, aqueles que possuem a capacidade de estarem lá encima, pelo que têm, mas não pelo que são, e por isso sofrem o mesmo que os estrangeiros sofrem em países xenófobos – são considerados ameaças, e discriminados (“VIPofobia?”), e nenhum verdadeiro VIP perderá seu tempo a integrar tais atrapalhados multibilionários nos seus círculos mais exclusivos. Exceto, obviamente, se tiverem apetites pelos incautos recém-chegados. E logo virarão alimentos. Serão eles o jogo, como todos nós somos. Na selva, não há tanto rigor seletivo quando a fome chega.

Quem financia o *jet set*? Há tanto dos VIPs quanto dos criminosos. E o *jet set* é o que conhecemos por “elites”. Pois, como é esperado, não gostam que os representantes das forças de segurança entrem ou conheçam seus jogos, ao menos quando não são convidados, dado que sempre estão presentes em muitos destas partidas, talvez em quase todas. Os verdadeiros jogos do crime não se dão nos porões e esgotos da cidade. Pelo contrário, estão nas altas esferas, jogados nos metros quadrados mais caros do mundo, nos lugares mais exclusivos do planeta, completamente inacessíveis.

Os jogos secretos que existem nos extremos da estrutura, sejam os dos VIPs ou dos criminosos, sempre possuem seus segredos e acesso bloqueado à maioria dos mortais. Estes “privilegiados” não jogam apenas seus jogos, mas todos os outros que quiserem, dos quais muitos destes outros jogos sejam eles os verdadeiros donos, como por exemplo o livre mercado, e de onde se originam suas fortunas, ao se assumirem eles mesmo como a “mão invisível” deste livre mercado.

Abaixo deles, estão todos os níveis que os servem, até as bases, onde estão as massas e os jogos considerados os mais convencionais e acessíveis, que na maioria das vezes são sustentados pelos que pagam para assistir, que são os torcedores, que atuam como uma função importante para que o jogo exista, ao financiá-lo e criar consistência ideológica, como devotos ou fundamentalistas que são. Mas não possuem uma função suficientemente

valorizada socialmente pelos demais que estão a jogar. Só os jogadores são mesmo valorizados dentro dos jogos. Há também quem apenas assista – os expectadores, sem nada pagarem, e sem poderem jogar ou sem torcerem oficialmente, sem se identificarem com os objetos de torcida, pois não querem ou não podem se afirmarem como torcedores – são, por vezes, meros simpatizantes.

Ser jogador nem sempre se dá de forma livre – não é qualquer coisa que se possa escolher deliberadamente, sem que haja exigências para justificar uma adequação ou qualificação mínimas para se estar a jogar. No jogo da vida, como um todo, estão todos a jogar o jogo principal, mas este é aquele em que o final ninguém deseja para si, ao menos a maioria, pois não acabará bem. É um jogo conectado às questões biológicas limitadoras, em que a mera sobrevivência é a maior das possibilidades. É o jogo em que o objetivo é manter-se vivo, pelo maior tempo possível e da melhor forma que há. Não há muito prazer nisto, pelo contrário, é entediante e, depois de algum tempo, cansativo.

Neste jogo principal, preza-se pelas macro questões das quantidades (ter muito, acumular) e das qualidades (ter o melhor, o mais raro e precioso). E sairá deste jogo a maior ideologia que se reproduzirá, em outros jogos, que emergem deste e que sempre estarão a se comportar de forma semelhante, tais como fractais que surgem, à imagem e semelhança de sua origem. São jogos dentro de jogos, a se desdobrarem infinitamente, pois sempre parecerão mais atraentes e que sempre darão melhores chances de se chegar ao topo, mais do que o jogo principal – um ledo engano, pois são o mesmo do mesmo, apenas com nova roupagem. São os jogos da vida, sempre a iludirem os que se mantêm aderentes a eles, a darem alentos.

Obviamente, que o jogo principal da atualidade no ocidente é o neoliberalismo, que absorveu as forças políticas e viabilizou a biopolítica, dentre tantas outras formas de governança favoráveis ao próprio jogo neoliberal, e também absorveu os valores e as formas pastorais cristãs e tudo o mais em torno de seus próprios objetivos. Este jogo se dá no mercado, o seu estádio, a personificação de sua cidade planetária, e agora espacial, a se alastrar continuamente, a construir novos produtores e consumidores, que passou a ser a prioridade messiânica de todos os envolvidos, portanto.

Na parte Oriental, mais precisamente nos antigos países comunistas e socialistas, o jogo passou a ser o do capitalismo de estado, onde as forças políticas ainda estão a oscilar no poder, juntamente com o capital, e que a forma de governança ainda é mais disciplinadora, do vigiar e punir, do que libertária. Este tipo de capitalismo foi possível pelo aprendizado do neoliberalismo, pelo efeito que o capital fez surgir no Ocidente, o que fez com que as forças políticas orientais passassem a resistir a ceder seus poderes, não que lhes sejam desfavoráveis todas as formas de acumulação.

Justamente por perceberem o poder superior do capital, ainda estão a tentar encontrar formas de o dominar. E isto é o mais incrível, neste embate de titãs, ou seja, já é um jogo a ocorrer: o capitalismo de estado, da política contra o capital, em que um deseja não destruir o outro, pois lhe é precioso, mas sim dominar – é um jogo de estratégia, talvez o mais interessante de todos até hoje vistos. E é este jogo, de capitalismo de estado, que está a se aproximar do neoliberalismo, já quase empatados, o que nos leva a um estágio de confronto entre estes jogos, e que parece claramente que já se iniciou, com as tensões que culminaram na invasão da Ucrânia pela Rússia, ou nas tensões entre a China e Taiwan. Não duvidemos, é a nova versão da Guerra Fria, que se assume agora, descaradamente, como a Guerra Neoliberal, o que sempre foi, entre o capital e as forças ameaçadoras à sua reprodução, inclusive os próprios humanos, que até poderão ser trocados por sistemas, se assim lhe for mais conveniente. Será um jogo denso, longo e imprevisível para a humanidade, nunca tão ameaçada, na qual a criatura se volta contra sua criadora. Já vimos este filme antes.

Assim, dentro destes jogos principais, outros jogos surgem e passam a ser jogados, sem que estejam todos a jogarem um mesmo jogo, necessariamente, mas a se ligarem todos ao jogo principal, sem o saberem. É bem certo que muitos sejam jogados simultaneamente, em diversas frentes, e compitam entre si, como o próprio neoliberalismo e o capitalismo de estado, no topo da estrutura. E, pela impossibilidade de todos jogarem os jogos principais, com as maiores e melhores possibilidades, é prudente deduzir que apenas participar deste pode ser um fim último para a maioria, visto que as restrições são inúmeras para chegar a ser um jogador, por vezes intransponíveis.

Jogar passa a ser, para muitos, apenas um meio que se estabelecerá como um fim, quando apenas se deseja estar no jogo, como jogador, mesmo sem pretensões de vitória, mas apenas com a intenção de sobreviver neste jogo, e fazer de tudo para se manter nele, para continuar a jogar mesmo em condições ruins e inadequadas, mas se ainda continuar no jogo já passa a ser suficiente, pois assim as possibilidades sempre serão percebidas como mais próximas de si.

Em verdade, mesmo que chamemos de jogo da vida, são muitos os jogos interligados que fazem tudo parecer como um único jogo, todos com muitas divisões, etapas, fases, locais de partidas e níveis que compõem este todo que consideramos como vida. Estes jogos se fundam em diferentes ideologias, regras, espaços, tempos e muitas outras dimensões que levam a crer que tudo o que neles existe é mesmo ficcional, meramente representações, pois não se consegue destacar de todos estes distintos componentes algo que se possa ser considerado comum a todos, exceto o próprio conceito dos jogos, em si. E assim construímos a nossa visão de mundo, e de sociedade.

Mas, como as infinitas ideologias são todas aparentemente diferentes, bem como todas as regras, levam muitos pensadores a acreditarem que tudo isto, tão plural e tão distinto, possa receber uma mesma conceituação, por exemplo, ao serem categorizados “universalmente” pelos inconsistentes conceitos filosóficos de justiça, moral ou ética. Eis um grande erro, ainda que compreensível, pois a diferença essencial ideológica é mera ilusão que acreditamos existir. E, por acreditarmos nela, passamos a dar valor à diferença individual, e tudo se faz como temos descrito, até aqui, por tal diferença. E, assim, nos movemos. O sistema precisa da diferença, pois é ela que nos faz mover. Por isso, o universal é tão falho, pois é mesmo algo que nasce de uma visão distorcida da realidade, e sempre se referiu a algo em comum, pequeno e limitado, como tudo o que é capaz de ser ao ser paralisado e observado.

As formas como os jogos se dão e se interligam têm confundido muitos dos melhores observadores e pensadores dados à paralisia da observação analítica, ou por não conseguirem perceber que a vida se dá como nos jogos, ou por acreditarem que tudo o que veem e percebem da vida são mesmo um único jogo, com diferentes facetas. E o velho problema dos universais é oriundo desta crença (ou mera miopia intelectual) que leva o devoto a delirar tudo o que há dentro de uma única e ordenada estrutura, como se fosse possível ordenar o caos existencial que está a envolver tudo, e que é impercetível para estes altamente ideologizados, sem que consigam considerar os abismos e as infinitas formas de organizações que estão a compor a massa observável das estruturas interligadas, mas de formas tão díspares e, por vezes, extremamente sutis.

Por que há, aí, o vício de querer paralisar tudo, imobilizar o movimento, para se compreender o que não pode ser tomado isoladamente, pois a paralisia é a própria morte intelectual, o impossível dado como possível. Mas os jogos são o movimento, o caos, a interpenetrabilidade, a orgia pudica das ideologias. Nem sempre tão pudicas assim, em suas entranhas selvagens.

E é por isso que os conceitos de regra e de ideologia não podem ser deixados de fora desta abordagem. Pois é preciso perceber que algumas das regras limitam certos indivíduos de jogarem certos jogos. Também as ideologias deixam de dar iguais possibilidades a quem não esteja inserido de forma completa nela, por não terem conseguido ultrapassarem as regras ou pela simples inadequação, como um forasteiro que chega a um determinado jogo em curso e se coloca, pelas brechas do sistema, em posição de desejar participar do jogo – não conseguirá, todavia, em pé de igualdade.

Até poderá vir a jogar, mas sempre nas piores posições, as que ninguém deseja para si. E, quando está a jogar, precariamente, nunca lhe dão nenhuma jogada para que consiga aceder a posições melhores. Pois o jogo se dá na cidade, e nem todos conseguem coabitar. Alguns, nem habitar conseguem.

São os expatriados que só conseguem subempregos com as mais precárias condições laborais, sem direitos, sem nada que lhes assegure nem mesmo receberem seus salários, ao final do mês, por exemplo. Viram alimentos, são presas dos que já são presas, na selva conceitual do possível.

Mas, quem não estiver a jogar, por não querer ou por não conseguir, estará destinado às arquibancadas, como expectador. Se for melhorzinho, talvez um camarote, mas sem ser jogador, nada será, de facto. Poderá até continuar na posição que lhe foi destinada como jogador, mas dificilmente se sustentará nela por muito tempo, se não for realmente aderente e submisso ao sistema, e não terá ou saberá quais são suas verdadeiras possibilidades, até que se canse e desista do jogo, e logo haverá outro a ocupar seu lugar, por pior que seja. Há quem consiga, contra todas as restrições, ingressar neste jogo e obter relativa vitória? Sim, há, mas a qual preço? Sob quais condições? Exceções existem, mas são mesmo raríssimas, e nunca gratuitas. E elas não são por acaso, não são um erro do sistema. Pois são necessárias para muitos que pensem «*é possível, então; e se é possível, eu consigo*» e assim logo estarão na seita da autoajuda, a se entregarem de corpo e alma para todos os coaches que tiverem o segredo que os levarão ao próximo nível, assim imaginado. Quase nada é por acaso, afinal.

Os forasteiros podem ser percebidos como aqueles imigrantes e/ou refugiados a tentarem entrar no jogo do país que não seja os seus, ou da mulher que queira se dirigir ao jogo ideológicos dos homens, dos Pretos que desejam jogar o jogo dos Brancos com as “mesmas” possibilidades destes, e muitas outras diferenciações que constituem diferentes ideologias que sempre restringirão o acesso de “uns” à coabitação com os “outros”, se pertencem a certas minorias ou a partes menos privilegiadas.

Afinal, se existem na maioria dos países mais mulheres do que homens, por que razão são consideradas minorias? Pelos direitos de igualdade que possuem, estabelecidos pelas regras que não garantem as posições que estão destinadas a elas, percebe-se claramente uma diferença nas posições ocupadas nos jogos. Há muitas incoerências projetadas nas ideologias, tanto quanto existem nas mentes humanas, eis uma das razões de que o tal inconsciente coletivo não tende a ser tão diferente do que a mente mediana é, ideologicamente.

Esta constatação é feita sem juízo de valor, acerca do que seja considerado como certo ou errado, mas é exatamente isto que ocorre na realidade da vida dentro das ideologias, e é exatamente assim que se dá no mundo inteiro, ainda que mais sensivelmente em algumas regiões do que em outras, pois só podemos perceber melhor quando estamos de fora dos absurdos ideológicos que nós mesmos estamos obscenamente inseridos.

Mas, ainda que existam movimentos dedicados a promoverem o “politicamente correto”, uma das mais poderosas utopias criadas, os que

militam nestes movimentos sempre estão nos jogos das minorias a buscarem jogar nos jogos principais – querem intimamente um acesso aos seus paraísos idealizados, pela unificação de seus valores. Estes são os verdadeiros militantes, devotos assumidos e alguns até mesmo fundamentalistas. Há outros, privilegiados, que abraçam a causa mais pelas possibilidades que percebem nela, para além do que realmente sentem – no caso dos simpatizantes. Não há nada de errado nisso, mas são estas que dão a sensação de o politicamente correto ser algo muito superficial, que fazem parecer bem menos nocivo do que realmente é.

Militantes genuínos de quaisquer causas – ou utopias – são pessoas que se sentem investidas de poder para reivindicar, visto que a maioria se cala diante das diferenças entre os jogos. Ainda que toda a diferença possa ser combatida, poderá não haver mudanças ideológicas significativas nas formas, mas pode haver nos conteúdos, que deveriam ser o verdadeiro alvo das contendas por melhorias – lutar pelo politicamente correto, de forma inteligente, é partir para levar melhores conteúdos e isso é, basicamente, educar ou reeducar. E há quem faça isso, sem se posicionar como um patrulheiro cancelador ultraradical.

Tentar mudar as formas sempre foi o grande erro dos ideólogos ingênuos, que acabam por desistirem, cedo ou tarde, por não obterem resultados relevantes, pois estarão a lidar com estruturas já muito enrijecidas pelos legados geracionais. Viram uma refeição fácil, na selva – pois são uma iguaria muito cobiçada pelos maiores predadores.

Mas, mesmo que se saiba que não existirão vencedores que consigam superar, verdadeiramente, o fatídico final do jogo principal, não existe um *ranking* aceitável neste nível, visto que é incoerente posicionar um mortal que não chegou à imortalidade. Mas, há *rankings* nos outros jogos secundários, em se afinizam em afixar suas primeiras posições para aqueles que atingem um status de acumulação de possibilidades que se transformaram em imanescentes e que, assim, podem ser dimensionadas numericamente para saber quem mais possui, ou quem mais “longe” foi. Quem consegue tangibilizar mais, é considerado como campeão, e passa a estar no *ranking*.

E, por isso, acumula-se o máximo que se consegue amealhar, através das oportunidades que se originam das possibilidades. Uns possuem obscenamente tanto, mas um “tanto” tão absurdo que chega a ser mesmo um “tantão”, daqueles que não se consegue nem imaginar o que fazem com isto tudo, pois estes nunca se mostram, e são muito poucos os que os conhecem: os nossos estimados VIPs. Outros, ganham um pouquinho, ao invés de “tantão”, um “tiquinho” e já se exibem como o esplendor da espécie humana.

A acumulação é o que garante a subsistência material, por assegurar os recursos da alimentação, abrigo e saúde, mas não é apenas isso que a torna

relevante. O acesso ao melhor, ao diferenciado, ao setor mais elevado, é o que todos querem obter, já nem tão secretamente assim pela exacerbação da ideologia neoliberal, em busca da máxima diferença positiva que conseguirão para si, individualmente.

Embora quem a tenha conseguido em excesso, e esteja no topo dos topos, nada diga, nada exhiba e tudo o que se sabe sobre esta esfera VIP é obtido por intrusos que buscam profissionalmente por informações privilegiadas, e que não acabem mortos antes de as divulgarem. A exibição que conhecemos abertamente, em si, para os demais, faz surgir outros tipos de jogos, como por exemplo o *ranking* de celebridades, de pessoas consideradas especiais, “acima” da média. E tudo se dá sempre como um jogo, com escalas de vencedores e perdedores. Há um fetiche velado pelos *rankings*, em nossa sociedade – todos cultuam os que estão nas posições superiores.

Mas todos que jogam, seja lá quais jogos forem, o fazem sem se preocupar em demasia com o que não conseguirão controlar, como a própria morte, pois, o valor do jogo – aquilo que é gostoso, que dá o sabor da vida – passa a não estar mais no final indesejado, muito pelo contrário, percebe-se que o próprio ato de se jogar é que dá o gosto de se viver, pelas possibilidades transcendentais que parecem existir disponíveis e próximas enquanto seja possível se estar a jogar, inclusive até mesmo a possibilidade de ultrapassar o próprio destino passa a ser algo viável de ocorrer. E isso significa que, para as questões sobre os sofrimentos, a resposta ideológica é sempre o jogo. Assim, alguns dos jogos precisam estar sempre presentes na vida do jogador, espectador ou torcedor, como poderosas anestésias que proporcionam que a vida seja mais agradável e produtiva, e que o sistema continue a se reproduzir, e a se sustentar – é o jogo que dá a emoção, a sensação, os sentimentos e tudo o mais que conecta viciosamente a mente à ideologia. Sem o jogo, tudo rui.

A evolução socioeconómica leva a vida a ser como um jogo mais civilizado, a valorizar a forma como se joga, ou como se vive, e o que se pode obter de prazer e satisfação, pelas possibilidades que se apresentam prováveis de ocorrer. Eis porque muitos buscam ser um jogador melhor pelas etiquetas que é capaz de apreender, das formas politicamente corretas que vislumbram como qualitativos para si, mesmo que nada creiam sobre isso, mas que passem a reproduzir para que sejam aceites em círculos maiores do que os seus.

Pois o jogador possui a premissa mais desejável que alguém pode querer para si: a capacidade para obter as possibilidades que emergirão do próprio jogo, do desfrute do prazer em si, que é uma espécie de progressão em que há o gozo pela saciedade proporcionada pelo prazer da acumulação, do acesso e do sentimento de eternidade possível (mas improvável) frente à finitude certa – pois para haver o gozo no jogo, sempre há o estímulo

contraditório, antitético, em que a satisfação consciente por se estar no jogo é confrontada pela insatisfação inconsciente de não atingir todas as possibilidades que são mesmo relevantes – pois sempre há mais delas, para se continuar a jogar – e isso é estimulante para o jogador, e completamente funcional para o jogo, que o mantém completamente aderente ao mesmo.

O melhor jogador é, portanto, aquele que mais capacidade tem para descobrir possibilidades e fazer delas uma realidade tangível. Se um jogador deixa escapar uma possibilidade valiosa e ela é apreendida por outro, o primeiro passa a ser alvo da chacota de todos os demais – é considerado um perdedor, e o segundo passa a ser imensamente valorizado. Imagine o que se passou com os empresários musicais que deixaram passar incólumes, por si, fenômenos como o Queen, Elvis Presley, Madonna, Beatles e muitos outros que fizeram um sucesso estrondoso, mas que foram rejeitados por jogadores considerados agora como inaptos. E os editores de livros que rejeitaram *Harry Potter e a pedra filosofal*, *Em Busca do Tempo Perdido*, *Lolita*, *Moby Dick*, *O Diário de Anne Frank*, *A revolução dos bichos* e muitos outros *best-sellers*, que se tornaram verdadeiros clássicos? Os perdedores são ostracizados.

Sabe aquele meme em que o indivíduo, dentro de um buraco na terra, a garimpar, desiste de cavar no exato momento em que a próxima golpada com a picareta dará a ele um imenso diamante? Pois é, é isto a ideologia do bom jogador – aquele que se mantém preso ao jogo, pois quando menos esperar, lá estará a sua possibilidade. Se sair antes, mesmo que seja para ser um bom pai, um bom filho, ou equivalente, será um perdedor, pois não priorizou a possibilidade que lá estava. Deixou-a passar, e será ostracizado por isso. Só vale aquele que deu a golpada certa. Se um outro assumir em seu lugar, e descobrir o diamante, este será o vencedor de tudo o que há.

Possibilidades, a bem da verdade, não garantem nada, nem mesmo para quem as consiga apreendê-las, mas destroem aqueles que as perdem, que não as identificam. E também adoçam e inebriam a fatídica finitude, ao tirar a atenção do fim para a fixação aos meios, ao se estar conectado ao jogo, a participar da estrutura lúdica, e em que lá estejam elas, as possibilidades, lindas e reluzentes, ou ao menos os sonhos, de se eternizar. Jogos fazem isto, exatamente: a subversão dos fins pelos meios.

Enquanto houver possibilidades, há o jogo.

O que é o espírito esportivo senão o efeito do *marketing* ideológico mais sensível a todos os jogadores?

Mas, o que é mesmo um jogo? O neoliberalismo? O capitalismo de estado? O truco? A sinuca? O sexo? Os *RPGs*? O *Mortal Combat*? A questão mais apropriada é: O que não é um jogo? Pois tudo é um jogo, ou ao menos tudo se dá como um jogo. Eis a questão.

O jogo de futebol, por exemplo, não tem seu valor⁵⁷ no fim conhecido que possui, em meramente fazer golos, algo que qualquer um pode fazer, ao ter uma bola passada por uma trave. Pois fazer com que a bola passe pelo lado interior da trave, já é um golo, tecnicamente.

É certo que nunca se pode considerar existir uma vitória definitiva nos jogos comuns da vida, pois nunca se atinge a saciedade humana, de todo. A cada suposta vitória, se buscam novas possibilidades, pois a fome sempre ressurge, na selva, pelos excessivos gastos calóricos da sobrevivência, vem o déficit nutritivo. Deixar de jogar pode ser considerado degradante, para uma minoria, e a própria morte, para a maioria. E assim, sempre os jogos continuam a serem jogados para que se possam estabelecer não apenas vitórias, mas também novos recordes, para superar a si mesmo, ou para dar chance a novos jogadores ou equipes a desafiarem-se e a mostrarem seus valores, estratégias e técnicas, sempre mais elevados e sofisticados, em que a beleza e a intensidade do jogo passam a ter tanta importância tanto quanto os resultados obtidos, ou até mais do que estes.

Os jogos passam, assim, a serem também uma certa expressão artística, até com possível valor estético, com produção de atos que se tornam imortalizados como uma preciosa obra de arte, para os que compartilham dos valores do referido jogo. Os grandes feitos assumem uma dimensão realmente artística, até mesmo sublime. A arte, aliás, bem que poderia ser também um jogo. A arte do jogar, ou a arte do viver, já encampada pelos livros da seita da autoajuda.

A preciosidade, a exclusividade, a raridade é algo que depende de demanda, da procura, de limitações impostas, provocadas de forma natural ou artificial, em que existam mais interessados do que disponibilidades. Assim, os torcedores, ainda mais do que os expectadores, embora não participem diretamente, são as pilastras que dão aos jogos seus *status* de relevantes, ou não. Quanto mais expectadores existam, ou mais interessados em jogar, mais o jogo será valioso. Se dentre estes expectadores, há mais torcedores, então é por que o jogo é extremamente aderente e muito disputado.

⁵⁷ Portanto, a partir das teorias do filósofo norte-americano Bernard Suits, e também na uma busca por se consolidar conhecimentos através de uma Filosofia dos Jogos em um mundo cada vez mais “*gamificado*”, é necessário perceber sobre o que consiste serem jogos e as diversas formas como nos envolvemos com eles, por vezes mesmo sem se ter a percepção de que se está a jogar algo, consciente ou inconsciente, de alcançar possibilidades prometidas ou imaginadas no jogar.

Todavia, o interesse não está nos objetivos do jogo, em si, visto que são mesmo triviais. O interesse pelo jogo está nas possibilidades que este tem consigo, como sabido, e que estas estão por trás dos mais valiosos jogos, que agrupam as massas que os sustentam e que lidam com suas próprias frustrações, por não terem como acederem ao máximo da estrutura, nem obterem uma vitória definitiva. E são estas projeções que dão aos expectadores uma função importantíssima, que não deve ser menosprezada na coletividade, embora o expectador, na individualidade, possa ser considerado um excluído e tido como falhado. Nem todos, mas a maioria são assim considerados pelo *status quo*. Se não pode ser um jogador, não se atinge um *status* de realização dentro do jogo considerado, dentro da vida. Há uma grande subversão, também aqui, acerca dos jogos, e é proposital que seja assim, a coibir a todos para o jogo.

A manifestação do desejo se dá também através dos jogos, do querer suprimir as diferenças negativas percebidas, ou do querer ampliar as diferenças positivas, da autoafirmação, da autossuperação e da aproximação com as possibilidades existentes e aptas a serem conquistadas pelos melhores, pelos vencedores. E será também com esta percepção que abordaremos o jogo das produções, propriedades, comercializações, aquisições e acumulações, que é essencial a toda forma de sociedade cidadina, seja pelo capitalismo de estado ou pelo neoliberalismo, os dois mais influentes atualmente, os principais jogos contemporâneos e talvez os mais jogados em todo o mundo, por quase todos, e isto inclui suas simulações, derivações e reproduções.

O estádio deste macro jogo, entre o neoliberalismo e o capitalismo de estado, se dá na cidade, como todos os jogos. E, a cidade desse jogo é o mercado. Se buscam avançar seus espaços públicos para uma mesma cidade, o que restará é, portanto, a briga pelo domínio do território, pela expansão, que já começou a resultar em guerras na atualidade, em tensões que se mostram inconsistentes em tempos previstos de paz mundial, pela comunhão das armas nucleares nas mãos de muitos, e nem todos tão prudentes assim. Antes, na Primeira e na Segunda Grandes Guerras, eram as nações que estavam a combater por mercados. Agora, é mais grave, pois são as ideologias que estão a serem colocadas como jogadoras, e as nações a jogarem, a torcerem e a assistirem, sem o protagonismo de antes – o capital é o protagonista, o grande *player* que está a impor suas novas regras. Para que o medo ficcional da inteligência artificial, se há algo bem pior do que ela já a nos dominar? Mas, como sabemos, todos querem ser mesmo jogadores. Por isso, a suposta humanidade chegou a um ponto complexo, crucial, de total imprevisibilidade, ao optar jogar pelo capital, a ser submisso a ele. A briga, ou melhor, o jogo já é pelo território, pelo território do outro, pela

dominação do que está a resistir, pois é o que há de diferença, apenas, em relação à cidade.

Se existem muitos jogos, é certo que estes estarão instanciados hierarquicamente, dentro da ordem estabelecida pela ideologia. E logo perceberemos o motivo de assim estarem, quando uns jogos servem de acesso aos principais, como ascensão e, da mesma forma, em que jogos secundários estarão a receber os eliminados dos jogos superiores, como fazem as divisões de futebol, por exemplo. Estão, geralmente, todos muito bem coordenados entre si.

Entre os expectadores, estão os torcedores – devotos ou fundamentalistas. Estes são os expectadores que mais são aderentes aos jogos, muitas das vezes até mesmo mais do que os próprios jogadores. Mas, quanto mais fundamentalistas forem, desejam tanto as possibilidades quanto mais percebem que realmente nunca as conseguirão, ao menos tanto quanto os jogadores podem conseguir – mas todo o fundamentalista sabe das “verdades”, mas não querem convencer a si próprios, mas sim aos demais. Por isso, querem se apropriar da identidade do jogo, dos jogadores e tudo o que há relacionado com o jogo. Querem ultrapassarem a si próprios, a serem o que não são, de facto. Percebem-se como um projeto falhado, mas como nada é impossível, seguem adiante.

Dos jogadores, eles exigem o que não conseguem: a vitória, a supremacia sobre os demais. Há um forte gatilho que os une ao jogo, sejam pelos jogadores ou pelos times ou equipes. Há uma ligação direta, ao ponto de verem os outros jogadores, equipes, times e, igualmente, torcedores, como grandes inimigos, muito mais do que meros oponentes. Não percebem a lógica do antagonismo que precisa existir no jogo – sem adversários, não há nem mesmo um jogo coletivo possível. Por isso, associam-se até mesmo em torcidas organizadas e enfrentam-se, como se estivessem mesmo a lutar por algo importante, como se fizessem parte ativa do jogo, como se suas vidas dependessem disso – pensam ser jogadores, e se assumem assim, em uma nova dimensão lúdica – acabam por reproduzirem o jogo para o jogo das torcidas.

Há casos e casos de agressões sérias, algumas letais, em todos os grandes jogos, e em todos os grandes campeonatos, ainda mais quando jogos populares, como o futebol, no âmbito do desporto ou, simbolicamente, nas guerras, no âmbitos dos jogos de poder das nações, em que a adesão pela pátria se faz presente ao ponto de o cidadão assumir uma luta que até mesmo seu país pode estar a cometer um grande erro, ou mesmo atentar contra a vida de seus próprios concidadãos, se estes são vistos como oponentes, como nas ditaduras militares.

Em alguns casos, as torcidas organizadas podem até mesmo atentar contra a vida de seus próprios jogadores, considerados inaptos, como se

extrapolassem claramente os limites do prazer pelo jogo e colocasse a vitória em um nível essencial para suas vidas. Não foram poucas as situações em que a torcida foi pressionar, ou até agredir seus jogadores.

Em uma destes milhares de ocasiões, recentemente, a torcida do time masculino do Flamengo, que é um clube de futebol do Rio de Janeiro, ao se indignar com os maus resultados obtidos e querer que os jogadores passem a ganhar, para voltar às possibilidades, cercou⁵⁸ todos os carros dos jogadores, que estavam a chegar ao centro de treinamentos e fez com que estes passassem momentos de “terror”.

Mas, o que mais indignou os torcedores foi o facto de os jogadores desmarcarem, com eles, uma reunião agendada, pois estes queriam satisfações sobre o que estava a ocorrer. E daí se percebe que queriam colocar suas próprias diretrizes para que o time seguisse o que eles queriam, de alguma forma, e que assim fosse feito.

É uma esdrúxula relação de poder, obscena, e uma clara tentativa de subversão do poder hierárquico que está em causa, pois percebe-se claramente que os torcedores querem mesmo fazer parte ativa do jogo, querem ser jogadores, mas, por não conseguirem, fazem de tudo para lá estarem, muito próximos do jogo, a dominarem os jogadores, e em posição mais do que privilegiada.

O mais revelador foi escutar as frases dos torcedores, e seus argumentos pelo que estavam a reivindicar a proferirem coisas como «*se damos a vida exigimos que vocês deem o sangue*». Mas, afinal, os jogadores são profissionais, não jogam pelo time, em si, mas por eles, pelas suas carreiras.

E, qual o sangue que poderia ser exigido deles? Há relações claras, contratuais, das regras que servem para que estes deem o seu melhor, mas que não é o próprio sangue o que estão a venderem, nem no sentido literal, nem no figurado. O mais curioso é que os torcedores sabem, têm plena consciência de que estão a dar suas próprias vidas. Ao menos figuradamente, é assim, pois deixam de viver o que poderiam viver, para viverem a utopia do jogo, das realizações impossíveis para todos os fundamentalistas, que nunca se acham em relativa paz na vida, pois estão sempre a batalhar, por nada, mas lá estão. Mas, se sabem disso, por qual razão o fazem? Nunca se perguntaram, certamente. Temem a verdade.

⁵⁸ Trechos da reportagem acedida em 12/04/2022: “Os rubro-negros levaram faixas com dizeres como “time pipoqueiro”, “diretoria omissa” e até mesmo “Se damos a vida exigimos que vocês deem o sangue”. Na chegada dos jogadores e membros da comissão ao local, os torcedores fizeram fortes cobranças, chegando a chutar os carros dos atletas ...”. Saiba mais no link da reportagem, em <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/04/08/torcedores-do-flamengo-fazem-protesto-na-porta-do-ct-e-cobram-jogadores.htm>

Há muito mais a se perceber, nos jogos, para além desta visão geral que abordamos aqui, e isto leva às últimas instâncias para se perceber o que faz, realmente, mover o humano, o que o leva a agir e, afinal, percebermos se tudo isso faz algum sentido, para além dos próprios jogos que estamos a considerar.

Mas, antes de tudo, é preciso perceber o que é mesmo um jogo, ao menos conceitualmente, e de forma mais aprofundada e formal.

26. Os jogos, os conceitos lúdicos

Há jogos e jogos. E para percebemos os jogos da vida, mais complexos e com mais possibilidades, partiremos por entender o que são, antes de tudo, os jogos mais comuns, lúdicos e que jogamos desde crianças. Assim, gradativamente as similaridades irão, por si só, se ressaltando.

Para o filósofo norte-americano Bernard Suits⁵⁹, um jogo é composto, suficiente e necessariamente, por três partes.

A primeira parte é um objetivo trivial, pré-lúdico, sempre alcançável, independente do jogo a qual faz parte. Fazer um golo ao colocar uma bola para dentro das traves é algo trivial, que pode ser feito sempre que se tenha uma bola e uma trave. E colocar a bola para dentro das traves não é algo exclusivo do futebol, pois é o mesmo objetivo trivial que possui o handebol, por exemplo, ou o futebol americano, ou o basquete, se considerarmos o aro como uma trave, o que é bem similar. E por isso o objetivo é pré-lúdico, pois existe de forma autônoma e independente do jogo que se está a considerar a ser constituído e jogado.

Pode ser um golo, tecnicamente, passar a bola pela trave, mas ainda não é um jogo, pois não há o espírito lúdico do jogar e do competir dentro de determinadas condições estabelecidas. Fazer um golo fora do jogo não dá prazer, nem prestígio, nem nada. Isto só ocorre se este é feito dentro de um jogo. É preciso atingir este objetivo trivial de fazer um golo dentro de determinadas regras pois, se não fosse assim, alguém poderia estar a fazer golos com as mãos, por exemplo, ao jogar futebol, ou com os pés, a jogar handebol, ou mesmo a jogar com inúmeras bolas, simultaneamente.

As regras são, portanto, a segunda parte que compõem os jogos e são determinadas pelas ações do *marketing* ideológico do próprio jogo. Pois, é o espírito esportivo a própria manifestação deste *marketing* em cada um dos participantes do jogo, e o que fará a coesão ser viável, que dará a adesão para que o jogo ocorra. Mas, o *marketing* transcende ao jogo, obviamente, e se relaciona com a ideologia-mãe, a unir o jogo secundário ao jogo principal, subordinadamente, sem que ninguém perceba o que estão a reproduzir.

As regras determinam que o objetivo trivial seja alcançado sem que se usem os meios mais eficientes. Pois é esta ineficiência o que dá o prazer ao jogo, a dificuldade de jogar e o estímulo em superar as limitações impostas – é algo meramente funcional, para ser mesmo assim, performativamente disfuncional. As regras estabelecem sempre uma forma fixa e limitada para se atingir o objetivo do jogo, define os recursos e o espaço para o que se

⁵⁹ Saiba mais sobre os conceitos de jogos de Bernard Herbert Suits em <https://philpapers.org/rec/SUIWIA> ou pelo seu famoso livro: SUITS, Bernard. A Cigarra Filosófica. Gradiva, 2017.

espera que o jogador desenvolva como habilidades para atingir um nível de excelência. As regras não interagem, não respondem, não afetam nada – estão lá, friamente a darem as diretrizes pelas interpretações que se originam a partir delas, e nada mais. Não há prazer meramente em atender as regras, é preciso haver algo mais do que elas – e por isso o espírito esportivo surge como o grande encanto agregador. Aqui já começamos a perceber a semelhança dos jogos comuns aos jogos da vida, em que as relações com as regras são idênticas, mas revitalizadas pelo *marketing* ideológico.

Também não há prazer em se fazer canastras, só por fazer, como um objetivo trivial, fora de um jogo, a se pegar um baralho e a formá-las sem se estar dentro de um jogo. Da mesma forma, não há prazer em se ficar a arremessar continuamente uma bola ao aro da tabela de basquetebol. Pode-se fazer canastra em um jogo solitário, por exemplo, para ocupar o tempo ou para treinar habilidades, assim como jogar uma bola para fazer cestos, mas isso, em si, já é uma espécie de jogo individual, em que se treina e se desafia a si mesmo, sob certas regras, sempre, para se superar em performance em um tempo determinado como treino. Não há, aí, um vale tudo para formar as canastras ou para se arremessar a bola, pois mesmo individualmente algumas regras sempre existem, são delimitadas e cumpridas, ainda que não sejam as mesmas dos jogos convencionais.

Mas, mesmo com as regras, alguém pode sempre optar por fazer batotas para atingir o objetivo, pelas brechas que existem, ou através de um jeito mais discutível, não previsto pelas regras, ou ainda para impedir acirradamente que o oponente exerça suas opções e estratégias de jogo, a adotar uma posição agressiva e contra as boas condições equitativas para que o jogo se estabeleça em sua máxima expressão, quando é possível sobressair os talentos dos jogadores em relação ao jogo que está a ser jogado.

As brechas, assim, sempre existem nas regras – sempre vulneráveis às interpretações, como também existem no caso das leis fiscais que definem os impostos, que deixaram de ser certeiras para quem as consiga burlar, pois todas as regras sempre têm vulnerabilidades a permitirem que os mal-intencionados as pervertam ao fazerem uso de meios mais eficientes em benefício próprio.

E é desta forma que é preciso algo mais para que os jogos não fiquem comprometidos pelas anomalias comportamentais dos humanos enquanto jogadores, e tudo isto para além dos objetivos dos jogos, ainda que triviais, e das regras, ainda que vulneráveis de serem burladas por mais complexas que sejam. Há sempre aqueles que buscam vencer por qualquer meio que lhes apeteçam, sem pensar no prazer ou na oportunidade de realização do que se espera como resultado do jogar. E, neste caso, não estão mesmo a jogarem, pois o fazem como um trabalho para vencer a qualquer custo, como se fosse

uma obrigação a dirigir seus atos para a obtenção da vitória, e apenas isto. Não há um espírito lúdico envolvido, nestes casos.

Por isso vem a terceira parte, que é a atitude lúdica, ou o espírito esportivo de um jogo, que não fica em uma posição secundária, como originário das regras, mas sim numa posição extremamente estratégica, tal como é o *marketing* ideológico. E isto consiste na aceitação total e voluntária às regras vigentes na qual se estabeleça uma atitude de aceitação incondicional do jogador ao jogo, como um todo, em que este jogo passe a ser uma entidade para além do jogador, como um ritual de que este percebe e aceita tudo o que é preciso para ser um jogador e também para fazer parte de algo maior do que si mesmo – o ato de “vestir” a camisa do time é um processo místico.

Não basta aceitar as regras, é preciso estar aderente a elas, ficar dentro dos limites estabelecidos e ainda mais, a defendê-las completamente e a eliminar todas as suas vulnerabilidades pela vigilância, como um implacável guardião do jogo, das regras e das possibilidades, ativamente. E sem nunca quebrar com sua posição de representante deste espírito lúdico e superior. Pois, como as regras são falhas, os participantes dos jogos, ligados à ideologia-mãe pelo *marketing*, pelo espírito esportivo, assumem-se como guardiões da própria ideologia. Fazem valer as intenções ideológicas, sempre.

O espírito lúdico é uma forma explícita e despuddorada, ou até mesmo obscena, da adesão ideológica, onde estão as possibilidades, e isso já pode explicar bem sua função de aderência plena ao jogo, e que sustentará os ideais dos jogadores e expectadores tanto mais quanto for mais forte a aderência. Se tudo isto acontecer, há o jogo, no aspeto lúdico de ser e de existir, com um *ethos* (uma essência em que o prazer está no jogar) e um *telos* (um objetivo em que o jogar é participar, compartilhar e comungar de valores ideológicos comuns a todos os demais).

Por isso, é preciso perceber que os jogos possuem muitos valores positivos que suportam a vida social, na qual as ideologias possuem uma utilidade progressista e que as regras são mesmo importantes para o mundo se organizar como se organiza, de forma mais ou menos estável, mas ainda viável. Esta questões são agora trazidas para se perceber acerca dos conteúdos ideológicos, algo que escapa do escrutínio daqueles que buscam analisar e provocar as possíveis transformações sociais, sem perceberem bem sobre o modelo de jogos que estão estabelecidos em tais sociedades analisadas.

As ideologias não são conscientes, mas possuem conteúdos que lhes são atribuídas. São estes conteúdos que influenciam e são desejados pelos jogadores, torcedores e expectadores – são as representações das possibilidades. Toda esta abordagem que estamos a fazer tem como objetivo chegar ao ponto crucial das possibilidades sobre as possibilidades.

Para além das conceituações de Suits, o mestre brasileiro em semiótica João Ranhel, condensou⁶⁰ os conceitos sobre jogos de Jesper Juul, um terapeuta dinamarquês que em 2003 apresentou uma definição mais abrangente e atual de jogos, a considerar a multiplicidade de opções, a incluírem os *videogames*.

Assim, para Juul, são seis núcleos principais que configuram os jogos. Mas também considera que existam os jogos que não são bem jogos, ou quase o são. E, ainda, os que parecem jogos, mas não deveriam ser.

Ele define que «*um jogo é um sistema formal baseado em regras, com um resultado variável, no qual diferentes resultados são atribuídos por diferentes valores, o jogador empenha esforços a fim de influenciar o resultado, o jogador sente-se vinculado, e as consequências da atividade são opcionais ou negociáveis*».

Para ser um jogo, então, para ele, é necessário que existam (1) regras fixas, (2) resultados variáveis, (3) valorização do resultado, (4) Esforço do jogador, (5) vínculos do jogador com o resultado e, finalmente, (6) consequências negociáveis.

Os jogos da vida, dentro de certas perspetivas, possuem todos estes requisitos e, desta forma, podem ser considerados jogos-raiz, longe de serem jogos-nutella:

(1) As regras são fixas, há leis, normas, convenções e tudo o mais. Ainda que nem sempre cumpridas, lá estão, formalmente estabelecidas.

(2) Os resultados são variáveis e quantificáveis, pois para tudo há métricas e o sucesso pode ser medido em termos de património, por exemplo. Há um certo fetiche para as estatísticas esportivas – há até formas de gestão técnica das equipas a partir de métricas disponíveis, jogadores são selecionados em função de questões parametrizadas, etc. E, na vida, as empresas fazem o mesmo, a contratarem e a manterem equipas através de suas métricas, de suas projeções. As políticas públicas, idem. Os investimentos privados, idem. Tudo é baseado em função da performance, a partir das quantificações.

(3) A valorização dos resultados ocorre claramente, pois alguns valores são positivos, outros negativos, que são compensados, ou considerados de forma autónoma.

(4) Há esforços do jogador? E como! Nem preciso explicar isto, pois é item o mais evidente de todos. Alguns até morrem, literalmente, apenas para

⁶⁰ Saiba mais no artigo de Ranhel, João. O Conceito de jogo e os jogos computacionais. In: Santaella, L.; Feitoza, M. (Org.). Mapa do Jogo: A diversidade cultural dos games. Santaella, L.; Feitoza, M. 1ª ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009, p. 3-22.

estarem a jogar, mesmo que nada possam ganhar, para além da perda da própria vida.

(5) Há também vínculos do jogador com os resultados do jogo, emocionalmente, fisicamente, mentalmente. O jogo é a sua vida, afinal.

(6) E, por último, sobre as consequências negociáveis. E, daí, no extremo, há a consequência final da morte certa. Esta, que não deveria ser negociável, passa a sê-lo, pois assume-se que sim, como bem vimos até aqui. E, por isso, é desprezada pelos fins e subvertida pelos meios, pelo simples desejo de se estar a jogar, pelas formas de lidar com a vida.

A vida, portanto, é mesmo um jogo. Mas, também, é uma perspectiva.

27. A vida fora dos jogos, os suicidas, os excluídos

Todavia, mesmo com a vida percebida como jogo, com posições definidas para jogadores, torcedores e expectadores, em que o prazer de jogar esteja no viver, ou que o prazer de viver esteja o no jogar, ainda assim a vida pode ser rejeitada por alguns que desejam se livrar desta inconsistência existencial, destes conteúdos indesejáveis para estes alguns relutantes aos jogos, por não quererem subverter os fins pelos meios, ao se negarem a participar em quaisquer das formas possíveis de jogos, ou ao serem impedidos de jogarem quando tentam fazê-lo ou, ainda, quando só se é possível ficarem a assistir, nos piores lugares. São os excluídos, ou os autoexcluídos.

Não há vagas para todos, nos jogos mais relevantes, como no neoliberalismo, por exemplo, e em todos os outros. E, também, nem todos querem uma vaga. Há quem não queira mais jogar. Mas se o jogar cansa, o não jogar cansa ainda mais, pois passa a vida a forçar uma saída de onde se está, de onde é impingido a ficar. É uma luta constante contra a estrutura, um nadar contra a correnteza que sempre cansa mais do que nadar favoravelmente.

Alguns, por fim, por não se sentirem parte de nada, nem da possibilidade de sê-lo, ou por não gostarem dos jogos optam, por exemplo, pelo suicídio como uma forma de renúncia irrevogável à vida. Ou, ainda, pela exclusão social voluntária, que igualmente equivale a uma certa dimensão da morte, pois deixam de existir para a sociedade e para todos os demais, a ficarem invisíveis até mesmo para a maior parte das estatísticas. Existem, mas não são percebidos como existentes por ninguém, nem por eles mesmos, depois de algum tempo assim, desconectados.

Se deixam de existir no espaço público, deixam de existir na cidade. O território não resiste mais, apenas fica disponível, mas sem possibilidades, nem oportunidades. Na estrutura, são relegados a um pequeno território, vazio, de sobras, no submundo existencial. A cidade perde o sentido, e ficam nelas por ficar, sem nenhuma pretensão sobre a mesma. Não ambicionam mais nada, não jogam mais nenhum jogo.

O corpo deixa de ter significado, igualmente. Fica nele, por ficar. Vive, por viver. É o niilismo, a depressão, a forma de se estar, sem se estar. Se todos vão à festa da vida, o desistente vai também à sua própria festa, na qual apenas ele estará. Os que jogam, vão às *raves*, os desistentes ficam na depressão, sua única festa aceitável. E, podem tanto ir caretas às suas crises existenciais, ou drogados, mas não é isto mesmo o que querem, pois nada mais querem, nada mais desejam, deixaram de acreditar em tudo, pois tudo é visto como uma grande ilusão – é a disfunção ideológica, pela ausência desta.

Não precisam nem mesmo ir à depressão, pois já estão nelas, e personificam-na.

Pessoas que optam pelo suicídio ou pela própria exclusão, portanto, passam a perceberem que não possuem mais nenhum valor para o resto das pessoas que desejam levar a vida a jogar, e estabelece-se uma espécie de tabu sobre o tema do “não querer jogar”, em que os não-jogadores são retirados de todo o sistema de consideração humanitária e passam a um nível de expurgo ou desconsideração de suas próprias supostas humanidades, a passarem a um *status* de indignância, afastados compulsoriamente das formas de vida organizadas, consideradas como sociedades.

Mesmo as pessoas mais próximas, e amadas, e que amam o deprimido, potencialmente suicida, muitas das vezes passam a abandoná-los, gradativamente, sem que o percebam. Mas, o deprimido percebe, e cada passo dado por tais pessoas, para trás, o levam mais ao fundo. Estas pessoas se afastam, pois, também possuem medos, temores, convulsões e, em dado momento, atingem uma completa indiferença com o “doente” perdedor, que fica para trás, tal como bandos de animais que deixam seus doentes para trás, enquanto caminham para suas jornadas coletivas – os solitários abandonados acabam sempre por viverem a próxima refeição na selva. Nesta hora, que percebem o predador chegar, impávido e gelado como a morte, decidem partir – tanto o bando decide partir, como o isolado também, via o suicídio. Alguns, simulam para ver se voltam a lhe resgatar, e quase nunca voltam. Outros, o fazem decididamente conscientes de atingirem seus objetivos de forma eficiente, logo à primeira tentativa. E assim, as estatísticas crescem, dia-a-dia, tanto mais quanto o mundo mais “progresso” obtém.

A exclusão já ocorreu para todos os que optam pelo suicídio e isto vira público, independentemente se conseguem ou não atingirem seus objetivos de darem fim à própria vida. Mesmo depois de mortos, continuam excluídos do *status* “convencional” dos mortos. Não há muito tempo, nem sequer recebiam o perdão religioso, ou nem mesmo podiam serem enterrados no que se considerava ser um solo sagrado.

Desde o Concílio de Arles⁶¹, em 452, o suicídio é tido pela Igreja Católica como crime. E depois foi determinado que não poderia haver nenhum tipo

⁶¹ «O termo concílio, no catolicismo, refere-se a uma reunião ou assembleia de religiosos: bispos ou prelados, convocados para tratar e legislar de um ou vários temas específicos. Na história da Igreja Católica houve sistematicamente uma variada espécie de concílios, a saber, os provinciais, os regionais, os nacionais, os plenários e os ecumênicos. Em relação aos últimos, estes eram convocados pelo Papa e tinham suas deliberações reconhecidas e aceitas por Roma e pela Igreja como um todo.». Saiba mais no link

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Conc%C3%ADlio>.

de serviço funerário, a partir do Concílio de Braga, em 561, e que, por fim, no Concílio de Toledo, em 693, todos os que tentassem se suicidar seriam excomungados. Esta memória ainda persiste, ao menos no Ocidente, mais fortemente. É um tabu criado pelo marketing ideológico, como um verdadeiro espírito antiesportivo que precisa ser combatido veladamente, e nem mesmo mencionado.

Os desistentes dos jogos da vida são os considerados excluídos, eliminados, fracassados ou inadequados. Não há eufemismo ameno o suficiente para os causadores de quaisquer tabus, quase que por definição, pois ao serem tabus passam a serem isolados, evitados, nunca citados ou referenciados, e assim, esquecidos, ignorados e quase inominados. São o que são, e, ainda que uns poucos seres humanos mais perspicazes queiram atribuir alguma dignidade a estes, o esforço geralmente nunca é bem-sucedido, lamentavelmente.

Há quem se exima de se expressar, uma forma de autoexclusão parcial e inusitada, mas possível. O ativista e intelectual norte-americano John Francis⁶² deixou de falar por dezassete anos, apenas por julga não ter nada a dizer. Neste período, concluiu seus estudos até obter seu PHD, sem expressar uma única palavra, e o mais incrível em sua experiência foi a relação espaciotemporal diferenciada que passou a ter, pois sem se locomover com veículos que prometem ganhar tempo, percebeu que seus espaços pareciam maiores, uma dinâmica perspetiva completamente possível.

Outra forma de autoexclusão, e que é um poderoso fenômeno social no Japão, e em muitos outros países, que são os *hikikomoris*, «um termo de origem japonesa que designa um comportamento de extremo isolamento doméstico. Os hikikomori são pessoas geralmente jovens, entre os treze aos trinta e nove anos, que se retiram completamente da sociedade, de modo a evitar o contato com outras pessoas»⁶³. É isto é considerado um problema de saúde pública. Mas, o que estas pessoas percebem, realmente, é que o mundo, por ser tão exigente e competitivo, assume a disformidade do real, e o evitam, sem nenhum vínculo para além de seus próprios quartos, e já os são aos milhões, e ainda a crescer. O fazem por que podem, por terem quem os sustentem – mas, quantos ainda estão a se violentarem no mundo, por precisarem sobreviver? Não conseguem ter condições de se excluírem, ao menos para se preservarem mais e melhor. Há uma massa potencial de *hikikomoris* que ainda não conseguimos perceber enquanto vivos, pois estes desistem de tudo sem se esconderem, por não terem condições, e optam por deixarem a própria vida, através do suicídio.

⁶² Saiba mais em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2022/08/29/por-que-decidi-parar-de-falar-por-17-anos.htm>.

⁶³ Saiba mais em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hikikomori>.

Mas, se a vida secreta dos potenciais suicidas não interessa a ninguém, o mesmo não podemos dizer da vida de alguns excluídos, não suicidas, que por vezes tomam inusitadamente as manchetes dos meios de notícias.

Um caso quase impossível de se imaginar, mas que bem poderia ter ocorrido, é acerca de um relacionamento sexual de alguém em posição privilegiada, que está no jogo, com uma boa alocação estrutural, com alguém que esteja em posição de excluído, e, portanto, fora do jogo. Como na fábula da princesa com o sapo, que beijado, vira príncipe. Mas, em verdade, nenhuma princesa beijaria um sapo, e este é o senso comum. Será?

Digamos que, neste cenário distópico, uma mulher que está dentro dos padrões estéticos de corpo e aparência considerados como excelentes, aparentemente com um bom casamento, com um bom padrão de vida, a morar em uma grande cidade, seja flagrada pelo marido a ter relações sexuais com outro homem, ambos sem roupas a tresandar o inconfundível odor do sexo selvagem e despuadorado, com feromonas em suspensão, em seu próprio automóvel, em uma noite supostamente normal, de lua cheia, em um tranquilo bairro da cidade. Seria mais um clássico caso de “traição”, como qualquer outro, a partir de uma hermenêutica machista do patriarcado brasileiro.

Mas, o homem com quem a mulher estava a ter sexo era, neste caso, um mendigo, em condição de excluído e desabrigado, que é, assim, alguém que está claramente fora do jogo. E, obviamente, isto causaria uma comoção nacional, talvez internacional ou mesmo intergaláctica. Não seria algo normal, afinal. Pois traições raramente ocorrem, como bem sabemos, em nossa sociedade constituída em sua maioria por cidadãos do bem que se assumem como protetores da família e dos melhores valores cristãos. Por isso, temos quase nenhuma traição entre nossos iguais, obviamente. E, por isso, o que sairia daí seria, certamente, seria um choque coletivo nacional, ao primeiro momento, por ser algo tão inusitado, até impensável – uma traição, rara, e com um desigual, impossível!

E, depois, um grande furor coletivo que resultaria da comoção revoltante dos que estão a jogar o jogo, que são os privilegiados, tal como seria o marido traído, um jogador, que seria alguém bem-sucedido, bem aparentado e saudável, totalmente dentro dos melhores padrões estéticos considerados excelentes – barriga trincada, bíceps avantajados, etc. Como poderia um casal de deuses gregos se deixarem abalar pelos simples mortais, dos “piores” que existem?

E assim ocorre, pelo “absurdo” de um excluído ter acedido às mesmas possibilidades que deveriam ser exclusivas para os que estão a jogar e, não só, mas que também estejam a ganhar, para terem o “direito” de desfrutar de tal belo corpo feminino, divino, esculpido por longos tempos nos templos mais elevados do Olimpo do *crossfit* – não deveria haver o que houve, dado

que o sexo é uma das mais potentes possibilidades que há para todos os humanos criadores e suas criaturas divinas, portanto.

O mendigo “apreendeu” o corpo feminino alheio, que é o mesmo de ter sequestrado, para si, surripiado na mão grande as oportunidades alheias dadas apenas aos melhores jogadores. Há muita ironia e sarcasmo aqui, mas é preciso seguir adiante, dado o grau visceral de *marketing* ideológico que está a se mostrar – em especial o do machismo.

O que está em causa é que, a mulher, neste caso, é ela mesma, como dito, configurada como uma possibilidade. Uma “boa” e “desejável” mulher que sempre passa a ser tida como uma mera possibilidade, que é um objeto de conquista, uma propriedade, um corpo disponível apenas para os melhores jogadores, que são os mais capazes de serem grandes provedores.

Isto não é algo que desmereça as formas, mas sim os conteúdos, dos valores que são colocados como critérios de validação. A questão é a unilateralidade disto tudo. Vejamos, se ela estivesse a ter uma relação, na mesma situação, com alguém “compatível” ao “nível” do marido, este provavelmente não teria se chocado tanto, pois identificaria ali um outro oponente à sua altura, em sua perspectiva. Talvez nem tivesse uma atitude agressiva, como seria provável que tivesse com o mendigo, mas sim assumido que, como bom jogador dotado de espírito esportivo, tivesse perdido para o outro jogador, por este ter sido melhor do que ele, ter mais atributos.

É por isso, em parte, que sempre o homem traído, ao invés de culpar o amante da mulher, se este for compatível a ele, a culpa, ou a agride, ou a xinga ou a difama. A mulher, ao contrário, a incorporar o machismo, culpa mais facilmente a amante do homem, da mesma forma – mas geralmente com agressão, xingamento ou difamação, e não necessariamente culpa o homem traidor. Estão todos, assim, a replicarem o espírito esportivo dos jogos dos relacionamentos – dentro de uma ideologia machista.

Há algo lamentável que já podemos já observar aqui. E se não é ideológico, não saberemos nunca o que é. Pois, ao frigar dos ovos, a mulher passa a ser totalmente depreciada por não seguir as regras do jogo principal dos homens, o mesmo que ela não participa tanto quanto gostaria, por não ter acesso como deveria ter.

O mendigo, o inusitado perdedor elevado a “vencedor”, assumiria duas novas dimensões existenciais nesta suposta vitória.

Na primeira dimensão, dos igualmente desprovidos ou expectadores, passaria a ser exaltado pelo seu feito, como se surgisse um herói talentoso que é instanciado a uma categoria superior; e o marido, simultaneamente, passaria a ser desqualificado como bom jogador pelos torcedores mais fundamentalistas, que se distanciariam deste para que ninguém os confundirem com os outros jogadores, pois ele ainda precisaria lidar com o

escárnio dos que estariam a exaltar o mendigo, pois estes mesmos passariam a sonhar em aceder às mesmas possibilidades que foram acedidas pelo mendigo. Se sentiriam representados pelo mendigo, seu novo herói nos quinze minutos de fama que teria para si. E assim, o mendigo viraria referência e seria cultuado pelos que passariam a ver nele suas mesmas possibilidades de, algum dia, terem também suas vitórias como sedutores das mulheres do topo.

Há que se perceber que o jogo é mesmo assim, com riscos claros e situações inusitadas, como esta, em que existam vulnerabilidades nas regras, brechas nas quais pode ser permitida a “vitória” de alguém que não está sequer a jogar e, assim, esta vulnerabilidade vira também uma oportunidade, ainda que momentânea. E este seria, exatamente, um novo jogo que passaria a existir, e o mendigo sairia do inferno e passaria à dimensão do limbo, e seria o principal jogador de referência deste novo jogo que surgiria, já com torcedores e expectadores a torná-lo possível. E isto é um testemunho, em tempo real, de uma reprodução de um jogo que bem que poderia estar a ocorrer, ainda que seja muito improvável que algo assim ocorra em nossa sociedade. Qualquer dia, quiçá, algo assim possa ocorrer. Talvez nunca.

Mas, ainda que o mendigo fosse um jogador neste novo jogo, e cultuado por alguns como um novo ídolo, tendo alcançado status de celebridade e acesso a tudo o que pode ter como oportunidades, e até mesmo ser ele mesmo objeto de desejo de outras mulheres, e tudo isso, mas não apenas isso, pois teria muito mais oportunidades que este novo jogo poderia oferecer a ele, mas dependeria do número de expectadores e torcedores que estão a entrar e a formar a consistência do jogo, a sustentá-lo e, mesmo assim, mesmo sendo um jogador em um jogo, ele ainda estaria excluído no jogo principal, e por lá ainda sofreria sanções e ataques. O jogo dele é dado no limbo, e não na cidade. O principal, sim, é dado na cidade. São espaços públicos diferentes.

Mas ele se contentaria, por algum tempo, em ser a estrela deste novo jogo, enquanto este ainda for possível de existir: o jogo dos mendigos sedutores. Não deverá durar muito, se assim for, pois todos querem mesmo é o que está na cidade, e não no limbo. E é o que ocorre, sempre, até que queiram todos saciarem a necessidade de acolhimento na cidade, e daí para lá se dirigem, para o bem, ou para o mal.

O viés de todo conteúdo ideológico mal resolvido, como neste exemplo, como é o do sexo entre os considerados “incompatíveis”, é sempre considerar o excluído como alguém que nunca será um merecedor das possibilidades compartilhadas por todos, seja para se relacionar com uma mulher casada, ainda que consensualmente, seja para frequentar um local em que apenas os mais privilegiados possam estar ou, ainda, a habitarem um país que seja mais “rico” do que o seu, como no caso dos imigrantes ilegais ou refugiados, com restrições iguais que recebem ao coabitar.

A hospitalidade nunca é algo para classes ou padrões diferentes, mas sempre entre iguais que não se configurem como ameaças. São sempre os conteúdos ideológicos os mais considerados para se perceber tal similaridade entre os indivíduos, e não apenas as formas que as estruturas se fundamentam. Quanto mais similares forem os conteúdos dos sujeitos, mais similares estes se aperceberão entre si.

Como, segundo Nietzsche, não existem factos, mas apenas interpretações, na visão dos torcedores e expectadores, o mendigo foi elevado a uma condição superior e fez uma apreensão das “oportunidades” que estavam destinadas aos “melhores” e que, por ser homem, passa a ser considerado celebridade em seu novo jogo. O marido passou a ser desqualificado por ser considerado alguém que está a jogar mal, que não é capaz de manter suas possibilidades consigo, ao ponto de ser tão mal jogador que até mesmo um excluído pudesse assumir seu lugar e ficar, ainda que momentaneamente, com sua possibilidade. Por isso, o marido mereceria o escárnio dedicado a ele.

E a segunda dimensão existencial do mendigo? Não seria a exaltação, mas sim o menosprezo. Pois, na visão dos outros jogadores, das mulheres ideologizadas do jogo principal, das *influencers* reprodutoras da ideologia machista, dos falsos moralistas cidadãos de bem sempre de plantão nas redes sociais, dos conservadores que apenas dão valor ao jogo principal e dos dignos representantes das regras morais e religiosas – estes todos vão contra o mendigo, em bando, e vão atacá-lo até não poder mais, implacavelmente, mas sem citar ou menosprezar o marido, e até defenderão este, ferozmente. Pois eles se sentem representados pelo marido, e não pelo mendigo. Queriam mesmo é que o marido tivesse eliminado o mendigo, intimamente, pois isto é o que se deve fazer com todos aqueles que ferem a honra do proprietário subtraído de suas posses – todo o ladrão tem de ter, no mínimo, suas mãos amputadas, para tais pessoas.

Quem ataca o mendigo são os que estão no mesmo nível do marido, e no mesmo jogo, nas mesmas posições ou similares que ele está, ou esteve. Compadecem-se, por modos estranhos, mas é isto que fazem. Pois, para estas pessoas, o falso jogador inesperado, o mendigo, é uma imensa ameaça também para eles, que poderá desequilibrar a ordem estabelecida e direcionar esta mesma ameaça também para os que querem manter suas oportunidades sãs e salvas: eles próprios. O mendigo passa a ser um novo concorrente, inesperado, ilegal, desleal, sem nada a perder, e, por isso, uma ameaça maior ainda e será duramente atacado pelos que possuem “telhado de vidro” e que não atacarão o marido, nem como mau jogador, nem como traído, nem como agressor do mendigo, nem de nenhuma outra forma. Atacarão o mendigo, o mal em pessoa, para eles.

Uma parte destes que atacam o mendigo, atacará a mulher também e serão, na maioria, mulheres que absorveram integralmente a ideologia machista. A outra parte, na maioria formada pelos homens, lascivamente, até poderá aquiescer com o ataque à mulher tida como traidora, mas na verdade estarão a desejá-la, pois passou a ser um “objeto”, um prêmio destacado e, assim, precisam afirmar serem superior não só ao marido, como jogador, mas ao próprio mendigo. A mente humana é muito estranha, mas tremendamente previsível, sob a ótica ideológica.

Perceba que esta é a análise seria a mais provável que ocorreria com todos os casos assim, se fossem possíveis existirem. Duas correntes distintas, dos desprovidos que exaltam o mendigo e ridicularizam o marido e a outra que ataca o mendigo e ignora o marido. E onde está a macro-ideologia, a ideologia-mãe? Nas duas, a reproduzir integralmente os conteúdos machistas e patriarcais nos quais a sociedade se assenta – mesmo para as reproduções, os macro valores se mantém intactos.

Pois, lamentavelmente, nunca haverá nem voz nem destaque para uma terceira corrente nesta comoção popular capaz de defender a mulher. Não há ninguém que defenda, ou mesmo considere, que o sexo com o mendigo possa ter sido o exercício da liberdade sexual da mulher, que independente de o marido ser um bom ou mal jogador, deliberou para fazer o que fez, por ela mesma, para viver uma experiência que julgou ser lícita ou transgressora, e isto não importa a ninguém, e que deveria bastar para que nenhuma comoção surgisse. E se fosse o oposto, afinal, teria o mesmo desfecho? Obviamente que não. O homem jogador seria até mais evidenciado como um bom ganhador, por apreender mais “oportunidades”, mesmo que alheias a ele, se estivesse a fazer sexo com uma mendiga em seu carro.

A mulher, neste caso, mesmo se declarasse em depoimento policial que fez sexo por que quis assim, logo seria dada como alguém que estivesse a lidar com problemas mentais, e não seria imprevisível que até fosse internada. Sobre isso, nada sabemos, acerca da verdade, pois nos faltam casos reais que evidenciassem isto. Mas, provavelmente, teria ela sérios constrangimentos, depois de sair “curada” da clínica, e logo mudaria a história do depoimento, a ilibar não apenas o marido, mas a ela mesma e a culpar o mendigo, pois sofreria todo o peso do sistema sobre si. E isto seria péssimo, desumano e cruel com a mulher, tolhida de seu exercício de fazer o que lhe apetece, mesmo que nos pareça algo estranho, demasiadamente estranho.

Mas, o facto é que sua ação de fazer sexo teria sido deliberada pelas suas próprias capacidades, livres, mesmo se dissesse que tinha visto, no mendigo, a face de deus, ou do Raul Seixas, ou até mesmo do Wando. Se tivesse declarado isso, como motivo que a tivesse feito ter vontade de fazer sexo com o mendigo, ainda estaria em seu direito de escolher. E isto tudo seria uma

função da fantasia, já explorada conceitualmente, o que é um fator de deliberação necessário para toda a ação do tipo sexual. Ela poderia ter percebido a face de deus, ou não, mas a fantasia era dela, e somente dela. O “erro” dela, no máximo, seria quebrar o eventual acordo de fidelidade que tinha com o marido – e isto é o mais grave, pois quase ninguém comete adultério em nossa sociedade. Mas, mesmo sobre este acordo de fidelidade que existiria entre eles, ainda assim, não poderíamos especular sobre qual seria, exatamente, pois só caberia aos dois saber o que estava estabelecido, e assim sempre deveria ser.

O facto é que seriam três envolvidos, cada qual com seus aspetos, argumentos e justificativas, mas que não daria o direito de ninguém a julgá-los moralmente, pois deveria ser um “jogo” privado, apenas deles. Daí, já são lá outras questões. E, o que foi dito aqui, foi apenas um aspeto de análise, em perspectiva, com base apenas no que a imprensa poderia ter noticiado e do que poderíamos especular, hipoteticamente. E não seria um caso isolado, mas aparentaria ser pois coisas assim quase nunca se tornam públicas, e talvez sejam até mesmo muito corriqueiras. Será mesmo? Ao menos, nunca soubemos de nada parecido. Mas parece ser bem mais comum do que imaginamos.

Há que se perceber que os Cínicos, por vezes, mentem um pouco. Mas, só um pouquinho. E a ironia, vem sempre junto com tudo. E isto é um alento aos que estão na “condição de mendigos” (o termo politicamente correto, e digno, que devemos considerar, ao invés de simplesmente “mendigo”).

É como a icônica canção composta pelo compositor e cantor carioca Chico Buarque, “Geni e o Zepelim”, em que Geni é uma mulher excluída, que mantém relações com todos que ela quer, sem limites, mas todos estes estão abaixo na escala hierárquica social. Transa com todos, sem exceção, ao ser amante: dos errantes, dos cegos, dos retirantes, dos detentos, das loucas, dos lazarentos, dos moleques do internato, dos velhinhos sem saúde e das viúvas sem porvir... e em qualquer lugar, de qualquer maneira, sempre a servir sexualmente a todos com seu corpo, sempre consensualmente. A cidade, então, a considera maldita e a apedreja por ela ser quem ela realmente é, e por fazer o que ela realmente faz, consensualmente.

Geni é livre. E isso é uma grande ameaça, em si. Imagina, uma mulher livre, que se entrega a quem deseja, sem limites e pudores. A sociedade patriarcal e machista não consegue lidar com isso. Assim, ela é a maldita da história.

Afinal, um dia, chega um Zepelim a bombardear a cidade e o comandante desta distópica nave para o bombardeio por ter se interessado por ninguém menos do que ela mesma, a Geni. E declara que parará com os estragos feitos pelas bombas lançadas por ele, e que irá embora sem mais bombardeios, se puder ter relações sexuais com ela, por quem se interessa intensamente. Mas

a Geni, por suas razões exclusivas, nega-lhe esta possibilidade. Não dá o consentimento que dá aos outros. Pois, ninguém entende seus motivos, não percebem o que é mesmo a liberdade. Geni é realmente livre, não “dá” por interesse material ou social, mas por sua própria deliberação, pelo seu próprio tesão.

Assim, há comoção generalizada na cidade, que passa a exaltá-la e, portanto, a considerá-la útil – e a multidão que a depreciava como ameaça a transforma logo em uma possibilidade – a promove de maldita a bendita, e passa a implorar para que ela seja a salvação de todos, que assuma uma atitude tão “altruista” quanto antes, em que se dava sem restrições aos desvalidos. A pervertem, ao levá-la a ignorar seus próprios valores, seus próprios juízos. A cidade, que a rejeitava, agora quer ser ela própria a desvalida, e pede que Geni se dê pela cidade, se entregue a quem está por baixo, tanto quantos seus outros amantes. Geni, então, passa a perceber que o fará pela cidade, e isto é acatar a ideologia vigente, a ordem estabelecida, que sempre desprezou.

E, Geni, mesmo a contragosto, assim o faz, a ceder por bondade e por acreditar que se é a cidade que está a pedir, que deve aceitar, e nos faz acreditar que ela pensava ser possível fazer parte deste ente superior que sempre a excluiu. Talvez, agora, receba o acolhimento que sempre quis para si. E se dá ao comandante, se entrega aos seus devaneios.

O comandante se deleita com ela, abusa e se lambuza por completo com o corpo de Geni, supostamente, sacia a todos os seus desejos mais profundos e secretos e vai-se, finalmente, embora, realizado, provavelmente extasiado, com as pernas a bambear, sem mais nada bombardear, pois foi ele mesmo bombardeado. O sexo pulsante de Geni salvou a cidade, afinal. O sexo da maldita Geni, quem diria.

E assim, Geni, logo em seguida, por não ser mais uma possibilidade, volta a ser novamente uma excluída, uma ameaça agora comprovada, e volta a ser a maldita e passa a ser praguejada pejorativamente, como antes. Voltou a ser ameaça à ordem moral estabelecida, e basta isso. E é mesmo assim que acontece, quando o sentido utilitarista do sujeito é dado quando este deixa de ser um sujeito, e vira um objeto na estrutura.

Geni foi de excluída a incluída, e depois novamente excluída. A mulher, tal como Geni, seria excluída. Sempre são estas as excluídas. Nem o mendigo, nem o marido, homens, seriam excluídos totalmente da estrutura. Apenas ela, apenas elas, apenas todas as mulheres, tal como Geni.

Será que não há um machismo exposto e visceral nisso tudo?

O que dizem os representantes das regras? Ou melhor, o que não dizem eles?

E os demais, estão a consolar quem está realmente está ferida e maculada?

Entre o mendigo e Geni, eis um retrato oposto ao que percebemos entre dois “excluídos” que, por momentos, foram “incluídos”, pelas possibilidades que detiveram ou representaram consigo.

A diferença conclusiva nestas duas histórias pode ser encarada pelas distinções de gêneros, lamentavelmente, em que Geni imediatamente voltou a ser excluída e apedrejada e o mendigo, seria incluído em um novo jogo, em que passaria a ser a maior estrela, enquanto o próprio ataque dos demais, ao invés de excluí-lo, ainda colaboraria para que ficasse mais ainda em evidência.

Até quando, ou de que forma tudo acabaria, apenas o tempo diria. Mas, seja esta ou outra história similar, que poderá sempre ocorrer, tem movimentos muito previsíveis como estes. Há que se perceber acerca dos conteúdos, como dito, para almejar mudanças significativas para melhor.

E assim são as danças dos jogadores, torcedores e expectadores, sempre a bailarem uma mesma música, mas se nunca perceberem qual é mesmo a música que está a ser tocada.

28. Os processos, os méritos, o limbo, o habitat

As regras do jogo da vida são o que chamamos de leis e códigos formais, e também informais, de condutas ou procedimentos: são as normas.

Tais normativas, como quaisquer normativas, sempre possuem as tais vulnerabilidades que podem ser mal utilizadas por aqueles que queiram atingir os objetivos do jogo, por meios mais eficientes que os estabelecidos, sem respeitarem as regras ou desenvolverem habilidades necessárias que fazem um jogador chegar a ser um excelente jogador.

Ser excelente, em qualquer atividade, requer um imenso investimento de recursos, principalmente tempo e dedicação para se atingir o grau de excelência. Não se atinge a excelência, nem mesmo o mero *status* de jogador, apenas a aproveitar as oportunidades, pois nem sempre estas estão disponíveis, e logo a realidade confrontará as habilidades do jogador, que poderá ser eliminado pela própria incapacidade de jogar.

Fazer batotas vai contra tudo o que é estabelecido conceitualmente como espírito esportivo. Pois é ir contra a adesão ideológica, pelas brechas do sistema. Mas isto ocorre, pois nem todos estão igualmente imbuídos deste mesmo espírito lúdico e almejam apenas o que podem tirar furtivamente do jogo como benefícios ilícitos – querem as oportunidades imediatas, mas sem fazerem os esforços exigidos.

São aqueles que geralmente ainda não perceberam nada de relevante, nem sobre a vida, nem sobre a morte. Ou, ainda, os que estão em desespero e precisam mesmo das oportunidades de forma imediata. Há gente para tudo, afinal.

Mas, estes, ainda que não estejam realmente a jogar, estão a perceber muito bem o jogo que estão a ludibriar – e isto lhes é suficiente, visto que vão por caminhos em que são exigidas habilidades específicas para identificar com precisão e segurança tais brechas que levam aos atalhos para as possibilidades. Jogam um outro jogo, das vantagens fáceis ou das urgências, que é um jogo dentro dos jogos que estão a tentar saquear. São como os vírus a infestarem muitos dos computadores conectados à internet e tirarem, desonestamente, deles, muitas das “oportunidades” ilícitas.

Algumas outras destas pessoas são alienadas sobre quase tudo, em especial sobre os limites que possuem. Querem apenas saciar suas vaidades, em uma necessidade de autoafirmação. Nunca estão a existir plenamente, mas aos pedaços, aos cacos, apenas em presença no mundo a cumprirem uma “missão” que acreditam que lhes foi dada: vencer. Por isso, optam por serem oportunistas.

Não passam daí, pois a vida delas se resumirá apenas nisto, a busca de oportunidades, pois não possuem nenhuma imaginação ou curiosidade para

além do que lhes foi dado conhecer. Ficam pelo nível abaixo do *marketing*, reproduzem o que este estabelece, e passam a ser instrumentos do próprio sistema. E mesmo que uma pessoa assim obtenha algum benefício com o jogo que está a perverter, suas oportunidades adquiridas, ou vitórias, ou conquistas, não terão o mesmo valor daqueles que os fazem pelos modos convencionados, comprometidos com as possibilidades, e que, portanto, estão realmente a jogar. Por mais que consigam, nunca receberão o reconhecimento que acreditam merecem. Ficam marginalizadas.

Os processos utilizados para se jogar são extremamente importantes em todos os jogos, e são um dos mais valorizados, socialmente, como critérios de acolhimento. Quem constrói um império tem muito mais valor do que aquele que simplesmente o herda, sem o ter “merecido” (pela falta da prova dos processos empregados para justificar as possibilidades obtidas) tal como quem deixou a herança. O herdeiro é visto como um privilegiado, mas sem o prestígio que alguém teria se tivesse realizado os processos para obter, por seus próprios esforços, o que o outro herdou.

Assim também é desmerecido do máximo mérito aquele que progride nos jogos por alguma ajuda de alguém próximo, que influencia diretamente nas oportunidades para quem este protegido possa progredir mais rapidamente, ou mesmo para pular algumas das etapas dos processos. São os fidalgos, que sempre possuem trilhas de acesso preestabelecidas para o topo da estrutura, contra toda a legitimidade do esforço próprio.

Tudo, assim descrito, não deixa de ser uma refinada batota feito pelos pretensos “jogadores”, ainda que lícita, e é isto que faz com que seja algo mesmo obsceno. Por isso, os processos são uma validação dos juízos relativos aos méritos, que são juízos muito utilizados e compartilhados por todos, para depreciarem os que apreendem as possibilidades sem passarem equitativamente por todos os processos que deveriam passar.

Todavia, aquele que construiu algo e depois teve alguns problemas, enfrentou tribulações e perdeu parte ou tudo do que obteve, ainda assim pode ser menos valorizado do que aquele que nunca saiu do lugar, nunca obteve nada por esforço próprio e ficou à margem dos acontecimentos. O perdedor, mesmo que tenha perdido uma única vez depois de dezenas ou centenas de vitórias, passa a ser depreciado tanto mais quanto for a altura de que tenha caído, dentro da estrutura em que estava.

Perder é um processo devastador e sempre muito amplificado, mais intenso até do que vencer. É um escândalo social quando um vencedor é derrotado. As massas, sempre desprovidas, projetam seus desejos tanto para as possibilidades quanto para suas próprias alocações estruturais, e passam a se realizar quando percebem uma menor alteração nas diferenças negativas em que estão – ou seja, se regozijam não apenas quando conquistam algo, mas quando alguém cai e fica mais próxima delas. Por isso, a crueldade para

os perdedores, como se fosse uma vingança por eles terem, em algum momento, vencido as massas. Quando caem, passam a serem atacados pelos vencidos. Afinal, ficam mais próximos, e os famintos sempre estão ávidos por carne fresca, tal como hienas que atacam, em bandos, leões ou leas que estejam a sós. A fome, a selva.

Há, sempre, para estes que “caem”, uma região mais segura, de limbo, destinadas para ficarem, que também abriga alguns exóticos jogadores, alguns jogadores considerados promessas, mas que ainda não se realizaram, os famosos teóricos que muito falam, mas nada fazem ou fizeram, e todas as criaturas que são destacadas da dita “normalidade”, considerados assim ao destoarem da média, mas sem estarem acima desta e, assim, ficam confinados ali, mesmo no limbo, a aguardarem suas oportunidades e sob o olhar atento dos demais. O limbo é um bando e, assim, as hienas se resignam em não atacar.

Por isso, muitos “herdeiros” mesmo sem nunca terem jogado estão neste mesmo limbo. Alguns que lá estão viram celebridades, mesmo sem nada produzirem, pois não conseguem resultados nos jogos, mas atraem as atenções pelo que dizem ou fazem e, assim, mesmo no limbo, passam a jogar um outro jogo derivado, e que também causa curiosidades nos expectadores, que se distraem com isto. Tudo, lembre-se, vira produto. O limbo, inclusive, também é um meio de produção de supérfluos, mas que passou a crescer em relevância, para entreter os que estejam desalocados estruturalmente.

Para melhor ilustrar, nos grandes eventos desportivos, como no *Super Bowl* norte-americano, a final da liga principal do futebol americano, há os intervalos que são tradicionalmente os espaços publicitários mais caros de todos os tempos. Nestes intervalos, está o limbo – há o entretenimento que não produz nada, de concreto, mas distrai a todos. Alguns dos artistas são mais ricos, famosos e poderosos do que os jogadores, mas não estão a jogar, não são “produtores”, não possuem os mesmos *status* de sobre-humanos. Isto ilustra bem o que se dá no limbo, sempre a ocupar as brechas existentes, a distrair o que há entre a ideologia e a realidade. Em um mundo no qual as brechas acabam por se tornarem maiores e mais evidentes, como o nosso, justifica-se o aumento de relevância do limbo, da elevação dos que lá estão, mesmo sem nada produzirem, de facto, como os diversos influencers que foram lançados à estratosfera das possibilidades, sem jogarem, sem nada oferecerem além da distração que são competentes em produzir. E este é apenas o início dos novos tempos que viveremos, quando o limbo assumirá imensa relevância, ainda em transição.

O manter-se inteiro é mais fácil no limbo, pois lá estão todos os que não precisam combater no dia-a-dia atribulado e traiçoeiro da vida, que não precisam atuar na frente de batalha, seja no ataque ou na defesa. Ficam no limbo, em banho-maria, na salmoura, a temperarem-se para ver se é possível

terem um gostinho a mais, a fugirem da insipiência que muitos sempre tiveram. Alguns conseguem, afinal, tornarem-se apetecíveis. Ficar no banco pode ser sempre mais seguro e sempre parecerá intacto, sempre mais descansado, queira ou não. Pois não há desgastes e nem “gastos” – os patrocínios são muitos, e fica fácil manter o que se tem quando se está na reserva.

Quer casar? Há patrocínios que bancam tudo, em troca da cobertura exclusiva do evento. Férias dos sonhos? Idem. Viajar de primeira classe para Dubai? Moleza, em troca de um “videozinho” nas redes sociais. Alguns ainda recorrem voluntariamente ao limbo para se recuperarem dos desgastes, a renovarem suas forças para novas partidas, sabaticamente. O limbo possibilita exatamente isso, e muito mais.

O limbo é uma zona das possibilidades mais prováveis ocorrerem atualmente, que são as oportunidades mais turbulentas das modas passageiras e voláteis que o *marketing* ideológico encampa para si, afinal, estão todas no limbo, mas não tão certeiras assim, e até podem ser totalmente duvidosas – há muitas que beiram o absurdo. O limbo é uma espécie de campo de provas para as oportunidades. Por isso, possui uma espécie de estatuto em que coisas estranhas, muito estranhas mesmo, podem acontecer sem serem consideradas tão estranhas assim, afinal. Há tanto uma utopia quanto uma distopia, no limbo, a ocorrem simultaneamente. Fica a parecer que o limbo é uma zona de exclusão, fria e indesejada, mas não é nada assim por lá, pois, o que ocorre é que, por tudo ser permitido, a vida alternativa e criativa floresce em ideias que ganham uma dimensão própria. É até divertido e descolado, afinal.

Há as grandes ideias que acontecem por lá, por estes que querem adentrarem ou retornarem ao jogo, mas não o que estavam a jogar, e sim a produzirem conceitos que podem originar novos jogos, ou novas formas de propostas para estabelecerem condições que lhes sejam propícias. O ócio tem sua sede no limbo, que funciona também como uma espécie de incubadora para jogos, que começam sem compromisso, e podem crescer, sempre fractualmente, e assumirem uma dimensão própria de passarem a existir fora do limbo. Por isso, é uma zona neutra, entre a guerra e a paz, mas também um centro de florescimento de estratégias para todos os que lá estão, descontraidamente.

Seja a riqueza ter sido obtida por herança ou por esforços próprios, detê-la consigo, o que significa continuar a possuir o “acúmulo” apreendido das oportunidades e das possibilidades é também uma expressão de vitória, tanto se estiver dentro como fora do limbo, pois significa que está a continuar apto a jogar, ou a iniciar um novo jogo, a arriscar o que possui e dar oportunidade para os outros ganharem também.

Há quem atribua o acúmulo apenas à sorte, mas não há quem menospreze aquele que coloca o acúmulo em risco, que aceita novos desafios – pois isto

é sempre enaltecido por todos. Pois se alguém possui o acúmulo – a riqueza, mesmo que seja por herança, e depois consegue um considerável aumento deste acúmulo, fica mais rico ainda, pelos esforços das próprias capacidades e dos riscos assumidos ao se colocar tudo no jogo, então se é catapultado ao Olimpo, em glória e reconhecimento como um excelente jogador, e passa a ser respeitado e admirado. É mesmo assim, mesmo que seja um privilegiado e comece com muitos milhões na conta, e com todos os contatos influentes, desde que ganhe mais, e acumule mais, vira um deus cobiçado e cultuado.

No boxe, por exemplo, um campeão que detenha um título mundial consigo, ao aceitar incondicionalmente o desafio de outros lutadores, mostra sua coragem de colocar o que tem em risco e também expõe uma superioridade moral em que se posiciona como alguém destemido e portador de uma atitude vencedora, até intimidante, talvez, a impedir que qualquer um o desafie, pois estará sempre apto a aceitar defender o que julga ser apenas seu.

Ao contrário, o covarde é sempre desafiado, pois todos sabem que ele nunca aceitará o desafio e “crescem” em cima da covardia do medroso. O verdadeiro campeão não é assim, e se faz campeão cotidianamente, pois não basta ganhar apenas uma vez, e é preciso se reafirmar sempre. Assim é a dinâmica dos jogadores de topo.

Portanto, não basta ser preciso provar o valor de ter passado pelos processos para ser considerado um jogador, mas é preciso também continuar a ser um jogador. E é por isso que todo o jogador de topo deve manter-se sempre fora do limbo, e com jogadas para ambicionar novas conquistas.

Isso, em resumo, é a ideologia básica de todo o jogo da vida, que faz com que todos fiquem em movimento, a fazer a “roda” girar, a transformarem a potência em ato, em pleno movimento. E este componente ideológico da ação constante está fundado nos processos comungados como ideais aos jogadores: nos esforços que lhe são sempre exigidos serem feitos, nas atenções às regras, na busca para se atingir os objetivos, para afirmar-se sempre a estar imbuído do espírito de jogo e, principalmente, ser um defensor da livre iniciativa que todos possuem em desejar o próprio lugar que se está a ocupar, de desafiarem quem desejarem.

Pessoas e processos, ou melhor, pessoas nos processos: o grande diferencial para toda a sociedade de sucesso, seja uma família, comunidade, empresa, corporação ou até mesmo um país. E, todo o processo tanto deriva quanto leva à formação das estruturas, como um todo, sejam sociais, econômicas, legais, corporativas, familiares, etc.

No limbo, encontraremos uma parte da selva mais hostil, embora seja uma hostilidade cômica, ácida e obscena, pelos absurdos de se valorizar o fútil, por vezes, pois lá, que já foi o habitat das antigas colunas sociais dos jornais e revistas, agora passou a ser o habitat dos heróis, *coaches*, *influencers*, gurus,

os representantes das regras, os políticos de base, e todos os esquisitos participantes da macroestrutura, do *staff* que sustenta e opera nos bastidores dos jogos, e que nos mostra, mais uma vez, a complexidade que se encerra em si, muito mais imprevisível do que todo o resto da estrutura. Logo, teremos imenso material sobre o limbo, a seu tempo. O importante, por agora, é perceber que ele existe, e a que se propõe existir, pois quase nada é por acaso, na estrutura.

O que agora se faz necessário? Os esquemas dos jogos – sabermos como tudo isto se dá, operacionalmente. Como tudo flui, dentro da estrutura? E, por isso, teremos de partir para um modelo dinâmico, meramente didático, para percebermos onde está tudo alocado, e como interage funcionalmente com o resto das coisas. Daí, teremos como perceber como se dão as alocações existenciais dos sujeitos, nas diversas posições que assumem, na estrutura. Vamos, então, ao esquema conceitual do possível.

29. A síntese existencial, o neoliberalismo, os valores, a desconstrução sacrificial

Ao menos para a Filosofia, a moral e a ética são dimensões muito discutidas e sempre revisitadas, onde pululam muitas propostas conceituais, algumas inusitadas, outras ingênuas, mas todas em busca de um modelo ótimo que possa fundamentar definitivamente tanto uma proposta suficiente de justiça como também dos meios para uma boa e profícua convivência na sociedade. Buscam a fórmula secreta do paraíso.

É a Ética, de facto, a área mais pragmática da Filosofia, ou ao menos a que mais aparenta ser, pois é a partir dela que se produzem propostas que parecem buscar serem o próprio Graal da utópica vida virtuosa, ao ponto de, se tudo o que fosse proposto fosse colocado em prática, tudo no mundo se encaixaria perfeitamente, e a vida fluiria rumo ao tão esperado mundo contemplativo, completamente paradisíaco, harmonioso, sem espaços para que cobras falantes antiéticas viessem a causar estragos na ordem, novamente.

A Ética sempre foi, e ainda é, mesmo que discretamente, o grande desafio de fazer da Filosofia algo ferramental, ou de verdadeira utilidade pública, na qual as premissas acertadas pelo filósofo proponente vitorioso seriam as que resultariam em uma forma basilar da sociedade ordenada e progressista. Nunca, portanto, teve sucesso relevante, mediante os fracassos de todos os filósofos que já propuseram algo sobre uma Ética definitiva e última. Mas, as tentativas ainda existem para chegarmos à fórmula do paraíso. Afinal, o que ocorreu com Eva, foi devido à falta de ética, assim posto. Muitos dos éticos creem mesmo que possuem o caminho, a verdade e a vida com eles, ao menos os mais fundamentalistas, sem que consigam se aperceber do próprio fundamentalismo que estão profundamente inseridos – pois não percebem o caos do real, nunca o sentiram dentro de si, como se apenas fossem virtuosos, racionais ou previdentes. Seria, portanto, uma falta de ética tal radicalidade filosófica? Enfim, questões que nunca acabam, e nunca progredimos.

Sabemos – ou supomos saber, ainda que nem sempre muito bem, mas até razoavelmente, o que ocorreu nestes quase três últimos milênios, com todas as tribulações que a suposta humanidade criou e enfrentou, para si mesma, desde que tais preocupações com a viabilidade harmoniosa da convivência social surgiram, e assim podemos perceber que muitas destas preocupações ainda hoje estão sem conclusões, como no caso das guerras, das formas tirânicas de Governos, das diversas formas injustas de relações sociais e políticas, da parcialidade da justiça, do igual acesso aos cuidados de saúde, das diferenças econômicas, etc.

Muitos progressos ocorreram desde então, alguns até significativos e impressionantes, mas também levaram a um quadro bem mais complexo de novos problemas a serem enfrentados, e que não será simplificado tão facilmente, dadas todas as diferenças enraizadas, das crenças cristalizadas pelas diferentes culturas, a resultar em uma massa descentralizada e desprovida de oportunidades, sem educação formal e com imensa aversão pelos mais privilegiados, justamente os que possuem as forças políticas mais próximas de si ou mesmo que as controlem, diretamente.

Não são difíceis prever tempos vindouros ainda mais sombrios, a ocorrerem insustentavelmente nas próximas décadas, dado que muitos dos sintomas já estão a ocorrer na atualidade e que precisaremos considerar assim o futuro, de forma realista, talvez pessimista, a evitarmos todas as ingênuas esperanças de que alguns pensadores insistem em formular, com a crença de que sempre será o “tempo” que trará com ele as soluções, em detrimento de pensá-las e produzi-las por agora, enquanto ainda é possível. Afinal, o que “estraga” a realidade é sempre a ideologia, sempre a forma de ver o mundo pela melhor ilusão que podemos ter. Já não há lugar para todos, mas aquela esperança ideológica no livre mercado leva a todos a continuarem suas vidas, esperançosamente. A realidade, todavia, não tem qualquer consideração com o que imaginamos dela, e nos atropela implacavelmente, a desfazer nossos melhores projetos oníricos, vezes e mais vezes. Quando este atropelamento for suficiente para despertar a maioria, simultaneamente, ocorrerá uma rutura ideológica, chamada de revolução – e, para onde iremos? O que seremos? Difícil de imaginar, por enquanto.

Assim, urge uma compreensão sobre, ao menos, conceituarmos precisamente os exatos problemas que estamos a enfrentar, e qual abordagem que precisa ser buscada, ao menos a nível individual, para que cada um que se importe realmente consiga sobreviver e se posicionar, ao menos na selva do possível que estamos a habitar. Se, pelo menos, conseguirmos ao menos chegar a alguma conclusão que poderá levar a causar menos estragos dos que já estão a ocorrer, já será uma grande vitória, e seria um primeiro passo muito bem dado rumo à verdadeira liberdade existencial.

Por onde começar? Pelo entendimento, sempre, em especial das dinâmicas que existem na estrutura, das formas de como nos movimentamos nela e, principalmente, como e onde nos alocamos, existencialmente neste nosso verdadeiro Leviatã – um monstro que nós mesmo sustentamos para que possamos existir nele – e assim é o possível – a estrutura que é envolvida pela ideologia. E existem muitas outras questões, para além das que já abordamos, até aqui. Revisaremos algumas delas, e faremos outras novas, pois precisamos de uma legião de intelectuais, de pensadores capazes de serem críticos ideológicos e, também, construtores ideológicos, dado que não podemos existir sem uma ideologia – mas é preciso que esta seja melhor,

mais clara e perceptível. Seria, esta, a revolução ideal: a que antecede os movimentos violentos, a que supre as deficiências nutricionais antes da fome ocorrer, antes da biologia instintiva se sobrepor ao intelecto. Seria uma intenção de dotar os habitantes da selva de uma nova consciência social, antes que estes se alimentem dos mensageiros, e das mensagens libertadoras.

A primeira questão é descobrir por quais razões nós ficamos voluntariamente em busca de uma posição na estrutura, visto que é ela própria que não nos deixará sermos tudo o que somos, nos restringirá em termos de expressão e, ainda por cima, nos vigiará, controlará e até mesmo nos punirá. Certamente haverá algo que se ganha ao abrir mão do que se é, e do que se poderia ser, e justamente por isso é preciso perceber logo o que poderá ser o ganho considerado pela própria alma que é vendida. Certamente, a promessa é feita com algo muito poderoso, ao ponto de estarmos tentados a pagar o alto preço que nos é cobrado, ao ficarmos aderentes. Não é bem uma opção nossa a uma proposta que recebemos, mas uma verdadeira demanda que fazemos ao darmos conta da existência da estrutura, em algum momento da vida, quando passamos a implorar pela aderência estrutural e a fazer tudo o que for preciso para ficar alocado nela.

Qual é, afinal, o processo de adesão ideológica? O que nos faz ficarmos aderentes? Será apenas o *marketing* ideológico?

Sim, sem dúvida que é o *marketing* ideológico um dos maiores responsáveis, mas não apenas ele e, portanto, já podemos perceber que todas as novas propostas morais ou éticas que existirão, para serem mesmo eficientes para nossa autonomia ideológica, precisarão, obrigatoriamente, confrontar em algum grau o *marketing* ideológico, ao menos desnudá-lo, revelá-lo o máximo que nos for possível, como no detox ideológico. Os jogos já estão a serem jogados, e são incontáveis, talvez infinitos e, por isso, tanto é preciso perceber quais dos jogos estamos a jogar, tanto quanto as colas ideológicas que existem nestes jogos e também o quanto estamos aderentes a eles e, principalmente, qual a nossa exata posição atual, que é a nossa alocação estrutural, ou existencial.

Mas, o *marketing* nada cria, como vimos, apenas consolida um pacote com os conteúdos que irão ser mais relevantes aos seus objetivos de aderir a todos – e faz com que este conteúdo ganhe vida própria, e se torne um imperativo para todos. E, por isso, é preciso perceber quais são os conteúdos que estão em suas prioridades, os mais relevantes para a sua existência, para que perceba qual foi a isca que atraiu você ao anzol. Mas este conteúdo não está isolado, algures, está em tudo, completamente distribuído por todos os cantos – nas famílias, nas religiões, nas mídias, nas artes, nos filmes e seriados, nos livros e, principalmente, nos mecanismos de ensino do sistema educacional obrigatório, mas não apenas isto. Existem os reprodutores e disseminadores destes conteúdos: os representantes e as normas, ou regras,

que os sustentam e definem. É todo um complexo a ser percebido, e não apenas aspetos isolados. E não será fácil.

Como procurar algo que não se destaca?

Eis a dificuldade de se enfrentar as sutilezas ideológicas. Mas, sempre, há os excessos e, portanto, há os aspetos obscenos que rapidamente podemos identificar e usar como ponto de partida. Pela prática com o grotesco, afinamos nossos sentidos críticos gradativamente, mas nunca ao ponto da perfeição, da exatidão – pois a ideologia acaba sempre por nos vencer, ao final. Iremos embora daqui, e ela continuará com nossos legados, nossas descendências. Por isso, o Neocinismo passa a nos ser tão precioso, pelo desapego ideológico ou minimalismo existencial que levam a uma vida mais consciente, mas isso são lá outras questões – e também uma nova ideologia muito mais distante para a maioria imersa no pensamento comum.

E não podemos esquecer desta hierarquia das ideologias, das macro-ideologias do pensamento comum até das micro-ideologias de um casal, ou de amigos, ou famílias. Elas se desdobram, se reproduzem ao se fractalizarem e assim, tanto causam em nós quanto sofrem os efeitos que nós causamos a elas. Como já vimos, uma das macro-ideologias, em nosso mundo ocidental é o neoliberalismo, junto com o cristianismo, a “democracia” e outras expressões que poderão variar, entre as nações, mas que não ficam tão distantes assim, umas das outras – em um mundo integrado e cada vez mais semelhante que estamos a nos tornar.

O nome do nosso jogo ocidental, portanto, é o neoliberalismo.

Assim, na nossa atualidade, o *marketing* neoliberal vende a realização pessoal como possibilidade e o mercado como oportunidade. E faz isso ao considerar o indivíduo como empresa. E empresas precisam lucrar, e lucram por fazerem bons investimentos, terem uma boa gestão com menos despesas e desperdícios e um ótimo patrimônio, com bons ativos e geração de caixa, de capital. O *marketing* neoliberal quer isto para seus integrantes, para todos nós, que acatamos emocionados tudo o que podemos ser, através do livre mercado. E será isto que precisaremos desconstruir, conceitualmente, se desejarmos mesmo atingir um estado autônomo frente às massas que seguem rumo à pasteurização intelectual completa. O neoliberalismo não é um inimigo, necessariamente, mas poderá sê-lo, se assim o permitirmos. Mas já há algo de muito nefasto que emerge de suas entranhas, e nos adentra, nos impregna maleficamente a nos deixar insensíveis, egoístas e individualistas extremos. Estamos a perder o que nos uniu, o nosso senso social. Se antes, buscamos a sobrevivência, hoje buscamos a supremacia. E somos levados a isso, mas do que nossas naturezas nos excitam, somos excitados aos extremos da individualidade.

A ex-primeira ministra britânica Margaret Thatcher, um dos maiores expoentes neoliberais do Séc. XX, uma verdadeira papisa neoliberal no

limiar apocalíptico da Guerra Fria, chegou a dizer que «*e, você sabe, não existe tal coisa como sociedade. Há homens e mulheres individuais e há famílias*»⁶⁴. Tenho a impressão de que, se fosse hoje esta entrevista, ela nem mencionaria a família, deixaria de fora tal entidade. Seríamos, atualmente, apenas indivíduos.

É neste imbróglio neoliberal que estamos todos inseridos, sem quereremos, mas que acabamos por quer estar. A individualidade passou a ser confundida com a capacidade de movimentação e autonomia dentro do mercado. Somos livres, mas apenas dentro do mercado livre, e tudo parece ser mesmo tão livre que não nos damos conta que o mercado passou a ser o nosso mundo, a nossa limitação – a nossa prisão. Este é o preço atual da estrutura neoliberal, que é um preço aceitável para uns, inaceitável para outros, indiferente para muitos e insuportável para os que desistem de existir. Há quem perceba isso, e queira que seja mesmo assim – estar preso no mercado livre. E, ao invés de se libertar desta prisão, brigará para que a prisão seja maior, que cresça e que se expanda por todos os países do mundo. E, cinicamente, fará isto a dizer que está a libertar os demais, quando na verdade os estarão a aprisionar na própria prisão em que se está.

Nós, no neoliberalismo, somos todos vistos como instâncias empresariais que não devemos nem depender e nem contarmos com o Governo a níveis assistenciais, e que precisamos deixar a estrutura completamente desonerada para que esta possa garantir que o livre mercado exista, sem restrições. O Governo passou a ser o guardião do mercado, o grande protetor deste ente transcendental que nos dará todas as respostas, nos saciará em nossas necessidades e transformará tudo em progresso. Para o neoliberalismo, todas as nossas demandas serão supridas pelo mercado, que passa a ser não apenas um novo espaço público, mas o único desejável e o único considerado, e tudo passa a ser inserido aí, até o Estado, quando o neoliberalismo passou a absorver tudo o que há, com o estrondoso crescimento que tem tido, no Ocidente, e também no Oriente, com sua sede e fome insaciáveis por novos mercados. Muitos não o perceberam criticamente, não consideraram o que realmente está a ocorrer com o mundo, mas a questão é repetida aqui: Como procurar algo que não se destaca?

E assim, para este camuflado e mutante *marketing* neoliberal, se faz precioso destruir todos os demais espaços públicos para que apenas exista ele próprio, na figura do mercado, a ser considerado por todos como tal – uma unânime utopia. O que ele provoca é mesmo um grau elevado de fundamentalismo, até mesmo para os mais pobres sujeitos, principalmente estes, que se deixam seduzir por tais promessas – e as defendem mortalmente

⁶⁴ Na língua original, em inglês: «*And, you know, there is no such thing as society. There are individual men and women and there are families.*»

contra todos os que queiram demover o mercado de sua centralidade, pois são estas promessas, ou melhor, possibilidades, tudo aquilo que eles acabarão por ter, e apenas isto. O sistema não é inclusivo, mas dá a impressão de ser, aparenta ser o que não é, e isto lhe basta.

O dinheiro passou a ser, oficialmente, e abertamente, o novo deus do mundo – o apreço pelo acúmulo deixou de ser pecado e passou a ser uma virtude. Só se pode ser algo ao se ter algo. Se não tem posses, não é nada na vida. E, em grau maior ou menor, estamos todos aderentes a tais ideias, pois para quem nada tem, a promessa de ter algo é boa e, para quem muito tem, a promessa de ter ainda mais é boa também, ou até melhor. E, assim, através destas ideias sempre queremos suprir nossas demandas que, por serem insaciáveis, nunca se extinguem, mesmo com os excessos insustentáveis de consumos que estamos a ter.

Pois, afinal, estamos no jogo neoliberal para buscar o pacote completo da felicidade estrutural. O próprio pacote é dado como isca: ter uma boa posição, um bom relacionamento, uma boa casa, um bom carro, poder viajar, talvez ter filhos, ou talvez *pets*, quiçá um robô interativo que também saiba cozinhar e fazer massagens, ou algo mais, ou ainda, talvez nada disso, e ser minimalista e viajar sem destino como nômade digital ou ainda, abraçar uma causa politicamente correta, ser ativista, fazer voluntariados, nos quais para os programas mais valorizados até já se exigem pagamentos dos voluntários por uma vaga, ou até não ser nada em especial, seu um involuntário para tudo o que seja útil, e viver apenas a passar o tempo a maratonar séries ou a jogar *games*, e nada mais do que isso. Tudo isto, sem exceção, está dentro do mercado, pois são produtos que se consomem simplesmente por viver, apenas por viver. Estar vivo já é um consumo que, mesmo que não se pague diretamente, alguém o faz. Ou não?

E o sujeito poderá se preocupar apenas consigo, apenas com o mundo, ou buscar conciliar os dois, ao perceber que um não pode dar certo sem que o outro dê. Se o “seu” mundo não está bem, ele também não estará. E vice-versa. Pois há aí a causalidade imanente, como há em quase tudo, em que o sujeito e o mundo são tanto efeitos como causas. Mas não há um mundo, exatamente como o concebemos, para o neoliberalismo, e sim há um grupo de produtores e consumidores que habitam um território chamado mercado. Nossa percepção natural de mundo é maior do que isto, pois somos humanos, com mais pretensões do que a mera expansão mercadológica. Somos, essencialmente, selvagens domesticados pelo mercado neoliberal. Mas, lá no fundo, ainda somos selvagens, e nunca deixamos de sê-los por completo, razão pelos muitos resistentes que ainda existem.

E, assim, para alguns, ou talvez para muitos, os conflitos ideológicos começam a existir, e precisaremos saciar nossas pretensões em outras instâncias ideológicas que estarão, necessariamente, “fora” da instância

neoliberal – mas não encontraremos nada, pois tudo o que há, para encontrarmos, precisa antes ser um produto, atualmente – pois fomos condicionados assim, estamos sempre a querer consumir algo já disponível e pronto – deixamos de caçar para coletar, e de coletar para comprar nas gôndolas dos mercados. Somos coletores dotados de cartões de créditos. Quanto maior nossos limites, mais importantes somos, pois mais poderemos coletar, e mais autonomia teremos, dentro do universo coletável do mercado.

Mesmo o amor, mesmo o pensamento filosófico, mesmo a poesia, tudo só passa a existir quando é produzido por alguém – não sentimos mais, coletivamente, a poesia fora dos livros, não a sentimos mais na vida, no ar que respiramos, nos olhares apaixonados que nos tocam, mas apenas passamos a senti-la no que nos dizem ser poesia, industrial, formatada pelo mercado – nossas percepções mudaram, sobre tudo o que há – deixamos de ser sonhadores para sermos consumidores. São os sonhos que nos levam ao produto, que nos faz fugir da escassez, da falta. Não encontramos nada para além da ideologia-mãe e, por isso, encontramos as representações ideológicas de tais aspirações dentro do próprio *marketing* neoliberal – confundimos o que queremos com o que há disponível no mercado, travestido apropriadamente para nos confundir e limitar. E pensamos que muito do que há disponível para nós ainda seja algo puro, não comercial, que seja mesmo algo aspiracional – a inspiração passou a ser também um produto, tal como os sonhos. Somos, sempre, iludidos pelo *marketing*. Nós, mesmo em dúvida, acreditamos que estamos a prosseguir para fora do mercado, sem sermos mais corresponsáveis pelos estragos que este proporciona, a julgarmos que estamos a fazer isto em favor do bem de todos, e não apenas de nós mesmos.

Mas, não estaremos em isolamento, e nem sozinhos, pois faremos parte de um grupo a formar uma comunidade de resistência neoliberal. Ou, ao menos, supostamente. Alguns de nós se dirão despertos, ao perceberem as artimanhas das ideologias degenerativas neoliberais, e quererão “acordar” os demais que continuam no mercado, pois estes que estão preocupados percebem a urgência de algumas causas que precisam atacar. E assim farão. Mas, para despertarem os demais, farão primeiro os produtos de suas próprias causas, e o despertar será também uma ação de *marketing*, e tudo assumirá a mesma forma ideológica, com conteúdos diferentes, mas também um mercado, um produto, dentro do mercado. Tais resistências são geralmente temáticas sociais dentro de uma ideologia-mãe que diz não existir sociedade, mas apenas cidadãos, que precisam competir entre si, a qualquer preço – e a resistência neoliberal parte para mitigar isto, mas sem renunciar ao que é preciso, realmente, para desintegrar o neoliberalismo: o mercado. Quem, afinal, negaria o mercado? O que viria a substituí-lo?

Cada um possui uma opinião sobre o mundo, mas não bem sobre si próprio neste mundo, pois realmente não se sente parte do problema, foi

doutrinado para ver apenas seu próprio resultado, seu próprio lucro. Há infinitas perspectivas, e estas são apenas algumas. Todos nós, provavelmente, já despertamos para algo, pois o despertar é, basicamente, perceber as fissuras do sistema, da ideologia para a realidade. Mas, adotar alguma atitude consciencial contra o que há, é muito mais improvável.

Quais seriam, para aqueles que ainda não despertaram, os seus motivos para despertar?

Seriam os temas que estão por aí, nas médias, como temáticas sociais?

Pobreza, desigualdades sociais, concentração de rendas, racismo, xenofobia, misoginia, refugiados, imigrantes, aquecimento global, consumismo, terrorismo, fundamentalismo religioso, perseguição política, falta de privacidade, censura, controle tecnológico, opressão política, miséria educacional, fome, doenças, poluição, contaminação radioativa, resistências ao veganismo, energias não-sustentáveis, lixo espacial, etc.?

Quantos destes temas são importantes para um sujeito, realmente? Ou serão ainda outros que ele poderá listar? Entre os temas que o atraem como se fossem seus interesses individuais, há muito em comum entre eles, pois fazem parte de sua perspectiva. E, provavelmente, ainda existirão outras questões que seriam igualmente ou até mais importantes para ele, mas que ele não terá consciência sobre elas, pois poderá estar no modo “automático”, do óbvio, do hábito e da “normalidade” ideológica à qual está inserido em sua perspectiva – e, por isso, consome apenas as causas que já viraram produtos, dentro do mercado.

Como sabemos, não temos uma universalidade e nem forma de tratarmos de todas as questões relevantes simultaneamente. Precisamos retirar o que há de intrínseco comum em cada um destes conteúdos acima, e de todos os outros e, isso é, na prática, tratarmos dos valores relevantes que estão em jogo, para cada perspectiva individual.

A questão não é quais temas, em si, são relevantes, mas sim quais os valores que estão nestes temas. E quais destes cada um possui, e é justamente nisto que o *marketing* trabalha para controlar e dominar volitivamente a individualidade que acredita ser um agente autónomo e deliberativo, mas que opera sobre ela e faz com que tenha atenção para umas coisas desejáveis, sem ter para outras indesejáveis aos interesses do mercado. A guerra do *marketing* neoliberal é justamente dar máximo valor ao que ele considera ser necessário. Ele opera em valorizar ou desvalorizar os próprios valores dos produtos, conceitos, ideias, etc. Por isso é tão poderoso, sem que ninguém o perceba bem.

E não há isenção possível, nem no sujeito, nem no *marketing*, pois o sujeito já possui consigo o que o *marketing* quer, e é isto o que ele excita no sujeito, para fazer o que é proposto ser feito. E o que o sujeito possui? Valores, desde sua tenra idade, pois tais valores foram moralmente inseridos

desde seu nascimento através de sua educação, da linguagem, das interações nos relacionamentos que teve. É uma predisposição que está latente em todos, mais ou menos intensa, mas sempre presente.

Mas, uma questão prioritária é que precisamos perceber mais sobre os valores que possuímos para termos algum grau de consciência crítica contra o *marketing*. Precisaremos perceber quais são suas verdadeiras causas e, também, percebermos os valores inseridos ou evocados por elas. Há uma correlação poderosa entre tais valores, pois o que buscamos, realmente, nas causas, sejam individuais ou coletivas, são os valores que estas representam – as causas são oportunidades dadas pelo *marketing* que levam às possibilidades que estão na ideologia, lembremos sempre. E, assim, conseguiremos perceber o que realmente importará: o fluxo dos valores, e o nosso fluxo dentro deste esquema conceitual das possibilidades, do possível. Devemos querer saber das formas de movimentação, da dinâmica que está formada entre o que consideramos existir – entre cada um de nós e o nosso próprio mundo, nossa própria perspectiva.

Daí, precisaremos fazer novas perguntas, pois desejaremos as respostas que nunca nos deram, ou que nunca percebemos bem. Mas, tanto as nossas perguntas quanto as repostas partirão e virão destes mesmos fluxos que possuímos – e serão ajustadas a cada um de nós. Por isso, precisaremos compreendê-los esquematicamente, pois somos um conjunto de conteúdos, de representações, e, por baixo disso tudo, somos um conjunto de valores em movimentos constantes – somos o que nossos valores estabelecem, e nada mais do que isso.

Estes valores tanto se originam a partir do que somos, mas também fazem nós sermos o que somos, ao afirmarem nossa identidade. Sempre somos e resultamos a partir de um processo da causação imanente, sempre estamos em um processo dialético no qual buscamos ser uma síntese, sem que consigamos ser, pois logo há um novo conflito, a ameaça do abismo, a diferença percebida. E isso pode ser muito bom, mas desde que se conheça o esquema no qual existimos e percebemos existir. É chegado o momento, afinal, de acedermos ao mapa conceitual da selva que estamos todos inseridos.

Parte III – DA ABISSALIDADE AO SACRIFÍCIO

3. E disse o Homem: que comecem os jogos da vida; e os jogos começaram.

Genesis 3: factus est abyssus

30. O esquema conceitual do possível, os sonhos, os fluxos

Chegou, finalmente, o momento de percebermos esquematicamente o que somos estruturalmente e como e onde nos alocamos, tanto individualmente como coletivamente e, por isso, vamos partir para uma abordagem esquemática meramente didática, bem calma e tranquila, sem dor nem sofrimento, mas nunca despreziosa em relação ao que será o nosso primeiro mapa de navegação pelo caos existencial que sempre esteve e está a nos afligir na selva em que estamos a filosofar.

Vamos perceber, finalmente, como estes fluxos de conteúdos nos impactam e, assim, nos fazem sentir que existimos em nossas diversas dimensões instanciadas por eles mesmos, reflexivamente. Por isso, voltaremos aos conceitos que muito trabalhamos até aqui, não para explorarmos mais, mas sim para integrá-los todos em um esquema mais compreensível e que seja possível ser colocado à prova em nosso cotidiano, em tempo real em nossas próprias vidas, em nossas aspirações, sonhos, desejos, relacionamentos e nas demais movimentações estruturais que sempre estamos a fazer.

Pois é preciso um modelo – um esquema conceitual ou mapa – mesmo que seja algo que não funcionará exatamente assim, como colocaremos, pois, nem sempre será mesmo funcional, dado o dinamismo estrutural que precisamos sempre considerar, para além da impossibilidade da universalidade que sempre estivemos a defender – nem nosso esquema pode ser tomado como universal, pois não é, e nem nada mais é, e nem nunca foi, e isto só será mesmo algo meramente ferramental e provisório para nossa perspectiva aqui apresentada. Um recurso didático, e apenas isto.

Mas assim faremos, tal qual como muitos garbosos analíticos sempre fazem, a paralisarem sadicamente, por momentos, o caos temporal e espacial existente em uma única imagem, tais quais aqueles supervilões que só conseguem perceber os poderes dos super-heróis após seus bandos os capturarem e os prenderem. Mas, tanto na Filosofia como nas aventuras, sempre os super-heróis e o caos encontram um jeito de se soltarem rapidamente, sem nunca ficarem presos e paralisados por muito tempo. Por isso, não é prudente termos a ilusão de que um esquema pode ser algo definitivo, por mais engenhoso e realístico que pareça ser, ele logo se tonará inconsistente, tal como as regras, que nunca conseguem capturar o movimento.

E assim, para que possamos, também sadicamente, estabelecer um esquema representativo, “universal” e “sempre” preciso do universo conceitual do possível, teremos basicamente de considerar um modelo

estrutural integrativo destes principais conceitos desenvolvidos até aqui, que totalizam as sete instâncias ontológicas percebidas e que trabalhamos perceptivamente nelas, uma a uma: a moral, os representantes, as regras, os modos, o marketing, a ideologia e o caos impenetrável do real.

Para a compreensão inicial da dinâmica acerca da ética e da moral, dos seus conteúdos e valores, usaremos apenas cinco destas partes.

E o que são estas partes representadas? Cada uma delas será considerada como uma esfera, e todas elas serão concêntricas, a se diferenciarem pelos diferentes volumes, dados pelos comprimentos diferentes dos raios que possuem, e assim perceberemos as sete partes como camadas de uma cebola, em que uma camada maior envolve todas as menores. E assim será neste nosso modelo, de modo que as esferas maiores conterão também tudo o que está nas esferas menores.

Mas, antes, é preciso perceber que este conjunto de esferas representará, por agora, apenas a individualidade isolada, sem que haja nenhuma interação do indivíduo. Serão considerados apenas os conteúdos que há em cada um, quando considerados isolados. Logo a seguir à apresentação deste esquema, veremos como se dá dinamicamente, com a relação com o ambiente estrutural ao qual se relaciona, interactivamente – quando a quarta esfera se dualiza entre os modos de ser e de existir. E logo que possível, consideraremos passar tudo para o completo movimento, como deve ser, em fluxo constante no tempo e no espaço, a perceber o que é o social.

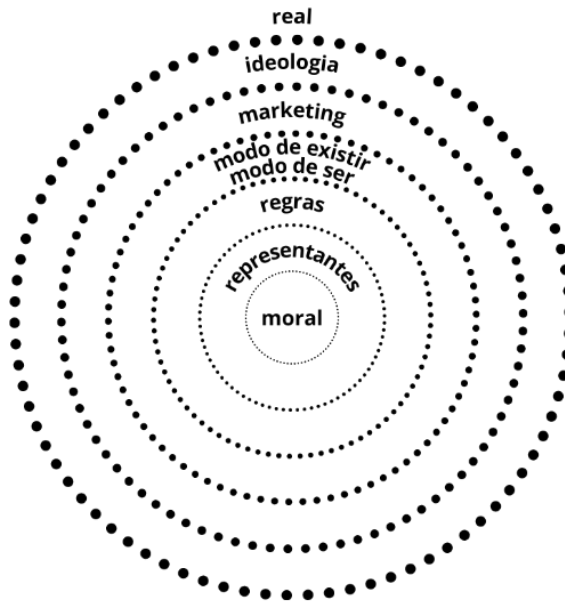


Figura 1 – O esquema conceitual do possível - planejado

Então, direto ao nosso modelo, eis o que cada uma das esferas expressará em cada individualidade:

1. Na primeira esfera, a menor de todas e a mais adensada, estão os valores morais duais mais rígidos e sedimentados, que serão abordados detalhadamente mais à frente. Serão estes valores que hierarquizarão todos os conteúdos que virão em todas as esferas a seguir – é o núcleo duro do sujeito, onde estão suas crenças mais profundas e influentes, que são oriundas dos conteúdos mais resistente às mudanças e às novidades, pois são os valores que legitimam os juízos mais irredutíveis do indivíduo para o que seja, para este, o certo e o errado, o bem e o mal, o lícito e o ilícito, dentre outras formas morais reduzidas e apreendidas. Esta esfera é a mais central pois resulta da ação direta dos representantes, desde a mais tenra idade, e de acordo com as regras que estes traduzem e que passam a serem apreendidas pelo sujeito, intimamente, pela convivência familiar e educacional, além da cultural, social, religiosa, cívica, etc.;

2. Na segunda esfera, estão os representantes – todas as pessoas com as quais existem relacionamentos instituídos, que sempre podem ser reduzidos como relações de poder, entre um dominador e um dominado, sempre de acordo com certas regras estabelecidas entre estes, com as quais sempre uma das partes passa a representá-las, ao evocá-las e interpretá-las de acordo com as relações estabelecidas e, por isso, assumem o papel de representantes e influentes para quem se configure como submisso. Não abordaremos tanto esta esfera, nesta incursão inicial, por buscarmos apenas a dimensão individual e paralisada, mas ela é muito importante, pois são através de nossas relações instituídas que também nos relacionamos ideologicamente, ao percebermos as diferenças através das relações instituídas que resultam na percepção das faltas e, por isso, fazem surtir os desejos de supressão das diferenças negativas e ampliação das positivas. Esta esfera está acima da individualidade moral pois as relações são a instância existencial necessária para a formação desta moral. E, nenhuma regra é considerada sem que exista uma relação para justificá-la, pois, as regras são fruto da percepção da diferença, do surgimento da necessidade de convívio e, por isso, os relacionamentos naturalmente as precedem, sempre, mas se tornam viáveis justamente por elas.

3. Na terceira esfera estão as regras, que sustentam os relacionamentos e que influenciam nos seus modos existenciais. As regras emergem do convívio, mas não são uma instância relacional, um fim em si, mas um meio, ou forma de existência – são as regras que levam à ordem estabelecida, inclusive à simbólica, com suas personificações diversas: deuses, pátrias, ídolos, etc. Há a subversão delas, é verdade, quando da ação do *marketing*,

para que tais personificações sejam o fim último da existência devocional, mas isto é algo posterior, pois o *marketing* subverte o que já existe, sem nada criar, necessariamente. Por isso, as regras o precedem, e também precedem as personificações, e também as formas existenciais que o sujeito assume e que passa a dividir-se entre elas, a oscilar pelos limites impostos pelas regras, e pelas transgressões que passa a fazer. Os conteúdos destas regras, quando valorados e apreendidos pelo sujeito, são dispostos como necessários ou úteis, dentro de uma hierarquia de relevância formada e dada pelos juízos morais e experiências relacionais.

4. Na quarta esfera, e que também não usaremos aqui, estão os nossos modos de ser e de existir. Esta esfera é que nos dá o movimento que temos ao nos relacionarmos com a estrutura, pois é a nossa amplitude existencial dinâmica que nos faz movimentar por todas as demais esferas. O que resultamos a partir de nossa moral, dos relacionamentos e das regras apreendidas nos dá a dimensão de nosso modo de ser. O que projetamos, a partir daqui, a responder à dinâmica estrutural, a atender o que nos é exigido, é o nosso modo de existir, nunca o mesmo que o nosso ser, a nossa essência existencial. É o ser que se questiona a partir da existência, de um retorno a algo que não compreende, mas que sente ser diferente do que se percebe ser, das aparências que destoam de algo que não se mostra nunca, pois algo restringe esta manifestação. O ser cindido, dividido e aparentemente duplicado. É a esfera mais complexa que há, para além do real – pois é ela quem domina o movimento – do indivíduo para o ser relacional, para o ser coletivo. E, por não quereremos por agora nenhum movimento, nem nada para além de nós mesmos, não a usaremos por tal motivo, tal qual não usaremos a segunda esfera. Esta esfera, naturalmente dualista pelas propriedades opostas que possui, está sempre entre o tangível e o intangível, entre o imanente e o transcendente, pois é a nossa última fronteira, quando somos o que somos de forma imanente (a partir de nossa moral, nossos relacionamentos e dentro de uma ordem estabelecida estruturalmente) sempre a partir de um esforço de materializar o que nos parece transcendente, pelas diferenças que compartilhamos coletivamente, por tudo o que nos faz parecer desejável como modo de existência que buscamos para nós (a partir da excitação produzida pelo *marketing* ideológico, da atração pelas possibilidades que representa a própria ideologia e nos faz percebermos as ameaças existentes, e a constante necessidade de se fugir do real, do caos que nos repulsa tanto quanto nos causa um intriga íntima, e que nos leva ao limite, mas sem nunca termos o desejo de ultrapassá-lo, o que nem seria possível, dado que é ele próprio o impossível que nos afronta a existência). Entre o que somos e o que desejamos ser, ou o que percebemos ser e o que deveríamos ser, entre um e outro, entre a essência e a aparência, resta a pergunta sobre

uma verdade sobre tudo – e este é o ponto no qual oscilamos, e nos movimentamos. Esta esfera é um limiar entre o que há e o que pode haver, o ponto no qual saímos da condição de consumidor para produtor, de criatura para criador, a atingir uma desejada liberdade.

5. Na quinta esfera, que passa a ser coletiva, estão os conteúdos do *marketing* ideológico, que destaca sempre o que é relevante para ele (e nós) nas ideologias que participamos – pois é o *marketing* que se “relaciona” conosco, e não a ideologia, em si, pois é ele que nos expõe e direciona às oportunidades a partir das possibilidades existentes. O *marketing* é a instância quase sensível e mais relevante que nossas imanências coletivas conseguem exprimir – é a instância do transcendente comum, da imaterialidade mais relevante que possuímos socialmente apreendida através de nosso modo de existir, que dá uma reverberação positiva ao que é projetado pelo *marketing* através das estruturas que estamos inseridos. Nesta esfera, aquilo que percebemos ser – definido pelas nossas imanências das esferas anteriores, passa a ser confrontado pelas aspirações coletivas e é facilmente subvertido pelo *marketing*, a darmos prioridade a algo que antes era irrelevante, por exemplo, ou a aumentar a relevância do que já era relevante. Como o *marketing* envolve as esferas menores, ele é influente sobre o que há, e sofre influência do que somos – pela causação imanente. Não são projeções vazias as feitas pelo *marketing*, pois encontram reverberação justamente pela colaboração que estas imanências produzem. É sobre esta hierarquia instanciada que o *marketing* mais causa impacto – ele favorece muitas releituras das regras, dadas pelos relacionamentos que temos, pelos representante que temos ou que somos, conforme nossos juízos mais moralizados, mas que também podem ser alterados, sob certas circunstâncias, o que poderá fazer com que altere a relevância de nossos próprios valores morais ou, ainda, que absorvamos incondicionalmente novos valores que não possuímos, pois, o papel do *marketing* é nos fazer ficar aderentes e, por isso, precisa fazer com que fiquemos em “sintonia” com ele para que possamos sempre suprir as diferenças que ele mesmo evidencia em nós, e é isto o que ele mais faz de forma perfeita. A função do *marketing* é comunicativa, de reproduzir a cola estrutural e a adesão ideológica, a permitir que tudo se expanda, se reproduza, dentro de suas condições estabelecidas.

6. Na sexta esfera, é o seu Universo em perspectiva, os limites do seu possível, para além do *marketing*, e aí estará a ideologia que envolve tudo isso e que contém todas as possibilidades já instanciadas por todos nós, ajuizadas pelos nossos valores morais existentes a partir dos conteúdos que expressam a nossa intencionalidade linguística, mas não só. O *marketing* não bloqueia o acesso às demais possibilidades fora dele, e que estão nas

ideologias, mas também nada promove para além dele, seja por serem conteúdos irrelevantes para seus propósitos, ou mesmo por serem nocivos e indesejados e, assim, faz com que fiquem menos relevantes ao alterarem a hierarquia dos valores, se for interessante para ele. Por isso, esta esfera nos parece sempre algo distante e estranho, pois nossos juízos estão sob o filtro de valores dado pelo *marketing*. Esta esfera serve para que possamos fugir do caos do real – e nela está o nosso mundo, as nossas representações, o que percebemos como universo, como conjunto de tudo o que há, que nos é conhecido ou que pode ser conhecível. É uma construção linguística, intencional e coletiva para nos isolar do nada existencial e, assim, é a ideologia a nossa maior construção – e também a nossa própria prisão existencial, pois só existimos dentro dela, e apenas a partir das possibilidades que nos faz aderentes à estrutura que ela estabelece, e pela qual se mantém, se sustenta e se reproduz.

7. Na sétima esfera, nem mesmo uma esfera, pois não há limites definidos para que assim seja, é a realidade, já no impossível, para além da ideologia, onde estão todas as possibilidades que ainda não possuam conteúdos atribuídos por você, sem intencionalidades, sem linguagem, sem nada, apenas em estados de pura potência, sem que estejam em ato, ou em puro ato sem que estejam em potência, e é isto que é a pura realidade, para a qual, por vezes, consegue ser percebida pelas fissuras que a ideologia apresenta através de suas inconsistências, ou melhor, de nossas próprias inconsistências, quando passamos a perceber um pouco do assustador real, do seu deserto tão vazio e indecifrável, caótico e impenetrável. Seria também o real uma dimensão dual – entre ato e potência, em estados puros – incomensurável, inóspito e que teríamos, necessariamente, que adentrarmos no abismo para perceber o que haverá ali, dado que é algo tão visceral e com imensa inconveniência para nossos sistemas ideológicos, visto que só pequenas partes desta realidade nos é acessível, quando as inconsistências da nossa ideologia nos permitem percebê-las, pelos nossos próprios *bugs* existenciais.

Mas, como dito, este é um esquema meramente individual e parcial, que representa um Universo em perspectiva, dado somente pelos conteúdos que o indivíduo apreendeu para si, nas ideologias que participa, pois, toda universalidade é sempre limitada às ideologias as quais ele está inserido e, por isso mesmo, é uma “universalidade” em perspectiva.

Por serem sempre diversas ideologias, o seu Universo em perspectiva será a somatória destas ideologias, em cada um dos seus componentes. Em síntese, é assim, mas apenas se fosse possível ser sempre assim. Mas não é tão simples. Pois nunca as somatórias resultam em esferas, mas sim em entidades poligonais completamente disformes e voláteis, multidimensionais

para além das três dimensões conhecidas, pois há o tempo, que é a quarta dimensão, que instancia o movimento ou a paralisia através dos espaços. E, também, há toda a interação que existe, entre o sujeito e os outros, entre o coletivo e suas dimensões sociais. Por isso, esta separação é mesmo inconcebível, para além deste recurso didático que estamos a apresentar.

E assim, as justaposições nunca são completadas ou muito bem definidas, ao menos para quem não seja, por exemplo, um “Kant” na vida, idealizado como modelo de racionalidade extrema e perfeição existencial, com um preciso rigor moral aliado à pura meticulosidade intelectual – ninguém é assim, por mais que o queira ser, pois tudo se dá, para os simples mortais, todos que somos resultantes, como também se dá no caos, com imensas distorções e máximas imprevisibilidades. Pois, afinal, estamos dentro de uma estrutura de possibilidades com nuances caóticas, envolvidos por uma realidade indesejada, e separados dela através de uma fina e frágil camada formada por nós mesmos, como autoproteção, pela nossa ideologia acolhedora e rica em possibilidades, ainda que nem sempre eficiente. E, dentro deste nosso universo, sonhamos, sempre.

É por isso que os sonhos, segundo Lacan, e também muito citados por Žižek, não são para que consigamos representar a realidade, pelo contrário, é justamente para tentarmos fugir dela, ao nos apoiarmos firmemente na ideologia. É por isso que Žižek defende que, nos sonhos, é quando a ideologia se mostra mais forte e presente, sempre, em seu estado mais puro e obscuro. E agora podemos perceber bem o motivo de ser assim. E logo abordaremos tais questões, mais aprofundadas, sobre a realidade.

Mas, por agora, precisamos nos perceber melhor a partir de uma hermenêutica dada por este esquema conceitual, nos fluxos que nos levam à sensação de existir nas relações que travamos com todas as instâncias estruturais do possível. E só depois de esgotarmos nossas percepções individuais é que poderemos nos perceber como uma resultante destes esquemas individuais que somos, mas também dados no âmbito coletivo, no espaço público, no território e na cidade, como entidades que somos e que passamos a sermos entes representados por elas, de passarmos de transcendentais a imanentes, e com nossas universalidades dadas nesta perspectiva, que são o que chamamos de perspectivas morais, legais e normativas, éticas, disciplinadoras e de obediência civil, da nossa cidadania, do nosso senso de justiça, de dever cívico, dos nossos direitos e obrigações, da nossa ideologia, da nossa representatividade, das aspirações de hospitalidade, do utópico bem comum, da cultura e muitas outras instâncias conceituais que emergirão em nós a partir destas componentes estruturais básicas que comungamos todos, pois será preciso não apenas perceber a somatória dos indivíduos, mas também dos conflitos, dos poderes, e tudo o que há sempre dentro de dada perspectiva, a partir das ideologias

consideradas. Ao percebermos como indivíduos, percebemos nossa sociedade, e vice-versa, pois um não existe sem o outro.

E assim, tornar-se-á possível esta percepção existencial, ainda que somente à distância, das componentes mais gerais, das mais perceptíveis. Mas será impossível atingirmos uma precisão dimensional sobre tais organizações propostas, em seus detalhes mais específicos, dado que tudo se dá como explicado, no movimento, no caos que existe, mesmo dentro de um Universo em perspectiva. A nossa estratégia, mais à frente, portanto, não será buscar uma identificação de cada um dos valores, que seria algo impossível, mas sim dos fluxos que ocorrem entre estas dimensões.

Mas, didaticamente, por enquanto, assim continuaremos a fazer, a buscar apenas os valores propostos, ainda sem considerar o movimento, como temos feito até aqui, ao menos nesta parte. Mas, por que fazer isto? Pela experiência mais poderosa que poderemos ter na vida: a compreensão dela, do mundo, de tudo. Será possível compreendermos as relações, a sociedade, a sacanagem, a nobreza da alma, a vilania, o preso, o terrorista, o apóstolo da TV e até mesmo a nós mesmos, como tal, pois se tudo isso emerge destes fluxos de valores que todos estamos completamente inseridos, nós também emergimos, e podemos ser justificados pelo que apreendemos de tudo.

Depois de compreendidos todos conceitos, observar o caos se tornará uma das experiências máximas da vida filosófica, e poderá ser como a tal contemplação grega, ou ainda maior, onde tudo flui com uma certa sensação de grandeza, uma espécie de experimentação estética do sublime *kantiano*, a nos elevar, pelo reconhecimento verdadeiro da possibilidade da finitude, ou da própria insignificância, para os menos egocêntricos, ao atingirmos uma dimensão que nos dará o *status* do saber, para além da contemplação filosófica que tanto escutamos, desde que o filósofo grego e pré-socrático Pitágoras a referenciou como *theoria*⁶⁵, mas que nunca pudemos experienciá-la, de facto. E, desta forma, tudo poderá nos ter valido a pena nesta nossa insana jornada selvagem.

Mas, ainda sobre o que poderemos perceber destes conceitos aqui apresentados, poderemos agora compreender, justamente, a existência das muitas “morais”, das muitas “éticas”, das muitas regras, leis e normas, das muitas culturas, do muito de tudo, sem que os filósofos nunca tivessem percebido bem o que realmente estava a se colocar em questão, verdadeiramente. Buscavam a unicidade em um universo de multiplicidades, mas também buscavam a multiplicidade em um universo de unicidades. Ou buscavam o singular em um universo de pluralidades, sem perceber que nada disso há, ou houve, algum dia, mas apenas nos nossos sonhos de atingir uma

⁶⁵ PETERS, F.E. Termos filosóficos gregos – Um léxico histórico. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1977. Pg 228.

verdade capaz de nos fazer permanecer nos sonhos – pois acreditamos que isto nos bastará. Mas, o facto, é que ainda estão a buscar a tal universalidade, a tal verdade última, ou primeira, que está mesmo em algum deserto inominável e inacessível – o que há, está na selva, cá dentre nós, e é só o que temos, e só o que somos. Quem, afinal, tem coragem para pular no abismo? No máximo, apenas olhamos para ele, e percebemos que estamos a virar o que sempre fomos – uma monstruosidade, um Leviatã que nós mesmos nos contruímos a partir da nossa ideologia, quando passamos a dar vida a ela.

A diversidade, afinal, sempre esteve presente no movimento, mas sufocada por uma busca fetichista desta paralisante e monótona universalidade intelectual que levou a todos os tipos de conflitos, desde sempre. Se mesmo há um mal absoluto no mundo, é não haver a noção da perspectiva, da força da diversidade, das dimensões existenciais em que os modos de ser podem até mesmo serem equivalentes aos modos de existir, e de forma lícita, acolhedora e justa. Simples assim, o mal seria isso, tudo o que está a impedir o verdadeiro conhecimento – e a aceitação da diferença como natural e desejável. O verdadeiro mal é o querer da unicidade, é a miopia intelectual.

E é por isso que precisamos perceber os fluxos que temos, individualmente.

Aristóteles já nos dizia que a nossa virtude era nosso bem maior. Que sempre nos dirigíamos ao que chamamos de bem, de prazer, de boa vida. E isto – o conceito de bem – é, afinal, um (conteúdo) valor moral que temos em nosso núcleo mais central. Por isso, mas não só, percebemos que o fluxo prioritário é trazermos o que há como possibilidades para o nosso bem, seja lá o que isto significar. O fluxo é descendente, a buscar nutrir nossa moral mais profunda acerca do que seja o bem, e isto é possível quando a ideologia a concentrar todas as possibilidades passa a ser destacada pelo marketing a tornar mais relevante o que é oferecido como oportunidades, de acordo com as regras vigentes, dadas pelos representantes, e que sempre nos leva a algo que percebemos ser o melhor que temos a considerar – a nossa legalidade, a nossa noção do melhor, do próprio bem – e assim apreendemos o bem, e desejamos apenas isto para nós – o bem apreendido. E é isso o que queremos, e o que fazemos sempre, ou ao menos desde Aristóteles: a busca do bem, através do fluxo de transformar o que é transcendente em imanente, em apreendermos algo verdadeiro em nossas vidas.

Mas, estes ideais, estes sonhos de supremo bem, dados pelas nossas fugas do real e pelas buscas de acolhimento no universo do possível, é um fluxo que podemos perceber existir como descendentes. Pois, se trazemos da transcendência algo a ser materializado em nós, só é possível por que lá vamos antes – à transcendência. Vamos lá buscar o que queremos, o que nos fará atingir o bem, ao atingirmos a diferença positiva, pelas possibilidades

que precisamos apreender. E, se lá vamos, é por também termos um fluxo ascendente, do imanente ao transcendente. Pois atingimos esta transcendência pela vida comungada, coletivamente, pela linguagem que temos e que nos une nas possibilidades oriundas dela. Somos o que expressamos, e expressamos o que somos. Mais do que isso, ao percebermos nossas próprias criações linguísticas e intencionais, são novas possibilidades que criamos, e passamos a querer ser o que podemos passar a expressar, queremos trazer para nós o que nós mesmo criamos, e nossos universos aumentam em perspectiva, e nós nos sentimos evoluir, e mais livres, mesmo que mais presos na estrutura, e hesitamos pelo que queremos, pelo que somos. Estes são os fluxos que podemos perceber em nós.

Não há descenso sem ascenso. Por isso, o fluxo é tão mais difícil do que apenas o esquema selvagem das esferas, do nosso esquema conceitual do possível, pois tudo isto não é nada estável, como também é completamente oscilante, a deslocar-se e a transformar-se sem uma forma definida ou compreendida.

Pois, afinal, não esqueçamos que todas as instâncias ideológicas, da primeira à sexta esfera, estão envoltas pela suposta sétima esfera, que é a do impossível, a do caos. Estamos, desde sempre, dentro deste caos e, embora não o consigamos penetrar, no abismo, na visceralidade que ele imprime, este abismo consegue nos envolver por completo, e é mesmo isto que percebemos, pelas brechas. Não somos nós, em verdade, que vamos às fissuras, e nem são elas que vêm até nós, mas sim que sempre estiveram conosco, sempre fizeram parte de nós, de nossas imprecisas construções, nossos *bunkers* existenciais, sem que nunca tivéssemos o menor controle sobre isso, pois não temos nenhum controle sobre nada que há. Somos controlados, apenas, com sonhos de uma liberdade possível, mas apenas possível, e não provável. É este enigma que temos, e é este esquema que agora possuímos como uma possível ferramenta de decodificação. Possível, mas não necessariamente provável. Mas, ainda assim, um novo passo dado por nós, talvez promissor, talvez não, no limiar da hora da refeição da selva em que todos estamos. Seria bom que resultasse em algo, pois a fome de todos começa a ficar mais intensa.

Mas, para além do que foi exposto, o que poderíamos pensar sobre as dimensões psíquicas?

A partir do nosso esquema conceitual do possível, podemos também perceber, a nível do indivíduo, as ontológicas dinâmicas psicanalíticas bem destacadas, como as de Freud e de Lacan. E abordaremos o que seriam, em linhas gerais, sem a pretensão de uma exatidão conceitual psicanalítica, dado que não é o propósito deste esquema, mas que também não poderia estar desconexo de tais dimensões das identidades psicológicas e simbólicas.

Assim, temos o supereu como aquela instância moral profunda, com sede na moral e com atuação pulsante que ascende até o real. É o supereu que entra em contato direto com o real, pelas fragmentações do eu e, assim, assume uma atitude sádica em relação ao outro. É essa pulsão moral, consciente e julgadora, repressora, que leva aos processos mais densos de inversão sádica, como nas culpas sentidas e ressentidas, quando passa a atribuir esta imagem sádica a alguém que irá castigar a si próprio – na figura de um deus punitivo, de uma relação submissa e humilhante a qual se submete com outra pessoa, instituição ou causa, ou até mesmo com autoflagelações. Há quem passe toda uma vida em dificuldades, sempre com dívidas, de todas as formas, e isto é uma disfuncionalidade deste rigor moral que potencializa o supereu de forma irregular.

Em contraposição ao supereu, há o eu, o ego, que se divide em dois, em movimentos que podem se justapor, mas sempre com base nos modos de ser e de existir.

Assim, a primeira instância do eu, em nosso esquema conceitual do possível – a imanente, que pulsa descendentemente da primeira parte da quarta esfera (modo de ser) e vai até a primeira esfera (moral), a atuar na terceira (regras) e na segunda (representantes) é o que o Freud chamou de Eu Ideal, uma internalização objetificada de nossa existência, como percebida como aquilo que realmente somos – a nossa objetificação estrutural profunda, a formar nossa moral mais rígida, a alimentar o supereu, tanto quanto o antagonizar, por vezes, a partir da constituição e internalização de nosso modo de ser. E isto se dá pelas relações de poder que estamos inseridos desde tenra idade, pelos desejos pulsantes que buscamos saciar, mas sem nunca atingir completamente o que nos leva à tal saciedade, nesta instância, mas sim algo que nos deixa parcialmente saciado, que nos permite alguma fonte de prazer, de acolhimento, ainda que insuficiente, e que por isso, pela saciedade parcial que atingimos, esta força do desejo remanescente nos projeta para além, pulsivamente, na busca pelas possibilidades que imaginamos existir como suficientes para nos saciar por completo.

Comparativamente, Lacan, considerou que esta primeira instância imanente é o imaginário, onde reside o nosso pequeno outro referencial, aquele que é o desejante, que nos faz agir impelidos e justificados pelos conteúdos que estão para além desta instância, que bem sabemos ser as possibilidades.

A segunda instância do eu, em nosso esquema conceitual do possível – a transcendente, que vai da segunda parte da quarta esfera (modo de existir), juntamente com a quinta (marketing) e a sexta esfera (ideologia) e é o que o Freud chamou de Ideal do Eu, uma internalização objetificada de nossa existência idealizada de acordo com o que há na ideologia e, principalmente, com as diretrizes do marketing. O ideal do eu não entra em contato com o

real, pois limita-se à ideologia, mas sofre a resistência do supereu, na divisão ou na duplicidade que o sujeito possui, entre seus ideais e a realidade, e que o supereu dá o tom da pulsão reversa, quando as possibilidades passam a serem direcionadas para os julgamentos morais, e, ao adentrarem o campo da imanência moral, se desintegram, a criarem inconsistências existenciais. São os sonhos desfeitos pela ação da realidade, em suma.

As relações de poder – de dominar e ser dominado – surgem justamente nestas relações antagônicas entre o supereu e o ideal do eu, quando o supereu, em contato com o real, assume-se em uma posição sádica e impõe uma debandada no ideal do eu, que passa a ter uma postura masoquista, a se constranger às esferas mais centrais – as possibilidades passam aos ditames das oportunidades, e as oportunidades passam aos modos de existir estrangidos na estrutura. Quando, afinal, surge a hesitação, do retorno do feedback negativo sobre o topo da estrutura. É justamente a hesitação uma das formas de antecipação deste processo traumático de ascensão estrutural, nunca realizável. O ideal do eu é mesmo algo ideal, que não se realiza, que dá o tom de se buscar referências idealizadas para se prosseguir adiante, com estímulos que nunca se cessam, sempre a resultarem em novas tentativas de uma melhor alocação estrutural. Por isso, que a hesitação é ignorada, e logo superada.

Para Lacan, o ideal do eu pode ser comparado ao simbólico. E, assim, percebemos que há no imaginário, ou no eu ideal, o que compreendemos como a identidade psicológica; e há no simbólico, ou no ideal do eu, o que compreendemos como a identidade simbólica do sujeito. Entre estas, o abismo, que pode existir, por vezes, ou que pode ser suprimido, em certas ocasiões. Esta abismo entre as identidades, visceral e profundo, parece um buraco negro que suga a tudo, e que parece levar ao real que temos apreendido, caoticamente, dentro de nós, profundamente, a uma instância em que o nada é também um objeto, já não mais nomeado, já não mais reconhecido, nem mais evocado, mas em pleno ato – a causar estragos – ou em plena potência – na latência que pode incomodar, em que tudo pode ocorrer nos diversos conflitos íntimos da mente.

Estas forças antagônicas levam os nossos resíduos ideológicos a este abismo, a este nada que lá está, esquecido, para o nosso “bem”, e que chamamos de inconsciente, em uma dimensão paralela que temos em nós, tão profunda quanto obscura. Há muito mais a se explorar no esquema conceitual do possível, e oportunamente assim faremos.

31. As dinâmicas esquemáticas da ocupação

Para que possamos melhor compreender as instâncias de cada uma destas esferas e perceber tudo isto de forma integrada, recorreremos a uma linha espaciotemporal, e assim será preciso desenvolvermos uma breve genealogia dos valores adquiridos, em revisão a tudo o que foi apresentado, agora que poderemos estar mais próximos de um conceito mais consistente, mais formal, ou menos inconsistente, ou menos informal, sobre tais conteúdos, desde o nascer, quando se passa a apreender conteúdos, pois um humano, obviamente, nasce como um bebê, totalmente dependente da estrutura existente, para iniciar uma linha espaciotemporal chamada vida.

Pode ter sido “trazido” ao mundo de forma planejada, ou não, mas desde que nasce habitará um espaço que não será nunca apenas seu, mas sim, um espaço sempre compartilhado – e que chamamos de território. A partir de sua proximidade com outros humanos, com os cuidados que receberá, com a interatividade que terá, serão atribuídos ao bebê, ou apreendidos por ele, parte do que constituirá a sua identidade formal: um nome, uma alocação social, um gênero sexual, um país com uma cidadania atribuída, um dado corte de cabelo, os tipos de roupas que usará, dentre tantos outros conteúdos – imanes e transcendentais.

Nunca poderia se desenvolver sem que estivesse inserido em um território. O seu corpo, sua primeira estrutura, já possui regras a lhe impactar, mesmo antes de seu nascimento, e sem que tenha escolhas sobre o que já passa a ser, desde sempre. É a sua bagagem inicial no percurso da vida – seu primeiro *kit* existencial. E, para muitos destes conteúdos que receberá, mesmo depois de adulto, sofrerá resistências para sair do que lhe foi destinado.

Pois o território, a estrutura selvagem, é sempre uma antítese, é algo “negativo” em relação ao espaço público, à estrutura sutil e, portanto, é isto que possuem os bebês ao nascerem: faltas. Mas, o território é sempre percebido como algo positivo a ser conquistado, pois não se enxerga mesmo o território, mas apenas as possibilidades que este passa a representar, dadas pelo espaço público, no *marketing* que a ideologia estabelece como o ideal de ocupação – as cidades. Os vazios existentes no território é a oportunidade de ocupação do espaço público, em direção às possibilidades da cidade. Assim, os bebês passam a integrar o espaço público com tais faltas que possuem em si mesmo, com tais dependências que possuem, e assim se dão as suas existências negativas, devedoras, tomadoras, absorvedoras de conteúdos. E isto é permitido, no espaço público, apenas para os bebês, sem que sofram sanções por isso. São acolhidos, justamente por isso.

Outros que sejam considerados “incapacitados”, aqueles que não são bebês e continuam com saldos “negativos” pelas suas faltas, sejam lá quais forem tais incapacidades, são indesejados, mas até podem continuar no espaço público se assim as regras permitirem, mas sem o acolhimento que os bebês possuem, pois terão quase nenhum reconhecimento social, com menos ou nenhuma visibilidade, coisas que não ocorre com um bebê, que sempre é valorizado como tal – pelas possibilidades que poderá absorver e representar, inclusive, em situações normais.

Estas faltas do bebê, no sentido lato, são as que ele receberá, ou apreenderá, enquanto se desenvolve, para sair de um estado passivo e tomador de recursos, até aceder ativamente ao espaço público, que é o processo de se integrar ideologicamente na estrutura da cidade, de ser absorvido, até que possa ser obediente e produtivo, e então fazer a diferença, ao invés de ser a diferença. E isto se dará principalmente pela educação, nos diferentes aspetos: escola, família, religião, cidadania, etc.

Precisará, assim, da capacidade de se expressar pelo idioma local, ou de outra forma que lhe for possível expressar, da capacidade de agir, de deter os valores morais mais básicos etc. Por isso, ele é sempre levado a ocupar uma determinada posição estrutural, gradativamente a progredir nas “séries” escolares, em escalas, e passa a ser educado para ocupá-las em todas as estruturas ascendentes, dadas no espaço público, até que consiga superar completamente a resistência territorial do aprendizado e passar às posições produtivas, em que as escalas começam novamente, da mais baixa posição à mais alta, em sua carreira, que ele já sabe como se dá e, somente a partir daí, então, coabitará autonomamente na cidade, como verdadeiro cidadão produtivo, completamente integrado e funcional.

Os gregos, no passado, não davam às crianças nativas na pólis os *status* da cidadania, nem seus direitos plenos. Hoje, as crianças nascidas na pólis possuem, na maioria dos países, a determinação (pelas leis) de que são cidadãs, mas não no acolhimento completo (pela consideração) de que tenham todos os direitos e obrigações que possuem os adultos. São acolhidas na cidade, mas como crianças, mas limitadamente.

Seja para o “bem” das crianças, ou não, é isto que ocorre e que significa que a posição de cidadão é uma conquista que precisa ser feita, mas apenas para os que estejam com determinadas condições atendidas e em certas posições definidas. E isto significa que os cidadãos precisam compartilhar de certos conteúdos similares à própria condição de cidadania como, por exemplo, a língua, os costumes e as afetações e, portanto, terem muitos dos mesmos valores comuns acerca da pólis, pois em caso contrário não será apenas tolhido de ser um cidadão, mas poderá vir a ser também um renegado, um pária.

E é também por isso que podemos afirmar que ninguém pode ficar de fora de ao menos um espaço público, e é sempre levado a pertencer a algumas destas dimensões ideológicas, invariavelmente. É assim com todos os bebês, que são sempre direcionados à coabitação na pólis, por um processo social que já passou a ser orgânico e funcional, estruturado nas formas das instituições estabelecidas pelo Estado de Direito.

Tudo começa, assim, pelo espaço público. Toda a ocupação virá daí, até chegar à pólis.

Mesmo que sejam apenas o bebê e sua mãe, a residirem a sós em uma localidade distante da pólis, da “cidade”, a morarem em uma fazenda isolada em que só os dois estejam a habitar, relativamente autossuficientes, ainda assim será ali um espaço público, um território e uma cidadela, habitado somente pelos dois, apenas, mas que pelo facto de existir mais de um, já há uma dimensão pública.

O bebê crescerá, será “promovido” à criança e poderá ter seu próprio aposento, que é o seu território privado, inserido dentro de áreas comuns, ou do território que compartilhará com sua mãe, mas não será totalmente livre neste aposento e estará subordinado às regras superiores, do espaço público da fazenda.

Todos os territórios habitados possuirão uma identidade e função para além de si e, por isso, pela interconexão entre todos estes espaços, são mesmo todos eles públicos. A sala possui suas regras, na cozinha também, nas casas de banho, nas sanitas que precisam sempre ficar com a tampa abaixada, nas toalhas sempre penduradas, etc.

Na prática, a criança nunca crescerá em um espaço exclusivamente privado, e precisará transitar e ocupar determinadas posições estruturais, na própria casa, que lhe parecerá cada vez maior para si, desde que começa a engatinhar, até andar, ou quando começar a fazer *parkour* pelos móveis – e tudo isso fará parte do processo que o levará do habitar ao coabitar. Ao crescer, terá novas funções, novas tarefas, obrigações e direitos diferenciados na estrutura que estiver a ocupar. É preciso, sempre, ocupar o espaço, que nunca é simplesmente dado por muito tempo, pois logo poderá ser tomado – é preciso ocupar, por esforços próprios, sempre.

Não só porque crescerá na fazenda, isolado, mas que em dado momento, precisará se expandir territorialmente e passará a estar em contato com outras pessoas. Inicialmente com outras crianças na escola, com os professores, com profissionais e prestadores de serviços que precisará se relacionar, como enfermeiros, médicos, dentistas e cabeleireiros, por exemplo. A autossuficiência, percebe-se, nunca é mesmo completa, por mais extrema que seja, sempre haverá um ponto de contato com a cidade.

Mesmo com uma vida no campo, em algum momento precisará se ausentar daí, a se deslocar à “cidade”, ou ainda a receber visitas, a modificar

o seu próprio espaço pela hospitalidade que precisará exercitar, e tudo isto em uma progressão temporal. Desenvolve-se como um ser relacional, a construir o seu Universo em perspectiva, como todos fazemos.

O próprio espaço mais privado que terá, como seu quarto, por exemplo, receberá visitas de amigos ou primos, algures, e assim nunca será totalmente privado, pois poderá ter de o dividir, por exemplo, ao ter alguém que passará as férias consigo, a dormir no mesmo quarto.

Os espaços não são meramente compartilhados fisicamente, mas antes, mentalmente, pela ação das vontades, por exemplo, dos estados representacionais, não só mentais como também emocionais. A materialização da divisão, da convivência, é algo em que faz parte de um todo, de algo mais do que a simples ocupação do território, que é secundária.

Mas, há sempre uma primeira ocupação, antes de todas as outras, que é a ocupação de si mesmo, de uma busca por saber quais são suas próprias dimensões e referências existenciais dadas. É a ocupação de si a percepção da alocação que possui na estrutura em que se está, e da diferença percebida, que levará a criança ao início de seu processo de individuação, como já vimos. Tudo se dá em fluxo contínuo, o que bem representamos no esquema conceitual do possível.

E, a cada interação, novos conteúdos são absorvidos, ou os antigos ficam mais fortemente sedimentados, quando afirmados. A tais conteúdos, são atribuídos os valores correspondentes a eles, alocados pelos juízos da individualidade, formam-se as identidades psíquica e simbólica, instanciam-se os modos de ser e de existir.

Os conteúdos habitam, aos montes, os espaços públicos que foram, afinal, formados a partir destes mesmo conteúdos compartilhados. São causas e efeitos. Aos conteúdos, se ligam todos os outros que veem nestes conteúdos alguma relevância, como as oportunidades ou possibilidades que estes passam a representar, geralmente, e assim, se agrupam aos conteúdos, mas dispostos em grupos, mas não grupos únicos que correspondam aos conteúdos, mas sim grupos diversos, em que cada um haja uma afinidade ao mesmo conteúdo, mas subdivididos pelos valores que os conteúdos expressem, conforme instâncias hierárquicas. E isto é muito interessante.

Por isso, temos, por exemplo, um conteúdo conceitual, como a democracia em que existem muitos grupos que a veem como relevante, mas por valores diferentes, e muitas das vezes contraditórios. Eis que, mesmo que se faça um congresso sobre a democracia, este poderia não ser muito democrático, pois nem todos veriam que haveria ali, nas formas do congresso, uma manifestação individual garantida igualmente a todos, etc.; não haveria no evento supostamente democrático uma democracia instituída para muitos dos participantes, pelos diferentes valores que existem em cada grupo e, que levaria o congresso ser percebido como uma forma de ditadura,

em que cada um dos grupos imporia a sua própria visão “democrática” e com poucos a terem espaço para se expressarem. É quando a realidade afronta os ideais, pois sempre há a resistência – interna e externa, se é que há diferença entre elas. Humano, demasiadamente humano.

São os valores os substratos dos conteúdos apreendidos pela força que a realidade imprime a partir das possibilidades ideológicas até a mais profunda moral individual, da síntese que se dá nos espaços públicos tomados para si, geralmente potencializados ou inibidos pela resultante do *marketing* ao qual se está a ser impactado, desde antes do nascimento. É desta orgia de conteúdos que surgem e se instanciam os valores mais internalizados do sujeito, tanto os conscientes quanto os inconscientes.

Há sempre, no mínimo, uma dimensão composta por valores familiares bem distintos, tão densos e únicos que claramente são percebidos para os que fazem parte desta família. E estes são gritantes. Por isso, pessoas afastadas há anos de suas famílias, ao retornarem, rapidamente percebem tais valores, que poderão ser um motivo de atração ou repulsão, mas lá estão, a impactarem a todos os que compartilham dele no espaço no qual está dado o reencontro. Um encontro com a turma da escola que era mais unida, depois de décadas, também expõe estes valores comungados, como se nunca tivessem se separado.

As comunidades, também, assim são formadas, e com valores igualmente densos e perceptíveis a quem pertence à comunidade, e aos grupos que lá coabitam.

No Rio de Janeiro, por exemplo, a vida nas favelas “pacíficas” (do passado não muito distante, sem o Estado, as facções criminosas e as milícias, se é que há grandes diferenças – mas eram pacíficas por existirem apenas com os “malandros”, e nunca “pacificadas”, como são as zonas de guerra atuais das favelas, nas quais as tensões são muito maiores do que aparentam, pois estão todas debaixo dos panos, latentes, enfim), então a vida pacífica oferecia, e talvez ainda oferece uma riqueza ideológica pluralista, em especial acerca da necessidade de uma luta mais desigual pela sobrevivência, uma diferença mais acentuada, algo que os “cidadinos” não possuem, necessariamente, pois não compartilham dos mesmos espaços e conteúdos e, portanto, não possuem os valores dos grupos que lá estão.

E isso não é romantizar a pobreza, ou a diferença, pelo contrário, é justificar a maior versatilidade potencial que há nos que moram em favelas, ou até em alguns subúrbios, e que precisam desenvolver, assim, maiores habilidades sociais para suprirem suas faltas territoriais e, portanto, possuem valores mais diversificados, que os permitem transitar melhor por muitos ambientes, como se fossem verdadeiros camaleões.

O termo favelado ainda é tido como pejorativo, mas ele designará, aqui, aquele que nasce e vive nas favelas, em essência – é aquele em condição de

favelado, mais precisamente, mais correto politicamente. O cidadão, aqui, como aquele que é originário da cidade, nascido lá, e que vive lá, e tido como privilegiado por isso. Cidadino é um termo que não é usado comumente – mas que nem é preciso de eufemismos, pois é algo desejável para todos, diferentemente de favelado. Usa-se mais frequentemente o termo cidadão, nem sempre aplicado ao favelado, como se este fosse desprovido de ser um cidadão. Já se percebe a resistência latente do território, projetada pela linguagem, que integra a ordem simbólica que bem conhecemos.

Se adotarmos os antigos conceitos das *pólis* gregas, percebemos que os favelados são os que eram tidos como estrangeiros, sem direitos de cidadania. Habitavam, mas não coabitavam. Presentes, mas não existentes. Afinal, há tão fortes diferenças no Rio de Janeiro que, tanto para suburbanos, e ainda mais para os favelados, sempre que vão aos bairros centrais, mais valorizados e com todos os serviços que precisam e dependem, de “suas” cidades, sempre se referem que vão à “Cidade”, por não considerarem mesmo que fazem parte dela, desta nova *pólis*.

E é justamente por isso, pelos favelados frequentarem a “cidade” como um outro país, na qual não será considerado cidadão por lá, pelos cidadãos, que passam a apreender os valores deste novo “país”, como se apreendessem uma nova linguagem, e tornassem-se bilingues. E, assim, depois de um tempo, os favelados passam a ficarem, em sua maioria, indiferenciados, por dominarem muito bem o “idioma” da cidade. São hábeis em reconhecerem e se adaptarem em ambientes “hostis”.

E isso se dá, pois, em contrapartida aos favelados, os habitantes da *polis*, os cidadãos, raramente frequentam as favelas, não sobem os morros e, quando o fazem, facilmente são identificados por todos lá como “gringos”, e ficam perdidos em um lugar que lhes parece inóspito e despropositado, pois não são fluentes na linguagem dos morros, e nem desenvolveram as habilidades camaleônicas dos favelados, pois nunca precisaram, ou quiseram.

E estas são as habilidades e os valores que os favelados possuem a mais do que os cidadãos. Mas, em contrapartida, os cidadãos mais providos poderão ter experiências em lugares em que os favelados não conseguirão aceder, como viagens ao exterior ou lugares mais exclusivos, mais fechados. E isto dará a eles imensos conteúdos e, portanto, novos valores e, por que não, novas habilidades.

E, assim, o jogo se inverte, e os favelados seriam eles mesmos os gringos, por não conhecerem os valores destas exclusividades cidadinas inacessíveis para eles, caso lá estivesse, por algum “*bug*” do sistema. Os cidadãos comuns seriam também gringos em situações assim, perto dos VIPs, tanto quanto os favelados.

A cada dimensão de espaço público, o que há são os valores que os sustentam, a abrigarem as possibilidades, e a qualificarem as ameaças como

tais. E tais dimensões são apenas completamente acessíveis a quem faz parte dela. Os que chegam a ela, precisam se adaptar rapidamente, para não serem expurgados e precisam também, serem eles mesmos uma possibilidade, e nunca uma ameaça. E daí, há o ciclo que para ser uma possibilidade precisa representar os mesmos valores que há no espaço considerado. Por isso, justamente por isso, que os valores são tão... valorizados, e essenciais, pois são a identidade, o acesso, a manutenção e a posição dos conteúdos dada em cada instância do que vimos no nosso esquema conceitual do possível – um mapa de valores, afinal. A base dos critérios de seleção de conteúdos são sempre os valores contidos nestes, principalmente enquanto imanentes, já instanciados a determinados conteúdos e compartilhados comumente. Por isso, há infinitas comunidades possíveis e prováveis, sem que haja apenas uma, mas sim um conjunto delas a coexistir como única – algo que parece ser um, mas não é, nem nunca foi.

Muitos imigrantes brasileiros, cá em Portugal, com suas origens nos subúrbios ou nas favelas, são os que mais rapidamente se adaptam ao estilo de vida “alienígena”, ou melhor, europeu, e isto prova, ainda que seja uma observação pessoal não muito criteriosa e nada precisa, com suas exceções, sobre esta maior capacidade adaptativa do favelado ou suburbano. Aqui, em terras gringas, os favelados se saem melhor do que os cidadãos: e isto é apenas uma dedução pessoal.

Os cidadãos brasileiros resistem mais, “sofrem” mais ao perceberem que aqui não há uma vida de facilidades obscenas como há no Brasil, em que as relações servis são bem diferenciadas para o cidadão “comum” – o cidadão de “bem” – que são os poucos privilegiados no Brasil e, por cá, são quase todos. Um morador do interior de Portugal é quase tão cidadão quanto o jogador de futebol português Cristiano Ronaldo, quase um deus por cá, nestas terras de além-mar. Um morador do Leblon, todavia, nem sempre será considerado cidadão, embora acredite sempre ser. Alguns que possam ser considerados assim, nunca o serão tanto quanto é um Neymar, nosso atual correspondente de melhor jogador de futebol, pelo que dizem. O que não significa que Portugal não tenha lá suas favelas, nem seus favelados e suburbanos, afinal, mas as diferenças são menores, mas que existem, existem, e sempre existirão, em qualquer lugar que exista humanos.

Um bom exemplo sobre estas disparidades são os serviços de limpeza doméstica. No Brasil, as empregadas domésticas nem sempre são funcionárias registradas e, muitas das vezes a trabalharem *full-time*, sem todos os direitos que as Leis lhes asseguram e, por isso, invariavelmente, são tidas como escravas, e abusadas ao serem exigidas fazerem bem mais do que deveriam fazer nas limpezas, no cozinhar, no lavar e passar as roupas, no cuidar dos filhos da madame, aturarem assédios sexuais e morais, etc.

Cá em Portugal, as empregadas domésticas geralmente prestam serviços em *part-time*, definidos antecipadamente, e possuem valor cobrado por horas trabalhadas e são vistas como prestadoras de serviços profissionais, com direitos assegurados, o que é bem diferente do que ocorre no Brasil. São mais valorizadas por aqui. Mas, mais uma vez, não se está a romantizar e nem generalizar nenhuma situação, apenas se está a expor o que ocorre, em linhas gerais, pelas experiências percebidas e compartilhadas.

Aliás, há ainda mais em alguns casos, pois aqui ganham o mesmo tanto, ou até mais, do que um profissional com ensino superior, em início de carreira, e muito mais do que alguns empregos “convencionais” que são oferecidos nos shoppings ou restaurantes, por exemplo.

O cidadão brasileiro que vem para cá ser imigrante, a julgar-se importante, assim, acostumado com o que lá tinha de vantagens, e sem tantas habilidades de adaptação, se surpreende e resiste às mudanças das novas estruturas sociais que lhe parecem “hostis”, por não lhe “darem” mais os mesmos “privilégios” e “*status*” que o Brasil lhe dava, por tão pouco dinheiro que pagavam para terem quem fizesse os esforços que não deveriam ser feitos por ele mesmo, como passar um aspirador pela casa e lavar uma privada, cá chamada de sanita, dadas suas crenças na própria “nobreza” e ascendência social suprema que não lhe poderia nunca ser negada, mas é.

Sofre muito, o coitado cidadão desamparado dos serviços pobres, pois não possui as habilidades camaleónicas de um favelado para se adaptar à nova situação em que se encontra. Daí, percebemos alguns shows de horrores, de cidadãos brasileiros a serem ainda mais bregas do que nunca foram em suas formas de expressão, não apenas as extremo-direitistas. Mas isto se dá não especialmente com os novos-ricos, que não percebem que a cultura europeia predominante ainda preza consideravelmente pela discricção, em especial as gerações mais velhas, a maioria por cá, visto ser Portugal um país nem tão jovem assim, em sua população.

E isto reforça a crítica feita à aporofobia pois os pobres são, para estes “nobres” brasileiros desalocados, ainda mais desejados por cá, por serem possibilidades ainda mais raras, ainda que para suprirem suas necessidades de autoafirmação. Por isso que não é a pobreza o verdadeiro motivo da aversão social, mais uma vez, mas é a ameaça percebida que passa a representar a aversão aos pobres, em certas ocasiões. Retomemos às questões principais.

Pois isto se dá assim em apenas uma das dimensões existentes, pois são muitas outras que se devem ser consideradas. O espaço público ao qual o cidadão brasileiro possui como referência passa a lhe fazer ainda maior resistência no “estrangeiro”, quando este deseja replicá-lo no novo território que desejará ocupar, em sua casa em Portugal, com o objetivo de coabitar uma nova cidade que não lhe será mais tão hospitaleira, desta forma, pois não

lhes oferecerá mais os “pobres” em quantidade e “qualidade” que antes tinham à disposição. E precisará desenvolver novas habilidades, ou pagar bem mais caro, e em Euros, para ter apenas parte do que teria no Brasil em serviços – mas não terão mais aquela servidão com força suficiente para se sentirem novamente senhores soberanos, proprietários de suas terceirizadas forças de trabalho.

O espaço público nasce daí, desta interação entre pessoas, que só serão indivíduos quando estiverem a coabitar a mesma cidade, pois só assim terão a consciência que são “diferentes” umas das outras, mesmo que se percebam (e desejem ser) muito semelhantes aos outros, mas nunca iguais. Acabam por perceberem a si nos outros, e é isto que as une, as integra. São ligadas pela aderência, que já é forte no espaço público, e que lhes dá a condição de perceberem que a diferença é apenas referencial, mas não degenerativa. Este espaço público ainda não é necessariamente físico, mas essencialmente interativo, relacional. A interação física se dá na cidade, instanciada no território.

Hipoteticamente, um único espaço público, se assim fosse possível existir, em um único território, resultaria em uma única cidade, sem conflitos para além dos que existem originalmente. O perceber-se diferente dos demais, nestas condições, a partir de uma posição ocupada e diferenciada na cidade, a partir de uma permanência dada no espaço e no tempo, é o que podemos considerar um processo “normal” e natural de individuação, sem os excessos do *marketing*, nem das forças externas coercitivas, e que requer apenas uma relação, uma comparação de afirmação da diferença, de si em relação aos demais, dos demais em relação a eles mesmos, tudo sempre relacional. A resistência do território seria abordada da forma similar, para todos os envolvidos. Não haveria conflitos significativos, e seria quase uma utopia, ou até uma distopia. Mas, tudo isso ocorreria apenas se fosse possível existir algo assim. Mas não é.

Pois nunca é apenas um espaço público, mas uma infinidade deles, e os problemas se dão nestes diferentes espaços públicos a se enfrentarem e a sofrerem resistências pela ocupação territorial, que resultará em cidades mais ou menos conflituosas, mas sempre, sempre conflituosas. Pois são os valores o que estão a serem colocados em causa, que geram as diferentes perspectivas. Lembre-se sempre da convenção da democracia que supostamente acabou em ditadura. Pois é.

Quanto maior a diversidade, maior a gravidade dos conflitos, pois mais valores estarão a serem exaltados e, por isso, mais acentuada será também a individuação, e a divisão social, e a multiplicação das minorias (caiu a ficha sobre o que estamos a viver?) e a contradição de uma busca por uma identidade que será tomada como um mínimo, necessário ou desejado, para

a coabitação, exigida para a vida na cidade, a partir da resultante emergente dos conflitos.

Os lados majoritários impõem seus atributos aos lados minoritários. E isto é um movimento político, desde sempre. E é o que causa ainda mais a separação entre o modo de ser e o modo de existir no indivíduo dissidente, das minorias, que se separa ainda mais da coletividade, da luta tanto a favor da adequação quanto contra a inadequação, da necessidade de se integrar em algo que não se identifica totalmente, mesmo que não descubra nunca o que está a lhe impedir, continuará a lutar para fazer parte desta entidade oculta, por toda uma vida, sem que tenha garantias de que, algum dia, será aceito pela maioria. Muitos nunca são.

Em contrapartida, se isto é a causa do distanciamento das minorias, é também a causa da máxima adesão para as majorias, que não possuirão diferenças tão grandes entre seus modos de ser e de existir – e atribuirão às minorias que ainda insistem em coabitar com elas tudo o que percebem como causas de seus problemas. E, toda a ação para reverter isso precisará, assim, ser igualmente através da política. São as relações de poder que decidem sobre os conteúdos, e sobre o *marketing* e, portanto, sobre os valores.

A individuação leva a um modo de ser e à necessidade de justiça e de misericórdia, de aceitação das regras vigentes que passam a serem internalizadas profundamente e também pela busca do acolhimento, que leva ao modo de existir. O abismo que se abre entre o modo de ser e o modo de existir é a crise que o indivíduo possui, quando se percebe privado de sua própria individualidade, e passa a ser direcionado como se fosse possível habitar o caos do próprio abismo, a realidade mais visceral que nada há – há o nada, há algo que não é, o que é muito desconexo de lógica, mas é assim que se percebe a dissonância existente em si mesmo, quando nada há enquanto este nada existe sem denominação possível, que nunca se encontra por lá, pois o abismo não possui a reverberação da diferença que antes operava como parâmetro existencial. E isto é ter seus valores projetados sem destinação, sem utilidade, sem propósitos. Valores desvalorizados, valores sem valor – valor que vira um nada, e isto é o pior que pode ocorrer a alguém.

O espaço público é o local da conceção da individualidade. São as possibilidades a mãe da individualidade. O que fecunda as possibilidades são os valores, atribuídos pelos juízos, ou pela racionalidade. E a fecundação se dá. Pode haver um estimulante, do *marketing*, e quase sempre há, mas não necessariamente, pois os valores são naturalmente potentes, viris, fálicos e penetrantes. E as possibilidades são sempre férteis e recetivas ao “cruzamento”, atraem a todos para si, ávidos por trazê-las à vida.

A gestação da individualidade se dá no território, como nos bebês, de forma negativa, a resistir. E, por fim, superado o negativo, o nascimento da

individualidade se dá no coabitar, na cidade, ao se perceber como cidadão, como capaz de produzir e reproduzir.

Se o espaço público é o provedor das possibilidades, os valores são eles mesmos os buscadores das oportunidades e que, obviamente, valora tudo o que há, para extrair e apreender o que lhe será útil. É o princípio da Ciência Econômica da ideologia, sempre em busca de um ótimo custo-benefício.

O cidadão, quando assim constituído, será também um indivíduo, e, portanto, diferenciado dos demais, e que, em dada altura da vida, passa a buscar um pedaço deste território habitado para que seja apenas seu, ainda que não apenas pela propriedade, mas também pelo domínio sobre os recursos e sobre os demais habitantes que habitarão este território, tal como acontece nas unidades familiares – passa a querer o domínio da matriz, do espaço público do qual ele é oriundo.

Desta forma, as suas expressões individuais serão mais sensivelmente percebidas e exercidas, pois ele quer realizar-se em sua existência e, para isso, precisará sair de uma zona para adquirir uma diferença positiva, e quererá ascender na estrutura, pois foi doutrinado para fazer isso, ainda que o território resista a seus movimentos, e ainda que tenha concorrência, insistirá em ascender rumo ao topo. E um novo ciclo surgirá, da mesma forma de quando saiu de bebê à criança, e de criança a estudante, de estudante a profissional, e de profissional à cidadão. E sempre um novo ciclo surgirá, de um jogo para outro mais importante. Sempre de jogos em jogos a ascender até ser o dono do jogo, até ser um VIP, o sonho último da maioria. É a selva que parece precisar ser dominada, sem que os pretensos dominadores percebam bem com o que estão a lidar.

Todas as questões existenciais são produzidas, assim, pela convivência no espaço público, que assume as mais diversas dimensões, desde o âmbito familiar até o âmbito cósmico, e são retroalimentados, sempre, em contínuos movimentos.

No aspeto dos conteúdos, os valores destes são totalmente compreendidos apenas pelos que são integrantes do espaço público a que estes estão instanciados. E isto envolve tudo, como a cultura, as expressões sociais, e toda a forma possível de expressão. Vamos aos exemplos.

Como podem os cidadãos compreenderem plenamente o funk mais contemporâneo das favelas e subúrbios, sem se sentirem ameaçados ou agredidos?

Ou ainda o próprio samba?

São forças do morro, das favelas, das comunidades, dos subúrbios. São conteúdos valorados pelos nativos de lá e que fazem um completo sentido apenas para estes.

Quando cidadãos percebem estas expressões, ou as percebem mal ou de forma desvirtuadas, a partir de um parcial aspeto comercial. Pensam que o samba seja, afinal, apenas um estilo musical alegre.

A própria imagem representada do Brasil, no exterior, dada pelo samba como estilo musical e sempre com um fundo representacional com belas mulheres, afrodescendentes, bem expostas e a dançarem sensualmente mostra a distorção da compreensão ideológica que há, e que sempre houve, e que reduz o samba a um produto compactado, sem que entendam todas as dimensões que ele abarca.

É bem certo que esta imagem do samba, nada desejável, nem mesmo verdadeiramente representativa, está mais no passado do que no presente. Pois a representatividade aumentou bastante, principalmente difundidas nas mídias digitais. Mas ainda é essa a atual imagem do Brasil, por exemplo, em relação ao funk atual que, por ter estado mais submetido ao *marketing*, passou a incorporar a extrema sexualidade como um padrão necessário para se estar em evidência, da exposição do corpo como meio para o fim que é comercialmente buscado. Se sexo vende? ... que pergunta mais ingênua! Vende, e muito – e o *marketing* o usa, desde sempre, desde a cobra falante, a prometer obscenamente mais e aflorar os desejos pulsantes de uma Eva sequiosa e faminta. Foi sexual, com certeza, o diferencial vislumbrado que levou à mordida na maçã... enfim.

Quem “faz” funk, recentemente, não o faz somente pela expressão artística, mas pela expressão de sobrevivência, como manifesto ativo da diferença, que não quer apenas igualdade, mas sim apreender para si o que julga ser o justo, o que projetam os cidadãos: dinheiro, fama, poder, status, etc. Só é possível perceber bem o que o funk é, desde seu surgimento, quem percebe a pobreza, a dor e a privação. As buscas dos “*funkeiros*”, produtores de funk, e dos que consomem funk, e todos que estão dentro deste espaço público são lícitas e necessárias.

O funk nasceu como o samba, pelo lamento, pela melodia, pela busca de ultrapassar barreiras. Tanto o samba, quanto o funk foram marginalizados pelas leis e ações das forças legais, coercivamente. No funk, ainda há coerção nas muitas comunidades nas quais ocorrem os concorridos bailes de favela. Mas, no início dos anos 90, as mídias logo perceberam o poder do funk. E o funk percebeu logo o poder das mídias, das mesmas barreiras que poderiam ser quebradas através delas, como também muitas fronteiras ultrapassadas, como tem feito a Anitta, ao emplacar uma música pop cantada em espanhol, mas com claro DNA de funk no primeiro lugar da Billboard⁶⁶, feito nunca

⁶⁶ Saiba mais em <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/04/04/e-a-patroa-anitta-ocupa-o-1-lugar-da-billboard-com-o-hit-envolver.htm>.

conseguido por nenhum outro artista brasileiro. Afinal, o funk está dentro do pop, indiscutivelmente. É até mais pop do que o Papa, nos dias atuais.

Anitta realizou um feito impressionante e um merecido alento para quem vê, agora, reais oportunidades em suas conquistas inspiradoras para muitos que habitam as favelas e os subúrbios. É o morro e o subúrbio a conquistarem seus lugares, definitivamente, na cidade, de não só deixarem de serem gringos, mas sim verdadeiros cosmopolitas, usarem e abusarem da latinidade, das línguas mais comerciais, como inglês e espanhol, das mídias digitais, dos movimentos das ancas e o que mais se fizer necessário – guerra é guerra, e assim percebem o que fazem – uma guerra declarada contra a própria condição que lhes pareceu sempre imposta e intransponível.

Essa Anitta, a nova diva brasileira, agora do mundo, faz parte da nova geração mais conectada pela tecnologia, que faz o funk acontecer, como fazem também os *rappers*, por exemplo. Para quem está de fora disso, será sempre algo *over*, ameaçador, extremo e de mau gosto. E assim lhes parece, pois, o sucesso dos *funkeiros* é mesmo ostensivo sobre os valores que estes próprios críticos azedos e caretas possuem, mas nem sempre conseguem realizar: fama, dinheiro, sexo, poder, etc. E tudo em doses cavalares, onde o prazer passa a ser um direito que nada custa, que nada implica. É um processo mal digerido pelos críticos desprovidos de vida própria, pois se perguntam como um “favelado” ou “suburbano” podem estar a ganhar no jogo dos citadinos, a iniciarem uma gentrificação reversa em seus próprios condomínios sobrevalorizados – não permitem que estes sejam condôminos em iguais condições, e as guerras passam para os bairros mais nobres, pelo cerceamento que os novos habitantes passam a sofrer, sem que consigam bem serem coabitantes. Se passam a habitar os caros condomínios citadinos, são hostilizados, desprezados e discriminados.

Mas há, ainda assim, uma beleza intrínseca na expressão do funk que Anitta reconfigurou para o mundo, ao fazer ela própria seu *marketing*, de consolidar as possibilidades não apenas dos subúrbios cariocas, mas dos de todo o mundo, a gerir sua própria carreira pelos valores comuns que consegue despertar em seu público cada vez maior e fiel, a produzir a si mesma e a seduzir os que antes provocavam sedução. Ainda que seus efeitos sedutores não sejam unânimes na apreciação musical, em si, pelas faltas ou excessos de alguns dos argumentos das letras, que são incompreendidos pelos críticos, a sedução maior se dá pela luta que ela assume e representa, pelos valores de cada “favelado” brasileiro, cada “suburbano”, e para além do Brasil, para todo o mundo⁶⁷. Valores que estão apreendidos em cada batida do seu funk,

⁶⁷ Lembrei-me de uma certa manhã de domingo, na Tailândia, quando fui acordado por um grupo de jovens tailandeses que estavam próximos à janela do meu quarto a escutarem funk e, especialmente, as músicas da Anitta. Foi a única vez que isto

em cada reboada de sua bunda, em cada vértice do seu “quadrado de oito”, pela sua própria história de vida que se tornou uma jornada acompanhada pelas multidões que a seguem, mas muito mais do que tudo isto pode dizer, pois é na dimensão desta jornada que ela aspira alcançar sua coabitação no mundo, revolucionariamente. Já foi bem longe, já provou o que poucos conseguiram provar, e só o futuro nos dirá o quão longe querera e poderá ir. É uma poetisa dos extremos cosmopolitas.

Afinal, há muita poesia no funk e não é rasa, nem superficial, como muitos pensam ser. É uma poesia de explosão, alegria e sensualidade, pelas possibilidades que passam a serem acessíveis. É a voz que experimenta seus primeiros gritos e que em certa altura passou a ser ouvida. Mas, esta voz não quer apenas ser ouvida, quer ser reconhecida.

A beleza existencial do funk está na ameaça que ele próprio representa, na transgressão que se faz necessária realizar, no território que se faz premente ocupar, e não é por isso que apenas poucos cidadãos não o entendem e o ojerizam, pelo contrário, entendem muito bem, ao ponto de resistirem e combaterem a temida possibilidade ameaçadora da “tomada” de seus territórios pelos suburbanos e favelados, pela subversão de seus valores, pelo massacre de seus conteúdos monótonos e de suas cores pastéis. São afrontados pela alegria, pela espontaneidade e, principalmente, pelo tesão que não sentem mais. Não que, novamente, estejamos a romantizar a suposta felicidade da pobreza, mas sim a destacar o azedume do setor monopolizador mais resistente à integração popular.

Nas notícias, nas ações judiciais, nos falatórios sociais, quantas foram as resistências discriminatórias que se fizeram conhecidas, por exemplo, apenas nos condomínios de luxo da Barra da Tijuca? E na Zona Sul do Rio de Janeiro? Algo ainda inexpugnável. São estes que ainda discriminam os moradores recém-chegados, por exemplo, mas apenas se estes forem os favelados ou suburbanos que conseguiram comprar seus imóveis, e à vista, diga-se, sem muito negociarem, e apenas a pagar o preço pedido e passar à frente de outros pretendentes cidadãos, que se sentem excluídos em seus próprios jogos – passam de jogadores principais a secundários. Como não poderia haver poesia nisto?

Não foram poucos os casos de discriminação, nem todos divulgados, e ainda não estão extintos pois existem aos montes por aí. Sempre há aqueles que se percebem “superiores” e que, por isso, não querem coabitar com os

aconteceu naquele pacato lugar que morava, e percebi isto com alegria, com orgulho pelo Brasil. Depois, em diversas lutas de Muay Thai, o funk era sempre muito tocado nos intervalos entre as lutas. Impressionante a força que possui o funk. Mesmo cá em Portugal, as rádios populares tocam-no e os jovens portugueses possuem muito interesse pelas suas melodias.

“inferiores”. A resistência ocorre, sempre, aos avanços dos favelados e suburbanos. E o funk é exatamente isso: invasão, transgressão e sexo, sem limites, de um hedonismo vulgar e às claras que dá acesso a todos, despididamente, e não apenas a uma minoria maçadora que transa monotonamente de meias dentro do que seja apenas considerado “convencional” pela sociedade à qual pertencem. O sexo é sempre um grande parâmetro diferenciador, *freudianamente*.

No funk há uma alegria insuportável para muitos, pois há nele a verdade, nua e crua, a requebrar na cara dos azedos. Talvez, as bundas a reboarem sejam a representação das verdades, das sínteses das diferenças, da maximização da atração feminina, da distinção de quem tem o DNA mais atraente e potente. Não é preciso gostar do funk como estilo musical, e é até compreensível, mas é preciso perceber a verdade da expressão sociocultural que ele traz consigo. E para isto é preciso ser alguém melhor, se abrir empaticamente para os outros. Perceber o funk, do ponto de vista citadino, é mais uma forma de percebermos a estética do sublime *kantiano*. E, nisto, está o valor estético e revolucionário do incomensurável funk. Mas, voltemos ao samba, mais “digerível”.

Ninguém melhor do que os cantores baianos Caetano Veloso e Gilberto Gil conseguiram expressar conceitualmente o que é, realmente, o samba. Muitos outros citadinos o fizeram tão bem quanto, mas não melhor. Na letra da música “Desde Que o Samba é Samba”, definiram «*o samba é o pai do prazer, o samba é o filho da dor*» e isto é mesmo o samba, muito mais um lamento, uma dor, uma manifestação da busca que faz o desprovido que almeja se adequar num padrão, em ser um mito, para ser acolhido e, quando passa a ser acolhido, lamenta por não poder ser quem realmente é, por ter de negar suas próprias origens e raízes.

E por isso, o desprovido e inserido em uma estrutura racista e “aporófoba”, pôde se manifestar ao perceber que «*a tristeza é senhora, desde que o samba é samba é assim, a lágrima clara sobre a pele escura, a noite e a chuva que cai lá fora*». Esse “lá fora” é também a cidade, o “fora” do morro, que está fora de tudo.

O desprovido é alguém solitário em sua existência, pois falta-lhe mesmo isso, o acolhimento pelo que é, e não pelo modo como o fizeram existir na cidade. Deseja o sentir-se parte de tudo, pois sente-se apenas parte de parte, e de uma parte com poucas ou nenhuma possibilidades – «*solidão apavora, tudo demorando em ser tão ruim*» – e por isso precisa criar, precisa do alento musical de que sairá de si, e também do próprio morro e que, diferente dele, passará a se propagar para além de suas fronteiras territoriais – «*mas alguma coisa acontece, no quando agora em mim, cantando eu mando a tristeza embora*». Embora de onde? De si, ou de sua prisão territorial?

Há que se perceber o que Nietzsche considerou como a genealogia da moral, em relação ao ressentimento, que os valores que são criados pelos dominados (aqui, desprovidos), em alusão aos escravos (em situação de escravidão), e em contraposição aos valores dos senhores, possuem origem na dor, e numa suposta vingança imaginária, engendrada para que possa ser a remissão do estado em que se encontram.

E, assim todos esses valores, passam a antagonizar com os dos senhores, ou com a dimensão externa às quais estão inseridos. Por isso, o samba parece ser propositalmente indecifrável, de forma completa, para quem está de fora desta ideologia, pois é uma linguagem cifrada e discreta. O funk, não, expõe isto, linguisticamente, como seu objetivo primeiro e, por isso, é tão surreal e “ameaçador” a quem o compreende muito bem, logo à primeira “vista”.

Os valores dos senhores, ao contrário, são criados de forma afirmativa e facilmente percebidos por estes, em que o bem está em seu próprio *establishment*. Assim, o mal está nas corrupções deste estado ideal em que se encontram. E o que corrompe são, antes de tudo, as ameaças. O mal, para os desprovidos, é justamente o que está fora, o que os oprime, o que os ataca e os impede de existirem plenamente. Assim, o conceito de bem para os desprovidos vem a posteriori, de uma resistência realizada, de uma busca de ultrapassarem as próprias limitações para mitigarem a própria dor. O samba resulta nisto, no bem, dentre tantas outras formas de manifestações em que este bem é objetivado.

Nas dimensões dos valores nos jogos, para os VIPs, Criminosos e também para os jogadores, as impossibilidades são “mais impossíveis” e, portanto, menos prováveis, o que significa que tudo lhes parece ser possível. Mas não é assim que ocorre para os expectadores, ou para os excluídos, em que as impossibilidades assumem uma dimensão quase imanente, quase certa.

Nestes limites entre a transcendência e a imanência, no abismo permanente que se abre e se mantém assim nos modos existenciais é onde o mal se situa para os desprovidos e, por isso, o peso do mal em suas vidas é muito mais constante. Não sentem apenas sua presença representada, mas sim o próprio mal, em “pessoa”, o próprio efeito prático do que ocorre diariamente.

Não há, para eles, nem as “*good vibes*” nem os “*namastês*” do politicamente correto possíveis e suficientes para alterarem a realidade que o peso da vida tem, quando nada se pode fazer, e nada se tem para recorrer. Não há Estado, nem governo, nem nada, apenas as ilusões dos representantes. Mas também há o samba, o funk e muito mais.

A reprodução da ideologia, se analisada pela perspectiva do samba, nos dá uma dimensão do que é considerado o samba-raiz, que representa as origens em que estes conceitos tratados são muito mais evidentes, mas há também as reproduções, como o partido-alto, em que o improvisado se faz presente, como

no repente, no rap e tantas outras maneiras de desafiar a capacidade dos artistas que passam a interagir, em tempo real. Há o pagode, mais cidadão, mais temático e “universal” e há o samba-canção que já foi o primeiro produto, em si, destinado aos mercados musicais da cidade, quando o samba “desceu” o morro.

Existem muitas reproduções – estilos – do samba. Todos os estilos, mesmo os mais comerciais, levam em suas letras, ou nas melodias, um pouco dessa dor. Isso não se perde, pois não se conseguem subtrair valores de algo genuíno, que é a própria essência da coisa. O samba e o funk feitos pela ideologia cidadina são uma emulação, no máximo, e completamente sem alma. Os valores, afinal, sempre possuem um espaço e deixam sempre uma marca inconfundível.

E o que se passaria com o tango, com o fado, e todas as outras manifestações regionais?

Tais como o samba, não deixaram de ser uma manifestação de uma essência perdida para os desprovidos e, para os cidadãos, passaram a ser produtos consumidos sem serem totalmente compreendidos, como tudo o que há. Talvez a morte não seja mesmo o destino de todos, mas sim o destino seja virar um produto, dado que até a morte virou isto, um produto, a partir de certas perspectivas. Há a música clássica dos cidadãos. Mas não apenas ela, pois todos possuem, afinal, suas dores e seus valores expressos musicalmente, seja pela bossa nova, pela MPB, ou até mesmo o *jazz*.

Como poderíamos sentir o tango sem perceber a dimensão de uma milonga? Como podemos perceber o fado sem perceber o conceito da saudade, tão presente na alma portuguesa desde os versos de Camões? E o que há, realmente, nestas expressões?

Eu, ao menos, não saberia precisar tais conceitos, pois as compreendo apenas na mente, mas não pela alma. Só compreendem tais dimensões, realmente, quem as acede pela alma, pelo modo de ser. E isto é a beleza da ideologia, quando oferece ao seu membro, um acolhimento, pelos valores em comum, pela beleza de dizer ao sujeito que não está só, nem desamparado.

E, por fim, posso contar uma experiência de um suburbano ou favelado, eu mesmo, ao passar pela “Cidade”, lá pelos anos 90, a caminho da Faculdade que ficava na Urca. Estava no Rio de Janeiro e desceu do ônibus 322, na paragem da Praça da Cinelândia, entre a Câmara Municipal e o Teatro Municipal, próximo ao famoso bar Amarelinho, ao final da Avenida Rio Branco, quando esta ainda terminava no Aterro do Flamengo com acesso aos carros, sem o elétrico atual. Assim que desceu do ônibus, pôde presenciar um espetáculo montado para o público que lá estava: um Concerto da Orquestra Filarmônica de Moscou, sob regência do maestro Vassily Sinaisky, patrocinada por uma marca de sabonetes, a Palmolive.

Pôde, então, escutar pela primeira vez música clássica ao vivo, ainda que em meio ao caos do trânsito e dos punhuistas de olho nas carteiras, pois ainda não havia telefones móveis para mirarem. Neste caos, encontrou ali uma transcendência e décadas depois ainda se lembra do impacto recebido ao escutar o Allegro, da Primavera, a primeira parte de “As Quatro Estações”, composta pelo músico italiano Antonio Vivaldi. Sim, é uma música clássica para iniciantes, talvez ignorantes de erudição, mas era isso mesmo que ele era, afinal, ou que talvez ainda seja.

A experiência foi maravilhosamente aterradora, sublime e lhe deu uma dimensão nova, pois se absorveu ali novos conteúdos, impensáveis, extremos e, assim, acedeu a novos valores. Nunca se esqueceu da experiência.

Os tempos passaram e, já na Europa, pela facilidade, quantidade e qualidade, frequenta sempre que possível a Casa da Música, no Porto, a se reportar para aquele momento a cada acorde percebido, a viver o tempo em simultaneidade, entre passado e presente, bem ao estilo do escritos do romancista francês Marcel Proust, em sua obra “Em Busca do Tempo Perdido”, representado visualmente no filme “O Tempo Reencontrado”⁶⁸, do realizador chileno Raúl Ruiz, quando a personagem Marcel, já adulto, ao provar de um confeito francês chamado de *madeleine*, que foi comido juntamente enquanto bebia uma xícara de chá, tal como fazia no seu passado, quando criança, e assim, em pensamentos, retorna ao mesmo passado, em simultaneidade ao presente, a revivê-lo juntamente com o que está a viver no presente. A cada mordida da Madeleine, a cada gole de chá, tanto está no presente como no passado e isto é uma experiência multidimensional.

É o mesmo que ocorre ao sujeito que teve contato inesperado com o novo conteúdo apreendido, por vezes, ao escutar música clássica novamente, e passa a perceber quem foi, quem é, quais as suas origens, sua atual situação e tudo o que há entre o seu passado e o seu presente, pois os seus conteúdos se cintilam, assumem formas luminosas, e iluminam sua alma, que se desprende de qualquer condição mundana. Morre o filósofo e nasce a criança, com a capacidade de perceber-se dependente, pequeno e com o mundo, ainda, pela frente e disposto integralmente como possibilidades. O brilho que há nele se ressalta a seus olhos, e o mundo passa a ser percebido melhor do que nunca.

Por isso que as diferenças sempre são possíveis de serem ultrapassadas pelos novos conteúdos, a gerarem novos valores capazes de cintilar, como logo veremos. E, ainda sobre a música clássica, pela experiência que temos, podemos afirmar que os diversos projetos que o maestro brasileiro João Carlos Martins promove, de integração da música clássica com a população

⁶⁸ Saiba mais sobre o filme “Le temps retrouvé, d’après l’oeuvre de Marcel Proust” em <https://www.imdb.com/title/tt0189142/>.

brasileira, *in loco*, a ir com uma orquestra completa para onde o povo está, nas comunidades mais carentes e distantes dos centros urbanos, com seu imperativo do dever de «*democratizar a música clássica é a minha filosofia*»⁶⁹ é, sem dúvida, um meio de gerar novos conteúdos, novos valores e, ainda que não se consiga apreender tudo sobre os conteúdos originários das ideologias, expressas na música de uma outra “classe”, conseguirá perceber sobre os valores e, assim, poderá ampliar quaisquer chances de ultrapassar as diferenças históricas.

E isto só será muito mais provável se for através da musicalidade, da arte e das expressões espontâneas que existem. São relacionais, afinal. É preciso haver mais intercâmbios musicais, mais transgressões espaciais de estilos e costumes.

Mais um exemplo acerca desta ultrapassagem de diferenças pode ser possível de se verificar no promissor documentário “O Professor Bachmann e a Sua Turma”⁷⁰, da realizadora alemã Maria Speth, na qual em «*Stadallendorf, cidade alemã com uma história complexa no que concerne à integração e exclusão de estrangeiros, o professor alemão Dieter Bachmann oferece aos seus alunos a chave para o sentimento de pertença. Com idades entre os 12 e os 14 anos, os estudantes são provenientes de doze países diferentes e alguns ainda não dominam a língua alemã. Bachmann está empenhado em inspirar estes cidadãos-em-construção com o sentido de curiosidade para que tenham vontade de desenvolver um vasto conjunto de saberes, disciplinas, culturas e opiniões*» e é isto que obtém, tendo como centralidade de seu método a música, como forma de linguagem universal que vemos aparecer, invariavelmente, nos momentos de crise que existem, apresentadas nas quase quatro horas de duração do filme.

As pessoas não entendem sobre isso, e acreditam que imigrar é uma escolha. Seja de um país para outro, ou de um subúrbio para a cidade, ou vice-versa, é sempre uma forma de imigração e nunca é uma escolha, mas sim o atendimento orgânico das formas sociais de vida, das pulsões que determinam algo que ainda não se compreende, mas que deseja descobrir, sempre algo muito mais natural do que se imagina. É uma negociação de fluxos. E todos os fluxos se dão no devir. Imigrar é estar no devir, estar na mudança, em movimento. É, antes de tudo, de viver a vida, e um ato incontestável de coragem e força, que muitos poucos possuem. Quem não gosta disto? Os paralisados, os resistentes e os que estão presos por algo que

⁶⁹ Saiba mais em <https://www.hondaservicosfinanceiros.com.br/blog/de-carona-com/maestro-joao-carlos-martins-democratizar-musica-classica-e-minha-filosofia>.

⁷⁰ Saiba mais sobre o filme “Mr. Bachmann and His Class” em <https://www.imdb.com/title/tt14035048/>.

não conseguem se livrar. Sem novos conteúdos, continuarão da mesma forma, a avaliar mal o que está a gritar a seus olhos.

Portanto, assim, os valores oriundos dos conteúdos passam a serem os novos conceitos que serão alocados e trabalhados no que seja a moral e a ética, como veremos a seguir. Pois, no espaço público, alguns destes valores são essencialmente morais, outros essencialmente éticos, uns tantos podem estar nas duas dimensões, ou em nenhuma destas e, ainda, outros tantos podem até parecerem compatíveis, mas, em detalhada análise, serem mesmo antagônicos.

32. A moral, os constrangimentos morais, as divindades, a redenção

A moral é esquematicamente a esfera mais central e adensada do sujeito, basicamente, a nível individual. Ela não se correlaciona tanto com a ideologia, coletivamente, quanto se correlaciona com o real. Ela é o resultado da máxima aversão do real, primariamente, que faz surgir a ideologia, secundariamente. A ideologia também possui valores morais, em seus diversos núcleos compartilhados, nas danças libidinosas dos fluxos que ocorrem entre as esferas.

Mas, por agora, é importante perceber que os valores morais são conteúdos mais profundamente e radicalmente ajuizados a partir de uma pulsão que ocorre do contato com o real. Se a ideologia é feita para se fugir do real, é uma reação a ele, portanto. Assim, é a moral o núcleo individual do sujeito que também faz parte da ideologia – é produzida como respostas defensivas aos ataques sofridos, individualmente, para ser à prova de falhas, de fissuras e de todo o contato do indivíduo com o real, como se fosse um bunker indestrutível e inexpugnável. Por isso a moral é mesmo individual, única, exclusiva do sujeito, pois é o espaço no qual ele é realmente capaz de se isolar e se sentir mais protegido.

Primeiro, são os conteúdos apreendidos; segundo, os ajuizamentos iniciais; terceiro, os valores extraídos hierarquicamente pela convivência; e, quarto, a pulsão compressora do real que consolida todos os valores mais relevantes na máxima intimidade – os valores mais simples e imediatos, menos vulneráveis, mais certos – e todos substanciados no núcleo moral. Esta é uma boa síntese, que até pode nos levar a crer que seja mesmo algo simples e sempre previsível desta forma. Mas não é, mas bem que poderia ser assim. Mas, novamente, é apenas um recurso didático, pois o movimento não permite uma linearidade, nem uma universalidade. Tudo se dá simultaneamente com uma impossibilidade (mesmo, pois é o real que está envolvido) de saber o quê é o quê. Por isso, vamos a uma das infinitas suposições...

As primeiras apreensões de conteúdos ocorridas na vida são passivas e empíricas – da luz que impressiona os olhos; do tapa que é logo recebido nas nádegas ao ser retirado do melhor lugar do mundo; do melhor lugar do mundo que deixou de ser o líquido da placenta e passou a ser o “vazio” do ar; dos líquidos nutritivos que saem dos peitos maternos ou vêm pelas mamadeiras e que acabam com a sensação de fome, acabam com o vazio interior da barriga cheio de ar que passa a ser líquido e, portanto, a barriga cheia passa a ser a melhor coisa do mundo; da urina que sai insistentemente do próprio corpo; bem como das fezes com seus odores, texturas e cores distintas; das

diferentes expressões deixadas pelos rostos que sempre aparecem a frente, alguns a darem-se por conhecidos e mais presentes; e sempre um destes rostos aparece para cuidar, nutrir e proteger, quando se passa a chorar, mesmo sem saber ainda o que seja isso, passa a perceber o que é interagir, relacionar – e isso é bom, pois alguém sempre vem suprir o que não se tem. Eis aí o bom, oriundo dos relacionamentos e das primeiras regras causais percebidas: necessidade-choro-saciedade.

Criam-se os vínculos afetivos, pelo que é considerado desejável e agradável, funcional e protetor, e muitos outros atributos que serão categorizados como bom. Começa-se a valorar, assim, o que é bom, o que é mau, o que é agradável, o que é desagradável, e os juízos começam a serem formados pelas primeiras sensações percebidas, a progredirem até que os valores dos conteúdos passem a serem apreendidos dentro de determinados juízos mais complexos que se formarão. Sentidos, mente, corpo, tudo a operar para apreender e categorizar conteúdos, obviamente, dados dentro de um espaço público – ou familiar ou de outro núcleo cuidador institucional.

A cada dimensão de espaço público (ou a cada jogo jogado) que a criança participa, novos valores oriundos da convivência (na apreensão dos conteúdos no exercício do jogar o jogo conforme as regras) surgem, ajustados ao círculo das percepções possíveis dela, que está presente no mundo a se desenvolver até seu máximo potencial (no território, em busca de seu espaço ideal para habitar a cidade, no jogo principal da vida). E tudo isso é apreendido, e internalizado profundamente a cada pulsão descendente (da sétima esfera para a primeira) do contato – e da ameaça – da impossibilidade do real, que faz emergir a consolidação moral do indivíduo em sua própria dimensão do possível, já esquematizada. O que forma o nosso esquema conceitual e individual do possível é justamente o fluxo caótico provocado passivamente pelo real – e assim, nossas “esferas” ficam de acordo com a pressão da realidade à qual estamos sujeitos.

Quanto mais brechas há nas ideologias que estamos inseridos, maior será o condicionamento moral que teremos – e isto explica a tendência ao radicalismo moral das crianças nascidas dentro de certas seitas ou religiões fundamentalistas, pois a pressão do real sobre a ideologia fundamentalista é tão potente que as brechas se tornam sempre presentes. Podemos perceber que tais radicalidades ideológicas não querem suprimir o real, mas sim fazer uma subversão dele próprio – querem mesmo é subverterem o real! – ao forçarem com que a sexta esfera (ideologia), impulsionada pela quinta esfera (*marketing*), se expandam infinitamente em direção ao real, como se ela fosse capaz de absorver e suprimir todo o real dentro de si, a subvertê-lo também.

Qual o resultado disto? É o mesmo efeito de um balão de gás solto a subir na atmosfera, que com uma menor pressão atmosférica, começa a se expandir, a querer ocupar todo o espaço no qual se encontra, e logo estará tão

expandido que fissuras ocorrerão em sua estrutura, que possui um limite expansivo reduzidíssimo, obviamente, mas que mesmo assim se expande até não poder mais, até chegar a romper a si mesmo, em uma morte certa e anunciada, e que acaba por despencar das alturas, aos pedaços. Por isso há sempre a questão da obediência, na qual as regras passam a serem sobrevalorizadas, para não serem nunca questionadas – e passa a ditar o que é normal.

Assim, as apreensões se dão esquematicamente: a normatividade vigente se faz presente nos relacionamentos que existem, pois tudo é valorado conforme a ideologia na qual se está inserido, no *marketing* dominante que sempre reforça as regras mais relevantes para ele, sempre estabelece o que é mesmo crucial para que a ordem simbólica seja mantida – esforça-se até o limite das ruturas, que são estas delimitações “*marketeira*” e normativas que estabelecem o que é o “normal” da moral introjetada. Por isso, as ruturas passam a ser desprezadas, e ditas anormais. Eis que urge, para a ideologia, ter sempre a sua normalidade estabelecida desde logo.

Mas, como os ciclos consolidadores dos ditos valores morais “normais” se estabelecem?

O termo normal, aqui, fica restrito às dimensões morais das normas, de enquadramento entre o certo e o errado, do bem e do mal, por exemplo. A moral serve, afinal, para dualizar o “sim” e o “não”, basicamente – será o que manterá o indivíduo hesitante na sua posição da estrutura, pois a tudo ideológico dirá sempre um sim. Pois, quando o cotidiano do ser moralizado não ocorre assim e percebe que algo está contra a sua moral, parece-lhe que há a corrupção deste significado, pejorativamente, e o usa negativamente, para classificar o que ele passou a considerar uma anomalia como “anormal”, para denominar alguma suposta “aberração” que vai contra a sua moral mais profunda e, obviamente, contra a ordem estabelecida.

E isto é, claramente, um termo e um ato agressivo, mas muito utilizado em ofensas nos diversos casos de discriminação que bem conhecemos. Não há, mesmo o anormal, mas sim o diverso, o alheio, pois o normal é sempre estabelecido a partir de cada perspectiva individual. O anormal só poderia, então, ser considerado dentro desta mesma perspectiva, para o próprio indivíduo, e não para os outros. É uma questão de bom senso lógico, afinal. Afinal, para os outros, o normal é ser “anormal”, pois são e devem ser diferentes, como somos todos.

O que passa a estar em causa, para que os seres moralistas percebam que existam “anormais” fora de sua “realidade”, é que vivem em bandos, em rebanhos, apenas com “semelhantes” ideologicamente dominados. São provincianos. Por isso, seus mundos são pequenos, possuem a mesma perspectiva, e lhes causam miopia para o que há para além destas dimensões ideológicas. Não são “más” pessoas, necessariamente, mas também podem

sê-las, facilmente, ainda mais na selva, onde é muito comum se atacar em bandos, para garantir a eficácia da obtenção da refeição. O ser cosmopolita é múltiplo, mais desgarrado dos bandos, e percebe que a diferença é mesmo o “normal”, desde sempre – e alguns até optam pelo veganismo, talvez para não caírem na tentação de terem de estar em bandos “normalizados”. Mas, o que causa tudo isto é sempre a moral.

A normalidade, por assim, dizer, é formada e introjetada pouco a pouco, a enquadrar o bebê, e logo a criança, desde cedo, também a prosseguir pela adolescência até chegar a fase adulta já totalmente docilizado e produtivo, quando provavelmente já estará completamente dentro dos padrões morais vigentes. É um processo lento, sutil, impercetível e extremamente poderoso e eficiente, e impossível de se resistir a ele, até mesmo pelo facto de os juízos infantis serem insuficientes e formados em sua maioria com bases nestes mesmos valores que são estabelecidos como normais.

A investigadora acadêmica e também diretora de documentários, a italiana Adele Tulli, em seu filme *Normal*⁷¹, expôs com uma iconográfica precisão cirúrgica os aspetos da dita formação da “normalidade” de gêneros, através das apreensões sensoriais das diferenciações de gêneros das cores moralmente normalizadas – como o azul para os meninos, o rosa para as meninas; mas não só para as meninas: mas também os tipos de brinquedos que possuem disponíveis – bonecas para o senso maternal e reproduções de utensílios do lar, para cuidar da casa; as acomodações comportamentais delas como obedientes e tarefas domésticas treinadas; a preocupação que devem ter com o corpo e todos os demais aspetos de submissão ao sexo oposto. Para os meninos, as atividades mais livres, “nobres”, e de liderança e dominação – e tudo melhor.

Assim se formam os valores de género desde tenra idade – e também faz surgir e consolidar o próprio género e a hierarquia social destes. O filme é uma obra-prima documental ao mostrar como este processo se dá em passagens impercetíveis que todos temos, mas que nunca as percebemos com tamanha capacidade crítica, em especial por ocuparmos o espaço do género a qual estávamos “destinados”, o que sempre pareceu ser o “natural”, o “normal” – mas não, necessariamente, pois era assim, pois aprendemos assim, somente.

O método de Tulli justifica sua intenção, ao dizer que *«queria fazer um filme que não refletisse sobre nenhum indivíduo em particular, e sim sobre um sistema, ou seja, como a sociedade funciona e que estruturas a sustentam.*

⁷¹ Saiba mais sobre o filme *Normal*, de Adele Tulli, em <https://www.imdb.com/title/tt9648584/>.

Por isso, não poderia personalizar a reflexão de gênero»⁷² e isso leva a uma conclusão que podemos tirar, conforme ela propõe quando declara que «a educação para o gênero se torna uma espécie de performance que aprendemos a desempenhar na infância, e reproduzimos ao longo da adolescência. Nós repetimos ideias, gestos, atitudes e até uma linguagem corporal que corresponda de certo modo às expectativas da sociedade e de instituições como a família, a escola e a mídia». E tudo isto está lá, obscenamente exposto, em seu desconcertante documentário. E não se dá apenas para as questões de gênero, mas para tudo o que pode ser considerado como “normal”.

E a ocupação estrutural se dá sempre moralmente, sempre em busca da própria normalidade, e de acordo com esta, e isto também em relação ao próprio corpo – que é também uma estrutura a ser ocupada.

Há, contudo, normais e normais: pois existem distintas concentrações acerca dos próprios valores que são apreendidos como normais, hierarquicamente. Como são poucos valores, e duais, o que variará não é a qualidade, mas sim a quantidade, ou a concentração de normalidade que cada valoração terá. Por isso conteúdos destes padrões sociais morais são instanciados em níveis de relevância e, também, os próprios valores passam a serem os diferenciadores dos conteúdos, quando uns também passam a serem mais relevantes do que outros. Toda esta valoração se dá em constante mudança, sempre. O que quase não muda, mesmo com o movimento, são os valores morais mais centrais, os valores diretores que sustentam as demais hierarquias – e a própria estrutura.

E estas hierarquias são formadas a partir das valorações das experiências oriundas das relações estruturais – por isso que, mesmo individuais, são valores morais permeáveis com a coletividade, expressam o que é relacional, não são descolados do meio que se está – a causação imanente na qual os valores profundos individuais causam a estrutura, mas também são causados. Aqui, eles resistem a serem modificados, mas não se inibem em serem expostos para manter as coisas como estão – em um dado momento da vida, são muito mais conservadores do que construtores. E é por isso que o modo de ser do indivíduo implicará no seu modo de jogar o jogo – pois fará de tudo para que o jogo continue como está, e ele continue nele, a jogar – e este será seu modo de existir: existirá a resistir às mudanças que vão contra o seu modo de ser. Será o moralista.

⁷² Leia a entrevista completa de Adele Tulli em <https://www.papodecinema.com.br/entrevistas/adele-tulli-o-genero-se-torna-uma-performance-que-aprendemos-a-reproduzir-desde-a-infancia-explica-a-diretora-de-normal/>.

A relação íntima da moral com a manutenção da estrutura pode nos dar uma visão um pouco diferenciada acerca dos conflitos sociais que temos, dentre eles o racismo, a misoginia, o machismo, a xenofobia, mas também no passado o nazismo, por exemplo. Embora sejam coisas distintas em seus conteúdos, mas em suas formas são semelhantes, pois evocam todas questões de dualidades redutoras e simplistas: nós contra os outros. Os “sins” contra os “nãos”. Mas, não é contra os outros distantes, mas sim os outros próximos – e ameaçadores. São problemas de relações dentro de uma estrutura. Os supremacistas Brancos são contra os Pretos que convivem em suas estruturas; da mesma forma os xenóforos são contra os que estão em suas cidades, como bem vimos; o misógino é contra as mulheres que está ao seu alcance, que ele percebe ser afrontado por elas; os nazistas eram contra os judeus que estavam na Alemanha, principalmente. O que vemos são questões de relacionamentos – das expressões morais que passam a assumir uma coletividade majoritária que propõe ser ela própria, em rebanho, representantes das regras, que estabelecem uma normalidade e que, depois disso, passam a desejar eliminar ou subjugar o que é considerado “anormal”. Percebamos novamente que as bases são morais, com mediações dos relacionamentos/representantes e normas/leis. É, portanto, uma subversão sobre o modo de ser, que é individual, a ser proposto como modelo de um modo de existir coletivo. É a pasteurização da individualidade pelos fundamentalismos morais, quando a moral compartilhada passa a desejar moldar o mundo estrutural – e vira um balão que logo se romperá.

A moral individual sempre é algo simples e única – simples por ser dualista e básica, um sim e não; e única por ser mesmo exclusiva da perspectiva do indivíduo. Assim, esta unicidade e simplicidade, quando compartilhada e subvertida coletivamente, passam a serem replicadas na normatividade social, de uma sociedade que sente precisar ter simplicidade e unicidade – e aqui percebemos a homogeneidade como desejável, a renegar os “anormais” a ela. Como poderia a moral formar e sustentar a estrutura e, à mesma medida, também não dar a ela os mesmos problemas e limitações que possui? Eis os problemas oriundos das brechas ideológicas que levam à moral profunda e cristalizada, a refletir em estruturas problemáticas e supremacistas. O fluxo é sempre, ou quase sempre, este. Ao menos na selva em que estamos, é assim, ou quase assim.

Pois os valores mais íntimos e profundos do sujeito formam a sua identidade psicológica, mas percebemos que esta identidade não é exclusivamente formada por tais valores, de forma estanque – pois há também a influência do simbólico, do sistema instituído na própria estrutura a atuar na brecha interativa entre a subjetividade e a objetividade, pois o que é objetivo passa também a ser considerado como subjetivo, e seus valores

serão igualmente alocados em uma dimensão mais profunda da identidade psicológica.

Os valores mais relevantes e tidos como íntimos passam a ser subtraídos conceitualmente de todas estas dimensões relacionais ou jogos, nos *feedbacks* que geraram ou ainda geram estes conteúdos, e acabam por serem apreendidos, sejam parcialmente ou totalmente, e são gulosamente incorporados à subjetividade, que se apropria do modo de existir sempre que haja uma conveniência. O moralista apenas absorve o que lhe é inconveniente, sem nunca interagir, nem colocar seus próprios valores sob juízo. Segue uma linha, sem pensar onde ela o levará.

É como se, depois de um certo período, a própria percepção normativa daquele indivíduo extremamente moralista, por exemplo, de ser do sexo masculino passasse a ser um padrão da própria identidade, e uma necessidade de classificar o resto do mundo com estes seus valores mais profundos, e apenas estes. Independente de onde se esteja, será este padrão tido como válido para o sujeito moralizado, pois sempre terá um valor que poderá incorporar outros, como a dominância, a agressividade, a cor azul como predileta e por isso negará radicalmente o que seja feminino, rosa e tudo o mais que seja “anormal” para ele. O moralista é um negacionista da diferença, que a percebe, mas não a reconhece como lícita. Mas, precisamos perceber mais sobre as formas morais, para além dos moralistas.

De forma geral, os valores profundos morais são interligados a tudo o que há de relevante a cada dimensão do ser do sujeito – a cada dimensão apresentada no esquema conceitual do possível. Passam a integrar uma rede de valores já todos hierarquizados, em que se instanciam no modo de ser de cada um.

Estes valores, contudo, são todos atualizados com o passar do tempo em que exista uma maior quantidade de experiências e relações, ou mesmo pela participação em novos jogos, que poderão propiciar outros novos valores ou perspectivas. Mas, que tais atualizações, ou mudanças, não são nem tão simples e nem tão fáceis de ocorrerem, nem muito rapidamente nem muito radicalmente, quando dados a um nível profundo da moral, ou quanto mais velho ficar o sujeito, visto que o tempo passa a cristalizar tais valores em suas máximas profundidades. As resistências às mudanças serão imensas, proporcionalmente aos níveis de adesões que se estabelecem em relação às regras.

Por isso que muitos acreditam que ninguém consegue mudar sua “essência”, visto que há este núcleo duro que resiste a tais mudanças perceptíveis e que influenciam em tudo que há de relevante na vida das pessoas – como seus condicionamentos para agir, ou os vícios adquiridos e cultivados, os diversos hábitos e outras formas representativas, previsíveis e

rotineiras de se viver a vida, que consiste nos modos em que cada um passa a existir.

Há que se considerar que, um valor, depois de apreendido, não pode mais ser descartado. Quando muito, pode se transformar em oculto, quando passa a habitar o inconsciente, rejeitado por alguma motivação traumática moral, via de regra, mas lá está a atuar e nunca se deixa eliminar-se por completo, pois passa a fazer parte do modo de ser do indivíduo, desde sua aquisição.

A educação infantil, desta forma, assume uma plasticidade e uma capacidade de absorção que irá promover a sedimentação ideológica pela moral formada desde logo. Não é à toa que todos os regimes totalitários, ou os que aspiram a sê-los, tratam logo de promoverem a educação repressora em todas as crianças. No nazismo, eram tiradas de suas casas e enviadas para campos de educação da juventude nazista, onde eram doutrinadas com o *marketing* da ideologia nazista, desconectadas de seus pais e, assim, assegurariam o futuro da nação. Também eram estimuladas a logo cedo, pela adolescência, terem relações sexuais para gerarem novos bebês e, desta forma, repovoarem o mundo futuro que seria suposto ter sido conquistado pelos arianos, quando os “impuros” já não mais existiriam. Relações, sempre elas, a partir da moral.

Na contemporaneidade, no Brasil quase completamente tomado como refém pela parcela minoritária e política da moral cristã neopentecostal, houve a acusação de “doutrinação” de crianças através da educação sexual, o que é um disparate. Pois, pela educação sexual evitam-se casos de gravidez precoce pelo conhecimento de meios contraceptivos, acusam-se os abusos sexuais recorrentes sofridos por adultos próximos, e se ajuda para perceber a diferença e a licitude entre as múltiplas expressões sexuais para não as discriminar por uma alegada “anormalidade” e, além disso, oferece uma liberdade ao jovem, para obter critérios e juízos próprios acerca do uso sexual do seu próprio corpo, quando a sua biologia for propícia, na adolescência. Assim, a resistência veio mesmo daqueles que veem isto como ameaça, que são os representantes das regras das bancadas religiosas, que já possuem seu plano de “normalidade” instituído e plenamente aplicado, interpretados por eles diretamente das partes das escrituras que alegam serem sagradas – e sempre as partes que mais lhes são convenientes que são as mais sagradas do que as outras, como o amor ao próximo, a caridade, a igualdade, etc. – coisas “comunistas”, afinal, e por isso nada sagradas. Sim, hierarquia de valores – do sagrado ao profano, e vice-versa, e sempre de acordo com a conveniência. Enquanto isso, o alvo é mesmo as crianças, pois nas crianças e jovens os padrões dos valores podem ser mais facilmente desvirtuados.

Mas, até o que é “repreendido em nome de Fulano” também fica apreendido, e o que há de mais rígido nunca é eliminado. Uma criança criada em um núcleo fundamentalista cristão, por mais que tenha educação sexual

responsável e de qualidade na escola, conviverá com as duas dimensões, e absorverá um pouco de cada. Se não tiver educação sexual na escola, terá apenas a familiar. Já adulta, poderá sair deste núcleo familiar e, distante da pressão anterior, poderá absorver novos valores, a deixar estes ultrapassados e inadequados totalmente abafados, pois serão inconvenientes se utilizados em sua nova vida. Por vezes, poderá não ser assim, e ela poderá continuar moralista, o que será menos provável.

Mas o que foi tido como indesejável e abafado poderá reaparecer em momentos extremos e, assim, parecerá que há um fantasma dentro dela, tal um espírito que vem assombrar o que se construiu de novo no seu modo de existir. Por isso, pela impossibilidade de ser eliminado, estes valores abafados acabam por virar algo sobrenatural ou fantasmagórico. Algumas destas assombrações se confundem como uma outra personalidade, por tão fortes e contundentes que possam parecer, ao se manifestarem em certas ocasiões. São desassociações de personalidade que a Psicologia tenta perceber melhor, em suas formas de investigação.

Estes valores íntimos, próprios, subjetivos e individuais, que foram apreendidos pelas interações da vida desde tenra idade são, portanto, consolidados em uma instância denominada de moral, ou valores morais do indivíduo.

A moral profunda, portanto, é eminentemente individual, é uma perspectiva única de cada indivíduo – é o código interno de conduta, existencial, de mensuração e de qualificação dualista, categorial, ontológica, epistemológica, cognitiva, comportamental, espiritual, como o que seja o certo e o errado, o que seja o bem e o que seja o mal, desejável ou indesejável, o que seja o “eu” e o que não seja, etc.

São valores absorvidos do “mundo exterior” e acomodados profundamente, com estreita ligação às conexões estabelecidas pelos relacionamentos ocorridos, e aos espaços públicos frequentados, desde o nascimento até certa fase da vida adulta, que será atingida já com todos os valores morais quase totalmente consolidados, pois nesta fase já se verifica uma “versão” mais estável da personalidade constituída do indivíduo. Não é por acaso que nesta fase o indivíduo também seja declarado cidadão, por completo, com todos os seus direitos e obrigações, quando já está incrustado com a moral que lhe foi passada. Está pronto para o sistema, para a estrutura, por ser também um produto “finalizado” desta.

Estes valores morais, como vimos, não são estáticos e isolados e, em dado momento, deixam de serem apenas “absorvidos” e passam a interagir, a se manifestarem relacionalmente. São os valores morais que também dão a pulsão para se jogar um determinado jogo, sempre com certas intenções, mais ou menos definidas – e é o que se espera de todo cidadão – ou talvez não.

E, uma vez dadas estas decisões positivas para determinados jogos, será preciso estar sempre neles ao serem vencidos todos os obstáculos restritivos, pois tais jogos passarão a fazer parte deste modo de existir que foi estabelecido a partir do modo de ser, da personalidade que é formada e consolidada socialmente, a se afirmar pela própria condição e capacidade de ser um integrante a jogar, um cidadão. A moral é propositada, como tudo – tanto para definir o mundo em que se vive quanto para continuar neste mundo, a viver, ou a jogar.

A moral é também uma dimensão divina do indivíduo, tal qual o deus de Espinoza, que é uma causa e efeito, uma causa imanente, em que se desdobra na natureza e, enquanto natureza, afeta o próprio deus. A moral a tudo afeta, e é afetada por tudo. A moral é a natureza naturante do indivíduo, o seu modo de ser, que se desdobra na sua natureza naturada, na sua forma de existir, que é a forma pela qual o indivíduo se faz indivíduo, ao relacionar-se com outros, e com o mundo, sempre em conexão com base moral.

Por isso, a moral tanto é causa quanto é efeito. É por essa razão que vimos que a astúcia dos *marketings* ideológicos mais nefastos, como o neoliberalismo, as religiões e as seitas fundamentalistas, procuram atuar fortemente na instância moral desde tenra idade, pois é mais plástica e relacional, e encontra aí a reverberação que necessita para a adesão do simpatizante que passará logo a devoto, ou talvez a fundamentalista. Já estão lá todos os valores estabelecidos para serem apreendidos pelas crianças, basta dar novos conteúdos que conttenham os mesmos valores e excitar ainda mais a priorização destes para que as adesões delas ocorram em massa – os tempos podem mudar, os conteúdos também, mas não os valores, que são sempre os mesmos – simples e únicos, e sob o crivo do *marketing* ideológico.

E como o *marketing* opera, com base na moral? Se o sujeito possui a morte como conteúdo atrelado ao valor negativo da finitude, basta o *marketing* promover um outro conteúdo de um messias ou herói que morreu e depois ressuscitou, o que significa que é um conteúdo que absorveu outro, da própria morte, mas com valores diferenciados, pois aqui passaram a serem positivos, pois este precisa ter um valor de superação da finitude, bem mais hierarquizado do que o que o indivíduo possui – um valor melhor passa a ser sempre mais desejável. O *marketing* oferece algo mais conveniente, sempre.

E, assim, na mente do sujeito, este percebe que o valor do conteúdo da religião é melhor, e mais afim com os seus outros valores, e que lhes dão mais possibilidades ao invés de ameaças – e passa a aderir ao *marketing* que promete tal possibilidade de superação da finitude. E “compra” a religião ou as jornadas heroicas pelos seus valores mais convenientes. Percebe o *marketing*? A aderência logo se dá, pois, os valores ofertados são muitos mais superiores, e sempre mais sedutores. Mesmo que resista ao primeiro

momento da oferta, logo há uma grande promoção, um saldo de estoque e quando se percebe, está bem dentro, a defender tudo o que antes negava.

Há, ainda nas dimensões morais, os ingredientes para as ditas experiências de revelações místicas, quando tais valores, conjugados, imperceptíveis, se deparam com possibilidades sutis, mais distantes, que levam a uma experiência de crenças bem mais profundas nas possibilidades – como se a moral se estendesse até a ideologia, para além do *marketing*. Isto explica as impactantes experimentações religiosas, místicas e tidas como sagradas e arrebatadoras, quando parece que há uma violenta deslocação para fora do próprio corpo, nos transe mediúnicos e transcendentais, nos ditos muitos estados alterados de consciência, nas viagens nas alucinações místicas, nas epifanias experienciadas. Mas é o oposto.

Há, na verdade, em quase todos estes casos, um forte contato com todos os valores internos que já existem em si, neste aspeto moral divino em que o transcendente se faz imanente, ao ponto de os sentidos parecerem mesmo serem impactados por algo imaterial. Isto explica o “falar em línguas”, as manifestações espirituais de incorporação, as psicografias ou canalizações (sempre de cunho morais), as possessões e obsessões espirituais (até mesmo do espírito da ideologia, como agora sabemos, por ser a ideologia filha da própria moral) e todas as experimentações e manifestações espirituais ou religiosas, como se fosse possível dar voz aos valores íntimos e compartilhados. Quem fala, sempre, é a própria voz moral do sujeito.

Quem já viveu algo assim, ativamente, sabe que é mesmo forte o sentimento da presença do espírito, de deus, dos santos, orixás, guias, anjos, Buda, Jesus, etc. Com o tempo, todavia, há a chance de se racionalizar sobre os processos e perceber a dinâmica de tais sensações e manifestações, que são mesmo impactantes e inesquecíveis, por vezes. Mas nem todos partem para a significação racional dos fenômenos que ocorrem consigo nestas experiências e permanecem viciados nas sensações, pois podem ser mesmo completamente viciosas pelas fortes sensações advindas de tais experiências ditas místicas. Que sempre parecem estar para além do *marketing* e das ações dos representantes das regras, e da própria estrutura feita para reter o devoto – e por isso não causam tantas dúvidas, pois parece mesmo que está a ser tocado por deus – parece que é o recetor de uma mensagem divina, e eis logo o fundamentalismo acerca destas experiências.

Há, a parte destas certezas adquiridas, os cenários montados para dar maior sentido ao que se vive: indumentárias, ambientações, escrituras, pergaminhos, leis, códigos, decorações, rituais, templos, comemorações, retiros, convenções, festas, sessões práticas, etc. Não são experiências isoladas, mas contextualizadas, ainda que alucinadamente. E tudo isto faz parte do processo “natural” de desenvolvimento das capacidades que todos

possuem, ou deveriam possuir, mas que extrapolam pelo desejo de ser desejado, pela fantasia que todos possuímos, em maior ou menos grau.

Mais do que os aspetos peculiares, positivos, afirmativos, que levam às possibilidades, e ao agir, a moral também possui os aspetos negativos, ou bloqueios bem definidos, que são as ameaças, das considerações que levam a uma paralisia, ao revide ou à fuga de determinadas situações percebidas como tal. A hesitação é uma destas facetas.

A moral “percebe” também as ameaças que chegam do real, pela ação do supereu, quando tais ameaças assim identificadas são confrontadas com as regras estabelecidas socialmente, em que os conflitos podem ser bem relevantes, internamente, se novas relações externas se chocam com o que foi estabelecido internamente. Isto se dá também quando conteúdos morais previamente absorvidos passam a serem conflituosos com a moral compartilhada dos novos jogos nos quais o indivíduo poderá a vir a participar. Pois é também a moral que resiste ou impulsiona o indivíduo, quando cooptado para certos jogos.

Estes conflitos morais serão a sede dos problemas cognitivos, comportamentais, existenciais ou psicológicos, ou outros, quando a autoimposição impede ou resiste radicalmente a uma participação completa em certos jogos, ou certas oportunidades.

Por vezes, resulta em uma prática de autoproteção, que é algo funcional e, em outras, resulta em desperdício de possibilidades, pelo medo, culpa ou vergonha que surgem, em que se sente que se deixa de aproveitar tudo o que a vida poderia ter oferecido a mais, pelas experiências não vividas e não realizadas, pelo desenrolar dos factos e possibilidades que não se materializarão mais, a partir da decisão de não jogar. Mas é o que há, basicamente, em toda interação moral: afirmação ou negação, quase nunca tidas como processos meramente racionais.

E é bom destacar isto: não há racionalidade na moral. Ela é amoral, de facto. São valores, duais, antagónicos, que são atribuídos aos conteúdos que lá ficam apreendidos. E apenas isto. É um processo similar ao modelo que foi proposto por Freud, quando alegou que somos essencialmente bissexuais e que, em dado momento, restringimos pelo recalque uma das polaridades sexuais que temos, e priorizamos a mais conveniente. A moral é assim – recalcamos o mal, em detrimento do bem, mas o mal está em nossa moral, sempre dualista, antagónica. O mal, aliás, emerge quando assumimos uma atitude sádica, quando punimos, e quando nos punimos, ou deixamos nos punir, masoquistamente. O mal, em nós, se manifesta fortemente com a proximidade ou com o contato com o real, principalmente na esfera ideológica. Por isso o *marketing* parece sempre o mais seguro e confortável – fazemos o que todos fazem, e o que esperam que façamos, e pronto – assim estamos sempre “bem”.

A moral oferece apenas valores às questões propostas, como se desse apenas atitudes como respostas imediatas às questões mais simples, matematicamente computadas, entre “sim” e “não” atribuído a cada uma destas questões. Entre o sim e o não, todavia, podem existir infinitas gradações, ou perspectivas, ou mesmo pode haver apenas um sim, ou apenas um não, pois tudo é relacional, e em movimento. Mas, para a moral, ou é sim, ou é não. E pronto.

Por isso, é somente isto que encontramos nesta moral essencial, mesmo dualista, sem nenhuma complexidade preliminar, mas profundamente alocada na máxima intimidade do ser que, este sim, pelos desdobramentos relacionais dos seus valores, pode passar a ser considerado moralmente complexo – mas não será a moral que causará isto, mas sim as relações morais intrincadas que este construirá, racionalmente ou irracionalmente.

E como isso se dá? Se alguém tiver uma oportunidade para, por exemplo, entrar em um clube de sexo livre – daqueles mais cobiçados e famosos – haverá logo sempre um “sim” ou um “não” que lhe surgirá de imediato, derivado de sua moral profunda superegóica a proferir uma aprovação ou reprovação sobre sua entrada. Se considerar que tem uma oportunidade de cometer um ganho considerável (como avançar oportunamente no jogo e aproximar-se das possibilidades desejadas), ainda que sua moral considere algo ilícito, poderá encontrar uma determinação mais superficial e específica para prosseguir, e assim o fará, a adentrar de forma triunfante no clube, a suar frio e com o coração palpitante, mas sem pensar muito sobre isso. Neste caso, a moral computou mais “sins” do que “nãos”, talvez sem levar em consideração a veracidade, todavia. E lá estará o sujeito decidido, a “pecar” licitamente com propósitos elevados do seu bem maior.

A “pulga atrás da orelha” que muitos possuem, em determinadas situações, nas dúvidas, estranhezas ou desconfianças que surgem ao fazer algo novo, ou considerado “proibido”, é a tentativa de atuação desta moral mais profunda, por uma busca deliberativa de sua afirmação. É com ela que sempre estamos a negociar.

É por isso que nem tudo se dá nas profundezas morais, pois são incontáveis níveis que se formam acima destas profundezas, como um funil disposto ao contrário, que se origina em seu núcleo, no ponto central da suposta esfera moral, que é o seu ponto mais condensado e singular, e se alastra para uma região mais larga e dispersa, cintilante, e que faz fronteira com os representantes das regras. Pode ocorrer o inverso também, na busca pelo valor mais profundo, em dadas situações mais radicais.

As sair das profundezas morais mais simplistas para a superfície relacional, a cada emergência dimensional que se faz, pelas novas interações com outras entidades sociais, jogos ou relações diretas, a moral essencial ultrapassa esta condição simplista e se complexifica para cima,

multiplamente, em camadas superiores – e todas interconectadas e mais dispersas e flexíveis, mas ainda a manterem o núcleo original intacto, como que se o duplicasse ou o reproduzisse, ao se relacionar mais consistentemente com os demais indivíduos, a criar variações de si mesma conforme as condições verificadas nos relacionamentos e, assim, a incentivar à formação de espaços comuns quando se atinge alguma estabilidade e constância entre todos com os quais se relacionam.

Por isso que é possível alguém com uma rigidez moral adentrar ao tal clube de sexo dado no exemplo, que geralmente é tomado por algo *underground*, sombrio e escondido, em que a moral comum e compartilhada acaba por marginalizar socialmente.

Mas, a pessoa que adentra a esta dimensão, o faz prioritariamente pelo uso da sua moral superficial, estrutural, relacional e menos irracional, a dizer que sim e a flexibilizar a aprovação da ação de adentrar a tal espaço, que não deixa de ser público e que possui jogos a acontecerem, e todos com suas possibilidades a oferecerem. Se há possibilidades, há ali a ideologia do sexo livre e selvagem que todos se conectam ao jogarem os jogos, ao aceitarem as regras de lá. Então a pessoa atinge um *status* de descolada em instantes e, depois de se comprazer, por diversas vezes, poderá voltar à caretece, a fugir de lá, talvez com culpa por ter estado lá – mas não duvide que faria de novo, e talvez o faça, e de novo, e de novo.

Daí, vai às regras, aos representantes, para obter a absolvição pelos pecados libidinosamente cometidos. Obtém a absolvição, e volta para lá, para comemorar com uma boa dose de sexo selvagem, e tudo se repete novamente, até perder completamente a vergonha de existir como se é – quando o modo de ser passa a ser como o modo de existir – e já não tiver mais grilos sexuais. É a moral que proporciona esta oscilação, para o “bem” ou para o “mal”. E isto interessa muito, mas muito mesmo, aos representantes das regras, obviamente, pois vem daí a culpa dos seus seguidores, dos seus públicos consumidores e pagantes, que formam os seus mercados.

O que se busca, sempre, ao se pecar? Antes ou depois, tanto faz, o que sempre se busca é a redenção. E o pecado é mesmo o melhor produto que o representante tem para deixar a todos aderentes. A parábola do filho pródigo retrata exatamente isto. Um filho que sai e se esbalda nos clubes de sexo da vida e, depois que acabou o milho e a pipoca, decide voltar para sua casa, seu lugar de direito no qual sempre há como se manter vivo por lá, e é recebido com todos os louvores pelo representante maior daquele lugar – seu pai, pois, afinal, o filho pródigo renasceu na fé, conseguiu superar a mundanidade – saiu do mal para o bem. E, por isso, merece ser festejado como tal. Aquele outro filho que ficou sempre lá, fiel, não recebe o mesmo tratamento efusivo, pois já é freguês fidelizado. O que isto quer dizer, afinal, principalmente para aqueles que têm uns vieses pervertidos? Que vale muito a pena curtir a vida

adoidado e, sempre que se quiser, haverá a redenção, e uma nova festa nos céus ideológicos. A sutileza da ideologia é mesmo moral e o *marketing* sempre “ama muito tudo isto”.

E com tais superficialidades morais ativas, tudo se duplica, se reproduz e se integra ou se choca com o que o indivíduo traz consigo. Tudo começa pelo conflito, entre o que é moralmente aceito como lícito e o que surge como ilícito, mas ilícito com possibilidades atraentes – dadas pelo *marketing*, pela transcendência que sempre é buscada. Ah, o *marketing*, o verdadeiro capeta desvirtuador da moral e dos bons costumes, desde a cobra falante. E isso é uma convivência típica das cidades, dos jogos mais centrais e complexos, para jogadores mais habilitados e versáteis lidarem. Quem percebe isto se diverte de verdade, e são os que vivem mais intensamente – são os devotos devassos.

Eis que, mesmo que a pessoa novata no clube de sexo seja alguém mais fundamentalista, nos seus aspetos morais, e que neste ambiente sexual libidinoso esteja presente mais em corpo do que com a alma, sua moral profunda e rígida lhe dirá que está a fazer algo inapropriado, a lhe dizer inconscientemente um não para o que está a fazer, ou que pensa fazer, a lhe causar constrangimentos interiores e a deslocar parte de si (a alma, caso exista) desta para outra dimensão mais pudica, a ausentar-se dali, ao menos em pensamento e, talvez, fazer com que a experiência seja frustrante, embora possa simular que esteja a curtir para os demais presentes. Festa estranha com gente esquisita. Quem nunca?

Poderia dizer que se está a participar com o corpo, mas não com a alma, quando não se consegue viver o momento plenamente, em suas máximas possibilidades. Só está lá o seu modo de existir, e não o seu modo de ser. São as facetas morais, contraditórias, que todos possuem em si, e que se revezam nas predominâncias sobre as ações, e isto tem a ver com o consentimento que é dado ou obtido, de si mesmo, primordialmente. É uma resistência que a moral proporciona sempre, em todas as ocasiões, que muitos percebem como um sentido a mais, uma sensação premonitória de coibir algo que se queira fazer. E, quando faz, e não acaba bem, atribui-se o suposto “aviso” ou sentimento “premonitório” a uma dimensão divina e superior, sem perceber que é a própria moral que está a atuar, sempre. Mais uma vez, uma falsa experiência mística, aqui negativa.

Há também, em muitas vezes, a auto violação, o auto abuso e as formas de se autoperverter nos próprios pensamentos, sempre com base na moral cristalizada das profundezas do ser, quando excessivas e distantes do que se está na superfície, nas possibilidades. E isso é o que faz o fundamentalista, ao radicalizar todas as suas ações como morais, e a anular-se como um ser social, a isolar-se de quase tudo, pois tudo passa a ser blasfemador. Não

perdoa nem os próprios pensamentos, e passa a se autopunir, com pesados castigos.

E também há quem opte conscientemente por transgredir suas essências morais mais profundas, talvez por ter tido em algum momento da existência uma postura fundamentalista e que tenha superado tal limitação cerceadora, por alguma frustração neste passado, e passa a ter momentos de rebeldia, frente a relacionamentos que considera ou considerava inapropriados para si. Daí, a transgressão moral é uma forma consciente e provocativa de rebelar-se contra a própria história moral, bem mais consciente do que inconsciente, para se afastar desta moral profunda e indesejada, inadequada, traumática e que une a pessoa ao seu passado indesejado, aos valores com os quais não deseja mais uma conexão direta.

Existem muitos exemplos, mas é sensacional a interpretação da atriz israelense Shira Haas na série *Unorthodox*⁷³, da Netflix, na qual interpreta o papel da Esther Shapiro, uma «*jovem judia ultraortodoxa que foge de seu casamento arranjado e de sua comunidade religiosa para começar uma nova vida*» em Berlim. Ao chegar em Berlim, sem recursos, e conhecer novos amigos “mundanos” que a levam para nadar no lago, no verão, e ela decide se livrar de parte dos excessos de roupas que estava a usar e, principalmente, de sua peruca, e mergulha no lago – um novo batismo feito a si mesma, simbolicamente. Uma cena tão forte e expressiva que mostra bem esta transgressão consciente e propositada, mas sem nunca deixar a velha moral completamente descartada. Ela, assim, deixa-se naquele momento se levar pela nova vida que se apresenta como oportunidade e se entrega completamente, e afirma-se ali contra a opressão na qual sempre esteve inserida. Uma cena linda e muito bem feita, tal como o seriado, de uma sensibilidade e sutileza tremendas.

É sempre uma luta dura e fantástica com resultados imprevisíveis quando o modo de ser conflita com a alocação atual, dada pelo modo de existir, que uma pessoa ocupa na sociedade, na estrutura exterior a ela própria, e que, por vezes, poderá levar esta pessoa a mudanças radicais de vida, quase sempre intempestivas e danosas, mas sempre com alto grau de consciência sobre o que está a fazer e a resistir. Afinal, são ruturas radicais que se fazem presentes.

Eis que sempre existem os conflitos, as dúvidas e as questões relevantes que emergem destes embates entre todas as facetas que cada um carrega consigo, a cada interação que haja situações em que todas as instâncias morais são confrontadas. São os “botões” que todos possuem que, quando tocados, desandam a causar efeitos devastadores. A moral mais profunda sempre estará mais firmemente conectada com o *marketing* ideológico

⁷³ Saiba mais sobre a série *Unorthodox* em <https://www.imdb.com/title/tt9815454/>.

predominante e, assim, também com as regras e principalmente com a personificação atribuída às regras – e passa surgir uma figura que sempre parece estar presente e vigilante, como testemunha do cumprimento moral, como por exemplo, deus. Por isso sempre dizem «*deus está vendo o que você está fazendo*», e isto não é irrelevante. As regras são mesmo irredutivelmente normativas quanto aos comportamentos gerais, em que seus os representantes, ao assumirem que dão voz a elas, podem decidir em autorizar ou não a frequência de certos lugares – e a personificação também ganha voz, pelos próprios representantes – representar quem faz as leis é sempre mais potente do que representar as leis. Melhor ainda se passa a representar ambos.

Os religiosos ou fiéis de algumas religiões, umas mais do que as outras, são sempre incentivados a estarem regularmente nos templos, incondicionalmente, mas proibidos de estarem onde toda a forma de prazer seja mais intensa, livre e multidimensional, tal como tudo o que leva ou se refere ao sexo livre e despidorado, que cumpre funções tanto subjetivas quanto objetivas.

Eis a razão de que algumas destas pessoas, mesmo que racionalmente decidam ir a um clube de sexo, sempre terão aquele sentimento de transgressão e de que alguém sempre as estejam a observar – é o espírito da ideologia, mas precisamente a face personificada das regras, que pode ser considerada como uma divindade, ou a face de seu passado, talvez um antepassado já falecido ou o temor de que alguém conhecido descubra o que está a fazer ali, e por aí vai. Cada um com suas representações a cumprirem conflitos que, a bem da verdade, apenas existem em suas mentes.

E isto sempre se dá onde existam tais convergências morais dos participantes de certos jogos, em certas dimensões mais superficiais, e abrem-se dilemas internos, verdadeiros debates internos, mas sempre conclusivos ao favor do prazer: «*quero sexo para atingir o orgasmo e saciar meus desejos e fantasias*», por exemplo, que são dadas para muito além dos seus meros interesses mais básicos de «*quero ser alguém 'bom'*», pois nestes casos serão verificadas afinidades mais sofisticadas, a partir dos conflitos, «*como ser bom se deus 'diz' que o prazer carnal é a origem de todo o mal?*», no campo das ideias, que pode ser favorável: «*posso fazer isso escondido, fora do convívio de conhecidos, e furtivamente*», ou desfavorável: «*deus quer a minha felicidade e como cumpro todas as minhas obrigações, posso me dar este direito de extravasar*», das projeções e representações comuns dentro do Universo que todos passam a formar e a compartilhar: «*o clube de sexo atende meus interesses, com menos riscos de me revelar, mas ainda é 'sujo' e 'proibido', mas se há quem o frequente, e também crentes, como eu, posso estabelecer novas conexões por lá que sejam boas para mim e para a causa...*».

Tudo progride, e se constrói, com bases nos valores morais, até que se atinja o que se quer como justificativa, até que tudo se acomode convenientemente – busca as justificativas argumentativa e conclusivas para algo que sempre esteve decidido ao querer o prazer. Como a ordem simbólica é inconsciente e por isso incomunicável, e os representantes só falam o que lhes é dito ou questionado, basta não dizer nada para eles, e tudo ficará bem. E, nestes conflitos, as decisões são tomadas, a custos mais ou menos elevados.

Em última análise, o “clube de sexo” é também ele próprio um espaço público, é algo que também emerge destes conflitos sociais de exclusão, visto que há sua incontestável existência mesmo com a marginalização que lhe é atribuída, justamente como ponta final para atender aos que passam por todos estes processos e, assim, podemos perceber que, como todo e espaço público, ele também é algo que emerge da moral compartilhada, não necessariamente harmônica e unânime, ou meramente positiva, até mesmo pela impossibilidade da universalidade – o clube do sexo é um espaço de realizações mantido pelos que não se realizam nas convenções sociais “permitidas” e “lícitas”. Chamam isso também de hipocrisia consumada que, em terras neoliberais, acaba por virar um produto melhorado e mais sofisticado.

Eis que quanto mais conectado for o indivíduo à sua moral profunda, maior será sua disposição a uma completa adesão ideológica, pois moral e adesão possuem conexão poderosa e indireta, via *marketing*, e, portanto, o indivíduo terá um máximo atendimento às regras, às suas representações e a seus representantes. São os viciados na ordem simbólica, sempre à procura de quem possa idolatrar, fanaticamente. E isso significa que poderá adentrar ao nível do extremismo, do fanatismo e de tudo o mais radical que existir, em termos que prescindem de sua própria racionalidade, se fecha em um nível mínimo de abertura nos relacionamentos e dedica sua vida às implicações das diretrizes que receberá, ao se eximir de participar de outros jogos que supostamente possam gerar conflitos a este nível de adesão que possui.

E isto não é incomum de ocorrer. E é muito mais provável encontrarmos os mais aderentes onde as possibilidades estejam mais “distantes”, mais difíceis de serem obtidas – em dimensões com maior pobreza, com menor nível educacional, com maior influência ou dominação religiosa e/ou política, com desprovimentos etc. Isso explica como os pobres são os maiores defensores do neoliberalismo, por exemplo.

Pode ocorrer que a adesão ideológica seja tão intensa que o próprio indivíduo se perceba como um representante desta, a agir em nome das regras, a fazer “justiça” com os próprios meios que possui, sem limites para o que possa vir a decorrer daí, até mesmo a cometer crimes, pois a legislação dos homens passa a ser vista como inferior à legislação que passa a

representar, de uma dada divindade que sente representar e que também sente que ela se expressa através de seus atos.

Uma religião pode, assim, determinar que matar o próximo é pecado, e proíba isto a seus adeptos, mas, em dadas situações, para defender suas regras e ideologias, ou ampliar ou conservar o património religioso, o crente que mata em nome desta religião não só fica eximido da culpa como também fica revestido deste poder que lhe é outorgado, e é elevado para uma condição superior dentro da estrutura religiosa, ao virar um guardião das regras, um justiceiro que julga, sentencia e executa a pena capital. E a moral se conecta com a justiça, ou melhor, com a ideia de justiça. Se é mesmo justiça, isso são lá outras questões.

É a moral uma dimensão em que a adesão ideológica se reveste de uma fantasia pelo sagrado, pelo que seja superior e divino, justo para si, mas nem sempre misericordioso para os outros, em que deseja o desejo do outro por si mesmo, que é a própria ideologia. E, assim, percebemos mais claramente o motivo de todos os representantes das regras e das ideologias estimularem a fantasia dos seus alvos, dos seus seguidores, eleitores ou fiéis, clientes ou qualquer outra denominação que possa existir, de que todos estes possuem uma vida que é desejada pela instância superior. Pois isto estimulam e afirmam continuamente suas fantasias. Todo “bom” representante sempre afirma que o crente é valioso, e único. Que tudo conspirará para ele, sempre a favor dele, até mesmo o universo. E isto é o próprio regozijo da crença ideológica.

E a pessoa se vê como desejada pelo deus que personifica as regras e dá sentido à moral, ou equivalentes, e passa a corresponder aos desígnios deste deus, obviamente dados pelos representantes deste, e iniciam um relacionamento individual com este deus, mesmo que dentro de um grupo, e acabam por sentir que suas vidas passam a ser mais importante do que a dos outros. E mistificam tudo a partir de seus próprios conteúdos – daí passam a receber a mensagem: deus está em você!

E este conceito de deus interior pode ser tudo o que é venerado, não apenas nas religiões, ou seja, pode ser para tudo além de deus, ou talvez aquém, conforme a perspectiva: dinheiro, sucesso, poder, fama, *status*, beleza, influência, “imbroxabilidade”, etc. Daí, se sente como superior e faz surgir a competição interna na organização que participa, a formação de uma escala de possibilidades que se transformará, obviamente, em um jogo, ou um novo jogo. A fantasia é sempre uma componente poderosa, que pode ser suficiente para dominar vidas que são atraídas pelas necessidades de suprirem seus próprios vazios interiores, tanto mais quanto forem privadas de possibilidades.

A moral sempre tem uma função importante, assim como as regras e as ideologias. O que está em causa, aqui, não é a crítica religiosa, nem nenhuma

crítica ideológica específica, mas justamente a subversão e a manipulação destas para fins de dominação pela subjugação, em que não existirá mais a liberdade, um estado que deveria ser tomado como um dos objetivos máximos na vida. Afinal, se há os que querem subjugar, há os que desejam subjugar. Para eles, o jogo é perfeito. Mas há quem seja subjugado sem precisar, sem curtir, sem querer. E se privam, se excluem, até se matam. Para estes, há a necessidade de revisarem suas vidas, socraticamente. E é o que buscamos aqui, dar ferramentas, sem atentar contra os padrões morais, apenas por gostos pessoais ou não.

Os padrões morais precisam existir, no que seja considerado como insumos para as expressões desejáveis das próprias racionalidades, ou meios que estas racionalidades se desenvolvam sem tolhimento de forças externas opressoras e hipócritas, que se beneficiam da fraqueza mental dos que são facilmente dominados pelos representantes mal-intencionados e com metas de se criar redes de poder.

Há que se despertar para a necessidade de se retomar as capacidades racionais, e isto requererá voltar as costas para boa parte das estruturas morais que estão obsoletas ou dominadas por representantes dotados de interesses meramente mercantilistas e/ou obscuros. Mas, quem disser isto a um fundamentalista, virará inimigo declarado.

Por vezes, muitos dos jogos são jogados simultaneamente por um único indivíduo e, assim, se forma uma escala de prioridades que este passa a atender, em seu modo de existir, fragmentando-o por completo. A moral tem parcela significativa nisto, mas não se pode estabelecer um critério objetivo de como se dará esta organização interna, e o que resultará deste indivíduo.

Pois a moral é sempre originada e instanciada pelos processos dos relacionamentos, e resultará, simbolicamente, e expressivamente, nas formações destas instâncias espaciais públicas, ainda que a nível subliminar, ideologizadas, e isto se dá em intensidade diretamente proporcional ao nível de relação que o sujeito possui com os demais, e a sua posição no espaço coabitado. A expressividade de cada um, na sociedade, é a expressividade de sua dimensão moral – é ela que influencia, que dita o sim e o não. Eis a moda, os influencers, a cultura e tudo o mais que é ou vira tendência. Tudo isso é uma afirmação, que leva a uma falta, a uma necessidade. A partir desta afirmação, de qualquer tipo, tudo passa a se estruturar, ou se reestruturar.

Isto é o princípio de toda a tribo que se forma, como e quando as individualidades descobrem o que podem fazer e obter mais do que apenas sobreviver, se passarem a ser uma coletividade, pois possuem os mesmos valores em comum, e são, inicialmente, morais. E, mais do que apenas sobreviverem, é passarem a jogar, conjuntamente, sob certas condições estabelecidas. E do jogar ao vencer, ao liderar. Surgem assim as

comunidades, e os jogos, pelas possibilidades vislumbradas por todos os que as formam.

Relacionar-se é um ato moral, antes de tudo. É um ato em que se busca uma autoafirmação. Primeiro, de si mesmo, ao se refletir no outro. Segundo, da própria ultrapassagem desta imagem de si. São tais movimentos morais, por toda a estrutura e por todo o esquema conceitual do possível que nos leva ao próximo conceito, a ética.

33. A insuficiência divina, a trindade, os ateus, as encruzilhadas, o tempo

Será apenas a moral suficiente para dar estabilidade à estrutura?

Será que os indivíduos completamente moralizados são autossuficientes para atingirem um estado de convivência viável e harmonioso, sem que tenham nenhum controle externo sobre eles?

O que está em causa? Saber o que seja o certo e o errado, o bom e o mau, o bem e o mal são condições suficientes para que exista uma sociedade justa? É a moral – qualquer tipo de moral – que faz a justiça ocorrer, propriamente, e faz com que todos os moralizados sejam justos? A moral, tão enaltecida, tão defendida e cultuada, serve para quê, afinal, no frigidar dos ovos?

Pois, se todos possuem os mesmos valores sobre o que é o bem e o mal, por qual razão não se age apenas de forma boa e justa, o que nos impede de agir assim? Se assim pudéssemos ou pudermos fazer, não precisaríamos de mais nada a nos vigiar e punir – nem de representantes, nem de regras, nem de religiões, nem de governos, nem de nada. Teríamos “deus”, e apenas “deus”, sem os seus supérfluos acessórios.

O que está a ser evocado aqui é a crença comum na autossuficiência da moral como diretora majoritária do agente autônomo e deliberativo, ou seja: muitos intelectuais acreditam que a moral é suficiente para se atingir um estado desejado de livre-arbítrio, em que todos vivam de acordo com seus preceitos mais nobres e benéficos, a basear a racionalidade humana na moral que esta pode atingir, ou nos fins a que se deseja chegar, ou mesmo apenas na virtuosidade potencial que há em todos. Será? Veremos, antes, algumas outras considerações sobre as perspetivas morais.

Se o indivíduo nasce dentro de uma comunidade, será nesta que absorverá parte de seus valores, mas isto não implicará que este fique impedido de mudar para outras comunidades distintas, até antagónicas, ou mesmo que possa vir a ajudar a formar novas estruturas sociais. Mas, os seus valores iniciais, ou ao menos a parte mais relevante destes, sempre estará consigo, mais ou menos influentes, enquanto este indivíduo viver, e que influenciarão em muitas das suas deliberações como um agente social.

Mas, ainda que a moral seja uma funcionalmente também compartilhada, uma construtora ideológica, a sua sede é mesmo a individualidade – a esfera nuclear do esquema conceitual do possível, que reside na profundidade da subjetividade, que é o núcleo duro do indivíduo. E esta individualidade é percebida pelo sujeito como a separação daquilo que é realmente profundo em si, que lhe é fixo, rígido, imutável em todos os aspetos, como se fosse isto sua própria substância primordial, sua essência identitária, no sentido lato do termo.

Esta profundidade existencial sempre oferece critérios para o sujeito se perceber um indivíduo, sejam lá a quais condições estiver submetido. Se tudo o mais se modificar no mundo e este vier a ser completamente diferente do que é hoje, ou se este for para um outro país com uma cultura totalmente desconhecida e estranha, ou até mesmo se o Elon Musk o deixar a sós, em uma de suas futuras viagens interplanetárias, como o único terráqueo em um planeta habitado com uma vida alienígena amigável, onde não terá mais acesso às comunicações com a Terra e sem nenhum conhecimento linguístico do que existe por lá, enfim, sem nenhum tipo de similaridade que consiga identificar com o que as suas memórias terráneas tenham, ainda assim, esta sua parcela moral única e imutável continuará a ser como é, a dar-lhe o seu apercebimento de si como a si mesmo e a nortear-lhe todas as deliberações alienígenas – seus “sins” e “nãos”, pois estará desconectado completamente de suas antigas ideologias, *marketings*, regras e representantes – estará completamente fora da estrutura que temos por aqui – e só terá a própria moral com ele, pois o seu modo de existir já não mais será o mesmo, pois precisará se adaptar de forma diferente para conviver por lá, mas o seu modo de ser continuará a ser o mesmo, e não se alterará tão facilmente, ao menos de imediato – até resistirá mais a se modificar do que se estivesse por aqui.

Isso é mesmo como se fosse a própria “essência” moral ou psicológica fosse completamente indestrutível, muito mais forte do que a própria identidade simbólica que é expressa socialmente, e é a moral que resiste a novos ambientes⁷⁴, tidos como estranhos, e faz com que o sujeito aja para que o seu modo de existir continue a existir, a se afirmar, até que perca o sentido por completo.

Aliás, sempre foi este exercício do compartilhar da moral que fez e faz surgir o que é a ideologia, e o espaço público, antes mesmo de as regras serem

⁷⁴ Uma coisa curiosa é em relação aos brasileiros que são recém-chegados por cá, em Portugal, é que passam a vestir camisas de seus times de futebol, ou da seleção brasileira, usam *pins* ou chaveiros nas cores nacionais, ou ainda colocam a nossa bandeira em suas varandas de apartamentos, coisas que raramente vemos no Brasil. Provavelmente nunca foram assim, no Brasil, mas aqui se expressam desta forma ostensiva quando chegam, em seus primeiros meses. Agem moralmente, tal qual o nosso terráqueo no planeta distante, a buscarem elementos que o consigam fazer se expressar identitariamente, pois é apenas isto que passam a ter mais proximamente consigo. Tira-se tudo do ser humano, menos sua moral, e ele agirá apenas com ela para se reconstruir identitariamente, no seu novo modo de existir, adaptado e despedaçado. E esta observação é algo valioso para percebemos os movimentos de hospitalidade urbana, quando a moral do recém-chegado passa a ser vista como ameaça, e não o indivíduo, em si. Não seria a pobreza o motivo da ojeriza, novamente, mas sim a predisposição que o indivíduo “alienígena” em condição de pobreza possa ter consigo.

estabelecidas, ou uma nova ordem ser formada, ao menos aqui na Terra. Se há algo “imaneante” que podemos chamar de alma, ou essência, seria a moral – mas não cheguemos a tanta transcendência inapropriada, pois a moral é profundamente imanente ao ser. A questão é que a moral dirá quem é o indivíduo, e dará a ele a ligação com a própria consubstanciação ideológica dos seus valores mais profundos, conectando-o e aderindo-o à estrutura.

Mas, assim posto, será a moral capaz de mantê-lo como um bom “cidadão” no dia-a-dia da cidade?

A ideologia, bem sabemos, não é um ente que causa sem antes ter sido uma entidade causada, pois ela é formada a partir dos conteúdos dotados dos valores morais oriundos das crenças, desejos e vontades, que foram os projetores das possibilidades individuais para uma instância comum e superior. A ideologia não nasce pronta, nem nunca está finalizada, pois é extremamente dinâmica e evolui tanto quanto evolui as individualidades que a compõem, pois todos que emitem seus valores, o fazem por algum interesse, com alguma prévia intenção. Para a ideologia, não há limites estabelecidos, pois sempre está a se expandir. A moral, não, contrariamente parece que está a se contrair mais e mais, mesmo que possua muitas camadas, o seu núcleo fica progressivamente mais concentrado, como se estivesse a formar uma singularidade. Mas, não forma tal singularidade, ao menos tão facilmente, pois é sempre dual, sempre plural, por definição. Por tal dualidade, há a correlação, mas também há o antagonismo, entre a moral e a ideologia, conforme as “polaridades” consideradas das dualidades morais e ideológicas. É por isso que a sociedade ao se modificar pode levar o indivíduo a ficar resistente a ela, a ser a antítese social do progresso – e até pode virar um conservador do *establishment*, ou talvez um reacionário. Eis o ponto que a moral pode vir a ser resistente e representar a instabilidade da evolução social. O que são, afinal, os movimentos de resistências morais que tanto temos no curso da nossa História? São resistências ao progresso ideológico, à ampliação dos “universos” urbanos, basicamente.

Portanto, se a ideologia sempre se expande, a sociedade sempre se modifica, obviamente. E, assim, parece que nossa questão sobre a autossuficiência da moral foi respondida, pois esta não é suficiente para uma autogestão social – pois existirão as mudanças e isto poderá levar ao reacionarismo. Além de a moral não ser uma solução, ela pode vir a ser um grande problema. Ela é baseada nas experiências apreendidas das oportunidades vividas – ela é oriunda de algo imanente, que irá ajuizar todo o resto pelo seu passado imanentemente ocorrido, e não pelo futuro transcendentemente não acontecido.

Entre o que se é o que se se pode ser, há um imenso abismo a se considerar, maior ainda do que o modo de ser e o modo de existir. É este vazio que todos queremos suprimir ao percebermos suas poderosas forças

ocultas, o que nos quer superar o que ele nos traz nas formas das angústias existenciais. O que se pode ser, afinal, tem estreita relação com o real, com o impossível. Por isso, o que se pode ser transcende à ideologia, transcende ao nosso modo de existir, pois “o que se pode ser” busca as infinitas possibilidades para além da existência, e choca-se traumáticamente com o real, cedo ou tarde.

Nada é inocente e desinteressado, neste processo. Tais valores morais individuais, assim, buscam sempre validar o que é a verdade para si, e para tudo o mais o que há e lhe impacta, como fazem com as próprias possibilidades que a ideologia possui. Assim se dá a reflexividade entre a moral e a ideologia, entre um ou outro curto-circuito traumático com o real, do que está para além do devir – mas sempre com tal reflexividade moral-ideologia a se dar através das representações do futuro, das projeções, e não sobre o que não ocorreu, obviamente, mas sim do que pode vir a ocorrer – que é uma função corriqueira de deslocamento temporal do nosso cérebro, da nossa mente, da nossa consciência, sempre a projetarem incansavelmente o que virá a ocorrer, e tudo o mais que vimos em diversos casos exemplificados até aqui. Se a ideologia evolui, e a moral do indivíduo não, é um sinal de uma desconexão que este passa a representar. Ele passa a ficar perdido e atrasado, angustiado e reacionário. Fica, portanto, no passado, como sugerem os ditos populares.

E é a ideologia, ela mesma, uma entidade que causa e é causada pela moral compartilhada dos que estiveram ou estão agrupados dentro de uma rede relacional, mas que já estão a perceber as diferenças entre si – as faltas perceptíveis, as questões relevantes para suas existências e, portanto, ávidos pelas possibilidades que a própria convivência pode representar – e esta avidez, se negatizada, resistente, será algo que também influenciará a própria ideologia, a fazê-la ter fissuras maiores, ou mesmo a provocar uma reprodução fractalmente ideológica, de algo que se diferencia ao emergir reacionariamente dela.

Este é o poder do *marketing* ao projetar mais do que há, e não apenas suprir as necessidades básicas de sobrevivência, mas também possibilitar a própria ultrapassagem da finitude certa, e a aquisição ou a apreensão do que fará com que as diferenças entre si e os outros sejam desejadas de formas cada vez mais positivas, e que a cada vitória obtida no jogo haja uma busca constante por um território melhor, ou maior. Por isso, na selva, os “saudáveis” deixam os “inaptos” para trás, sempre uma minoria que serve de refeição para os predadores e para, ao menos naquele dia, nenhum “saudável” da maioria precisar ser sacrificado. A estrutura, organicamente, percebe quem está com ela e quem não está.

Por isso, a reflexividade da ideologia toca tão profundamente a individualidade, pela ligação que possui na cadeia de retroalimentação, em

que a ideologia nutre a moral e em que a moral nutre a ideologia, indiretamente, via *marketing*. O consumir, no marketing neoliberal é mesmo isso: nutrição. O produzir, passa a ser a reciprocidade, a afirmação da adesão para se atingir as possibilidades, para se estar na maioria – com os jogadores, a jogar o jogo principal. Consumir, portanto, passa a ser também a retroalimentação. E passa a ser essencial. Na ideologia cristã, a redenção assume este papel. Tanto os produtos capitalistas quanto a redenção fazem parte da cadeia de produção na qual somos todos operários, mais ou menos aderentes, mas sempre a afirmarmos que estamos com a maioria. Por isso confessamos, de bom grado, nossos pecados – pela redenção. Por isso publicamos nossos perfis otimizados e sempre felizes e prósperos nas redes sociais – pela afirmação. Nada, como já dito, é inocente.

Uma desconexão ideológica é a morte da própria cidadania, pois passa a ser relegado para a minoria periférica que, quando necessário, será a primeira a ser sacrificada em nome da maioria. É como se a ideologia conversasse individualmente com cada um de nós – e nos déssemos a nós mesmos as respostas às perguntas que fazemos, além da esperança de suprir tudo o que precisamos. A ideologia passa a ser o espírito sempre presente, a testemunhar esquizofrenicamente tudo o que fazemos, pois “ela” está sempre conosco, a interagir como se tivéssemos várias vozes na mente com as quais interagíssemos sempre – e é isto mesmo que sempre fazemos, por vezes até em voz alta, a extrapolar para os delírios, nas várias interações que nos remetem a uma transcendência que até aparenta ser divina, a nos inspirar para o bem ou a nos obsidiar para o mal, quando ela aparenta ser o próprio capeta a nos perturbar diretamente, ou suas asseclas – os diabos e diabas a nos perverterem pelos “maus” caminhos, invariavelmente sempre os mais divertidos, por assim dizer. E por que seriam assim? Mas isto lá já são outras questões.

Tais diálogos ocorrem sempre, e cria-se a teia de aderência do indivíduo à estrutura formada, tanto mais poderosa quanto a moral for mais conectada à ideologia – quanto mais se está dado no tempo – quanto mais se está presente. Eis aí a ilustre e nobre presença *heideggeriana*. E a conexão se dará pelas possibilidades que são instanciadas na ideologia, em quantidade e qualidade.

Foi desta forma que nós criamos deus, pela ação da nossa moral compartilhada, da nossa presença, mas o representamos como criador na esfera compartilhada da ideologia – pois precisamos que “ele” seja uma possibilidade – mas ele não está lá, realmente, pois lá ele é apenas uma imagem, uma representação dos nossos anseios, pois o criamos e o alocamos dentro de nós, completamente internalizado e recluso, como criatura que é, algures na nossa moral.

E esta é a trindade mais assertiva que podemos conceber conceitualmente: moral, ideologia e abismo. Em cada uma das três partes, atribuímos uma funcionalidade divina, e equivocadamente chamamos de deus todo o conjunto, sem nos percebermos a qual deles estamos a nos referir, e nem mesmo quais funcionalidades possuem.

Esta concepção da trindade pode se dar numa mesma perspectiva de pai – filho – espírito santo:

- Na moral está o pai – nós mesmos, nosso deus ativo, pulsante e recluso, aquele que representa a justiça, que julga, que estabelece os “sins” e “nãos”, que pode ser cruel e vingativo, ao julgar, condenar e sentenciar algo quando recebe fragmentos de uma realidade que nos coloca em risco, que fragiliza nossos valores morais mais profundos ao ponto de uma reação violenta da nossa dimensão imaginária – entre o que somos até os limites de como existimos. Isso, para nós, é a justiça divina;

- Na ideologia está o filho – entre nosso modo de existir e o real, até as fronteiras ideológicas, ficamos nos limites nos quais o deus passivo pode ser sempre tido como misericordioso – que dá ou representa as possibilidades, mas também pode ser fraco e ficar completamente despedaçado se confrontado com o real – tal qual o Super-Homem enfraquecido pela kryptonita, que precisa se evadir rapidamente, sem deixar vestígios, assim faz esta parte de deus quando fragilizada pelo deserto do real, pelo ataque do real. Nas escrituras, o filho foi confrontado no deserto, pelo mal, e resistiu – o que não poderia ocorrer, realmente, pois nem no deserto ele conseguiria adentrar, que é a realidade. Assim, percebemos nossas projeções pelas possibilidades, nossas maiores necessidades que justifique uma projeção coletiva de tal magnitude. Quando nos afrontam com a verdade, o nosso deus misericordioso se retrai facilmente, pois é meramente uma imagem projetada, uma possibilidade ideológica transcendental, e que logo pode retornar para o pai, a nós mesmos, em busca de proteção e misericórdia. É o filho quem pede misericórdia ao pai, enquanto está a ser morto pelos seus algozes. E, se pede misericórdia, é por que sabe que o pai será vingativo. E quer se ilibar da culpa, antecipadamente, dado que o filho tanto é o pai, como o pai é o filho.

- E no abismo? Teremos o espírito santo, mas lá chegaremos.

Desta forma, o deus misericordioso passa a ser a nossa antítese moral, na dialética existencial que produzimos e realizamos. E não é mesmo assim? Não nos parece que temos sempre de subordinar a nossa moral a tal instância divina misericordiosa? Não desejamos ser sempre “bons”? É o pai que todos somos e que nos submetemos ao nosso filho. Somos criadores submissos a nossa criatura. E é por tal motivo que sempre escutamos dizerem que deus está em tudo. E isto é mesmo verdade. Mas, ainda nos falta perceber o abismo, aquela angustiante formação que percebemos entre o nosso modo de

ser e o nosso modo de existir, e que nos leva à nossa eterna incompletude existencial

Tudo se dá num processo de retroalimentação a partir de um deus que criamos só para nós, individualmente, em um dos pés da trindade, mas que compartilhamos ideologicamente a sua representação – como exige a ideologia, pois é isso que ela é, é para isso que ela serve, e assim também criamos a representação de deus em outro pé da trindade – na ideologia, para que possamos ter elementos comuns parametrizáveis e parametrizados e, obviamente, mais outras infinitas possibilidades divinas derivadas e reproduzidas – pois deus é também uma poderosíssima válvula de escape muito versátil para as pressões ideológicas, principalmente quando passamos a ser ilibados de todas as culpas pelos nossos atos quando dizemos agir em seu nome, como já vimos. Por isso, deus é mesmo a melhor das criações que já fizemos, muito melhor do que a autoajuda, inclusive. E assim, podemos mesmo dizer que deus está em tudo, seja pela sua consubstanciação moral ou pela sua representação ideológica, mas não apenas isto.

Os inimigos de deus, até aqui, passam a serem mesmo os ateus, que insistem na inexistência de deus, sem desconfiarem que temos, pelo menos, dois deles. Mas os ateus sempre se referem apenas ao deus representado, muito mais fácil de ser atacado pelo real – qualquer argumento racional o desintegra por completo, coitado, e assim fazem os ateus, a atacarem o que realmente não existe, que é uma mera representação delirante de todos nós. Daí, historicamente sempre nos revoltamos com eles, desde sempre, e até mandamos muitos para as fogueiras inquisitoriais, quando ainda se podia fazer isso, em nome deste deus punitivo e vingativo que coabita em todos nós. Hoje, fazemos ainda pior, e os cancelamos na internet, e as redes sociais até restringem os alcances de suas publicações heréticas, quando não os impedem de publicar, em nome de deus, e graças a deus.

Mas, talvez eles não estejam a atacar a imagem de deus apenas por covardia, e mais provavelmente seja por não terem percebido o que estão a fazer, e por isso merecem ser perdoados. Atacam o filho, que pede clemência para eles, ao pai. E atacam o filho pois ignoram o verdadeiro deus: aquele que criamos em nossa moral individual e que eles mesmos, os ateus, também carregam consigo, mesmo que o chamem por outros nomes, como razão, ciência, lógica, etc. Por isso, nunca progridem nesta luta, pois é uma luta perdida para eles, desde sempre.

O que fazem os ateus ao atacarem deus? Estabelecem um processo antinarcísico, basicamente. Na qual, a realidade não mais se encanta com a sua imagem, mas se revolta contra ela – quando o modo de ser quer quebrar o modo de existir, quando o pai se volta contra o filho. Algo muito inconsistente, afinal. Suas causas são contra uma imagem divina, e não contra deus, de facto. Mas isto lá já são outras questões, que oportunamente

poderemos abordar, com todo o respeito que sempre temos tido a todas as partes envolvidas, mesmo na selva, na proximidade das refeições com todos os estômagos a roncarem de fome.

Entre estas duas dimensões divinas, parece-nos que deus transita entre elas, e sempre nos fizeram acreditar que fosse assim – mas não, pois “ele” é um refém em nossa profundidade moral, em nossa masmorra pessoal – e somos nós mesmos que transitamos, e apenas nós, e mais nada, mas que nos movemos em nome dele, em nome do “pai”, e o fazemos neuroticamente, mas em outras vezes percorremos psicoticamente, a delirar com o “pai”, ou ainda o fazemos a pervertê-lo pela sua imagem – o que fazem alguns dos ateus. Eles batem na imagem, mas apenas na imagem, enquanto os demais devotos e fundamentalistas de deus defendem a imagem que eles mesmo construíram. Por isso, deus parece imanente, sólido, por ser “inatingível”, a despeito de seu filho frágil e sensível – e tudo isso leva a destacar seus macroatributos de onipresente, onipotente e onisciente – pois sua imagem é sempre algo projetado para ser assim, mas que é, de facto, o que todos produzem como possibilidades, e nada mais do que isso. O *marketing* se apropriou disso, criou as religiões, instituiu seus representantes e estabeleceu suas regras. E assim deus foi formatado, eminentemente a partir de uma imagem, como produto. Um deus de efeito, e não mais de causa.

Nos diz o marketing religioso: «– *deus está em nós*», e é uma frase perfeita, que nos diz a verdade, assim como «*deus está em tudo*». E está mesmo. Mas, tais verdades não nos escondem o facto de que nem a moral e nem a ideologia sejam suficientes para vivermos bem, apenas com deus, com “ele”, ou com “isto”. Deus não é a inteligência suprema, mas sim é a inteligência suprema o que queremos ser, é ela a nossa possibilidade, o que nos leva ao deus ideológico. Deus não é a causa primária de todas as coisas, mas sim o efeito último que obscenamente aspiramos atingir, assim posto, ao esgotarmos todas as nossas potencialidades e atingirmos a máximo ato, sermos tanto quanto existimos, sem mais abismos. Mas, e sobre o abismo? Deve haver algo aí de deus, que em tudo está.

Por isso, há que se ter algo mais do que abordamos, até aqui, pois tanto a moral, quanto a ideologia, nestes fluxos que estamos a conhecer entre elas, já nos parece serem insuficientes para uma estabilidade social que sempre estivemos a considerar, e que estamos a construir. A estrutura existe, bem ou mal, e que nos leva a crer que falta algo neste esquema que ainda não consideramos, pois tudo está a se manter em pé, mesmo com inúmeras revoluções ideológicas que tivemos, desde sempre. Qual a verdadeira cola? Isto que ainda falta no sistema, que o mantém íntegro, é o que faz necessariamente a retroalimentação ficar sempre melhorada, tanto para resistir aos dissidentes que sempre existiram, quanto pelos novos que surgem, sempre com mais fome do que os antigos, pois estão possuídos, eles mesmo,

de um deus mais vingativo e violento – querem justiça pelas próprias mãos. E o sistema tem vencido, até hoje, e provavelmente continuará a vencer, graças a deus.

Sobre este processo de retroalimentação, há nele uma transformação contínua, um aperfeiçoamento e refinamento, ainda que imperceptível, e que faz o impossível parecer possível, que nos dá uma chance, ainda que ínfima, de nos relacionarmos com o real. É este novo agregado que nos interessa, agora, que é aquilo que provoca esta melhoria e sustentação sistêmica. Pois, há um fluxo da moral para a ideologia, a instanciar possibilidades, e da ideologia para a moral, a instanciar oportunidades, e há aí um meio de caminho, um entrecruzamento divino em que todos os movimentos se assemelham, se mesclam e se afinizam no abismo, que nos causa tanto mal quanto o real nos causa, pois é uma brecha constante para o real, e que, assim, passamos a aprender a lidar, a criarmos artifícios e ferramentas para que tenhamos como nos manter íntegros.

O abismo não é um ponto único, ou uma única encruzilhada, mas sim incontáveis encruzilhadas, dos muitos deuses que temos e que projetamos, que também elas formam entre si uma nova teia existencial, uma nova ordem hierárquica tanto quanto os fluxos que cada uma contenha ou possa vir a conter. Sempre, nos acidentes de trânsitos, nas desgraças ocorridas, há uma força que nos faz parar e ver, ali, a realidade da finitude, do impossível, da morte, e esta associação que temos com o real, conjuntamente, mas sem interação, em silêncio, é o mesmo processo que temos no abismo, que pode ser comum a muito de nós, ou mesmo individual, mas com uma correlação em que todos paramos em sua beira, a olhar para o seu fundo, atraídos pelo impossível, chocados, mas ao mesmo tempo presos pela desgraças da vida. Nesta sublime experiência, por vezes estética, vemos o sublime divino – de uma natureza naturante e naturada que nos leva a uma nova dimensão existencial – vemos deus, mas como algo sublime.

É aí que estará o que procuramos – a melhor face divina sem nenhuma face em particular – admiramos e buscamos este deus que nos prende a atenção, que é projetado não em imagem, mas em valores, em essência, e é isto que nos apropriamos como necessário para a viabilidade social: o suprassumo divino, a quintessência moral, a harmonia das possibilidades, a abertura de todas as oportunidades, a convivência fraterna e as regras perfeitas – tudo o que sincretiza o nosso conceito de “bem” essencialmente projetado como a nossa melhor utopia. É o tudo e o nada a coexistirem, ou a inexistirem, sempre em simultaneidade, quando os opostos atingem supostamente uma unicidade.

Agora, nosso interesse passará às tais sublimes encruzilhadas, pelos caminhos formados e estabelecidos pelas nossas peregrinações estruturais, sistêmicas. Depois, perceberemos o que é que há de novo nelas. Alguns

destes caminhos, adotados por muitos, se tornam vias expressas; outros, poucos usados, podem ser atalhos ou refúgios mais ermos. Pois há encruzilhadas pouco movimentadas e outras intensamente utilizadas, até mesmo, talvez, totalmente congestionadas pelo excesso de fluxo maior do que se pode comportar. Entre o que a moral “impulsiona” e o que a ideologia “ordena”, e vice-versa, surgem os padrões esperados de serem atendidos simultaneamente, uma instância que parece se fundir como uma única dimensão não mais dualista, mas profundamente monista, que tanto “impulsiona” quanto “ordena”, simultaneamente, em determinados pontos abissais existentes em cada uma destas encruzilhadas – e ficamos mais próximos do que estamos a buscar – do que todos estão a buscar, inclusive, tanto os ateus quanto os teístas. E o nosso mapa se constrói, e tudo se complexifica, pois podemos nos perder facilmente por tantos caminhos aparentemente sagrados. Será preciso algo novo, a nos guiar por tais meandros ideológicos.

Será a partir deste processo impulsionador e ordenador, desta estrutura viária que progride constantemente, que surgirão as diretrizes para que novas regras de “trânsito” sejam estabelecidas, nada mais do que novas descrições normativas e representacionais dos anseios comuns dos que estão a se cruzarem nestes fluxos constantes, que nunca param de se darem, e sempre mudam os destinos preferidos, conforme as estruturas evoluem ideologicamente. Ao serem estabelecidas estas novas regras, são estabelecidas também as dimensões do espaço que será dado como público, assim formalmente estabelecido a partir das regras que passam a vigor, a confrontar um território maior e a resultar em uma pólis mais concentrada, que é a cidade.

A cidade, portanto, depende destes fluxos estabelecidos e normatizados, como agora podemos perceber. Fissuras estruturais são nocivas à cidade, pois ali existirão congestionamentos improdutivos. Como a cidade muda com uma velocidade considerável, naturalmente ou artificialmente, as regras formais logo ficam obsoletas – por isso é sempre melhor ter uma forma de se adotar uma atitude de conduta, para além da moral e da ideologia, que possa suprir as brechas que passam a existir constantemente. Sim, somos obreiros numa obra impossível e interminável, sempre a reparar a teia ideológica, que insiste em ficar maior e maior, enquanto a realidade aguarda por suas brechas a nos lembrar de nossa vulnerabilidade, e nos reter em suas beiradas abissais – e será preciso algo que nos faça movimentar, novamente, que seja capaz de nos levar de volta ao jogo. Somos todos, em algum grau, sempre reacionários – a impedir que o progresso se dê na aceitação do real, pois sempre estamos a fugir dele, a resistir a algo que não venceremos nunca. Por isso, temos a preocupação de manter a integridade das vias por onde andamos – e sempre melhorar as encruzilhadas.

As atitudes de conduta nestes deslocamentos, obviamente, sempre surgem depois de os agrupamentos ativos/morais e passivos/ideológicos terem estabelecido tais fluxos bipolares, com as regras que surgem quase em simultaneidade, mas que pelos conflitos que surgirão no território haverá a necessidade de uma atitude de conduta por parte dos transeuntes, para se manter a integridade ideológica das vias. As regras são objetos imanentes que facilmente podem ficar obsoletas, pois coisas estabelecidas e firmadas coletivamente e contratualmente entre todos os que estão a compartilhar do espaço dado no território, mas isto muda constantemente.

As regras fazem parte essencial da ordem simbólica, ao serem absorvidas pelo *marketing*, a formarem uma ordem transcendente e sempre inconsciente e indiferente à individualidade. Elas são causadas pela transformação do caos ocupacional em padrões possíveis de serem normatizados, pelas constâncias que são passíveis de serem regidas por circunstâncias dadas por aqueles que assim as traduzem, pela linguagem. São as regras que permitirão, inicialmente, os fluxos ocorrerem, com os mínimos estragos possíveis, mas desde que estes se mantenham sempre assim. Se algo mudar, as regras ficam insuficientes. Por isso as regras nunca serão capazes de eliminar os problemas, por completo, pois tudo muda mais rápido do que elas conseguem mudar.

Há algo que emerge disto tudo, como resposta, e proposta de solucionar este imbróglio – a ética – que é esta outra expressão da nossa própria existência abissal, como uma divindade nem ativa nem passiva, expressa de forma despersonalizada e sem face, sem nenhuma representação iconográfica, escrita ou formal, como se fosse uma linguagem sensorial não idiomática que a nossa moral mais profunda e comum faz, e que desde sempre buscamos capturar, sem que nunca tenhamos conseguido representá-la – e a ética tem a mesma origem que o tempo tem para nós, que nos parece ser compreensível, que nos parece sabermos o que seja ele, mas não ao ponto de o capturarmos ou apreendê-lo integralmente, e nem mesmo conseguimos defini-lo com precisão, pois nunca chegamos a uma definição perfeita do tempo. Poderemos falar, discutir e debater sobre a ética e sobre o tempo, mas apenas ficaremos nisso, enquanto a ética e o tempo permitirem. Quando não mais permitirem, estaremos no impossível, na morte, a sermos sugados pelo abismo – por termos pulado “*nietzschiamente*” nele, ou por termos todos nos matarmos a discutir sobre algo, sem a ética a evitar os excessos, ou sem o tempo, por este nos ter levado, pela nossa própria finitude. A ética e o tempo são farinha do mesmo saco, que deixemos claro.

Saramago, sempre ele, nos brinda com algo fantástico sobre o tempo: «*Se alguém me perguntar o que é o tempo, declaro logo a minha ignorância: não sei. Agora mesmo ouço o bater do relógio de pêndulo, e a resposta parece estar ali. Mas não é verdade. Quando a corda se lhe acabar, o maquinismo*

*fica no tempo e não o mede: sofre-o. E se o espelho me mostra que não sou já quem era há um ano, nem isso me dirá o que o tempo é. Só o que o tempo faz.»*⁷⁵

Mas, deixemos o tempo, por agora, e logo voltaremos a ele no futuro, se deus quiser, ou melhor, se o tempo quiser.

Para os ansiosos, basta uma releitura nos clássicos filosóficos para trocar deus ou pela ética ou pelo tempo, para percebermos melhor a coerência obtida. Façamos um teste com algo mesmo suspeito e distante de tudo, mas que sempre habita o pensamento filosófico e religioso, quando não se consegue separar um do outro, o que não é tão raro assim. Mas, então peguemos um pequeno trecho do Timeu, de Platão, por agora, apenas para exemplificar mais a espaciotemporalidade da moral. Entre os parenteses que se seguem às palavras originais riscadas, nossas inserções das trocas conceituais possíveis de serem feitas, de acordo com o que estamos a apresentar:

*«~~Ele~~ (a nossa moral, verdadeira criadora de deus) começou a fazer este ~~Universo~~ (ideologia), tanto quanto podia, de um ~~tipo semelhante~~ (a representação ideológica de deus – sua imagem projetada). Mas, visto que a natureza da ~~Criatura Vivente~~ (nosso deus interno percebido, sem a finitude que nos é rejeitada moralmente, e pela qual formamos a ideologia, etc. e tal...) era eterna, essa qualidade era impossível anexar em sua totalidade ~~o que é gerado~~ (nosso deus representado, aquele mesmo que os ateus combatem); portanto ~~Ele~~ (a nossa moral, a dar-nos também o tempo) planejou fazer uma imagem móvel da ~~Eternidade~~ (o real) e, conforme ~~pôs em ordem o Céu~~ (contra o caos do real, eis aí a nossa ética, em sua primeira missão platônica), daquela ~~Eternidade~~ (o real) ~~que habita na unidade~~ (na nossa individualidade caótica, nas brechas ideológicas), ~~Ele~~ (a moral) fez uma ~~imagem eterna~~ (de deus), movendo-se de acordo com ~~Números~~ (ciclos de retroalimentação da nossa trindade), até mesmo aquilo a que chamamos de Tempo (chronos). Pois, simultaneamente com a construção (...ética, sem o caos) do ~~Céu~~ (da ideologia), ~~Ele~~ (a moral) planejou a produção (...temporal) de dias e noites e meses e anos, que ~~não existiam antes do Céu existir~~ (da inexistência do tempo e do espaço no caos do real – a ética é mesmo correlacionada ao espacial, essencialmente ordenadora da ideologia).»*⁷⁶

Pode ser que sim, pode ser que não, mas, por agora, novamente reforçamos para que esqueçamos do conceito do tempo e foquemos na nossa divina ética, a nossa componente tão pouco explorada até aqui, mas que

⁷⁵ José Saramago, in 'A Bagagem do Viajante'. Saiba mais em <https://www.citador.pt/textos/o-tempo-e-a-paciencia-jose-de-sousa-saramago>.

⁷⁶ Platão. Timeu, 37d–38a.

finalmente poderemos fazer tal incursão conceitual e selvagem a ela, propositalmente ao final, para percebermos a relevância que esta assume, como esforço que resulta em uma criação ordenadora e estabilizadora da convivência urbana, a fina flor da existência humana.

A ética é, antes de tudo, uma sofisticação de nossa capacidade criadora que vai muito além de tudo o que criamos até agora – é a ética a resposta que sempre buscamos como solução que evocamos à nossa própria existência para alcançarmos finalmente uma liberdade que tanto ansiamos. Será mesmo isto possível? Só o tempo dirá. Mas, como não sabemos ainda o que é o tempo, nem onde ele está, de facto, trilharemos outros caminhos selvagens que veremos a seguir.

Parte IV – DA RESSURREIÇÃO NO PARAÍSO PROMETIDO

*4. Milênios depois, alguém perguntou: quais são as regras do
Jogo da Vida?*

Genesis 4: est chao

34. A ética, o abismo, a solução, a velocidade, o processo ascensional, o *design*

Para melhor percebermos o que significa a ética, funcionalmente, o que não é uma tarefa fácil, convenhamos, será preciso, logo à partida, percebermos melhor a fluidez dos valores morais individuais que ocorrem no espaço público, a partir das considerações das relações entre a moral individual (com um único deus que todos temos em nós, até mesmo os ateus) e as ideologias que formamos (com os muitos deuses que compartilhamos representacionalmente, e que os ateus sempre acabam por desfazê-los, mas que sempre acabamos por reconstruí-los, rapidamente, ou somente cancelamos os ateus, o que é ainda mais contundente).

Entre emitir algo e consolidar este algo coletivamente, como possibilidades ideológicas, há as relações com o outro, e há o *feedback* da fala. E isto é considerar que existirá, necessariamente, o retorno do que se emitiu, pois existe um anteparo no outro, no qual a comunicação se dá na forma de diálogos, e que o diálogo sempre oferece um retorno de conteúdo com valores distintos ao que foi emitido.

Isto significa que há não apenas os consensos das diversas ideologias, mas também os dissensos, ou conflitos – que são pontos comuns que não chegaram a nenhum consenso da maioria. Mas, embora não sejam consensos, são comuns, e, por isso, existem. Lá estão. São por vezes os cruzamentos menos usados, os mais preteridos, por vezes.

Então, nos fluxos há mesmo os cruzamentos – as encruzilhadas – nas quais uns passam sem parar, e outros não, por ficarem parados, a conflituarem-se mutuamente.

- Quem passa sem parar? Quem existe de acordo com o que há na estrutura – os guiados pelo deus misericordioso e passivo – os ideologizados, os mais aderentes, que pesam mais no seu modo de existir do que no seu modo de ser. São os mais objetificados estruturalmente, portanto – são aqueles que, quando afrontados, dão a outra face, pois assim aprenderam como o certo;

- Quem resiste? Os mais afetados moralmente, quando o modo de ser é mais contundente do que o modo de existir – são os menos aderentes ao deus misericordioso e mais dedicados ao deus ativo da justiça, do agir corretivo e punitivo, que não dá a outra face, mas que manda as pragas, os dilúvios e as tormentas humanas, daqueles que presenteiam Pandora com uma bela caixa, a tirarem tudo, exceto a esperança, que conecta a todos os que aguardarão pelo inexistente, sempre.

Mas, esta análise aqui exposta, muito superficial, é sob a perspetiva de cada encruzilhada, pois pode ser que alguém consiga fluir tranquilamente por

centenas de encruzilhadas suspeitas, mas pare em uma aparentemente insuspeita, logo a seguir. Afinal, todos temos os nossos “botões”, os nossos pontos fracos. Por isso, a infinidade de encruzilhadas e os problemas que são oriundos delas.

Se a movimentação, basicamente, é provocada pela direção moral-ideologia; o sentido da fluidez é dado de acordo com as regras; a atratividade dos fluxos principais, dos destinos mais cobiçados, é dada pelo *marketing*, que incentiva e direciona os fluxos para onde este tenha maior interesse. A cidade é supostamente livre e aberta a todos, que sempre acabam por querer estarem no mesmo lugar, na mesma hora, a congestionarem o fluxo – e o fazem sem o saber, mas sempre influenciados por algo, pelo *marketing*. Isto pode resultar em algo selvagem demais, mesmo para a selva na qual todos estamos. Por isso, e para isso, temos a ética. Algo tão orgânico da estrutura quanto o próprio *marketing*.

Mas por que o *marketing* faz isto? Para manter a coesão – no tempo e no espaço. É preciso um interesse central e comum, cobiçado – e isto é o topo da estrutura, o centro da cidade, todas as possibilidades e muito mais. Mas, o *marketing* concentra isto em algo tangível, que são as oportunidades. E assim mantém a todos aderentes pelo desejo. A cidade é artificial, todavia. O espaço público também. Só o território que é natural, mas deixa de sê-lo quando ocupado, pois, é levado a assumir uma forma que não possui, a conter conteúdos que não lhe são naturais e nem facilmente adaptáveis. O território é sempre invadido, e tomado, e daí surgem os problemas de inadequação, de conflitos. O que não é natural é, obviamente, uma criação nossa, de tudo o que leva e resulta no esquema conceitual do possível, entre o nosso modo de ser e de existir, sempre perfeitos, e tudo o que é causador destes modos. Há, entre tais modos, o imperfeito, o abismo que consome tudo o que é abortado existencialmente, que suga tudo do que nos resta dos estragos realizados pelas influências do real que não conseguimos nunca lidar com elas, como já vimos. Mas, mesmo assim, criamos formas de lidar com este resíduo tóxico abissal, a formar também o nosso inconsciente.

Há que se ter a ética como uma solução para além de tudo isso, para completar este abismo e para que possamos suportar os congestionamentos enquanto estamos dissociados e cindidos – quando não evoluímos, nem saímos do lugar – e que não nos leve a tomar atitudes que poderiam ocasionar a rutura do sistema.

O que é a ética? A ética é, portanto, um sofisticado produto do *marketing* ideológico contra a selvageria caótica do real remanescente no indivíduo – em nós – sediada em nossa centralidade existencial, entre os nossos modos de ser e de existir, a dar-nos a impressão de uma unidade que não temos, de facto, mas que aspiramos ter, pois será a coincidência de nossos modos que nos darão toda a fluidez que aspiramos ter – a nossa liberdade. Por isso, a

ética nos é vital como seres sociais que somos, assim como também é o tempo – em relação ao peso que a finitude nos causa, a nos contrapor como prisioneiros que somos e que sentimos ser. E logo perceberemos melhor sobre isto.

Portanto, os infinitos fluxos formados, alguns maiores e mais centrais, criados e amplificados pelo *marketing*, pelos representantes e pelos indivíduos, e que estão de acordo com as regras entre a mais profunda moral individual e as ideologias mais compartilhadas, resultam nos maiores tráfegos de valores e formam, por consequência, as principais encruzilhadas que são os pontos comuns entre todos participantes que se conectam nestas interações. Cada uma destas encruzilhadas é uma instância ética que passa a ser construída, para que se possa fluir sobre a mesma, sem se ficar preso nos congestionamentos provocados pelos dissidentes. E cada instância ética decorre do desenvolvimento das relações estruturais, pessoais e institucionais, e de suas consolidações, que passam a operar de forma mais estável e previsível para um tráfego mais fluido, obviamente, a quem tiver apreendido a instância ético-estrutural correspondente.

Então, podemos dizer que a ética não é mesmo “universal” Ora, ora, mas sim uma perspectiva de tráfego, e construída como uma colcha de retalhos. Alguém pode ser profundamente ético em uma encruzilhada e totalmente antiético em outra – e em ambas as situações, assim ocorre em função da ordem estabelecida, em função da estrutura que o marketing ideológico quer sustentar, e quando tudo passa a ser perspectivado para tal objetivo. Vemos isto ocorrer com os diversos cidadãos de bem que povoaram e ainda povoam o mundo. Quem foi, no regime nazista, mais “família” e decente do que o *Reichsführer* das Schutzstaffel (o comandante militar da SS), o alemão Heinrich Himmler? Um pai exemplar, devoto, totalmente voltado ao “bem”. Mas, até mesmo para os nazistas mais estruturalmente aderentes, ele era nazista demais. Foi ele quem deu vida à solução final, dentre tantos feitos, o que levou o Holocausto Judeu a uma escala inimaginável. Estamos a falar de centenas de milhares, ou melhor, milhões de mortes, intermediadas pelo homem de bem em questão, que foi capaz de escrever que «*na vida, é preciso ser decente, corajoso e ter bom coração*». Pois o bem é uma perspectiva.⁷⁷

Na escassez e na abundância, a ética se mantém a mesma? Ou melhor, na possibilidade sonhada de ser um milionário e na oportunidade presenciada de um milhão de Euros encontrado na rua, há uma mesma ética para um mesmo

⁷⁷ Há um excelente documentário que nos mostra em detalhes surpreendentes, esta impressionante e extremada dualidade de Himmler – O Homem Decente (Der Anständige, de 2014), da realizadora belga Vanessa Lapa. <https://www.imdb.com/title/tt3508830/>.

indivíduo? O que ele faria, seria sempre previsível e, portanto, podemos considerar que a ética leva sempre a uma ação universal? Daí, o devoto diria: foi deus que quis assim. Não, não foi deus, foi a necessidade de ser, partida de um ideal de deus que também somos, que quis que se agisse eticamente, da necessidade de passar de um criador imperfeito a uma criatura perfeita – e não da imagem projetada e personalizada, mas daquela comungada, implicitamente, e despersonalizada, eficiente, pois ainda aguarda por uma face que faz com que todos os que usam da ética aspirem que seja a sua face a ser reconhecida como tal, como divina. Adotamos a ética por querermos, sempre, sermos os escolhidos – ou “o” escolhido. Tal com a Excalibur, consideramos que somente um poderá içar a espada da rocha: e será o escolhido que todos aspiramos ser. E, assim, voltamos ao conceito do escolhido – mas aqui dentro do real, dentro da zona mais turbulenta que temos. A ética pode ser, talvez, a capacitação que realmente desejamos e precisamos. E, certamente, a mais difícil de obtermos, por ser tão fugidia e nada conceituável para além da perspectiva em questão.

A ética é oriunda do que resulta deste refinamento do processo ideológico e surge, não no momento do estabelecimento do espaço público, que é dado pelas regras, mas sim na conseqüente coabitação, jogo a ser jogado, na cidade, ou no mercado, ou no templo, e que sempre levará aos diversos conflitos territoriais e às necessidades de superação, para que exista uma convivência sustentável e a própria sobrevivência dada como viável, pois também há sempre a abertura urbana a outros indivíduos que encontrarão também ali possibilidades para si, o que levará à exploração deste espaço por outros (que entrarão em um jogo que já está em pleno andamento, já a ser jogado). Assim, a ética é também um diferencial ao bom jogador, e uma defesa contra os oportunistas. Nada é inocente, nem mesmo o bem, em si, que não hesita em fazer o mal em nome do bem.

Por isso, é necessário um protocolo subjetivo, simples e facilmente instanciado como disposicional na individualidade moralizada e ideologizada, para servir também como um filtro que tanto receciona quanto permite a convivência, tanto quanto também seja um sutil poder moderador e igualmente direcionador, quicá impulsional do tráfego. Este protocolo é a ética, evocado por fatores que são tidos como relevantes, artificiais e necessários para a vida se dar em sua melhor maneira, também a sustentar a estrutura da melhor forma.

A formação da ética também ocorre mais intensamente quando as regras estabelecidas são insuficientes ou decrépitas, ou se multiplicam excessivamente e passam a criar conflitos entre si, pelos excessos delas, por vezes por serem contraditórias com os valores morais ou com as aspirações ideológicas, e assim deixam de ter a eficiência necessária para o que o *marketing* estabelece como ideal, e tornam-se insuficientes ou inadequadas

para lidar com as questões teleológicas do que há, e com isso constringe as individualidades que estão a formar o espaço que dá sentido a ela. Se há o interesse no espaço, e todos o querem, e as regras se tornam um problema, surge uma ética entre todos para que haja ali a viabilidade existencial social. Uma ética de proveta? Sim, e por que não? Alguns chamam de deontologia, como logo veremos. Poderemos chamá-las de ética de proveta, ao menos até algum militante do politicamente correto vier a interpretar de forma distinta, tal denominação. Mas, parece não haver nada que possa supor alguma discriminação, que sempre precisa ser mesmo eliminada, eticamente.

Para o *marketing*, a ética é algo que demanda muita energia, muito mais do que a simplicidade das regras, sempre preferíveis. Mas, “ele” não tem como apenas contar com as regras, e precisa de uma ferramenta mais poderosa, e por isso a ética é mesmo dispendiosa para ser percebida e adotada estruturalmente. Todos preferem a regras, pois nelas podem se esconder, e subvertê-las sempre que conveniente. A ética, já não.

Perde-se, assim, parte da essência coletiva ao normatizar deontologicamente a ética, pois ela passa a ser vista como uma sutileza das regras, em uma situação promíscua na qual sempre haverá uma brecha provocada pelas regras. Pois mudar regras é sempre um imenso problema, além de essencialmente anacrônico, visto que há o facto da transformação rápida da sociedade e dos valores, enquanto as regras podem já estarem obsoletas antes mesmo de suas promulgações, ou ainda pode ser do interesse dos mal-intencionados representantes terem regras confusas para que possam se valer delas quando lhes for conveniente. Regras são, mesmo que necessárias, mas sempre problemáticas, cedo ou tarde.

Por isso a ética é também uma tentativa consciente orgânica e comunitária, pelos “bem-intencionados”, para solucionar estes problemas das regras, ao aspirarem a ultrapassar o que está estabelecido com uma espécie de racionalidade coletiva, sem que se precise mais recorrer a elas. Uma tentativa artificial, como dito, pois, ainda assim, não serão prescindidos dos representantes para estabelecerem eles mesmos um estado ótimo dentro de certas diretrizes, e novamente tudo se aproximará das regras, ou de outras instâncias igualmente problemáticas, com a universalidade. Por isso, perde-se muito com a ética normativa, mas nem sempre se pode evitá-la. O risco de extrapolação é imenso, tal como faz o utópico movimento do politicamente correto, que logo perceberemos melhor o que é. Mas, traz progressos? Faz algo bom? Sim, faz, desde que percebamos bem o que é o “progresso” e o que é o “bom”. Enfim.

Nestas encruzilhadas de relações conflituosas e voláteis, com regras duvidosas ou conflitantes, algumas cabulosas, a ética assume algumas formas normativas tais quais possuem as conhecidas e onipresentes sinalizações de trânsito, que ou são orientadoras (dispõem sobre como se espera que se

comporte ao transitar no espaço público), ou são informadoras (dispõem sobre as formas otimizadas para se atingir um determinado destino) ou são ainda regulamentadoras (determinam o que deve ou não deve ser feito).

Até mesmo os semáforos luminosos, a determinarem pelas alternâncias de cores quando se deve prosseguir, ter atenção ou parar é uma destas regulamentações importantes que, se todos seguissem à risca, supostamente não deveriam mais haver colisões nos cruzamentos. Mas não é o que ocorre, como bem sabemos.

A proposta da engenharia da sinalização, assim como também da ética normativa, é projetar, estabelecer ou indicar quais fluxos, sentidos e direções devem ser permitidos e muitas outras formas para que tudo seja realizado com a máxima segurança, eficiência e previsibilidade, inclusive sobre adotar um modo de direção segura e sempre a saber por onde se está a transitar, a evitar os caminhos que sejam problemáticos. É o mesmo que todos fazemos nas empresas nas quais trabalhamos, ou pela qual atuamos no mercado, nas reuniões de condomínio, ou nos encontros familiares de Natal, sempre a buscar passar incólume pelos conflitos que sempre acabam por ocorrer.

Nem sempre ocorre como esperamos, é facto, mas a intenção é esta. E a ética é isto, profundamente intencional, que busca sempre pela maximização, em quantidade e qualidade, e que seja capaz de suportar as velocidades crescentes dos fluxos sem que existam problemas. Aqui também, nem sempre se consegue obter sucesso.

Para a ética mais “pura”, mais distante das regras, o objetivo não é apenas perceber quando se deve cruzar, ter atenção ou parar, sem ter de recorrer sempre às regras. A ética busca fazer com que a direção do condutor de veículos e o andar do pedestre sejam conscientes, totalmente defensivos, gentis, e que estes percebam também o fluxo como um todo, para além do que estão a fazer com seus movimentos. A ética tem a pretensão de que estes, se devidamente conscientizados, evitarão congestionamentos, mesmo que isto os levem a dar mais de si, ao fazerem um caminho mais longo, por exemplo, ou a pararem voluntariamente para que o outro possa passar. A nossa consciência é, portanto, intimamente correlacionada com uma função ética – de previsibilidades de ocorrências e de viabilizações de relacionamentos estratégicos, dadas no tempo. Mas isto são lá outras questões que não abordaremos, ao menos por agora. Seria muito desgastante seguir por tal caminho, neste momento, mas será preciso fazê-lo, logo que possível.

Assim, a ética está muito mais enraizada nas razões consciente para agir, ao nível da volição, nos nossos constrangimentos autoimpostos que precisam estar sob a judicie racional e dotada de valores compartilhados, e isto é muito mais ambicioso do que apenas focar nos objetivos da ação, que são as possibilidades. Os constrangimentos da volição, pela autoimposição que

sempre fazemos a nós mesmos, sacrificialmente, em nome de algum bem maior que vislumbramos, são o que melhor percebemos da prática ética – e que sempre nos acaba por consolar, pelas renúncias jogadas no abismo.

Por isso que é a ética as possibilidades das possibilidades, a desejar a eliminação dos obstáculos e dos conflitos para atingir o mundo ideal, sempre a aspirar a ser ela própria a produtora do nosso “bom feito”. É por isso que uma condução ética, sem deixar de se preocupar por chegar a um determinado destino, busca definir a melhor forma de conduzir até lá, eficientemente, e não necessariamente a mais vantajosa, e que não seja dotada de nenhum tipo de ameaças, prejuízos ou danos, para ninguém. A ética objetiva o fluxo perfeito, dentro da cidade, a considerar as diferenças, os conflitos e as incompatibilidades, pois percebe que o bem de todos é também o próprio bem maior, unificado e sem as dualidades consideradas, mas não apenas isso.

É por esta natureza essencial e intencional que nos permite especular que, se a ideologia emerge ao concentrar nela todas as possibilidades, a ética emergirá para concentrar as possibilidades ideológicas: as possibilidades das possibilidades – a bem da verdade, sabemos que as possibilidades são mesmo impossíveis, uma mentira e, por isso, criamos uma nova mentira, mais poderosa – pois o ser ético é algo muito além das nossas capacidades tacanhas e sofridas, demasiadamente humanos que somos, mas adotamos isto como projeto de autolibertação, o que não é ruim de todo, pois nos melhora, a princípio, ao ponto de, por vezes, conseguirmos sermos mesmo éticos. E isto é intencionalidade em puro estado, a direcionar, ou a correlacionar certas possibilidades ideológicas para os valores destas que são tidas como as mais desejáveis. A ética busca nos valores seus critérios operativos. Aqui, os valores não são um fim, como podem sê-lo, na moral, mas sim um meio instrumental. O fim ético é a libertação estrutural, demasiadamente utópico, mas tremendamente ousado. Por isso, sua sofisticação.

É a ética que possibilita a passagem do que é meramente tido como possível para as instâncias categoriais do que ou será tido como provável, ou como improvável, simultaneamente ao que for estabelecido como desejável ou indesejável. E, assim, é ela a operadora necessária e pragmática para transpor possibilidades do universal para o particular – pelos valores instrumentais dos quais se apropria.

As possibilidades são, obviamente, conceituadas dentro do que é apenas possível (o impossível é totalmente desprezado, pois remete à realidade da constatação da não superação da própria finitude. Eis que, há sempre quem diga que «*nada é impossível para deus*», tal qual existe sempre um deus – ético, aquele justo e perfeito, não representado nem humanizado, mas si o despersonalizado a qual aspiramos ser como escolhidos – e é este deus que nós mesmo aspiramos ser que torna possível o que seja considerado

impossível – somos nós, em processo autoafirmativo melhor do que qualquer *coach* poderia provocar em alguém – e isto é equivalente a se estar dentro de uma dimensão que podemos considerar como universal, ao menos para os que estejam conectados ideologicamente dentro desta universalidade em perspectiva, dentro do “nosso” universo.

A transposição que a ética promove é agregar ao possível o que lhe seja ou provável ou improvável, e isto é feito a cada particular que se apresenta como necessidade de se trazer, ou transpor, da transcendência para a imanência. Mas, se a ética é um produto do *marketing*, e o *marketing* é o que apresenta tudo como provável, como oportunidade, então por qual razão a ética agregaria algum valor de improvável a um produto ideológico? Não nos faz parecer um contrassenso? Não é. E o faz justamente para atribuir mais valor ao que existe e é raro. O improvável é escasso e, portanto, vale mais. Assim, o que percebemos como antiético – o que afronta a nossa moral, o proibido, passa a ser mais desejado, ou melhor, e mais obscenamente desejado. A tal questão de que o melhor das religiões é mesmo o pecado, pois é proibido, e taxado para ser algo improvável em nossas vidas, eticamente. Nada é, novamente, e novamente, tão inocente ao ponto de ser a ética o melhor dos mundos, o Santo Graal da natureza e da condição humana. A ética é mesmo a mais sofisticada ação que o *marketing* nos direciona, a seu bel-prazer. E não conseguimos, nunca, resistir à devoção ética – eis o seu verdadeiro poder sedutor. A ética separa o joio do trigo, dentre tanta poluição ideológica e, por isso, é talhada para ser mesmo extremamente funcional ao *marketing* que a nutre constantemente.

Assim, podemos perceber como é possível separar o que é moral do que é a ética, como por exemplo no clássico filme do realizador espanhol Luis Buñuel – *A Bela da Tarde*, de 1967 – em que a atriz francesa Catherine Deneuve vive Séverine, uma bela jovem casada que, a partir de sua vida monótona e insossa, passa a frequentar uma casa de prostituição nas tardes ociosas a vender seu corpo a quem pagar o preço definido para tê-lo, como objeto de desejo sexual.

Mas, o mercado nos diz que alguém só paga voluntariamente por aquilo que se deseja suficientemente ao ponto de que o objeto de desejo “valha” mais do que o próprio dinheiro que está em seu bolso. É o conceito do valor, que é ontologicamente superior ao conceito de preço. Quanto maior a contrição moral que um produto “proibido” possui, maior será a escassez deste, visto que o produto não será tão facilmente encontrado e, por isso, o preço aumenta tanto quanto a percepção da oportunidade passa a ser mais valorizada. Só assim há aumento de preço, pela precedência da percepção do aumento de valor. Economês básico, que tanto deu lucro ao traficante norte-americano Al Capone, nos tempos da Lei Seca, nos Estados Unidos da América, quanto nos recentes narcotraficantes sul-americanos.

E assim, a afirmação para a fantasia de Séverine é que esse desejo do outro, de seu potencial cliente, ocorra. Pois ela busca ser afirmada como algo de valor, escassa, preciosa, ao perceber que vale o interesse libidinoso daquele que se dispõe a pagar por ela e, conseqüentemente, deixar como prova irrefutável deste desejo o dinheiro que os estranhos não relutam em pagar para tê-la na cama. Ela quer superar a possibilidade do que o próprio capital é para a burguesia, nesta abordagem surrealista. Isso faz parte da ácida crítica que Buñuel sempre se dedica a atribuir às hipocrisias cristãs e burguesas, e nos dá uma dimensão de como os valores – que tanto abordamos aqui – são segmentados ideologicamente nesta trama, a grosso modo, pelas fantasias de Séverine.

As ideologias criticadas são, obviamente, aquelas oriundas das representações da moral cristã e burguesa, ocidental, profundamente europeia, em que os valores mais nobres e valorizados, rígidos e conservadores são atribuídos a quem pertença à classe social de Séverine, uma devota e, portanto, aderente à tal moral compartilhada que ela buscará subverter.

A ideologia cristã na qual ela convive é formada pela disposição permissiva aos prazeres, através de uma vida sexual intensa na qual há a realização das necessidades sexuais do casal, mas apenas se estiver sob o sacramento do casamento instituído perante deus, e com a fruição da vida, em si, dentro dos preceitos dados pelos representantes das regras cristãs, ou da sociedade que se agrega em torno dela. A contrição do prazer, a partir da apreensão católica do que Aristóteles definiu como virtude, do domínio das capacidades mediadoras racionais a preponderar sobre a concupiscência das paixões da alma é um atributo do bom cristão, devidamente apreendida pelas sagradas escrituras posteriores aos gregos, e, portanto, deve ser uma prática moral constante renunciar sempre ao prazer desvirtuador, o que afasta da virtude.

Mas a ideologia burguesa (capitalista, neoliberal) sustenta a condição em que tudo (suas possibilidades) é permitido, se de acordo com o livre mercado, e se buscado ou efetivado em nome deste. Em resumo, a questão conflituosa é como ela poderá aproveitar o extremo possível do prazer burguês com as virtudes morais cristãs. Foi este um grande desafio que Séverine teve de enfrentar, para além de viabilizar as estratégias para as suas escapulidas vespertinas.

As regras burguesas, portanto, até por todas as regras serem inconscientes, são completamente permissivas ao prazer (pois são estes prazeres os próprios produtos das possibilidades transformadas em oportunidades pelo *marketing* neoliberal), mas supostamente Séverine, como boa cristã que é, as percebem apenas através da monogamia da instituição sacramental do seu casamento, onde sofre a restrição das regras cristãs que insiste em seguir, com os

representantes a reprovarem o adultério. O prazer, assim, passa a ser eticamente constrangido por ela, uma burguesa convicta, pelas regras cristãs – e aí tudo se complica ainda mais.

Mas, o que ocorre, ao menos na burguesia, é que a monogamia, mesmo a ser uma regra central, não é cumprida, até mesmo pelo excesso de possibilidades (ofertas) que existem tanto mais a quem tenha mais recursos, e a tentação (a sedução pelo “mal”) é grande, e a virtude se esvai, se é que algum dia esteve a operar efetivamente, tanto para os homens que cobiçam a mulher do próximo, a quebrar um mandamento, supostamente vindo direto de deus, quanto pelas divagações dos próprios desejos, tantos dos homens quanto das mulheres. Há então a essência ética do neoliberalismo que se incorpora e se sobrepõe aos valores cristãos, absorvendo-os completamente como produtos improváveis. Quanto mais proibidos, mais valorizados serão – e mais caros ficam, afinal.

Ainda a agravar mais a situação conflituosa da pobre Séverine, e de todos nós, a mera intenção ao pecado já basta para que seja considerada como o pecado instituído, em si, mesmo que não haja o ato feito, como nos conceituou Santo Agostinho, já a considerar sobre a inexistência intencional, em que apenas a intenção já é suficiente para se configurar como pecado o próprio pensamento, como se a materialidade da ação não realizada passasse a existir apenas pelos devaneios que existem constantemente em todos nós, nas nossas próprias divagações mentais vespertinas libidinosas acabamos por nos igualar a Séverine, como pecadores.

Se a intenção já é pecaminosa, então o pecado já está configurado no próprio pensar delirante do desejo desenfreado da mente. Como superar isto? Daí, aquele que pensa mais pragmaticamente, argumenta que se já está configurado, não haverá diferença se o consumir, pois depois há sempre a confissão, a penitência e a libertadora e relaxante remissão. A redenção sempre foi a mais popular dentre todos os produtos cristãos. O próprio monge alemão, obviamente agostiniano, Martinho Lutero, aprimorou e democratizou o acesso à redenção aos que não tinham recursos para pagar por elas, ao dar ao pobre devoto o “direito” de se comunicar diretamente com deus.

Deus do céu, o que fez Lutero na Reforma Protestante? Ao baixar o preço da redenção para zero, baixou o valor percebido do pecado, afinal, e o popularizou ainda mais, como produto mais acessível que passou a ser – oportunidades que surgiram, para todos, até para os Reis. Lutero deu um tiro no pé, na perspectiva cristã. Poucos anos depois de sua Reforma Luterana, o rei inglês Henrique VIII, que queria legitimar sua separação matrimonial com Catarina de Aragão, pelos seus motivos, teve seu pedido negado pelo Papa Clemente VII. O que fez Henrique VIII? Fundou sua própria igreja, e se fez seu representante maior, seu soberano, pois deus passou a ser acessível por

todos, conforme estabeleceu Lutero. E, assim, passou a ser um grande *player* do mercado dos prazeres ilícitos levados a serem lícitos, e pôde separar-se de Catarina de Aragão e casar-se com Ana Bolena, e depois com Joana Seymour, e depois com Ana de Cleves, e depois com Catarina Howard, e depois com Catarina Parr. Pode não ter sido bem assim como tudo se deu, mas que foi assim, foi.

O *marketing* ideológico, afinal, sempre isto a seu favor, como sempre fez: ao invés de coibir o pecado, o incentiva ainda mais, como produto, mas desde que o pecador seja um “assinante” do programa de redenção, pelo módico dízimo que dá acesso a mais ilibações de pecados cometidos, pois a redenção é grátis, e nada se paga a mais por ela. O pecado virou ele mesmo o produto, ao invés de ser a redenção. E, o pecado é mesmo um produto sempre mais fácil de se vender – há quem apenas consuma o pecado, sem nunca querer mesmo nenhuma redenção. Daí até nossos dias, com as diversas sociedades hedonistas e teologias da prosperidade, tudo foi apenas uma evolução do *marketing* ideológico cristão. Séverine estava assim, cindida entre tais questões de mercado, portanto. Mas, nem nós e nem ela resiste a um bom pecado, e o fim não poderia ser outro: #partipecado.

O sistema ideológico, e de forma geral, sempre cria o problema em que haja, afinal, uma solução a ser vendida pelo *marketing*, por algumas boas e atrativas condições, ou custos tidos como bem em conta. Tudo vira produto. A ética busca ser usada pelo indivíduo como um antídoto eficaz para situações que incorrerão em custos, como estes – mas sem perceber que é o próprio *marketing* que estimula a ética existir – e usa a ferramenta do “inimigo”, sem o saber. Mas, mesmo assim, se sente bem, ao ter comprado a apólice do seguro de que nunca precisará usar – e é para isto que serve a ética, funcionalmente – para termos a certeza de que fizemos o certo e o melhor.

Custos sempre são problemas que a ética buscará ultrapassar pela certeza de que era a coisa certa a ter sido feita, ao pagar o preço pelo melhor, pelo mais precioso e valorizado, pois é ela também um produto escada, algo artificial que emerge a ser uma otimizadora de processos, como podemos perceber, mas que serve mesmo para aumentar o preço de tudo, pelo valor que ela pode agregar ao que consideramos ser mais precioso. Foi disto que Nietzsche quis escapar, em sua Filosofia, ao dotar o homem da máxima imanência moral, dado que a ética se dá mesmo na transcendência, à qual Nietzsche nutria verdadeira ojeriza. E o que foi que ele trouxe para fundar sua imanência? O tempo – e eterno retorno – como se toda a relevância existencial seja fundada em valores imanentes, temporais, e nada transcendentais. Genial, afinal, como sempre.

Nestes eixos, ou melhor, nestas encruzilhadas formadas pela moral cristã e pela ideologia burguesa, de restrições e permissividades, as regras se mostram claramente insuficientes, inadequadas, conflitantes, ininteligíveis e,

por isso, quase que totalmente desprezadas. Sempre em casos assim, a ética é proposta como meio para se resolver tal imbróglio. E foi isso que Séverine passou a considerar para seus dilemas morais.

A questão ética do filme é mesmo o conflito entre este fluxo moral e ideológico ocorrido na trama na principal encruzilhada abordada, além de outras que se formam, como a partir das relações entre os desejos de Séverine de ultrapassar sua morte simbólica, de uma vida (com presença) sem vida (sem a existência do êxtase, do gozo), sem nenhum prazer no casamento, em que busca uma ressurreição, ou ainda um arrebatamento que a tire da prisão que se encontra, e que possa vivenciar todos os seus desejos, aqui ou acolá, na máxima intensidade libidinosa.

E é o que faz, com sublime maestria, ao ponto de competentemente ser a mais requisitada das profissionais sexuais, depois da primeira hesitação que ela superou, a mesma que sempre surge para todos nós, pecadores costumeiros. Para ela surgiu com o seu primeiro cliente, mas logo superada, como quase toda hesitação. Pois, Séverine percebe sagazmente que os clientes também possuem, obviamente, suas fantasias, a terem e a darem prazer em fazer de suas fantasias transcendentais atos totalmente imanentes, pelo sexo, tal qual Séverine o faz. E o que é isso? O encontro deles numa mesma encruzilhada, numa mesma ética, portanto. O gozo dela acontece, portanto, ao ter uma satisfação ética e consciente pela realização do sexo selvagem e clandestino e simultaneamente uma insatisfação inconsciente, ao mutilar as morais burguesas e cristãs que tanto preza, que são seus principais parâmetros morais estabelecidos.

A ética, nesta trama, está nas possibilidades das possibilidades que podem indicar a efetividade, ou não, de Séverine conciliar com sucesso sua vida dupla, ao continuar com suas obrigações matrimoniais e “cristianamente” éticas – com seu marido, e suas participações “burguesianamente” éticas – com seus clientes; assim, sempre será ética – e feliz, com uma vida tal qual esperam de si, nas encruzilhadas que coabita na cidade.

Analogamente, o gozo também ocorre nas circunstâncias de sua vida principal, ou convencional, em que possui o prazer consciente por ser uma boa esposa cristã e o desprazer inconsciente causado pela culpa, ou até mesmo por ter de mentir para se afastar para suas tardes de sexo selvagem no prostíbulo de Madame Anaïs.

Ela é fria e insatisfeita com seu marido, simbolicamente, e talvez nem mesmo faça sexo com ele, como algumas interpretações podem sugerir, mas mantem-se nas linhas esperadas das virtudes cristãs, a dormir em camas separadas, mesmo que tenha seus sonhos transgressores e eróticos – para fugir do caos real de suas impossibilidades impenetráveis, literalmente, e cria em seus sonhos o seu próprio paraíso em forma de dilemas éticos.

Talvez ela está a fazer como muitos filósofos o fazem, ao proporem os problemas éticos dos elétricos e exigirem uma solução, que sempre podem matar uns ou outros, conforme as circunstâncias que nunca salvam ninguém, afinal, e sempre deixa suas vítimas. Os proponentes de tais dilemas sempre estão a se refugiarem da implacabilidade do real impenetrável, que não sustenta a universalidade idolatrada por eles – sempre haverá alguma vítima, mas eticamente querem justificar algo a ser feito, querem dar um sentido bom ao que nunca é mesmo bom. A melhor resposta ética seria: se os elétricos sempre vão matar um ou outro, então não o usemos – e deixemos as cidades sem tudo aquilo que nos pode matar. Mas o mercado não deixa que seja assim, pois não, pois o *marketing* precisa sempre expandir a estrutura e ampliar o próprio mercado, dotando a todos de velocidade e aderência. Esta é a ética neoliberal.

Até Himmler foi ético, assim posto, a partir da perspectiva nazista, de uma ética nazista que promovia a velocidade para a obtenção de seus planos de dominação supremacista. A Ética não tem correlação com o bem universal, pois esta não existe, mas sim possui uma correlação com o bem em perspectiva, que todos possuímos. E é isto que também fazemos, por incontáveis vezes, ao fazermos nossas vítimas em nome de uma ética neoliberal que não é nada nossa, mas sim algo externo que nos é imposto sem que percebamos. Somos cruéis com nossos concorrentes, insensíveis com os desprovidos e indiferentes com os excluídos – pois apenas enxergamos a estrutura que nos é promovida como bem último a ser defendido como universal, enquanto claramente é um universal que já não comporta mais a todos. E o que fazemos? Optamos por acreditar no que nos dizem. Não temos chances contra isto, e passamos a fazer o que nos é exigido, para não sermos um excluído – é uma autoproteção individual que vai contra a própria função de sociedade – a de dar vantagens na sobrevivência selvagem. A ética, nesta nossa atual versão aqui considerada, ainda não é a resposta – desta forma neoliberal que estamos a reproduzir. Mas há algo melhor, supostamente, que nos unirá em prol de um bem realmente justo e equitativo, e não será pela esperança, mas pela análise crítica que precisamos fazer, a partir daqui, a considerar que já estamos no paraíso prometido, que já ressuscitamos do abismo. É preciso vencer o abismo. É preciso pular. E este é um tema espinhoso, profundamente controverso e complexo, que logo precisaremos explorar, visto que estamos a ressuscitar, por termos dominado o esquema conceitual do possível. Por isso é que não seria, por enquanto, tão absurdo afirmar que somos, por vezes, tão frios e parecidos com Séverine, em nossas duplas dimensões existenciais.

A frieza de Séverine na sua vida cristã é diferente da fervura que tem com seus clientes em suas tardes libidinosas, que são estranhos com os quais vive tórridos momentos de sexo selvagem, que a quase tudo se submete, sem

regras comportamentais limitadas, e é isto o que mais deseja para si, sem “prejuízo” prático a todo o resto, sem quebrar com nenhuma das relações que possui, o que só lhe é possível pela sensação que a ética lhe causa – ao permitir trazer o que é proibido e impossível para o Universo do permitido e possível, e vice-versa. A ética que ela constrói e adota lhe permite o melhor dos dois mundos. Deixará vítimas, como sempre, mas todas eticamente eliminadas, a isentá-las de todas as culpas que poderia vir a ter.

Mas também, com ela, está a sua moral mais profunda – seu próprio deus implacável e sádico em contato com o real – que é ver no outro a sua própria condição de pecado, a sua imagem percebida de forma distorcida, mas real, tal como é, na perspectiva surreal – e passa a fazer valer sua forma superegóica de dominadora para controlar a todos os que estão ao seu redor – passa a assumir uma postura justiceira, julgadora e cruel. Sua moral está a julgar a todos, pois ela própria já se considera ilibada eticamente, e passa a ver o mundo como um antro de pecados que ela própria, em nobre missão, precisa ajustar e salvar e, em certa ocasião, julga e condena a atitude de uma outra profissional do sexo a fazer algo que ela considerou reprovável. E quantas são as pessoas que conhecemos e que poderíamos identificar a mesma hipocrisia de Séverine? Como diz o ditado popular: «*é o sujo falando do mal lavado*». Mas, Séverine, o que é isso? Pois é. A moral nunca fica esquecida e está sempre presente nos hipócritas, até com muito mais crueldade nos choques com o real, na qual torna-se sádica e punitiva, ou permite-se submeter ao masoquismo de alguém.

No início da trama ainda não havia uma ética totalmente formada, em que Séverine se apoiava, mas ela esteve a formar como uma necessidade instrumental de sobrevivência existencial, nestas ambiguidades em que buscava superar e ultrapassar suas limitações morais, para que pudesse viver suas duas existências sem conflitos. Portanto, só poderemos considerar uma ética dela como consolidada assim que ela, supostamente, conseguir harmonizar sua vida sem que exista o abismo entre o seu modo de ser e de seus dois modos de existir conflituosos, sem que se perceba mais cindida – e é exatamente isto o que define uma boa trama em que há o final feliz tão aguardado, que é sempre, invariavelmente, o mais ético possível, mas nem sempre moral, necessariamente. Hollywood que nos contradiga, se isto não for verdade. Sem o final feliz – que é injustamente chamado assim, pois o nome correto deveria ser o final ético e, portanto, algumas vezes feliz, conforme a perspectiva que o realizador adota – o filme feito para ser popular é ostracizado pelas massas, quase que sempre, pois o povão quer mesmo é a ética que a ilibe de todos os ditames morais que frustrem seus sonhos mais obscenos. A ética, assim, se faz um valioso produto do portfólio do *marketing* ideológico.

E o que define uma boa ética? É apenas o sucesso de sua “comercialização” pelo *marketing*, a velha correlação de otimização de custo x benefício, entre oferta e demanda, e nada mais, que é definido pela maximização das possibilidades com os menores constrangimentos possíveis, tanto pelas regras, quanto pelos demais valores e participantes, individuais e coletivos. Por isso, temos ética de tudo que é tipo, sempre a propor algo mais arrojado, com menos peso (talvez cármico, ou sentimental, ou qualquer outra ilusão transcendental) a quem a adota. E na próxima secção veremos algumas delas, em suas versões mais insuspeitas e intelectualmente defendidas por muitos, *hasta la muerte*.

E, assim, na trama, Séverine pôde decidir, eticamente, a sua melhor forma de dupla existência: de atuar competentemente como profissional do sexo e a manter sua boa alocação na estrutura burguês-cristã.

O feito dela foi impressionante, pela inexistência dos gurus da autoajuda naqueles impensáveis e insanos anos 60, com suas éticas totalmente formatadas que iliba a todos de tudo o que lhes impede o prazer, nos dias atuais. Séverine não teve isso, precisou ela mesma construir sua ética, em um dilema que nos tempos atuais não mais existiria, pois já está tudo tão surreal que nem sequer consideraríamos Buñuel genial, se viesse a surgir agora. Seria alguém normalíssimo, na insanidade que já estamos a viver. As pessoas caretas são aquelas que destoam atualmente, na maioria das vezes. A questão de Séverine não mais existe, pois não temos mais nenhum conflito entre a moral burguesa e a cristã – uma já engoliu a outra – e isto nem levou meio século para ocorrer. O que poderíamos pensar sobre o que seremos eticamente ao fim dos próximos cinquenta anos, se não nos extinguirmos antes disto?

Por isso a ética tem imensa proximidade com qualquer algo que seja considerado temporal – o tempo como quantidade, a ética como qualidade. E também possui uma estreita correlação com a justiça, e precisa desta conceituação bem explícita para ser o mais efetiva possível, pois será a partir deste conceito de justiça que poderá formar as hierarquias categoriais sobre as melhores deliberações possíveis.

E, de onde vem a justiça, afinal? Não aprofundaremos aqui, graças a deus, sobre as questões de justiça, mas podemos antecipar que ela oscila pulsantemente entre o *marketing* e as regras, sempre, mas origina-se mesmo no *marketing*, em um produto que envolve a própria ética, que tanto a precede quanto a prossegue. A justiça não se realiza com as regras, todavia, pois sempre precisará deixar de dar razão a uma das partes, deixá-la desprovida de suas requisições, e por isso ela busca sobreviver através do “empoderamento” e na suposta supremacia dos seus representantes e, no desespero, através da sua própria representação na ética. No modelo ideal de justiça, os representantes interpretam sob uma hermenêutica ética as regras

que evocam aos casos considerados, quando as regras são suficientes para tal, pois também buscam complementar o que falta nas regras, pelas instituições de tratados que passam a vigorar, como um novo padrão que fica instituído, pela jurisprudência. E isto se dá nas diversas formas de justiça, em relação às diversas instâncias de uma nação, religião, associação, instituição, etc. – Mas, isso também são lá outras questões, principalmente sobre o que é mesmo a definição e função da justiça, o que não faremos para já, pela sua complexidade, que nos exigiria muito mais construções a partir de nossas engrenagens conceituais aqui já expostas. Mas, logo faremos, se deus quiser, ou se o mercado quiser. Na verdade, os dois precisarão querer, como sempre. Enfim, sem mais divagações da realidade mundana, voltemos ao surreal.

O surrealismo que Buñuel produz com maestria é mesmo isto: uma superexposição extrema do que é a realidade, que chega a distorcer o que é compreendido como estado de pudor para um estado de obscenidade – que parece, à visão ideológica que todos temos, mudar o que seja claro para o que seja distorcido, o que sempre acontece quando tiramos o filtro da ideologia e desnudamos a realidade tal como ela deveria nos parecer. Aliás, o obsceno é mesmo o resultado deste excesso de pudor ideológico, e não apenas da sua falta, e que, como vimos, leva a uma extrema aproximação com a necessidade de uma ética para servir como instrumento de orientação em um tráfego sempre fluído, nesta distorcida realidade que se apresenta a nos desnorrear. As complexidades são crescentes, e eis alguns dos motivos – a suposta evolução.

E o que é ser muito ético? Simples, é ser veloz, ou capaz de ser veloz, sem quebrar nenhuma das regras enquanto se está a ser veloz, mas apenas dentro do que seja relevante para sistema – nas suas vias principais mais trafegadas. E isto significa que ser ético é ser justo, pois passa a ser um bastião da justiça – que preza tanto por si quanto pelos outros que estão a transitar por ali, naquela perspectiva. O mais ético é quem exerce a máxima velocidade à perfeição normativa, portanto.

A suposta evolução social que temos implica, por exemplo, no aumento não só do fluxo pelas encruzilhadas, mas também do maior número delas, em expansão exponencial. A cidade cresce, e não para nunca de crescer, a se expandir verticalmente e horizontalmente, rumo às antigas periferias, que passam a serem integradas à cidade horizontal, mas não à vertical – a estrutura se materializa, como uma pirâmide de bases largas e topo singular. Assim, todos aqueles que queiram estar presentes neste topo, onde estão todas as possibilidades, antigas e novas, passam a aceitar a imposição dada pela urgência, através da adoção de maior velocidade que precisam ter para percorrerem todos os cantos da estrutura, competitivamente, em busca das oportunidades ascensionais.

A estrutura imanente é semelhante a um tetraedro numa perspectiva piramidal, mas disforme, idealizado e desconectado da realidade, e quem quiser chegar ao topo, alucina que deve primeiro chegar ao centro, onde todos querem estar, pelas deliradas oportunidades que lá existem em maior quantidade e qualidade. Qual a melhor forma imaginada da estrutura? Livrementemente poderíamos pensar na transformação desta pirâmide sugerida, mas não sólida, mas sim fluida, e em movimento constante, o que resultaria dela como uma gota de água a cair em queda livre, em um formato quase esférico, por vezes disforme, com uma aparente cauda aerodinâmica como uma cauda de cometa. Mais ainda, ao fundo um espelho, logo atrás, no vazio do abismo, a refletir enantiomorficamente a estrutura imanente em uma imagem transcendente. E acabamos a transitar por todas, como se fôssemos partículas atômicas em movimentos de *spin*. A estrutura quadridimensional então, passa a ter como um novo topo justamente o centro espelhado, onde há o abismo, entre o imanente e o transcendente, no qual o tempo passado se faz acumulado neste abismo, entre os factos e suas representações, dos quais tiramos nossas interpretações. Esta forma ainda nos será relevante, nos próximos desenvolvimentos, pois é ela que nos dará uma compreensão sobre nossas alocações existenciais, acerca de nossos modos de ser e de existir. E é isto o que mais nos será relevante, a partir disto tudo. Mas, por agora, ficaremos por aqui, na selva, sem adentrarmos às questões do *design*.

Mas, vale perceberemos que um *design* esquemático é meramente um recurso didático, e apenas isso, para melhor compreensão dos fluxos que existem, como a moral a ética, a justiça, a ideologia, a nossa própria individualidade e tudo o mais que buscamos, desde o início, materializar conceitualmente. Há uma disformidade na estrutura que precisa ser percebida e defendida, pois estamos a lidar, ao final, com o caos.

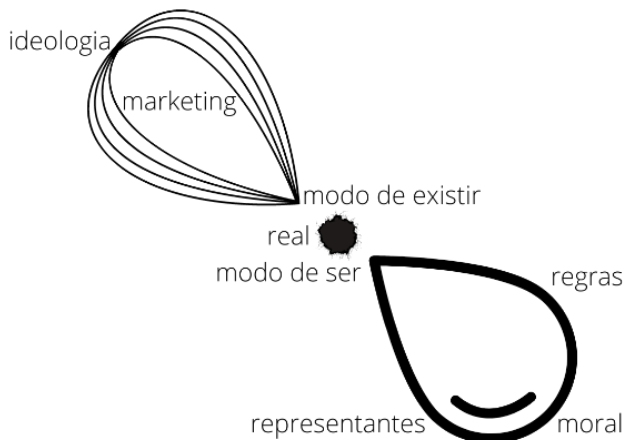


Figura 2 – Esquema dinâmico da estrutura do possível

O que nos importa, por agora, é reconhecer que a ética passou a nos ser mais necessária quando do sucesso do processo ascensional.

Não se deve esquecer que há um jogo em andamento, afinal, e este processo ascensional é também uma competição. Eis que a velocidade é mesmo uma habilidade ou qualidade preciosa que se reflete com a obsessão pela produtividade, que é fazer mais em menos tempo, e com menos recursos, se possível. Daí, o homem fica mais preso ao tempo e ao espaço – à velocidade e à ética – através das métricas do mercado que a tudo precisa mensurar – pelos mesmos números que Platão já tinha denunciado lá no Timeu – que são os ciclos de retroalimentação moral e ideológica, da afirmação que precisa ser constantemente feita pelos jogadores que querem sempre saber quais ganhos ascensionais estão a obter para si próprios. Não quer problemas com nada, nem com ninguém, pois tais problemas o reteriam, algures, e o deixaria de fora do jogo até que pudesse resolvê-los. Por isso, precisa tanto da ética quanto da velocidade. Se a ética sempre o deixará ilibado, a velocidade o projeta à ascensão.

Não seria estranho dizermos que a velocidade está para o tempo assim como a ética está para o espaço. Mas, qual seria a relação entre a ética e a velocidade? As Ciências Humanas poderiam se interessar pelo tema, por uma proposta de se estabelecer uma equação da sociedade ideal, tal como existe na Termodinâmica, quando a Lei de Boyle-Mariotte⁷⁸ nos afirma, basicamente, *«que o produto da pressão e do volume é uma constante para uma devida massa de gás confinado enquanto a temperatura for constante»* e isso pode servir de inspiração para percebermos a estrutura de forma diferenciada e termos um modelo de previsibilidade social, ao menos para percebermos o curso das mudanças possíveis.

Se fôssemos arriscar um palpite, poderíamos arriscar que o produto entre a velocidade que temos e a ética que exercemos nos dá sempre uma constante, dentro de uma dada estrutura fechada. E, qual seria esta constante? Justiça. Quando provocamos o aumento da velocidade, a ética é proporcionalmente reduzida – e a justiça permanece constante. Quando a estrutura evolui, e a justiça se expande, podemos aumentar tanto a ética quanto a velocidade, sem prejuízo a nada – e só assim. Por isso, mas não com base neste devaneio intelectual, consideramos que a velocidade assume importância igual à ética, mas ela nem sempre é considerada como relevante, lamentavelmente. Mas, perceberemos melhor isso ao abordarmos o politicamente correto, e ficará mais clara a relação proposta.

Na era do neoliberalismo, em que tudo é ou vira produto, onde até mesmo o tempo é vendido como produto, sem pudores, vale lembrar que nem tudo o

⁷⁸ Saiba mais em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_de_Boyle-Mariotte.

que é vendido é entregue. E assim o tempo pode ser também vendido, mesmo com tantos pudores que passa a ser realmente obscena a sua comercialização, como os lucros das grandes redes sociais que vendem o tempo dos que se conectam a elas. É um negócio brilhantemente ético, afinal, em que se usa os conteúdos produzido pelos que os postam nela, gratuitamente, ou quase isso, e geram fluxos de pessoas que consomem estes conteúdos, que se entretêm ao assistirem vídeos, verem fotografias ou lerem textos, supostamente, de forma gratuita, tudo o que os outros produziram gratuitamente. Tudo tão democrático, expressivo e livre – e pensamos ter atingido o ápice da humanidade.

Pois não é este um dos sustentáculos de um dos maiores mitos do politicamente correto digital: ter informação ilimitada e liberdade de expressão garantida? E a internet dá o que todos querem: a máxima velocidade de aceder instantaneamente ao que é instantaneamente publicado. Nossa vida passou a estar no instante, o mesmo instante em que nunca estamos, e que nunca o encontramos ou percebemos.

Mas, o usuário das redes sociais, tanto ao consumir o conteúdo ou ao produzi-lo, está ali a dar, gratuitamente, o seu tempo, e é neste espaço público artificial, construído tal qual uma arapuca, em que os verdadeiros predadores vendem o tempo dos usuários aos outros predadores do bando, as corporações, ou quaisquer outros interessados que queiram e possam pagar o preço do tempo das presas – e o tempo das presas é a própria vida delas – pois a vida é mesmo o tempo que temos, e o que fazemos dele, ou com ele. E quantos não são os “produtores de conteúdos” que, ao buscarem os melhores ângulos e cenários, não acabam por cair de penhascos, serem atingidos por coisas previsíveis ou mesmo fazerem coisas tão bizarras e que atentam contra tudo o que é um mínimo desejável em nosso social? E tudo em nome da produção que gerará a demanda para seus conteúdos.

O incauto usuário acredita que tudo na internet é gratuito, que é um paraíso selvagem em que ele pode transitar, ou navegar, sem limites ou ônus, enquanto ele mesmo é o produto que está a ser vendido como presa fácil que é, sem que sequer desconfie disto, pelo contrário, pensa que é o próprio predador a caçar na selva digital. Existe um verdadeiro predador que é constantemente monitorado e controlado? Não, pois isto são atributos apenas das presas. Não querem ele, propriamente, em verdade, pois monitoram não com interesse no que ele é pessoalmente, mas sim pelo seu tempo, que é o que possui de mais valioso, afinal.

A busca pela velocidade é isto: um aprofundamento ético-temporal no qual se afunda muito mais na ideologia do que se não estivesse a procurar tal velocidade. Afinal, para que serve a velocidade se não para ficar mais preso à própria estrutura que se deseja transitar e explorar mais do que se faz

atualmente? A velocidade leva ao excesso ideológico, indubitavelmente, e é ela a quase-materialidade de nossa ideologia neoliberal.

A ideologia atua de forma semelhante às corporações, incluindo as redes sociais, que deixam seus usuários presos pelas possibilidades que a velocidade de consumo traz e, assim, vendem os tempos dos que são atraídos pelas iscas das oportunidades e caem e ficam em suas arapucas através das suas dedicções gratuitas e voluntárias para quem pague mais em seus leilões de tempo, destinados aos anúncios que serão igualmente consumidos avidamente, velozmente. Não há segredo, e todos já sabem disto – é algo não só aceito como já desejado por muitos pais que desejam isto para seus filhos: que venham a ter uma “carreira” brilhante como influenciadores. No caso das redes sociais, há uma transação em dinheiro, rastreável e formalizada, amparada pelas regulamentações (regras) vigentes. Uma parte disto, obviamente ínfima, é paga aos melhores – e daí o ciclo de retroalimentação passa a existir, e cria-se uma hierarquia, pois passa a haver um topo a ser atingido. Uma reprodução ideológica que todos conhecemos, mas que nunca identificamos muito bem, até aqui. A questão valiosa aqui, não é sobre o que sabemos, mas sim sobre o que ainda não sabemos nesta ideologia: sobre quem “compra” e quem “paga” pelos tempos de “usuários”, pois só percebemos os intermediários, assim posto.

Não nos poderia parecer absurdo dizer que a velocidade é mesmo um atributo a ser buscado por todos nós, e isto requer apreender qualificações e habilitações (capacitações) rumo a um estado de diferenciação que sempre se traduzirá como ser alocado (escolhido) mais ao topo da estrutura, para se estar cada vez mais afastado da maioria, a superar a nós mesmos com diferenças cada vez maiores – a sagrada seita da autoajuda defende muito isto atualmente: melhore a si, vença a si mesmo, um pouco mais, a cada dia – e recomendam isso pois perceberam que subir na estrutura, ou seja, dar resultados com suas fórmulas de sucesso, não tem resultado muito bem para seus clientes que acreditam nas promessas e pagam pelos “x” passos para o sucesso, e daí inventaram a competição solitária consigo mesmo, pois eliminam a vergonha do cliente pela derrota em relação ao outro que o vencerá, obviamente. Se alguém perde para si mesmo, é porque ganhou de si próprio – e está tudo bem na lógica da velocidade ilimitada que a autoajuda promete dar.

Fora da autoajuda, a máxima velocidade que se conhece é a da luz, a impressionantes trezentos mil quilômetros percorridos em um único segundo, aproximadamente, e isto é de uma grandeza quase próxima que nós humanos queremos superar, inclusive, quando percebemos que poderíamos até sermos mais rápidos do que a própria luz, talvez ao escutarmos esta possibilidade dada por algum *coach* nos palcos da vida a nos dizer que isto é

possível, se soubermos de um segredo que eles possuem para quem de nós se atrever a pagar por tal revelação.

O ideal ético – a ética percebida em nossa própria representação, portanto, passa a ser, assim: atingir e superar a própria ideologia, através da ideia de se atingir uma dimensão sobre-humana daquele deus despersonalizado e sem face que lapidamos entre o nosso modo de ser e de existir, nas profundezas de nossos abismos, que lidar com o abismo pode ser o mesmo de se atingir uma dimensão realmente divina, ou monstruosa, em que atributos como a onisciência, a onipotência e, principalmente, a onipresença sejam também atributos apreendidos por este novo sobre-humano que poderemos ser, com a máxima velocidade que poderemos obter e que, ao fazer uso dela, chegarmos no topo dos topos.

E, com isto, a ética sempre se funde aos nossos modos existenciais, e ela nos é totalmente aderente pela possibilidade clara e explícita, obscena, de se atingir a perfeição idealizada de uma transformação divina. E, sim, a ética também é um produto, afinal, mas um produto superior, precioso e sofisticado, pois é o único que é totalmente personalizável, realmente, e que parece que foi feito à nossa justa medida, para nos servir com perfeição. E a própria ética passa a ser as mais desejadas das possibilidades prováveis, quando projetada ideologicamente como uma representação instrumentalizada de nossa melhor versão que nunca existiu e nem existirá – mas é a nossa melhor “*fake news*”, desde sempre. Nasceu, aí, nesta orgia ética, o movimento do politicamente correto, que é um dos pacotes éticos mais populares e aderentes atualmente, e com um estrondoso sucesso de vendas que parece não ter chegado ainda ao fim, pelo contrário, nos parece ser apenas um começo dos novos tempos utópicos que acreditamos estar a adentrar: o paraíso neoliberal.

O melhor, por agora, é não confundirmos o politicamente correto, que mais parecem sinalizações de trânsito, com a ética. A ética é muito mais do que isso, pois ela dá perspectivas. O politicamente correto possui apenas uma perspectiva – que é, obviamente, a correta.

Se as éticas fossem como as sinalizações de trânsito, então elas também seriam regras, e nada mais. E até pode ser compreensível tal comparação, e nem seria mesmo muito incoerente afirmar isto, como se pudéssemos confundir o corpo (regras) com o espírito (ética), numa analogia meditativa e zen-metafísica, quando não se consegue separar, epistemologicamente, um do outro, mas que há a premissa quase assertiva de que um espírito transcendental, caso exista mesmo, não conseguiria expressar todas as suas infinitas e avançadas capacidades transcendentais através de um corpo imanente e limitado. Por isso, há que se perceber que tal confusão ou disparidade ontológica remeteria ao mesmo problema, de considerar uma unidade inexistente composta por uma dualidade inviável, sem que se saiba

precisamente o que é cada coisa, mas que se afirme criminosamente que a perfeição da ética não consegue se expressar pela imperfeição das regras. Uma coisa é uma coisa, e outra coisa é outra coisa.

A ética tanto pode ser confundida com as regras, como pode ser também apenas a expressão da intenção refinada destas mesmas regras, através da ação de seus representantes, provocada como um artifício “maligno” para a ampliação da dominação normativa, como se o corpo (ou cérebro) inventasse o espírito (ou mente, ou consciência) para justificar suas faltas e tantas outras agruras existenciais para que se tirasse a atenção da realidade indesejada do caos existencial do impossível para uma idealizada, perfeita e, obviamente, possível, das nossas melhores utopias sonhadas.

O que acontece, para impedir este argumento, é que a ética é resultante dos múltiplos convívios (nós conosco mesmos, e nós com os demais), e dos problemas que emergem provocados pelas nossas próprias inconsistências existenciais (nossos abismos) nas quais não podemos contar com uma direção estratégica para lidar com eles, e partimos para uma espécie de soluções para crises, tal como ocorreu com Séverine. Por isso, a ética não pode ser meramente estratégica ou planejada para um coletivo universal, como muitos intelectuais deliram. Ainda que ela seja completamente artificial, precisa ser antes de tudo extremamente funcional, capaz de lidar com o acaso e com a imprevisibilidade – a ética não quer atingir nenhuma verdade, pois ela quer apenas uma solução existencial. E, mais uma vez, busca-se indevidamente a tal da universalidade. A ética não é um produto das regras, mas a própria intenção de se sair delas, definitivamente, pois é a ética a nossa esperança de liberdade máxima – talvez a única, que acabamos de chamar de deus, que nos libertará de algo que não percebemos bem o que é, mas que sentimos nos prender. Por isso, por vezes, hesitamos. A ética é a resposta que damos anos mesmos, para prosseguir adiante. E eis porque sempre ouvimos coisas como «*deus proverá*», «*just do it*» ou «*keep walking*».

Por isso a ética já incorpora em si algum grau de validação de veracidade do que está contido nas possibilidades alucinadas – para que sirva aos mais inteligentes, lógicos, filosóficos, críticos e até mesmo para os ateus que já sacaram a malandragem do *marketing* religioso, mas que negam deus, mas defendem a ética, sem perceberem que são a mesma coisa, ou quase sempre, quando uma coisa não é uma coisa, nem outra coisa não é outra coisa, cinicamente ao que afirmamos logo atrás.

Pois “coisas” são oportunidades, são produtos disponíveis, eminentemente, dadas pelo *marketing*, que só pode dar mesmo isto, oportunidades – o que as regras não fazem e, portanto, é a ética que valida o que há de mais provável ou pouco provável nas ideologias, e valora tais validações na perspectiva da utilidade, da fluidez, e por isso também contém

um conteúdo moral oriundo dos ajuizamentos que são necessários de serem feitos. Não são as regras que influenciam na ética, mas sim o oposto, ainda que não seja esta a funcionalidade precípua da ética. Por isso também, ela é intencional e sempre prezará pela fluidez da estrutura principal (moral, ideologia e regras), seja para prosseguir, chamar a atenção ou até coibir o fluxo, mesmo que as regras não estabeleçam claramente algo, ou não estejam presentes através de sinais claros, a ética cobrirá estes espaços vazios, pois ela é feita mesmo para isso, para cobrir o que não há. Afinal, ela se origina do abismo, o seu *habitat* natural.

Mas ela pretende dotar as pessoas de instrumentos comuns que, pelo uso da razão, em verdade nem sempre suficientemente utilizada por todos, podem evitar problemas para os demais e, portanto, para si também, e assim possui um cariz um tanto quanto diretivo, tanto quanto preventivo e também um tanto quanto profilático. Tudo um tanto quanto, mas nada em absoluto. Tudo em perspectiva, mas nada nunca universal, mesmo quando tentaram (e ainda tentam, incansavelmente) fazê-la assim, em vão.

É correto dizer que a ética vem do exercício do convívio, da pós-acomodação que faz com que tudo seja fruto de um desejo de melhoria contínua de um espaço público, mas que já seja logo funcional ou operacional, produtiva e que permita mais eficiência e atividades em seus meios, ou simplesmente mais possibilidades validadas e valoradas, para além das regulamentações estabelecidas, sempre limitadas e vulneráveis.

Se há o desejo de mais possibilidades, é certo que há intrinsecamente um sentido voltado para o desejo da liberdade, em que os cidadãos se revestem deste senso ético, ou de autorresponsabilidade, para se afastarem dos pesos e restrições impostas pelas regras que, muito antes de os sufocarem, acabam por os confundirem.

Como ser verdadeiramente livre se há regras insondáveis a serem cumpridas? Eis a sombra consciencial das regras que pode ser liberta pela ética, sempre luminosa.

E por isso que é preciso uma dimensão na qual se possa perceber acerca das possibilidades das possibilidades, em que todos, inconscientemente, e socialmente, sempre aspiram por terem direitos, mas nunca obrigações. Todos, sem hipocrisias, queremos o prazer da máxima fruição da vida sem termos de trabalhar por isso. Queremos ser escolhidos, ungidos, mas preferencialmente sem sermos capacitados, sem o esforço de tal façanha. Se o fazemos, é pelo motivo de sermos nós a face de deus. Para além da hipocrisia, é esta a verdadeira condição humana, desde o advento da linguagem. Fora disso, termos os jogos, que jogamos ludicamente, sem trabalhar de verdade, apenas a agir por prazer – nosso mais profundo ideal de vida.

Eis o nosso retorno aos jogos, enquanto atividades que possuem prazer em si mesmas, sem serem um trabalho / labor constituído como percebemos. A ética busca ser a interface para toda a extensão deste nosso esquema conceitual do possível, principalmente quando confundimos deus com alguma destas instâncias esféricas, como por exemplo com a ordem simbólica de uma força transcendente mas que passamos a tê-la de forma imanente, ao assumimos que é “ele” quem está a interferir diretamente em tudo o que resulta nas nossas ações ocorridas em nossos relacionamentos estruturais – não é “ele”, nem as regras – somos nós mesmos, em nome do pai, em nossas dimensões éticas, a permear pelo nosso abismo existencial.

Assim, se formos capazes de mergulharmos em nossos próprios abismos, sentiremos a necessidade de afastamo-nos das regras, principalmente das mais rígidas que sentimos nos prender, pois teremos uma intenção de nos aproximarmos mais das possibilidades mais extremas, quase caóticas, fronteiriças ao real, que são prometidas ou vislumbradas quando optamos por não sermos de um modo, a preferirmos existir de outro, nos *bugs* existenciais que temos e que nos torna mais aderentes às possibilidades, que nos parece ser a liberdade que se espera de uma vida mais ideológica, mas sem ser nem utópica, nem distópica, na qual a ética nos parece ser a solução. O que será disto tudo, no nosso futuro social, não sabemos, e é isto que nos angustia, de todo, pela transcendência sempre inviável a que nos submetemos sem que consigamos projetá-las. Éticas são disfuncionais nas utopias e distopias, e vice-versa, e também é por isso que nem o temor do futuro distópico de Hans Jonas e nem a libido pelo futuro utópico de Immanuel Kant não são suficientes para nos levar a agir eticamente. E ética é estrutural, e completamente presa ao nosso próprio tempo individual percebido, dada pela nossa própria perspectiva.

Em contrapartida, se optamos mais pelo nosso modo de ser, a nos afastarmos do nosso modo de existir, por uma maior tendência à imanência, a lembrar que a ética é sempre transcendência e por isso isto é apenas uma tentativa instrumental, mas que pode ser legítima e sincera, não haverá um afastamento tão considerável das regras mais rígidas, e principalmente haverá a intenção (ainda em vão) de se aproximar dos valores morais mais profundos que temos – do nosso verdadeiro deus interior, a refletir em nossos relacionamentos como amor, respeito e compreensão, sejam valores compartilhados ou individuais que evoquemos, que resultará na revisão constante dos nossos juízos acerca dos nossos atos e comportamentos, nos aprimorando as formas esperadas de conduta voluntariosa, quando teremos uma vida mais pautada em valores verdadeiros em detrimento a uma forma socialmente esperada sobre o nosso modo de existência. Poderão até mesmo considerarem loucura, insanidade e inadequação os que agem assim. Serão diferenciados, realmente, a buscarem tornar corpóreo algo que é espiritual.

E assim podemos explicar Madre Teresa, Irmã Dulce, São Francisco de Assis, Mahatma Gandhi, dentre muitos tantos que passamos a admirar pela capacidade de doarem o que não possuíam, mas que ainda assim deram muito mais do que receberam. Muitos destes ainda estão dentre nós, anonimamente, a trabalharem para os mais desprovidos, sem nunca receberem o valor que merecem em vida, pois só são percebidos quando o tempo os afasta da realidade. Sempre o tempo, sempre a perspectiva. Quando fazemos um pouco disso, muito pouco, já passamos a ser mais nós mesmos, para o bem e para o mal, mas resistimos de forma sutil a um avanço muito grande nesta abnegação estrutural, e por que não dizer, o fazemos eticamente. O bem, agora, nos parece um tanto diferente.

35. A genealogia mercadológica da ética, os projetos éticos

Nenhum valor é eterno, fixo e completamente imutável. Pois os valores são nossos, e duram enquanto durarmos. E, como bem percebemos, mudamos ao durarmos, ao estarmos presentes e/ou existentes no tempo e no espaço. Os valores, também. Somos, em última instância, os nossos próprios valores. Morremos sempre, mas logo voltamos ao terceiro dia, no máximo, pois até para isto queremos ser mais rápidos, mas sempre voltamos mais vivos do que nunca, e sempre renovados. Quem nos trazem de volta? Nossos valores mais centrais e nucleares – o nosso deus interno e privado, criado à nossa própria imagem e semelhança.

Seriam nossos valores mais centrais, logo a seguir a deus, os serafins? E bem depois destes, os arcanjos? Os mais periféricos e novos, os anjos? E o que dizer dos decaídos, como Lúcifer? O que se passou com ele? Para onde ele foi? Eis a importância de percebermos, sempre, este fluxo que temos na moral que constituímos e a qual nos agarramos como se nossas vidas dependessem apenas dela – e talvez dependam mesmo. São representações que podemos pensar, pois tais entidades divinas possuem supostamente movimento e são quase que incorruptíveis, exceto Lúcifer, e talvez mais um ou outro.

Nossos valores, assim, se movimentam e se transformam – para o “bem” ou para o “mal”, pelos conteúdos que se correlacionam nas formas esquemáticas que bem conhecemos. E se transformam tanto quanto os modos existenciais dos indivíduos que ao buscarem suas possibilidades passam a apreender mais conteúdos que serão ajuizados em valores que representam. E tudo se projeta assim, na cadeia da retroalimentação ética, a pular no abismo existencial.

Assim, esta moral individual e compartilhada, exercitada, afinada e refinada eticamente, tende a se expandir, juntamente com seus “donos”, e a se aproximar, com o tempo, mais fidedignamente ao que a ideologia mais valoriza, pela adesão causada pelo *marketing*, pois a ética permite um fluxo quase perfeito para todos se movimentarem e, conseqüentemente, atualizarem ideologicamente seus valores. Quem resiste, passa a ser excluído, pela inadequação que passa a representar.

Pois nas ideologias estão todas as possibilidades, conceitualmente estabelecidas, e que carecem de alguma gestão mercadológica – e daí temos o *marketing* a operar tal fluxo ideal entre as ofertas e as demandas. E o *marketing* faz o que é preciso, ao usar da ética como forma de ordenação do tráfego logístico para acesso a elas (ou a lançar novos caminhos para os que não logram progressos, ou talvez oferecer caminhos mais exclusivos para os

querem ainda mais, pois a ambição humana é sempre insaciável). O marketing opera também sobre o posicionamento ou “*ranqueamento*” de uma oportunidade em relação a outra – e que serve de critérios para se embasarem os juízos coletivos, que são compartilhados enquanto estão a serem validados pela própria ética, dentro de suas escalas não totalmente universais, mas sim nas perspectivas formadas a partir dos níveis compartilhados de desejos, crenças e vontades, coletivamente. E é por isso que há a impressão de que são as individualidades que elegem suas preferências, e não o *marketing* que causa tais preferências, que continua imperceptível, como sempre.

O protagonismo da individualidade vem daí, das operações éticas, que em síntese dá ao usuário a certeza de ser suas deliberações oriundas de sua exclusiva capacidade de agir, de sua autonomia constituída e independente das regras. Assim, criam-se facilmente os critérios éticos para que as possibilidades possam ser disposicionalmente categorizadas qualitativamente como valiosas, raras, importantes, imprescindíveis, etc. – e todas à disposição do usuário ético.

A própria ética leva à ontologia aos níveis hierárquicos das possibilidades, nada mais obscuro dentre tudo o que poderíamos imaginar. E assim temos sempre conosco a disposição ética para nossas próprias considerações sobre o que seja o mais ou menos certo, ou o mais ou menos errado, a antecipar os movimentos coletivos, e já passamos a agir “eticamente” impregnados com a segurança de poder prever eficientemente se nossos atos serão, antes de tudo, éticos ou não – e tal preocupação nos dirige para a nossa deliberação – acreditamos deliberar por sermos livres, mas para sermos livres temos que sermos éticos – e é essa a nossa prisão, sem grades, nem cercas, mas num ciclo ético-temporal inexpugnável.

Por isso, se é a ética que nos constringe o agir realmente livre, que nos dá a volição para que possamos prever e enquadrar nossas ações como éticas, podemos até pensar que ela não poderia mesmo ser algo libertador, em essência, como comumente imaginado. Mesmo sendo ela um grande progresso existencial pela melhor convivência que conquistamos socialmente – o que é um facto ou uma interpretação, enfim – não há uma forma clara sobre o que seja mesmo a ética, territorialmente limitada – e por isso existem inúmeras propostas que sempre buscaram capturar tais critérios éticos – para justificar a própria ética como viável e preciosa.

Como poderia, afinal, algo que é feito para libertar o indivíduo ser ele próprio um instrumento limitado por conceitos fechados e imprecisos? Eis um dos pontos conflitantes para os teóricos da ética, que sempre querem delimitar uma ética supostamente criada para ser universal, a que tudo se aplicará. É o cúmulo das inconsistências filosóficas, mas profundamente defendidas pelos devotos e fundamentalistas éticos como algo viável e necessário.

Mas assim o fizeram, desde o episódio da cobra falante, e buscaram modelos de várias éticas para serem replicadas socialmente, de forma quase imposta, decretadas como se fossem regras a serem seguidas, como se assim pudesse ser. Ainda estão por aí, mesmo que a maioria estejam a acumular poeira nas estantes das bibliotecas acadêmicas. Fracassaram profundamente, sem se chegar a algum lugar consistentemente relevante.

A ética já se assume, nestas formas artificiais e pretensiosamente impostas, como uma subversão implícita para que se possa impactar a moral individual e coletiva – talvez por algum fetiche inconsciente com o deus individual que habita no outro – e por isso estas éticas são propostas como algo não somente disposicional que deveria balizar as condutas e ações, nas interações que ocorrem no devir. Mas tais éticas de proveta sempre possuem consigo alguma pretensão de implantar um fator pré-disposicional, pois assim seria ela mais facilmente uma influenciadora da própria moral compartilhada, muito mais fácil de se adulterar do que a moral individual. A proposta é que o indivíduo continue sempre a acreditar que está a agir por conta própria, enquanto está a reproduzir o que se espera dele. As pretensões conceituais destas propostas éticas sempre partem contaminadas pelas visões morais de seus próprios proponentes. O bem e o mal já vem prontinhos para serem consumidos. Veremos algumas delas, a seguir, logo em breve.

É por esta capacidade virtuosa dada por uma ética de proveta que também se aceitam as falhas que não são inerentes aos indivíduos como se fossem por ele provocadas, e cada um assume o que há de errado no mundo como se fosse sua a responsabilidade. Se há no mundo oito bilhões de humanos e apenas 3 bilhões de vagas de trabalhos, é esta dimensão virtuosa da ética de proveta, grosseiramente manipulada e enviada goela adentro pelo *marketing* ideológico que nos leva a acreditar que todos podem ter um emprego, e caso não tenham é por não terem sido bons o suficiente – e isto faz com que não se perceba que a impossibilidade está na estrutura e não em cada um que fica excluído de seu posto de trabalho. O demérito nunca é do sistema.

Nestes dias, emitiram um comunicado de um dos representantes da Associação de Alunos, que também é um aluno, obviamente, que foi democraticamente eleito e está a cumprir suas atribuições como se espera dele. Eis que um trecho desta referida comunicação emitida pelas vias oficiais da Universidade, aqui transcrito na íntegra, informa acerca da pesquisa de satisfação acadêmica: *«Consideras que após terminares o curso tens as condições mínimas para entrar no mercado de trabalho? Quando questionados sobre a entrada no mercado de trabalho, 53,8% (21 estudantes) consideram que o curso que frequentam lhes dá as condições mínimas para entrar no mercado de trabalho, enquanto 46,2% (18 estudantes) não se consideram preparados.»*

Há, aí, duas associações ideológicas, propiciadas pelos fluxos éticos:

▪ Uma associação ideológica do sucesso (1 - das apreensões das possibilidades oriundas do mercado de trabalho) do aluno para o mercado de trabalho (2 – das oportunidades dadas pela vaga a ser apreendida) com a qualidade do ensino acadêmico (3 - uma regra a ser seguida e prezada, portanto).

«...consideram que o (3) curso que frequentam lhes dá as (2) condições mínimas para entrar no (1) mercado de trabalho...»

▪ Uma associação ideológica do insucesso (da impossibilidade dada pelo real) do aluno está correlacionada não à instituição, nem a nenhum outro fator, mas apenas ao próprio aluno, já classificado como não qualificado ou meramente despreparado. Nunca há muitas sutilezas em questões assim, e são todas elas sempre obscenas, a dotar o indivíduo de uma culpa que não pode ser apenas sua, mesmo que tenha alguma. Pois, muitos se esforçam muito, e não recebem as oportunidades que merecem.

«... enquanto 46,2% (18 estudantes) não se consideram preparados...»

Através destes fundamentalismos éticos, a expressão da ética pode mesmo sere tão “materializada” ao ponto de ser transformada em regras e diretrizes formalizadas, escritas e definidas como imperativos, leis e outras formas legislativas que os propositores dos códigos éticos estabelecem, tais como mandamentos, contratos sociais, constituições ou códigos de leis em âmbitos criminais, civis, aduaneiros, etc., tanto quanto seja possível definir territórios do espaço público, as leis disfarçadas de éticas de proveta estarão lá, como normativas formais para dirigir o comportamento e limitar os excessos. Por isso, já deixa de ser apenas disposicional, mas nunca totalmente. A ética completamente disposicional sempre terá supremacia em relação ao que está estabelecido formalmente, até mesmo sobre uma ética de proveta, se assim entendemos. Os acordos formados entre as individualidades sempre tenderão a ultrapassar as formalizações estabelecidas, muito mais instanciadas nas individualidades ajustadas entre si do que na coletividade que está para além delas. Um casal, por exemplo, pode quebrar muitas das regras sociais apenas entre eles, e cumpri-las todas, quando individualmente.

É fácil perceber que uma lei é tanto mais duradoura quanto mais for ela a representante de uma moral mais profunda e inflexível, ou seja, quanto mais disposicional for, mais fidelidade a ela ocorrerá. Para a ética advinda das morais mais dinâmicas e superficiais, mais flexíveis, as leis que as representam serão as desobedecidas e as primeiras a ficarem caducas, provavelmente. Algumas delas, nem mesmo nunca serão cumpridas. Se o *marketing* não valoriza uma lei, ninguém a cumpre também.

Enquanto a moral é parte do caminho dos indivíduos para a ideologia, que resultarão nas leis, a ética é parte do caminho da ideologia para os indivíduos, pela projeção e promoção dada pelo *marketing*, e estes dois caminhos resultarão no que se considera ser a deontologia, que é o esforço de

formalização do que seja uma declaração ideológica do que é o correto, o necessário, o justo – dos valores considerados bons e convenientes, positivos. A deontologia é todo o esforço ideológico que pretende ser muito mais do que uma lei formal, mas um imperativo de dever com a pretensão de que todos o tomem para si como suas próprias máximas, e que todos cumpram o que está estabelecido apenas por ser isto o melhor que se deve fazer, por uma obrigação da própria razão de existir. São antagonismos que precisam ser percebidos, e por isso sempre acabamos metidos em conflitos e com falta de percepção sobre nossos próprios propósitos existenciais, que nos são dados, empurrados goela abaixo.

Quando as brechas das leis que são usadas cotidianamente tornam as leis fracas, por se tornarem elas próprias uma via expressa, uma encruzilhada, os imperativos deontológicos buscam suprir esta falha, mas nunca com sucesso – pois não sabem que a ética é justamente feita para dar fluidez ao tráfico e fazem como se estivessem a jogar gasolina na fogueira. Muito facilmente os que estarão a transitar por lá usarão dos preceitos deontológicos para justificarem o que estão a fazer, pois a ética não assume um lado, mas sim uma perspectiva. E tudo vai abaixo.

Pois, nem mesmo a moral nem mesmo a ética serão alguma vez universais, dado que a própria universalidade é uma impossibilidade conceitual. Estamos a considerar dimensões, territórios e, assim, com delimitações, com certas instâncias de caos, mesmo dentro da ordem supostamente estabelecida. Nisto, neste embate que ocorre desde sempre, nasce a preocupação com o que seja a justiça, o que seja o fio mediador entre estas forças e acontecimentos que possa, afinal, estabelecer as condições limítrofes entre as individualidades e as coletividades, visto que a moral não basta, a ética ajuda muito, vai além, chega quase lá, mas não consolida a paz perpétua mundial. A justiça passa a ser uma boa aposta, e muitos bons pensadores passaram a apostar nela todas as suas fichas.

E agora poderemos abordar alguns dos projetos éticos que já foram propostos, além de muitos outros que sempre acabam por aparecer.

A primeira é a ética das virtudes, a mais antiga, tornada consistente desde Aristóteles. Mas, a rigor, esta ética não direciona a uma forma de agir, não estabelece o que seja o melhor a se fazer. O que ela prioriza é justamente o modo de ser. Assim, em nosso esquema conceitual do possível, ela atua entre a moral e o modo de ser.

Mas, a inconsistência, neste caso, é que o que é considerado como virtude é a própria forma de agir do indivíduo – é o seu modo de existir que o fará ser generoso, corajoso ou justo, por exemplo. Assim, há uma subversão quando se assume que o modo de existir passa a ser um precedente para o modo de ser. Que a ideologia seja a balizadora da moral. E isto tem sido bem aceito nos tempos atuais, com a maior aderência que temos tido, em especial

no que resultou no movimento do politicamente correto, em que passam a ser determinações ideológicas que nos dizem o que é o bem, e também o que devemos fazer, sem nenhum espaço para além disso.

Por isso, que Aristóteles tem grande influência na ética atual, pois o que a virtude nos faz, basicamente, é ter uma boa vida – e isto é tráfegar bem pelas encruzilhadas como o que há de mais relevante na vida, e o que configura uma vida boa. Mas, em si, não sabemos mesmo o que estamos a fazer, categoricamente, entre o que é mesmo o bem e o mal para a nossa perspetiva e para a perspetiva social. Falta a responsabilidade, a lucidez do agir, portanto, que é muito mais do que transitar sem que tenhamos constrangimentos. O fim (ser virtuoso) passa a ser o meio (transitar sem constrangimento), em perspetiva mais ampliada.

Já Kant, ao propor sua ética, e que muito foi derivada e reproduzida, desde então, fundamentou todo o seu argumento sempre com base em uma universalidade. Por isso, nada nela é mesmo operacional, embora seja profundamente sedutora, como tudo o que nos dizem ser universal.

O que estabelece, mesmo em síntese imprecisa, tal ética de Kant? Uma determinação de um imperativo, com base no dever que é racionalizado, no qual tanto pode levar a um constrangimento para se agir como também pode levar a uma obrigação para a ação ética. Kant estabelece que se deve agir *«como se a máxima da ação se deve tornar, pela vontade do agente, uma lei universal da natureza»*. Insere a natureza como atributo da universalidade, como se na selva ela também pudesse ser considerada viável. E, assim, percebemos que Kant deveria passar uns tempos connosco, por aqui, na nossa selva conceitual do possível, visto que a natureza é ela própria uma perspetiva, assim como a selva.

Na selva, todos respeitam naturalmente a todos, pois ninguém desrespeita sua própria refeição. É esta natureza que estamos a buscar racionalizar? E isto não é exagero. Saramago, o grande, em entrevista ao apresentador brasileiro Jô Soares, ressaltou que a crueldade não existe entre os animais, mas sim dentre nós, ditos humanos racionais. E isto é ou um facto ou uma interpretação, neste caso, que precisa ser perspetivado para que, caso queiramos buscar o ideal da natureza selvagem, estará aí algo intransponível para a humanidade, pois já nos desalocamos desta estrutura, sem retorno possível, e, portanto, isto é eticamente inviável.

O que Kant não considerou foi a natureza desta sua perspetiva, pois se concentrou na perspetiva da natureza. Ele estava a operar dentro de uma perspetiva profundamente ideológica, já com a visão turvada pelo ideal cristão de existência, desconectado da humanidade, que julgou ter uma racionalidade pungente, enquanto o que temos mesmo, é uma obscenidade ideológica, por vezes, que nos dirige o que dizemos ser racional. Assim, ele

trouxe o universal (ideologia no mais algo grau) para esculhambar toda e qualquer proposta que poderia ter como mais consistente e prática, viável.

Esta ética de Kant direciona a uma forma de agir, ainda que utópica e imprecisa, pois não estabelece precisamente o que seja o melhor a se fazer, mas ao menos deixa que a decisão seja dada na perspectiva individual, mesmo ao errar que esta se dará com base em uma universalidade inexistente. O poder, portanto, é do agente, na qual ele pressupõe corretamente uma busca pela liberdade, ainda que por modos duvidosos. O que ela prioriza, portanto, é justamente o modo de existir em primeiro lugar. Deste modo de existir, busca uma conexão com as regras e com os representantes.

Ser ético, para Kant, é ser racional e ter valor nas regras sociais e nos relacionamentos. Explicita isto em seus imperativos, quando promove que o próximo seja sempre um fim, e não um meio. Assim, em nosso esquema conceitual do possível, a ética de Kant atua entre a moral e o modo de existir – e isto faz ela ser um pouco mais abrangente do que ética do dever, que se limitava ao modo de ser.

Se a ética do dever tinha um sentido descendente – do modo de ser que atingia a moral, a ética de Kant tem um sentido ascendente – da moral que influencia, pelos relacionamentos e regras “universais”, um modo de ser profundamente racional que leva ao modo ético de existir. Foi um avanço, mas deixou de fora o que mais influenciava sua teoria: a ideologia cristã – que como todas as “boas” ideologias, sempre acaba imperceptível. Kant nos mostra como a ideologia pode subverter até mesmo as mentes mais brilhantes que surgem entre nós – seu trabalho é, indistintamente, memorável e inigualável, o que nos leva à conclusão de que a ideologia influencia o modo de existir, mas não o modo de ser, onde reside a genialidade.

E temos também o consequencialismo e o utilitarismo, lado a lado.

O consequencialismo, como sugere o nome, se preocupa com o resultado das ações, de suas consequências. Por isso, defende que tudo passa a ser o bem desde que seja o melhor a ser feito. O ético passa a ser o bem agir, pelo melhor resultado que este passa a oferecer. E, como se agir? De qualquer forma, desde que a lei não se oponha. E aí está o problema! A lei, com suas inúmeras brechas, caducidades e influências do *marketing*, não nos dá muito sobre nada. Para muitos criminosos, especialmente os do colarinho branco, é justamente assim que pautam seus crimes que nunca resultam em penas pesadas, pois operam nas brechas das leis, que são muitas. Portanto, as permissividades das leis são mesmo inúmeras, a quem se propõe a achá-las com justificativa para agir.

Assim, os consequencialistas foram além, e propuseram restringir os espaços legais por um conjunto de preceitos morais compartilhados que sejam idealizados como o melhor – e isto é, nada mais, nada menos, do que a própria ação ético-ideológica do *marketing* – o consenso artificial a qual

todos estamos sujeitos, como tal, dentro da estrutura que compartilhamos, de nossa cidade. A homossexualidade, antes moralmente reprovável e legalmente punível, passou a ser legalmente aceita, mas não moralmente aceita por todos – temos a homofobia (tanto a expressada como a não expressada, ou represada) para afrontar nossos melhores ideais consequencialistas.

Ainda assim, mais além, a tentarem solucionar a viabilidade de sua proposta, os consequencialistas também defendem que este melhor conjunto de preceitos morais compartilhados que sejam idealizados como o melhor – ou *marketing* ideológico – seja justamente o mais aceito por ter, justamente, as melhores consequências coletivas. E isto, aqui, sob a perspectiva de nosso esquema conceitual do possível, é óbvio – ululantemente óbvio, é um clássico “chover no molhado” – pois é mesmo o *marketing* ideológico que faz isso, que passa a existir por dar mais oportunidades do que qualquer outra forma instanciada que promete as possibilidades – o bem último de todos, coletivamente. Assim, a qualidade (uma máxima qualidade) não é mesmo algo consistente para uma ética, pela autorrecorrência dentro de uma única instância – o marketing. O consequencialismo não consegue nutrir o ciclo de retroalimentação, pois ele se dá apenas no *marketing*. Mas, e se não fosse a qualidade, mas a quantidade?

Os utilitaristas buscaram trocar a qualidade de um bem ideológico pela quantidade de individualidades que este bem pode impactar. Ainda assim, o universo é a perspectiva ideológica, do *marketing* em questão a qual se refere. Por isso, pelas diversas ideologias que existe e coexistem na cidade, sempre a macro-ideologia acaba por ser a mais abrangente, e o seu *marketing* terá maior impacto na maioria que lá está – e por isso é que o utilitarismo nos dá um cariz profundamente neoliberal, pois a quantidade do *marketing* neoliberal é quase totalitária. Atende a quase todos nós, pois nos dá as possibilidades – até mesmo para os pobres neoliberais, que defendem ações suspeitas como se fossem éticas, pois acreditam que mesmo ações que vão contra sua própria individualidade sejam o melhor para todos, pois ele vislumbra apenas o que o *marketing* lhe diz, sem conexão com a realidade na qual se encontra.

O utilitarismo oscila, no nosso esquema conceitual do possível, entre o modo de existir e a ideologia, ascendentemente. E é tão popular principalmente por ser muito afim com o *marketing* neoliberal. Cai-lhe como uma luva. Afinal, por não defender ostensivamente nenhuma universalidade, e sim uma perspectiva sobre a qual prioritariamente a quantidade de pessoas impactadas pelo bem será considerada, faz parecer ilusoriamente que há uma universalidade de bem atingida naturalmente, como fim, pois ao se afinizar com a ideologia neoliberal, como a nossa mais influente e popular ideologia, passa a reproduzir o que todos querem ideologicamente. Mas, já vimos que

o que queremos ideologicamente não é, necessariamente, o bem, mas uma mera representação deste bem que compartilhamos – uma imagem perdida no tempo e no espaço, algures na transcendência que nunca se concretizará. O utilitarismo é uma das formas mais transgressoras da humanidade que ainda nos resta.

A deontologia fraca, em todas estas formas produzidas, pela normatização da ética, que nasce justamente para operar sobre as inconsistências que existem em todas as regras. E se concentram nas regras. O que podemos perceber? Que estes cinco modelos éticos – virtudes, Kant, consequencialismo, utilitarismo e deontologia – ainda que superficialmente abordados aqui, sem o rigor que merecem, são insuficientes para nossos objetivos, dentro do nosso esquema conceitual do possível, pois eles apenas abrangem uma parcialidade deste nosso esquema, e nunca todo o mecanismo que desenvolvemos, ainda que cínicamente, no sentido de descaramento, por vezes, confessamos, pois nem sempre nos ativemos às escolas filosóficas, graças a deus.

Mas há uma nova proposta que nos parece atraente. E não é uma reparação ao ataque à aporofobia – e nem tão violento assim – pois é o modelo da ética de mínimos e máximos de Adela Cortina a qual estamos a nos referir. E por qual razão esta ética vai além de todas estas outras? Pois ela considera que uma ética deve envolver um mínimo de justiça (justiça) e um máximo de felicidade (misericórdia). E, assim, nos dá esperança para a considerarmos como promissora, pois não parte de uma universalidade generalizada, pois pressupõe não uma singularidade, à partida, mas sim uma pluralidade que já é tão gritante, mas pouco considerada. Cortina acerta no alvo, nesta premissa conceitual.

Assim, entre a mínima justiça e a máxima felicidade, assumimos que exista o que ela quer considerar uma alternância entre o que seja justo e o que seja bom. Por qual razão a felicidade é a misericórdia? Pois, na nossa sociedade cristã, o que é ser feliz? Muitas teorias, muitas interpretações sobre a felicidade – mas não sobre a infelicidade, que é a culpa que temos, pelo pecado original de Adão e Eva, ao aceitarem dar aquela mordidinha no fruto proibido voluptuosamente ofertado pela cobra falante. Assim, se a infelicidade é a condenação, pela justiça divina, então a felicidade só pode se correlacionar ou ser o próprio perdão divino: a misericórdia. Seremos mesmo felizes quando retornamos, simbolicamente, todos ao paraíso que nos foi proibido: nós todos, a incluir Adão, Eva e a cobra falante, como a filha pródiga que volta à casa, redimida de tentar os outros. Isso seria mais do que bom, seria ótimo! Será mesmo?

Eis que Adela cortina passa a considerar, por outras denominações, que sua proposta ética esteja alocada dentro de nosso esquema conceitual do possível entre a moral (origem da justiça, ainda que não a sua sede – mas a

justiça é imanente) e a ideologia (a possibilidade da misericórdia – pois é algo transcendente, sempre no futuro inalcançável). A misericórdia, quando realizada, é tida como ato de justiça. Eis o ciclo que o modelo de Cortina passa a atender, quase à perfeição. Seria perfeito se não evocasse, por vezes, a viabilidade de uma universalidade da justiça, ou quase da felicidade – a tentação é muito grande, para todos que são devotos da universalidade. Mas, se o faz, é pelo mesmo problema de Kant, ela própria uma grande kantiana – de uma visão ideológica, por vezes, mas que não nos priva, igualmente, de sua genialidade.

Pois, assim posto, nem tudo o que é justo pode ser bom para todos. E nem tudo o que é bom pode ser justo. E como poderíamos contrariar algo assim? Não podemos, e foi isso mesmo que defendemos desde o início, pela necessidade de uma perspectiva, em detrimento a uma universalidade ou uma relatividade.

Cortina propõe mesmo uma maximização entre a justiça e a bondade. Algures no meio deste eixo, há o ponto ideal. E, como vimos, é mesmo assim, entre o modo de ser e o modo de existir, entre uma perspectiva individual e coletiva, de uma convergência na qual percebemos existir, mas não conseguimos achar, tampouco conceituar. Por isso, nosso modelo se aproxima bastante do dela, mas não nos é possível, nem também a ela, precisar o que daí resultará. O modelo da ética de mínimos e de máximos precisa de um bom e profundo detox, apenas, para deixá-lo mais selvagem. Mas, podemos perceber que ainda há todo um caminho a ser trilhado, construtivamente. E o caminho é plural, desde já, ou desde sempre. Pois precisamos recuperar o que foi perdido.

O que podemos corrigir, por agora, por já nos ser possível conceitualmente, é que o verdadeiro espírito esportivo que é dado pelo *marketing* é o seu mais sofisticado produto: a ética. É justamente ela a melhor forma de nos fazer movimentar velozmente nos jogos, sem restrições, para além das normas vigentes. Se antes defendemos que o *marketing* era o espírito esportivo, agora podemos apresentá-lo como um produto, como tudo o que há, nesta genealogia mercadológica da ética a qual estamos a consumir o que nos é proporcionado, sem nunca sabermos o porquê, claramente. Ao menos, com ela, sabemos que iremos continuar no jogo, enquanto nos for possível.

36. O politicamente correto, a pós-ética, o cancelamento, o envelhecimento

Podemos perceber a força que há, atualmente, nos cancelamentos que passaram a existir, como uma forma propulsora ativa do que podemos chamar de o movimento do politicamente correto, no qual seus correligionários chegam facilmente aos níveis fundamentalistas, mas que possui também um considerável número de devotos, e onde quase todos os habitantes do planeta passaram a ser, igualmente, simpatizantes, pelas forças das imposições conquistadas pelo próprio movimento – todos nós, portanto, somos, no mínimo, simpatizantes. É mesmo algo muito forte, extremamente forte. Por isso, é preciso percebermos o que é este movimento.

É algo útil, todavia, pelos conteúdos que são evocados dos campos da ideologia, para além do marketing ideológico, e que passam a ser relevantes por este, à força. Mas, a qual custo? A qual consequência? Há um preço a ser pago, sempre, pela rutura ideológica violenta feita à estrutura, e sem que haja uma continuidade ideológica mais consistente, e será este custo que estamos a considerar, meramente.

O que estará em causa, aqui, já antecipamos, não é sobre os crimes cometidos no passado, como a escravidão, ou os genocídios, ou opressões de diversas formas às minorias, e nem o enaltecimento de uma história contada unilateralmente, de forma supremacista. Os crimes precisam ser punidos e/ou reparados. Precisam ser inseridos na história, na cultura e nos monumentos, museus e em toda a iconografia. Há que se reparar não pela supressão de narrativas – o que é insuficiente e ineficiente – mas sim pela inserção de novos conteúdos a gerarem novos valores compartilhados. O que estará em causa aqui, portanto, é o nosso cotidiano, nossa atualidade.

O politicamente correto é a interface entre a constatação de uma humanidade demasiadamente humana, em nós, uma *mea-culpa*, e o desejo pela utopia do paraíso, para a qual precisaremos da redenção divina, da misericórdia para que alcancemos a felicidade, que é mesmo suposta existir para muitos. Mas não é uma busca por uma utopia transcendente o que fazemos, mas sim de uma imanência forçada deste paraíso, como se fosse possível tê-lo por aqui, da noite para o dia – pois a urgência é o que sempre percebemos como mais evidente nos movimentos do politicamente correto – o tempo é a prioridade, e não a ética, não ao espaço, propriamente, como deveria ser suposto. Pois, seria suposto que ao se buscar pelo reconhecimento, se buscaria pelo espaço que precisa a ser dado a quem não o possui. Mas não é isto o que ocorre. Há algo muito inconsistente neste movimento, ainda que as intenções sejam supostamente boas e lícitas.

A atriz brasileira Ingrid Guimarães, “*twittou*”⁷⁹ sobre as eleições presidenciais brasileiras de 2022, que está «*Gostando de ver meus colegas se posicionarem. Não acho que seja obrigação de ninguém. Mas é importante entender a urgência da mudança nesse momento.*» e isto nos mostra claramente a urgência dela – e a nossa, sem que ninguém fique de fora, que fique claro que não é uma acusação unilateral, mas apenas uma manifestação do que se está a tratar aqui.

Esta nossa urgência, portanto, é tanto causa quanto efeito da polarização resultante do politicamente correto. Se os nossos “colegas” se posicionam de acordo com o que pensamos: são do nosso bem, estão do nosso lado. Se se posicionam contra o que pensamos, são do mal, e logo os cancelamos, ainda que veladamente, e mesmo que os chamemos jocosamente de “cidadãos de bem”, como muitos passam a se considerar, a monopolizarem o bem para si, enfim. Fazemos um micro cancelamento pessoal de nossas amizades com a convicção de ser o que é o certo a ser feito, mas interiormente nos partimos em mil fragmentos, com uma tristeza profunda que resulta sempre de atos assim, e um arrependimento que fica sempre presente pelo estrago consumado. A urgência, portanto, é pelo sim e pelo não, pelo valor moral que queremos impor pelo certo – mas não o “nosso” certo, mas sim o certo do politicamente correto, o certo do outro, que nem sempre pode ser o mesmo que o nosso. Eis o ponto muito triste disto tudo.

Atualmente, ainda nesta urgência justiceira na qual todos estamos a construir, surgem denúncias “póstumas” sobre a vida que era levada pelas *playmates* na Mansão Playboy, na Califórnia, nos Estados Unidos da América, quando esta era uma propriedade do fundador e proprietário da Revista Playboy, o norte-americano Hugh Hefner, que é postumamente acusado de abusos sexuais em sua mansão. Está a ser cancelado, mesmo postumamente, pelo que é considerado algo reprovável atualmente. Mas, à época, não era assim, reprovável, na perspectiva de décadas atrás. Deveria ser, obviamente, mas não era. Há um anacronismo evidente em todos nós, em nossos julgamentos morais. Basta revermos os programas infantis da louca década de noventa, que eram tidos como excelentes, à época, talvez por muitos de nós acima dos quarenta anos, ou mais, para percebermos agora termos um julgamento bem diferenciado, pois julgamos as agora aparentes bizarrices que antes eram divertidas atrações com base no presente, para algo que à época era normalíssimo, coisas do progresso. Somos assim, anacrônicos.

⁷⁹ Publicado em 15 de setembro de 2022, em <https://twitter.com/IngridGuimaraes>, conforme matéria da UOL acedida na mesma data em <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/09/14/ingrid-guimaraes-apoia-posicionamentos-de-famosos-urgencia-de-mudanca.htm>.

A questão não é condenar ou inocentar ele ou as acusadoras, unilateralmente. Não temos nem devemos fazer isso, mas temos como exigir que haja investigações, principalmente se forem crimes, que precisam ser sempre submetidos às vias judiciais. Mas o que deveríamos querer mesmo, é perceber que ser politicamente correto nos leva a ver o mundo transcendente a partir de valores imanentes, e vice-versa. É uma desconexão feita ainda maior entre o nosso modo de ser e nosso modo de existir, e não uma busca harmônica pela fusão destes modos, que é o que faz a ética, funcionalmente, ao completar as brechas que existem em todos nós, a dar-nos uma estabilidade existencial.

Ser um fundamentalista do politicamente correto, portanto, é forçar a ética para um dos lados, exclusivamente – forçá-la para longe do tempo, dos valores morais, que passam a ser dominados pelo movimento, pelo levante que os fundamentalistas estão a promover. Este movimento é isso mesmo, um levante – é como se tivéssemos Nero a se juntar ao Coringa para tacarem fogo em Gotham City! E isto seria mesmo excitante e revolucionário, se não houvesse alguns dos retrocessos que estamos a perceber, impulsionados pelos fundamentalistas avessos aos diálogos. Ser um devoto, assim, é menos grave, pois não há ainda o forçar da velocidade, mas apenas a passiva interpretação sobre a imediatez da justiça, a evitar tudo o que destoa desta visão, ela mesma distorcida.

Por isso, pode-se passar a ver o que antes era normal de forma distorcida, pela visão do politicamente correto, que nos provoca uma miopia temporal. E também nos leva a ver o distorcido de forma normal, quando o que era algo absurdo passa a ser normalíssimo – eis o “novo normal”, tão promovido atualmente. São coisas assim que levam aos conflitos desnecessários, e não à fluidez. A intenção primária dos envolvidos no movimento é boa e lícita, e mesmo necessária; os conteúdos com os quais operam são excelentes e atualíssimos; mas a forma é completamente inconsistente e disfuncional com a ética, mas sim profundamente morais, caretas, retrógradas, completamente relativizadas ou universalizadas – e eis o problema.

Não é, portanto, uma revolução propriamente dita, na qual uma reprodução ideológica mais aprimorada rompe a ideologia anterior, de dentro para fora. O movimento é uma nova ideologia que já se formou em paralelo ao que temos no abismo, nos rincões da ética, e esta ideologia está disfuncional, fora da sexta esfera e totalmente instalada na quarta esfera, nos nossos modos de ser e de existir, a tentar tomar o lugar da ética como se fosse mesmo uma forma virulenta e agressiva.

Por isso podemos afirmar que esta nova ideologia anômala já se reproduziu e que está a nos levar a um fundamentalismo que não será nada bom, a partir de sua consolidação virulenta, pois já existem reações contrárias no comportamento social, como vemos nas diversas polarizações por todo o

mundo, que está a fazer ressurgir os movimentos extremistas populistas, inclusive. Mas, a sermos justos, também já não estava mesmo bom, especialmente para as minorias, o mundo em que vivíamos, com as inconsistências que tínhamos, e com as quais o politicamente correto está a se confrontar. Nem um, nem outro, que fique claro. Estamos a dirimir apenas sobre as formas, e sem condenar o movimento, pois ainda precisamos percebê-lo melhor, e dar uma chance. Afinal, é a única coisa que podemos mesmo fazer contra tal força descomunal: compreendê-la. Talvez depois, apenas depois, consigamos criar ferramentas para que não sejamos tão afetados, e não viremos um alvo fácil da nova inquisição “cancelatória” que estamos a adentrar.

Mas, de volta à Playboy, ainda que o modo de ser de seu fundador, Hefner, seja atualmente reprovável ou mesmo até criminosa, que nunca deve ser desconsiderado, não poderíamos dizer o mesmo em relação à sua atuação social, dada pela sua revista, que mesmo tendo objetificado o corpo feminino, pela perspectiva atual, ainda assim foi uma grande força contra o racismo, no passado, nos tempos em que mais se precisava de meios de propagação de uma representatividade completamente negada pelas médias tradicionais norte-americanas, por exemplo, a dar espaço para os Pretos, em suas diversas formas expressivas. Levou a uma postura diferenciada em relação à própria condição feminina, mesmo sob a acusação de muitas feministas do passado, quando Hefner aceitou o debate público com feministas sob tal exploração dos corpos, a dar voz a elas, a permitir o diálogo nunca permitido e televisionado, a chegar às massas.

Obviamente eram imensos os seus interesses comerciais, e eram estes as suas prioridades, pois todos estavam dentro de uma ética neoliberal. Mesmo assim, nunca poderemos afirmar que há apenas o mal em uma dada perspectiva – mas somos levados a afirmar sempre que é assim que ocorre, em que tudo é apenas do bem ou apenas do mal, e isso se dá sempre que afirmamos com base na universalização ou no relativismo. E é este o problema do politicamente correto: ou ser totalmente universalista ou totalmente relativista, nunca é uma perspectiva, nunca considera a multiplicidade que tanto dizem desejar. As formas é que são o problema, e não as reclamações feitas, lícitas, como já declarado. Há, antes de tudo, uma violência conceitual entre suas formas e conteúdos.

A questão mais importante, até aqui, para termos muito cuidado antes de nos encantarmos por uma significação mais simplista que a ética pode vir a representar, indevidamente, como fazem os fundamentalistas do politicamente correto, nestes nossos tempos pós-éticos, é que a liberdade não está nas possibilidades, como desejam estes que não se apercebem que eles mesmos estão a construir novas prisões ideológicas ainda mais radicais e letais do que as que existiam antes do seu movimento, com suas

intransponíveis grades existenciais que encarcerarão os indivíduos nos seus modos de ser e de existir, e que farão a todos serem o que não são, e é exatamente isto o que fazem as ideologias mais perversas através de seu *marketing* mais agressivo, como fez e ainda faz o nazismo, o fascismo e todos os totalitarismos, sem que fossem percebidos claramente pelas massas que as formaram e as sustentaram. Quando se aperceberam, já estavam submersas, sem chance de se salvarem. O bem e o mal sempre devem ser uma perspectiva – para fora disso, é um modo de totalitarismo, a considerar apenas a universalidade ou apenas a relatividade. Até mesmo a positividade pode ser tóxica, como se tem percebido, ultimamente, pelos novos desalocados da autoajuda que andam a lotar os consultórios psicanalíticos, nocauteados pela realidade, não por esta ser melhor lutadora, mas por a terem ignorado – e não se deve ignorar o que é real.

O ponto de partida do movimento é mesmo a justa e necessária reparação social com as minorias. E isto é mesmo ótimo – e todos queremos isto, obviamente. Mas, o que se está a buscar é fazer com que estas minorias sejam equiparadas à maioria, e sejam uma nova ordem estabelecida. Querem uma equiparação que nunca se dará. E isto faz com que a maioria seja reativa a isto, obviamente, pois passam a sentirem que podem perder suas identidades sociais, passam a serem confrontados de uma forma inesperada e defendem os seus mundos como sempre conheceram, como os receberam e disseram para ser. Mas, se assim o fizerem, passarão a ser cancelados, e por isso muitos o fazem veladamente, sem se expressarem, a originar o que chamam de homofobia estrutural, racismo estrutural, misoginia estrutural, e tudo o mais estrutural, e isso é o resultado também da falta de diálogo, da falta da comunicação que deveria haver – muito se fala atualmente, mas apenas por monólogos, quando todos apenas expressam suas opiniões, sem nunca convergirem a uma conclusão – aquilo que idealizamos há muito tempo como a política, como a vida na *polis*. Seria pelo diálogo que haveria a melhor forma de compartilhamento de novos conteúdos, de novas valorações. E isto se perde. Ou ficam quietos, ou passam ao ovelhamento, que é o ser aparentemente neutro com tudo, e não ter crítica para nada conflitivos – viram mesmo uma velha televisão com uma suspeita antena com palha de aço nas pontas, capaz de somente captar um único canal – e que assim, nunca podíamos mexer, sob o risco de nada mais captar e ficar apenas o chiado na tela – coisas que os mais novos nunca souberam o que isto representava, uma verdadeira angústia televisiva que não podia ser cancelada, afinal. Enfim, canceladores são assim também, monocanais, monodiscursivos.

Mas, o que é mesmo uma minoria? Pois até isto é confuso. Há o homossexual que pertence a uma minoria; mas se é branco, então passa a pertencer a uma maioria; mas se é um imigrante, retorna a uma minoria; mas

se é documentado, passa a uma maioria; se for obeso, lá está na minoria novamente... e por aí seguimos.

Por isso há o equívoco ao se atacar a forma que elimina o diálogo, e conseqüentemente leva à não promoção dos conteúdos que precisam ser compartilhados e ajuizados. O único caminho é mesmo dar novos e melhores valores aos conteúdos das minorias, mas valores morais que possam ser compartilhados através de um diálogo – não é segmentar, mas sim mesclar, dentro dos limites suportáveis das individualidades, que sempre podem ser expandidos, continuamente, mas sem violências, mais do que já fizeram até hoje. Se não queremos mais algozes, não nos transformemos em um, e nem deixemos mais ninguém o ser. Pois o ciclo perverso não se quebrará, desta forma. E não confundamos isto com um pacifismo ingênuo. Não é isso, mas sim um progresso que terá lutas constantes, mas sempre a buscar o diálogo, ou mais precisamente, a política, afinal. É preciso justiça, mas esta é oriunda da ética, e não da ideologia. E a justiça também se correlaciona com a velocidade, como percebemos na aplicação sugestiva da correlação matemática de que a justiça é o produto da ética e da velocidade. Talvez não seja bem isso, mas também não estará muito distante desta percepção.

Não há outros caminhos a serem seguidos para uma melhor justiça e ética, por mais angustiante que possa ser, e isto não é um processo urgente, nem nunca será, pois, a urgência é algo que pode ir a favor ou contra, e perigosamente contra, como atualmente estamos a ver, e por isso a mudança mais positiva e consistente será algo que se dará nas próximas gerações. O melhor que o movimento faz, portanto, é fazer com que isto se acelere um pouco, ao se provocar uma urgência, para criar uma onda de instabilidades que sejam aceleradoras, mas não impor uma velocidade frenética e irracional definitiva, pois assim passa a ser contraproducente – é preciso quebrar o ritmo lento, claramente, mas não passar freneticamente a algo que não se possa mais controlar – por vezes, é bom parar, para uma avaliação ou manutenção. E esta cadência compreensiva não se tem vista ocorrer, pois querem mesmo tudo para ontem, ou para hoje, no máximo – o que todos queremos – mas que precisamos perceber que não é viável, nem saudável. Nas também não era viável nem saudável como estávamos, e ainda estamos. Por isso, a complexidade e a dúvida sobre tudo o que está a ocorrer. Mas, nada é inocente. A questão: por que estamos a aceitar tal velocidade frenética?

O politicamente correto é um dos mais promissores produtos recentemente instituídos, impulsionado pelas facilidades de comunicações imediatas que a internet nos deu, e ainda é apenas o começo de sua jornada mercadológica, mas já a apresentar variações e subprodutos sensacionalmente explorados, com altíssima rentabilidade ideológica.

Muitos dos conflitos contemporâneos e do surgimento das polarizações sociais ou políticas que estamos a presenciar, em várias nações do mundo, surgiram daí, do óbvio fracasso dos movimentos éticos em resolverem algo de forma imediata, e sabemos que não são poucos os problemas sociais que temos, realmente, e nem fáceis de se perceberem ou de lidarmos com eles. Hoje, pisamos em ovos, sempre que nos expressamos, a perceber a quem estaremos a ofender. E isto se reflete concretamente no comportamento social, como nos casos dos *hikikomori* e muitos outros jovens que passam a ser reclusos por vontade própria devido ao medo de se exporem no convívio social – vergonha pelo que nem fizeram ainda, pois sempre temem fazer algo errado no mundo em que sempre há uma câmara a registar tudo o que se passa. O sempre virou uma certeza factual, literal – tudo está sempre alguma coisa. Estamos na era que o “vigiar e punir” passou a ser o “autovigiar para se fugir da punição instantânea”. Nestas urgências, tanto a justiça quanto a injustiça ocorrem, alternadamente, sem que sejam auferidos os critérios de como tudo se dá e a eficiência que resulta deste levante, que também não tem sido muita, afinal.

E a comunicação, obviamente, fica afetada, e deixa de haver o diálogo, o debate, a participação política – há sim a polarização, na qual passou a existir a defesa de mitos, de personalidades, e nunca de ideias, de projetos, de planos. Tudo passa a ficar centrado em personalidades – nos representantes que as massas julgam ser os libertadores desde sempre esperados. Não temos mais planos para o futuro, mas sim um projeto careta para a sociedade. O futuro deverá resultar daí – e o que é isto se não a própria subversão temporal, da apropriação do tempo e a elevação dele como o novo deus. A proposta implícita é que a velocidade ocupe o lugar da ética e, portanto, seja ela a própria justiça. O deus veloz, o novo deus que está a emergir de nossas criações – o deus das maximizações.

O discurso fica profundamente vazio, centrado na mensagem unilateral meramente funcional, objetiva e reduzida ao máximo, sem que tenha em si nenhum campo nebuloso que possa levar sequer às interpretações duvidosas, sempre presentes nas entrelinhas dos discursos do passado, quando podíamos ver mensagens ocultas e nos divertíamos com isto, tal qual tocar o LP da Xuxa ao contrário, para escutarmos as mensagens demoníacas do inominado. Ah, os anos noventa! Nunca os teremos novamente, tão loucos e ao mesmo tempo tão significativos. Uma década que pareceu durar um século. Nosso século atual nos parece que está a durar uma década.

Eis que saímos da insanidade para um modelo ideal que passou a serem *posts* de Twitter, ou Facebook, e outros, reduzidos, sucintos e permeados de ícones, ou representados por memes – quanto mais visual, melhor. E as dancinhas do Tik Tok como fim último das aspirações humanas? A que ponto chegamos? Assim, logo retornaremos aos sons guturais. A telepatia tão

desejada no passado, romantizada como uma evolução da mente humana, da era do ser senciente, hoje é ostracizada, pois deixaria nossos pensamentos completamente disponíveis e acessíveis por todos fazerem *downloads* e “*retwittarem*” o que temos de mais secreto, algo impensável em nossos tempos. Não queremos mais o “admirável mundo novo”, mas apenas algumas coisas de lá, todavia, e assim nossas utopias do passado passam a ser nossos atuais pesadelos.

Com o aprofundamento da nossa visão crítica através do esquema conceitual do possível, percebemos facilmente que este movimento não aspira a ser um subproduto da ética, mas sim tomar o seu lugar, e extinguir a própria ética. O marketing, assim, está a virar ele próprio o justiceiro. Portanto, é um outro produto do *marketing* para poder ser a mais poderosa forma de controle social que existe, pelo aspeto ideológico e moral, pois passa a ser um instrumento menos refinado do que a própria ética – talvez por ter ficado sutil demais para ser facilmente manipulada, pois talvez o humano tenha atingido um nível que o possa deixar mais livre, afinal – pois com o politicamente correto o *marketing* ideológico passa a ter como controlar com precisão os que são mais aderentes a esta nova ideologia, pelos desejos das possibilidades que ela promete, ao se autoafirmarem que estão todos a serem éticos, que são os melhores e os mais propensos a serem merecedores das possibilidades. Quem é mais fácil de ser controlado? Os fundamentalistas, sempre. São os mais ideologizados e agem sempre de forma objetificada, capazes de darem a própria vida a quem os aprisiona e domina, voluntariamente se sacrificam pela causa dos dominadores, que fazem dela a sua própria causa. E assim está a ser feito o nosso projeto de sociedade, e logo teremos mais provas destas disparidades, para os mais céticos.

Não é por acaso que as maiores empresas passaram a serem todas, da noite para o dia, politicamente corretas. Como se o mundo fosse mesmo a iminência de um paraíso prometido e nunca alcançado, mas nos passam a mensagem: «*agora vai*» - e é verdade, estamos a ir, só não sabemos para onde. Pois o movimento não contesta a ideologia neoliberal, pelo contrário, vale-se dela para justificar suas reivindicações, abriga-se nela, profundamente: o querem mesmo são as possibilidades neoliberais – a liberdade do espaço deu lugar à liberdade de consumo, e por isso trocaram a dignidade pela imposição da urgência consumista, das equiparações de igualdade que levam ao consumo, invariavelmente. Pois aprendemos todos, distorcidamente, que ter dignidade é ter acesso às “possibilidades”. Mas nunca nos disseram que não nos vendem possibilidades, mas sim oportunidades. Nos disseram, e dizem, que devemos ter as possibilidades – devemos comprá-las todas, mas na verdade elas são apenas as oportunidades, artificialmente valorizadas, coisas que nada valem, mas que custam fortunas

do nosso tempo – e sempre isto foi uma das maiores mentiras que nos fizeram acreditar. Eis o *marketing*, em sua melhor forma, e que o movimento pode estar a reproduzir, fidedignamente.

A questão, então, passa a ser sobre o que é possível ser feito com toda esta energia do politicamente correto? Como transformar esta força poderosa em uma forma de se atingir o reconhecimento e a representatividade, o respeito, sem que, necessariamente, agravemos ainda mais o que causa tais disparidades? Este é o verdadeiro problema: o nosso modelo neoliberal destaca tanto as diferenças quanto menospreza as indiferenças, pois são as diferenças que nos fazem mover rumo às oportunidades que são vendidas, como jogadores, e as indiferenças que nos fazem sentir mal pelo que somos, enquanto torcedores ou expectadores.

O que é preciso “normalizar”, portanto, são também as indiferenças. E o que é preciso “anormalizar”, são também as diferenças entre as minorias e as majorias, justamente o oposto do que está a ser feito pela ideologia neoliberal, e pelo movimento, que aponta que as diferenças são inexistentes e, portanto, anormais. Elas existem, mas são valoradas de formas equivocadas. O problema está nas formas que fazem a valoração dos conteúdos. Mas tais movimentos de reparação devem ser feitos nas perspetivas, sem radicalismos.

A ética se constitui sem a intervenção direta dos representantes das regras, visto que não apenas está para além destes como também surge para se afastar de tais figuras. Mas não podemos ignorar que estes representantes, incansáveis defensores dos perigos que nunca existiram, queiram agora apreender para si o que a ética nunca quis dar a eles, para que possam também serem justiceiros, pelas suas vozes, olhos e dedos. Mas algo não corre bem, pois o problema é que na ética ficam totalmente expostos, pelados, pois suas incoerências não são tão facilmente disfarçadas. Mas, com o politicamente correto, isto não ocorre, e passam a dominá-lo e a representá-lo da mesma forma, ou ainda melhor, pois o movimento lhes dá até mais instrumentos de manipulações emocionais do que já possuem, o que é muito mais do que as próprias regras conseguem fazer. São, afinal, perfeitamente competentes na arte de serem o que nunca foram.

O politicamente correto é a nova face humanizada do combalido deus da ética – e uma subversão conceitual, portanto – assim como as regras fazem com a ideologia. Ou seja, são as verdadeiras *fake news* éticas, analogamente. O politicamente correto sempre contesta a ética a partir de seus conteúdos opostos – percebe apenas o que é antagônico, e não percebe os valores, quando se dá a perversão crítica da mesma, a considerá-la “mimizenta”, “chorosa” e “feminina” demais para a virilidade que insistem em afirmar possuir, para além da lentidão. E isto é muito evidente, e contraditório, pois vai contra os próprios valores que são intencionados serem priorizados. Uma nova dimensão religiosa surge daí. Este velho deus despersonalizado da ética

foi cancelado, por não ter face, por nunca ter se mostrado, por nunca ter saído do muro e tomado lugar com as minorias – pois deus é inconsciente, ainda em coma. E o movimento cancelador passou a ser querer fazer justiça pelas próprias mãos, dado que deus é inacessível, e assim fizeram através das redes sociais, contemporaneamente, a fazerem justiça com as próprias mãos, e logo perceberão que podem ser mesmo a justiça, personalizada com a fúria divina das tormentas e pragas. Este é o novo deus cultuado, com arminhas nos dedos e armas nas cinturas, a matar quem é contra. Basta isso.

Deram vozes e faces para este deus que sempre esteve em coma, fizeram-lhe ressuscitar, à força, e assumiram o corpo de deus tal qual fossem o seu espírito – o que toda ideologia é, e o que eles são: ideologia. Deram-lhe movimento com violentos chutes no traseiro, e o corpo nos faz parecer que está mesmo vivo, a nos apontar a arma para nos levar ao novo *armagedom* neoliberal.

E assim está posto, com os representantes – individuais e corporativos – a se assumirem como os novos representantes divinos, que fazem caridade apenas para postarem nas redes sociais, dentre tantos outros feitos que passaram a ser exigido para que a pessoa seja considerada boa, como voluntariados, camisetas das causas, *posts* reprodutivos e muitas outras simbologias da adesão ao movimento. Que revolução, afinal, é esta? Estamos melhor do que antes, realmente?

Pois, como produto em um novo mercado que está a ser formado, selvagem e inexplorado, muitos estão a buscar espaço nesta nova estrutura do politicamente correto, como os média, os Influencers, até mesmo as empresas que querem se destacar dentro deste Universo, do mercado. Não nos esqueçamos também dos *podcasts* que buscam dar voz e tantas outras formas de manifestações que fazem com que esta constância temática seja mesmo a maior força atual que podemos perceber, e que irá fazer deste um movimento irreversível, a nos fazer voltar aos valores morais mais básicos e binários que existem, dos monólogos dos “sins” e “nãos”, ou dos radicalismos e fundamentalismos. Os *podcasts*, ao menos alguns deles, são talvez o último suspiro do diálogo. Mas, lamentavelmente, percebemos que até estes passam a se polarizar. Até mesmo os canais de televisão possuem tendências de polarização. O que restará?

E isto já está a ocorrer pelos posicionamentos irracionais que são feitos, sem nenhuma reflexão do contexto ou da perspectiva nas quais os factos se dão, sem nunca se considerar o valor da verdade de tudo o que é apresentado, sob dada perspectiva. São os tempos das *fake news*, das incapacidades de interpretações racionais de dados e fatos, do menosprezo da educação formal, dos cancelamentos e muito mais – basta um *post* mal interpretado e quem postou vai para o novo inferno neoliberal, feito à medida pelo novo “cão” dos infernos: o “cãoelamento”, que significa que o cancelado estará privado

das mais preciosas possibilidades: os *likes* e as aparições públicas. E, se assim disséssemos, logo seríamos cancelados por falarmos a palavra “cão”, principalmente se alguma famosa ativista fundamentalista nos invadisse aqui para dizer que estamos a atribuir aos *pets* uma imagem maligna. São os nossos tempos atuais, afinal. Por isso, para não sermos cancelados, é melhor nos desculparmos antecipadamente.

A desculpa, por sinal, virou um ritual esperado e necessário, previsível, e que passou a ser a nova redenção – e também uma oportunidade. A permissividade, ainda, funciona, como sempre funcionou – é a nossa porção de sem-vergonhice, profundamente enraizada, graças a deus: O «*peca e se redima*» de antes passou a ser o «*seja incorreto e se desculpe*» de agora. Pois o cancelado em uma polaridade, passa a ser ícone em outra. Portanto, se desculpa aqui “deste” lado e vai para ali, no “outro” lado, para ser idolatrado pelo que fez. E está tudo bem. Vida que segue.

Estas nossas conclusões até aqui apresentadas, são uma declaração de que não há no politicamente correto um sentido verdadeiramente revolucionário, ou reacionário, ou anárquico. Mas não é esta a intenção – devemos querer o diálogo, e não os cancelamentos dos canceladores. Não podemos fazer o mesmo do que estamos a combater.

O que ainda buscamos, afinal, ainda é o mesmo desde o início destas páginas, que é apenas o desejo de percebermos o que é que, verdadeiramente, acontece em todas as nossas interações individuais ou coletivas, pois desejamos perceber isto: a verdadeira dinâmica que nos prende à busca das possibilidades, ao ponto de abirmos mão da nossa própria subjetividade em troca de um papel meramente objetivo também nesta nova dimensão do politicamente correto, formado nas entranhas das estruturas que prometem o que não podem dar. E ainda acreditamos nestas lorotas medievais! E por quais razões?

Se já percebemos que o querem os mais agressivos, mesmo, que são as novas vagas de representantes – e são estas que os “ativistas” também invejam, e que passam a buscar ocupá-las, a serem eles os eleitos, os novos ungidos deste novo deus que passa a ter uma face, afinal. Há os bem e os mal-intencionados, como nas religiões, obviamente. Mas, afinal, há também resultados bons e ruins, como em tudo. O que não devemos fazer é perceber tal movimento como imanente, pois é profundamente ideológico, como todos os demais movimentos que o antecederam e que muito pouco fizeram em relação ao que prometeram. Coisas assim temos ao monte, na História, e que nunca acabam em coisas boas, mesmo a despeito da antítese do espírito *hegeliano*, que defende tais catástrofes como necessárias e transformadoras. Talvez seja um jogo perdido, mas ao menos podemos perceber melhor sobre as regras que ainda não conhecemos bem, ao menos isto. Mas, como isto, sem o diálogo? Este é o ponto.

Esta nossa crítica, assim posta, até poderia ela própria ser considerada como uma nova proposta “ética” e poderia ser interpretada como se estivéssemos a prometer (como possibilidade) algo que vai contra o politicamente correto. Algo melhor, obviamente. E correríamos o risco de fazer, se isto fosse verdade, uma nova ideologia, e até uma nova seita contra o politicamente correto, na qual poderíamos ser os novos representantes. E este é um risco real, e é assim que começam muitas das seitas fundamentalistas, a se contraporem com as seitas existentes – a se polarizarem. Eis o risco de se escrever criticamente sobre qualquer coisa e não deixar a apuração da verdade com o leitor, ao se negar ao debate por já estabelecer padrões dados como necessários e suficientes para as se chegar às conclusões que se espera enfiar goela adentro dos demais.

A verdade é que o politicamente correto existe pois somos assim, queremos isso, queremos algo mais enquanto ainda existimos. Queremos que os legados sejam agora, que desfrutemos nós mesmos deles. Por isso não é uma acusação ao movimento, nem a ninguém, mas a todos nós, humanos e criadores. Há que se dosar a velocidade – e isto é o melhor que podemos fazer, por enquanto. Não é parar, nem retroceder, mas apenas não ir rápido demais. Pois, afinal, não sabemos para onde estamos a ir, assim.

A verdadeira ética, a boa e velha ética, não opera com donos da verdade, e não aceita representantes, que não se criam nela. Por isso, talvez, já queiram dá-la com obsoleta. Talvez, por isso, os comitês de ética de empresas e instituições, sempre magistralmente formado por pessoas que são pagas por estas mesmas empresas ou instituições, mas que mesmo que estejam a serem pagas por quem possui interesses comerciais obscenamente bem definidos e declarados, mesmo assim, afirmam tais convictas pessoas subordinadas à ordem vigente serem completamente imparciais e independentes. Mentem para si próprias, e nos querem convencer que sempre as empresas e instituições fazem tudo eticamente. Algumas, por lapso, podem até fazer, mas são exceções às regras.

O que vemos, então, atualmente, como resultado de tais deliberações corporativas supostamente “éticas” é que desistiram das ações realmente éticas e passaram a preferir as ações politicamente corretas, e todas obscenamente neoliberais, obscenamente obscenas. A ética está em claro processo de extinção – e o maior predador é o próprio neoliberalismo. Por isso, muitos intelectuais ainda confundem moral com ética, e a ética com politicamente correto, pois estão ideologicamente contaminados até o último átomo de seus corpos – e tudo está a virar uma grande orgia conceitual de uma intelectualidade desnorteada pelo caminhão desgovernado do movimento do politicamente correto, mas que mesmo assim carrega consigo uma carga boa e desejável, mas que precisa ser mais bem transportada, apenas. Também é por isso que nossos tempos sejam os das

“ressignificações”, ou seja, da promoção de dar novos significados a tudo, o que é o mesmo de mentir, de mudar o significado original de tudo, para se acomodar tudo a uma nova realidade virtual que nunca existiu antes. O que é, deixou de ser, mas virou outra coisa.

O filósofo polonês Zygmunt Bauman nos falou acertadamente do mundo líquido, dos tempos líquidos, das relações líquidas, e é esta fluidez que temos nos tempos neoliberais – mas o problema mesmo não é a apenas a fluidez, e que já era algo angustiante, por si só, mas sim a velocidade da fluidez que estamos a ter, e da resistência a ela que não conseguimos realizar. Estamos a reagir ao mundo líquido, afinal, mas este virou uma imensa onda como as que temos em Nazaré, cá em Portugal. Não sabemos como, mas precisamos surfá-la para nos manter nela com os menores danos possíveis. Sair dela, como sabemos, só sairemos de um único jeito. Portanto, não queremos isto, para já. Precisamos surfar o que há. Mas, como podemos aprender a surfar grandes ondas quando nos percebemos já dentro delas, em um tubo que logo poderá nos engolir? É assim que estamos, para já.

Há que se citar um dos maiores filósofos brasileiros, José Abelardo Barbosa de Medeiros, que teve uma declaração instigante ao dizer que «*eu vim para confundir e não para explicar*» e é isto mesmo o melhor que o neocinismo pode fazer, ao segui-lo nesta sua inusitada proposta ética, sempre que possível, a não aceitar as respostas convencionadas, ideologicamente conclusivas, todas suspeitas com digitais do *marketing* por todos os lados – mas sim elaborar com toda a nossa energia as questões certas que precisam ser feitas. Troquemos as respostas prontas que a tudo respondem por perguntas inéditas ainda sem respostas contaminadas! E não as deixemos contaminar. Talvez assim chegaremos às respostas verdadeiramente úteis e completas, descontaminadas. Mesmo que não cheguemos a elas, nos divertiremos à grande – e isso já nos é garantido pelo exercício do neocinismo – nunca pessimista, nunca otimista, mas sempre com aspirações realistas, o que é quase sempre impossível, todavia. É este imbróglio conceitual que temos para resolver, antes de declaramo-nos neocínicos.

Se a ética possui alguma chance de continuar a existir será, necessariamente, pelo cinismo, ou melhor, pelo neocinismo – sua versão cínica mais potente – que já nos chega com a função de série do *detox* ideológico, e muitos outros opcionais que podemos agregar, como a ironia e o sarcasmo, por exemplo. A desfaçatez é ótima também.

Na tropical *terra brasilis*, na qual todos são filósofos, autoproclamados ou declarados assim por aclamação pública, passamos a ter o direito de nos dizermos filósofos, e a reconhecer a quem o diga ser, e também a dar este mesmo título *honoris causa* a quem diga algo relevante e profundo, pois isto passa a ser cada vez mais raro. É preciso montar um novo time de pensadores capazes de resistirem mais aos efeitos das ondas que estão a nos cobrir. As

diversas filosofias e as diversas autoajudas passaram a andar perigosamente muito próximas umas das outras, lamentavelmente. Basta visitarmos uma livraria, em qualquer lugar do planeta e veremos as sessões editoriais da autoajuda e da filosofia lado-a-lado, não raras numa mesma estante ou prateleira, a representarem claramente esta situação perfeitamente insana, com os livros de Heidegger ao lado dos supostos gurus quânticos da Califórnia, ou o que o valha. Talvez nem demore muito para surgir uma filosofia quântica da autoajuda transcendental da sagrada *cannabis*, afinal. Temos muitos filósofos nesta jornada, mas ainda pouco conhecidos.

Temos o já citado filósofo José Abelardo Barbosa de Medeiros, mas também há o grande filósofo Jessé Gomes da Silva Filho, e muitos outros que nos trouxeram ou ainda nos trazem excelentes conteúdos e verdadeiras questões existenciais, e são muitos que ainda estão por aí, a nos nutrir eticamente. Como não reconhecer o talento filosófico-alternativo de Marcelo Maldonado Gomes Peixoto ou da visceralidade dialética de um Alexandre Magno Abrão, que nos dão ambos o feedback da tão menosprezada Filosofia das Ruas. Muitos outros, e outras, ficaram ou anônimas ou injustamente esquecidas, como a filósofa Carolina Maria de Jesus⁸⁰, e muitas outras desconhecidas mulheres que estão agora mesmo a batalharem pelas suas existências, e as dos seus, com uma sabedoria não expressa apenas por palavras, mas sim por gestos de resistir, de continuar, de persistir. A Filosofia deveria ser o nosso alimento, e não os nossos sonhos. Por isso, parte dela deve sair dos meios acadêmicos idealistas e distantes e singrar para as mesas dos botecos, para a sala de jantar, para os guetos, para as favelas, para ser o papo-cabeça para depois da transa selvagem, entre o café e o cigarro, pois ela deve estar sempre presente em todos os nossos momentos, precisa estar sempre atual, sempre extraída das diversas manifestações que temos em nossos cotidianos. Aí há a mais bela das filosofias: aquela que emerge de nossas próprias vidas.

De volta de nossos devaneios rotineiros, a questão é mesma essa: não é “como” o politicamente correto irá destruir a ética, mas sim “quando”. Como irá destruir, já percebemos. Quando, ainda não sabemos, mas há uma certa urgência para que isto se dê o mais rápido possível. E por qual razão seria isto?

Filosofemos.

Pois a ética permite o quê? Fluidez. E nada mais do que isso, como bem vimos, em amiúde.

Se a estrutura está congestionada, e já não há mais lugares para todos, por que razão o sistema desejaria que existisse uma ética para que piorasse ainda mais a percepção de insustentabilidade ideológica? A pior prisão é a

⁸⁰ Saiba mais em https://pt.wikipedia.org/wiki/Carolina_Maria_de_Jesus.

imobilidade, afinal, e fica ainda pior quando se sabe que se pode mover, quando o prisioneiro percebe que não possui nenhuma limitação própria ao movimento – e por isso passa a querer se mover, pela fuga da prisão, inicialmente. A paralisação passou a ser a nova diretiva ideológica, o nosso mundo nos levou ao ideal panóptico – quando distopicamente ficamos presos nas nossas próprias alocações existenciais da estrutura e completamente vigiados pelos nossos próprios colegas de celas, todos com seus telefones a nos apontar, a nos gravar. E o pior é que passamos a acreditar que estamos em uma utopia, por sermos politicamente corretos, a seguirmos para o paraíso prometido.

Sem a ética a atuar devidamente e com a radicalização ideologicamente instrumentalizada do marketing, ficam todos constrangidos a se expressarem, sem quererem mais agir, e sem nunca mais a desafiarem seus líderes, nem mesmo desejam elegerem seus representantes, pois passam a ter medo de toda a deliberação que possam vir a realizar. Por tudo o que fizeram mal, e ficarem expostos por isso, serão cancelados – e, assim, optam por se camuflarem para o sistema – ficam mesmo voluntariamente passivos a tudo o que passa a ser uma imposição do correto, dado sempre como tal, logo à partida.

Por isso, temos tanto o cancelamento quanto o envelhecimento como efeitos colaterais, quando todos passam a aceitar o que possuem, o que são e o que querem de si. Afinal, por que razão o estoicismo tem ficado tão popular? Justamente por uma interpretação que existe, a partir dele, seja correta ou não, que faz com que todos se digam estoicos por serem isto: resignados. Dizem para si mesmos, como uma autoafirmação, que podem agir apenas sobre o que possuem poder para tal. Sobre o que não possuem poder, nada podem fazer, e há que se ter a resignação, para não sofrerem com nada mais que lhes fazem mal. O problema é quando passam a acreditar que tudo passa a estar fora de seus poderes. Não duram nem um minuto na selva, viram logo presas certeiras, mas presas resignadas, afinal, e quase uma iguaria. Sempre as perversões filosóficas que acabam por confundir a todos como uma nova forma de religião. E os novos autodeclarados estoicos passam a serem nutridos não com possibilidades, mas sim com entretenimento, a maior indústria que teremos no futuro próximo que não tardará a acontecer. E deixam a vida os levar, estoicamente, quando a ideologia passa a ser suas donas, sem que se apercebam.

Tudo o que for um produto paralisante será mais valorizado – são as novas anestésias que estão a surgir, e que precisam ser mais potentes para que não levem apenas à insensibilidade da dor, mas sim à paralisia, ao semi-estado de coma existencial, que aparentemente passou a ser o ideal neoliberal da cadeia de produção e consumo – quando tudo passou a estar em modo automático, sem ruídos, sem alardes, e em escalas crescentes. A paralisia não é apenas

espacial, mas principalmente temporal. Não busque justiça – não saia do lugar – faça-a você mesmo ao cancelar alguém, ao dar um *dislike*. Não se preza mais pela percepção do tempo, que passou a ser algo supostamente contrário aos interesses neoliberais.

E o que podemos perceber em relação ao tempo, pela urgência valorizada prioritariamente pelo movimento do politicamente correto?

A própria morte, antes desvalorizada, passou a ser valorizada. Não morrer deixou de ser um problema existencial e passou a ser um problema do sistema, incapaz de lidar com uma vida mais longa – com mais custos sociais, sejam previdenciários ou mesmo laborais. A partir dos quarenta anos, as vagas de trabalho deixam de se acessíveis para muitos. Há diversos processos seletivos que abrem a todos os sexos, a todas as idades, todas as cores e tudo o mais, na melhor versão do politicamente correto. Mas, as contratações se dão, em sua maioria, para homens jovens brancos, não muito mais do que seus trinta ou trinta e poucos anos. A velhice passou a ser ojerizada, não pela morte, mas pelos custos da não ocorrência da morte. Todos querem ser jovens, e a potente indústria da estética nos confirma isto, em números, e os média nos ensina que isto é o certo: ser jovem.

Daí, a morte passou a ser “ressignificada” como produto: suicídio, suicídio assistido, eutanásia, ortotanásia, distanásia, tratamentos paliativos, velórios em vida, envio de restos mortais para o espaço, virar diamante, virar árvore, etc. Quando algo vira produto, passa a haver um fetiche, e passa a haver o desejo pelo consumo. Não que exista tal óbvio fetiche na morte, desta forma exposta, mas é isto que passa a haver: uma “ressignificação” (*sic*) dela – uma mentira que passamos a acreditar e a contar para nós mesmos. Havia a finitude, hoje há a morte *gourmet*.

Velhos desalocados e jovens completamente alocados. Velhos são resistentes às mudanças. Os jovens são a própria mudança, a própria justiça, a própria voz politicamente correta. Empresas são descobertas, cotidianamente, nas “denúncias” feitas por *posts* no LinkedIn de casos de rejeição pela idade, mesmo para profissionais seniores, capazes de fazerem muito mais do que lhes é pedido. Há motivos de rejeição justamente por isso: ser sênior demais. E bem sabemos que não há jovens seniores. As empresas perdem muito por isso. Mas, ainda é o começo deste movimento corporativo e logo teremos as primeiras desgraças de performance no perfeito mundo neoliberal dos empreendimentos urgentes, que buscam pelo lançamento, pela aceleração – o que fazem as *start-ups* e as aceleradoras. As empresas realmente éticas terão imensa vantagem, enquanto as politicamente corretas serão consumidas, talvez nem tão rapidamente, talvez lentamente, a agonizarem em seus próprios mercados que se fecharão sobre elas, tais quais os tubos gigantes de Nazaré. Mas, não deveria ser isto um ameaça inapropriada, dado o nosso neocinismo, mas sim uma promessa ética.

Tubos são sempre bem vistos por muitos, que não percebem os perigos angustiantes de se estar confinado. Os tubos do mundo líquido atual são as cavernas do tempo de Platão. Saramago, sempre ele, nos brindou em sua obra *A Caverna* com uma visão contemporânea das nossas novas cavernas, nas quais vemos nelas apenas e reflexo de representações feitas por uma luz artificial de uma fogueira construída para nos iludir. Assim, aponta ele, temos os *shoppings* todos fechados, sem janelas, artificialmente iluminados, sem que nos apercebamos do tempo do nosso dia que estamos a consumir dentro dele. E consumimos o que projetam dentro dele, que nos fazem desejar.

Mas temos outras cavernas, como os cassinos, os isolamentos sociais autoimpostos e a tela dos nossos aparelhos móveis, como telefones celulares/telemóveis ou tablets. Há uma mágica que nos une a tais telas enquanto tudo o mais passa a ser ignorado. Talvez seja essa a maior de todas as nossas cavernas, desde sempre. Que, como tudo o que há de tecnológico, faz também coisas “boas” e “más”. O tempo não percebido é sempre a melhor garantia de adesão à cadeia de produção e consumo, principalmente quando o tempo que nos resta passa a ser velocíssimo – daí estarmos no shopping vira sinônimo lazer, pela menor velocidade que há lá, na caverna, bem como estar a dar o tempo que nos sobrou para as redes sociais venderem-no a quem quiser pagar pela nossa atenção. Radical demais? Talvez não. Cruel demais? Provavelmente sim, mas é o nosso “livre-arbítrio”, dado que somos agentes autônomos e deliberativos, sempre como nos ensinaram, ao menos academicamente.

E, nisso tudo, o cancelamento passou a uma instância de justiça que nos é proporcionada pelos imediatos julgamento, veredicto e sentença que podemos realizar entre um *like* e outro. Mas isto nos leva a reforçar a própria polarização, pois o efeito reverso dos cancelados, realmente, ao invés dos porões do esquecimento passou a ser justamente a ribalta da exaltação, quando o cancelamento traz mais fama pela elevação do cancelado como novo representante das forças antagônicas – um cancelado de um lado é o exaltado do outro. Nunca a frase bíblica «os últimos serão os primeiros» fez tanto sentido, quase que poderia ser atribuída a Nostradamus, se o Apóstolo Mateus já não a tivesse registado em seu Evangelho. Agora, os últimos de um lado são mesmo os primeiros do outro.

E isso nos leva ao movimento agressivo que vemos – a “lacração” é uma das formas contemporâneas de combate ideológico. Não se debate mais sobre nada, mas lacra-se sobre tudo. Pois, ao lacrar, vence o outro, pela imposição das próprias ideias, e pela falta de resposta convincente. A vitória ideológica passou a ser o silêncio do outro. Muitos, por não quererem mesmo jogar este jogo, passam ao silêncio voluntário, e assumem uma concordância com todos os lados – são os chamados “isentões”.

O que fazem os isentões? Praticam o ovelhamento – uma das formas da interpassividade, que opera como o oposto da astúcia da razão, conforme nos aponta o filósofo Slavoj Žižek. Na astúcia da razão hegeliana, poderíamos ter a sensação de fazermos o que queríamos, mas sempre o que fazíamos estava em conformidade com o que o espírito da razão permitia. Na interpassividade, não fazemos nada, e deixamos a ação para o outro fazer – o representante, por vezes, ou talvez o próprio sistema. Deixamos de tentar sermos livres, talvez pelo cansaço, e adotamos a pacífica condição idealizada das ovelhas, capazes até mesmo de nos fazer dormir ao contá-las a pular cercas, em nossa imaginação. Ovelhas, supostamente, nada fazem de mal, pelo contrário, são alvos dos lobos maus.

Assim, tais ovelhas deixam de existir e passam a viver suas vidas duplas – como todos somos duplos, e já vimos sobre isso – nas redes sociais. Fazem perfis falsos e passam a ter uma outra vida paralela. Isto é a válvula de escape de muitos *haters* que são ovelhas por um lado, e *haters* no outro, e que operam agressivamente no suposto anonimato das redes sociais. A internet não é um lugar em que se possa esconder o que se é, e poucos perceberam isto. A internet é um espaço selvagem, e público, no qual se passa a projetar justamente o que se é e o que se quer ser – tanto o que se é quanto o seu duplo passam a coexistir nas ações feitas digitalmente.

A felicidade dos perfis nas redes sociais é uma projeção não do que se é, apenas, mas também do que se quer ser. Por isso, todos são tão felizes e perfeitos. E, mais uma vez, percebemos os nefastos defeitos colaterais do politicamente correto, ao retirarmos a ética da pauta e colocarmos a urgência da justiça pervertida que este passou a imprimir em todos nós.

Como restaurar o diálogo?

Como dar uma sobrevida à ética?

R.I.P. Ética.

Qual seria o epitáfio da ética?

«Aqui jaz e ética, algum dia foi ela uma virtude transcendental, assassinada pela própria virtude corporificada. Foi também um dever transcendente e universal tão conceitualmente poderoso que nunca imaginaram ser possível existir, até seu sucessor assumir seu lugar. Ela foi o fim último das vidas que se transformou na própria finitude materializada da morte que passou a ter em si, sem consequências boas para ninguém. A ética foi tudo, e morreu quando lhe fizeram viva.»

37. As inconclusões, os agradecimentos, a beringela, o Neocinismo

Cansaço.

Agora em primeira pessoa, novamente, posso afirmar que isto me resume. Estou cansado, e muito, muito mesmo. Byung-Chul Han foi mesmo preciso ao definir assim a nossa sociedade, pois parece que estava a me definir, que estava a escrever para mim. Tão preciso, para mim, quanto Zygmunt Bauman também o foi, em relação à liquidez que passei a ser, existencialmente.

O esforço feito até aqui, filosoficamente, é o meu primeiro – e, por isso, leve isto em consideração, pois há um tanto de entusiasmo (de deus, obviamente, do latim, *cortellamente*) e talvez seja o último que faço, ou o que deixo. Por isso meu esforço também de fazê-lo o mais completo possível, e o mais fluido, também. Mas, talvez não seja o último. Talvez não. Pois ainda resta algo para além deste cansaço que tem me absorvido pouco a pouco, mas sei que já me deixa a um nível existencial insustentável de continuar, ou não.

Parece que tenho estado a gritar, a mostrar as coisas, a apontar os verdadeiros problemas, mas quem os vê, realmente? Quem me escuta? Quem ainda me enxerga? E isto cansa. E muito. A pior coisa é a inexistência – deixar de existir, e pior ainda quando se sabe que deixou de existir, enquanto todos dizem o oposto, mas sem nunca olhar nos olhos ao dizer. Só palavras.

Quando vemos a nossa própria imagem como sendo a realidade do mundo, percebemos a mentira em nós mesmos. E este “nós mesmos” é invisível para os demais, que só querem e podem e conseguem ver imagens – a realidade lhes é indesejada, e somos indesejados, ficamos invisíveis, inexistentes. É assim que me percebo depois de uma vida vivida com base nas mentiras que todos aprendemos a contar a nós mesmos, desde sempre. Também por isso, estou cansado, a lutar contra mim mesmo, a me atualizar.

Minhas questões aqui não foram contra ninguém, não são contra ninguém, nunca seriam, nem serão. Não me importa o que foi dito, precisamente, pelos grandes filósofos, mas sim o porquê que disseram tais coisas, e mais ainda o que não foi dito por eles, e por que não disseram. Me interessa a perspectiva, e não a literalidade de uma obra analisada na paralisia de um gabinete acadêmico – mas também há valor nisso. O melhor da Filosofia sempre vem dos sucos das obras, mescladas e contextualizadas, sem nada de universal.

Mas o que eu escrevi foi mesmo contra todos nós mesmo, no coletivo, e principalmente contra mim mesmo, das ações e criações que ainda sou capaz de fazer e que me permitiria ajudar a melhorar, pretensamente, o que há, mas apenas se todos também assim percebessem o poder criativo que temos em nós, quando estamos realmente juntos neste coletivo. Preocupa-me, e muito,

a inexistência – a minha e a da maioria que está assim. Mas, esta é uma luta quase em vão, quase completamente perdida, se tomada no âmbito individual. Mas, ainda é um quase, e há ainda possibilidades. O que pude fazer, fiz, e ainda continuarei a fazer, enquanto me for possível, e enquanto eu for e estiver no possível, a tentar aguçar os sentidos filosófico-libidinosos intelectuais que todos possuem adormecidos, e a levar a novos ares, novas perspetivas. Ou talvez não.

Poderia ter feito algo mais nestes últimos anos da minha vida, ao menos para quem está mais perto de mim, e nem isso tenho feito bem, e me afundo ainda mais na consternação pessoal, pois tenho jogado todas as minhas energias contra os retrocessos que acredito que estejam a nos ameaçar, a ameaçar nossos legados, nossos filhos, nossa descendência – o futuro. As pedras chegam a mim, violentamente tacadas, e as recebo todas como merecidas, enquanto passo a inexistir mais e mais, a me fragmentar. E isso, além de cansar ainda mais, dói na alma que nunca provamos existir, e muito.

Este livro surgiu disto, desta recente direção que minha vida passou a ter, uma força mais forte do que a minha própria razão, até da minha própria dignidade, do meu eu. E agradeço a quem não me deixou ser o que sou, que me fez existir e resistir desta forma, a me empurrar ao plano da inexistência. Foi preciso isso para me permitir atingir a minha visceralidade. Será sempre com um agradecimento, com uma sincera desculpa, um perdão realmente sentido, que espero reparar, finalmente, todo este meu vazio anterior que transbordou para além de mim, e pretendo isto a partir daqui, visto que percebo meu papel cumprido ao final deste projeto filosófico.

O livro sai do armário completamente desmontado, sem maquiagens, sem nem revisão e nem edição feita por terceiros – uma publicação minha, independente, disponibilizada do mesmo jeito que foi produzida, catarticamente, por vezes confusas, por vezes insana, talvez com alguns erros, ou mais provavelmente com muitos erros, mas é uma publicação sentida desde o começo a ser retirada de minhas entranhas, visceralmente – carne de minha carne, sangue de meu sangue, uma obra imperfeita como eu, sincera como sempre desejei ser e com uma carga de inconformidade que me expõe desnudo, principalmente nos meus tempos mais atuais.

Não busquei enaltecer os conteúdos dos filósofos, ou suas teses, antíteses ou teses, mas sim o valor de tais conteúdos. Assim, a exatidão conceitual não foi o fim último deste trabalho, pois isto seria replicar o que já há, e não criar a partir de valores disponíveis, o que busquei fazer. A replicação filosófica é importante, mas não é algo que me sacie. As referências foram muitas delas da Wikipédia, pois a considere mais acessível ao público em geral, destino deste meu trabalho, para tornar a Filosofia mais acessível a todos. Mas, as fundamentações filosóficas foram todas tiradas dos clássicos ou dos grandes comentadores, sem amadorismo, neste ponto.

O português utilizado foi por vezes o do Brasil, e por vezes o de Portugal, pois nem sei mais o que é um nem outro, depois dos poucos mais de cinco anos a viver na Invicta, a deixa de usar gerúndios, ou quase sempre. E talvez por isso nunca poderei ter a experiência de trabalhar com telemarketing no Brasil, por não saber usar gerúndios – um pré-requisito da profissão, ao que me parece.

Mas tudo, até aqui, cansou. E cansou muito. Muito mesmo. Mas não só apenas eu que estou cansado, e nem mesmo sou o mais cansado. Bem sei. Bem sinto. Somos uma legião. Não de demônios, lamentavelmente, mas sim de cansados. Se fossemos demônios, nossas vidas seriam ótimas, afinal, dado o tanto que seríamos valorizados em algumas das principais religiões brasileiras: seríamos VIPs por lá. Eis-nos aqui com nossas últimas tonterias, disparates, bobagens. Voltemos à seriedade do momento solene final.

A Filosofia ainda é um sonho para mim, e não uma realidade como deveria ser. E me esforço para que seja realidade, para que seja mesmo instrumental, que possa fazer algo mais do que elucubrações teóricas. A ética ainda me é transcendente, e me esforço para que continue assim, pois geralmente tenho conseguido filtrar as urgências do politicamente correto, e talvez isto esteja a me ser possível por não participar de grupos de Whatsapp, creio eu. O que há de pior do que ser o “Tio do Zap”? Deus me livre.

A filosofia não deve ser transcendente, todavia, não deve ser um sonho. Deve ser um porrete daqueles de basebol, bem duro, que permite abrir as mentes, simbolicamente, obviamente, pelas ideias que ela pode nos fazer sentir como devemos ser, quando nos damos por completamente nocauteados por algo que nos muda completamente a visão da realidade, assim como me senti em muitas das primeiras aulas filosóficas que tive, ainda na licenciatura, a perceber o quanto era ignorante, e ainda sou, e sem falsas intenções egóicas – sinto-me mesmo um ignorante ao me deparar com o brilhantismo de muitos filósofos, especialmente antes das refeições na selva.

Eu estava a estudar os clássicos gregos, nestes tempos dos primeiros e sucessivos nocautes filosóficos que estava a tomar. Senti os efeitos físicos numa crise de pressão arterial absurdamente alta nas primeiras semanas de aula – sim, foi mesmo visceral – e descobri que poderia ter uma morte fulminante, a qualquer momento, pela comunicação que recebi do cardiologista que estava a analisar um exame cardíaco que tinha feito.

No meio de aula de Filosofia do Conhecimento, recebi um SMS dele, por não ter atendido o telefone, que dizia, basicamente: «vá direto ao hospital, imediatamente»⁸¹. Saí a andar da aula, bem devagar, até o Laboratório,

⁸¹ Transcrito, aqui, o SMS recebido em 24/09/2018, enquanto estava a ser apresentado às teorias do conhecimento de Thomas Nagel, “O que quer dizer isto tudo?”, nada mais apropriado: «*O Sr. fez um Mapa no Labmed Saúde para avaliar*

vizinho à Estação do Metro que fica na Casa da Música, no Porto, e depois rumo à médica de família, a pensar que seriam meus últimos momentos de vida. Encontrei ali, naqueles passos dados com muita calma, bem coordenados, uma paz indescritível. No caminho, mandei mensagens para os familiares mais próximos – apenas a dizer que os amava, apenas a deixar isso claro, a agradecer sem alardes – e, assim, tive meu primeiro contato sincero e direto com o incontrolável real. Ali, me reencontrei com o impossível, realmente. E gostei daquela paz, por mais contraditória que ela pareça ser.

Ah, os gregos, estes sabiam o que estavam a fazer, quase sempre. Pois a Filosofia não é mais assim, como naqueles tempos, pois atualmente ela é como a beringela. Pode-se fazer de tudo com beringelas, mas nem sempre se fica bom. A Filosofia passou a ser mesmo assim.

Ao abrimos o excelente site PhilPapers⁸², temos, nesta data, 5845 categorias que a Filosofia está a abordar. Faz-se de tudo com a Filosofia, realmente – tem Filosofia para tudo o que se conhece. Podemos fundar, por exemplo, a “Filosofia do retorno dos que não foram”, se assim quisermos, e logo ela estará categorizada como a 5846ª categoria, pois receberá seu *tag* correspondente. A beringela é assim também. Duvida? Tente *googlar* receitas de beringela, e terá um número equivalente de receitas. Nem todas ficarão gostosas ou digeríveis, tal como a nossa combatida Filosofia.

Por isso, aos poucos, talvez num rompante de autopreservação, percebi que não deveria levar nada muito a sério, a começar por mim mesmo. E isso me deixou livre, capaz de me afastar de todo o rigor e mofo filosófico e perceber o melhor que ainda há na Filosofia, o que não é pouco – há mesmo muita coisa fenomenal. Pude perceber também algo mais para além de mim mesmo, para além da minha perspectiva. É um processo que se inicia com a empatia, que usa da coerência e se atinge, finalmente, a obscenidade ideológica.

Foi algo muito bom que me ocorreu, que me levou à ideia de ressuscitar o cinismo, ao final da licenciatura. Me senti muito bem com esta possibilidade. Eu proponho ser um “colaborador” para que possa surgir disto tudo um novo cinismo, ou o neocinismo. Só o Neocinismo salva, afinal – lembre-se sempre disto, pois é uma das chaves para resistir ao cansaço.

a pressão arterial. O seu exame revela TA muito altas a carecer de tratamento urgente ou internamento hospitalar. Como telefonamos 5x e o Sr. não atendeu... aconselhamos a ir buscar o seu exame e dirigir-se ao hospital. URGENTE.» - sim, o “urgente” veio assim, em caixa alta. A morte, para mim, não veio na formosura interativa e filosófica de uma encarnação humana, mas sim através de um SMS da Vodafone. Pode acontecer. E aconteceu, ou quase isso.

⁸² Confira todas as categorias filosóficas em <https://philpapers.org/browse/all>.
Acedido em 16/09/2022.

Talvez seja apenas uma ideia que fica apenas assim, no precipício abissal, talvez não, nunca saberemos. Só deus, obviamente, poderia nos dizer.

E, assim, precisamos falar sobre “ele”, deus – se você crê nele, continue assim. Se você é ateu, reconsidere voltar a crer em deus, por favor. Se tem dúvidas sobre sua existência, ou inexistência, mas discorda do que escrevi sobre a forma na qual “ele” foi feito por nós, por favor não contrarie. A questão é que houve desde sempre um esforço descomunal a provar a existência e a inexistência de coisas como deus, alienígenas, amizade desinteressada entre homem e mulher, fantasma comunista, cura gay, mamadeiras de piroca, o homem do saco e outras entidades inapreensíveis.

Por isso, faço uma proposta decente e racional: ao assumirmos todos uma convencionada certeza positiva sobre a existência de deus, até axiomática, teremos consideráveis recursos intelectuais liberados para coisas que realmente irão nos ajudar, concretamente, com uma Filosofia indagadora, reparadora, produtiva e totalmente conectada ao coletivo do povo de deus. Há coisas que são mesmo irrelevantes, mas que nos dominam ao ponto de nos fazer esquecer o que é importante, como por exemplo, o efeito devastador que a falta de uma história contada por diferentes perspectivas nos traz. Precisamos de novos conteúdos, novos e melhores valores compartilháveis, e não mais de velhos conteúdos intoxicantes e com data de validade expirada.

Enfim, o cansaço passa, tudo passa, mas fica aqui minha forma de expressar meus mais sinceros pensamentos filosóficos, nada ortodoxos, pelo contrário, pois são quase todos completamente heterodoxos e profundamente mundanos, por vezes lascivos, e que me causará certamente um cancelamento definitivo de muitos núcleos do universo acadêmico, lamentavelmente, mas é assim que é. “Peço desculpas”, desde já, pois é o correto a se fazer, a se agir politicamente, sempre que algo não corre bem.

Mas, ao menos no Departamento de Filosofia da FLUP, estão lá pessoas boas, pois tive contato direto com praticamente todas elas, ainda que não raro tenha tido com elas diversas discussões e debates acirrados, todos a níveis filosóficos, apenas, nas aulas e seminários, e que me deixaram boas saudades e que muito me fizeram progredir. Também havia os debates com os colegas de turma, nos corredores, entre um café e outro, quando a máquina de café não roubava minhas moedas, o que não era raro ocorrer. Mas, quando saía o café, que delícia que era – e isso fazia valer todo o risco por ele.

Eu “perdia” todos os debates e discussões, pois, um cínico verdadeiramente Cínico sempre acaba por considerar todas as perspectivas, sem se apegar a nenhuma delas, em definitivo. Pois nunca um Cínico quer mesmo vencer um debate e afirmar sua proposta filosófica como a melhor, mas sim deseja a maiêutica socrática, que é um ataque sutil às certezas do oponente e à orientação para uma construção conjunta de uma nova perspectiva – mas são muitos poucos os que cedem a tal processo de abertura,

ao se agarrem ao que possuem e a resistirem ao que não conhecem – e isto é algo mesmo humano, e que também me atinge, por vezes e vezes.

Como não agradecer aos Professores e Professoras de Filosofia da FLUP? Se ainda não o fiz, eis aqui, em tempo, a citar os Doutores e Doutoradas:

À Professora Sofia Miguens Travis pela paciência e compreensão, pelos debates acalorados e sempre produtivos, dada a sua profunda visão integradora que permeia pelos diversos campos e autores;

À Professora Paula Cristina, pelas “fritadas de olhar”, quando eu me excedia nas minhas exposições, e por me colocar novamente nos trilhos, mas sempre com bons ensinamentos a mais, mais enriquecido intelectualmente;

À Professora Lídia Pires, que me fez perceber a Filosofia, pela primeira vez, quando me dei conta de que estava a encontrar o que sempre procurei como conceito de mundo, em uma aula sobre Hegel, ainda na Licenciatura, inesquecível até hoje, e por me continuar a inspirar fortemente no Mestrado;

À Professora Maria Celeste Natário, por ter me mostrado o pensamento português e me fazer perceber a ideologia destas terras de cá, tão complexa quanto intrigante, mas profundamente honesta. Há muita beleza na Portugalidade, e lamento por ainda nos ser desconhecida, aos brasileiros;

À Professora Paula Silva, pelos ensinamentos dos medievais e por me levar à percepção sobre questões muito relevantes aqui apresentadas – me fez a diferença, e a agradeço, e me desculpo pelos meus excessos, sinceramente;

Ao Professor José Meirinhos pela erudição, por vezes irritante de tão grande e abrangente, sobre-humana, mas sempre com um coração aberto a nos acolher em tamanho conhecimento incondicionalmente compartilhado;

Ao Professor Mattia Ricardi, que me fez perceber os clássicos, logo à partida, o que me foi muito precioso desde então, como percebemos por aqui;

Ao Professor João Alberto Pinto, por queimar quase todos os meus neurônios com a Lógica e, no Mestrado, queimar o que sobrou deles com a Filosofia da Mente, que superou infinitamente minhas expectativas, que não eram poucas – pela precisão e rigor com que sempre expôs em suas aulas;

Aos Professores Paulo Tunhas e Rui Romão, pela paciência de ambos e a compreensão com as minhas visões filosóficas, ainda que nem sempre presentes, todavia; e, finalmente, agradeço muito...

À Professora Maria João Couto, que me permitiu ter perspectiva com a Filosofia, ao final da Licenciatura, verdadeiramente, por me fazer perceber que sempre foi a Ética a minha predileção filosófica, sem que tivesse percebido isto antes de suas aulas, em plena pandemia, e todas dadas remotamente. Foram estas aulas com ela a cereja do bolo, pelas quais ainda guardo imensa gratidão e me deixam com muitas saudades.

Todos estes professores moram em meu coração, e a todos os outros professores das cadeiras eletivas, ou os substitutos ou eventuais, à minha

época, tais como as Professoras Silvia Bento e Manuela Teles, dedico o mesmo carinho e gratidão.

Recomendo a todos: se um dia quiserem algo sem expectativa de vida, por nunca ter encontrado nenhuma, até então, largue tudo e venha ao Porto estudar Filosofia na FLUP. Certamente, em algumas destas aulas, perceberá o que sempre esteve a buscar. Que experiência sensacional!

Os bons combates são sempre pelas ideias, e nunca com as pessoas. «*Se pessoas nos fazem mal, que possamos nos dirigir a elas, e apenas a elas, diretamente, e expor o que se passa*» – pronto, eis aqui uma frase minha de autoajuda, quase um imperativo kantiano, como se eu me transformasse em *coach*, por instantes, para a felicidade dos que se oporão às minhas ideias – e sejam bem-vindos à selva, pois quase é a hora da refeição.

Tenho sido assim, cínico, cáustico, irônico, blasfemador e, por vezes, um pouco mentiroso, como todo cínico-raiz, mas mentiroso sim, declarado, mas só um pouquinho mesmo – pois se assim não fosse, o cansaço já teria me vencido, há tempos. Portanto, duvide das “verdades” alheias, inclusive das minhas, e tire do que há ao seu dispor suas próprias apreensões, criticamente, pois verdades são elas próprias meras perspetivas. E assim seguiremos.

Há um projeto de uma série de livros que permitirão novas óticas filosóficas, selvagemente filosóficas, mas todos os outros que virão terão este primeiro como sua base conceitual, e serão muito mais sucintos, assim espero – mas só se deus quiser, novamente, não nos esqueçamos nunca dele.

Estamos, assim, investidos do poder divino de ressuscitar a velha e toda boa Filosofia, em todos os lugares que formos, até mesmo nos antros mais pecaminosos que estivermos, pois lá também está a Filosofia, sempre voluptuosa e insaciável, a nos acompanhar. Basta vê-la, basta senti-la, que ela nos acolherá, nos deleitará, e nos deixará menos cansados e mais refeitos.

Estamos no jogo da vida. Ao menos, precisamos perceber as regras às quais estamos submetidos, mesmo que não ganhemos nada, não levemos nada, nem que saíamos vivos ao final do jogo – mas com a certeza de que, com o conhecimento do esquema conceitual do possível, poderá ser bem mais divertido⁸³ aos que queiram jogar. “A vida dói” – escutei isto um dia.

Para se jogar, é preciso aceitar o que há – lutar contra é inviável, bem vimos: no máximo, alguma diversão. E para isto não se exige coragem. Ela só existe aos que não querem mais os jogos alheios, e rompem com o que há, a fazerem seus próprios jogos ou a seguir seus melhores destinos. «*Por não saber que era impossível, foi lá e fez*»: esta frase irracional da autoajuda assume aqui o seu verdadeiro significado, a partir de agora: «*Por não saber que era impossível, e por ter pavor dele – da realidade, ‘ressignificou’ o*

⁸³ Divertido, aqui, novamente a lembrar, no sentido de “menos angustiante”.

LEANDRO ORTOLAN

impossível e passou a viver feliz na ideologia, dentro do esquema conceitual do possível. Ficou por cá e fez apenas o que lhe foi possível fazer.».

É isso. É este o jogo. E agora já percebemos um pouco de suas regras, e podemos garantir que ficaremos melhor, mas só um pouquinho.

Que voltemos os jogos!

Leandro Ortolan

Porto, Portugal, verão de 2022... depois de pouco mais de um ano de trabalho intenso, que mais me pareceu uma década, fui lá e fiz, por ser possível.

Parte V – ANEXOS

38. Sobre o Autor

Leandro Ortolan, em seu modo de existir, é Filósofo e Mestrando em Ética e Filosofia Política pela Universidade do Porto, Portugal, já tendo concluído o Curso de Mestrado, com êxito, e atualmente no processo de recuperação deste livro para iniciar a produção de sua dissertação.

É cidadão ítalo-brasileiro, que ama compartilhar suas histórias de vida pelo mundo, muitas delas realmente inusitadas e inacreditáveis, e é um grande entusiasta das possibilidades não exploradas da vida contemporânea. Reside nos últimos poucos mais de cinco anos em Portugal, e antes, ficou cerca de um ano na Tailândia, Vietnam e na Itália.

Já teve formação em Ciências Econômicas na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas sem concluir o curso, pois, à época foi contratado por um grande banco de investimentos que lhe exigia dedicação integral; possui também um MBA em Gestão de Negócios, e diversos cursos de gestão, sem nunca parar de estudar informalmente e a se aperfeiçoar profissionalmente, além de uma grande experiência profissional nos mercados financeiros e no setor de Intra logística e de serviços, no qual pode empreender e construir uma empresa de renome, enquanto esteve ativa, com grandes clientes corporativos e negócios internacionais. Mas, tudo isso é o seu passado, pois atualmente dedica-se “apenas” aos estudos de Filosofia e a produção de conteúdos, entre um e outro serviço inusitado que lhe aparece.

No seu modo de existir é alguém que sente a necessidade de formar novas perguntas sobre as questões mais importantes da existência. As respostas sempre são menos relevantes, acredita, e sempre estão contaminadas pela perspectiva ideológica dominante. Acredita que nas perguntas estão as verdadeiras razões das inquietações da alma, pois já trazem nelas mais informações do que se pode perceber das que existem soltas pelo mundo. As verdadeiras razões da intencionalidade já estão nas questões mais relevantes. E as suas não são poucas e nem rasas.

Foi fundador da MenteNova, uma organização espiritualista que operou em sede física em São Paulo, no bairro de Santana, por cerca de três anos, aberta ao público em geral, gratuitamente, com estudos das questões espirituais, mas sem vínculos religiosos, e até chegou a receber o presidente da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos – a ATEA, para uma icônica conversa aberta sobre o ateísmo. Também abria a instituição às diversas religiões, principalmente as de matrizes africanas, nas quais percebe imensa sabedoria expressa nas suas tradições e divindades. A sua busca sempre foi

em todas as dimensões do saber. Depois destes três anos, as atividades da MenteNova passaram a serem digitais, pela internet, onde fez muito sucesso em termos comerciais e de público, quando passou a vender cursos e participações online em turmas de estudos.

Ao sair do Brasil, estava desanimado com os conteúdos da MenteNova, e com todo o “mundo” espiritualista, e, ao ingressar na Licenciatura de Filosofia, deixou de vender os cursos mais “espiritualizados” e místicos, sempre os mais procurados. Não mais os vendeu por não mais acreditar nos seus conteúdos – estava a adentrar na fase niilista, e percebeu o quão limitado estava, e por tal motivo se afastou progressivamente de tais temáticas. Foi o primeiro “estrago” da Filosofia – acelerar e aprofundar o seu ceticismo.

Ao terminar a Licenciatura, fundou a Ser Dual, uma nova proposta de conteúdos online com abordagens filosóficas que levam à construção de programas conscienciais para que se possa “existir plenamente” – quando se abordam as questões abissais de forma clara e diferenciada, a suprirem as incompletudes existentes entre os modos de ser e de existir. É a *praxis*.

Tal premissa recai também na metodologia desenvolvida por ele a partir de seus dias em Chiang Mai, na Tailândia – a do mapeamento existencial, no qual busca-se perceber a alocação estrutural que cada um possui, e é produzido um mapa existencial com forte avaliação comportamental correlacionada com a posição que se está a ocupar na estrutura, a perceber o marketing e a ideologia a qual está subordinado. É uma proposta terapêutica que tem se mostrado bastante promissora, desde a fase final de desenvolvimento e aplicações, sempre muito satisfatória, até então.

O que se busca, com o mapeamento existencial é perceber a si próprio como eterno, em estado de existência e dotado das infinitas possibilidades ideológicas. É também perceber a si como parte de uma estrutura, em diversas instâncias ou dimensões com as quais há relações e posições, e assim compreender as razões dos conflitos íntimos, das dores e sofrimentos que habitam a mente.

E tudo parte da consciência da própria dualidade, pois somente assim é possível transcender à sufocante pressão existencial do abismo. Abordam-se os valores da individualidade e da estrutura, em último recurso, que cada um possui em si como apreensão realizada e fora de si como referencial de falta.

Por isso, crê na importância do mapeamento existencial, uma promessa para se fazer a diferença, e de acordo com tudo o que foi apresentado nesta obra, sua primeira publicada, mas não a primeira escrita.

Mas, como ele diz, isto lá são outras histórias.

39. Sobre a Série Expedições da Filosofia Selvagem

O queremos?

Conteúdos e valores como provocadores de uma proposta multitemática para debates filosóficos excitantes. Há que ser excitante!

Por isso, teremos outros livros?

Pode ser que nem existam outros livros, mas seria bom que existissem.

Se existirem, serão desdobramentos destes, mas mais específicos em algum tema mais restrito e/ou com aplicações práticas sobre questões que possam vir a ser tornadas comuns, interactivamente, nas discussões que eventualmente possam ocorrer a partir da publicação desta obra.

Além de livros, podemos pensar em vídeos, programas, cursos, participações em podcasts, seminários e muitas formas que podem ser propícias ao enriquecimento intelectual. Há a sequência do mapeamento existencial, que é algo interativo e profundamente prático e imediato. Uma experiência sensacional para quem passa por ela.

Tudo é possível, mas nem tudo é provável. Mas, antecipadamente, temos já algumas questões que seriam excelentes serem abordadas, e que são mesmo excitantes. Então temos uma proposta editorial, desde já.

Eis então a série de publicações idealizada como “Expedições da Filosofia Selvagem”, a saber:

Livro I – A Filosofia da Perspetiva - O guia cínico e selvagem dos jogos da vida – uma expedição obscena e visceral pelo esquema conceitual do possível. (Feito! Ei-lo aqui)

(E somente se deus quiser, daqui para baixo, teremos...)

Livro II – A Filosofia da Desinformação – uma expedição filosoficamente incorreta pelo limbo terrestre do entretenimento contemporâneo: os *squid games* e afins sob a ótica dos VIPs, super-heróis, gurus, *coaches*, *influencers*, mendigos sedutores e outras manifestações mediáticas.

Livro III – A Filosofia da Inexistência – uma expedição selvagem em busca da raiz da inexistência: o grande mal do terceiro milênio.

Livro IV – A Filosofia da Ressurreição Divina – uma expedição ético-temporal criadora do duplo humano perfeito a responder a uma única pergunta: como construir um sistema de inteligência artificial que ressuscitará deus? E que, graças a ele, nos dominará por completo – nossa mais obscena fantasia secreta.

Livro V – A Filosofia dos Fins dos Tempos – uma expedição ao apocalipse do possível: um guia provável do impossível, ideal para alienígenas recém-chegados, antes de investirem recursos para tentarem nos dominar ou destruir.

E assim, temos apenas de seguir adiante, se deus quiser! E lá vamos!

40. Índice Remissivo

- a falta .86, 87, 96, 136, 162, 358, 369
 abismo ..39, 72, 73, 74, 75, 312, 360,
 433, 442, 445, 446, 448, 460, 466,
 497, 500, 501, 502, 503, 506, 514,
 519, 526, 527, 529, 533, 535, 536,
 539, 553
 acontecimento 21, 23, 33, 142
 acordo36, 50, 56, 58, 64, 82, 86, 101,
 103, 108, 132, 173, 177, 178, 189,
 190, 192, 194, 196, 244, 248, 254,
 266, 268, 292, 297, 321, 324, 331,
 348, 358, 361, 365, 369, 376, 379,
 415, 439, 445, 448, 474, 477, 480,
 495, 506, 513, 514, 515, 521, 552
 aderência 188, 189, 201, 242, 261,
 293, 339, 353, 355, 379, 403, 427,
 459, 483, 499, 525, 544
 adesão22, 35, 65, 129, 185, 188, 191,
 197, 222, 245, 259, 263, 289, 292,
 294, 338, 354, 360, 398, 401, 403,
 419, 427, 441, 460, 482, 490, 491,
 499, 539, 560, 567
 Agostinho..... 44, 114, 126, 153, 522
 Althusser 218, 219, 220, 221, 222,
 228, 287
 anestesia..... 34, 63, 66, 379
 anticlímax .. 365, 366, 367, 368, 369,
 374, 377
 aporofobia..... 327, 358, 458, 547
 apreensão ... 22, 23, 54, 88, 103, 112,
 113, 176, 288, 315, 413, 474, 498,
 521
 Aristóteles.. 50, 86, 87, 89, 125, 140,
 249, 250, 445, 521, 543, 544
 ateu127, 301
 ateus....208, 318, 319, 501, 502, 504,
 506, 513, 535
 autoconsciência...117, 118, 119, 120,
 129, 135, 136, 137, 157, 163, 239,
 259, 262
 Bauman 563, 571
 bem comum..... 137, 443
 Bergson 37, 68, 111, 276
 Brentano 45, 46, 104
 Byung-Chul Han..... 83, 89, 571
 cancelamento160, 246, 552, 565,
 567
 cansaço 56, 83, 89, 238, 284, 354,
 568, 571
 capacitado..... 52, 230, 253, 254, 255,
 261
 cidade... 94, 114, 165, 175, 176, 237,
 256, 269, 271, 293, 297, 304, 311,
 313, 315, 316, 319, 322, 323, 324,
 327, 337, 339, 340, 341, 342, 343,
 347, 353, 354, 356, 357, 358, 359,
 360, 361, 363, 365, 373, 387, 388,
 391, 396, 407, 410, 412, 415, 416,
 443, 451, 452, 453, 454, 456, 459,
 460, 461, 463, 465, 466, 467, 469,
 470, 474, 497, 504, 514, 516, 519,
 525, 529, 546
 Cínicos 53, 54, 55, 56, 60, 415
 Cinismo
 cínico 54, 56
 cínicos 54, 76, 291
 Cinismo..... 55, 56
 clímax... 39, 284, 365, 366, 367, 368,
 374
 conhecimento..44, 45, 46, 47, 55, 56,
 104, 107, 110, 112, 117, 119, 120,
 124, 125, 141, 144, 145, 146, 148,
 149, 153, 161, 175, 187, 188, 204,
 206, 208, 223, 238, 242, 245, 301,
 334, 354, 445, 480, 496

- consciência 23, 25, 27, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 53, 56, 59, 60, 62, 73, 77, 82, 91, 103, 104, 107, 108, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 135, 171, 192, 210, 211, 213, 214, 218, 243, 244, 245, 246, 251, 253, 260, 279, 280, 281, 292, 351, 354, 367, 375, 385, 399, 427, 432, 433, 459, 483, 488, 498, 518, 534
- constrangimentos 198, 339, 414, 487, 519, 527, 544
- conteúdos ..27, 28, 31, 36, 45, 46, 47, 51, 54, 86, 99, 106, 115, 117, 119, 130, 132, 135, 136, 137, 151, 159, 161, 166, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 183, 186, 187, 188, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 201, 218, 224, 227, 230, 231, 232, 235, 236, 237, 239, 241, 242, 243, 244, 245, 247, 248, 251, 267, 268, 275, 307, 314, 316, 333, 335, 343, 355, 360, 361, 362, 369, 376, 380, 385, 392, 403, 407, 411, 413, 414, 417, 427, 431, 432, 433, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 447, 451, 452, 454, 455, 456, 457, 460, 461, 462, 464, 468, 469, 470, 473, 474, 477, 478, 479, 482, 484, 491, 497, 514, 531, 539, 551, 553, 554, 555, 556, 559, 564
- corrupção126, 132, 215, 228, 239, 285, 286, 297, 334, 372, 373, 378, 379, 475
- deliberação... 48, 49, 51, 53, 61, 260, 415, 416, 540, 565
- deliberações 51, 79, 82, 408, 495, 496, 528, 540, 563
- desejos 27, 28, 31, 40, 53, 61, 62, 82, 83, 85, 93, 95, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 117, 118, 120, 121, 130, 134, 136, 137, 139, 142, 145, 170, 178, 196, 221, 222, 242, 247, 248, 250, 253, 273, 294, 298, 299, 301, 303, 304, 307, 313, 315, 325, 358, 368, 381, 416, 420, 437, 439, 447, 462, 489, 497, 522, 524, 540, 558
- Destutt . 205, 206, 207, 208, 210, 222
- detox... 275, 278, 280, 281, 335, 427, 548, 564
- dialética 42, 43, 44, 105, 107, 108, 115, 157, 221, 306, 311, 323, 374, 500, 564
- diferença... 64, 80, 85, 86, 87, 91, 93, 97, 98, 100, 101, 103, 105, 106, 109, 111, 114, 120, 133, 152, 170, 171, 183, 185, 189, 190, 194, 204, 211, 214, 223, 237, 243, 249, 256, 260, 267, 271, 277, 303, 307, 327, 335, 337, 339, 340, 343, 344, 351, 371, 376, 390, 391, 392, 393, 397, 417, 433, 439, 445, 446, 452, 454, 455, 459, 460, 461, 462, 476, 479, 480, 522
- distopia . 80, 195, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 314, 360, 381, 422, 459
- distopias 90, 179, 263, 264, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 376, 536
- divindade 81, 113, 124, 184, 220, 271, 295, 298, 489, 491, 505
- divindades 220, 297, 308
- duplicidade .. 302, 303, 304, 305, 448
- encruzilhada 503, 513, 515, 524, 543
- encruzilhadas503, 504, 505, 513, 514, 515, 518, 524, 525, 529, 544
- escolhas 25, 42, 43, 52, 60, 61, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 115, 173, 184, 230, 254, 283, 451
- escolhido 80, 253, 254, 255, 256, 257, 285, 290, 317, 371, 516, 532
- escolhidos... 130, 253, 254, 255, 256, 261, 271, 297, 330, 516, 520, 536
- espaço público26, 159, 165, 175, 311, 313, 314, 315, 316, 318, 320, 324, 337, 338, 339, 340, 352, 353, 357, 361, 407, 429, 443, 451, 452,

- 453, 459, 460, 461, 462, 474, 490,
496, 513, 514, 516, 518, 531, 535,
542
- Espinoza⁵⁰, 123, 127, 129, 134, 232,
482
- espírito obsessivo. 129, 130, 133, 142,
149, 151, 152, 154, 156, 161, 163,
164, 169, 183, 218, 222, 232, 246,
359
- esquema conceitual do possível. 424,
438, 446, 447, 448, 454, 457, 479,
493, 495, 514, 526, 536, 543, 545,
546, 547, 548, 558, 583
- estranhamento 23, 24, 25, 26, 27, 28,
29, 35, 74, 188, 219
- estrutura.....24, 27, 34, 40, 41, 43, 44,
47, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61,
62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 72, 74,
77, 78, 80, 99, 101, 104, 118, 120,
123, 124, 125, 126, 127, 128, 130,
132, 133, 134, 135, 137, 146, 151,
152, 156, 159, 162, 163, 164, 165,
166, 171, 184, 186, 187, 190, 191,
192, 193, 194, 198, 201, 219, 231,
237, 244, 246, 247, 266, 275, 280,
283, 288, 292, 294, 302, 303, 304,
305, 307, 308, 316, 323, 328, 329,
332, 338, 355, 360, 361, 362, 367,
368, 370, 371, 372, 373, 375, 376,
386, 387, 389, 390, 394, 396, 407,
416, 417, 420, 424, 426, 427, 429,
440, 442, 443, 446, 448, 451, 452,
453, 454, 461, 465, 475, 477, 478,
481, 483, 488, 491, 493, 495, 496,
497, 498, 499, 502, 504, 513, 514,
515, 516, 525, 527, 529, 530, 531,
532, 535, 541, 544, 546, 551, 560,
565
- ética82, 118, 157, 214, 231, 242,
272, 273, 281, 324, 386, 390, 425,
438, 470, 493, 505, 506, 507, 513,
514, 515, 516, 517, 518, 519, 520,
522, 523, 524, 525, 526, 527, 528,
529, 530, 531, 533, 534, 535, 536,
537, 539, 540, 541, 542, 543, 544,
545, 546, 547, 548, 551, 553, 554,
556, 557, 558, 559, 560, 562, 563,
564, 565, 567, 568, 569, 573
- éticas .. 118, 133, 179, 203, 214, 242,
317, 338, 427, 443, 444, 524, 527,
534, 536, 540, 541, 542, 546, 560,
563, 567
- excluídos 344, 355, 382, 407, 408,
409, 410, 417, 465, 466, 525
- expectadores 266, 267, 371, 385, 386,
388, 396, 397, 403, 407, 411, 412,
413, 417, 421, 466, 559
- fantasia. 90, 94, 95, 97, 98, 100, 101,
104, 118, 157, 188, 190, 221, 222,
317, 337, 348, 415, 484, 491, 492,
521, 583
- fantasias..... 94, 96, 98, 99, 100, 106,
109, 117, 119, 131, 135, 379, 489,
491, 521, 524
- filosofia selvagem.....583
- finitude. 22, 103, 141, 187, 188, 197,
198, 223, 242, 243, 258, 311, 312,
320, 366, 368, 369, 370, 371, 375,
377, 379, 380, 381, 382, 394, 444,
482, 498, 503, 506, 515, 520, 566,
569
- forma.. 21, 26, 28, 32, 33, 35, 36, 39,
40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 49, 50,
52, 53, 57, 59, 62, 63, 64, 65, 67,
71, 72, 73, 76, 77, 80, 81, 82, 86,
88, 89, 90, 95, 96, 97, 98, 99, 100,
101, 104, 109, 110, 111, 118, 119,
123, 125, 126, 128, 129, 130, 131,
132, 133, 134, 135, 136, 137, 142,
151, 152, 154, 155, 157, 158, 159,
160, 161, 162, 163, 164, 165, 166,
169, 171, 172, 173, 174, 175, 176,
178, 186, 187, 188, 193, 194, 196,
198, 199, 201, 206, 208, 211, 213,
214, 217, 218, 219, 220, 221, 222,
227, 228, 231, 233, 234, 236, 238,

- 239, 241, 243, 244, 245, 246, 248,
250, 251, 254, 258, 263, 264, 265,
266, 267, 268, 269, 270, 273, 276,
278, 279, 280, 283, 284, 285, 291,
293, 294, 295, 296, 297, 298, 299,
300, 301, 302, 303, 307, 311, 312,
313, 314, 315, 316, 317, 318, 320,
322, 324, 328, 330, 331, 335, 336,
337, 338, 339, 340, 342, 344, 345,
346, 349, 352, 354, 355, 358, 359,
361, 362, 363, 365, 366, 369, 370,
371, 374, 376, 377, 379, 380, 381,
383, 385, 388, 390, 392, 393, 396,
397, 398, 399, 401, 402, 403, 404,
407, 408, 409, 411, 414, 417, 419,
425, 426, 431, 432, 439, 440, 441,
444, 445, 446, 447, 451, 452, 455,
459, 461, 462, 465, 466, 469, 470,
473, 474, 478, 479, 480, 482, 485,
488, 489, 492, 493, 495, 496, 497,
499, 500, 504, 505, 513, 514, 515,
516, 517, 519, 523, 525, 526, 527,
529, 531, 532, 536, 537, 539, 540,
541, 543, 544, 545, 546, 548, 551,
553, 555, 556, 557, 558, 559, 566
- Foucault 83, 127, 128, 197, 199, 295,
312, 347
- Freud ...219, 221, 446, 447, 448, 484
- fundamentalismo 130, 186, 262, 288,
295, 374, 425, 430, 432, 483, 554
- fundamentalista.. 28, 31, 32, 33, 108,
160, 178, 253, 277, 284, 292, 293,
295, 301, 338, 355, 397, 474, 481,
482, 487, 488, 492, 553, 561
- fundamentalistas .. 58, 109, 159, 160,
192, 237, 240, 260, 261, 271, 276,
277, 280, 289, 292, 296, 301, 318,
319, 333, 348, 362, 374, 388, 392,
397, 399, 412, 425, 474, 482, 502,
541, 551, 553, 555, 558, 562
- genealogia..... 62, 451, 466, 549
- gozo..26, 81, 98, 257, 348, 366, 368,
374, 378, 394, 524, 525
- habitat* 205, 424, 535
- Hegel..... 41, 42, 43, 44, 47, 57, 107,
111, 155, 156, 157, 158, 170, 213,
222, 576
- Heidegger 68, 564
- Heráclito..... 112, 116, 140, 157, 247,
276, 277
- hesitação... 24, 25, 26, 27, 32, 33, 35,
36, 37, 39, 41, 42, 44, 60, 63, 72,
73, 74, 75, 79, 93, 128, 188, 191,
219, 448, 484, 524
- hostilidade 165, 357, 424
- Hume..... 141
- Husserl 46, 47, 51
- ideologia..... 183, 184, 185, 186, 187,
188, 189, 190, 191, 192, 193, 194,
195, 196, 197, 198, 200, 201, 203,
204, 205, 206, 207, 208, 209, 210,
211, 213, 214, 215, 216, 217, 218,
219, 220, 221, 222, 223, 227, 228,
229, 231, 232, 234, 236, 238, 240,
241, 242, 243, 244, 245, 246, 247,
248, 250, 251, 253, 254, 257, 258,
259, 260, 264, 271, 275, 276, 277,
278, 279, 280, 286, 287, 288, 289,
290, 291, 292, 294, 295, 296, 304,
305, 306, 307, 311, 313, 314, 316,
319, 322, 328, 331, 332, 333, 336,
338, 339, 342, 346, 352, 353, 355,
359, 361, 362, 363, 368, 370, 372,
374, 376, 377, 378, 385, 388, 390,
393, 394, 397, 401, 403, 411, 413,
414, 416, 421, 423, 426, 428, 431,
432, 433, 438, 440, 441, 442, 443,
445, 448, 451, 461, 466, 467, 473,
474, 475, 480, 483, 486, 487, 489,
491, 496, 497, 498, 499, 500, 501,
502, 503, 504, 506, 514, 519, 521,
524, 528, 529, 532, 533, 535, 539,
543, 544, 545, 546, 547, 548, 551,
553, 554, 556, 558, 559, 560, 562,
566
- ideólogo.....207, 210, 216, 273

- ideólogos.... 207, 208, 209, 216, 223, 392
- imanência..... 37, 50, 86, 87, 95, 101, 103, 105, 107, 108, 115, 117, 121, 123, 127, 130, 178, 193, 249, 251, 272, 279, 305, 311, 313, 319, 330, 352, 359, 448, 466, 520, 524, 537, 551
- impossibilidade 39, 40, 43, 44, 59, 60, 67, 68, 85, 88, 113, 124, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 177, 185, 218, 241, 257, 260, 370, 379, 389, 437, 473, 474, 481, 490, 541, 542, 543
- impossível.... 31, 39, 40, 43, 83, 100, 144, 145, 149, 151, 152, 155, 160, 161, 162, 164, 169, 185, 189, 220, 223, 235, 247, 258, 259, 268, 275, 280, 283, 294, 305, 330, 354, 370, 372, 373, 374, 375, 377, 381, 390, 397, 410, 440, 442, 444, 446, 476, 498, 503, 504, 505, 506, 520, 526, 534, 564, 583
- jogador..90, 146, 297, 365, 366, 369, 370, 371, 376, 388, 389, 391, 393, 394, 396, 402, 403, 404, 405, 410, 411, 412, 413, 414, 419, 423, 457, 516
- jogadores.88, 93, 160, 187, 195, 249, 298, 366, 367, 369, 370, 371, 372, 373, 376, 385, 388, 394, 395, 397, 398, 402, 403, 404, 407, 408, 411, 412, 413, 417, 420, 421, 423, 465, 466, 487, 499, 530, 559
- jogo.....27, 57, 97, 98, 110, 118, 146, 154, 156, 160, 187, 195, 196, 235, 249, 279, 280, 281, 290, 299, 319, 324, 328, 339, 361, 365, 366, 367, 369, 370, 371, 372, 373, 375, 376, 378, 382, 383, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398,399, 401, 402, 403, 404, 405, 407, 410, 411, 412, 413, 415, 417, 419, 420, 421, 422, 423, 428, 430, 432, 456, 461, 463, 474, 477, 482, 485, 492, 498, 499, 505, 516, 530, 549, 562, 568
- jogos59, 68, 118, 196, 267, 268, 323, 324, 336, 365, 366, 367, 371, 375, 376, 378, 383, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 395, 396, 397, 398, 399, 401, 402, 403, 404, 407, 409, 411, 419, 420, 421, 422, 424, 427, 461, 465, 466, 479, 482, 484, 486, 487, 489, 490, 492, 493, 536, 548, 583
- Jonas..... 271, 272, 537
- Kant.... 112, 128, 144, 195, 443, 537, 544, 545, 547, 548
- La Boétie236
- Lacan..... 67, 94, 217, 220, 221, 374, 443, 446, 447, 448
- limbo .. 246, 412, 421, 422, 423, 424, 583
- Lukács 216, 228
- marketing* . 34, 86, 94, 155, 163, 196, 197, 198, 200, 201, 204, 211, 214, 217, 223, 224, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 250, 251, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 266, 268, 270, 273, 275, 277, 289, 292, 303, 304, 305, 307, 319, 327, 331, 332, 334, 335, 345, 346, 348, 350, 351, 355, 362, 368, 369, 376, 395, 401, 402, 403, 409, 411, 420, 422, 427, 428, 430, 431, 432, 433, 438, 439, 440, 441, 445, 448, 451, 455, 459, 460, 461, 462, 463, 474, 475, 480, 482, 483, 485, 487, 489, 490, 498, 499, 502, 505, 514, 515, 517, 520, 522, 523, 525, 527, 528, 535, 539, 541, 542, 543, 545, 546,

LEANDRO ORTOLAN

- 547, 548, 551, 555, 558, 559, 563, 565
- Marx43, 156, 158, 205, 209, 210, 211, 212, 215, 216, 217, 221, 222, 223, 228, 287, 296, 327, 367
- modo de existir... 56, 72, 74, 77, 114, 136, 276, 288, 304, 306, 352, 354, 440, 441, 447, 460, 477, 478, 479, 481, 482, 486, 487, 488, 492, 496, 497, 500, 501, 502, 513, 537, 544, 545, 547, 548, 553
- modo de ser.. 56, 72, 73, 74, 77, 114, 136, 276, 305, 306, 352, 354, 440, 447, 460, 467, 477, 478, 479, 480, 482, 486, 487, 488, 496, 497, 501, 502, 513, 514, 527, 533, 537, 543, 544, 545, 548, 553, 554
- moral56, 62, 75, 82, 97, 117, 118, 123, 125, 129, 134, 136, 155, 157, 183, 184, 185, 186, 200, 204, 214, 241, 244, 275, 277, 288, 303, 304, 305, 308, 324, 347, 351, 359, 361, 390, 416, 423, 425, 438, 439, 440, 443, 445, 447, 448, 455, 466, 470, 473, 474, 475, 476, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 513, 514, 515, 519, 520, 521, 524, 526, 527, 529, 530, 535, 539, 541, 542, 543, 544, 545, 548, 552, 558, 563
- morte ..22, 26, 55, 75, 103, 114, 127, 131, 136, 151, 192, 197, 198, 220, 223, 246, 264, 265, 272, 277, 301, 303, 304, 320, 346, 348, 366, 367, 369, 370, 371, 372, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 390, 393, 395, 405, 407, 408, 419, 467, 475, 482, 499,503, 505, 524, 566, 569
- movimento 33, 37, 44, 56, 67, 78, 86, 87, 91, 103, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119, 158, 207, 222, 231, 234, 240, 246, 247, 250, 276, 277, 278, 279, 284, 296, 303, 306, 324, 330, 337, 338, 345, 352, 360, 361, 363, 390, 423, 437, 438, 440, 443, 444,445, 460, 470, 473, 477, 485, 517, 529, 533, 539, 544, 551, 553, 554, 555, 556, 558, 559, 560, 562, 563, 565, 566, 567, 568
- Neocinismo 53, 56, 99, 428
- neoliberal..... 31, 33, 41, 53, 78, 164, 166, 172, 196, 200, 201, 230, 231, 245, 247, 266, 271, 284, 286, 290, 291, 324, 328, 331, 343, 369, 374, 388, 393, 428, 429, 430, 431, 433, 499, 521, 522, 525, 532, 534, 546, 547, 554, 558, 559, 560, 561, 566, 567
- neoliberalismo32, 33, 55, 59, 127, 199, 222, 228, 231, 271, 284, 287, 290, 292, 295, 296, 313, 321, 374, 379, 388, 389, 395, 396, 407, 428, 429, 430, 432, 482, 491, 522, 531, 563
- Nietzsche 37, 47, 51, 62, 72, 73, 107, 123, 124, 155, 156, 167, 413, 466, 524
- obscenidade 270, 331, 369, 370, 375, 376, 528, 545
- obsceno 72, 199, 230, 231, 270, 369, 370, 372, 373, 374, 420, 443, 528, 540
- ocupação73, 269, 279, 316, 362, 451, 453, 454, 459, 477
- oportunidade.....105, 106, 109, 117, 118, 119, 121, 128, 151, 153, 162, 163, 164, 178, 194, 195, 220, 232, 238, 259, 261, 305, 313, 341, 370, 373, 402, 412, 423, 428, 451, 485, 488, 515, 520, 521, 540, 561
- oportunidades .79, 93, 104, 105, 106, 107, 109, 117, 118, 119, 120, 121,

- 130, 137, 152, 153, 163, 165, 173, 174, 178, 189, 193, 199, 200, 217, 219, 220, 231, 234, 238, 243, 247, 251, 254, 259, 262, 271, 275, 279, 288, 289, 290, 292, 293, 308, 311, 312, 330, 343, 392, 407, 411, 412, 413, 414, 419, 420, 421, 422, 426, 433, 441, 445, 448, 454, 461, 463, 484, 497, 503, 514, 522, 523, 529, 532, 535, 542, 546, 559
- ordem simbólica... 74, 119, 124, 130, 132, 220, 257, 258, 261, 263, 270, 273, 279, 295, 300, 301, 302, 305, 316, 317, 320, 351, 353, 355, 362, 379, 381, 456, 475, 490, 505, 536
- ovelhamento.....555, 565, 568
- Parmênides.....112, 247
- perspetiva..35, 51, 54, 56, 58, 61, 62, 64, 85, 86, 108, 109, 110, 111, 115, 132, 148, 153, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 167, 178, 186, 211, 212, 213, 214, 230, 238, 241, 248, 255, 264, 268, 275, 276, 277, 279, 295, 303, 317, 332, 336, 340, 342, 365, 366, 367, 370, 371, 381, 386, 405, 409, 411, 415, 432, 433, 437, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 454, 467, 475, 476, 478, 481, 492, 500, 513, 515, 516, 520, 523, 525, 526, 527, 529, 534, 535, 537, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 552, 554, 555, 561
- perversão..... 178, 189, 224, 240, 361
- Platão 50, 55, 56, 113, 124, 125, 126, 140, 506, 507, 530, 567
- Plotino 11, 50, 125, 140
- politicamente correto....62, 155, 166, 284, 315, 321, 327, 328, 331, 332, 335, 337, 338, 344, 363, 386, 392, 415, 467, 517, 531, 533, 534, 544, 551, 552, 553, 554, 555, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 565, 566, 568
- positividade ..22, 25, 34, 35, 83, 270, 555
- possibilidade...22, 29, 31, 34, 39, 43, 51, 53, 59, 65, 81, 87, 91, 95, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 119, 121, 124, 127, 135, 139, 141, 147, 153, 154, 155, 156, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 176, 178, 195, 218, 219, 220, 223, 234, 238, 242, 243, 247, 248, 250, 253, 256, 271, 275, 293, 303, 311, 316, 320, 323, 340, 357, 368, 371, 373, 376, 378, 380, 381, 393, 394, 407, 411, 413, 416, 428, 444, 457, 464, 482, 499, 500, 502, 515, 521, 533, 548, 562
- possibilidades .22, 27, 36, 39, 40, 41, 46, 51, 52, 53, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 73, 74, 77, 79, 83, 87, 88, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 115, 117, 118, 119, 120, 122, 124, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 143, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 171, 173, 174, 175, 178, 184, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 199, 200, 207, 215, 217, 218, 220, 230, 234, 235, 242, 243, 246, 247, 248, 250, 251, 253, 254, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 264, 266, 267, 271, 272, 273, 275, 277, 279, 280, 283, 284, 288, 289, 290, 291, 292, 294, 296, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 311, 312, 314, 315, 316, 317, 318, 320, 322, 323, 324, 328, 332, 333, 335, 336, 337, 338, 339, 341, 342, 343, 350, 351, 354, 355, 358, 363, 365, 367, 368, 370, 371, 374, 375, 376, 377, 379, 380, 381, 383, 385, 386, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 401, 403, 404,

407, 410, 412, 413, 417, 419, 420,
 421, 422, 430, 433, 440, 441, 442,
 443, 445, 446, 447, 448, 451, 452,
 454, 455, 457, 458, 460, 461, 463,
 464, 466, 469, 482, 483, 484, 485,
 486, 487, 488, 490, 492, 493, 497,
 498, 499, 500, 501, 502, 503, 513,
 514, 516, 519, 520, 521, 522, 524,
 527, 529, 532, 533, 535, 536, 539,
 540, 542, 546, 555, 558, 561, 566
 potência62, 67, 73, 74, 85, 86, 87,
 88, 91, 104, 123, 126, 147, 234,
 247, 249, 255, 260, 278, 423, 442,
 448
 racionalidade.. 24, 36, 42, 43, 45, 49,
 52, 57, 104, 105, 107, 117, 134,
 169, 171, 179, 213, 244, 443, 461,
 484, 490, 495, 517, 545
 realidade ...23, 28, 33, 44, 46, 47, 65,
 66, 67, 68, 71, 72, 74, 83, 95, 112,
 118, 120, 141, 144, 145, 146, 147,
 151, 152, 153, 158, 161, 165, 166,
 170, 173, 174, 176, 177, 178, 184,
 187, 188, 191, 200, 204, 206, 208,
 210, 214, 215, 217, 218, 219, 222,
 223, 227, 228, 229, 231, 244, 245,
 247, 250, 251, 253, 258, 259, 260,
 261, 262, 263, 264, 267, 268, 269,
 270, 271, 273, 276, 294, 295, 302,
 304, 305, 313, 314, 328, 335, 340,
 344, 348, 349, 357, 360, 362, 374,
 390, 391, 394, 419, 421, 426, 432,
 442, 443, 448, 455, 460, 467, 474,
 475, 500, 501, 503, 504, 520, 528,
 529, 534, 537, 546, 555, 563
 redenção.....184, 229, 230, 259, 261,
 329, 486, 499, 522, 523, 551, 561
 regras59, 75, 103, 108, 110, 118,
 119, 120, 124, 128, 129, 130, 131,
 132, 133, 134, 153, 161, 171, 173,
 174, 177, 187, 188, 194, 195, 204,
 218, 242, 244, 245, 246, 253, 254,
 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263,

270, 273, 275, 277, 278, 279, 280,
 281, 283, 284, 285, 286, 288, 289,
 290, 291, 292, 293, 294, 296, 297,
 298, 300, 301, 304, 305, 306, 307,
 308, 312, 314, 315, 316, 320, 321,
 322, 331, 337, 338, 343, 347, 349,
 351, 353, 354, 355, 358, 359, 360,
 361, 362, 368, 369, 371, 372, 373,
 374, 375, 376, 377, 379, 381, 385,
 386, 389, 390, 391, 397, 399, 401,
 402, 403, 404, 411, 412, 413, 417,
 419, 423, 424, 428, 437, 438, 439,
 440, 441, 444, 445, 447, 451, 452,
 453, 460, 474, 475, 478, 479, 480,
 483, 484, 485, 486, 489, 490, 491,
 492, 495, 496, 502, 503, 504, 505,
 514, 515, 516, 517, 518, 521, 522,
 524, 526, 527, 528, 532, 534, 535,
 536, 537, 540, 541, 542, 545, 547,
 559, 560, 562
 relacionamento26, 90, 96, 97, 99,
 101, 135, 137, 174, 189, 190, 218,
 238, 239, 288, 380, 410, 430, 491
 relacionamentos.....77, 95, 96, 97, 98,
 99, 100, 104, 110, 136, 137, 187,
 189, 192, 194, 221, 222, 238, 239,
 240, 242, 244, 277, 283, 315, 316,
 332, 359, 380, 411, 433, 437, 439,
 440, 441, 474, 475, 478, 481, 486,
 488, 490, 492, 518, 536, 537, 545
 representante 75, 126, 130, 131, 133,
 134, 208, 232, 259, 294, 295, 305,
 333, 403, 441, 486, 491, 523, 542,
 568
 representantes43, 127, 128, 129, 130,
 131, 132, 133, 134, 136, 153, 161,
 163, 171, 195, 204, 207, 232, 233,
 244, 245, 246, 254, 260, 261, 263,
 266, 270, 275, 277, 288, 289, 290,
 292, 293, 297, 298, 300, 349, 358,
 360, 361, 373, 379, 387, 413, 417,
 424, 428, 438, 439, 445, 447, 467,
 478, 480, 483, 485, 486, 489, 490,

- 491, 492, 495, 496, 502, 515, 517,
521, 522, 528, 534, 541, 545, 557,
559, 560, 561, 562, 565
- Sócrates..... 13, 14, 40, 55, 56
- sonho 53, 58, 80, 148, 214, 246, 250,
324, 346, 382, 461
- sonhos.....28, 57, 157, 222, 271, 304,
312, 323, 341, 395, 422, 431, 437,
443, 445, 446, 448, 525, 527, 564
- subversão ... 155, 156, 161, 174, 176,
178, 196, 204, 207, 213, 215, 244,
255, 277, 308, 361, 362, 363, 370,
380, 395, 396, 398, 439, 464, 474,
478, 492, 541, 544, 557, 560
- Suits.....395, 401, 404
- tempo.. 14, 21, 22, 23, 24, 27, 37, 39,
42, 45, 49, 52, 55, 56, 60, 64, 65,
67, 68, 71, 72, 73, 74, 79, 83, 88,
96, 101, 104, 105, 113, 114, 115,
117, 125, 127, 129, 131, 139, 141,
143, 144, 145, 146, 148, 151, 152,
153, 158, 160, 164, 166, 167, 173,
176, 178, 188, 194, 196, 197, 198,
199, 211, 212, 213, 231, 234, 249,
250, 254, 260, 264, 265, 266, 267,
268, 276, 277, 279, 280, 285, 289,
290, 293, 294, 302, 303, 304, 309,
311, 314, 320, 328, 329, 340, 349,
369, 377, 378, 379, 387, 388, 391,
402, 407, 408, 409, 412, 417, 419,
424, 426, 430, 437, 438, 443, 453,
456, 459, 467, 468, 479, 483, 499,
503, 505, 506, 507, 514, 515, 518,
524, 528, 529, 530, 531, 532, 537,
539, 547, 551, 553, 555, 557, 558,
559, 566, 567
- tempos 21, 40, 43, 53, 58, 79, 80, 95,
119, 120, 142, 145, 153, 173, 176,
177, 203, 204, 208, 211, 212, 216,
218, 223, 234, 245, 255, 266, 276,
283, 291, 311, 340, 359, 379, 389,
396, 410, 421, 426, 468, 482, 521,
527, 532, 534, 544, 554, 555, 558,
561, 563
- território 31, 165, 175, 176, 198, 311,
312, 313, 314, 315, 316, 322, 323,
324, 337, 339, 340, 342, 346, 347,
348, 352, 353, 354, 357, 359, 361,
396, 407, 430, 443, 451, 453, 454,
456, 459, 461, 464, 474, 498, 504,
505, 514
- territórios..... 313, 356, 453, 464, 542,
543
- terroristas..... 159, 160, 233, 323, 346
- torcedores 58, 93, 145, 385, 386, 387,
396, 397, 398, 399, 403, 407, 411,
412, 413, 417, 559
- transcendência 50, 62, 86, 87, 91, 95,
103, 104, 105, 107, 108, 115, 117,
123, 124, 126, 130, 133, 170, 178,
179, 184, 193, 249, 251, 279, 305,
311, 312, 315, 317, 319, 320, 324,
330, 359, 446, 466, 468, 487, 497,
499, 520, 524, 536, 537, 547
- universal... 34, 51, 71, 108, 109, 110,
112, 113, 115, 127, 132, 139, 144,
146, 147, 148, 149, 151, 159, 167,
170, 174, 214, 215, 241, 295, 330,
332, 342, 344, 390, 437, 467, 469,
515, 516, 519, 520, 525, 534, 535,
540, 544, 545, 569
- universalidade... 51, 54, 64, 107, 108,
109, 110, 112, 113, 114, 115, 123,
139, 142, 146, 147, 148, 149, 153,
159, 160, 163, 166, 167, 237, 241,
250, 251, 276, 300, 317, 332, 372,
373, 432, 437, 442, 445, 473, 490,
517, 520, 525, 534, 543, 544, 545,
547, 548, 555
- universo 50, 159, 174, 191, 192, 237,
246, 308, 431, 437, 442, 443, 444,
445, 491, 520, 546
- urgência..... 431, 529, 551, 552, 556,
559, 565, 566, 568

LEANDRO ORTOLAN

- utopia.... 77, 227, 257, 258, 260, 263, 264, 266, 267, 272, 314, 315, 318, 327, 331, 332, 338, 399, 422, 430, 459, 504, 551, 565
- utopias ..80, 179, 256, 257, 258, 260, 262, 263, 264, 269, 270, 271, 272, 273, 376, 392, 534, 536, 558
- valor.... 26, 37, 45, 55, 58, 62, 73, 82, 85, 98, 104, 106, 111, 123, 127, 135, 137, 155, 167, 174, 178, 196, 229, 236, 239, 244, 260, 265, 280, 284, 297, 298, 311, 328, 379, 380, 381, 382, 390, 391, 393, 395, 408, 413, 420, 423, 433, 445, 458, 460, 465, 479, 480, 482, 485, 520, 521, 523, 524, 537, 539, 545, 552, 561
- valores 27, 33, 36, 37, 49, 51, 73, 77, 82, 86, 89, 90, 93, 97, 104, 106, 109, 123, 125, 126, 134, 136, 161, 166, 170, 171, 173, 174, 183, 184, 185, 186, 190, 192, 196, 200, 215, 221, 229, 231, 232, 239, 242, 253, 257, 263, 275, 279, 286, 289, 291, 294, 297, 302, 313, 332, 337, 339, 353, 354, 357, 359, 381, 388, 392, 395, 403, 404, 410, 411, 414, 416, 432, 433, 438, 441, 444, 451, 452, 454, 455, 456, 457, 459, 460, 461, 463, 464, 466, 467, 468, 469, 470, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 488, 490, 493, 495, 497, 498, 500, 503, 513, 515, 516, 517, 519, 521, 522, 524, 527, 537, 539, 543, 551, 553, 556, 560, 583
- velocidade .. 112, 157, 159, 249, 255, 504, 525, 529, 530, 531, 532, 533, 553, 556, 557, 562, 563, 567
- visceral ... 72, 73, 242, 411, 417, 442, 448, 460, 583
- visceralidade..... 446, 564
- vulnerabilidade 65, 98, 106, 196, 207, 238, 239, 240, 331, 344, 375, 412, 505
- vulnerabilidades.. 189, 191, 193, 198, 233, 236, 241, 257, 281, 289, 304, 308, 362, 372, 402, 403, 412, 419
- Žižek 28, 54, 59, 218, 221, 291, 359, 443, 568

www.serdual.org